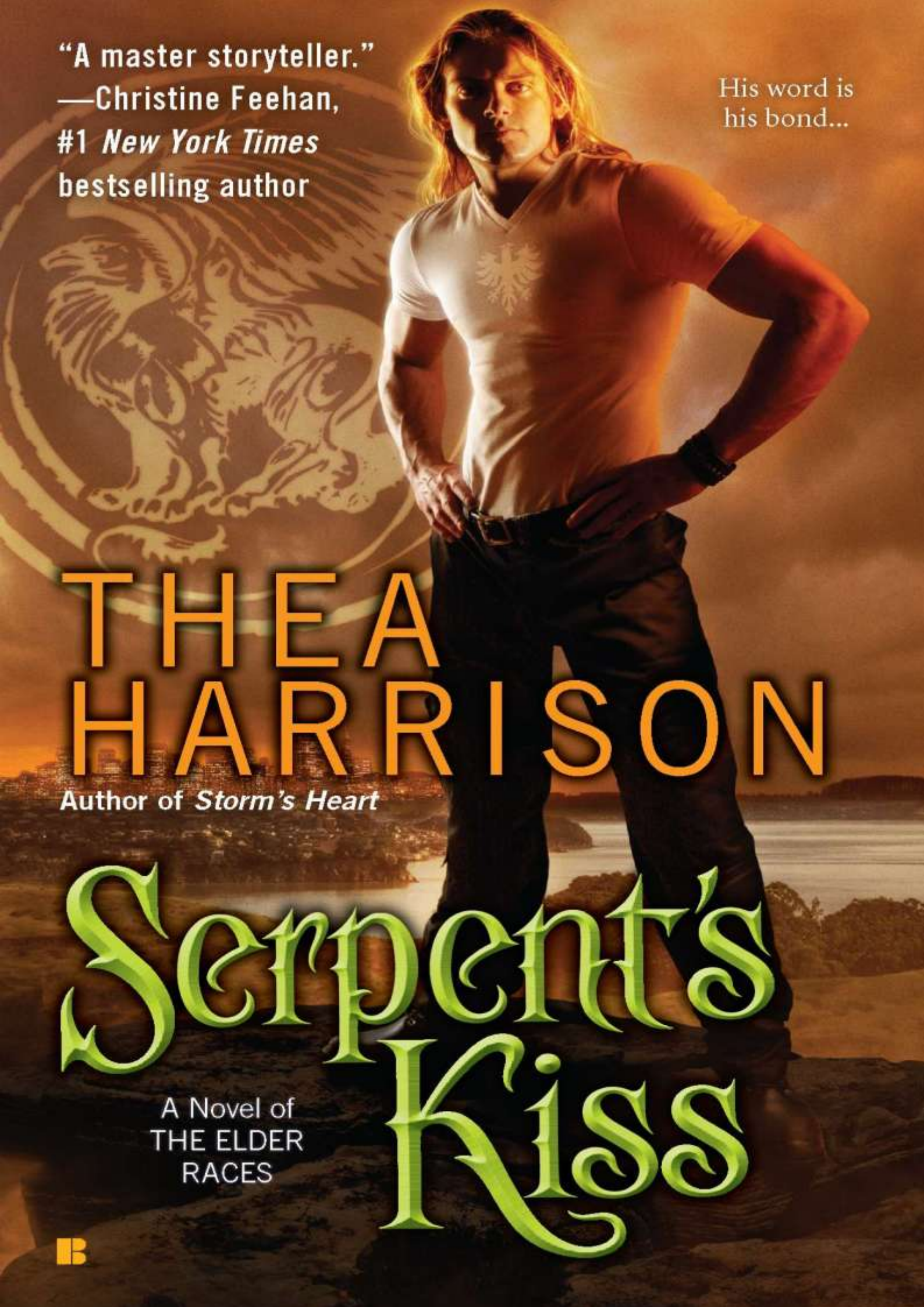


"A master storyteller."
—Christine Feehan,
#1 *New York Times*
bestselling author

His word is
his bond...



THEA
HARRISON

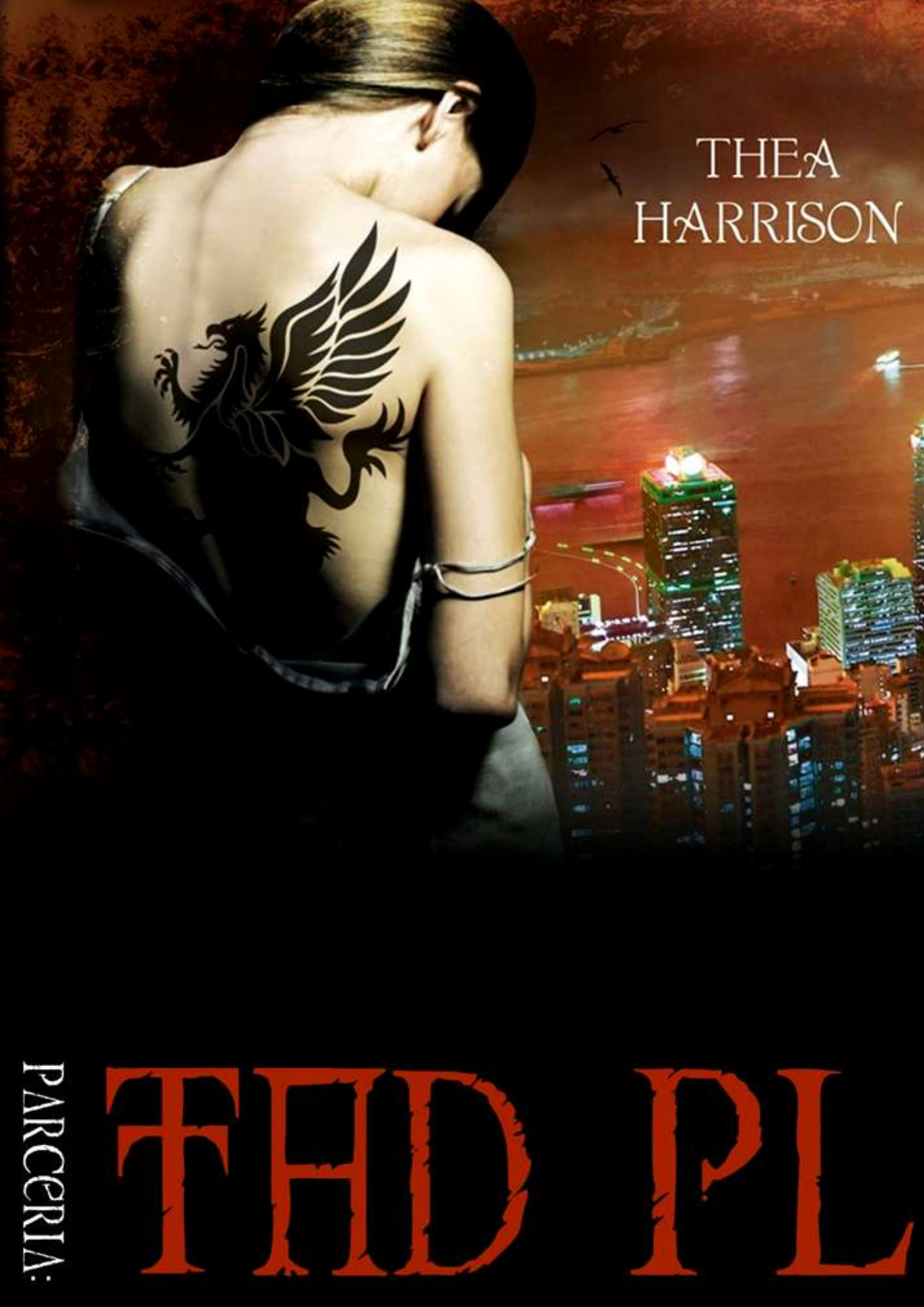
Author of *Storm's Heart*

Serpent's
Kiss

A Novel of
THE ELDER
RACES





A woman with long dark hair is seen from the back, looking over her shoulder. She has a large black tattoo of a phoenix on her upper back. She is wearing a dark, low-cut top and a thin bracelet on her left wrist. The background is a night view of a city with illuminated buildings and a body of water. The sky is dark with a few birds flying.

THEA
HARRISON

PARCERIA:
TED PL

SERPENT'S
KISS THEA HARRISON

THE ELDER RACES #4



DISPONIBILIZAÇÃO: SORYU

TRADUÇÃO: CARTAXO

REVISÃO INICIAL

PATY HEINCK

MANI

KRIS

HITHIARA

THAISA CRISTINA

KAROL ARAUJO

IVETE MARINHO

GLADYS

GISAH

CASSIA SIMONE

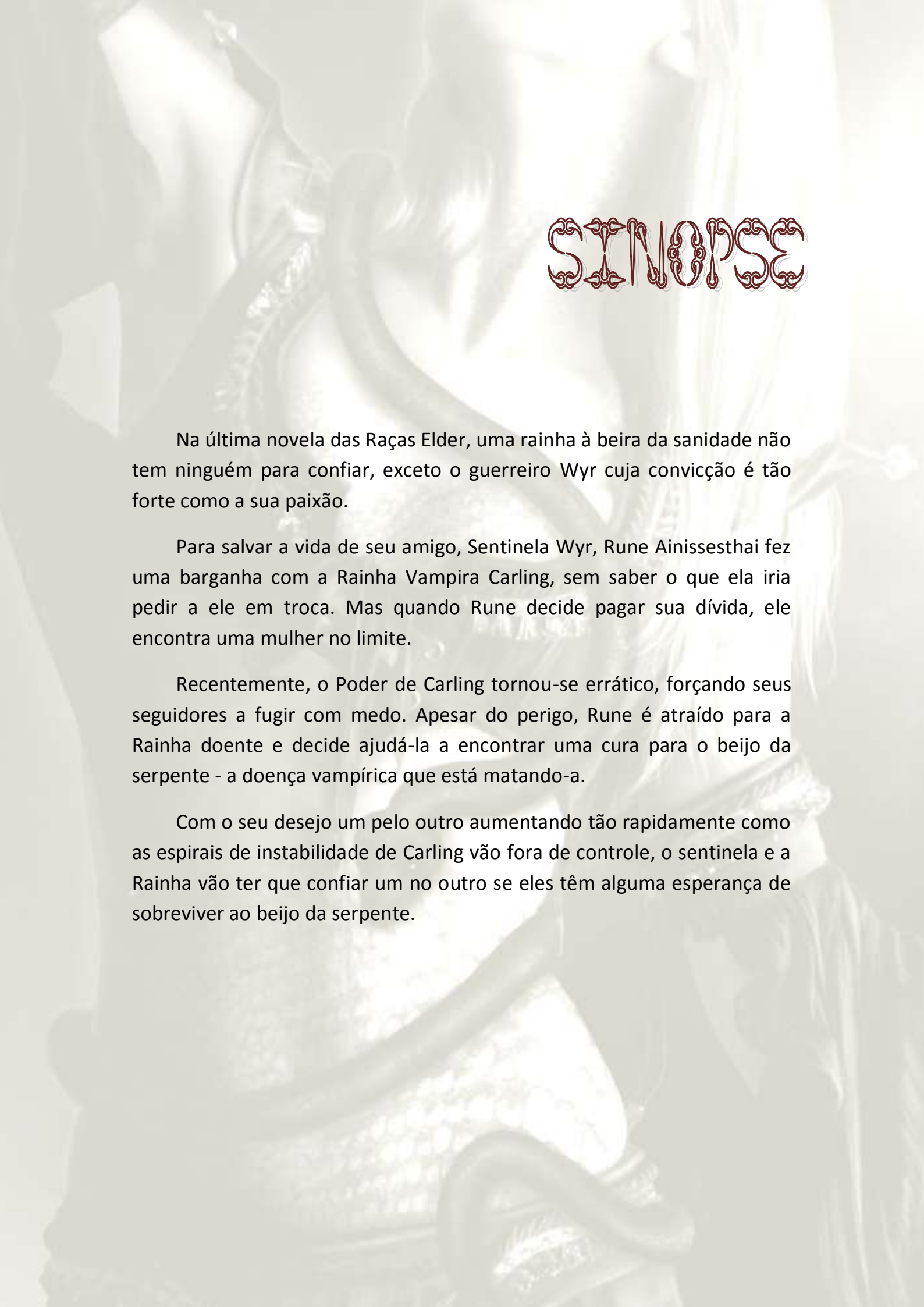
ELEN BIA

REVISÃO FINAL: LUD

LEITURA FINAL: CHAYRA MOOM

FORMATAÇÃO: ANNE CRAWFIELD





SINOPSE

Na última novela das Raças Elder, uma rainha à beira da sanidade não tem ninguém para confiar, exceto o guerreiro Wyr cuja convicção é tão forte como a sua paixão.

Para salvar a vida de seu amigo, Sentinela Wyr, Rune Ainissesthai fez uma barganha com a Rainha Vampira Carling, sem saber o que ela iria pedir a ele em troca. Mas quando Rune decide pagar sua dívida, ele encontra uma mulher no limite.

Recentemente, o Poder de Carling tornou-se errático, forçando seus seguidores a fugir com medo. Apesar do perigo, Rune é atraído para a Rainha doente e decide ajudá-la a encontrar uma cura para o beijo da serpente - a doença vampírica que está matando-a.

Com o seu desejo um pelo outro aumentando tão rapidamente como as espirais de instabilidade de Carling vão fora de controle, o sentinela e a Rainha vão ter que confiar um no outro se eles têm alguma esperança de sobreviver ao beijo da serpente.



CAPÍTULO I

—Eu sou uma mulher má, é claro, — Carling Severan disse, a feiticeira Vampira, em um tom de voz ausente. —É um fato que eu fiz as pazes com isso há muitos séculos atrás. Eu regulo tudo o que faço, mesmo o gesto aparentemente mais generoso, em termos de como ele pode me servir.

Carling estava sentada em sua poltrona favorita próxima a uma janela ampla. O couro macio da cadeira tinha a muito tempo moldado aos contornos de seu corpo. Fora da janela havia um exuberante jardim bem cuidado, que estava ornamentado com as cores sutis da noite enluarada. Seu olhar foi treinado na cena, mas, como o rosto, a expressão de seus longos olhos amendoados estava em branco.

—Por que você diz uma coisa dessas? — Rhoswen perguntou. Havia lágrimas na voz da Vampira mais jovem enquanto ela se ajoelhava ao lado da poltrona, sua cabeça loira virou para Carling como uma flor para um sol da meia-noite. —Você é a pessoa mais maravilhosa do mundo.

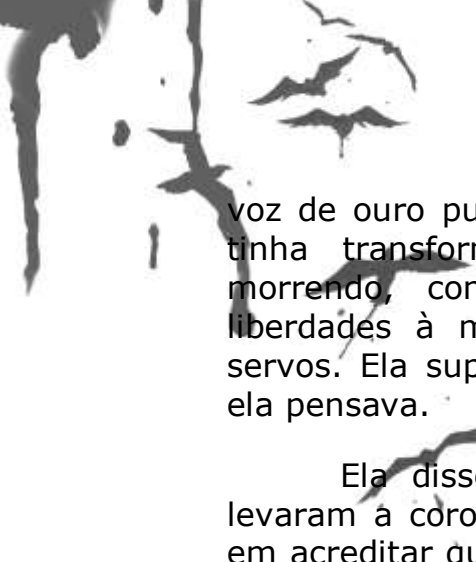
—Isso é muito doce de sua parte. — Carling beijou a testa de Rhoswen, já que a outra mulher parecia precisar. Embora a distância no olhar de Carling tenha diminuído, não desapareceu completamente. —Mas essas são palavras bastante perturbadoras. Se você acredita em alguém como eu, você deve adquirir mais discernimento.

As lágrimas de sua serva transbordaram, riscando um rosto de aparência perfeita. Rhoswen jogou os braços ao redor Carling com um soluço. As sobancelhas elegantes de Carling subiram. —O que é isso? — Ela perguntou, seu tom era cansado. —O que eu disse para você se aborrecer?

Rhoswen balançou a cabeça e se agarrou com mais força.



Rhoswen era um dos dois mais novos descendentes de Carling. Carling tinha parado de criar Vampiros há muito tempo, com exceção de alguns poucos extraordinariamente talentosos que ela tinha descoberto na última parte do século XIX. Rhoswen tinha sido parte de uma pobre companhia de teatro shakespeariana, com uma



voz de ouro puro e um caso fatal de tuberculose pulmonar. Carling tinha transformado Rhoswen quando ela estava assustada e morrendo, com dezoito anos de idade. Ela permitia maiores liberdades à mulher mais jovem, do que fazia com seus outros servos. Ela suportou o aperto estrangulante de Rhoswen, enquanto ela pensava.

Ela disse: —Nós estávamos falando sobre os eventos que levaram à coroação da Rainha das Fadas das Trevas. Você persiste em acreditar que eu fiz uma coisa boa quando eu curei Niniane e seu amante Tiago, quando foram feridos. Enquanto os resultados possam ter sido benéficos, eu estava apenas agindo como uma criatura egoísta no coração, que é o que eu realmente sou.

—Dois dias atrás, — Rhoswen disse em seu colo. — Nós tivemos essa conversa há dois dias, e então você desapareceu de novo.

—Eu fiz? — Ela endireitou as costas, preparando-se contra a notícia. —Bem, nós sabíamos que a deterioração está acelerando.

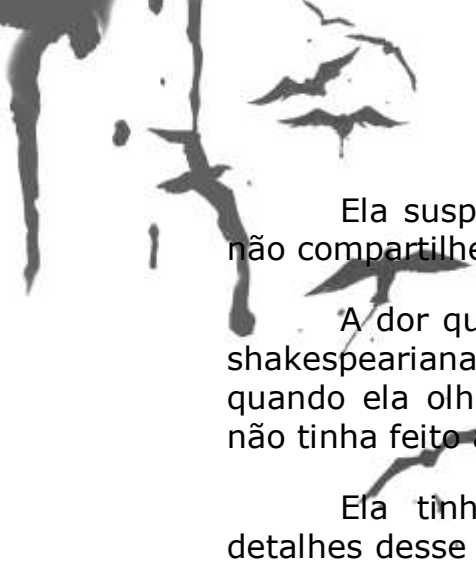
Ninguém compreendia totalmente por que Vampiros muito velhos passavam por um período de crescente deterioração mental antes de desintegrar-se na loucura pura e simples, e então morriam. Desde que era bastante raro os Vampiros alcançarem uma idade tão extrema, o fenômeno era pouco conhecido fora do escalão superior da comunidade Nightkind. Vampiros viviam vidas violentas, e eles tendiam a morrer de outras causas, antes disso.

Talvez fosse inevitável a progressão da doença. Talvez, pensou Carling, no final, o nosso começo contém as sementes da nossa eventual queda. As almas que começaram como humanas, não foram feitas para viver a vida quase imortal que o vampirismo lhes dava.

Rhoswen levantou o rosto coberto de lágrimas. — Mas você ficou melhor por um tempo! Em Chicago, e mais tarde na coroação da Fada das Trevas, você estava totalmente alerta e funcional. Você esteve presente em cada momento. Nós apenas temos que mantê-la estimulada com coisas novas.



Carling a olhou com uma expressão irônica. Experiências extraordinárias parecem ajudar, pois a sacudi em estado de alerta, por um tempo. O problema era, que só ajudou temporariamente. Para alguém que tem testemunhado a passagem de milênios, depois de um tempo, até mesmo as experiências extraordinárias tornam-se comum.



Ela suspirou e admitiu: —Eu tive um par de episódios que eu não compartilhei com você.

A dor que encheu a expressão de Rhoswen era positivamente shakespeariana. O sentimento de amargura de Carling se aprofundou quando ela olhou para o rosto de devoção fanática e sabia que ela não tinha feito absolutamente nada para merecer isso.

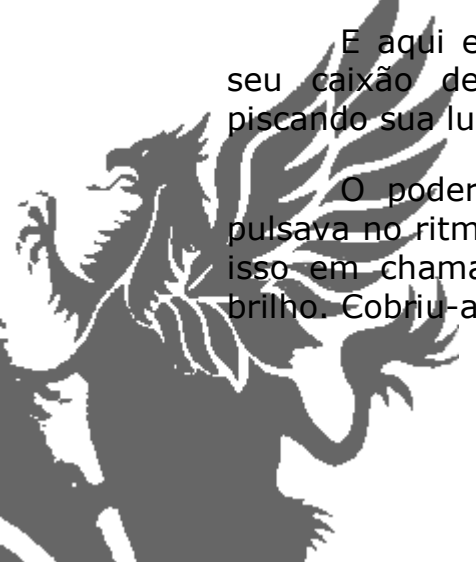
Ela tinha nascido no esquecimento há muito tempo, os detalhes desse tempo tinham desaparecido na história. Ela havia sido sequestrada, escravizada, chicoteada quase até a morte e dada como uma concubina de um rei do deserto, e ela tinha jurado que nunca deixaria ninguém dar uma chicotada nela novamente. Ela seduziu o rei para fazê-la uma rainha e desperdiçou uma vida quase inimaginavelmente longa na aquisição de Poder. Ela aprendeu sobre venenos, guerra, feitiçaria, como governar e como guardar rancor com todo seu coração, e depois ela descobriu o vampirismo, o beijo da serpente que tinha dado sua quase imortalidade.

Ela tinha jogado xadrez com demônios por vidas humanas, eu conselhos a monarcas e guerreou com monstros. Durante todo o desenrolar dos séculos ela tinha governado mais de um país, com inabalável crueldade e punho de ferro. Ela sabia feitiços que eram tão secretos quanto o conhecimento de sua existência, mas todos tinham passado desta terra, e tinha visto coisas tão maravilhosas que traziam homens orgulhosos de joelhos. Ela havia conquistado a escuridão para andar em plena luz do dia, e ela tinha perdido, e perdido, perdido muitas pessoas e coisas, que até mesmo a dor não conseguia movê-la muito mais.

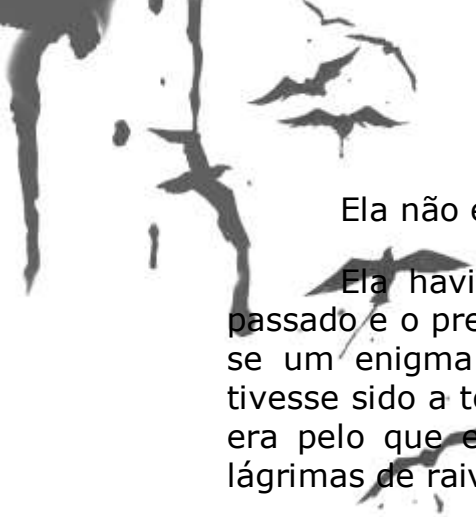
Todas essas experiências fabulosas estavam sumindo na noite ornamentada.

Não havia simplesmente outro lugar para levar a sua vida, nenhuma aventura tão convincente que ela devesse lutar acima de tudo para sobreviver e vê-la passar, não tinha montanha para escalar. Depois de tudo o que ela tinha feito para sobreviver, depois de lutar para viver por tanto tempo e para governar, ela tinha se tornado... desinteressada.

E aqui estava o final de todos os tesouros, a última jóia em seu caixão de segredos que descansava em cima dos outros, piscando sua luz ônix.



O poder que ela tinha trabalhado tão duro para acumular pulsava no ritmo com a deterioração acelerada da sua mente. Ela viu isso em chamas ao seu redor, em um requintado e transparente brilho. Cobriu-a em uma mortalha que brilhava como diamantes.



Ela não esperava que sua morte fosse tão adorável.

Ela havia perdido o controle de quando tinha começado. O passado e o presente se misturavam em sua mente. O tempo tornou-se um enigma. Talvez tivesse sido há cem anos atrás. Ou talvez tivesse sido a totalidade de sua vida, que detinha certa simetria. Isso era pelo que ela havia lutado, derramado tanto sangue e chorado lágrimas de raiva, e seria o que a consumiria no final.

Outro surto de poder estava se construindo. Ela podia sentir a sua inevitabilidade, como o crescente que se aproximava em uma sinfonia imortal, ou o seu próximo pulso íntimo, há muito abandonado, do batimento cardíaco, quase esquecido. A expressão vaga de seus olhos voltou-se quando ela concentrou a atenção sobre o seu arrebatador fogo interno.

Pouco antes de ele envolvê-la, novamente, ela notou algo estranho. Não havia nenhum som na casa em torno delas, nenhum movimento dos outros Vampiros, nenhuma faísca de emoção humana. Não havia nada além da respiração engatada de Rhoswen, enquanto a Vampira mais jovem ajoelhava-se a seus pés, e os pequenos sons alegres de um cão nas proximidades, ele coçou a orelha, em seguida, afofou seu lugar em sua almofada no chão. Carling viveu por um longo tempo cercada por chacais ansiosos para se alimentar de restos que caíam das mesas dos que estavam no poder, mas em algum momento ao longo da semana passada, todos os seus atendentes habituais e bajuladores tinham fugido.

Algumas criaturas tinham um senso bem desenvolvido de autopreservação, ao contrário de outras.

Ela disse para Rhoswen: —Eu sugiro que você trabalhe mais para adquirir um senso de discernimento.

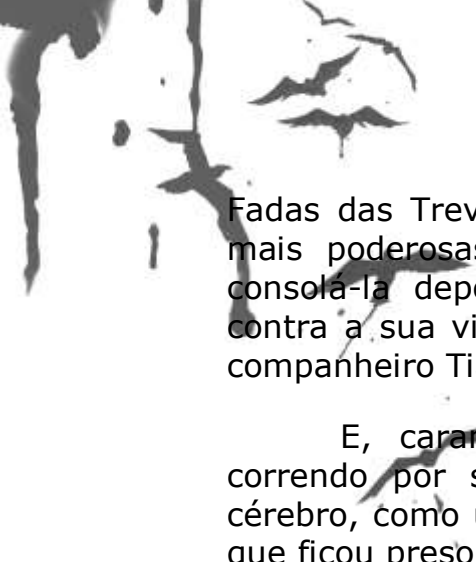


Every little thing is going to be all right¹.



Recentemente Rune citou Bob Marley para Niniane Lorelle quando ela estava em um ponto baixo em sua vida. Niniane era jovem para uma fada, uma mulher doce e tinha sido sua amiga próxima por um longo tempo. Ela também passou a ser a Rainha das

¹ Música do Bob Marley. Significa: Tudo vai ficar bem.



Fadas das Trevas e agora a mais recente na lista das dez pessoas mais poderosas da América. Rune trouxe Bob na conversa para consolá-la depois de ter sido feita uma tentativa de assassinato contra a sua vida, em que uma amiga dela tinha sido morta, e seu companheiro Tiago quase tinha morrido também.

E, caramba, se aquela música do Marley não continuava correndo por sua cabeça desde então. Era um desses vírus no cérebro, como um comercial de TV ou um tema musical de um filme que ficou preso em repetição perpétua, e ele não conseguia encontrar um interruptor para o sistema de som que estava ligado ao seu cérebro.

Não que, no curso normal das coisas, ele não gostasse da música do Bob. Rune só queria que ele calasse a boca por um maldito tempo, para que ele pudesse fechar de olhos.

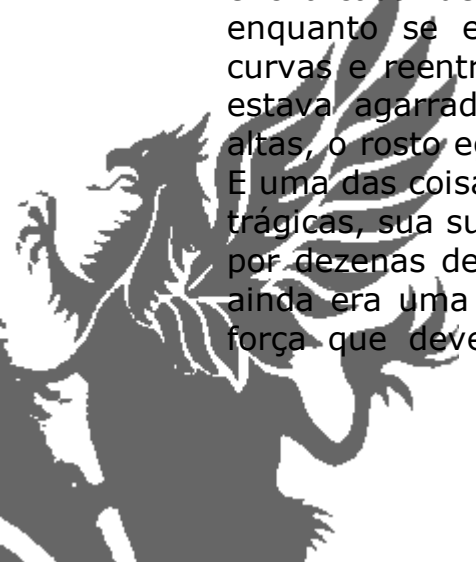
Em vez disso Rune se mantinha acordado no meio da noite, olhando para o teto, com os lençóis de seda lixando sua pele sensível e imagens mentais dos eventos recentes contra sua mente, enquanto Bob continuava tocando.

Every little thing.

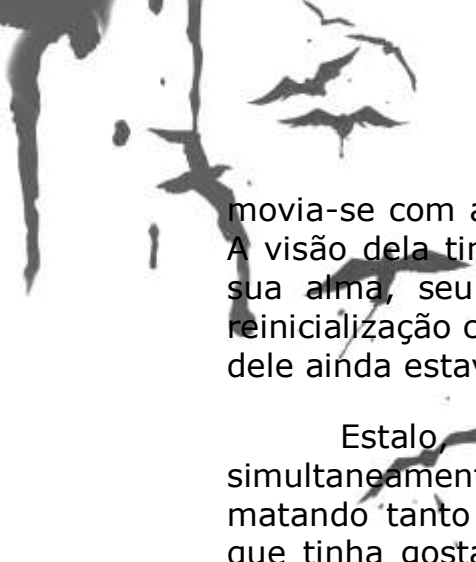
Estalo, e outro bom amigo de Rune, Tiago, estava deitado de costas em uma clareira da floresta, eviscerado e encharcado em seu próprio sangue, enquanto Niniane ajoelhava-se em sua cabeça e se agarrou a ele com terror.

Estalo, Rune olhava para a expressão em branco no lindo rosto de uma das governantes mais poderosas do Nightkind na história, enquanto ele agarrou Carling pelos ombros, sacudiu-a com força e gritou à queima-roupa em seu rosto.

Estalo, e eles chegaram a um acordo com Carling que salvou a vida de Tiago, mas poderia muito bem acabar com a sua própria.



Estalo, Carling estava andando nua para fora do Rio Adriyel no crepúsculo, no fundo do coração da terra das Fadas das Trevas, encharcada de água prateada que brilhava no dia que morria, enquanto se ela usava um vestido transparente de estrelas. As curvas e reentrâncias de seu corpo musculoso, o cabelo escuro que estava agarrado contra seu crânio bem formado, suas bochechas altas, o rosto egípcio inescrutável, era tudo tão fodidamente perfeito. E uma das coisas mais perfeitas sobre ela, era também uma das mais trágicas, sua suave beleza e seu corpo sensual tinham sido marcados por dezenas de longas cicatrizes brancas de chicotadas. Quando ela ainda era uma humana mortal, ela tinha sido chicoteada com tanta força que deve ter sido uma crueldade feroz, e ainda assim, ela



movia-se com a forte sensualidade elegante e confiante de um tigre. A visão dela tinha parado seu fôlego, parou seu pensamento, parou sua alma, seu tudo, parece que ele precisava de algum tipo de reinicialização cósmica, que ainda não tinha acontecido, porque, parte dele ainda estava travado, congelado naquele momento de epifania.

Estalo, ele testemunhou como uma arma antiga, simultaneamente, disparou e explodiu na clareira da floresta, matando tanto uma traidora quanto uma boa mulher. Uma mulher que tinha gostado muito. Uma forte, engraçada, frágil humana que não deveria ter perdido sua curta e preciosa vida, porque ele e sua companheira sentinela, Aryal, tinham errado e a deixado sózinha para proteger Niniane.

Estalo, e ele viu o rosto de Cameron, quando ela estava viva. A humana tinha o corpo longo e forte de uma atleta, suas feições eram polvilhadas com bom humor e sardas da cor de canela.

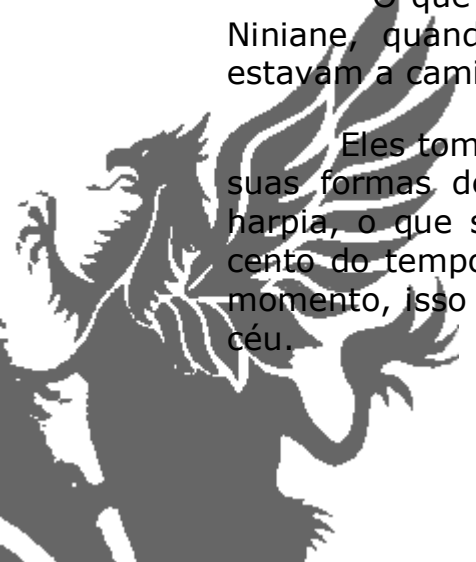
Estalo, e ele viu Cameron pela última vez, quando os soldados das Fadas das Trevas prepararam e envolveram seu corpo para o transporte de volta para sua família em Chicago. Toda a cor de canela tinha deixado suas sardas. A arma que ela disparou para salvar a vida de Niniane, explodiu tirando um grande pedaço de sua cabeça. Isso sempre foi tão difícil, quando você via um amigo naquele ultimo e triste estado. Eles estavam bem. Eles não tinham mais dor. Nesse ponto, você era a pessoa que estava ferida.

Every little thing is going to be all right.

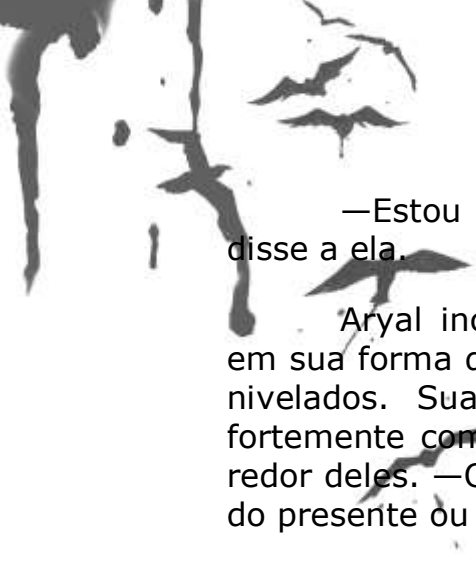
Exceto que, às vezes não ficam, Bob. Às vezes, as coisas ficam tão fodidas que tudo o que se pode fazer é mandá-los para casa em um saco de corpos.

O temperamento de Rune ficou curto. Normalmente ele era um tipo de Wyr fácil de lidar, mas ele começou a arrancar a cabeça das pessoas sem motivo. Metaforicamente, de qualquer maneira. Pelo menos ele não tinha começado a arrancar a cabeça das pessoas de verdade. Ainda assim, as pessoas começaram a evitá-lo.

—O que há na sua bunda? — Aryal pediu após a coroação de Niniane, quando eles tinham passado de Adriyel para Chicago e estavam a caminho de volta para Nova York.



Eles tomaram o seu método preferido de viagem e voaram em suas formas de Wyr. Aryal era sua companheira sentinela e uma harpia, o que significava que ela era uma real cadela, noventa por cento do tempo. Normalmente, sua atitude sarcástica divertia-o. No momento, isso quase estava chutando-a para o lado de um arranha-céu.



—Estou sendo assombrado pelo fantasma de Marley, — ele disse a ela.

Aryal inclinou uma sobrancelha para ele. Quando ela estava em sua forma de harpia, os ângulos de seu rosto eram pronunciados, nivelados. Suas asas, cinza desbontado para o preto, bateram fortemente com o vento quente do verão selvagem que explodia ao redor deles. —Que fantasma? — A harpia perguntou. —O do passado, do presente ou do futuro?

Hein? Levou um segundo para pegar. Em seguida, a conexão Dickens aconteceu em sua cabeça e ele pensou, Jacob Marley não, Bob. Aryal tinha conseguido fazer o personagem Jacob Marley e os três espíritos do Nata, passado, presente e futuro, tudo misturado.

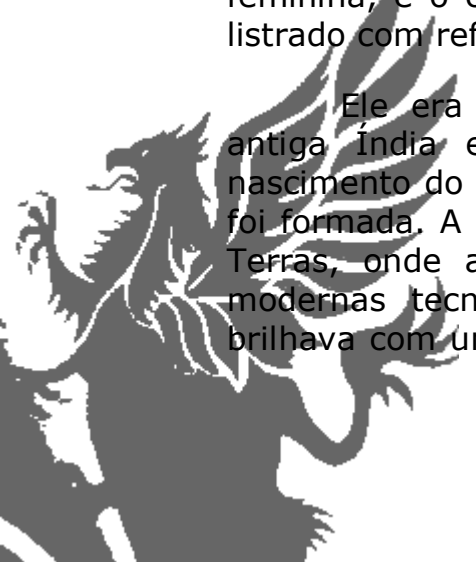
Tempo, tempo e tempo. O que aconteceu, o que é, e o que ainda está por vir.

Ele soltou uma risada. O som estava cheio de vidro moído. — Todos eles, — ele disse. —Estou sendo perseguido por todos eles.

—Cara, desista disso, — Aryal disse, em um tom suave que ele reconheceu como conciliador, vindo dela. — Acredite no Natal.

A harpia parecia quase delicada quando ele voava ao seu lado. Sua forma Wyr era o de um Gryfo. Ele tinha o corpo de um leão e cabeça e asas de uma águia dourada. Suas patas eram do tamanho de calotas e pontudas, com longas garras retráteis, e sua cabeça de águia tinha olhos da cor dos de um leão. Seu corpo de felino tinha amplitude e poder peitoral, elegante e fortes ancas, e era da cor parda dos lugares de desertos quentes. Em sua forma Wyr ele era imenso, facilmente o tamanho de um SUV, com uma envergadura correspondentemente, imensa.

Em sua forma humana, Rune tinha 1,95 m, e ele tinha os ombros largos e magros músculos rígidos de um espadachim. Ele tinha a pele bronzeada pelo sol, com linhas de riso no canto dos olhos de leão, que eram da cor de âmbar iluminado. Suas feições e sorriso branco eram produtos populares, especialmente com a persuasão feminina, e o cabelo com a cor do sol que caia nos ombros largos, listrado com reflexos de ouro pálido, castanho e cobre polido.



Ele era um dos quatro Gryfos da Terra, reverenciados na antiga Índia e na Pérsia, um Wyr imortal que surgiu com o nascimento do mundo. Tempo e espaço se dobraram quando a Terra foi formada. A encurvatura criou os bolsões dimensionais das Outras Terras, onde a magia se agrupava, o tempo mudava de forma, modernas tecnologias de combustíveis não funcionavam e o sol brilhava com uma luz diferente. O que veio a ser conhecida como as



Elder Races, a Espécie Wyr e os Elfos, as Fadas da Luz e das Trevas, os Noturnos, os Demônios, bruxas humanas e todas as outras formas de criaturas monstruosas, tendiam a se agruparem em ou perto das Outras Terras.

A maioria das criaturas Elder surgiu tanto na Terra ou nos bolsões dimensionais das outras terras. Poucos, muito poucos, passaram a existir nos pontos de cruzamento entre os lugares, onde o tempo e o espaço eram fluídos e mutáveis, e no momento da criação do mundo, o poder era uma força, informe e imensurável.

Rune e seus companheiros Gryfos eram apenas tais seres. Eles eram seres com a quintessência da dualidade, formados no limite entre duas criaturas, no limiar da mudança de tempo e espaço. Leão e águia, juntos com outro antigo Wyr, eles aprenderam a mudar de forma e caminhar entre os homens, e assim eles também tomavam a forma Wyr e a humana. Eles tinham uma afinidade com a Terra entre os diferentes lugares. Eles poderiam encontrar passagens para as Outras Terras, que permaneceram ocultas de todos os outros, e no início da história, eles eram conhecidos em todas as raças Elder por serem destemidos exploradores. Não havia outros como eles. O tempo era incipiente e a criação tinha passado para todas as coisas, até mesmo os pontos de cruzamento entre lugares, tornou-se fixo em suas definições.

O passado rolou para trás. O futuro era uma coisa desconhecida que esperava na frente dele, sorrindo o seu sorriso de Mona Lisa. E o sempre fugaz agora, estava nascendo e morrendo continuamente, mas nunca era algo que você poderia alcançar em suas mãos e segurar, como se isso sempre o empurrasse através de algum outro lugar.

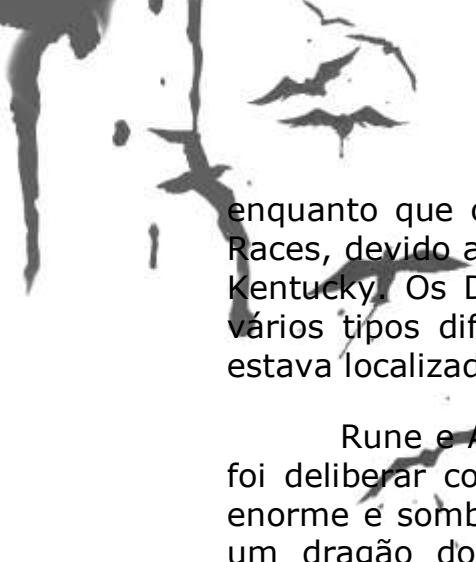
Sim, ele sabia uma coisa ou duas sobre como viver a vida no limite.



Ele e Aryal haviam retornado para a Cuelebre Tower em Nova York.



Havia sete Domínios de Elder Races, que cobriam a geografia humana do continente dos Estados Unidos. A sede do Domínio Wyrkind estava em Nova York. A sede do Domínio dos Elfos era baseada em Charleston, South Carolina. O Domínio das Fadas das Trevas foi centrado em Chicago, e o das Fadas da Luz era em Los Angeles. Os Noturnos, que incluía todas as formas vampíricas, controlavam a Área da Baía de San Francisco e noroeste do Pacífico,



enquanto que o das bruxas humanas, consideradas parte das Elder Races, devido ao seu comando do Poder, era localizado em Louisville, Kentucky. Os Demonkind, como o Wyr e os Vampiros, consistia de vários tipos diferentes que incluíam duendes e gênios, e sua sede estava localizada em Houston.

Rune e Aryal ao retornarem, a primeira coisa que eles fizeram foi deliberar com o Senhor dos Wyr, Dragos Cuelebre. Um homem enorme e sombrio, com olhos dourados, a forma Wyr de Dragos era um dragão do tamanho de um jato particular. Ele governava o Domínio Wyrkind por séculos, com sete Wyr imortais como suas Sentinelas.

Rune, era o Primeiro Sentinela de Dragos. Entre outras funções de Rune, e dos outros três Gryfo, Bayne, Constantino e Graydon, trabalhavam para manter a paz no domínio. Aryal era a sentinela responsável pelas investigações, e o gárgula Grym, era chefe de segurança corporativa das empresas Cuelebre.

Dragos acabara de perder seu sétimo sentinela, que ainda não tinha sido substituído. O Wyr Tiago, Thunderbird e o Sentinela, senhor da guerra de longa data, se afastou de sua vida e posição no domínio Wyr, a fim de estar com sua companheira recém-descoberta, Niniane.

Dragos não estava no humor mais equilibrado, na maioria do tempo. No começo, ele não tinha ficado satisfeito com o interrogatório. Ele não tinha estado nada satisfeito.

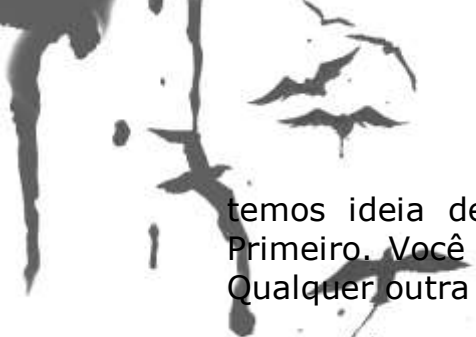
—Você prometeu a ela o QUÊ? — O rugido profundo do dragão sacudiu as janelas. Eles estavam em seu escritório. Dragos plantou as mãos nos quadris, suas escuras feições afiadas cortavam a com incredulidade.

Rune apertou a sua boca em linhas tensas, de alguém lutando para manter seu próprio temperamento e disse: —Eu prometi ir ver Carling em uma semana e fazer um favor de sua escolha.

—Fodidamente inacreditável, — o Senhor Wyr rosnou. —Você tem alguma idéia do que você deu-lhe?

—Sim, na verdade, — Rune respondeu. —Eu acredito que eu poderia ter uma pista.

—Ela poderia lhe pedir para fazer alguma coisa, e agora você é obrigado pelas leis da magia para fazê-lo. Você poderia passar centenas de anos apenas tentando completar essa porra de favor. — Brilho quente do dragão queimava em incandescência, enquanto andava. —Eu já perdi o meu Sentinela senhor da guerra, e agora não



temos ideia de quanto tempo eu vou ter que ficar sem o meu Primeiro. Você não poderia ter vindo com algo mais para negociar? Qualquer outra coisa. Qualquer coisa.

—Aparentemente não, já que eu era a pessoa que fez o maldito negócio, — Rune estalou, com o seu temperamento já tenso, incendiando.

Dragos ficou em silêncio quando ele se virou para enfrentar Rune. Tinha que ser em parte, sem dúvida, pela surpresa, já que Rune era normalmente o equilibrado em seu relacionamento. Mas Dragos também estava tomando uma respiração profunda antes de liberar uma explosão de ira. O poder do dragão preenchia a sala.

Então Aryal, de todas as pessoas, entrou em cena para desempenhar a sua versão de pacificadora.

—Que diabos, Dragos? — A harpia disse. —Era vida ou morte, e Tiago estava sangrando em frente a nós. Nenhum de nós realmente teve tempo para consultar nossos advogados sobre as melhores condições de negociação para usar com a Bruxa Malvada do Oeste. Que lhe trouxe um presente. Aqui. — Ela jogou um pacote em couro para Dragos, que levantou a mão para pegá-lo reflexivamente.

Dragos abriu a sacola e tirou dois conjuntos de algemas pretas que irradiavam um poder ameaçador. — Há, finalmente, uma boa notícia, — ele respirou.

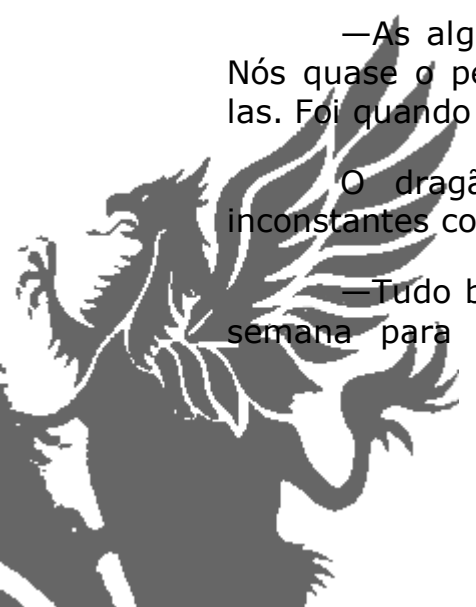
Os três Wyr olharam para as algemas com repulsa. Forjadas pelo antigo inimigo de Dragos, o falecido Rei das Fadas das Trevas, Urien Lorelle, as algemas tinham a capacidade de aprisionar o Wyr mais poderoso de todos eles, o próprio Dragos.

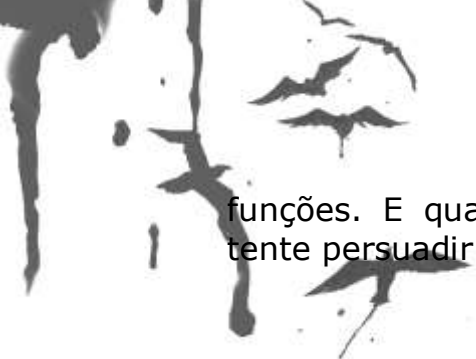
Sua explosão de raiva descarrilou, Dragos ouviu como Rune e Aryal terminarem de contar a história de como Naida Riordan, esposa de uma das figuras mais poderosas do Governo das Fadas das Trevas, tinha usado ferramentas antigas de Urien em suas tentativas de matar Niniane e Tiago.

—As algemas impediam Tiago de se curar, — Rune disse. — Nós quase o perdemos enquanto estávamos imaginando como tirá-las. Foi quando eu tive que negociar com Carling.

O dragão deu-lhe um olhar sombrio, com pensamentos inconstantes como sombras, nos seus olhos dourados.

—Tudo bem, — Dragos disse depois de um momento. —Use a semana para conseguir suas coisas em ordem e delegar suas





funções. E quando você chegar a San Francisco, como o inferno, tente persuadir Carling a deixar você fazer algo rápido.



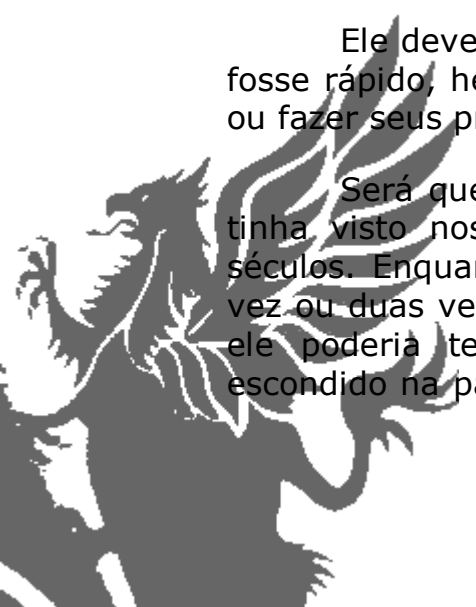
Então Rune passou a semana delegando, enquanto Bob e as imagens na sua cabeça faziam companhia à noite, e as vistas e os sons de Nova York agrediam os seus sentidos a cada dia.

Normalmente ele gostava da confusão energética de Nova York e da agitação, mas desde que voltou de Adriyel, a gigantesca cidade cozinhando no calor do verão, todos os cheiros presos em uma umidade pesada, enquanto isso emitia um constante ruído áspero, cacofônico que raspava como unhas afiadas debaixo da pele de Rune. Isso o transformou em um estranho feroz com um curto e desconhecido pavio, então quando o seu temperamento explodia, ele chocava-se tanto quanto qualquer um. Ele sentiu algo que nunca havia sentido antes nos longos anos incontáveis de sua existência: ele se sentia inseguro.

Talvez não fosse uma coisa tão ruim que ele tivesse que se afastar por um tempo. Isso poderia dar a ele uma chance de se reagrupar, recuperar seu equilíbrio. Seria prudente fazer uma pausa para lidar com o temperamento de Dragos, já que seu próprio autocontrole tornou-se tão incerto. Ele e Dragos tinham tido uma relação produtiva que tinha durado por séculos, e era baseada, em parte, na amizade e muito fortemente baseada em uma parceria de dependência nas habilidades um do outro, tais como o temperamento equilibrado e a diplomacia de Rune.

Mas no momento ele parecia perder todas as suas consideráveis habilidades em "manejar". Se ele continuasse como estava, ele e Dragos poderiam ter um confronto sério, muito feio, e que não seria bom para ninguém, muito menos para si mesmo. Simplesmente não havia razão para deixar as coisas se degenerarem a esse ponto.

Ele deveria persuadir Carling a deixá-lo fazer algo por ela, que fosse rápido, hein? Talvez ele se pudesse oferecer para tirar seu lixo ou fazer seus pratos. Ele se perguntou como isso iria acabar.



Será que a Bruxa Má do Oeste tem senso de humor? Rune a tinha visto nos assuntos dos interdomínios ao longo dos últimos séculos. Enquanto ele poderia tê-la ouvido dizer alguma coisa, uma vez ou duas vezes, que parecia carregado com um duplo sentido, ou ele poderia ter pensado na ocasião que tinha visto um brilho escondido na parte de trás daqueles fabulosos olhos escuros, parecia



altamente duvidoso. Ela parecia muito intensa para o humor real, como se o riso pudesse fraturar algum tipo crítico de sistema de armas interno.

Na quinta-feira, o sexto dia, seu iPhone apitou. Ele arrastou-o para fora de seu bolso do jeans e checkou isso. Ele havia recebido um e-mail de Duncan Turner do Turner & Braeburn, Advogados, com sede em San Francisco.

Que diabos?

Oh certooo, Duncan Turner era Duncan, o Vampiro. Duncan tinha sido parte da comitiva de Carling quando ela viajou para Adriyel, na terra das Fadas das Trevas, para a coroação de Niniane em sua posição como conselheira para o Tribunal Elder.

O Tribunal Elder atuava como uma espécie de Nações Unidas para Elder Races. Ele era composto por sete conselheiros que representavam os sete Domínios Elder no continente dos Estados Unidos, e tinha certos poderes legais e judiciais sobre assuntos interdomínios. A sua carta principal era manter o atual equilíbrio de poder estável e trabalhar para impedir a guerra.

Entre outras coisas, os Conselheiros tinham a autoridade para comandar a presença de moradores de seu Domínio quando eles eram chamados para agir em sua capacidade oficial como representantes do Tribunal Elder. Como o serviço do júri para os seres humanos, os moradores do Domínio teriam que cumprir ou provar sua incapacidade de servir.

Rune perguntou quantas horas trabalhadas Duncan perdeu para o privilégio de assistir Carling na viagem a coroação de Niniane em Adriyel. Não só Duncan tinha provado ser um trunfo na viagem, ele nunca mostrou um toque de impaciência, frustração ou ressentimento. Ele tinha sido o companheiro de viagem ideal, e enquanto Rune desconfiava de tal comportamento exemplar, ele tinha começado a gostar do Vampiro, apesar disso.

Rune clicou em abriu o e-mail e leu.

Rune Ainissesthai

Primeiro Sentinela

Cuelebre Tower

New York, NY 10001

Caro Rune:



RE: Por contrato verbal promulgado 23.4.3205, data de Adriyel.

Como pagamento por serviços prestados pela Conselheira Carling Severan, por favor, apresente-se ao pôr do sol de amanhã no meu escritório na Suite 7500, Market Street, 500, San Francisco, CA 94105. Outras instruções serão dadas a você nesse momento.

Espero que você tenha tido uma boa semana, e estamos ansiosos para vê-lo em seu devido tempo.

Atenciosamente,

Duncan Turner

Sócio Principal

Turner & Braeburn, Advogados

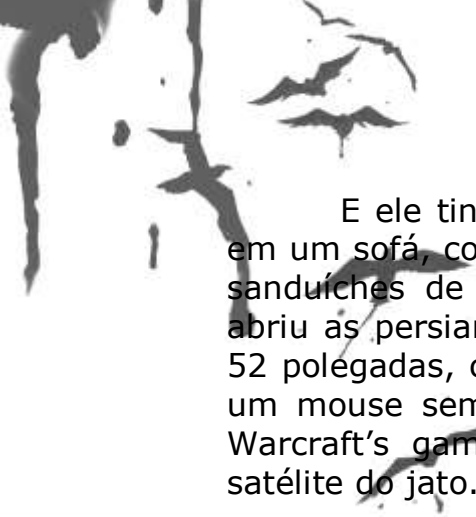
Rune esfregou a boca quando leu a mensagem novamente. Seu humor já sombrio, escureceu ainda mais. Perguntar à Carling se ele poderia fazer algo rápido, hein? Tirar o lixo. Lavar os pratos.

Inferno Sangrento.

Até que ele soubesse o que se esperavam dele, ele decidiu que poderia ser uma coisa inteligente ter acomodações confortáveis arranjadas, então ele reservou uma estadia em uma suíte com sacada no Hotel Fairmont, em San Francisco, optando por um tamanho mais modesto de suíte, em favor da vista da sala e das portas francesas, que abriam para uma varanda de ferro forjado. Então ele disse adeus a seus companheiros, preparou uma mochila e teve uma curta batalha desagradável com o orgulho dos Wyr-leões que eram o exército de advogados das empresas Cuelebre, pelo uso do jato corporativo. Apesar de suas objeções vociferantes, o argumento era sobre o momento em que ele resolveu utilizar. Ele enviou o grupo de gatos, putos da vida, lutando para reservar passagens de primeira classe para a sua reunião empresarial em Bruxelas.



Ele poderia ter voado em sua forma de Grifo, de Nova Iorque até San Francisco, mas isso significaria que ele chegaria cansado e com fome, nos escritórios de advocacia de Turner & Braeburn, o que não parecia ser a melhor opção estratégica diante de uma desconhecida e potencialmente perigosa tarefa. Além disso, como ele disse aos gatos, ele tinha algumas coisas importantes, de última hora, que tinha de cuidar durante o voo.



E ele tinha. Assim que o Lear deixou a pista, ele se estendeu em um sofá, com almofadas apoiadas em suas costas e uma pilha de sanduíches de carne em seu cotovelo. Ele apertou um botão que abriu as persianas que escondiam uma TV de plasma widescreen de 52 polegadas, colocou um teclado sem fio em seus joelhos erguidos, um mouse sem fio na parte de trás do sofá, e logou no World of Warcraft's game Wrath of the Lich King, através da conexão de satélite do jato.

Afinal, ele não sabia quando teria a chance de jogar WoW novamente. E era malditamente importante fazer a sua parte para salvar toda a vida em Azeroth enquanto podia. Maravilha!!.

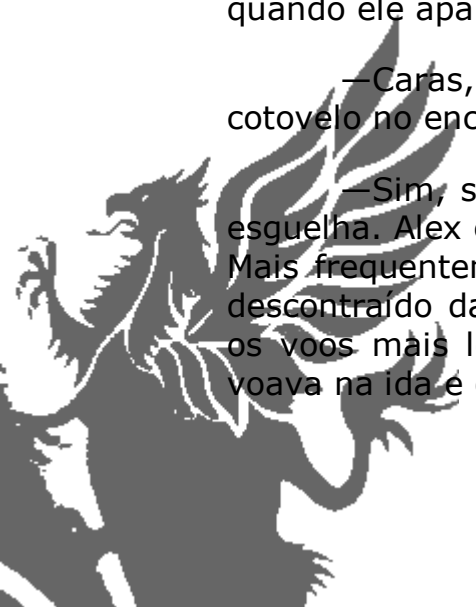
Ele jogou WoW, comeu e cochilou, enquanto o Lear voava para o oeste através do céu, indo para onde o dia morria. Era bom estar em movimento novamente, de uma forma tão descontraída que o humor de Rune brilhou através dele, fazendo senti-lo quase alegre novamente.

Então a voz do piloto cancelou o jogo no sistema de som do Lear. —Senhor, nós começamos nossa descida. Ela deve ser suave. Nós vamos chegar ao Aeroporto de São Francisco em meia hora, e já estamos liberados para pouso. San Francisco está atualmente num balsâmico 23°C e o céu está claro. Parece que estamos em um belo pôr do sol.

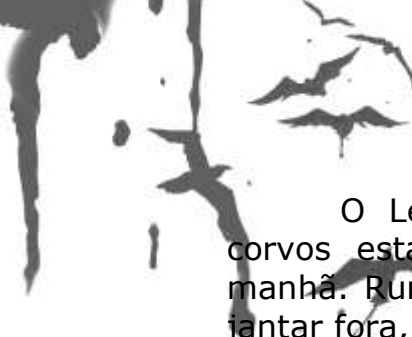
Rune revirou os olhos para o diário de viagem, desconectando o WoW, ele levantou e se esticou. Ele entrou no banheiro luxuosamente decorado, fez a barba e tomou um banho de cinco minutos, vestiu de novo seu jeans favorito, uma camiseta Jerry Garcia, botas com biqueira de aço e foi verificar a ação da cabine do piloto.

Piloto e co-piloto, eram um par de Wyr-corvos. Eles estavam sentados relaxados e conversando, uma dupla esbelta, de cabelos escuros e raciocínio rápido, que se ajeitaram em seus assentos quando ele apareceu.

—Caras, — ele disse em um tom leve, descansando um cotovelo no encosto da cadeira de co-piloto. —Relaxem.



—Sim, senhor. — Alex, o piloto, deu-lhe um rápido sorriso de esguelha. Alex era o mais jovem e o mais agressivo dos dois homens. Mais frequentemente do que não, o seu parceiro Daniel, era o mais descontraído da dupla, e se contentava em brincar de reserva. Para os voos mais longos, eles tendiam a mudar os chapéus, um piloto voava na ida e o outro pilotava a viagem de volta.



O Lear seria atendido e reabastecido durante a noite, os corvos estariam voltando para Nova York, na primeira hora da manhã. Rune perguntou: —O que vocês vão fazer com a sua noite, jantar fora, assisti um show?

Enquanto conversavam sobre restaurantes e shows de turnê da Broadway, Rune contemplou o panorama se espalhando por debaixo do avião.

A área da baía de San Francisco estava inundada por gigantescas faixas de cores, o cinza azulado das áreas distantes, pontilhadas com faíscas brilhantes de luz elétrica, tudo isso corado com o brilho do pôr do sol ardente que se aproximava, sem nuvens. Todas as cinco pontes da área da baía, a grande Golden Gate Bridge, a San Francisco-Oakland Bay Bridge, a Richmond-San Rafael Bridge, a Hayward-San Mateo Bridge e a Dumbarton Bridge estavam gravadas em perfeita miniatura na aquarela distante. No sul da península de San Francisco, brotavam arranha-céus como flores colossais no jardim de algum deus. Na outra ponta da Golden Gate estava a área da Baía Norte, que incluía Marin e os condados de Sonoma e Napa.

Às vezes, se via as outras terras ao longe, esboçadas em linhas de um pálido azul transparente. Essas outras terras da Área da Baía, tinham começado a aparecer no horizonte, em torno de um século atrás. E pareciam estabelecer-se ao oeste da Golden Gate.

A ilha tinha sido a primeira a ser avistada em torno de meados do século XIX, causando maior consternação e um remapeamento das rotas de navegação. Muita pesquisa e especulação tinham aparecido para o singular fenômeno, gerando ideias como uma falha de energia, que poderia estar ligada a falhas sísmicas da Califórnia, mas ninguém realmente entendeu por que a ilha aparecia em alguns momentos e em outros desaparecia. Eventualmente, algum espírito aventureiro, descobriu que a ilha desaparecia quando o mar engolia embarcações que navegavam perto o suficiente. Depois disso o tráfego nas rotas de navegação voltou ao normal.

Logo a ilha se tornou outra atração turística da Área da Baía. O Cruzeiro de Passeio aumentava exponencialmente quando a Outra Terra era visível. As pessoas começaram a chamá-la de Avalon, a terra brilhante de mito e fábula.



Mas Rune tinha ouvido sussurros de outro nome. Não havia outra população na Área da Baía. Não era a população que levava cruzeiros, comia em restaurantes ou ia ver shows de turnê da Broadway. Eles viviam nos cantos de velhos prédios abandonados, e se escondiam quando a noite caía e todos os predadores saíam. Os



viciados em crack e os sem abrigo não chamava a terra de Avalon. Chamavam de Blood Alley.

A ilha era visível agora, na distância, a imensa bola laranja-vermelho, do pôr do sol, brilhava através da sua silhueta sobrenatural. Uma pequena colônia de Vampiros, supostamente, vivia na ilha. Rune observava-a cuidadosamente, mudando sua postura com a mudança de gravidade, enquanto o Lear inclinava em um grande círculo que traria um padrão de pouso para o aeroporto de São Francisco.

Como sede do Domínio Nightkind, a área da Baía tinha muitos enclaves Vampíricos, especialmente em Marin County, onde uma ampla comunidade cercava a casa de Julian Regillus, o Rei oficial dos Noturnos. Tanto quanto Rune sabia, os moradores de rua não sussurram sobre a comunidade de Julian com o mesmo tipo de medo, como faziam sobre a ilha. Isso era por causa do hábito dos moradores da ilha de aparecerem e desaparecerem, ou por causa de quem vivia lá?

Alex, o piloto deu um suspiro e disse: — eu sou obrigado por regulamentos da FAA... blá blá... cinto de segurança... blá...

Rune começou a rir. —Se nós seguissemos toda essa merda de regras da cabine, eu estaria tentado a abrir a porta e pular fora.

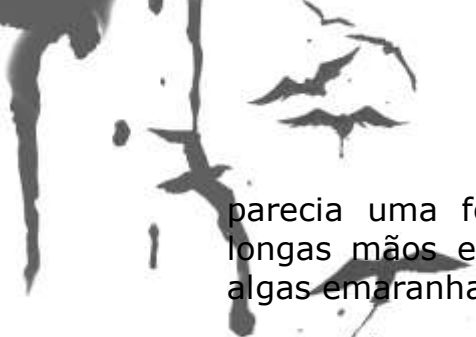
Daniel lançou-lhe um olhar. —Obrigado, senhor, por abster-se da ação.

—De nada. — Rune bateu no ombro do co-piloto e saiu da cabine.

A verdade era que ele não estava com uma grande pressa e eles pousariam em breve. Quando tinham ficado na posição e Daniel alinhou o Lear, Rune agradeceu e partiu. Ele mudou a sua forma fora do jato e, disfarçando a sua forma Wyr da análise, lançou-se no ar e voou para a cidade.

Ele estava indeciso sobre onde pousar, já que ele não estava suficientemente familiarizado com a localização da Market Street, 500, para que pudesse localizá-la do ar. Por fim, ele escolheu colocar-se perto da extremidade oeste do Golden Gate Park. Quando ele descia em espiral em direção a um caminho pavimentado, a sua sombra cintilou sobre uma figura esbelta furtiva que estava na frente de um sinal e balançava uma lata de tinta spray em um punho.

Rune pousou, mudou de volta para sua forma humana e deixou sua capa de ocultação para longe. Jogou a mochila em um ombro e observou como a figura marcava o sinal. A criatura marrom



parecia uma fêmea humanóide anoréxica, como um esqueleto e longas mãos e pés de aranha. Seu cabelo pingando tinha fios de algas emaranhadas nele.

Ela olhou por cima do ombro, viu-o e fez uma careta. —O que você está olhando, bundão?

Ele disse em um tom suave, —Nada, minha boa mulher.

—Mantenha dessa maneira. — Ela correu para uma lixeira próxima jogou fora a tinta spray e atravessou o caminho para mergulhar em uma lagoa próxima. Logo o som baixo de um coração partido chorando, veio debaixo de um salgueiro-chorão à beira da lagoa.

Rune caminhou até o sinal. Era um dos inumeráveis sinais que foram publicados ao longo das lagoas da Área da Baía, lagos e rios que alertavam aos turistas: Por favor, NÃO alimente os Water Haunts*.

****Assombrações Aquáticas***

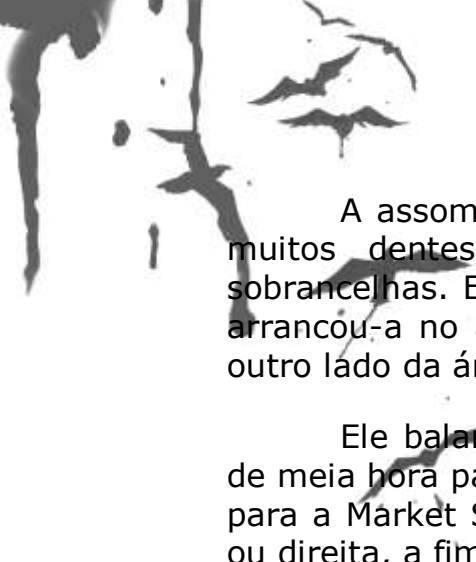
Este sinal em particular tinha uma palavra apagada com tinta spray. Agora lia-se: Por favor, alimente as Water Haunts.

Bem-vindos ao Domínio Nightkind, a casa das assombrações aquáticas, elfos da noite, fantasmas, vampiros e trolls. Com o canto do olho, ele viu vários duendes noturnos trotando através do parque. Ao contrário de Elfos reais, os elfos noturnos eram criaturas normalmente magras e de tamanho infantil, com olhos grandes e grandes cabeças calvas e orelhas pontudas, e eles educados juntos, como peixes.

Ele caminhou até o salgueiro e inclinou a cabeça para olhar por baixo das folhas gotejantes. A assombração aquática estava sentada na água, com seus ossudos ombros magros, curvados. Ela o viu e chorou mais.

Ele enfiou a mão na sua mochila. A assombração aquática deu um gemido triste, seus lábios tremendo, quando ela conseguiu localizar seus movimentos com um olhar cor de lama. Ele puxou uma Barra de cereais e ergueu-a. Os olhos da assombração se fixaram nele. Ela gemia quando rastejou para perto. Ele levantou um dedo. Seu choro partiu para cima, em uma nota de questionando e engatou a uma parada.

Ele disse a ela: —Eu conheço os seus seus truques, mocinha. Se você tentar me morder, eu vou chutar seu rosto.



A assombração aquática deu-lhe um sorriso astuto, que tinha muitos dentes. Ele indicou a barra de cereais e ergueu as sobrancelhas. Ela deu-lhe um aceno ansioso. Ele jogou a barra e ela arrancou-a no ar. Com um giro e um splash, ela mergulhou para o outro lado da árvore para devorar seu prêmio.

Ele balançou a cabeça e olhou para o relógio. Ele tinha cerca de meia hora para o pôr do sol. Muito tempo para andar para o oeste, para a Market Street e descobrir se ele precisava ir para a esquerda ou direita, a fim de chegar ao seu destino.

Bob começou a subir em sua cabeça novamente enquanto ele se dirigia para fora do parque. *Every little thing is going to be all right.*

Oh, não. Não outra vez. Ele queria, pelo menos, começar esse empreendimento com alguma aparência de sanidade. Enquanto caminhava pela rua, ele abriu o zíper um bolso lateral de sua mochila e tirou de lá o seu iPod. Ele colocou os fones de ouvido e procurou através da sua extensa lista de reprodução por outra coisa. Qualquer outra coisa. Qualquer coisa.

— *Born to be Wild.* — Sim, isso serviria. Ele apertou o *play*.

A voz forte e inflamada do Steppenwolf cantava em seus ouvidos.

*Fire all of your guns at once and Explode into space.*²

Era crepúsculo, um dos limiares do mundo, o tempo de transição entre dia e noite. O sol morrendo refletiu nos seus olhos de seu leão. Eles queimavam com brilho quando Rune sorriu.



² Dispare todas as suas armas ao mesmo tempo e exploda espaço afora.



CAPÍTULO 2

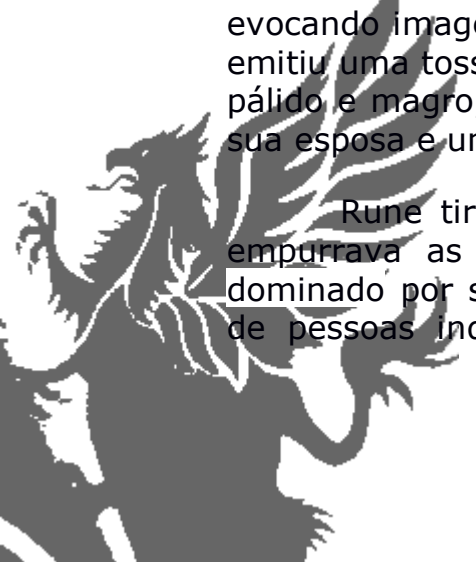
A Market Street, em San Francisco, atravessava a cidade em diagonal, a partir do Edifício Ferry na margem nordeste, até Twin Peaks no sudoeste. A rua era uma das vias principais da cidade e tinha sido comparada à Champs Élysées de Paris ou à Quinta Avenida, de Nova York.

Agora, o pôr do sol da sexta-feira estava chegando no coração do Domínio Nightkind. Isso fazia da Market Street o lugar da moda, onde tudo acontecia. Os arranha-céus forneciam um escudo eficaz contra o último raio de sol do dia. Turistas e compradores lotavam as calçadas.

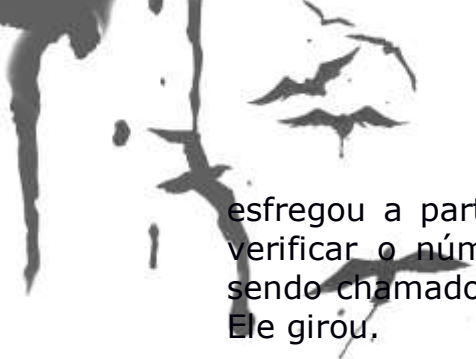
Um par de Vampiras de pele branca, bonitas e elegantemente vestidas, passeava de braços dados em direção a ele. Elas inclinaram suas cabeças e sussurraram juntas quando ele se aproximou, olhando-o de soslaio com os olhos delineados e sorrisos pálidos. Quando ele sorriu de volta, os olhos da Vampira mais próxima arregalaram-se e sua pele de marfim manchou-se com um rubor delicado. Rune considerou um elogio, vindo de uma morta-viva.

A multidão ficou mais densa enquanto ele se aproximava de seu destino. Era mais compacta justamente do lado de fora do arranha-céu elegante no número 500 da Market Street. Rune estudou curiosamente a multidão, enquanto ele abria caminho para as portas dianteiras. Os membros da multidão eram todos humanos.

Uma mulher de aparência frágil passou na frente dele puxando um tanque de oxigênio portátil em um carrinho, um tubo fino enfiado em suas narinas, e ele parou para deixá-la passar. Quando ela encostou nele, sentiu o cheiro de doença grave debaixo do perfume de lilás. O cheiro azedo medicinal permanecia em suas narinas, evocando imagens de dor e decadência, até que ele virou a cabeça e emitiu uma tosse educada que esvaziou seus pulmões. Outro homem, pálido e magro, estava em uma cadeira de rodas, acompanhado por sua esposa e um homem mais jovem que parecia ser seu filho.



Rune tirou seus fones de ouvido e guardou seu iPod, então empurrava as portas giratórias e examinava o saguão principal, dominado por seguranças uniformizados, detectores de metal e filas de pessoas indo para as janelas de vidro à prova de balas. Ele



esfregou a parte de trás de seu pescoço e estava prestes a sair e verificar o número do edifício novamente quando ouviu seu nome sendo chamado do conjunto de elevadores do outro lado do saguão. Ele girou.

Duncan, o Vampiro, caminhava em direção a ele. Vestido com um terno preto Ralph Lauren com sapatos combinando, o macho tinha cerca de 1,55m de altura. O cabelo escuro estava elegantemente raspado em sua cabeça bem formada, e ele tinha características agradáveis e olhos inteligentes. Duncan fez um gesto para um guarda de segurança, que abriu um portão lateral e convidou Rune a entrar.

—Acabei de chegar, — Duncan disse, e estendeu a mão.

Rune apertou. A mão do Vampiro era forte e fria.

—Eu estava saindo para me certificar de que tinha o endereço certo. O que está acontecendo aqui no saguão?

Duncan voltou-se para os elevadores. Rune andou ao lado dele, encurtando seu passo largo para acompanhar o outro homem. Duncan disse: —O Escritório de Imigração Nightkind ocupa os três primeiros andares do edifício. Este é o lugar onde os seres humanos solicitam vistos para tornarem-se Vampiros.

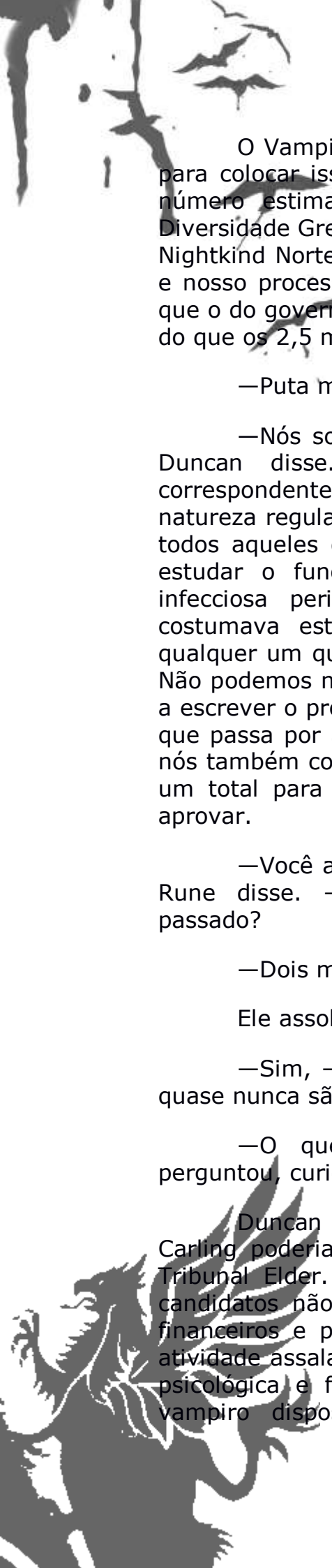
Gritos vindos de uma das janelas de vidro laminado interrompeu-os. —Não me diga que vai levar mais quatro meses, porra! Meu pai está no quarto estágio do câncer, ele não tem mais quatro meses de espera!

Rune olhou para o homem que estava gritando e depois de volta para Duncan, que estremeceu levemente. Eles chegaram aos elevadores onde Duncan apertou o botão de cima do painel para o quinquagésimo quinto andar. Quando entraram, Duncan continuou: —É compreensível o suficiente, o processo de visto pode deixar as pessoas alteradas, por isso é que existe tanta segurança no saguão.

Dois guardas foram andando em direção à briga, enquanto as portas do elevador se fechavam. Rune disse: —Só por curiosidade, o que acontece com os pedidos de visto para as pessoas que são doentes terminais? O cara vai ser capaz de acelerar o caso de seu pai?

—Provavelmente não, — Duncan disse. —Há sempre casos tristes, e há muitas pessoas morrendo desesperadas.

—Cara, — disse Rune. —Auch!



O Vampiro olhou para ele. —Eu não quero ser antipático. Mas para colocar isso em perspectiva, os Estados Unidos receberam um número estimado de 14 milhões de inscrições para o Visto de Diversidade Green Card em 2009. Os pedidos de visto para o Domínio Nightkind Norte Americano chegam perto de 10 milhões em um ano, e nosso processo de seleção não deve apenas ser mais rigoroso do que o do governo federal, mas podemos conceder muito menos vistos do que os 2,5 milhões dos Estados Unidos.

—Putá merda, — Rune disse.

—Nós somos o único Domínio que se regula de tal forma, — Duncan disse. —As Elder Races têm taxas de natalidade correspondentemente baixas. Mesmo no caso das bruxas humanas, a natureza regula aqueles que nascem com as faíscas de Poder, e nem todos aqueles que nascem, tem a capacidade inerente de escolher estudar o funcionamento do Poder. Vampirismo é uma doença infecciosa perigosa, não só fisicamente, mas socialmente. Ela costumava estar ao alcance dos ricos, belos, e poderosos, ou qualquer um que tivesse uma fantasia vampira por qualquer motivo. Não podemos mais nos dar ao luxo de ser tão caprichosos. Eu ajudei a escrever o processo de inscrição original de Visto no início de 1900, que passa por atualizações e melhorias a cada 10 anos. A cada ano nós também coordenamos com o CDC em Atlanta, para chegarmos a um total para o número de inscrições que estamos autorizados a aprovar.

—Você apenas teve toda a diversão dos filmes de vampiro, — Rune disse. —Quantos candidatos você pode aprovar no ano passado?

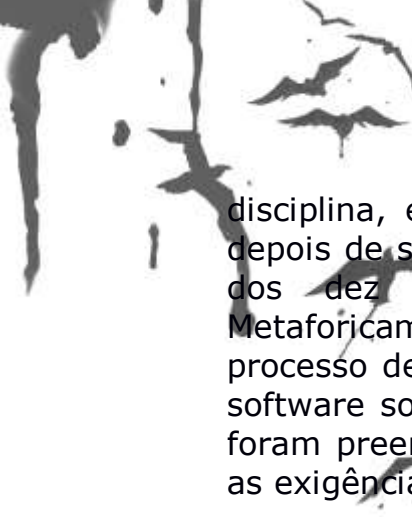
—Dois mil.

Ele assobiou entre os dentes. —Esses números são de morte.

—Sim, — Duncan disse. —É por isso que os pedidos de Visto quase nunca são rápidos.

—O que seria necessário para acelerar um? — Rune perguntou, curioso.

Duncan sacudiu a cabeça. — Um pedido pessoal de Julian ou Carling poderia fazê-lo pular para frente, claro, ou um decreto do Tribunal Elder. Francamente, praticamente nada mais. E agora os candidatos não devem apenas provar que têm bons investimentos financeiros e perspectivas, tal como a capacidade de realizar uma atividade assalariada, mas também devem passar por uma avaliação psicológica e fornecer a documentação para provar que tem um vampiro disposto a hospedá-los, ou em outras palavras, dar



disciplina, estabilidade e treinamento para os primeiros cinco anos depois de serem transformados. Ou seja, isso fez com que a maioria dos dez milhões de inscrições atingisse a lata de lixo. Metaforicamente falando, de qualquer maneira. Hoje em dia o processo de inscrição é online. Nós desenvolvemos um programa de software sofisticado que rejeita automaticamente inscrições que não foram preenchidas corretamente, ou não conseguiram cumprir todas as exigências burocráticas iniciais.

Rune disse: — Então, o que você está realmente dizendo é que para se tornar um vampiro, você tem que provar não só que tem dinheiro ou pode ganhar dinheiro, mas tem que ter conhecimento mínimo em informática, o que exclui uma boa parte do país que vive do lado errado da crescente divisão digital. Eu odeio estourar sua bolha, mas acho que você pode estar voltando para o tempo onde vampirismo só estava ao alcance dos ricos, belos e poderosos.

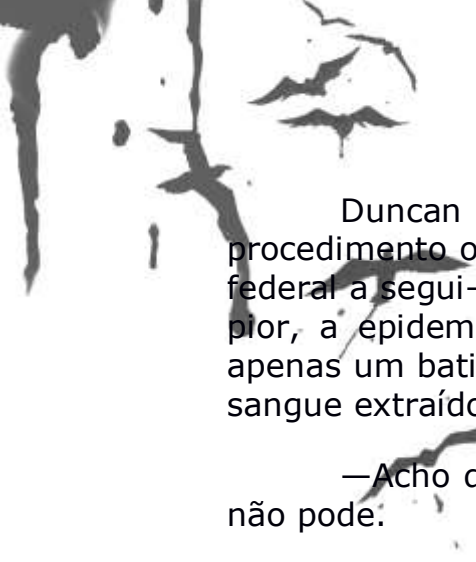
Duncan riu. Eles chegaram ao quinquagésimo quinto andar. Quando as portas do elevador se abriram, foram envolvidos no luxo corporativo. Em frente ao conjunto de elevadores, *Turner & Braeburn, Advogados*, estava exposta em letras finas de ouro reluzente na parede de mármore escuro.

Duncan liderou o caminho em uma passada rápida pelas muito bem decoradas salas, ocupando um escritório de canto. Rune enviou um olhar curioso em torno, enquanto caminhava ao longo e atrás. Os Advogados estavam tendo sua versão de uma manhã de sexta-feira movimentada.

—O sistema não é perfeito, — Duncan disse. —A questão de fundo é que o Domínio Nightkind está tentando evitar que pobres, loucos e sugadores de sangue imortais soltos nas ruas se tornem um peso para a sociedade e sim contribuintes normais. Bem, mas esse é o truque.

Duncan fez uma pausa no que estava falando e parou em frente a portas duplas abertas e, com um gesto educado, convidou Rune a precedê-lo. Rune entrou em um escritório de mil metros quadrados como se tivesse um centímetro. Persianas metálicas tinham sido levantadas nas janelas de vidro que ocupavam as duas paredes, e lá fora, a área da baía inteira, incluindo pontes, estava em chamas com a luz elétrica. O sol se pôs e toda a lembrança que restava dele era um brilho vermelho-sangue no horizonte escuro do oceano.

Rune girou de volta para enfrentar Duncan, que tinha fechado as portas. O Vampiro virou-se para encará-lo.



Duncan disse: —Tudo o que eu acabei de dizer é o procedimento oficial do Domínio Nightkind. Estamos obrigados por lei federal a segui-lo, mas é como a guerra dos EUA contra as drogas, ou pior, a epidemia de HIV. Como você realmente regula algo que é apenas um batimento cardíaco, um momento quente, e uma bolsa de sangue extraído?

—Acho que eu sei a resposta para isso, — Rune disse. —Você não pode.

—Exatamente, — respondeu Duncan. —É claro que não pode. Podemos definir regulamentos para emitir vistos, e trabalhar para impor consequências, mas ainda temos nossos ilegais e loucos, e os nossos não registrados. Não temos como saber o que um vampiro está fazendo em seu Domínio em Nova York, ou no Domínio Demonkind em Houston? Claro que não, assim como você não tem ideia do que um indivíduo Wyr poderia estar fazendo em Chicago. A nossa polícia é eficaz para que possamos manter um controle rígido sobre o que é visível para o público aqui em nosso Domínio, mas não podemos fazer muito mais que isso. Além do que, muitos dos vampiros mais velhos se ressentem das novas restrições, e eles ainda seguem as velhas formas de regular suas árvores genealógicas, através da dominação, sigilo e violência.

—Ah bom, — Rune disse. —Toda a diversão dos filmes de vampiro acabou de voltar.

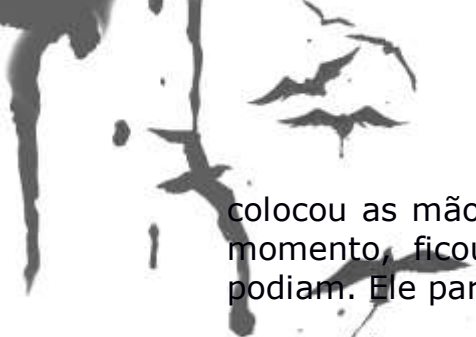


Conhecido por dar nome à famosa ponte, Golden Gate é na verdade o estreito que foi descoberto em 1769 por exploradores espanhóis. Em 1846, o militar americano John C. Fremont, oficialmente, chamou a passagem de “Chrysopylae”, ou “Golden Gate”, antes da corrida do ouro californiano. O estreito foi comparado ao Golden Horn do antigo Bizâncio.



Quando Rune olhou para fora, a ponte Golden Gate se erguia, brilhando sobre as águas escuras do estreito. O simbolismo de estar de pé, diante de uma porta de entrada, não foi perdido por ele. Largou a mochila no chão, perto de uma cadeira preta de couro italiano, em frente a uma mesa de vidro impecável que tinha uma enorme superfície, enfiou os polegares nas passadeiras vazias em seus jeans desbotados e ficou à vontade, enquanto considerava o Vampiro.

Duncan não se sentou atrás da mesa, nem convidou Rune a sentar. Em vez disso, andou até a janela e olhou para o oeste. Ele



colocou as mãos nos bolsos de seu terno de 2500 dólares e, por um momento, ficou completamente imóvel como apenas os vampiros podiam. Ele parecia a capa frontal, retocada, de uma revista GQ.

E aqui vamos nós, Rune pensava. Cortar a grama pelos próximos mil anos. Um favor único, declarado em uma frase muito simples. Sim, Dragos, eu sei muito bem o que eu fodidamente dei.

—Desapareceu de novo, — Duncan murmurou.

—O que? — Rune disse.

—A ilha. Ela desapareceu de novo.

Rune olhou para fora da janela também. Ainda havia um residual brilho do sol vermelho sangue, mas todo o resto sumiu. Os olhos afiados de seu predador poderiam descobrir os detalhes da noite, assim como o Vampiro. A ilha realmente havia desaparecido de vista.

Ele deu de ombros e disse: —É verdade.

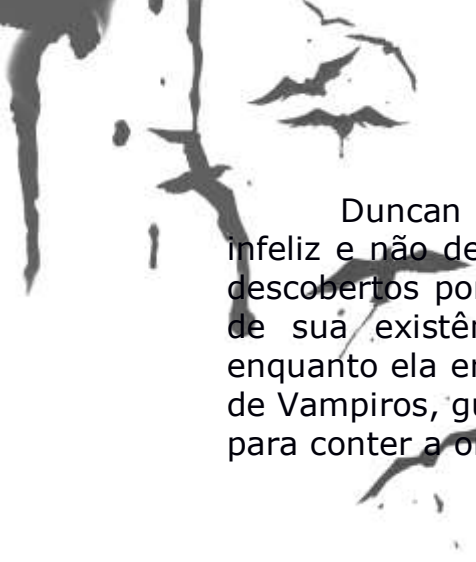
— Lá é onde você deve ir, — disse Duncan.

Rune suspirou. —Quando eu recebi seu e-mail, eu pensei que você ia me dar as instruções para este favor.

Duncan se afastou da janela para encará-lo. —Pelo pouco que eu entendo, as instruções que eu poderia dar não iria liberar você da sua obrigação mágica. O seu contrato é com Carling, e ela deve pedi-lo pessoalmente. Ela está atualmente em sua casa na Outra Ilha e, claro, o tempo flui diferente lá. Eu apenas deveria verificar se você chegou aqui dentro do prazo estipulado, e lhe dar instruções sobre como chegar lá.



—Então, Carling vive no Blood Alley*, hein? — Rune balançou a cabeça. Que maneira de construir uma reputação temível por toda a parte, Carling. Embora muito parecida com a sociedade feudal Wyr, o Domínio Nightkind, podia muitas vezes ter direitos iguais, e Carling tinha governado como Rainha por um longo tempo, antes que cedesse a coroa para Julian. Ela aproveitou uma brecha que existia então na lei inter Domínios, o que lhe permitiu tornar-se Conselheira Nightkind para o Tribunal Elder. A brecha legal desde então foi fechada. Governantes de Domínio posteriores são agora impedidos de sentar-se no Tribunal, mas Carling manteve sua posição única. Ela não era apenas uma conselheira. Desde que Julian era progenitura de Carling, ele podia governar o Domínio, mas Carling governava Julian.



Duncan sacudiu a cabeça. —Blood Alley é um rótulo muito infeliz e não de todo exato. A passagem da travessia e a ilha foram descobertos por volta de 1836, e, logo que ela tomou conhecimento de sua existência, Carling a reivindicou. Houve algumas vezes, enquanto ela era rainha, que teve que tomar medidas contra famílias de Vampiros, guerreando. Sua resposta teve de ser grave o suficiente para conter a onda de violência.

***Atalho sangrento**

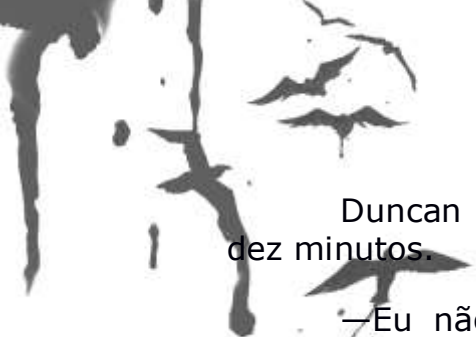
—Oh-certo, — ele murmurou. —Estive lá e vi isso. Tenho certeza de que eu tenho uma camiseta em algum lugar para provar. Por que você não me explica como chegar lá?

— Você deve voar para o oeste por uma milha mais ou menos e fazer o retorno. Quando você voltar para a Baía, mantenha a Golden Gate à sua frente, à sua direita cerca de dez graus, e voe baixo sobre a água. Nesse ponto, você deve sentir a passagem da travessia abaixo. É uma fissura no leito do oceano, então você vai ter que mergulhar e nadar nele. Para aqueles de nós que já não precisam respirar, a natação não é um um incômodo. Eu tenho um tanque de oxigênio pronto para você usar, caso haja necessidade. A tecnologia é passiva o suficiente para isso funcionar.

Duncan se referia ao modo como a magia concentrada na Outra Terra suprimia certas tecnologias, especialmente aquelas que agiam com algum princípio de combustão. Entre outras coisas, energia elétrica, armas e armamentos modernos não funcionavam na Outra Terra, ou se eles funcionavam, o faziam apenas brevemente e com consequências caóticas e destrutivas, e foi por isso que a amiga de Niniane, Cameron, tinha morrido quando ela disparou em Naida Riordan.

Tecnologias passivas, como banheiros de compostagem, sistemas hipocaustico, filtros de café Melitta, besta e arco composto com designs modernos, ou projetos que utilizaram o calor solar funcionavam muito bem na Outra Terra. Um tanque de oxigênio é simplesmente um recipiente de ar comprimido, que é liberado por de um tubo, de uma maneira lenta e controlada. Para enchê-lo era necessário um compressor, que não iria funcionar na Outra Terra, mas o tanque em si seria seguro para uso em todo o caminho até que acabasse o suprimento.

—Rune considerou. —Quanto tempo leva a travessia debaixo d'água?



Duncan lhe disse: —Eu atravessei nadando em pouco mais de dez minutos.

—Eu não preciso do tanque, — Rune disse. —Eu vou ficar bem. — Ele se inclinou para pegar sua mochila. —Eu poderia usar algo à prova d'água para colocar isso dentro, no entanto. Não é muito, um par de trocas de roupa, escova de dentes e navalha, livro do Stephen King, blá blá. — Juntamente com um iPod, iPhone, algumas barras de cereais, Glock e munição, facas, um garrote, algumas estrelas de arremesso. Blá blá. A Glock, telefone e iPod iriam viajar bem, desde que ele não tentasse usá-los até que voltasse.

—Temos algo que você pode usar, — Duncan disse.

Rune deu uma meia volta em direção à porta e observou o Vampiro com uma expressão expectante. Continuando, aqui. Próxima fase. Tenho que demonstrar meu primeiro dia de trabalho a tempo. Vou aparar o gramado com um par de tesouras de manicure. Recortar toda a ilha com um par de tesouras de manicure? Isso é para mil anos, bebê.

Duncan estava olhando para as pontas de seus sapatos polidos e franzindo a testa.

Talvez um ser humano pudesse enxergar ali um homem imerso em pensamentos. Rune era um predador muito mais antigo do que a raça humana. Seus olhos se estreitaram. Ele observou como o Vampiro respirou fundo, em um velho hábito do qual ele não precisava de mais, aos cento e vinte anos. Observou o aperto minúsculo em torno dos agradáveis olhos escuros de Duncan, e a mudança no brilho quase invisível na sua gravata de seda quando ele engoliu em seco.

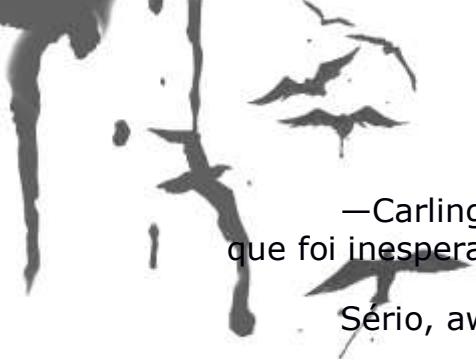
Rune tinha ganho o seu lugar como Primeiro de Dragos muitos séculos atrás por uma série de razões poderosas. Mas havia outras razões pelas quais Rune foi escolhido por Dragos em primeiro lugar, e elas não tinham nada a ver com a alimentação. Rune disse em uma voz calma: —Você tem algo que você queira me dizer, filho?

Olhar de Duncan levantou rapidamente. —Eu tenho muitas coisas que quero lhe dizer. Acho que, por um motivo ou outro, eu sou obrigado a não fazê-lo.

—Privilégio advogado-cliente? — Rune perguntou.

—Isso, e também há restrições do meu criador.

—Quem é seu criador? — Rune perguntou, embora tivesse certeza de que ele já sabia a resposta.



—Carling. — Duncan deu um sorriso torto sem consciência de que foi inesperadamente cativante. —Eu sou seu filho mais novo.

Sério, awww.

—Bem, Duncan, — Rune disse. —Existe alguma coisa que você queira me dizer que você realmente possa?

O sorriso de Duncan desapareceu, e nesse momento ele não parecia jovem de jeito nenhum. Ele parecia velho, de luto, e mais do que um pouco assustado.

—Por favor, tenha cuidado, — Duncan disse.

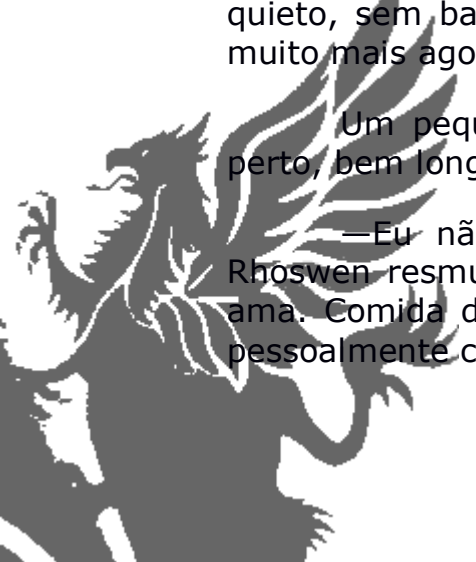


Carling desdobrou um pedaço bem dobrado de papel e colocou-o na bancada de granito polido, perto do fogão. Ela consultou as instruções escritas à mão que tinham sido preparadas para ela por um atendente humano.

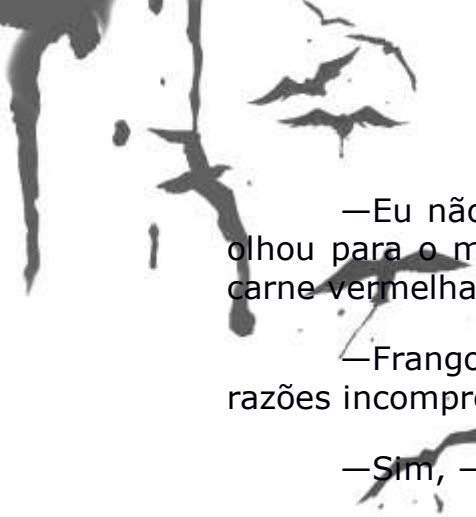
Passo um, verifique se o fogão a lenha está aceso e o queimador está quente. Sim. Será que deveria colocar a frigideira sobre o queimador para a etapa dois? Verificou a lista. Etapa dois, pulverizar a frigideira com óleo. Ela obedeceu e, em seguida, colocou a frigideira sobre o queimador. Agora adicione algumas gramas de carne crua na frigideira. Mexa com a espátula. Ela pegou o instrumento e refletiu. Como é chamada essa coisa? Ah, sim, é uma espátula.

A manhã de sol brilhava lá fora. A cozinha onde Carling trabalhava era uma grande área externa murada com paredes e piso de pedra, com longas mesas de madeira e balcões de granito, pias de tamanho industrial, e uma lareira que era grande o suficiente para assar um porco dentro. O sol amarelo brilhante derramava-se nas janelas de metal envidraçadas. A cozinha era um lugar tranquilo, quieto, sem bajuladores conversando para preenchê-lo. Ela gostava muito mais agora, que estava quase vazia.

Um pequeno cão ganiu aos pés de Carling. Rhoswen amouu perto, bem longe do derramamento de sol.



—Eu não entendo por que você insiste em fazer isso, — Rhoswen resmungou. —Temos latas de comida de cachorro que ele ama. Comida de cachorro premium, muito boa e cara. Eu verifiquei pessoalmente com o veterinário.



—Eu não preciso que você entenda, — Carling murmurou. Ela olhou para o material orgânico na frigideira. Ele começou a chiar. A carne vermelha foi virando branca. —O que estamos cozinhando?

—Frango, — Rhoswen disse. —Estamos cozinhando frango por razões incompreensíveis.

—Sim, — Carling disse.

Ela cutucou a carne dentro da frigideira. Tratava-se de alimento. Um aroma quente encheu o ar. Ela cheirou. Criaturas vivas consideram este cheiro aromático apetitoso. Eles salivam, e seus estômagos ressoam.

O pequeno cão latiu.

Sim, e alguns deles latem.

O frango deve se tornar branco uniformemente. Não há problema se o exterior se torna marrom. Na verdade muitas criaturas preferem assim. Com um sentimento de satisfação, Carling removeu a frigideira do calor. Ela usou o acessório para raspar o material fumegante num prato de uma criatura viva minúscula.

Ela observou o cão. Ele olhou para ela em troca. Então, lembrou-se dos detalhes do relatório do veterinário. O cão era um Lulu da Pomerania de 2,7Kg, Laranja escuro. Ele tinha uma pelagem fofa bicolor, marrom e zibelina, com um toque de creme em sua ridícula cauda curva, brilhantes olhos negros parecendo botões e um focinho manchado, estreito, com um nariz de bolota preto. Quando ela deu-lhe a atenção, ele ficou sobre as patas traseiras e girou. Toda essa felicidade e emoção por uma coisa chamada café da manhã.

Ela verificou o último passo em sua lista de instruções. Espere até que a carne esteja fria o suficiente para consumir com segurança, antes de colocar o prato no chão.

Ela olhou para o material fumegante no prato. Olhou para o cão. Ele deu um sorriso canino emocionado, a língua cor de rosa pendendo para um lado enquanto pulou sobre as patas traseiras e deu patadas no ar. Ela falou uma palavra cheia de energia. Por um momento, o ar em torno do frango brilhou. Quando ela tocou o dedo para a carne, estava perfeitamente fria. Ah, assim estava muito melhor.

Um sino tocou no lado do mar da casa de pedra, o som foi se espalhando.



Tanto ela quanto Rhoswen levantaram as cabeças para olhar em direção ao som. Ela disse a Rhoswen, —Vá abrir para o Sentinela.

A Vampira loira, mais jovem, inclinou a cabeça e saiu da cozinha.

Carling puxou para o lado a barra de sua túnica preta de algodão egípcio, enquanto se agachava para colocar o prato de frango na frente do cão. O próximo passo, sempre deixava-a perplexa. Ela havia testemunhado muitas formas de ganância ao longo dos séculos. Mas não importa quanto frenesi causasse o cheiro do frango cozinhando, no momento em que colocava o prato de comida na frente do cão, ele sempre parava primeiro para olhar para ela antes de abaixar para devorar sua refeição.

Carling era um súcubo, um vampiro que podia sentir e se alimentar de emoções de criaturas vivas. O pequeno cão tinha emoções. Elas eram brilhantes faíscas coloridas que piscavam como vaga-lumes. Ela sabia o que ele sentia quando lhe dava esse olhar.

Era gratidão apaixonada.

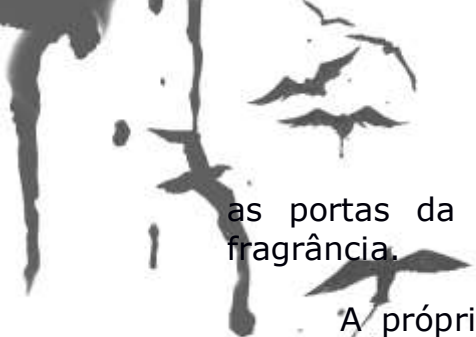
Rhoswen voltou depois de alguns minutos. Carling levantou os olhos do cão. Ele terminou sua refeição e deitou-se nos seus pés descalços. Rhoswen lhe disse: —O Wyr está aguardando uma audiência com você no grande salão.

Carling assentiu. Ela cutucou o animal com sono fora de seus pés e empurrou as portas de vai-vem da cozinha antes que o cão a pudesse seguir. Ignorando seus latidos queixosos, ela caminhou ao longo do grande e silencioso corredor com piso de laje para o grande salão, onde o único som era um sussurro de pano quando sua túnica girava em torno de seus tornozelos.

A casa seguia o padrão geral de uma mansão medieval, com a cozinha, depósito e despensa para um lado, o salão de dois andares com uma grande lareira de 1,82 metros de altura e sua enorme cornija de pedra esculpida, e aposentos mais privados e salas ramificando-se do outro lado. Ao contrário de uma mansão medieval, o grande salão e os outros quartos do lado do oceano tinham, do chão ao teto, janelas que davam para o penhasco sobre o qual a casa estava assentada.



A casa era cercada por um muro de pedra bruta na altura da cintura que seguia a periferia mais distante ao longo da borda do penhasco. A terra dentro dos muros foi cultivada com uma densa profusão de flores, crisântemos amarelos, lírios-mariposa vermelhos, girassóis-da-costa, orquídeas gigantes, margaridas e bocas-de-leão da ilha. Rosas trepadeiras enxameavam uma treliça que emoldurava



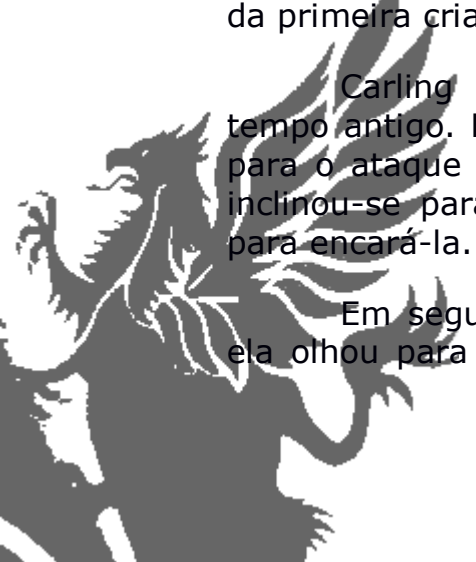
as portas da frente, suas flores imensas eram encharcadas de fragrância.

A própria ilha era em forma de rim e com mais de quatro quilômetros de comprimento. A casa na encosta estava localizada no interior da curva. Um caminho estreito ziguezagueava para o lado do penhasco em uma ampla praia onde um par de veleiros estavam ancorados. Havia várias outras casas menores, que pontilhavam a área ao redor da grande mansão de pedra, mas atualmente estavam vazias. A floresta de sequoias se erguia no extremo da ilha, as árvores gigantescas com milhares de anos de idade, suas alturas superiores alimentadas pela névoa que vinha do lado do mar. Tímidas, secretas criaturas aladas viviam nos galhos mais altos dessas sequoias antigas. Elas se escondiam sempre que outras criaturas se aproximavam.

Carling sentiu o Wyr antes de entrar na sala e colocar os olhos sobre ele. Ela parou entre a cozinha e a sala, absorvendo o choque de sua presença.

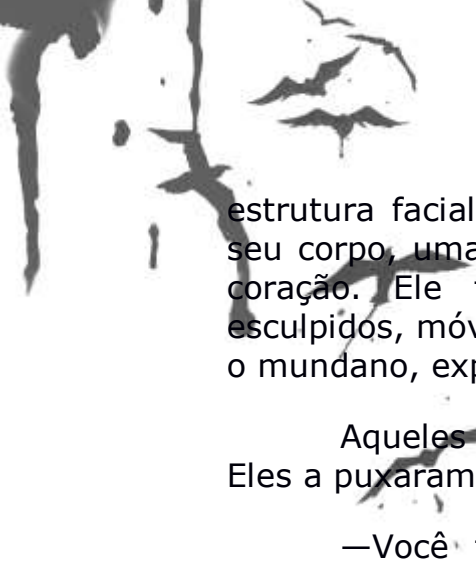
Ele parecia temível na frente das janelas, com o tipo de facilidade de alguém que era tudo e não tinha nada a provar. Ele estava de costas para ela, com as mãos nos bolsos traseiros da calça jeans desbotada e rasgada, enquanto olhava em direção ao oceano. Seu cabelo caía úmido e despenteado sobre os ombros largos. Ela sentiu o cheiro da salmoura e o cheiro quente de um saudável macho viril Wyr. Milhares de anos atrás ele havia se elevado sobre os seres humanos, um estranho deus, gigantesco e feroz. Mesmo agora, ele era mais alto do que a maioria dos homens, as longas linhas fortes de seu corpo demonstravam força masculina e graça.

Mais do que apenas o físico, no entanto, foi o impacto da força etérea em torno dele. Mesmo estando em repouso, ele irradiava uma vitalidade feroz. Energia e Poder emanavam em uma aura de ondas turbulentas que eram invisíveis para a maioria das pessoas, mas ela podia vê-los escorrendo dele como ondas de calor subindo de uma estrada ensolarada no deserto. Todos os Wyr imortais que passaram a existir no momento em que a terra foi formada tinham essa mesma força de vida primordial. Eles carregavam dentro de si faíscas do fogo da primeira criação.



Carling respirou fundo, um retrocesso anacrônico para um tempo antigo. Ela tomou nota da resposta involuntária de seu corpo para o ataque da presença de Rune, mesmo quando a cabeça dele inclinou-se para um lado, ao pequeno som revelador. Ele virou-se para encará-la.

Em seguida, houve outro choque para o seu sistema quando ela olhou para as fortes e arrojadas linhas retas de seu rosto. Sua



estrutura facial óssea tinha um requinte que fazia eco na figura do seu corpo, uma elegância masculina que puxava a vista e prendia o coração. Ele tinha uma boca linda, com lábios sensualmente esculpidos, móveis, mas a característica que lhe dava o toque final foi o mundano, experiente, olhar de leão.

Aqueles olhos deslumbrantes estavam sorrindo para ela agora. Eles a puxaram pela sala em direção a ele.

—Você tem uma cabana incrível aqui, — disse Rune. — Completamente gótica, Carling. O que acontece se você navegar longe da ilha?

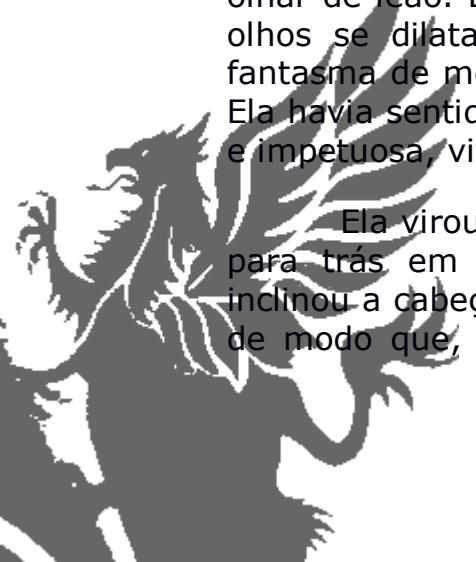
—Eventualmente, depois de perder de vista a ilha, você acaba navegando de volta para a terra. Este é apenas um pequeno banco da Outra Terra com um caminho submarino. Não há mais nada aqui, só a ilha e o oceano.

—Doce.

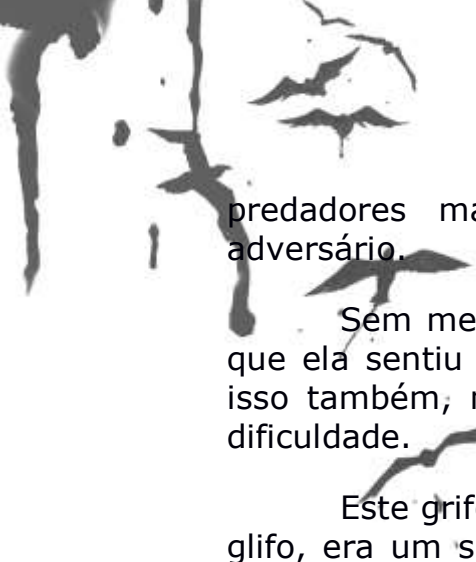
Ela vagava em direção a ele, este homem que brilhava como um sol. O poder de sua presença arrepiou ao longo de sua pele. Cada passo que dava a trouxe para mais perto dele e a fez sentir-se mais viva. Comparado com suas emoções ricas em Technicolor, todas as outras criaturas, muitas das quais ela sentiu e alimentou-se eram fracas e em cores pastéis, como leite aguado. Rune era uma fonte rica e fluída de alimento como o mais profundo e vivo vermelho rubi. Ela sentiu o fantasma de algo que deve ter sido uma vez a fome. Seu sangue teria um sabor espetacular, ardente e tão intenso como o licor mais raro.

A expressão de seus olhos mudou quando ela se aproximou. Seu sorriso tornou-se mais nítido, mais profundo, e mostrou uma sugestão de dentes brancos. Sua paleta emocional mudou muito, o vermelho rubi fluindo com complexidades atraentes e inexplicáveis.

Ela o enfrentou de igual para igual. Com 1,70, ela tinha sido uma mulher alta. Agora, ela era considerada média. Ela teve de inclinar a cabeça para trás para encarar totalmente e sem piscar, o olhar de leão. Ela observou como sua respiração se aprofundou e os olhos se dilataram. Qual era a emoção dele que ela sentia? Um fantasma de memória fugaz derivou através do fundo de sua mente. Ela havia sentido uma vez, há muito tempo. Isso a tinha feito bêbada e impetuosa, viva com riso imprudente.



Ela virou-se e caminhou em torno dele, estudando-o. Ele girou para trás em um círculo lento, que acompanhou seu ritmo. Ele inclinou a cabeça para coincidir com a inclinação dela e chegou perto, de modo que, eles estavam frente a frente, um com o outro, dois



predadores maduros em energia e preocupados em medir o adversário.

Sem medo? Sim, ele não tinha medo, mas não era a emoção que ela sentiu que puxou a sua memória. Fascínio? Sim, ele sentiu isso também, mas não era isso que ela tentou lembrar com tanta dificuldade.

Este grifo chamava a si mesmo de Rune Ainissesthai. Rune em glifo, era um sigilo que foi um golpe em uma página, mas mais do que isso, “runa” para o mistério, magia. Ainissesthai era do grego antigo para “enigmas”. O enigma misterioso e mágico.

—Rune Ainissesthai, — ela sussurrou. —Qual é o enigma?

Sua expressão brilhou como luz elétrica. Oh, eu tenho sua atenção agora, não, Wyr? Ela sorriu. Você acha que todos tinham esquecido o significado do seu nome?

—Fazer uma pergunta como essa está abaixo de você, — Rune disse. Sua voz caiu para um murmúrio baixo e grave que rondava sua pele.

—Rune Ainissesthai, — ela sussurrou uma segunda vez, e o poder que ela exercia fez o som do seu nome ecoar entre eles como o canto de uma vasilha chinesa budista. —Por que você veio a mim?

—Eu venho para pagar a minha dívida, — Rune disse, e o grito da água ecoou em sua resposta.

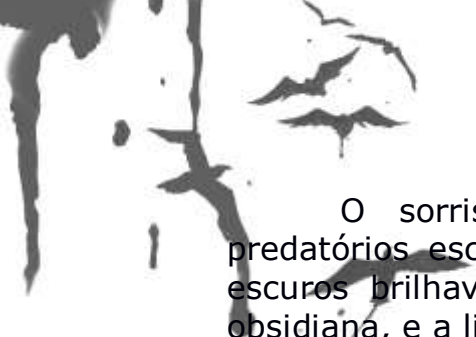
—Rune Ainissesthai, — ela sussurrou pela terceira vez. —Você está oferecendo um favor para pagar essa dívida?

—Você sabe que sim, — respondeu o Grifo, e o rugido do leão estava em sua voz.

Ela atingiu o eco entre eles com um único golpe do seu poder de modo que soou como um gongo contra as paredes de pedra do grande salão, e a magia do decreto foi expulso. Ela sorriu. —O negócio foi concluído, e respondido.

Agora, ele estava preso e realmente não tinha escolha a não ser fazer o que ela quisesse. Você é meu, ela disse silenciosamente à sua forma alta e forte. Meu para cumprir o meu desejo. Neste momento, eu tenho você. E para que eu tenho você, meu despreocupado, orgulhoso e indiferente macho alfa? Que tarefa deve completar antes de se livrar de mim e voltar para a sua vida eterna?

O que alguém que estava morrendo faria com um dom raro e extravagante como este?



O sorriso desapareceu dos lábios dela. Seus impulsos predatórios escureceram e cresceram presas invisíveis. Seus olhos escuros brilhavam com uma carapaça semelhante a do cristal de obsidiana, e a linha de sua boca endureceu.

Ela disse: —Ajoelhe-se.

Ela sentiu sua surpresa, seu comando o balançou.

Mas então ele fez uma coisa que a surpreendeu em troca. Ele ergueu as sobrancelhas, deu-lhe aquele sorriso despreocupado e descontraído e disse: —Ceeerto.

Com um floreio ele ficou graciosamente de joelhos na frente dela.

O que foi isso? Ele estava no chão, seus poderosos ombros largos mergulhado em subjugação. Ele até baixou a cabeça. Ele deu toda a aparência de submissão, e obedeceu sua ordem ao pé da letra, mas...

Profundamente, no âmago da sua notável alma feroz, o macho alfa ainda reinava. Ela circulou atrás dele e se aproximou de seus ombros largos para colocar seus lábios perto de sua orelha. Ela sussurrou, —Você não está realmente de joelhos, por dentro.

Ele inclinou a cabeça para olhar para ela sobre um ombro. Seu olhar imprudente ria dela. Ele sussurrou: — Você não me mandou fazer isso. Exigiria uma barganha totalmente diferente para eu realmente ajoelhar para você.

Pego no enigma desconhecido, ela perguntou, —Que barganha seria suficiente?

Ele deu um sorriso lento. —Você tem que me dar um beijo.

O arco elegante de suas sobrancelhas levantou-se. — Apenas um beijo?

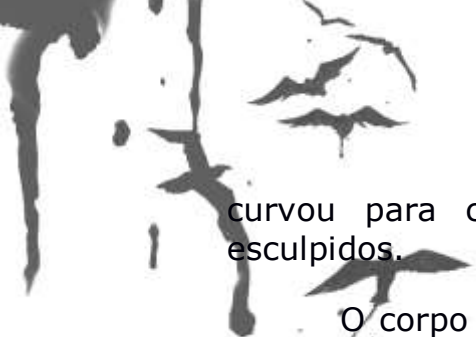
—Só isso.

—O negócio está feito, — ela disse.

—E aceito, — ele rosnou.



Carling colocou uma mão em seu ombro enquanto ela o rodeou para ficar na frente dele. Então ela deslizou as mãos ao longo da pele bronzeada pelo sol quente de sua mandíbula. Ela inclinou o rosto bonito e selvagem até o dela e ele a deixou. Em seguida, ela se



curvou para colocar seus lábios frios em seus quentes lábios esculpidos.

O corpo dela moveu-se no impulso de respirar de novo, e ela permitiu. O poder masculino envolvendo-a, temperado com sensualidade e calor, acariciando-a como uma brisa repleta de sol.

Ela levantou a cabeça e olhou para ele, estreitou os olhos e disse: —Você ainda não está realmente de joelhos por dentro.

Tap, tap, ela bateu o pé descalço.

Ele levantou uma sobrancelha.

—O que você esperava, Carling? — Ele respondeu. —Isso não foi um beijo de verdade.





CAPÍTULO 3

Seus olhos se estreitaram ainda mais. —O que quer dizer com não foi um beijo de verdade?

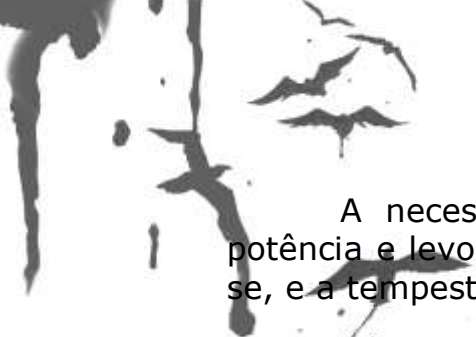
Rune recuou alguns centímetros para estudá-la mais de perto. Ela tinha que saber, não? Era muito antiga e sofisticada, e, afinal, passou sua juventude no passado da humanidade terrena. Deve ter tido incontáveis amantes. O leão nele mostrou os dentes e assobiou com o pensamento.

Centelhas de irritação começaram a piscar nos longos olhos egípcios amendoados dela. Rune ampliou seu próprio olhar. Ele tinha necessidade de absorver cada detalhe desta linda mulher mortal. Não queria piscar e perder nenhum momento.

De alguma forma Carling conseguiu fazer os conceitos de beleza e perfeição parecerem banais. Ele pegou no cabelo brilhante longo e escuro que balançava livre até a cintura delgada, com ruivos reflexos ricos ao sol, como se ela queimasse com um profundo fogo interno. Ele contemplou a linha graciosa de seu pescoço, mergulhando nas curvas da clavícula que se espalhava para fora em direção aos ombros bem torneados como as asas de uma pomba. Sentiu a plenitude madura de seus seios não contidos, em movimento debaixo da túnica preta solta, e click! o obturador em sua mente o levou de volta ao rio, quando ele olhou para os globos nus, redondos e voluptuosos, listrados com cicatrizes brancas e coroados com mamilos escuros eroticamente eretos, sentiu uma necessidade tão gritante que se tornou uma dor física e um tormento espiritual.



Enquanto ele podia se lembrar, Carling tinha sido uma singularidade. Mesmo ela estando sempre acompanhada por uma comitiva de altos, belos, elegantes e mortais Vampiros como assistentes, e mesmo que dentre eles estivessem frequentemente incluídos companheiros do sexo masculino, ela suplantou todas as outras estrelas em sua constelação, queimando com a intensidade de uma supernova. As mulheres viam-na como uma ameaça, e os machos a olharam com cobiça, e ela ensinou a todos a medida de suas próprias limitações.



A necessidade de Rune acelerou como um motor de alta potência e levou-o em um passeio de Harley-Davidson. Ele levantou-se, e a tempestade no olhar imperioso veio junto.

—Talvez você tenha esquecido, — ele disse em uma voz suave. —Deixe-me mostrar-lhe.

Foi a sua vez, de enquadrar o puro arco delgado do queixo dela entre suas grandes mãos calejadas, e ela deixou. Sua pele cor de mel estava fria ao toque, e seu Poder zumbia contra as palmas das mãos. Bom deus, como é que ela segura tudo isso e não rebenta voando pelas costuras?

Ele acariciou seus lábios com o polegar. Sua pele tinha uma textura sedosa, a carne macia cedendo sob a pequena pressão. Suas mãos estavam muito duras de lutas e outros trabalho braçais. A única maneira que ele poderia realmente saber a profundidade da suavidade requintada era cobrindo-a com a boca.

—Se eu puder, — ele murmurou.

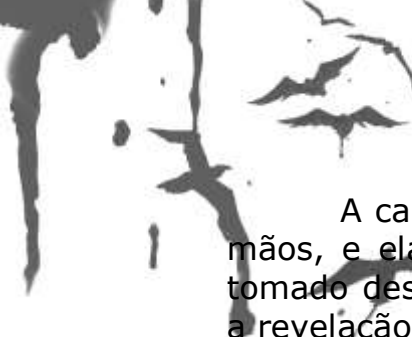
Ele inclinou a cabeça em direção a esse rosto incomparável, dando-lhe bastante tempo para reagir e dizer-lhe que não. Em seguida, lutou para esconder o estremecimento profundo quando ele cobriu os lábios dela com os seus, acariciando ao longo da extensão aveludada de sua boca, focando toda sua atenção em saborear a preciosa experiência.

E ela deixou.

Ele teve cuidado com ela. Deve-se tratar o mais raro dos tesouros com respeito. Inclinou delicadamente a cabeça dela no ângulo correto e ajustou sua postura de tal forma que mal roçou a frente de seu corpo. Colocou uma de suas mãos na junção entre a parte inferior de seu crânio e a curva delgada como haste de flor, do pescoço gracioso. Seus dedos eram tão longos que o envolveram sem esforço.



Ele a convidou para inclinar-se para trás em seu firme e envolvente apoio, levando-a nos primeiros passos de uma dança íntima. Ela o acompanhou, movendo-se apenas o tanto elegantemente que ele indicou e mais nada, deixando a cabeça descansar na mão dele, o que a fez arquear a coluna, languidamente. Santo inferno, ela seria a mais engenhosa e inteligente das amantes que compreendia as nuances intrincadas da dança, e sabia quando ouvir e responder a mais ínfima captura de um suspiro, e quando deixar soltar todo ruído incontrolavelmente.



A carne dela estava aquecida debaixo de sua boca, entre suas mãos, e ela respirou fundo. Era a terceira respiração que ela tinha tomado desde que eles se encontraram naquela manhã. A cada vez, a revelação o fez querer rosnar em triunfo.

Ele ousou levar o succulento e inchado lábio inferior entre os dentes e sugou-o, muito levemente.

Seus lábios tremiam e abriram-se.

O Grifo dentro dele rugiu.

Ele levou um tempo tomando o lugar secreto dentro da boca. Inclinou a cabeça de lado e enrolou a língua na sua. Ela fez um ruído gutural que era tão sensual que abalou sua alma e empurrou-o para uma mudança de paradigma³. Ela finalmente colocou os braços em volta do pescoço dele, inclinou-se toda contra seu corpo e beijou-o de volta.

O controle de Rune foi expulso para fora do planeta, deixando-o para trás agarrado a ela, maravilhado. Esmagou-a contra ele, com os braços ao redor da cintura, levantando-a do chão e cravando-a cegamente. Seu coração batia como uma grande marreta, e sua pele tornou-se um fino verniz que camuflava um pilar de fogo. Ele colocou a mão no quadril e segurou-a com força, em seguida, passou a mão compulsivamente pelo comprimento do seu tronco para a plenitude densa de seus seios. A colina arredondada e rechonchuda encheu sua palma ávida, e ela coube, ela só malditamente coube, como uma senha para uma fechadura de código inviolável. Um som saiu dela. Parecia cru e surpreso e ele engoliu-o. Seus dedos trêmulos procuraram e encontraram seu mamilo saliente por baixo do tecido.

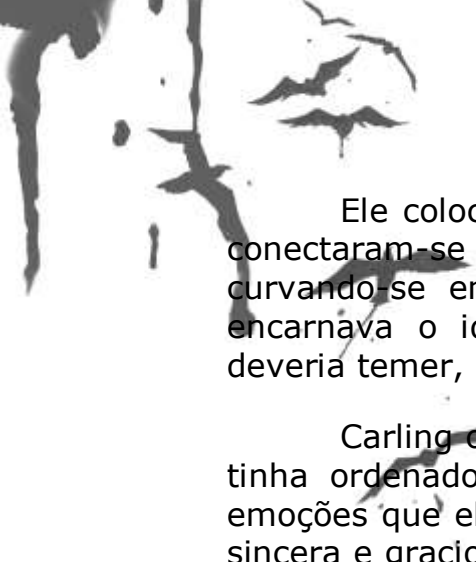
Ela o beijou de volta com a mesma ferocidade. Ela o fez, ele poderia jurar que ela o fez. Seu corpo tremia muito, e arqueou tenso de desejo.

Então ela afastou bruscamente o rosto. Ele recuou a cabeça para olhar para ela com uma interrogação cortante. Sua boca estava inchada, vermelha, e os olhos escuros estavam arregalados e vazios com o choque.

Em um fio incongruente de som, que era tudo o que restava de sua voz, ele disse: —Isso foi um beijo de verdade.

O olhar dela fixou-se nele. Seus lábios se moviam, como se ela fosse tentar dizer alguma coisa. Em seguida, ele lembrou-se da barganha que estupidamente tinha oferecido.

³ Mudança profunda em concepções fundamentais de pensamento. Mudança de princípios.



Ele colocou-a de volta para baixo, até que seus pés descalços conectaram-se com o chão de pedra, e caiu sobre um joelho de novo, curvando-se em total reverência à outrora Rainha Nightkind. Ela encarnava o ideal máximo que um homem desejaria e que ele deveria temer, e ela merecia ter o mundo colocado aos seus pés.

Carling olhou. Rune estava sobre um joelho de novo, como lhe tinha ordenado, mas desta vez ela podia sentir a partir de suas emoções que ele era verdadeiro. Ele rendeu uma plena homenagem, sincera e graciosa para ela. Ela podia ver claramente através dele, só que ao invés de humilhar o macho alfa despreocupado, de alguma forma enobreceu-o, assemelhando-se à corte de um cavaleiro medieval.

Em seguida, ela entendeu a emoção que havia sentido nele, porque lhe ensinou a sentir novamente.

Desejo. Ele olhava para ela e sentia desejo.

Como um súcubo, Carling tinha se tornado uma especialista em todos os sabores e nuances da emoção, mas havia muito tempo que ninguém tinha olhado para ela com desejo, muito tempo desde que ela mesma tinha sentido qualquer forma de desejo, ela sentiu como se estivesse experimentando isso pela primeira vez. Em seguida, um aumento selvagem de reação raivosa sacudiu através dela, e foi uma tempestade violenta e sombria. Quando ele levantou a cabeça, ela lhe deu um tapa tão forte que o balançou sobre seus calcanhares. Ela intencionalmente curvou os dedos em garras e cravou as unhas cruelmente, arrastando-as da maçã do rosto para mandíbula. Sangue brotou das feridas.

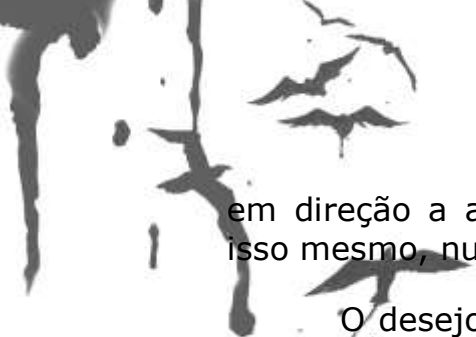
—Terminamos aqui, — ela disse através de seus dentes. — Agora, deixe a minha casa.

Ele olhou para ela, com sua expressão endurecendo. Deliberadamente, com calma, ele levantou uma mão para limpar o sangue que escorria do lado de seu rosto. Ela viu que as feridas já estavam fechando.

Ela não podia ficar olhando-o por mais tempo. Virou-se e saiu. Mal sabia onde estava indo. Para qualquer lugar longe, enquanto o tornado selvagem girava pelo cemitério da sua cabeça, soprando folhas através das lápides.



Ele a fez sentir coisas que ela não tinha sentido desde a Era do Gelo. Quantos séculos haviam se passado desde que ela tinha conhecido o desejo? Fazia tanto tempo, que tinha esquecido. Ela não devia sentir coisas como desejo ou anseio, ou esperar mesmo por um simples momento, a possibilidade de uma ramificação em sua vida



em direção a algo mal entrevistado e mortalmente bonito, e que por isso mesmo, nunca poderia ser dela.

O desejo não era um presente para alguém como ela. Em vez disso, era uma linda agonia.

—Eu sou uma mulher má, — ela sussurrou para si mesma. Duas lágrimas deslizaram por suas bochechas. Houve certa simetria nisso também.

Ela era uma mulher má, no final de uma longa vida ruim.



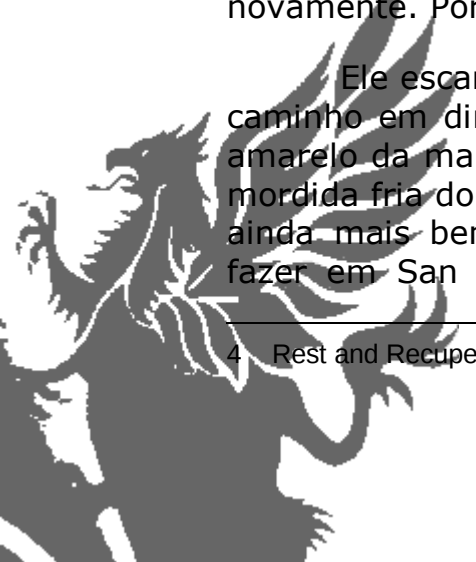
Rune levantou-se e limpou o resto do sangue de seu rosto enquanto ele observava a tempestade de Carling à distância. Excitado e furioso, ele respirou fundo e lutou para controlar o modo como o predador nele rugiu para ir à caça. Tensão vibrava através de seu corpo e fez o mundo sacudir.

Mas terminamos aqui, disse ela. E isso não significa não.

Eu tenho que admitir, Carling, pensou. Nunca é algo mundano com você.

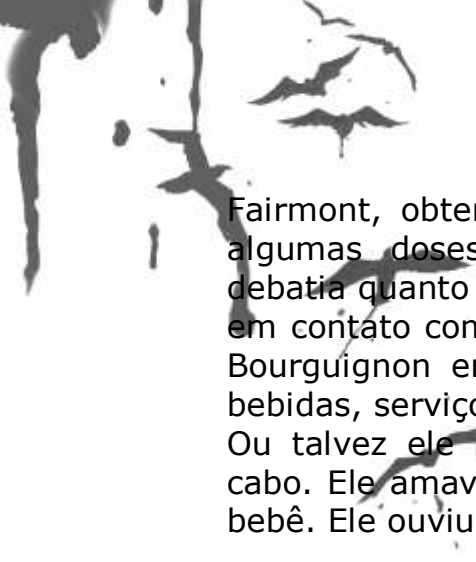
Ele estava livre para ir, a sua obrigação foi paga. O favor foi desperdiçado com uma mão perdulária, como se ela fosse uma criança mimada a quem tinha sido dado muitos brinquedos. Seus lábios se curvaram por cima de dentes cerrados.

No final, não foi o predador, seu senso comum ou a sua inteligência, mas seu orgulho que venceu. Ele pegou sua mochila. Ele havia deixado o recipiente à prova d'água que Duncan tinha dado a ele na praia. Era hora de seguir em frente. Ele poderia escapar para alguns dias de R & R⁴ antes de voltar para Nova York. Aparafusar sua cabeça de volta no lugar antes de ir para casa para lidar com Dragos novamente. Por Deus, ele tinha merecido muito isso, pelo menos.



Ele escancarou as portas da frente de par em par e andou pelo caminho em direção ao resto de sua vida. O incêndio quente do sol amarelo da manhã foi uma explosão de boas-vindas em seu rosto. A mordida fria do oceano, quando ele nadasse de volta à sanidade seria ainda mais bem-vinda. Havia um monte de coisas divertidas para fazer em San Francisco. Ele iria se registrar numa suíte no Hotel

4 Rest and Recuperation Descanso e Recuperação



Fairmont, obter algum tratamento cinco estrelas e ir em busca de algumas doses de *scotch* e um Boeuf Bourguignon⁵, enquanto debatia quanto tempo ele devia tomar para si mesmo antes de entrar em contato com Dragos novamente. Talvez o Fairmont tivesse Beouf Bourguignon em seu menu de serviço de quarto. Comida quente, bebidas, serviço cinco estrelas e um bom jogo em uma TV de plasma. Ou talvez ele pudesse encontrar um velho filme Gamera na TV à cabo. Ele amava aquela tartaruga japonesa, voadora e gigante. Sim, bebê. Ele ouviu seu nome ser chamado.

—Sentinela, espere! — Rhoswen chamou atrás dele. Seu apelo urgente foi acompanhado por latidos agudos e frenéticos. —Droga, seu pedaço de merda, volte aqui!

Como é a história? Incrédulo, ele inclinou a cabeça e girou com precisão lenta.

Rhoswen ficou na sombra, na porta da frente aberta, bem para trás do vazamento letal da luz do sol, enquanto uma pequena bola de pelo com ferozes olhos pretos em forma de botão e pequenos dentes brancos veio velozmente pelo caminho em direção a ele.

As sobrancelhas de Rune subiram. Se ele não estava enganado, essa bola de pelo era um Lulu da Pomerânia. Ele certamente viu a sua parte deles, vivendo em Nova York.

Vamos revisar.

Ele olhou para Rhoswen. Vampira. Então, ele olhou para o mordedor de tornozelo. Lulu da Pomerânia.

Ele verificou duas vezes. Vampira. Lulu da Pomerânia.

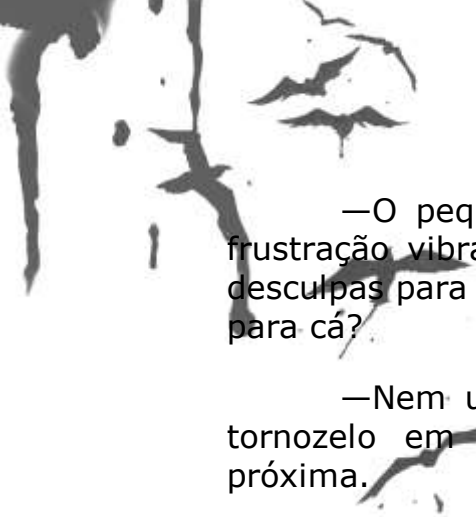
Ele disse a Rhoswen: —Você tem um cachorro.

—Não, — ela disse. O olhar de ódio que ela deu ao mordedor de tornozelo era claro, mesmo à distância. — Carling tem um cão. Eu só fui amaldiçoada, para cuidar dele às vezes. — Ela sibilou para ele: —Venha aqui!

Ele rosnou para Rune enquanto afundava seus dentes na bainha de sua calça.

O bom humor normal de Rune ressurgiu e ele começou a rir. —Carling tem um cachorro, — ele murmurou para si mesmo. —Não, Carling tem um Lulu da Pomerânia rude. — Ele levantou a voz e disse para Rhoswen, —Eu não acho que ele possa ouvi-la com todo o barulho que ele está fazendo.

⁵ Prato francês feito com carne. Os americanos também chamam Beef Bourguignon



—O pequeno monstro nunca me ouve, — Rhoswen disse. A frustração vibrava na bela voz da Vampira. Ela deu um sorriso de desculpas para Rune. —Você se importaria muito em trazê-lo de volta para cá?

—Nem um pouco, — Rune disse. Ele pegou o mordedor de tornozelo em uma mão e segurou-o para uma inspeção mais próxima.

Todas as quatro pequenas patas arranharam o ar, enquanto ele rosnava para Rune. Ele observou que dois de seus pés eram tortos. Rune disse: —Que pequeno Napoleão você é. — Ele caminhou de volta para a porta. —Por que Carling tem um cachorro?

—Eu não tenho ideia, — disse a Vampira. —Você teria que perguntar a ela. Sete meses atrás, nós estávamos viajando, de uma reunião Nightkind, de volta para a casa da cidade de Carling, em San Francisco, quando vi essa coisa no acostamento da estrada. Ele havia sido atingido por um carro. Eu ia torcer o seu pescoço e acabar como seu sofrimento, mas depois de Carling lançar um feitiço de cura sobre ele, insistiu em levá-lo a um veterinário. — Rhoswen olhou para Rune com indignação. —Ela cozinha frango.

Rune entregou o pequeno Napoleão para ela. Rhoswen agarrou o cão se contorcendo em seu peito, e seus olhos se encheram de lágrimas.

Ele franziu a testa. Ele nunca tinha visto Rhoswen perder a compostura. Ele disse, —Você não está chorando porque Carling cozinha frango.

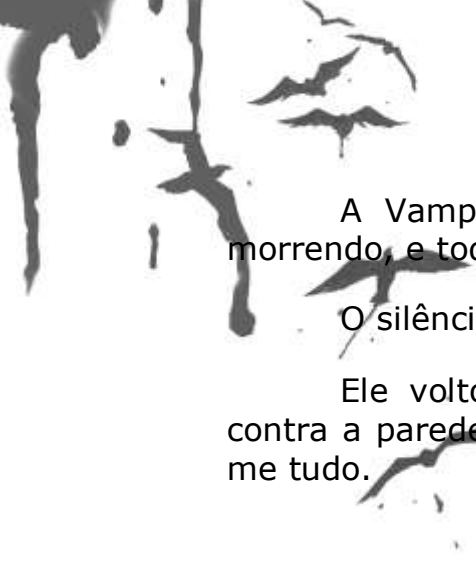
Rhoswen balançou a cabeça e cobriu o rosto com o corpo do cão.

Este é o ponto onde você cala a boca e cuida da sua vida, filho. Este é o ponto em que você vira de novo e vai embora. Portanto, faça sua bunda se mexer e pegue a estrada. Este não é o ponto em que você levanta a cabeça e percebe o que está observando por um tempo, e nota agora que algo está errado.

Ele levantou a cabeça e escutou. Não ouviu nada, só os sons do vento soprando através das árvores, e o grito agudo das gaivotas voando acima deles. Quando ele tinha visto Carling sem algum tipo de comitiva fluindo atrás dela como a cauda de um cometa?



Ele disse: —Por que você e Carling são as duas únicas pessoas na ilha?



A Vampira disse em uma voz abafada, —Porque ela está morrendo, e todo mundo está com medo.

O silêncio sombrio se abateu sobre Rune, inteiro.

Ele voltou para dentro, fechou a porta, pôs a sua mochila contra a parede e disse a Rhoswen, —Eu acho que é melhor contar-me tudo.



Carling sentou em sua poltrona, que estava, precisamente posicionada, em frente à janela para que uma réstia de sol da manhã caísse no chão a poucos centímetros de seus pés nus.

Ela olhou para os raios transparentes de sol inclinados no ar à sua frente. Eles derramavam-se por todo o lado, uma riqueza de luz mais extravagante do que o tesouro de um rei e mais mortal do que erva mata-cavalo. Ela deixou cair o escudo protetor de Poder que manteve envolto perpetuamente em torno dela como de um manto. O escudo que lhe permitiu andar em plena luz do dia. Sem ele, ela iria queimar até a morte, tal como qualquer outro Vampiro.

Ela não se lembrava do prazer de desfrutar do sol quente. Lembrou o fato, mas não a sensação. Será que era como se aquecer no brilho do fogo? Era assim que ela imaginava, de qualquer maneira.

Agora, tudo que o sol prometia a ela, era dor e imolação.

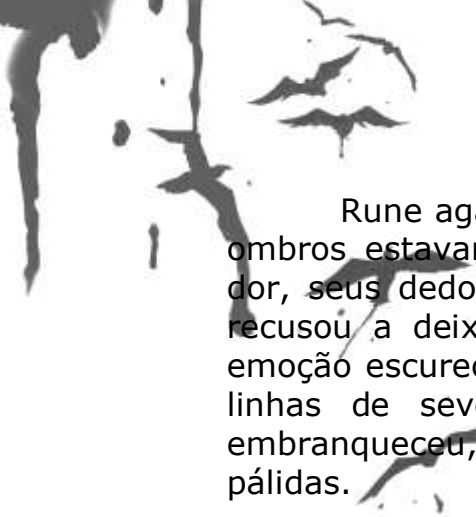
Estendendo os dentes, ela colocou a mão para fora e tocou a luz do sol.

A dor agonizante a incendiou. Ela viu fumaça subindo de sua pele e o cheiro de sua própria carne queimada. Uma fração de segundo era quase mais do que podia suportar. Uma exposição mais longa e sua mão iria explodir em chamas. Segurou a mão e olhou para as bolhas que se formaram ao longo dos dedos e das costas. As bolhas começaram a se curar, enquanto observava.

Ela se abraçou e banhou a outra mão na luz difusa.



Uma voz profunda e familiar praguejou perto. Alguém agarrou o seu braço em um aperto forte e empurrou-a, com poltrona e tudo, vários metros para trás do sol. Os pés de madeira da cadeira arrastaram ao longo do piso. Ela piscou até que sua visão clareou.



Rune agachou-se à sua frente, os longos músculos dos amplos ombros estavam contraídos. Segurou-a pelos pulsos. Tremendo de dor, seus dedos se enroscaram, e ela tentou se soltar, mas ele se recusou a deixá-la ir. Forte como ela era, ele era mais. Extrema emoção escureceu seu olhar, e seu rosto bonito estava marcado por linhas de severidade. A pele ao redor da sua boca esticada embranqueceu, enquanto ele observava as bolhas em suas mãos pálidas.

Carling olhou-o com ar cansado. Depois de sua tempestade emocional mais cedo e o duplo abalo de dor agonizante, ela não sabia se ela tinha a energia para enfrentar a determinação típica de Rune, sua energia vulcânica. A presença que dinamitava seus nervos hipersensíveis.

—Desculpe por isso, — Rune disse, sua voz era controlada e uniforme. O aperto rígido em seus braços relaxou e tornou-se suave. —Eu tive uma reação instintiva, quando eu vi a sua mão queimar. Isso ajuda?

Seu olhar cansado virou especulativo. Seu controle não era tão reconfortante como poderia ter sido, unido à revolta violenta que podia sentir assolando através de suas emoções.

—O que quer dizer, com isso ajuda? Alguém está falando o que não deve? Eu lhe disse para ir. O que você ainda está fazendo aqui?

—Sim, alguém falou, — Rune disse. —Eu sei tudo, ou pelo menos eu sei tudo o que Rhoswen sabe. — Ele deixou suas mãos escorregarem para baixo dos braços dela para apertar seus dedos com cuidado. —Vamos, me diga. Por que você se queimou?

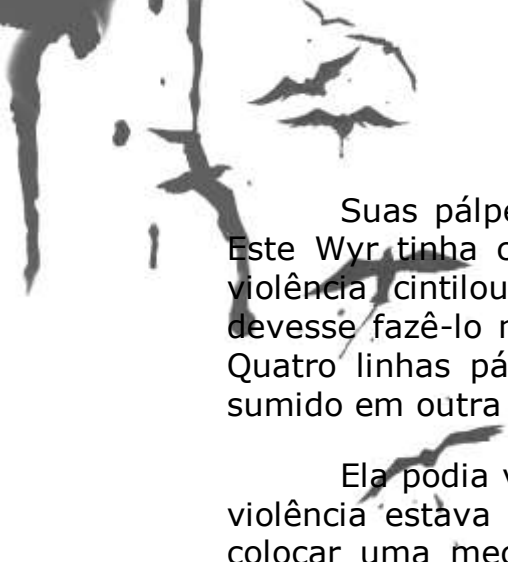
Ela olhou por sobre os ombros largos em direção à luz do dia, e escolheu não lutar para retomar suas mãos. As dele eram quentes e calejadas, com amplas palmas e dedos longos. —Às vezes a dor me ajuda a lutar contra um episódio.

—Rhoswen chamou de enfraquecimento. É isso o que é?

—Na verdade não, — ela disse. —É uma dissociação da realidade. Às vezes eu vou para o passado. Às vezes eu não sei onde vou.

Rune soltou uma de suas mãos e a deixou cair em seu colo. Ele tomou seu longo cabelo escuro e o jogou para trás dos seus ombros.





Suas pálpebras baixaram e ela olhou de soslaio para a mão. Este Wyr tinha coragem, ela lhe dava crédito. Um impulso para a violência cintilou através dela. Ela bateu nele uma vez. Talvez devesse fazê-lo novamente. Seu olhar ergueu-se para o rosto dele. Quatro linhas pálidas ainda marcavam o rosto magro. Elas teriam sumido em outra meia hora ou algo assim.

Ela podia ver em seus olhos que ele sabia que seu impulso de violência estava lá. Isso não o impediu de chegar mais perto para colocar uma mecha de seu cabelo atrás da orelha, acariciando ao longo da concha delicada de carne. Ele tocou-lhe como tinha feito antes, como se ele achasse que ela era perfeita, além de todas as palavras, sua expressão calma, sem medo. Isso a confundiu. Por que ele faria uma coisa dessas? Por que seu toque fazia com que ela sentisse uma dor violenta e sombria?

Por que sua outra mão ainda descansava nele?

—Eu não acho que você é um homem muito sensível, — ela murmurou.

—Sem dúvida, você está correta, — ele respondeu. — E eu ainda estou aqui porque eu tenho que lhe fazer uma pergunta. Por que você tem um cachorro?

—Rhoswen perguntou-me isso muitas vezes, — ela disse. —Eu não sei por que. Ele estava gravemente ferido quando o encontramos, tinha quase metade do peso normal, o veterinário achou que tinha estado perdido por algum tempo, e então havia sido atingido por um carro. Para um ser tão pequeno, ele tem uma centelha feroz de espírito. Mesmo estando todo quebrado ele não ia morrer. — Ela encolheu os ombros. —Então eu o trouxe para casa.

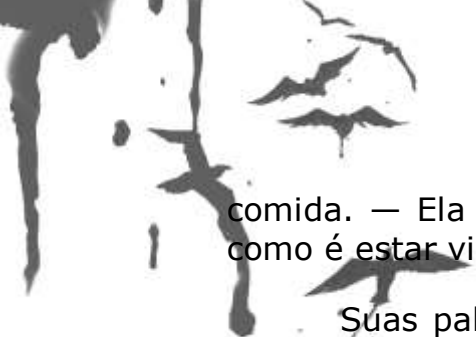
O olhar de Rune estava muito interessado enquanto inspecionava seu rosto. O que ele achava ter visto nela? — E agora você cozinha frango para ele, — ele disse.

—Ele fica tão feliz em comer, — ela disse. E olhou para baixo. Sua mão ainda estava em Rune. Ele estava esfregando os seus dedos curados com o polegar. —Dançando extremamente excitado⁶ e feliz.

—Devo dizer que ele tem um ponto aí, — Rune disse com um sorriso torto.

—Eu estive tentando lembrar o que é passar fome, — Carling disse. —Eu cozinho o frango, sinto-o e digo para mim mesma, isto é

⁶ Fit-to-be-tied no original. Música de Joan Jett virou sinônimo de agitação ou raiva.



comida. — Ela sussurrou, —eu acho que eu estou tentando lembrar como é estar viva antes de morrer.

Suas palavras passaram através do silêncio da sala como um espectro.

Rune ainda estava agachado aos seus pés, como um grande leão. Sua presença era mais intensa do que a de um incêndio. Ele não só a aquecia, ela sentia-se nutrida e revitalizada. Ele levantou os dedos aos lábios e beijou-os. —Eu preferiria muito mais tentar encontrar uma maneira de mantê-la viva antes que você possa morrer, — ele disse.

Ela se mexeu. —Rune, — ela disse.

Seu olhar feroz capturou e segurou o dela. —Você jogou fora aquele favor que eu lhe devia.

—Eu fiz pior do que isso, — ela disse. Ela tocou seu rosto com um dedo. —E eu posso fazer novamente.

Ele revirou os olhos. Que homem incrivelmente bonito ele era. —Então, o que, — ele disse. —Eu beijei você e você me deu um tapa. Que completa heroína você é.

—Você tem que estar brincando, — ela disse.

—Completa. Heroína.

Ela se inclinou para frente, para que ela pudesse olhar melhor para ele. —Você usa as roupas mais horríveis. Olhe para você, com seu jeans rasgado nos joelhos. Quem gostaria de vestir uma camiseta assim, com os cabelos do peito aparecendo? Isso é ridículo.

—Não desvie o assunto, Jerry Garcia, — Rune disse. Seus fortes traços foram enrugando em um sorriso afiado, felino. —Você não pode falar, a maneira como você anda naquelas túnicas egípcias sem um pinga de roupa íntima por baixo. Senhora, eu tenho observado você e eu posso dizer.

—Você estava me observando desde que eu saí do rio, — ela sussurrou. —Eu posso dizer.

—Eu não fui capaz de ir embora, — ele sussurrou, —porque você é deslumbrante. Na verdade, você pode ir em frente e me bater de novo, se quiser. Vamos acabar com isso, porque eu acho que eu vou ter que te beijar de novo, e isso vale tão fodidamente a pena.

O desejo estava de volta. Isso rugiu fora dele, ou para ela. Ela não tinha certeza, não poderia dizer qual dos dois era. Ele se inclinou



para frente, e ela sentou-se bruscamente e colocou uma mão contra os músculos rígidos de seu peito.

—Rune, — ela disse novamente, com a voz fria e clara. — Pare.

Seus olhos se estreitaram. —Por quê? Você estava totalmente comigo naquele beijo.

—E você é um tolo. — Ela empurrou-o com força. Ele recuou vários metros, caindo no derramamento total do sol da manhã. Ele apoiou-se de volta em suas mãos e olhou para ela em avaliação, a grande beleza poderosa de um homem, com a rica pele bronzeada esticada sobre um corpo longo, sinuoso e graciosamente musculoso. Doía olhar para ele.

Ela se levantou e caminhou até a borda da luz do sol, e seu sorriso preguiçoso desapareceu. Ele ergueu-se mais rápido do que ela já o tinha visto mover-se, e colocou seu corpo entre ela e a luz do sol.

—Olhe para nós, — ela disse. Seu rosto e os olhos eram duros. Ela fez um gesto para os dois, para ele de pé, banhado na luz do sol e ela na sombra. —É por isso. E um de nós está morrendo.

—Retiro o que disse, — disse Rune. —Você não é uma heroína total. Você é uma rainha do drama. — Ele bateu nos ombros dela com a palma de suas mãos e ela recuou de volta um passo. Ela olhou para ele em choque, quando ele saiu da luz do sol para a sombra. — Bem, olhe para isso. É uma linha perfeitamente permeável. Você pode atravessá-la também, quando você estiver protegida.

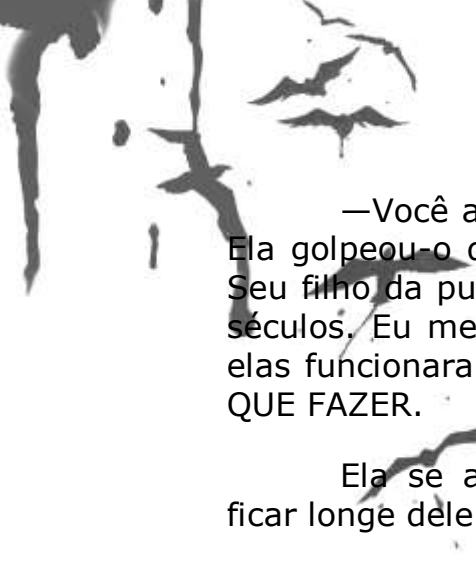
—Como você se atreve? — Ela sibilou.

—As pessoas sempre esquecem que tenho esse lado em mim. Eu não sei por quê. Você pode ser surpreendida com o que eu me atrevo, — Rune disse. Ele avançou para ela, com sua expressão em chamas. —O que você acha? Você iria só se sentar aqui na sua ilha solitária e morrer?

Ele parecia furioso, magnífico. O olhar dele preso no dela. Ela se tornou um borrão com sua velocidade mortal e o atacou. Ficou chocada de novo, quando ele rachaçou o golpe. Santos deuses, ele foi rápido.

—Eu tenho notícias para você, princesa, — ele rosnou. —É hora de ligar o foda-se e fazer algo para salvar sua própria vida.





—Você acha que eu não tentei? — Ela gritou. A raiva a cegou. Ela golpeou-o de novo, e desta vez conseguiu acertá-lo no peito. — Seu filho da puta insolente. Eu tenho pesquisado isso por quase dois séculos. Eu me mediquei com as minhas próprias poções de cura, e elas funcionaram por um tempo, mas agora não. Eu não sei MAIS O QUE FAZER.

Ela se afastou e dirigiu-se para frente, selvagememente para ficar longe dele.

Ele inspirou e pulou para segura-la contra seu peito.

Ela congelou quando percebeu o que tinha feito. Ela quase saiu sem blindagem em plena luz do dia.

Ela olhou para a linha que quase tinha atravessado. Rune abraçou-a por trás e segurou-a com tanta força que ela sentiu seu batimento cardíaco contra a pele entre as omoplatas. Ambos estavam respirando pesadamente.

—Isso foi incrivelmente idiota de minha parte, — ela disse. Ela teve que limpar a garganta antes que pudesse pronunciar as palavras. —Felizmente eu não sou muitas vezes tão estúpida, ou não teria sobrevivido por tanto tempo.

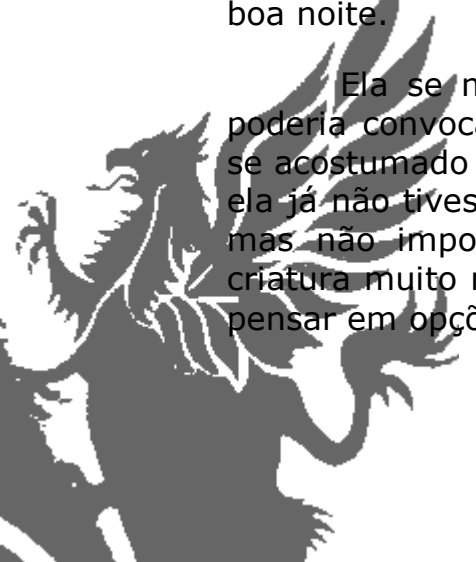
Ela reformulou o feitiço escudo e a energia brilhou sobre sua pele.

Ele deve tê-la sentido lançar o feitiço, mas ele não fez nenhum movimento para deixá-la ir. Em vez disso, ele colocou a cabeça em seu ombro.

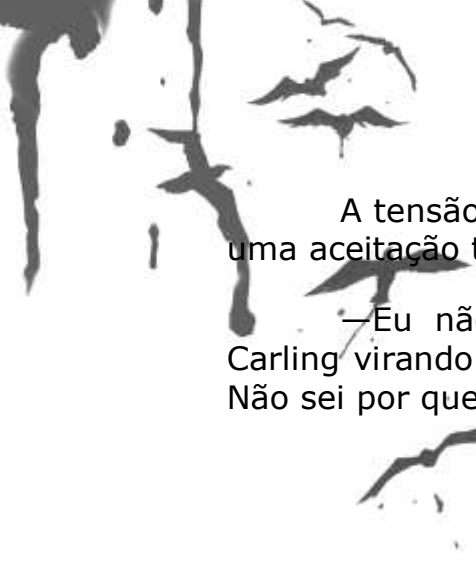
Ele disse contra seu cabelo, —eu ainda devo-lhe um favor.

Ela suspirou. —Você não me deve nada, — ela disse. —Está perfeitamente livre, como a natureza quer que você seja.

—Então esqueça o maldito favor, — Rune disse. —Eu ainda vou ficar. Nós vamos encontrar uma maneira de fazer isso melhor, Carling, porque eu não estou pronto para você ir suavemente, dando boa noite.



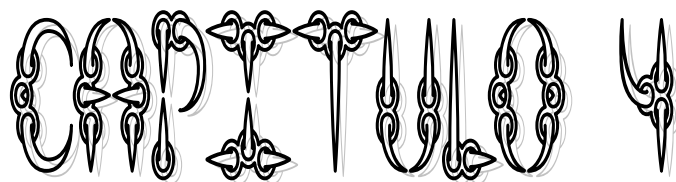
Ela se manteve tensa quando considerou suas palavras. Ela poderia convocar a energia e o interesse de viver, quando ela tinha se acostumado com a ideia de morrer? O que Rune poderia fazer, que ela já não tivesse feito? Ela era uma feiticeira no auge do seu poder, mas não importa o quão velha ou realizada, ele ainda era uma criatura muito mais velha. Ele poderia muito bem saber de coisas ou pensar em opções que ela não tinha tentado.



A tensão deixou seu corpo, e ela descansou encostada nele em uma aceitação tácita.

— Eu não tenho ido suavemente a nenhum lugar, — disse Carling virando a cabeça para colocar sua bochecha contra a dele. — Não sei por que a morte deveria ser diferente.





Rune continuou abraçando-a enquanto saboreava a sensação do corpo flexível de Carling em seus braços, o seu rosto frio contra o dele.

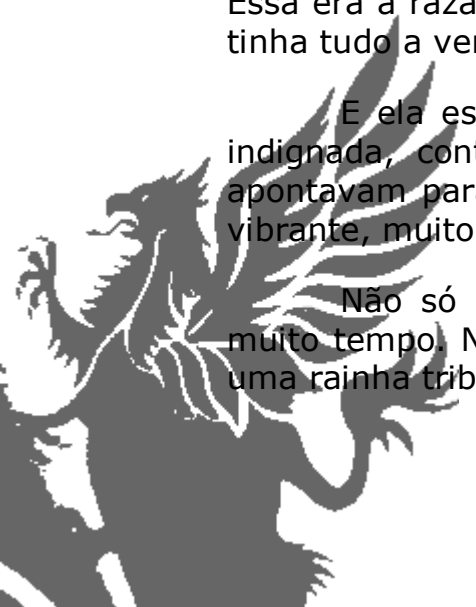
Ela fazia todos os seus sentidos vibrarem. O peso de seu corpo encolhido descansava em seus braços, e ele sentiu sua pele incrivelmente macia contra seu próprio rosto castigado pelo tempo. A fragrância apimentada que ela usava povoou sua imaginação com imagens de lugares distantes, enquanto por baixo, carregava o cheiro delicioso, sexy de uma mulher excitada. A volatilidade inteligente e perigosa da mente dela, despertou-o para um afiado estado de alerta, e uma amostra vaporosa de seu poder acariciou-o todo, como um gato preto lustroso enrolando-se em torno de seus tornozelos. Suas garras coçaram para sair. Ele queria pegar o lóbulo delicado de sua orelha entre os dentes e sugá-lo. Ele queria arranhar as paredes.

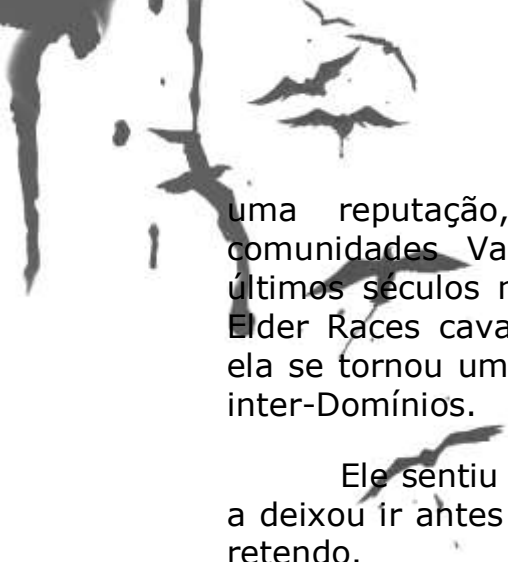
Ele sabia que tinha de bloquear esse fascínio que havia desenvolvido por ela. Na verdade, logo que ele conseguisse uma abertura em sua movimentada agenda, ele planejava fazer alguma coisa sobre isso. Havia tantos motivos para fazê-lo, que ele cansou só de pensar em enumerá-los todos. O pequeno gesto de Carling entre a luz e a sombra pode tê-lo irritado, mas o simbolismo também demonstrou todo o peso das diferenças complexas entre eles, em termos de estilo de vida, raça e lealdade política.

Ele também sabia que não estava errado. Ele ainda podia sentir o comprimento sensual dos braços dela enrolados ao redor de seu pescoço antes. Ela o beijou de volta e ela tinha gostado muito. Essa era a razão para o choque que tinha visto nos olhos dela, e que tinha tudo a ver com o motivo de tê-lo esbofeteado.

E ela estava morrendo. Tudo dentro dele gritou em negação indignada, contra isso. Não parecia possível. Todas as evidências apontavam para ela estar em perfeita saúde. Sua energia era muito vibrante, muito vital.

Não só isso, ela tinha sido um 'fato' na sua existência, por muito tempo. No início, era só um vago rumor que ele tinha ouvido, uma rainha tribal do deserto do norte do Saara. Em seguida, ela criou





uma reputação, enquanto ascendia de posição dentro das comunidades Vampíricas do Mediterrâneo antigo. Durante estes últimos séculos na América do Norte, enquanto vários Poderes das Elder Races cavaram seus nichos políticos e fronteiras geográficas, ela se tornou uma realidade no poder de intermediação nas relações inter-Domínios.

Ele sentiu a sua intenção quando ela começou a se mover. Ele a deixou ir antes que ela tivesse a chance de achar que ele a estava retendo.

Sua mente afiada em linhas cristalinas de lógica voltou-se para o tema em questão. Ele disse: —Eu gostaria de saber quais os passos que você seguiu e conhecer a pesquisa que você fez. Não há nenhum ponto em ir em terreno já coberto.

—É claro, — Carling disse. Ela franziu o cenho enquanto o considerava. Então, aparentemente, tomou alguma decisão e lhe disse: —Venha comigo.

Ele caminhou ao lado dela. Ela o levou por um caminho diferente através da casa. Rhoswen tinha desaparecido com o cão, talvez para descansar. Embora Vampiros pudessem muitas vezes permanecer sem dormir durante todo o dia, e às vezes por dias a fio, isso funcionava como uma pressão sobre eles, como ficar a noite toda acordados seria para a maioria dos seres humanos.

Carling o levou para fora, na parte dos fundos, através de uma horta banhada pelo sol brilhante, onde tomates maduros, pimentões verdes e pepinos derramavam-se pelo chão. Ela foi por um caminho curto para uma casa de pedra situada em um bosque de eucaliptos e palmeiras. Ele podia sentir a energia no edifício enquanto eles se aproximavam, saturada de sua presença feminina.

Ela parou na porta de madeira em arco, pegou na maçaneta da porta, e falou uma palavra. Houve o pequeno som de um clique metálico, um empurrão, e a porta se abriu.

Ela disse: —Eu tenho outro escritório na minha casa na cidade, mas prefiro trabalhar em questões relacionadas com magia ou Poder aqui, onde eu possa controlar melhor as consequências de eventuais imprevistos e não há tantas pessoas ao redor. — Ela fez um gesto, em convite.



Ele entrou e olhou em volta com interesse agudo. A casa era maior do que ele tinha pensado inicialmente. Parecia limpa e arejada com piso de carvalho polido. A sala principal e corredor curto eram pintados de um suave verde, com enfeites creme. Duas poltronas estavam em frente de uma lareira, e havia também uma mesa de



madeira e bancos, bancadas nuas, um fogão a lenha, uma pia e armários.

Carling caminhou por um corredor curto, e ele seguiu seus passos, até um pequeno banheiro de aparência moderna e azulejos azuis e dois outros quartos, um pintado de laranja quente e o outro de um dourado rico. Ambos os quartos possuíam altas estantes de madeira que estavam cheias de livros. Rune teve um vislumbre de uma prateleira que era composta de cubículos que pareciam estar preenchidos com rolos de papiro. Ele tinha certeza de que estava olhando para uma das coleções mais raras de folclore e magia no mundo, acumulada, sem dúvida, ao longo de muitos séculos de pesquisa paciente e esforço.

Carling entrou em um terceiro quarto onde uma cadeira de mogno e couro foi colocada estrategicamente perto das portas de estilo francês. Os tons neutros da sala trouxeram-lhe o olho imediatamente para o pequeno pátio privado e murado, onde uma profusão de plantas e flores brilhantes cresciam do outro lado das portas. O resto da sala estava cheia de armários de arquivos e o que parecia ser um velho guarda-roupa grande, de madeira esculpida, com símbolos que pareciam brilhar. As portas da frente tinham uma trava de metal manchada pela idade.

Quando ele olhou para o guarda-roupa entalhado, algo se arrastou ao longo das bordas de sua mente. Isso era uma perversão escura e oleosa de um sentimento. Seu lábio levantou em um grunhido instintivo.

Carling bateu com o punho na madeira quando ela passou e disse: —Cale-se.

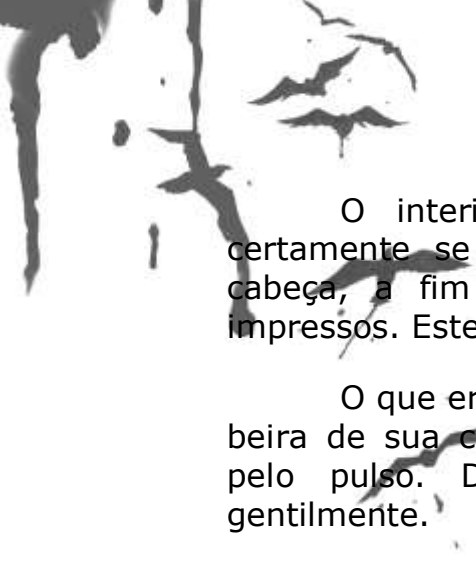
O sussurro parou abruptamente.

Bem, isso agora era demais para deixar passar sem comentários, então nem sequer tentou. Ele disse: —O que está no guarda-roupa?

Ela olhou para ele. —Livros que não se comportam.

Livros mal-comportados? Não se preocupando em esconder seu ceticismo, ele disse, —Uh-huh.

Ela estreitou os olhos e voltou para o guarda-roupa para destrancá-lo com outra palavra cheia de Poder. Então, abriu as portas completamente, deu um passo para o lado e fez um gesto de virar rápido os seus dedos. —Veja por si mesmo.



O interior estava preenchido com prateleiras e, o que certamente se presume livros. Rune se aproximou, inclinando a cabeça, a fim de ler as lombadas. Não havia quaisquer títulos impressos. Estes livros foram costurados à mão e muito antigos.

O que era isso...? O sussurro começou de novo, muito baixo, à beira de sua consciência. Ele estendeu a mão e Carling agarrou-o pelo pulso. Depois do forte aperto inicial, ela o empurrou gentilmente.

—Estes só devem ser manuseados com luvas, — ela disse.

—A magia é muito escura e invasiva.

—Você os faz soar como infecciosos, — ele disse, olhando para ela. —Isso não é feito de couro.

—Bem, — ela disse, —é um certo tipo de couro.

Suas sobrancelhas despencaram em uma carranca feroz e suas narinas pinicaram com desgosto. —Sua magia não parece negra como esta.

—Isso porque ela não é. — Ela fechou e trancou as portas novamente. —Eu tive minha cota de erros ao longo dos séculos, mas eu estou contente de dizer que em matéria de Poder, a magia negra não foi um deles. Ela exige um nível muito elevado de sacrifício. Ela come tudo o que lhe dá e depois pega sua alma.

—Então por que você os mantém?

O olhar que Carling lhe deu, tinha se transformado numa interrogação. Ela caminhou até sua mesa. —Você não estuda as ferramentas que seus inimigos usam?

Ele cruzou os braços sobre o peito e franziu a testa. —Sim, mas, geralmente, essas ferramentas não são... infecciosas.

—Onde os métodos de tratamento para o vírus Ebola estariam, se não fossem estudados? Isso não é diferente e, acredite, eu tomo precauções. Felizmente a necessidade de consultar esses arquivos é rara, e é por isso que às vezes ficam inquietos. Coisas que são feitas com magia negra sempre estão com fome e nunca estão satisfeitas.

—Você fala sobre eles como se estivessem conscientes. — Ele olhou para o armário, e os pelos da sua nuca se eriçaram.

—Eu acho que eles estão, pelo menos, semiconscientes. Algo permanece de seus criadores, junto com algo das almas das vítimas que foram sacrificadas em sua criação. — Ela sentou-se à mesa e



abriu a gaveta menor, que estava destrancada. Ele podia ver que continha arquivos rotulados organizadamente. Ela tirou uns poucos cadernos e fechou a gaveta. —Isto é o resumo dos últimos séculos do trabalho que eu fiz na tentativa de encontrar uma maneira de impedir a progressão do vampirismo.

Ele a olhou com um olhar penetrante. —E travar a progressão da doença é preferível, do que encontrar uma cura, porque a cura poderia torná-la humana de novo?

—Teoricamente. Infelizmente, muito disto ainda é teórico, porque realmente não há nenhuma cura conhecida. E há sérios problemas e questões, que podem fazer a “cura” nunca ser encontrada. — Ela entregou os cadernos para ele.

Ele abriu o primeiro caderno e olhou para a primeira página. Ele foi escrito pela mesma mão pura que havia criado as etiquetas dos arquivos. —Eu gostaria de saber como uma cura seria testada, — ele comentou. —Onde e em quem?

Ela encolheu os ombros. —Talvez um grande centro médico com foco em pesquisa possa, como o Johns Hopkins University. Pode haver vampiros que são infelizes o suficiente para que estejam dispostos a assumir alguns riscos, mas não houve nenhum código de ética desenvolvido para ensaios clínicos, porque não há nada que tenha sido desenvolvido com sucesso suficiente para testar.

—Quais são as outras questões que preciso considerar? — ele questionou.

Ela olhou-o por um momento, como se organizasse seus pensamentos. Então disse: —Quais são as consequências de uma cura em potencial? Poderia um Vampiro “curado” ser transformado novamente, e em caso afirmativo, quais seriam os resultados? Ou seria irreversível para um vampiro, como o vampirismo é agora para os seres humanos? Será que um Vampiro simplesmente voltaria a ser humano? Qual seria o seu estado de saúde quando eles voltassem? Será que eles seriam como antes? Alguns Vampiros eram doentes terminais de outras doenças, antes e se transformassem. Ou haveria outras complicações, como, por exemplo, o envelhecimento acelerado, ou um sistema imunológico comprometido? E as complicações aumentariam em gravidade de acordo com a idade do Vampiro envolvido?

Ele balançou a cabeça. —Nesses cenários, a cura seria literalmente de matar.

—Sim. — Carling reuniu seu longo cabelo escuro junto e torceu-o em uma longa trança que ela acabou em um nó. Ela fixou o



nó no lugar com dois lápis da mesa, seus movimentos eram rápidos e econômicos.

O olhar de Rune permaneceu no pesado cabelo torcido cor de zibelina enrolado no pescoço elegante de Carling. Ele queria vê-la prender o cabelo de novo, e ele lutou contra o impulso pueril e súbito de arrancar os lápis. Seu cabelo iria derramar-se para trás, como a areia numa ampulheta, a seda espirrando como a água negra contra as curvas femininas bem torneadas de seu traseiro. Ela daria a ele aquele olhar rápido irritado, ou ficaria mais irritada ainda. Talvez tentasse bater nele de novo, e ele iria pegar seu pulso e puxá-la para ele...

A excitação afundou suas garras afiadas nele e escavou em profundidade. Seu corpo se endureceu e ele virou-se para escondê-la.

Caminhando até as portas francesas, ele abriu o caderno superior e folheou-o em seguida, olhou rapidamente para os outros. Havia talvez 250 páginas ao todo, o que era muito conciso, dada a quantidade de tempo e esforço que ela tinha colocado na pesquisa. Ela chamou de "resumo", o que significaria que, em algum momento, ela havia descartado tudo que não servia.

Ele voltou para o primeiro caderno e leu algumas linhas. Bateu um dedo na página e murmurou, —Isto não é uma leitura leve.

—Eu poderia resumir verbalmente para você, — Carling disse. —Mas não recomendo.

Ele não queria ouvir qualquer resumo verbal antes que ele tivesse tido a chance de olhar para os detalhes de sua pesquisa e chegar a suas próprias conclusões, mas estava curioso sobre seu raciocínio, então ele perguntou: — Por que não?

Ela lhe deu um sorriso amargo. —Eu já não confio na minha mente e você também não deveria.

A dor em seus olhos escuros era terrível. Ele notou a maneira rígida com que ela se mantinha e era esperto demais para oferecer um gesto de conforto físico. Respirou profundamente e deixou o ar sair lenta e calmamente. — Muito bem, — ele disse depois de um momento. —Você quer que eu leia isso aqui?

—Não importa, — ela disse. Seu olhar cintilou e desviou-se. Ela olhou pela janela para o pequeno pátio. — Temos a ilha para nós. Você pode ler onde você se sentir mais confortável.

—Tudo bem. — Ele quis a deixar sua espinha rígida relaxar, para que a dor fosse embora. Mais para distraí-la do que por sentir



realmente fome, ele disse, — Tem mais do frango que você cozinhou para o cão?



Rune era muito... qualquer coisa.

Na cozinha, Carling jogou vários grandes pedaços de carne na frigideira e olhou para eles. Pela segunda vez naquele dia, o cheiro, o calor e o som do frango tostando encheram o ar.

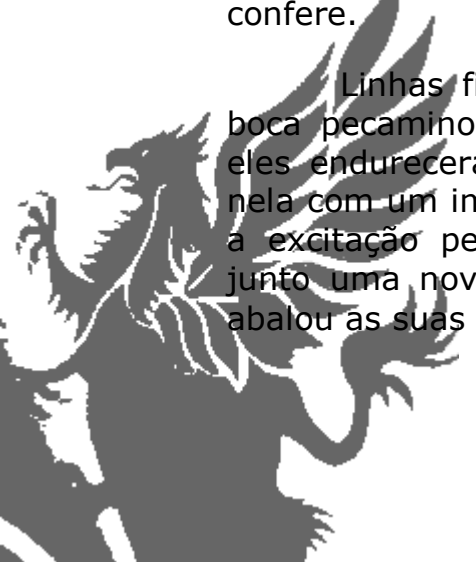
Ele era mesmo o que? Quais eram as palavras que ela estava procurando?

Olhou-o por cima do ombro. Apenas sentando-se à mesa enorme, em estilo country, na cozinha de tamanho industrial, ele fazia a sala e os móveis parecerem quase normais. Com essas longas pernas e ombros largos, aquele torso e seus típicos passos largos e rápidos, forte e confiante, ele dominava todos os aposentos em que entrava.

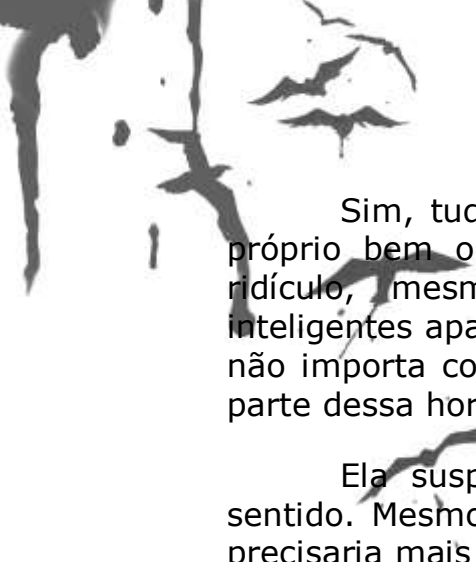
Ele era definitivamente muito grande. Confere.

Sua cabeça estava inclinada sobre o primeiro caderno. Ele encostou a testa no pulso dobrado de um lado enquanto lia. Seu cabelo longo na altura do ombro, havia secado de seu mergulho matinal. A aparência descuidada e desgrenhada a fez querer pegar sua escova de cabelo e alisar os emaranhados. Seus bronzeados traços cinzelados mostravam concentração. As suas maçãs do rosto marcadas e duras, eram equilibradas pelo nariz forte em linha reta, um queixo estreito e quadrado que tinha algo de uma tendência obstinada, e a boca de corte elegante e sensual.

Bem, ele era obviamente muito bonito. Era a estrela de rock dos Wyr, famoso não só entre as Elder Races, mas também na sociedade humana por sua boa aparência, então tudo bem, porra, confere.



Linhas finas enquadravam os cantos de seus olhos e a sua boca pecaminosa. Ela pensou na sensação daqueles lábios quando eles endureceram sobre os dela, como sua língua tinha penetrado nela com um impulso quente. Ela deixou seus olhos fechados quando a excitação perfurou seu corpo com uma intensidade que trouxe junto uma nova onda de choque. Apenas a memória de um beijo abalou as suas estruturas.



Sim, tudo bem, ele era muito sexy e carismático para o seu próprio bem ou de qualquer outra pessoa. Carling sempre achou ridículo, mesmo irritante, como tantas mulheres sensatas e inteligentes aparentemente perdiam a cabeça ao chegar perto dele, e não importa como ele a afetasse, pelos deuses, ela nunca iria fazer parte dessa horda. Preferia saltar do penhasco mais próximo.

Ela suspirou. Na verdade, isso seria um gesto muito sem sentido. Mesmo ela já estando nos estágios finais da doença, ainda precisaria mais do que apenas um simples mergulho de um penhasco para matá-la.

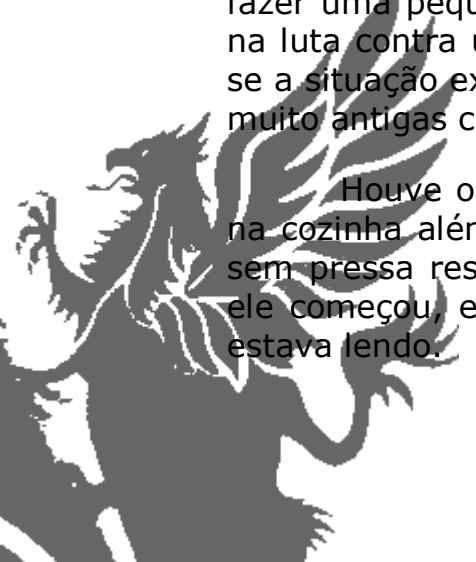
O frango fritando chiou e o óleo quente lhe bateu no rosto. A picada foi insignificante em comparação com o sofrimento e a agonia do sol, mas foi o suficiente para chamar sua atenção. Seus olhos se abriram. A queimadura pequena já tinha curado no momento que ela limpou a mancha de óleo para longe com o polegar. Ela cutucou o frango com o... o implemento ou espátula, caramba! e virou os pedaços para tostar o outro lado.

Voltando a Rune.

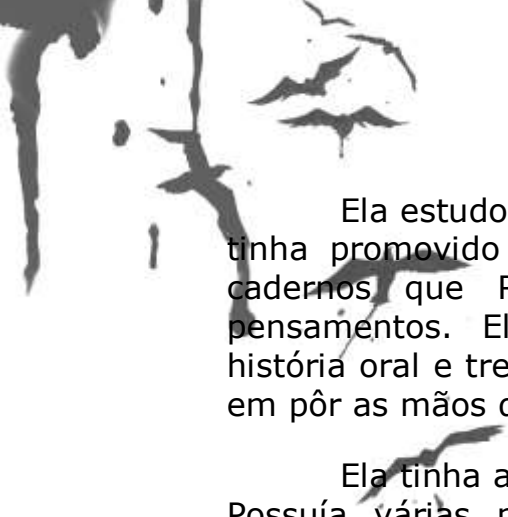
Ele estava muito quieto. Movia-se com a graça de um gato predatório e sinuoso. Adicionado a isso, ele era rápido o suficiente para fazer o coração congelar, se ele já não tivesse parado de bater. Ela puxou o lábio inferior entre os dentes e chupou enquanto pensava.

Ela poderia vencê-lo em uma luta direta? Ela era mais rápida e mais forte do que a maioria. Ela poderia vencer seu descendente, Julian, o Rei oficial do Nightkind, e isso era mais que muitas criaturas poderiam fazer. Ela tinha transformado Julian, durante o auge do Império Romano, e ele era um grande Vampiro, velho e poderoso por si mesmo. Mas ela não achava que poderia vencer Rune sem uma luta séria e investimento em um gasto considerável de magia.

Ela chupou mais forte seu lábio inferior. Ele estava aqui como um aliado com a intenção de ajudá-la. Não havia qualquer razão para pensar que as coisas iriam dar nisso. Mas apenas no caso, ela deveria fazer uma pequena pesquisa sobre quais as magias certas para usar na luta contra um Grifo. Nunca fez mal estar preparada, e lutar sujo se a situação exigisse. A melhor maneira de vencer qualquer uma das muito antigas criaturas poderosas, era através do elemento surpresa.



Houve o som tranquilo de uma virada de página, o único som na cozinha além da carne fritando, e o som infinitesimal da calma e sem pressa respiração de Rune. A página virou 10 vezes desde que ele começou, e ela sabia muito bem que tipo de material denso ele estava lendo.



Ela estudou as leis da lógica de Aristóteles e cada cientista que tinha promovido o desenvolvimento do método científico. Aqueles cadernos que Rune lia guardavam alguns de seus melhores pensamentos. Eles continham fatos históricos, contos raros de história oral e trechos de informações de tudo o que ela pôde pensar em pôr as mãos que pudesse alimentar a sua pesquisa.

Ela tinha adquirido uma riqueza fabulosa ao longo de sua vida. Possuía várias propriedades espalhadas por todo o mundo, em lugares como Nova York, Londres, na Riviera Francesa, Marrocos e Alexandria, no Egito. Tinha insubstituíveis artefatos históricos, diamantes e safiras do tamanho de ovos de pato, mas seu tesouro mais precioso atualmente estava espalhado sobre a mesa, na frente dele.

Uma página virada. Agora ele estava em 11 páginas e ainda não tinha feito uma única pergunta. Então, ele era muito inteligente também. Um homem inteligente era perigoso, e muito mais difícil de surpreender. Ela faria bem em lembrar.

Cortou o maior pedaço de frango e verificou o meio. A carne estava toda branca e crocante escura do lado de fora. Ele era o tipo de criatura que iria desfrutar disso. Ela empilhou todos os pedaços em um prato e tirou a frigideira do fogão.

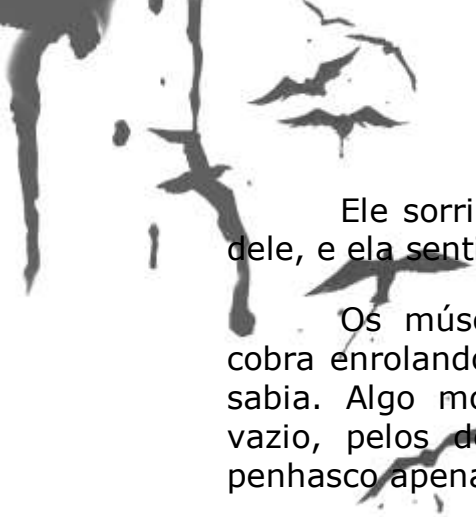
Ela olhou por cima do ombro. Rune tinha se recostado na cadeira. Ele descansava com suas longas pernas esticadas, olhando-a com toda a sua atenção. Sozinhos, na solidão tranquila da cozinha iluminada pelo sol, uma força considerável da natureza. Ele agiu sobre ela como um ímã. Ela pegou o prato de carne fumegante, olhou para ele, falou uma palavra e resfriou a carne. Então colocou o prato na frente dele.

Foi uma experiência bizarra quando se aproximou dele. Começou com este pensamento: que coisa exótica era colocar uma refeição na frente de um homem que esperava com fome. Sem dúvida, era algo que milhões de mulheres faziam diariamente, mas ao longo dos milhares de anos de sua existência, ela nunca antes havia sido uma delas.

Rune deu um sorriso lento, seu olhar muito masculino, se iluminou com apreciação, e mexeu algo dentro dela. O que foi isso? Distraída, ela cutucou a si mesma, como se cutucasse um dente dolorido. Isso era outra coisa estranha para ela estar sentindo, o que era?

Prazer.





Ele sorriu para ela enquanto ela colocava a refeição na frente dele, e ela sentiu prazer.

Os músculos da boca do estômago apertaram, como uma cobra enrolando para atacar. Ela abriu a boca, para dizer o que não sabia. Algo mordaz, adequado para colocá-lo no lugar, algo não vazio, pelos deuses, ou ela teria que jogar-se sobre o próximo penhasco apenas por princípio...

O sorriso Rune tinha aprofundado e ele carregava um leve tom de perplexidade. —O que você fez agora? — Ele perguntou. —Foi um feitiço de algum tipo. Eu pude sentir isso, mas eu não entendo.

Confusa, a cobra na boca do estômago se atrapalhou e perdeu a capacidade de atacar. Ela piscou e olhou para o fogão. O que ela fez? Ela disse: — Eu esfriei a carne.

Os olhos de rune dançaram e seus magros recursos bronzeados iluminado com riso. —Você... esfriou a carne para mim?

—Rasputin não pode comer a galinha quando está muito quente, — ela disse, franzindo a testa para ele. — Parecia lógico que você não seria capaz também.

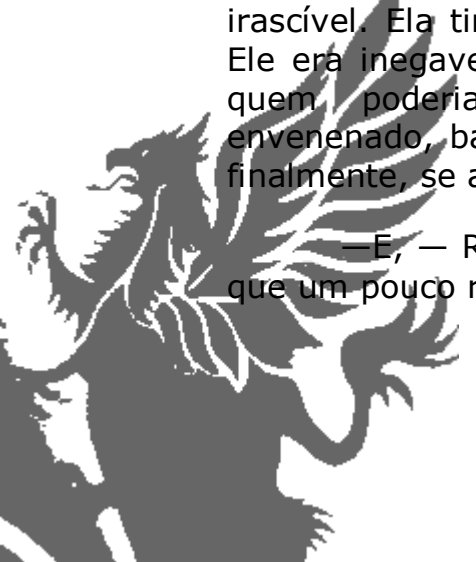
—É claro. Foi notavelmente atencioso da sua parte. — Ele colocou a mão sobre a boca para cobrir uma tosse explosiva. —Você nomeou de Rasputin o mordedor de tornozelo?

Sua diversão era inebriante, como o champanhe deve ser para os seres humanos. Ela lamentou nunca ter tido a oportunidade de beber champanhe quando era humana. Ela tinha sido um vampiro por um tempo muito longo antes de ouvir falar pela primeira vez da bebida.

Ela levantou uma sobrancelha. —A tentativa de esconder a sua diversão é inútil. E Rasputin parecia um nome apropriado, já que ele é aparentemente tão difícil de matar.

Ela conheceu o original Grigori Rasputin uma vez, quando viajou através da Rússia para consultar uma bruxa eremita e irascível. Ela tinha achado Rasputin um homem estranho e intenso. Ele era inegavelmente humano e muito provavelmente insano, mas quem poderia sobreviver a supostamente ser esfaqueado, envenenado, baleado várias vezes, mutilado e espancado, antes de, finalmente, se afogar, merecia certa quantidade de respeito.

—E, — Rune murmurou, —o mordedor de tornozelo é mais do que um pouco raivoso.





Agora, as duas sobrancelhas subiram. —Eu não acho isso dele.

—Claro que não, — Rune disse em seu tom alegre. — Você o salvou, você é mulher e você cozinha frango para ele. Isso faz de você, seu coração e alma.

Sua boca apertou. —Ele é uma criatura ridícula.

—Ele é um cachorro, — ele disse, levantando os ombros largos em um encolher de ombros. —Isso é o que eles fazem.

Ela cruzou os braços sob os seios. Só mais tarde é que ela reconheceu isso como um gesto defensivo. —Eu não pedi sua devoção.

O olhar de Rune escureceu em uma expressão que ela não entendeu, então ela não conseguia definir. Ele disse suavemente: — Você sabe, não há nada de errado em simplesmente ser gentil por amor e bondade, ou em outras criaturas responderem a isso.

Essa conversa não só ficou desconfortável, mas não era necessária. Ela olhou para longe de seu olhar penetrante. —Você precisa de mais alguma coisa para ajudá-lo a ler, — ela perguntou, seu tom era gelado.

—Não, — ele respondeu. Seu tom era tão fácil e descontraído como o resto do corpo. —Nada. Obrigado pelo frango.

—Tudo bem. — Ela se virou para ir, mas viu-se incapaz de atravessar a porta.

Ser gentil por bondade.

Agora, o aperto estava em seu peito. Ela levou a mão ao peito, perplexa. Ela já não conhecia mais o seu próprio corpo. Estava traindo-a de mil maneiras inexplicáveis sempre que estava perto deste macho.

Obrigou-se a dizer: — Obrigado por ficar e tentar me ajudar.

A 6 metros de distância, ele respirou e respondeu calmamente: —De nada, Carling. É meu prazer fazer o que eu puder por você.



Essas palavras. Ele as deu a ela tão facilmente, como um presente. Ele era muito mais gracioso do que ela merecia. Ela fugiu antes que seu corpo pudesse traí-la de alguma outra maneira.



Assim que a presença tentadora e perturbadora de Carling deixou a cozinha, Rune foi capaz de acertar o passo com o texto.

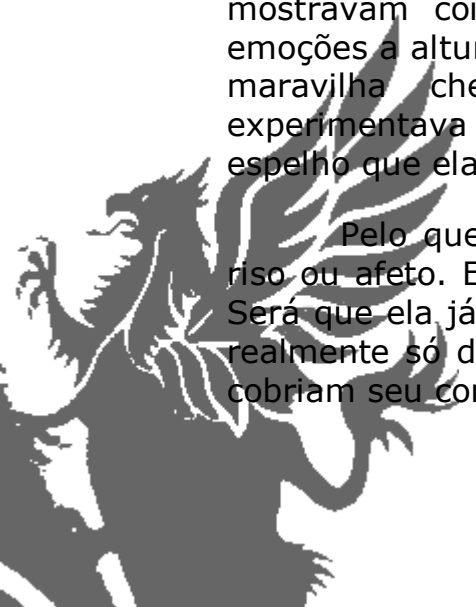
Ele também comeu cada pedaço de carne fria que ela preparou para ele, e bons deuses, era terrível. De alguma forma ela conseguiu destruir a simples tarefa de dourar frango em uma frigideira. O exterior estava carbonizado e preto, e no interior escorria sangue e ainda estava rosa. Se ele fosse humano, ele teria ficado preocupado com uma intoxicação por salmonela. Rune não era um comedor exigente e tinha comido algumas refeições terríveis em seu tempo. Seus gostos tinham mudado quando ele aprendeu a mudar de forma e socializar com outras espécies, mas ele não era, na verdade, avesso a comer carne crua, quando necessário, e ele tinha sofrido sua parte de desastres em acampamentos.

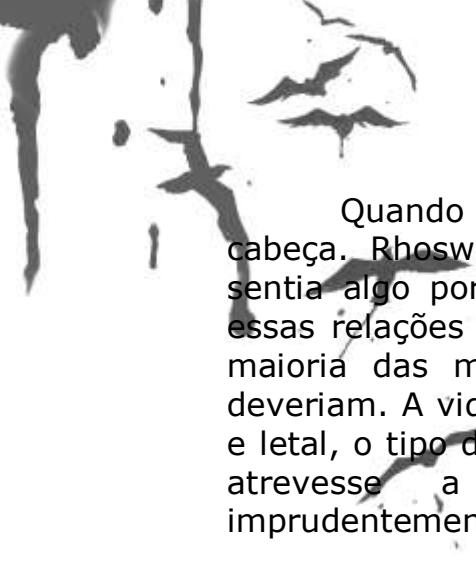
Ele começou a rir de novo quando pensou nela resfriando a carne para ele do jeito que fazia para o cão. Então, se lembrou de como ela se segurou quando ele falou de bondade, desviando o rosto e os olhos, e seu riso desapareceu.

Ambos, Wyr e sociedades Vampiricas, poderiam ser brutais. Às vezes, o conflito só poderia ser resolvido com violência. Todos os Sentinelas eram responsáveis pela aplicação da lei Wyr, mas como Primeiro de Dragos, Rune era o executor final. Embora Dragos nunca tivesse realmente exigido para ele fazê-lo, era responsabilidade de Rune caçar e até mesmo matar outros Sentinelas renegados. Os outros Sentinelas eram seus amigos, parceiros e camaradas de armas. Ele estava feliz que nunca tinha chegado a isso, mas ele nunca se esqueceu da responsabilidade de sua posição.

Por tudo isso, Rune era realmente um homem descontraído na maior parte do tempo, e rápido para o riso e carinho. Ele era a mais rara das criaturas, um homem que não tinha nenhum problema em admitir que gostava de filmes de garotas e moda feminina. Eles mostravam coisas em mulheres que ele adorava, do espiral de emoções a alturas e profundezas misteriosas, para o florescimento da maravilha cheia de prazer feminino quando uma mulher experimentava roupas novas e ela descobria, pela primeira vez no espelho que ela era, na verdade, bonita.

Pelo que ele tinha visto, Carling não era rápida em qualquer riso ou afeto. Ela não inspirava pensamentos de conforto ou afagos. Será que ela já teve essas qualidades, ou sua experiência de vida foi realmente só dura e inflexível? Ele franziu a testa. As cicatrizes que cobriam seu corpo contavam a sua própria história.





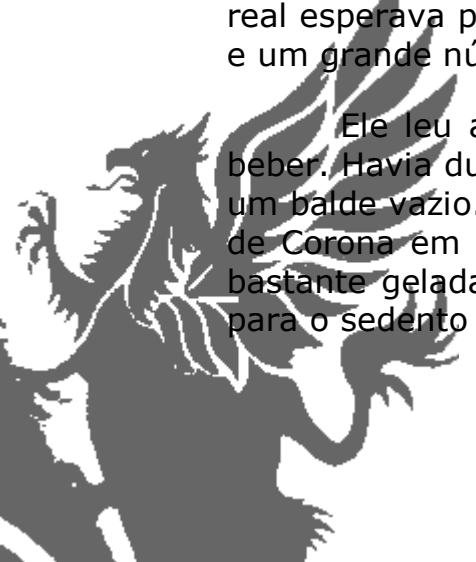
Quando ele tentou imaginá-la rindo com uma amiga, abanou a cabeça. Rhoswen claramente a adorava, e era óbvio que Duncan sentia algo por ela também, mas, tanto quanto ele poderia dizer, essas relações não eram em pé de igualdade. Ele suspeitava que a maioria das mulheres se sentia ameaçada por ela, e bem que deveriam. A vida tinha transformado Carling em uma arma, elegante e letal, o tipo de faca de dois gumes que cortava a mão de quem se atrevesse a empunhá-la, se ele tentassem segurá-la imprudentemente.

Para empunhar esse tipo de arma precisaria uma mão dura e firme, de alguém que soubesse como e quando usar um aperto forte, e quando soltar e deixar a arma livre para cortar onde quisesse. Ninguém domina tal arma. Com sorte, pode-se ganhar o respeito, a confiança, aliança, um acordo para trabalhar juntos.

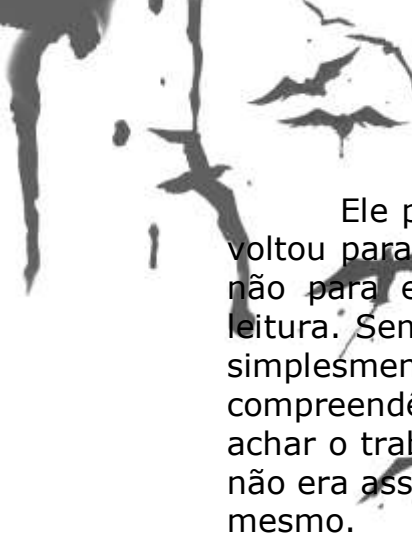
Carling era tão defensiva, ela construiu seu arsenal pessoal durante um período tão longo de tempo, que ele duvidava se alguma coisa iria mudar a essa altura. Com essa conclusão, ele encontrou o argumento que precisava a fim de conter o seu fascínio por ela. Não havia simplesmente nada para o seu fascínio se apegar, e nada para ele sobre um compromisso a longo prazo. Ela era brilhante, linda, mortal e até peculiar, mas ela não iria permitir que alguém chegasse muito perto, nem mesmo um cachorro.

Justo. Às vezes pináculos eram tão estreitos e elevados, que tinham espaço apenas para um na parte superior. Se ela conseguiu viver por tanto tempo com esse isolamento, ela deve gostar de sua própria companhia. Tanto quanto ele estava preocupado, ficaria feliz em ajudá-la, se pudesse, e seguiria em frente quando tudo acabasse. E seria melhor, de qualquer forma. Eles iriam encontrar um caminho para que ela sobrevivesse, ou não. Como Duncan apontou, as pessoas morrem o tempo todo. Às vezes, velhas criaturas de vida longa também morriam.

Esses pensamentos produziram um aperto em seu estômago, mas ele ignorou. De uma forma ou de outra, esta parada na ilha foi apenas um pontinho estranho em seu caminho, e ele faria bem em manter esse pensamento firme na vanguarda de sua mente. Sua vida real esperava por ele de volta em Nova York, onde tinha bons amigos e um grande número de pessoas que o amavam.



Ele leu até final da tarde, quando foi em busca de algo para beber. Havia duas correntes num poço na cozinha. Uma delas presa a um balde vazio. Curiosamente ele puxou o outro e trouxe um estoque de Corona em uma cesta de metal. As garrafas de cerveja estavam bastante geladas pelo descanso no fundo do poço. Marcando um gol para o sedento Wyr.



Ele pegou duas e baixou o resto de volta para o poço, e então voltou para sua leitura. Revistas científicas eram rotina para Dragos, não para ele. A pesquisa de Carling era inegavelmente de difícil leitura. Sempre que chegava a uma equação química ou mágica, ele simplesmente memorizou as fórmulas sem tentar decifrar ou compreendê-las neste momento. Mas ele tinha pensado que iria achar o trabalho árduo através das notas Carling uma tarefa chata, e não era assim. O processo o tinha interessado, quase a despeito de si mesmo.

Muitas criaturas, humanos e outros, se aproximaram de questões de magia de diferentes maneiras. Ao longo da história, a magia tinha sido envolta em misticismo e religião, por vezes, pura e simples, e muitas dessas práticas místicas ou religiosas ainda estavam em uso. Outros praticavam magia como uma questão de tradição popular, bem como o folclore herbanário em sociedades indígenas que havia sido passado de boca em boca por gerações.

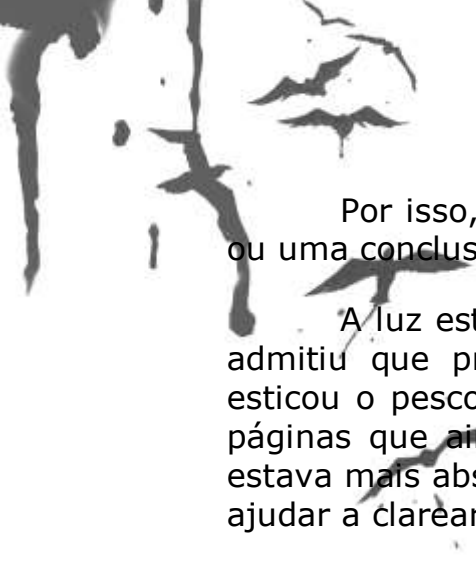
Dadas as suas raízes no Egito Antigo, ele adivinhou que Carling teria originalmente aprendido magia do ponto de vista da religião. Por volta do século XIX, vampirismo foi, em grande parte, não mais visto como uma maldição mística, mas como uma doença, e sua abordagem para resolver a questão era correspondentemente científica.

Suas análises eram certas e precisas. Ao saber quais os sintomas dos estágios finais da doença e os desafios que ela estaria enfrentando, a sua atitude foi firme. Como os seres humanos viviam com o conhecimento de sua própria mortalidade estava além dele. Tentou imaginar como seria saber que era mortal, que o seu tempo foi medido e devia chegar a um fim inevitável, e ele simplesmente não pôde. Se ele algum dia morresse, iria entrar em sua morte com espanto e incompreensão. Entre todas as outras reações que suscitaram dele, Rune teve que admitir certa admiração relutante para a coragem de Carling.

Mas cada caminho de pesquisa chegava a um beco sem saída. Suas tentativas de isolar a infecção que causou a doença falharam.



Então, o que estava errado? Que caminho lógico ou experiência não foi considerado? Não conseguia ver nada entre a malha elegante do pensamento definido de modo meticuloso nas páginas, e ainda algo estava ali. O que o incomodava? Ele não iria tentar duplicar qualquer de seus processos. Ele não tinha a capacidade de replicar qualquer das experiências narradas. Ela era a cientista, a especialista clara neste domínio. Ele tomou isso como uma questão de fé que ela tinha sido tão meticulosa em suas experiências como era sua caligrafia. Se alguma coisa falhou, falhou.



Por isso, era outra coisa que o incomodava. Foi uma premissa ou uma conclusão?

A luz estava desaparecendo na cozinha quando ele finalmente admitiu que precisava de uma pausa. Ele afastou-se da mesa e esticou o pescoço rígido e ombros. Ele tinha quase uma centena de páginas que ainda podia ler, mas chegou a um ponto em que não estava mais absorvendo a informação. Um pouco de ar fresco poderia ajudar a clarear a cabeça, e seu corpo precisava se mexer.

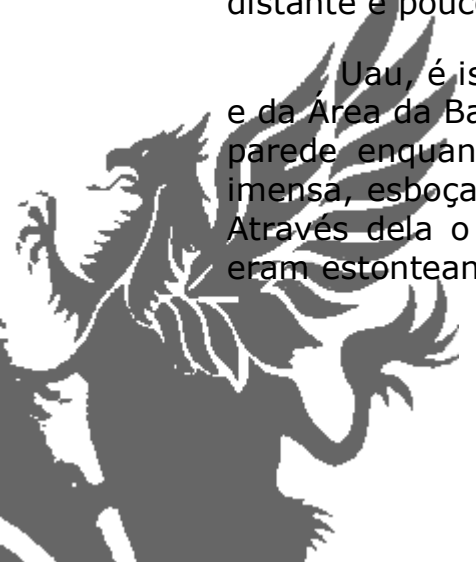
Ele saiu e caminhou pelos jardins, ao redor da casa em direção ao penhasco. Ele estava se aproximando do sol, e as sombras lançadas pela folhagem estavam alongadas. As voltas e ângulos das sombras dos galhos de árvores marcavam caminhos escuros pelo gramado.

Ele caminhou ao longo da parede de pedra na altura da cintura que chegava à beira do precipício, e olhou para a água. O sol era uma bola em chamas enorme e laranja. Parecia crescer, uma vez que se aproximava do horizonte. Como Carling, a ilha foi envolvida em sua própria existência, estranha e solitária. Este pedaço de Outra Terra dava a ilusão perfeita de que nada mais existia, exceto para ele, o oceano cobalto e o céu sem limites. Ele respirou profundamente o ar salgado e fingiu que estava lá em cima, no ar, voando sobre a água até que toda a terra à vista desapareceu.

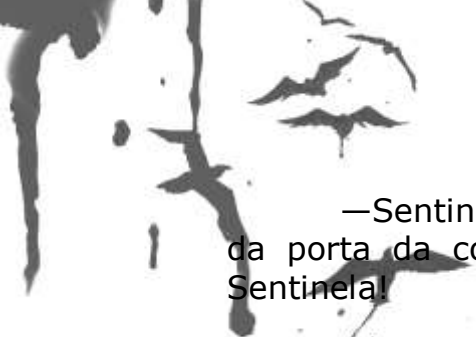
Então ele sentiu a ondulação, como uma brisa vibrando contra sua pele, tudo tremeu e mudou. Ele piscou com força e olhou ao seu redor, enquanto tentava descobrir o que estava diferente.

O sol flamejante ainda estava reduzido, no oeste, um Ícaro que voou alto demais e morria sua morte diária. O oceano ainda era azul cobalto, escurecendo enquanto a luz do dia desaparecia. Ele se virou. Penhasco, parede, jardim, sombras, grande alastrando, casa louca e gótica...

...e além da casa, longe, no leste, estavam as luzes elétricas, como um spray de estrelas que haviam cometido pecados mortais e tinham caído do céu, espalhados em um tapete latente em uma terra distante e pouco visível.



Uau, é isso que parecia, deste lado, que o véu entre esta terra e da Área da Baía tinha diluído. Ele caminhou para o leste ao longo da parede enquanto absorvia a estranha visão. A ilusão da terra era imensa, esboçado em linhas transparentes em todo o Oriente inteiro. Através dela o oceano era claramente visível. Os horizontes duplos eram estonteantes.



—Sentinela? — A chamada aguda de Rhoswen veio da direção da porta da cozinha, do lado leste na parte de trás da casa. — Sentinela!

A Vampira parecia chateada, era mesmo urgente. Ele entrou correndo. Até o momento que dobrou a esquina, estava em uma corrida direta.

Rhoswen estava na porta, Rasputin debaixo do braço. A esponja de pó com dentes começou um latido frenético quando ele apareceu. Sem paciência para o histrionismo do cão, Rune abaixou, mostrou os dentes e rosnou um aviso fundo da garganta.

—Comporte-se.

Rhoswen olhou para ele. Rasputin congelou, seu frenesi parou no meio do latido. O branco de seus olhos mostrou as brilhantes íris negras. Ele parecia um animal assustado de pelúcia.

—Assim é melhor, — Rune murmurou tristemente. Ele acariciou o pequeno cão na cabeça. —Bom menino. — Ele se endireitou. —Agora, o que há de errado?

—Eu acabei de acordar alguns minutos atrás, — Rhoswen disse. Seu cabelo estava despenteado, e ela tinha linhas de travesseiros marcadas em uma bochecha. —Eu fui verificar Carling. Eu pensei que você deveria saber, ela desapareceu de novo.

Rune ficou mais sombrio. Ele disse: —Mostre-me.





CAPÍTULO 5

Rhoswen caminhou rapidamente pela casa. Rune acompanhou sem esforço ao seu lado, suas longas pernas comendo a distância.

As histórias orais nas pesquisas de Carling afirmavam que os episódios misteriosos aumentaram em frequência e intensidade, quanto mais um Vampiro se aproximava do fim. Ele não tinha certeza ainda o que 'o fim' era, ou o que acontecia uma vez que um Vampiro chegava a ele. Era possível que a própria Carling não soubesse, ou pelo menos ela não sabia no momento de sua pesquisa, quando ele tinha tomado um descanso da leitura.

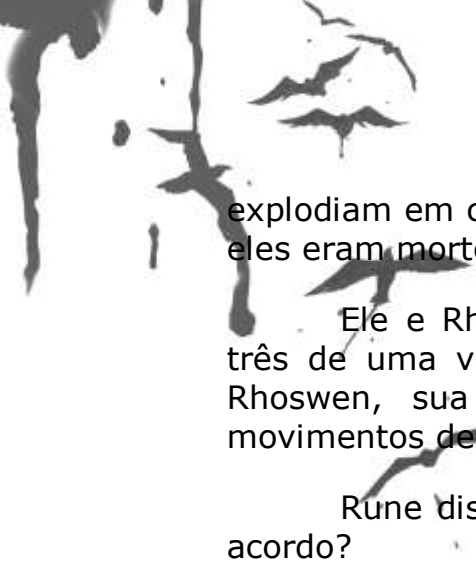
O texto de Carling estava em ordem cronológica naturalmente, e uma das coisas em que ela foi meticulosa era sobre a gravação da data e hora de cada evento ou descoberta. Ela não saltou para frente ou para trás. Sempre que fez referência a algo mais cedo em suas notas, ela o fez como uma espécie de taquigrafia simplesmente e anotava a data/hora. Era um método bastante simples de referências cruzadas sem recorrer a um programa de software para notas de rodapé, embora desacelerasse seu progresso à medida que ela tinha voltado para frente e para trás através das entradas para obter a essência total das coisas.

Rune perguntou a Rhoswen: —Quantas vezes esses episódios ocorrem?

—Quase todos os dias, — ela disse em uma voz estrangulada. —É por isso que eu odeio muito, muito deixá-la sozinha. E se ela entra em um episódio quando está cozinhando para o maldito cão, ou quando ela tira o feitiço que a protege do sol? Ela fica tão perto da borda da sombra quando faz isso. E se tiver um episódio e, em seguida, o ângulo do sol se alterar?



Ele amaldiçoou baixinho. Episódios diários não eram um bom sinal. Em uma das histórias orais de Carling, um Vampiro chegou a esse ponto e se foi em questão de semanas. E se ele tivesse simplesmente desabado em pó? Normalmente as criaturas mortais lutavam com a morte. Seus corações entravam em arritmia e sua respiração tornava-se difícil. Se Vampiros eram mortos pelo sol,



explodiam em chamas, mas primeiro sofriam agonia horrível. Quando eles eram mortos de outras maneiras, se desintegravam em pó?

Ele e Rhoswen atingiram um lance de escadas que levou os três de uma vez. Rasputin estava silenciosamente sob o braço de Rhoswen, sua pequena cabeça astuta girava para rastrear os movimentos de Rune.

Rune disse: —De agora em diante, não a deixará sozinha. De acordo?

Ela assentiu com a cabeça. —Concordo. Sentinela, talvez eu não tenha parecido muito acolhedora desde que chegou, mas eu quero que você saiba, eu estou feliz por você estar aqui.

Rhoswen não parecia muito aconchegante na maior parte do tempo, porém não devia receber sarcasmo justo num momento em que ela parecia estar na necessidade de ajuda.

Em vez disso, ele disse: — Não se preocupe. Apenas pare de me chamar de Sentinela, certo? Isso me faz sentir como uma espécie de repelente de pulgas e carrapatos.

A Vampira lançou um rápido olhar assustado para ele. Ele piscou para ela, e ela tossiu uma risada incerta. No topo das escadas, Rune colocou uma mão em seu braço. Quando ela parou, deu-lhe um olhar firme que não tinha nada de humor.

—Devemos nos preparar para a possibilidade de que Carling não sobreviva, — ele disse. Dizer em voz alta fez seus músculos apertarem, mas ele se obrigou a falar com calma. —Mas eu prometo a você, nós vamos fazer das tripas coração para que ela sobreviver.

A boca de Rhoswen tremia. —Obrigada.

Ele assentiu e soltou seu braço. Ela se virou e liderou o caminho pelo corredor do segundo andar, em direção a um par de portas de madeira esculpidas, no final do corredor. Rhoswen começou a abrir uma porta, e a luz do sol, ou o que parecia ser luz do sol, derramou através do alargamento da brecha da sala contigua.

Rune não parou para pensar. Ele agarrou o ombro de Rhoswen em um aperto duro e a puxou para trás, longe da luz.

Ela tropeçou e agarrou o cão mais perto quando olhou ao redor com os olhos arregalados. —O que é isso? O que aconteceu?

Ele disse, sua voz afiada, —Eu sinto muito. Olha, foi uma reação automática. Isso se parece com a luz solar, mas não pode ser, porque o sol está se pondo e a casa está quase escura. O que é isso?



—Do que você está falando? — Rhoswen olhou para ele. —Que luz?

Ele tomou uma respiração profunda. Olhou de novo. Ele fez um gesto em direção à porta semiaberta. —Há luz derramando fora do quarto, muito brilhante, uma luz forte e amarela como a luz solar no meio do dia. Você está me dizendo que você não vê isso?

—Não, eu não vejo, — Rhoswen disse. Agora, o branco de seus olhos estavam aparecendo também, assim como o do cão. Ela não parecia em nada com sua habitual elegância de autocompostura. Ela parecia desgrenhada, assustada e muito jovem. —Está bastante escuro, na verdade. Eu só pensei que desde que você é Wyr, teria uma boa visão e estaria bem com isso.

—Certo, — Rune disse. Ele franziu os lábios em um sopro silencioso. —Vamos com cuidado aqui.

Ele deu um passo em direção à porta e lentamente a empurrou mais amplamente, olhando para se certificar que nenhuma luz que ele tenha visto ou pensou ter visto, se derramasse diretamente em Rhoswen. O corredor se iluminou ainda mais com a porta aberta. Isso ainda parecia luz solar para ele, e ele se sentiu saturado com magia.

Ele desenhou uma linha através do ar com um dedo. —Este é o lugar onde a luz que eu vejo está se derramando. Eu quero que você coloque aqui apenas a ponta do seu dedo.

Agora, ela olhou para ele como se suspeitasse que ele fosse louco, mas ela fez o que ele pediu e estendeu o dedo indicador até que cruzou a demarcação que havia lhe mostrado. Ambos olharam para seu dedo, que ficou sem queimar.

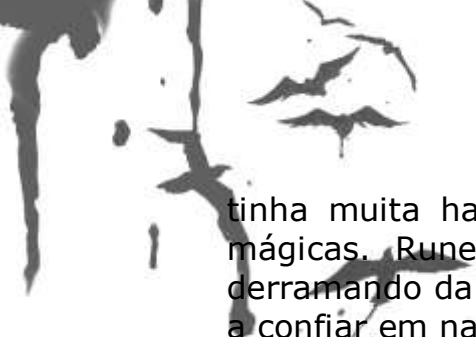
—Você ainda vê a luz? — Rhoswen perguntou.

—Claro como o dia, — ele disse a ela. —Mas pelo menos não parece que você está em perigo de se queimar com ela. Nós ainda devemos ir com cuidado. — Ele olhou para ela quando perguntou: — Você tem Poder ou capacidade mágica?



Ela balançou a cabeça. —Eu só tenho o que cada Vampira tem, que é suficiente para a telepatia ou fazer um cruzamento para uma Outra Terra. É um subproduto do vírus. Quando eu era humana, eu era uma completa *dead-head*.

Uma *dead-head*, quando usada da maneira de Rhoswen se referia, significava alguém que não tinha poder ou capacidade mágica alguma. Não se referia a uma fã grata pela morte. Se Rhoswen não



— tinha muita habilidade mágica, então ela não tem muitas defesas mágicas. Rune balançou a cabeça. — Certo. Bem, a magia está derramando da sala, assim como a luz solar, e eu não estou inclinado a confiar em nada. Eu quero que você fique aqui.

A Vampira levantou o queixo. — Carling pode precisar de mim.

Ele se absteve de revirar os olhos. Não era sua responsabilidade se Rhoswen escolhesse arriscar a vida, e quem sabe, talvez ela estava certa e Carling precisaria dela. Ele disse: — Tudo bem, mas eu vou na frente.

Rhoswen ficou atrás dele enquanto entrava pela porta, tanto para a magia, quanto para a luz. As solas de suas botas pousaram em alguma coisa que mudava de forma e era flexível. Ele olhou para baixo. Parecia areia. Sentia como areia.

Se andava, falava e grasnava como um pato, se tinha sabor de pato quando ele pegou e comeu...

Ele deu outro passo e outro. O esquema mais elemental de um quarto sombrio o rodeava. Sobreposto sobre o quarto tinha uma realidade mais brilhante e quente. Ele olhou para cima e olhava para um pálido céu azul, sem nuvens, que mostrava um sol amarelo-branco em chamas.

— Sentinela? — Rhoswen chamou novamente. Desta vez, ela parecia em pânico. — Rune! Você está enfraquecendo.

Ele podia vê-la. Ela era um pálido esboço fantasma insubstancial, igual ao resto da sala. Ele respondeu: — Eu estou aqui. Você pode me ouvir?

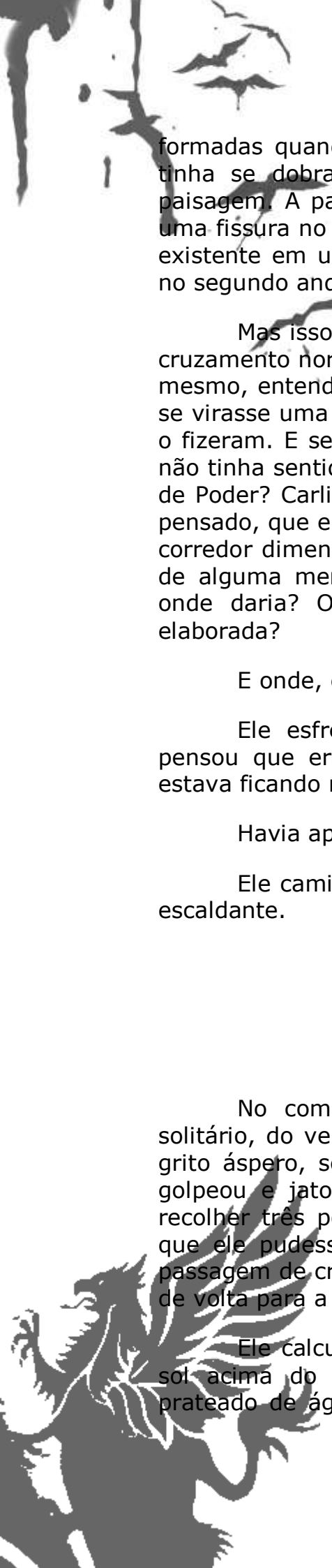
— Mal, — ela gritou. Ela parecia muito longe. — Você está desaparecendo na minha frente. O que está acontecendo?

— Eu não sei, — ele gritou de volta. — Eu vou olhar ao redor e ver o que posso descobrir. Eu não sei quanto tempo vou estar fora.

— Eu prefiro que você não vá, — ela chamou. — Eu gostaria que você voltasse, por favor.

Mas o mistério que estava espalhado ao redor dele era muito convincente para ignorar. À frente dele estava o deserto, a vegetação e o brilho ofuscante da luz do sol sobre a água distante. Atrás dele estava Rhoswen, a porta e a ilha.

Filho da puta, isso meio que se sentia como um cruzamento para uma Outra Terra. Cruzamentos eram as passagens dimensionais que estavam entre a Terra e as Outras Terras. Elas haviam sido



formadas quando a Terra foi formada, quando o tempo e o espaço tinha se dobrado. Passagens cruzadas seguiram falhas físicas na paisagem. A passagem cruzada que levava para a ilha era parte de uma fissura no fundo do oceano. Ele nunca tinha ouvido falar de uma existente em uma estrutura feita pelo homem, como em um quarto no segundo andar de uma casa.

Mas isso também parecia diferente, de alguma forma, com um cruzamento normal. Ele procurou uma maneira de descrevê-lo para si mesmo, entender o que estava sentindo. Ele sentia... dobrado, como se virasse uma esquina que as outras passagens de cruzamentos não o fizeram. E se isso era um ponto de cruzamento, por que Rhoswen não tinha sentido, e atravessado também? Era por causa de sua falta de Poder? Carling tinha um inferno de um monte de Poder. Ele teria pensado, que ela teria se dado conta a estas alturas, de que tinha um corredor dimensional no meio do seu quarto e se o considerou digno de alguma menção. Se fosse uma passagem de cruzamento, para onde daria? Ou ele estava preso em alguma espécie de ilusão elaborada?

E onde, em todo este mistério, foi Carling?

Ele esfregou a parte de trás do seu pescoço. Ele sempre pensou que era mais como o gato Cheshire do que a Alice, mas estava ficando realmente curioso e mais curioso.

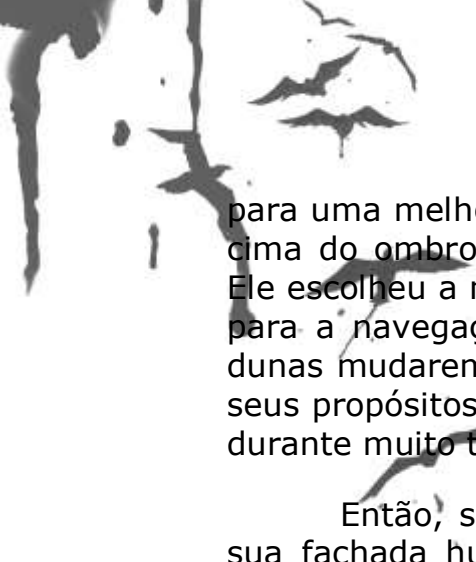
Havia apenas uma maneira de tentar compreender isso.

Ele caminhou para frente, em plena luz do dia em um deserto escaldante.



No começo, ele não ouviu nada, apenas o uivo, grande, solitário, do vento que cantava a sua canção eterna. Em seguida, o grito áspero, sem palavras de um pássaro soava acima. O calor o golpeou e jatos de areia sopraram em seu rosto. Ele parou para recolher três pontos de referência para triangular sua posição para que ele pudesse voltar a este ponto se isso realmente fosse uma passagem de cruzamento e a área acabasse sendo seu único caminho de volta para a casa.

Ele calculou as horas em meio dia de acordo com o brilho do sol acima do resto da paisagem do penhasco. Colocou o brilho prateado de água às dez horas, um pouco perto demais do cálculo



para uma melhor triangulação, mas teria que dar certo. Ele olhou por cima do ombro direito, e não viu nada, somente dunas do deserto. Ele escolheu a mais alta das dunas, às cinco horas. A duna seria inútil para a navegação de longo prazo, é claro, já que o vento faria as dunas mudarem com o tempo, mas esperou que elas servissem para seus propósitos. Ele não planejava ficar... onde quer que aqui fosse... durante muito tempo.

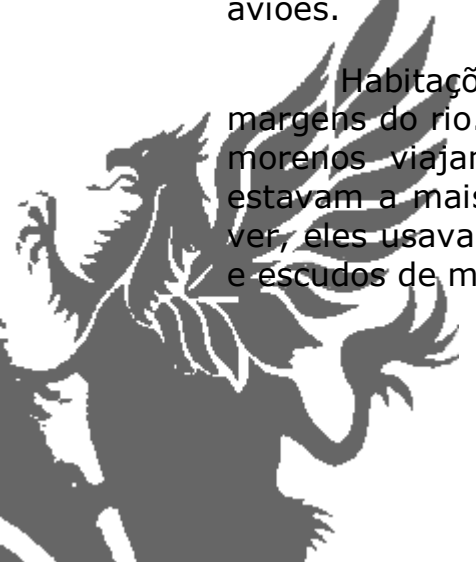
Então, se descartando do seu conjunto de roupas, ele deixou sua fachada humana cair e ele mudou para a sua forma Wyr. Ele estendeu as asas enormes e se agachou, amarrou a cauda de leão, e ele saltou no ar para voar através do calor brutal do penhasco. Normalmente, quando ele voava em uma área urbana, ele se camuflada para evitar complicações com sistemas de controle de tráfego aéreo, mas esta cena parecia rural o suficiente para que ele não se preocupasse.

Seu vôo deu-lhe uma visão panorâmica da terra. O brilho aquoso se tornou um grande e sinuoso rio, rodeado em ambos os lados com vegetação verde e campos de grãos de ouro que vieram a um fim abrupto em um deserto na fronteira.

A realidade o golpeou. Nossa Mãe! A menos que ele estivesse enganado, isso tinha que ser o Nilo. Ele tinha voado o comprimento do Nilo varias vezes em anos passados. Ele tinha visto isso em todas as três fases do seu ciclo de cheias antigas, antes que a barragem de Assuã, em 1970, trouxesse toda a inundação sazonal ao fim. Com os campos maduros com rica cevada e trigo, este parecia Shemu, a Estação da Colheita, que caia aproximadamente entre os meses do que seriam maio e setembro em um calendário moderno.

Ele inclinou e voou em um grande círculo, enquanto vasculhava a paisagem. Com seus penetrantes olhos de águia, ele podia ver por milhas.

Ele não viu linhas de energia, sem antenas parabólicas, sem motor nos barcos do rio, sem veículos, nem quaisquer estradas pavimentadas ou cascalho. Nenhuma máquina ou técnica moderna de irrigação. Não há colunas de fumaça das refinarias distantes. Não há aviões.



Habitações simples, feitas de barro cozido pontilhavam as margens do rio. Uma nuvem de poeira subiu de um grupo de homens morenos viajando a cavalo ao longo da margem ocidental. Eles estavam a mais de um quilômetro de distância. Pelo que Rune pode ver, eles usavam shentis, ou tangas, e estavam armados com lanças e escudos de madeira e cobre.



Ok, ele ainda estava à procura de algo que fizesse sentido aqui.

Ele inclinou a cabeça de águia para estudar a terra abaixo dele.

Ele viu uma pequena figura de pé, olhando diretamente para ele com olhos sombreados, a cerca de 500 metros de distância de um grupo de oito edifícios. Um pacote de grãos e uma faca estavam deitados no chão, aos pés da figura.

E ali estava sem atlas Rand McNally ou sistema de GPS. Somente Rune como nos filmes românticos tão em moda entre as mulheres, mas também sabia como parar e pedir informações, quando estava perdido. Além disso, ele estava seguro em sua masculinidade. Ele podia ser apenas um dos quatro Grifos do mundo, mas percebeu que se você adicionasse essas qualidades com todo o resto, isso o fazia único como toda a merda.

Mantendo a figura à vista, ele diminuiu em uma espiral de descida.

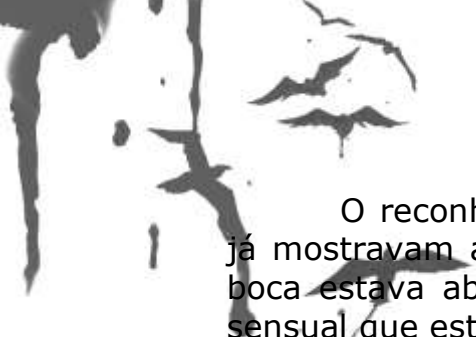
Ou era uma criança ou um adulto pequeno. Bem ok, se ele suspendesse toda a descrença e só se baseasse em evidências empíricas (que era manifestamente impossível, mas ele estava realmente tentando ir com o fluxo aqui), qualquer adulto que poderia vir a encontrar também seria pequeno, pelo menos, menor do que os do século vinte e um.

A figura usava somente um shenti, e nada mais. O pedaço de pano sujo estava enrolado em torno dos quadris estreitos. Criança ou adulto, cada linha de postura da figura gritou surpresa, mas pelo menos ele não estava fugindo em pânico. Tão longe, tão bom.

Rune trocou de forma quando caiu a cerca de vinte metros de distância. Ele fez uma pausa para dar tempo à outra figura de reagir. Ele estava apostando que era uma criança do sexo feminino. Ela parecia congelada em estado de choque. Sua pele estava escurecida do sol em um rico tom de marrom. Ela tinha uma estrutura óssea delicada, pés sujos, e uma pequena barriga arredondada sob um estreito torso.



Os cabelos escuros emaranhados da criança tinham ricos reflexos ruivos ao sol, como se estivesse iluminado com um profundo fogo interno. Sua mão caiu para o seu lado, e ele viu que tinha brilhantes olhos amendoados escuros que brilhavam com inteligência afiada.



O reconhecimento o chutou nos dentes. Seus traços imaturos já mostravam a promessa de uma estrutura óssea espetacular. Sua boca estava aberta, a curva infantil dos lábios insinuando a beleza sensual que estava por vir.

Putá merda.

—Olá, querida, — ele sussurrou, olhando.

Ela era uma impossibilidade de tirar o fôlego. Ele não poderia estar olhando para a criança que Carling tinha sido, mas de alguma forma ele estava. Ele foi pego em suas memórias? Como poderia ser isso? Tudo parecia tão real, não poderia ser uma ilusão. Poderia?

A menina disse algo numa trêmula voz alta, as palavras soando líquidas, estranhas e ininteligíveis.

Por alguns momentos, o seu cérebro congelado se recusou a responder. Então, como se flexionando um músculo não utilizado, sua mente deu sentido ao que ela havia dito a ele. Ela havia falado em uma língua morta há muito tempo.

— Você é Atum?

Atum, para os antigos egípcios, era o deus da criação, o ser a partir do qual todas as outras divindades vieram. Rune balançou a cabeça e se atrapalhou para encontrar as palavras e os conceitos para uma resposta que esta versão de Carling entendesse.

—Não, — ele disse, tentando com todas as suas forças projetar conforto e segurança em sua voz. Se isso era realidade ou ilusão poderia ser descoberto mais tarde. Neste ponto não importava, ele só esperava que a criança Carling não entrasse em parafuso e fugisse dele. —Eu sou algo diferente.

A menina apontou com a mão trêmula. —Mas eu vi você sair da água.

Rune virou-se para olhar para onde ela apontava. O rio acabava fora da vista. Atum, de acordo com o mito, surgiu de um abismo primordial aquoso que circulava o mundo. Quando Rune havia mudado em sua forma Wyr e se lançou para o ar, a distância deve ter feito com que parecesse que ele tinha saído da água.

Ele repetiu, suavemente, —Eu não sou um deus. Eu sou outra coisa.

Ele não esperava que ela acreditasse nele. Ela tinha acabado de vê-lo voar em sua forma de Grifo. Para ela, como poderia ser qualquer outra coisa? As religiões primitivas eram preenchidas com



tais coisas, como o Wyr trocar de forma e começar a interagir com a humanidade. O panteão dos deuses do Egito era especialmente cheio de homens em formas de animais.

Ele era inútil para as coisas humanas, mas se tivesse que adivinhar, ele colocaria esta Carling em menos de dez anos de idade. Isso realmente era o que ela tinha sido quando criança, ou era uma projeção de sua mente? Isto era o que ela achava que tinha sido uma vez? Maravilha simples fez seus olhos inteligentes brilharem. Ela era tão delicada, a visão dela pegou na parte de trás de sua garganta. Ela era uma mera criança. Tinha tudo o que deve ter sido uma vida muitas vezes difícil pela frente. Esta Carling não poderia entender nada disso.

Movendo-se lentamente e facilmente, ele se agachou de cócoras para que não ficasse como uma torre sobre ela. Ela estremeceu quando ele se moveu, mas ela ainda não quebrou e correu. Um bebê tão corajoso. Ele limpou a garganta. —Qual é o seu nome, querida?

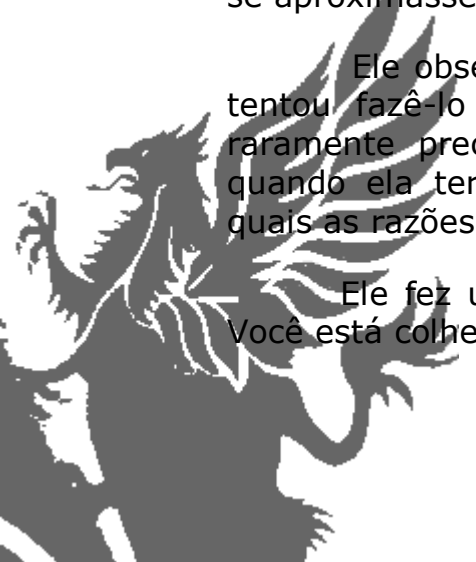
Querida. Ele usou a palavra em inglês. Ele não conhecia nenhuma equivalente na antiga língua egípcia.

Em um gesto clássico infantil de autoconsciência, ela levantou um de seus ombros estreitos em direção a sua orelha como se desse um pequeno sorriso. —Khepri, — ela sussurrou.

Rune caiu de ponta-cabeça no amor. Ele riu um pouco sem fôlego, se sentindo como se uma mula acabasse de lhe chutar no peito. —Khepri, — ele repetiu. Se ele se lembrava direito, a palavra significava sol da manhã. —É um nome bonito. — Ele apontou na direção do conjunto de pequenos edifícios perto da margem do rio. — A sua família vive lá?

Ela assentiu com a cabeça. A curiosidade superou sua maravilha, e ela se atreveu a andar de lado alguns passos mais próximos. —Qual é seu nome?

Ele prendeu a respiração. Ele queria que ela confiasse nele e se aproximasse. —Eu sou chamado de Rune.



Ele observou sua boca formar a palavra estranha quando ela tentou fazê-lo em silêncio. Ela teria sido uma criança rápida e raramente precisava ser dito algo duas vezes. Ele se perguntou quando ela teria levado o nome mais anglicanizado de Carling, e quais as razões que estavam por trás da mudança.

Ele fez um gesto em direção ao feixe de grãos e da faca. — Você está colhendo.



Ela olhou para o pacote e soltou um suspiro prejudicado. —É um trabalho duro. Eu prefiro pescar.

Ele sorriu. —Onde a sua aldeia tem seus grãos?

Ela apontou para o norte, rio abaixo. —Ineb Hedj, — ela disse a ele. Ela acrescentou, com orgulho: —É um lugar muito grande.

Ineb Hedj⁷. As paredes brancas. A cidade tinha sido nomeada pela barragem que a rodeava e com êxito manteve o Nilo na baía, uma das primeiras de seu tipo na história humana. Fundada por volta de 3.000 AC e sentado 12 milhas da costa do Mediterrâneo, a cidade tinha uma história longa e ilustre. Eventualmente ela seria chamada de Memphis. Em um ponto que tinha sido a maior cidade do mundo. Khepri estava certa, era um lugar muito grande.

Ele ouviu a batida rítmica de cascos na distância, e lembrou-se dos homens a cavalo que ele tinha vislumbrado antes, quando ele estava no ar. Se a aldeia de Khepri foi capaz de obter grão em Ineb Hedj, a cidade não poderia estar mais do que a um dia de caminhada de distância. Provavelmente, os cavaleiros vieram da cidade.

Ele sorriu. Tudo sobre esta criança o encantava, a forma como ela puxou o lábio inferior com o polegar e o indicador, de como ela estava com um pé sujo equilibrado em cima do outro. Como ela tinha vindo de tal princípio, obscuro e pobre para se tornar uma das governantes mais poderosas nas Elder Races?

Ele perguntou: —Você já esteve em Ineb Hedj?

Ela balançou a cabeça. —Eu não estou autorizada.

—Isso vai mudar algum dia, — ele disse.

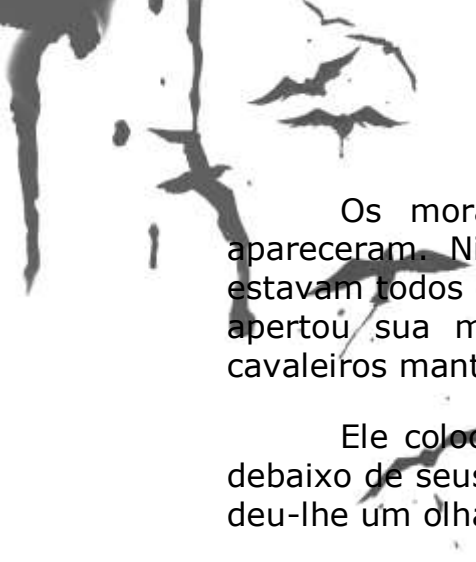
Khepri olhou na direção das batidas dos cascos. Ela perguntou: —Você ouviu isso?

—Sim, — ele disse.

—Alguma coisa está acontecendo. — Ela parecia animada e perturbada novamente.

A aldeia devia ser longe o suficiente da cidade para ser alvo dos homens a cavalo. Ele franziu a testa e endireitou para olhar para o norte. Khepri se aproximou para estar ao seu lado.

⁷ **Ineb Hedj** : Nome egípcio da antiga cidade de **Memphis** – primeiro nome da antiga capital do Baixo Egito, e do Reino Velho desde sua fundação até hoje.



Os moradores saíram das cabanas quando os cavaleiros apareceram. Ninguém notou Rune ou olhou em sua direção. Eles estavam todos olhando para os cavaleiros que se aproximavam. Rune apertou sua mandíbula. Ele não gostou do aspecto de como os cavaleiros mantiveram suas lanças, ou a sua velocidade agressiva.

Ele colocou a mão no ombro de Khepri. Ela parecia tão frágil debaixo de seus dedos, seus ossos esbeltos como de um pássaro. Ela deu-lhe um olhar carrancudo.

—Ouça, querida, — ele disse. Ele manteve o tom calmo e fácil. —Eu acho que devemos entrar no campo e nos esconder no grão, apenas até que nós saibamos o que os homens querem.

Ou pelo menos é o que ele tentou dizer para ela. Mesmo quando as palavras saíram de sua boca, a sensação contínua de seu ombro derreteu debaixo de seu toque. Ele fez uma tentativa instintiva de agarrá-la. Seus dedos se fecharam em um punho vazio. Khepri olhou para o punho e estendeu a mão para ele com pequenos dedos marrons que tinham ficado transparentes. Sua mão passou pela sua. Seu rosto se inclinou para cima. Eles olharam um para o outro.

Rune enviou um rápido olhar ao redor. O esboço de um quarto tinha aparecido, esboçado durante a tarde quente do deserto. Uma linha vertical de cortina cortou os cavaleiros que tinham levantado suas lanças. O cavaleiro na liderança mirou e atirou a lança no próximo morador, um homem de meia-idade delgado. A cabeça da lança de cobre surgiu na parte de trás do homem em uma explosão de vermelho líquido.

Ah, inferno não.

Ele olhou para Khepri e viu os lábios dela se moverem em outra palavra. Ele reconheceu mesmo que não pudesse ouvi-la. Papai. Ela abriu a boca para gritar.

Não, caramba. O que realmente estava acontecendo a memória, a ilusão ou realidade, ele não queria deixar a criança desta forma, não agora, não ainda. Ele tentou dar um bote na frente dela para que ela não pudesse ver mais nada do que os cavaleiros fizeram. Ele tentou pegá-la e fugir com ela, mas ela passou por seus braços, tão insubstancial como um fantasma.



Khepri e o resto da cena do deserto desapareceram de vista. Ele sentiu novamente uma espécie de passagem, que parecia um sentimento peculiar, indo em torno duma esquina, mas não importa o quanto sua mente tentasse agarrar e compreender o conceito, ele deslizava para longe.



Então ele se viu em um grande quarto, frio e escuro. Uma cama king-size com dossel dominava uma parede. Uma área de estar com poltronas, banquinhos e mesas laterais foi criada do outro lado da sala, na frente de uma lareira confortável, bem utilizada.

Carling estava sentada em uma das poltronas, um livro aberto descansando em um dos braços da cadeira. Rasputin tinha saltado sobre seu colo e estava lambendo seu rosto. Rhoswen se ajoelhou no chão ao lado dela, segurando-a pela mão e dizendo o seu nome. Com uma careta, Carling cutucou o cão longe de seu rosto. Rasputin passou a lamber-lhe a mão enquanto abanava o rabo freneticamente. Carling avistou Rune. Ela olhou para ele, para o cão e para Rhoswen como se ela nunca tinha visto nenhum deles antes.

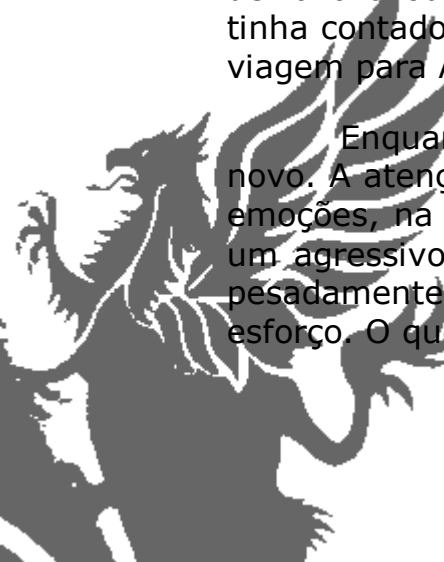
Ela disse: —Alguma coisa aconteceu.



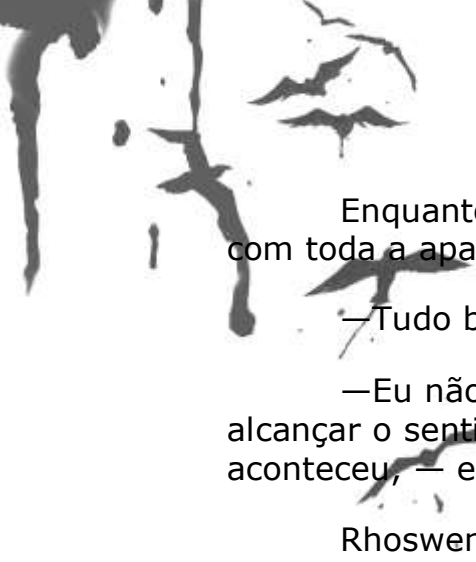
Carling lutava contra um sentimento de desorientação. Ela estava tentando ler uma história bastante mutilada da Idade das Trevas, encontrando o autor alternativamente divertido e irritante. A última coisa que lembrava era de colocar para baixo seu livro, enquanto olhava para a luz do sol de fim de tarde, e agora seu quarto estava em quase completa escuridão. Apesar de seu melhor esforço para evitá-lo, aparentemente ela havia desaparecido novamente.

Angústia preenchia o ar. Rasputin ficava perturbado sempre que tinha um episódio. Como o cão percebia o que estava acontecendo, ela não tinha a menor idéia. Ela desistiu de tentar acalmá-lo e simplesmente apertou a mão para baixo na parte de trás do pescoço do cachorro para conter seu corpo frenético se contorcendo em um ponto.

Nunca houve qualquer ambiguidade sobre Rhoswen estar chateada também. Quando Carling desbotava, invariavelmente deixava a outra Vampira em pânico, e foi por isso que Carling não tinha contado a ela sobre os episódios que ela tinha sofrido durante a viagem para Adriyel.



Enquanto o pânico de Rhoswen era cansativo, não era nada de novo. A atenção de Carling se desviou à fonte das afiadas e violentas emoções, na sala. Rune queimava contra o olho de sua mente como um agressivo e violento vulcão infravermelho. Ele estava respirando pesadamente, e cheirava a forte suor masculino proveniente de um esforço. O que aconteceu com ele?



Enquanto olhava, ele parecia se recompor. Ele andou até ela com toda a aparência de calma, mas é claro que ela sabia melhor.

—Tudo bem, — Rune disse. —O que aconteceu?

—Eu não sei, — ela disse. Ela franziu a testa enquanto tentava alcançar o sentimento indescritível, mas ele já havia derretido. —Algo aconteceu, — ela insistiu. — Alguma coisa mudou.

Rhoswen começou um murmúrio choroso. Carling estava tão cansada de lidar com a participação da Vampira mais jovem que simplesmente cobriu os olhos com uma mão.

Rune falou bruscamente —Rhoswen, pare com isso.

O balbucio de Rhoswen se cortou no meio da frase. Ela olhou com espanto ofendido para Rune.

Ele disse a ela, com a voz dura, —Ninguém precisa desse tipo de lamento excessivo agora. Se você não pode adicionar à situação, saia.

As sobrancelhas de Carling subiram atrás de sua mão. Ela estava quase com vontade de rir.

A resposta de Rhoswen soou estrangulada. —Vou alimentar o cachorro, e levá-lo para fora.

Carling tocou a mão Rhoswen e lhe disse: —Obrigada.

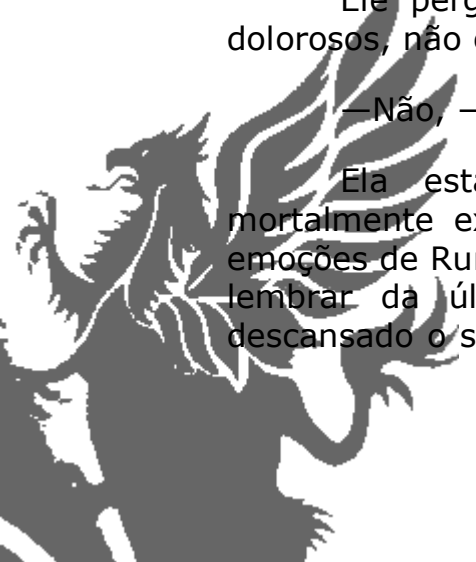
Rhoswen fungou e balançou a cabeça. Ela pegou Rasputin do colo de Carling e saiu com a cabeça baixa.

Rune esperou até que a Vampira mais jovem se fosse. Então ele começou a andar ao redor da sala. Ele manteve seus movimentos controlados em um movimento lento, como se quisesse dar a aparência de relaxamento, mas uma nevoa quente de violência cercava tudo, obliterando sua capacidade de ver ou sentir qualquer outra coisa no quarto.

Ele perguntou em uma voz baixa, —Os episódios não são dolorosos, não é verdade? Você está em algum desconforto?

—Não, — ela disse. —Eu estou cansada.

Ela estava mais do que apenas cansada. Ela estava mortalmente exausta. Nem mesmo a vitalidade notável das fortes emoções de Rune poderia energizá-la desta vez. Ela não conseguia se lembrar da última vez que tinha dormido, ou mesmo apenas descansado o suficiente para se tornar revigorada. Era tudo parte da





progressão da doença: uma perda da capacidade de ter nutrição física e começar a se alimentar de emoções, e depois de alguns séculos, se tornou incapaz de dormir e os episódios aumentaram. Ela colocou os braços ao redor de si mesma e se encolheu em um canto da poltrona.

Rune deu-lhe um olhar afiado, pesquisando. Ele parou em uma das mesas laterais para acender uma lâmpada de óleo. Ela inundou a sala de estar com a luz suave. Ele olhou para um relógio de corda sobre a lareira e continuou sua espreita. —Rhoswen acordou mais cedo e veio verificar você. O sol ainda não havia caído, de modo que você pode ter deslizado para o enfraquecimento a qualquer momento a partir da tarde para o início da noite. É quase meia-noite agora. Este é o comprimento de tempo típico para um desses episódios?

—Eles variam, — ela murmurou. —Recentemente, tive um que durou um par de dias. Parece que este durou apenas uma hora.

—Tudo bem. — Ele parou na frente de grandes janelas e olhou para fora. Ele ficou imóvel, então murmurou para si mesmo: — Interessante.

Ela o olhou com ar cansado. Tão fascinante como ela o achasse, agora não queria nada mais do que ele fosse embora e a deixasse sózinha. —O que?

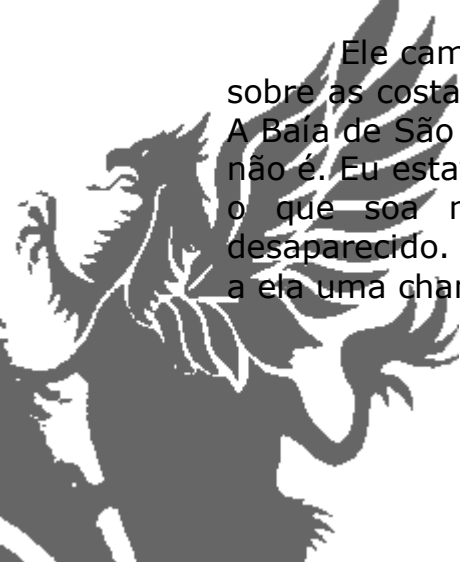
Ele olhou para ela. —Suas janelas estão viradas para o leste.

Ela levantou um ombro em um encolher de ombros. Ela pegou como sua atenção foi desviada para o pequeno movimento. Uma expressão estranha cruzou os magros traços bronzeados, e uma emoção afiada como dor o traspassou.

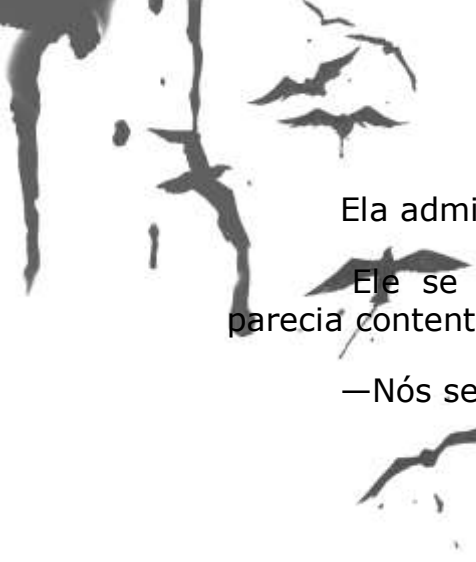
Ela lhe disse: —Eu gosto de olhar para o sol da manhã.

—Khepri, — ele sussurrou.

Choque gelado ondulava sobre sua pele quando ela o ouviu pronunciar uma palavra que ninguém tinha falado para ela em milênios. —O que você acabou de dizer?



Ele caminhou até a outra poltrona e apoiou os braços cruzados sobre as costas enquanto ele a olhava com intensidade inabalável. — A Baía de São Francisco era visível mais cedo, — Rune disse. —Agora não é. Eu estava fora quando ela apareceu pouco antes do pôr do sol, o que soa muito perto do momento em que você pode ter desaparecido. Não é uma coincidência? — Ele fez uma pausa para dar a ela uma chance de responder. Ela não disse nada. —Não?



Ela admitiu relutantemente, —Talvez não.

Ele se ajeitou e cruzou os braços sobre o peito. Ele não parecia contente. —Parece que temos muito que discutir.

—Nós seguro como o inferno não temos, — Carling disse.





CAPÍTULO 6

Ela olhou para ele. —Como você sabia sobre essa... palavra? — Ela se sentiu tão exposta e fora de equilíbrio, não podia sequer admitir em voz alta que Khepri era um nome, muito menos confessar que tinha sido seu nome, há muito tempo e que tinha sido literalmente uma criatura diferente. Ela não podia imaginar como Rune, de todas as pessoas, teria ouvido falar dele.

Rune fez um gesto impaciente com a mão. —Eu vou chegar a isso em um minuto. Por que você não disse nada sobre uma conexão entre o que estava acontecendo com você e o que estava acontecendo na ilha?

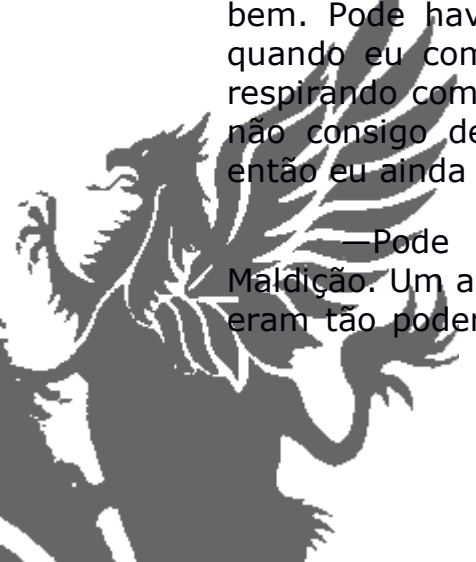
—Porque eu não entendo por que isso está acontecendo, — ela retrucou. —Eu nem sei se há uma conexão.

Ele retrucou: —Não minta para mim. Eu disse que iria ajudá-la, mas eu não posso fazer isso, se você não falar a verdade sobre tudo que você acha que está acontecendo.

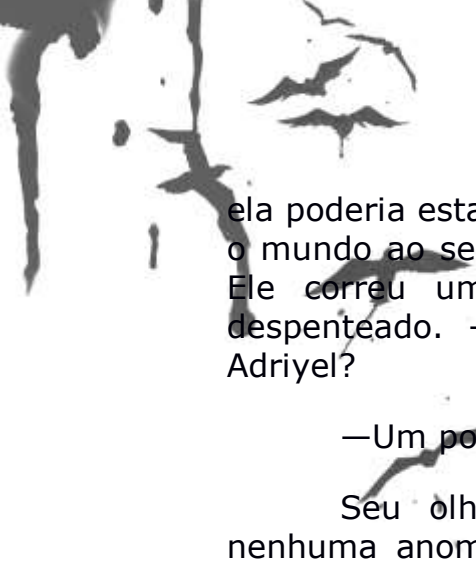
—Eu não pedi para você ficar, — ela disse, seu tom era cortante.

Sua ira detonou. A força dela era como um *air bag* inflável invisível, empurrando-a para trás em sua cadeira. —Você realmente quer ir por aí? Porque baseado no que eu li até agora, você já fez ótimo trabalho em si própria todo esse tempo. Eu tenho certeza que você vai mudar as coisas a qualquer segundo, agora, antes que você morra, em tão logo como um par de semanas de merda.

Ela deixou cair a cabeça para trás contra a cadeira. — Tudo bem. Pode haver uma ligação. A ilha começou a se tornar visível quando eu comecei a ter os episódios. —Ela descobriu que estava respirando com dificuldade e se obrigou a parar. Ela disse: —Mas eu não consigo descobrir o que faria vincular as duas coisas juntas, então eu ainda não entendo por que isso acontece.



—Pode ser uma ligação. Pode haver uma conexão? — Maldição. Um arrepio ondulou sua espinha. Se os episódios de Carling eram tão poderosos que afetaram a terra ao seu redor, o que mais



ela poderia estar afetando? O que seus episódios poderiam fazer para o mundo ao seu redor quando ela não estava em uma Outra Terra? Ele correu uma impaciente mão de dedos longos pelo cabelo despenteado. —Você lembra todos os episódios da viagem para Adriyel?

—Um pouco, — ela admitiu relutantemente.

Seu olhar agudo a esfaqueou. —Eu não me lembro de nenhuma anomalia ocorrida na paisagem, e eu com certeza não... bem, eu não senti nada remotamente parecido com o que aconteceu aqui hoje.

Ela encolheu os ombros e balançou a cabeça. —Nós não podemos sequer ter a certeza que existe uma correlação. Se houver, Adriyel ainda é uma das maiores terras no Hemisfério Norte, com várias passagens de cruzamento, não só para a Terra, mas também para Outras Terras. Acho que seria necessário algo de tamanho inimaginável e escopo para afetá-la. Esta ilha é uma das menores Outras Terras conhecidas com apenas uma passagem para cruzá-la. E, tanto quanto você está preocupado, você nunca esteve em torno de mim quando eu comecei a enfraquecer. Eu estava perto de um quando Niniane foi sequestrada e Tiago ferido, mas focar na cura de Tiago me ajudou a afastá-lo por um tempo. No momento em que isso me atingiu, eu estava de volta em nosso acampamento em um descanso. Eu tive um outro episódio mais cedo, no hotel, mas não acho que você tivesse chegado em Chicago ainda.

Sua mandíbula se apertou. —Eu tenho cerca de uma centena de páginas restantes para ler de sua pesquisa. Nada disso está em suas notas?

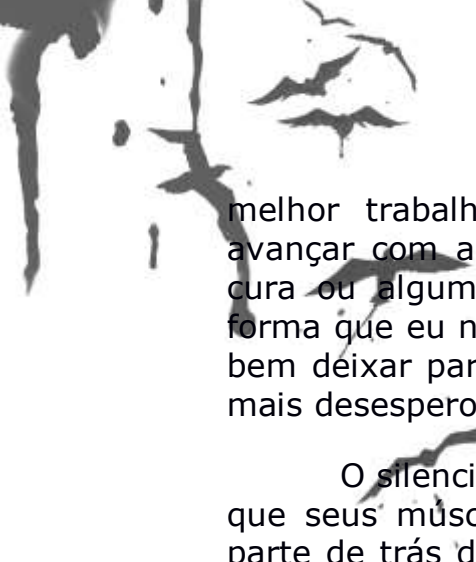
Ela desviou o olhar do dele. Ela disse: —Não.

Depois de um momento, ele disse entre os dentes, —Por mais que eu gostasse, não vamos perder tempo em ter uma conversa sobre por que diabos não.

Ela disse com firmeza: —Não havia nenhum ponto em escrevê-la. Não é nem científica nem produtiva para afirmar como isso parece acontecer, e, ao mesmo tempo, este evento, e outros aparentemente sem relação também, parecem acontecer, e eu não entendo nada disso.

Ele olhou incrédulo. —De tudo o que está acontecendo, ser científico é o que mais importa para você?

Seu brilho breve de raiva desapareceu. Ela esfregou o rosto. E disse com um suspiro, —É importante que eu deixe para trás o



melhor trabalho que posso, por isso espero que alguém possa avançar com a pesquisa. Então, talvez eles possam encontrar uma cura ou alguma forma de deter a progressão da doença de uma forma que eu não tenho sido capaz de fazer. E não vai fazer nenhum bem deixar para trás especulações infrutíferas que contém, no final, mais desespero do que sentido.

O silêncio se espalhou pela sala. Ele estava cheio de tal tensão que seus músculos se apertaram. Rune se empurrou para fora da parte de trás da cadeira e deu a volta. Ela o observou com cautela, quando ele pegou um dos pufes, colocou em frente a ela e se sentou sobre ele. Sua expressão era fria, ele pegou a mão dela, e ela permitiu. No momento.

Ele olhou para seus dedos, e ela também o fez. Eles pareciam tão finos e delicados em sua mão muito maior, como um quadrado espalmado. As aparências enganavam. Ela havia perdido a conta do número de criaturas que tinha matado com suas próprias mãos.

A raiva e agressão de Rune haviam desaparecido. Ela desejou que pudesse encontrar uma maneira de manter a visão de seu rosto magro e bonito sem ferir o que restava de seu coração, cansado e inútil. A emoção era apenas mais uma coisa que ela não entendia sobre si mesma, e ela não sabia como fazê-la parar. Ela desejou ter a capacidade de tirar o máximo proveito deste tempo fugaz, porque iria acabar cedo demais. Ela queria encarar a beleza masculina de Rune de uma forma que merecia, com simples prazer.

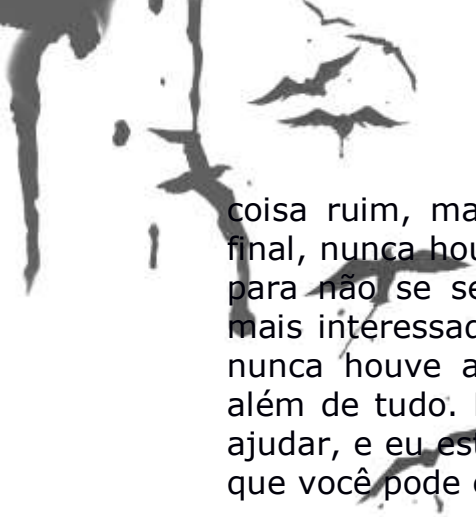
Quando Rune falou em seguida, sua voz suavizou. —Você se tornou muito acostumada com o pensamento de morrer.

Ela não se preocupou em dignificar isso com uma resposta verbal. Em vez disso ela levantou uma sobrancelha.

Ele disse a ela: —Eu sei, mas leve a sério o que eu digo, Carling. Eu acho que a mentalidade pode levar a algum pensamento desleixado. Você não tem mais o luxo de séculos ou mesmo anos antes de você parar a pesquisa. Você não pode se dar ao luxo de ser passiva ou ficar em silêncio sobre as coisas agora, só porque elas não fazem sentido para você.

Ela olhou para ele por um momento. Em seguida, ela chocou a ambos, quando ergueu a mão livre e a colocou contra seu rosto, quente e fino. Ele congelou, seu olhar assustado.

—Eu acho que você é bom homem, — ela disse. Tão antiga quanto ela era, ela conheceu muito poucos dos da espécie dele ao longo dos anos. Como uma mulher de poder, ela tendia a atrair homens de ambição. Não que ambição fosse necessariamente uma



coisa ruim, mas ela tendia a distorcer a ética e a perspectiva. No final, nunca houve ninguém seguro o suficiente em seu próprio Poder para não se sentir ameaçado pelo dela, nem ninguém que estava mais interessado nela do que no encontro de sua própria agenda. E nunca houve alguém forte o suficiente para fazê-la acreditar nele além de tudo. Ela sorriu para Rune. —Eu aprecio que você quer me ajudar, e eu estou feliz em tentar lutar pela minha vida. Mas eu temo que você pode estar lutando contra moinhos de vento, aqui.

Ele deu um sorriso torto em troca, seu rosto se movendo sob a palma da mão. —No início, eu estava muito convencido de que estava no Alice no País das Maravilhas. Pense sobre isso, eu desapareci de vista na frente de algumas pessoas, então eu sou realmente o Gato de Cheshire também. Eu não acho que a canalização de Dom Quixote deverá levantar quaisquer problemas.

Divertida, ela disse, —Você não está fazendo nenhum sentido.

A covinha móvel apareceu ao lado de sua boca, sensual. — Isso é só porque você não sabe do que estou falando.

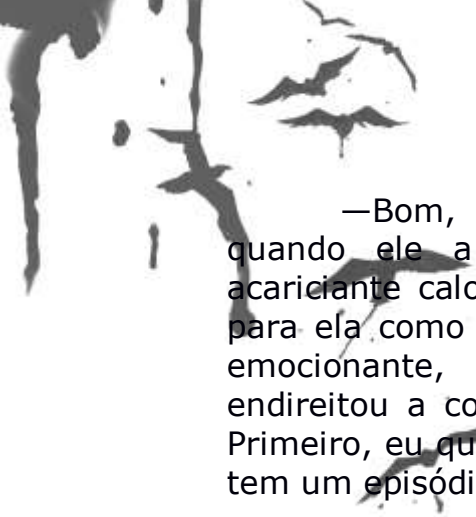
—Eu vou lhe dizer uma coisa, — ela disse. —Isso foi realmente uma coisa muito gato Cheshire a dizer.

—Agora, estamos ficando à frente de nós mesmos. — Ela disse. Ela começou a deixar a mão cair longe de seu rosto. Ele a pegou e deu um beijo na palma da mão. Ele soltou ambas as mãos antes que ela pudesse reagir. Confusa, aquecida e de alguma forma decepcionada quando ele a soltou, ela entrelaçou as mãos e segurou com firmeza em seu colo. Ele disse: —Eu vou interpretar o que eu ler no resto da pesquisa da minha própria maneira. Por agora, eu quero que você me diga tudo, mesmo que isso não passe de conjecturas ou se você não entender isso.

Ela franziu o cenho. —Você diz que não devemos perder tempo, mas eu não vejo como...

Ele anulou o que ela estava prestes a dizer, com um pomposo olhar. —Você tem que começar a confiar um pouco em mim. Não muito. Pelo menos, eu acho que, não fora da sua zona de conforto. Mas eu sou realmente um investigador muito bom, e sou bastante experiente em decidir por mim mesmo que informação pode ou não ser útil. — Então, a severidade derreteu de seus olhos. Ele deu um sorriso persuasivo. —E eu posso ser tão terrivelmente encantador enquanto eu faço isso. Você vai ver. Vai ser divertido.

A boca dela fechou com um clique de seus dentes. — Oh, pelo amor de Deus, tudo bem.



—Bom, nós estamos fazendo progresso. — Sua expressão quando ele a olhou estava preenchida com tanta preguiça e acariciante calor, que ela queria se aquecer a noite toda. Ele olhou para ela como se fosse a única coisa no mundo que importava. Foi emocionante, exótico, perigoso, completamente irrelevante. Ela endireitou a coluna quando tentou arrastá-la de volta em linha. — Primeiro, eu quero que você me diga o que você experimenta quando tem um episódio.

—Episódio, episódio, episódio, — ela disse com veneno súbito. —Deuses, como eu passei a odiar essa palavra.

—Ceerto, — Rune disse. Ele trocou as engrenagens com aparente facilidade. —Nós vamos ter que começar a chamar de outra coisa. Você sofre de um caso extremo de transtorno de deficit de atenção.

Ela olhou para ele e resmungou: —Tanto faz.

Ele sugeriu: —Você manteve a luz ligada quando saiu de casa.

Não. Ele não era engraçado. Ela não daria o que ele queria. Em algum lugar no meio do seu olhar, ela começou a sorrir. —Não seja ridículo.

—Você alimentou os morcegos em seu campanário? Você estava mais louca do que um rato caseiro.

—O que? — O riso borbulhava fora dela. Parecia estranho, efervescente e iluminado. Ela não conseguia se lembrar da última vez que tinha dado uma boa gargalhada, ou por quê.

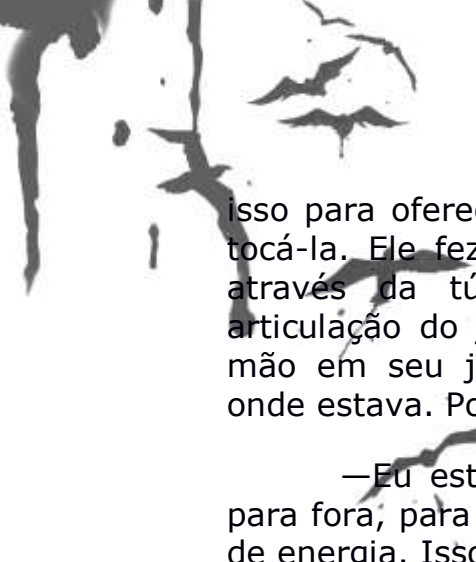
—Eu sei, é muito extenso para dizer no meio de uma frase, — ele disse com um sorriso. —Estou aqui, com uma chuva de idéias. Você acaba mostrando o seu Vegas, bebê.

—Você sabe, a palavra 'episódio' não parece mais tão ruim, — ela disse, ainda rindo. —Eu acho que nós deveríamos ficar com o inglês simples.

—Tudo bem, — Rune disse. Seu olhar permanecia quente sobre ela, a expressão de seus olhos acariciando-a. —Diga-me sobre quando você é rasgada para fora.

Rasgada... Ela tentou encará-lo novamente, mas tinha perdido a capacidade. O riso a varreu, juntamente com sua exaustão e o peso persistente de desânimo.

Então, ela ficou séria quando pensou em voltar mais cedo naquele dia, e Rune colocou a mão em seu joelho. Talvez ele fizesse



isso para oferecer conforto ou encorajamento. Ele parecia gostar de tocá-la. Ele fez isso tantas vezes. O peso de sua mão era quente através da túnica, seus longos dedos calejados escavando a articulação do joelho. Ela decidiu que gostava da sensação de sua mão em seu joelho, também. Ela permitiu que ele permanecesse onde estava. Por agora.

—Eu estava lendo, — ela disse. —Eu coloquei o livro e olhei para fora, para a luz do sol desaparecendo. Então eu senti meu surto de energia. Isso é o que eu chamo, de qualquer maneira.

Ele murmurou, —Você disse que isso acontece sempre que você entra em um enfraquecimento.

—Sim. Eu nunca experimentei a menopausa, mas eu me pergunto às vezes se ondas de calor podem ser um pouco assim. É um sinal de alerta bom. Se eu posso responder com rapidez suficiente, eu às vezes posso afastar um episódio.

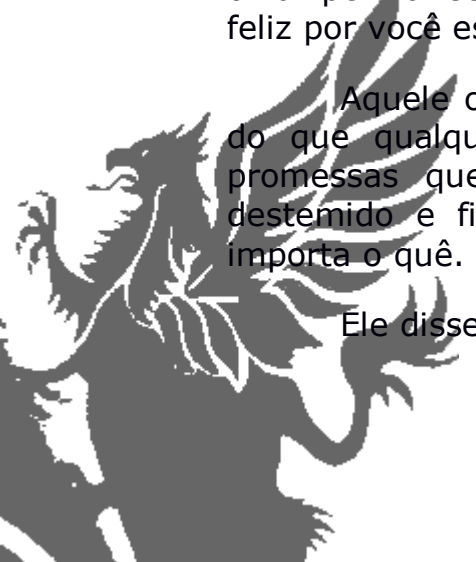
—Por que você acha que a dor ajuda?

—Eu não tenho certeza. O choque parece me encaixar de volta em sincronia, pelo menos por um tempo. — Ela olhou para ele e mordeu o lábio. —Tudo bem, eu confesso. Talvez não queria falar sobre as chamas de energia, ou como a ilha parece aparecer e desaparecer quando isso acontece, porque não quero que você mude sua mente e saia. Eu honestamente não sei o quão seguro é ficar perto de mim quando isso acontece. É por isso que todo mundo me deixou, exceto Rhoswen.

—Eles podem sentir o que está acontecendo? — Rhoswen não podia, mas ele não sabia o quanto de critério isso podia ter. Não só ela tem relativamente pouca energia ou magia, mas ela também era jovem.

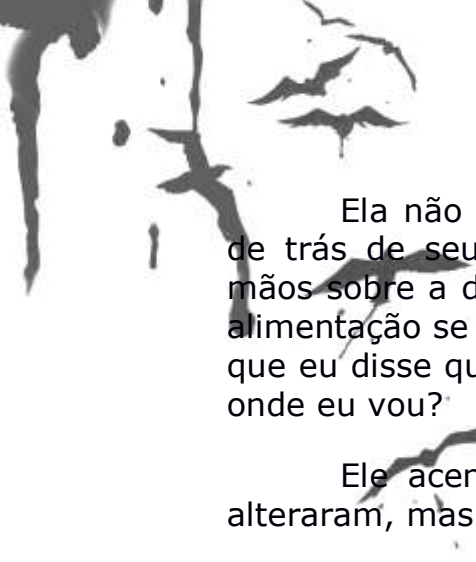
—Ninguém jamais admitiu isso. — Carling fechou os olhos. — Assusta-os.

—Bem, boa viagem para eles. — Sua mão apertou a dela. Seu olhar permaneceu duro constante. —Mas eu não vou te deixar. Estou feliz por você estar me dizendo agora. Vá em frente.



Aquele olhar em seus olhos a puxou de forma mais poderosa do que qualquer outra coisa que conseguia se lembrar. Ele fez promessas que nunca tinha ouvido antes, coisas como ele era destemido e ficaria com ela, que ela podia contar com ele, não importa o quê.

Ele disse que valia a pena lutar.



Ela não sabia se acreditava nele, mas algo queimou na parte de trás de seus olhos ao pensar que isso poderia. Ela colocou as mãos sobre a dele, seus dedos apertando com força. —Então, minha alimentação se queima e eu me dissocio da realidade. Você se lembra que eu disse que às vezes vou para o passado, e às vezes eu não sei onde eu vou?

Ele acenou com a cabeça. Sua postura e expressão não se alteraram, mas de alguma forma a sua atenção se apurou.

Ela disse: —Hoje eu fui ao passado. Eu mantenho um ciclo através de memórias de infância. Eu não sei por quê. Talvez seja porque eles tinham esses momentos de definição para mim. Talvez não haja uma razão e isso simplesmente acontece.

Ele murmurou, —Conte-me sobre essa memória, mais cedo.

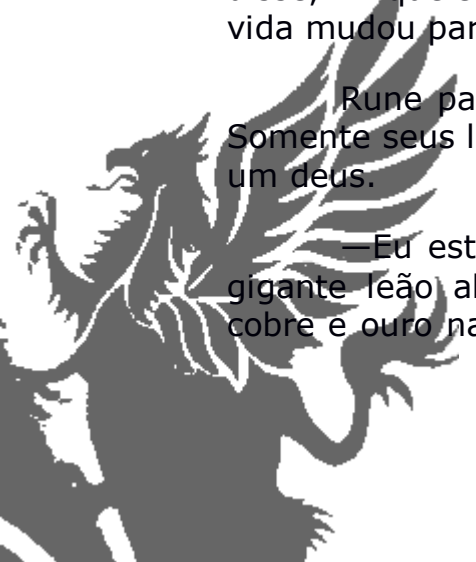
—Será que isso importa? — Ela inclinou a cabeça, o estudando tanto quanto ele a estudava.

—Eu não sei ainda.

—É justo. — Ela encolheu os ombros. —Eu fui ao passado, quando eu era criança. Eu morava em uma pequena vila no Nilo. Era uma forma muito simples, a vida era primitiva, pobre. Nós vivemos e respiramos os ciclos do rio. Nós pescamos e secamos o que pegávamos, e nós plantávamos e colhíamos grãos. Estávamos a um dia de caminhada de Memphis. É claro que não era chamada de Memphis, então.

Rune sussurrou, —Ineb Hedj.

—Sim. — Surpresa, ela deu-lhe um sorriso. Às vezes era um conforto indizível falar com outras criaturas pelo menos tão antiga quanto ela. Tantas coisas que lhe tinham acontecido haviam ocorrido há muito tempo e tinham desaparecido dentro da própria história. Elas tinham se tornado distantes para ela, como palavras em uma página, uma história que tinha acontecido com outra pessoa, mas desta vez ela se deixou derivar de volta na memória real, quando disse, —Aquele dia foi bastante agitado. Eu conheci um deus e minha vida mudou para sempre.



Rune pareceu congelado. Sua mão estava rígida como pedra. Somente seus lábios se moviam quando ele repetiu: —Você conheceu um deus.

—Eu estava ajudando a colheita da cevada, quando eu vi um gigante leão alado voador, — ela murmurou. — Ele brilhou como cobre e ouro na luz da manhã pálida. Ele era tão bonito que eu senti



como se minha alma deixasse meu corpo enquanto eu o observava, e ele tinha a cabeça de uma águia... — Seu olhar se alargou sobre Rune. —É claro, — ela sussurrou. —É claro que ele era um Grifo.

Seus olhos estavam muito cheio das coisas que ele estava sentindo, uma selvageria e uma alegria quando ela mencionou o vôo, e certo sentimento de tragédia que não podia começar a compreender. Perplexa, ela viu o movimento de sua garganta quando ele engoliu. Ele disse: —Fui eu, Carling.

Ela olhou para ele. —Como você pode saber isso com certeza? Foi o que aconteceu há milhares de anos. Você foi a coisa mais incrível que eu já tinha visto. Eu nunca tinha imaginado algo como você, mas para você, eu era apenas o filho de outro homem. Eu tinha que ter sido tão esquecível.

—Khepri, — ele disse. Sua voz era suave. —Você nunca foi em qualquer momento da sua vida, esquecível.

A tristeza em sua expressão torceu para ela. Ela se inclinou em direção a ele, tocando em seu braço. —O que é, o que há de errado?

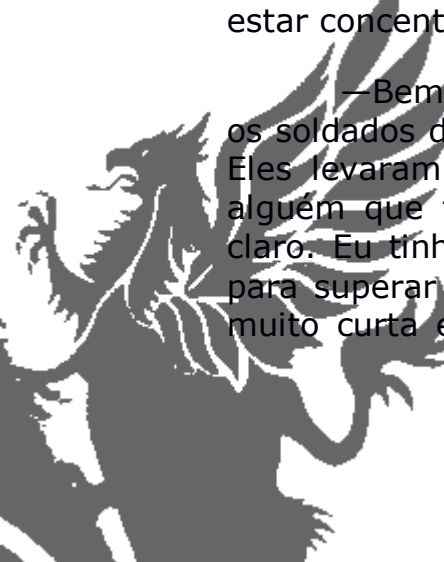
—Não importa agora, — ele disse. —Esta é a sua história. É importante que você fale.

—Tudo bem. — Ela franziu a testa, mas continuou: — Eu não me lembro de muita coisa sobre o nosso encontro. Eu me lembro da cor do seu cabelo. Ele brilhava dourado ao sol, como o leão. Você era muito grande e estranho, e nós conversamos por um tempo, mas eu estava em estado de choque e não retive nada do que dissemos um ao outro. Então você me deixou.

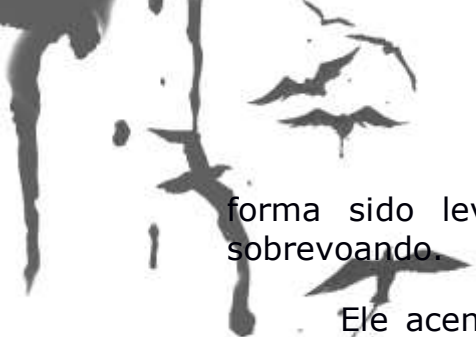
Ele olhou para suas mãos. —Você se lembra como eu saí?

—Não, — ela disse. —Você tomou voo novamente? Eu gostaria de me lembrar.

Ele balançou a cabeça, mas permaneceu em silêncio. Ele esfregou seu polegar levemente na borda de seu joelho e parecia estar concentrado no pequeno movimento.



—Bem, — disse ela depois de um momento. —No mesmo dia os soldados da cidade chegaram a nossa aldeia para colher escravos. Eles levaram os jovens, os saudáveis e os bons, e eles mataram alguém que tentou detê-los. Eu os vi matar meu pai. Foi terrível, claro. Eu tinha talvez sete anos de idade. Mas eu tive muito tempo para superar isso, e o fato é brutal, eu poderia ter vivido uma vida muito curta e morrido no lodo do rio se eu não tivesse de alguma



forma sido levada para fora dele. Eu nunca esqueci de vê-lo sobrevoando.

Ele acenou com a cabeça, a cabeça inclinada. Depois de um momento, ele perguntou, —O que fez você mudar o seu nome?

Ela deu de ombros com impaciência. —Levei minha liberdade e tomei o controle da minha vida, e logo tomei o controle da minha identidade. Eu queria um nome mais moderno, algo que era totalmente minha própria criação. Carling não era tão longe de Khepri, isso fez a transição fácil. Um dia chegou hora de enterrar aquela garota escrava. Na verdade, foi um pouco de alívio.

Sua boca se apertou. —Eu desejaria ter podido ficar para ajudar você e sua família.

Ela franziu o cenho. O que ela disse? Parecia que ele estava com dor. —Como eu disse, isso aconteceu muito tempo atrás.

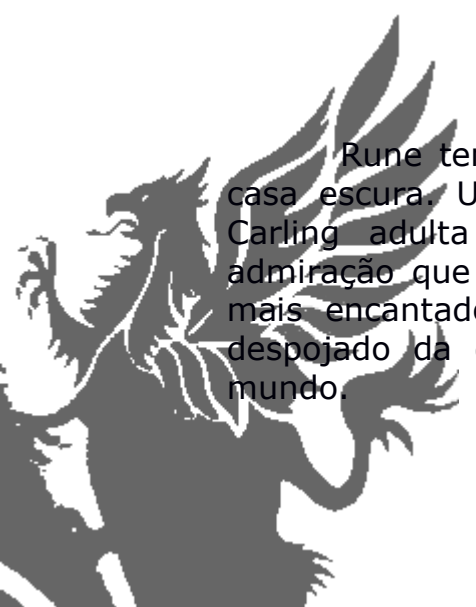
Ele a olhou com tal brusquidão, que ela se sentou bruscamente. Ele encontrou seu olhar por um momento, então, seus olhos em chamas se desviaram. —Claro que foi, — ele disse. Sua voz tinha ficado rouca. —Eu vou fazer uma pausa e esticar as pernas. Vamos pegar isso de novo em dez minutos.

—Se isso é o que você precisa, — ela disse lentamente.

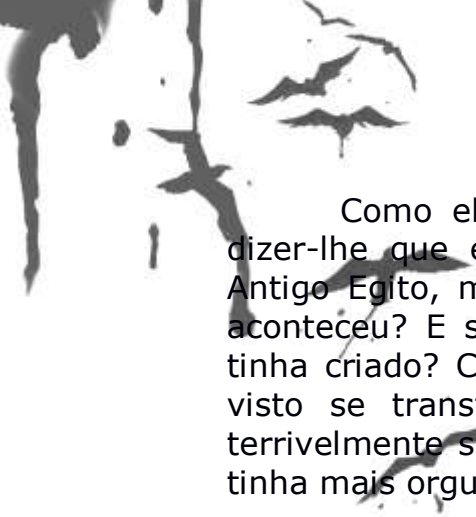
Ele lhe deu um breve aceno de cabeça e saiu da sala.

Ela olhou para a poltrona vazia onde Rune tinha sentado e bateu os dedos no braço da cadeira. A intensidade de sua agitação era um peso, quente e agudo que permaneceu na sala por vários minutos depois que ele desapareceu.

Era óbvio que algo estava terrivelmente errado, mas não conseguia descobrir o que.



Rune tentou respirar enquanto fazia seu caminho através da casa escura. Uma pedra quente e invisível esmagou seu peito. A Carling adulta tinha olhado para ele com o mesmo prazer e admiração que tinha feito a criança Khepri. Seu rosto estava ainda mais encantador quando foi lavado de todo o cinismo e cálculo, despojado da distância que ela segurava entre ela e o resto do mundo.



Como ele poderia olhar para essa maravilhosa expressão e dizer-lhe que ele não a tinha encontrado a milhares de anos no Antigo Egito, mas aqui apenas algumas horas atrás? O que diabos aconteceu? E se tivesse sido uma ilusão elaborada que sua mente tinha criado? Como ele poderia assistir o maior prazer que já tinha visto se transformar em horror quando ela percebesse o quão terrivelmente sua mente e sua mágica, as duas coisas das quais ela tinha mais orgulho a traíra?

Ele não podia. Ela estava de frente para o fim de sua vida com tanta coragem e realeza, com dignidade mordaz e graça, e, em vez de encará-la com ela, ele estava fugindo como um covarde. Ele sentiu desgosto e decepção, mas também não poderia se forçar a virar e encará-la. Ainda não. Não até que tivesse a chance de analisar o que tinha acontecido, e limpado a cabeça o suficiente para que pudesse estar lá para ela, para acrescentar à situação, como ele havia dito a Rhoswen, e não arrastar Carling em recursos já tensos demais.

Uma luz brilhou nas fendas das portas da cozinha. Ele encontrou Rhoswen sentada à mesa, a testa apoiada em uma das mãos, enquanto observava Rasputin comer o seu jantar no chão, perto do fogão. Rhoswen olhou para sua entrada.

—Eu tenho que pensar e eu preciso de um pouco de ar, — Rune disse. —Você está pronta para ficar com Carling até eu voltar?

Rhoswen enxugou seu rosto. —É claro.

Ele fez uma pausa. O rosto da Vampira estava riscado de tanto chorar. Ele freou o impulso de se mover, de se perder no meio da noite e tomar vôo. Ele perguntou com relutância, —Você está bem?

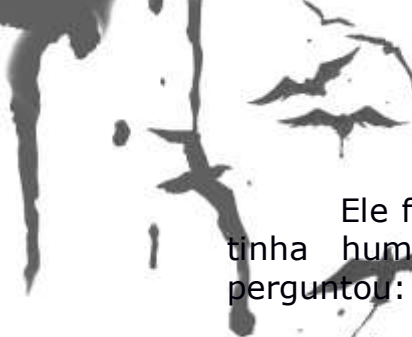
Uma pequena faísca iluminou os olhos baços. Ela assentiu com a cabeça. —Eu sinto muito por mais cedo, — ela disse. —Isso não vai acontecer de novo.

—Até onde eu sei, você está de pé, a cabeça acima de todo o resto, — Rune disse a ela. Ele enviou um olhar penetrante em torno da cozinha vazia.

Rhoswen riu um pouco. —Para ser justa, algumas pessoas estariam aqui se pudessem.

—Como Duncan?

Ela assentiu com a cabeça.



Ele franziu a testa quando outro pensamento lhe ocorreu. Não tinha humanos na ilha. Também não tinha refrigeração. Ele perguntou: —Como você está fazendo para o seu sustento?

—Temos muito vinhos de sangue. Eu não preciso de sangue fresco por um par de semanas.

Vinhos de sangue, era exatamente como a palavra soava, sangue que foi misturado com vinho e engarrafado. Rune não tinha certeza de como isso era feito. Tudo o que sabia era que o processo envolvia uma alquimia de baixo nível e era necessário um vinho com alto teor alcoólico.

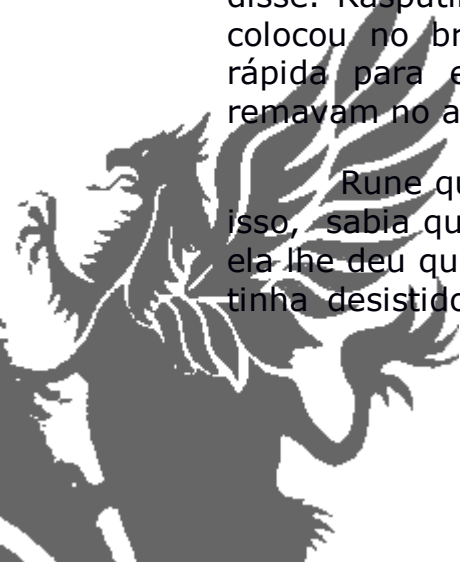
Vinhos de sangue não têm a capacidade de amadurecer com o tempo, alguns vinhos podiam. Na melhor das hipóteses, pode ter um prazo de validade de dois anos, e não têm a qualidade nutritiva de sangue fresco, mas um Vampiro poderia sobreviver do vinho de sangue por meses a cada vez, e pode ser usado para complementar o abastecimento de sangue fresco em tempos difíceis. Inventado em algum momento de meados do século XI, foi creditado para os Vampiros Europeus que conseguiram sobreviver a Peste Negra no século XIV, quando até sessenta por cento da população humana tinha morrido.

A carranca de Rune se aprofundou. Como um súcubo, Carling poderia tirar seu sustento das emoções de seres vivos, mas ela tinha apenas Rhoswen e Rasputin na ilha como companhia. Ele disse: —Que tal Carling?

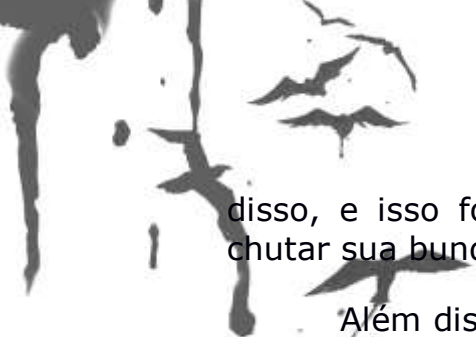
Os olhos de Rhoswen se encheram. Ela disse: —Eu tenho tentado convencê-la a voltar para San Francisco, mas ela não vai ceder.

—Quer dizer que ela estava matando a si mesma de fome, — Rune rosnou. Ansioso para queimar o peso da estranha tristeza que os esmagava, seu temperamento brilhou rápido e quente.

—Nós não estivemos sozinhas por mais de alguns dias, e ela está parecendo muito melhor desde que você chegou, — Rhoswen disse. Rasputin terminou sua refeição, e Rhoswen pegou o cão e o colocou no braço. Rasputin tentou fugir dela, mas ela era muito rápida para ele. Ele lhe deu um olhar desconfiado, suas patas remavam no ar. Ela disse ao cão, —Você é uma pequena aberração.



Rune quase se virou para enfrentar Carling, mas se ele fizesse isso, sabia que também teria que enfrentar o olhar especulativo que ela lhe deu quando ele saiu com brusquidão de seu quarto. Carling já tinha desistido no momento em que ele chegou, mas ele já sabia



disso, e isso foi no passado. Se tratasse de dar de novo, ele iria chutar sua bunda e se certificar de que doía.

Além disso, ele não estava pronto para falar com ela. Ele tinha muito que pensar primeiro, e ele simplesmente não sabia o que ele poderia ou deveria dizer.

—Eu vou pegar um vôo, — ele disse. —Ver se eu posso limpar a minha cabeça. Eu estarei de volta em breve.

—Tudo bem, — disse Rhoswen. Ela e Rasputin o olharam sair.

Pegar um vôo. Clarear a cabeça.

Sim, como se lhe tivesse feito algo de bom sobre o último par de semanas.

Ainda assim, um corpo tinha que tentar.



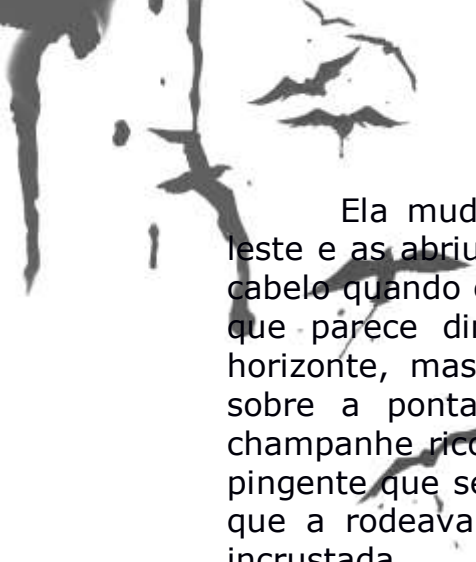
Como um Vampiro, Carling não podia sentir o frio como um ser humano normal. Isso não significa que não poderia sentir a falta de calor. O feitiço de proteção que lhe permitiu andar no meio de um dia ensolarado era um grande triunfo, mas às vezes a vitória tocava o oco, porque ela nunca mais iria conhecer o conforto quente do sol em sua pele.

Ela ansiava por calor e luz. Cada casa que possuía tinha lareira na maioria dos quartos. A presença de Rune finalmente desapareceu do quarto, deixando-a sentir algo úmido, escuro e vazio. Ela se agachou na lareira para colocar lenha para o fogo. Ela empilhou muita madeira. Ela queria uma grande chama alegre e brilhante.

Ela acendeu, e abraçou os joelhos, enquanto observava as pequenas novas chamas lamberem a madeira. Com um suspiro de alívio, ela deixou o feitiço de proteção cair para que pudesse aproveitar o calor do fogo.



O que provocou o tumulto interior de Rune? Ela se levantou abruptamente, impaciente consigo mesma. Era inútil especular. Ela não podia saber o que o perturbou até que ele resolvesse lhe dizer. A espera de que ele voltasse a fez se sentir indefesa, e ela detestava se sentir impotente.



Ela mudou-se para as suas grandes janelas voltadas para o leste e as abriu. Uma brisa inquieta soprava na sala e bagunçou seu cabelo quando ela olhou para uma lua gigante, cheia. A lua bruxa. Ao que parece diminuía de tamanho à medida que se afastava do horizonte, mas por agora era impossivelmente enorme pendurada sobre a ponta do oceano de marfim preto, sua cor era como champanhe rico. A mais brilhante jóia no céu à noite, era como um pingente que se desligou do colar de uma deusa, o spray de estrelas que a rodeavam eram como a filigrana em que a jóia havia sido incrustada.

Desde que ela tinha reivindicado a ilha, tinha esboçado as posições das estrelas da noite ao longo das estações. Era um hobby, ocioso e inútil. Ela nunca tinha sido capaz de determinar se as estrelas eram na verdade as mesmas, vistas da Terra. Suas posições eram muito diferentes em relação umas as outras. Nunca haveria qualquer telescópio para capturar e comparar imagens do espaço profundo com as da Terra.

Talvez fossem estrelas completamente diferentes. Carling tendia a não pensar, mas no final isso não importa. Aqui, as estrelas eram nada mais do que um mistério e ornamentação. O peso da crença histórica se baseava na sua configuração. Não houve mitos ligados a quaisquer constelações. Não havia nenhum lugar para navegar por suas posições. Não importa onde um navegou, sempre voltava para a ilha. Esta pequena bolha de realidade dimensional nada mais era do que uma pérola amarrada ao lado do pingente da deusa lua.

Este tinha sido um bom lugar para se refugiar quando o resto do mundo passou a ser muito, um bom lugar para encontrar pelo menos uma medida de solidão e silêncio sempre que ela poderia encontrar tempo para atender suas pesquisas e estudos.

Ela supunha que tinha sido tanto uma casa como em qualquer outro lugar tinha sido, e que tinha sido muito melhor do que a maioria. Ela tinha feito a paz com as tímidas criaturas aladas que viviam no topo das sequóias. Ela colocou proteção em torno da floresta e se recusou a deixar que alguém as caçasse. Em troca, os presentes foram, por vezes, deixados no seu parapeito da janela, uma pena preta iridescente, uma concha perfeita, ou uma pedra de ouro-veado, ou às vezes um punhado de bagas vermelhas em uma folha, e uma vez, houve uma sequência de contas de madeira estranhamente esculpidas.

O lugar não tinha mudado, mas a paz que ela tinha conseguido encontrar aqui tinha fugido, e ela perdeu. Ela perdeu para o mal.



Tudo o que tinha levado para destruir foi a presença de um despreocupado Wyr, uma criatura estranha e antiga que, em seu coração, era um homem compassivo.

Ela pegou o movimento com o canto do olho e sua atenção se voltou.

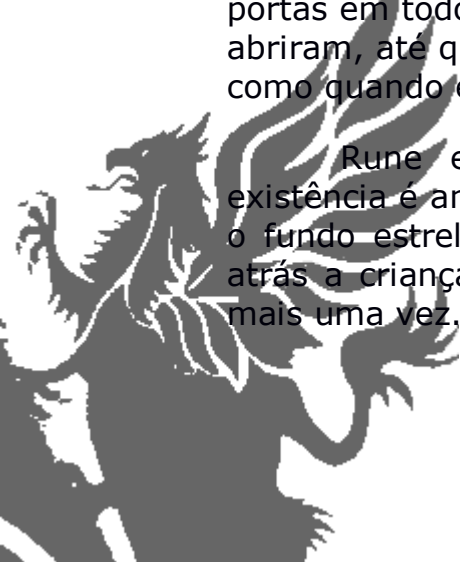
Rune saiu na noite champagne e marfim. Enquanto ela o observava, ele se virou em direção ao penhasco e começou a correr. Com cada impulso poderoso de suas longas pernas, ele chutou a uma velocidade espantosa, seu corpo de ombros largos e vigorosos se movendo mais rápido e mais rápido quando ele se aproximou do final das terras. Em seguida, ele pulou como o gato grande que ele era, pousou em um agachamento em cima do muro de pedra à beira do precipício, e saltou para o ar, seus braços abertos, seu corpo atlético jogado representando um mergulhador perfeito.

Quando ele disparou para o ar, mudou. Asas enormes apareceram. O luar brilhava nas musculosas costas amplas quando seu corpo ficou felino. Patas colossais derrubaram as colunas de suas quatro pernas. O comprimento forte do seu pescoço e cabeça tornou-se o arco puro agudo de uma águia, com um ímpio bico de navalha em forma de gancho que tinha que ser tão longo quanto seu antebraço e um grande olhar de ave de rapina feroz. Em plena luz do dia, deserto, ele brilhou quente com cor, cobre e ouro. À luz da lua feiticeira, suas cores eram mais escuras e mais nítidas, bronze inclinado e com a borda prateada.

Os seres humanos não foram feitos para suportar o peso da imortalidade. Cada Vampira tinha que encontrar sua própria maneira de lidar com a grande idade ou eventualmente enlouqueceria. No final, a melhor maneira de sobreviver ao ataque interminável de eventos que ficou na memória era compartimentalizar. Carling teve inúmeras portas fechadas nos corredores em sua mente, portas que foram fechadas contra todas as implacabilidades do passado. Essas portas fechadas, inevitavelmente, se tornam barreiras para outras coisas também.

Quando Rune tomou o vôo, todas as muitos milhares de portas em todos os corredores de sua mente se abriram, e abriram, e abriram, até que ela ficou na solidão, completamente nua, e se sentiu como quando era criança.

Rune era um dos mais antigos mistérios da terra. Sua existência é anterior a própria linguagem. Ela o observou subir contra o fundo estrelado da lua champanhe, assim como há muito tempo atrás a criança Khepri tinha feito, sentiu sua alma deixar seu corpo mais uma vez.





Quando os dez minutos se tornaram mais do que uma hora e meia, ela parou de esperar e se ocupou com outras coisas.

Os livros gritaram quando ela os queimou. O som estridente que fizeram arranhou o interior do seu crânio.

Ela estava preparada para isso. Ela tinha feito Rhoswen jurar não deixar a casa principal. Isso tinha sido uma discussão feroz que não tinha visto chegando, e realmente, ela tinha ficado muito cansada de como tudo tinha se tornado uma luta. Isso ia ter que mudar.

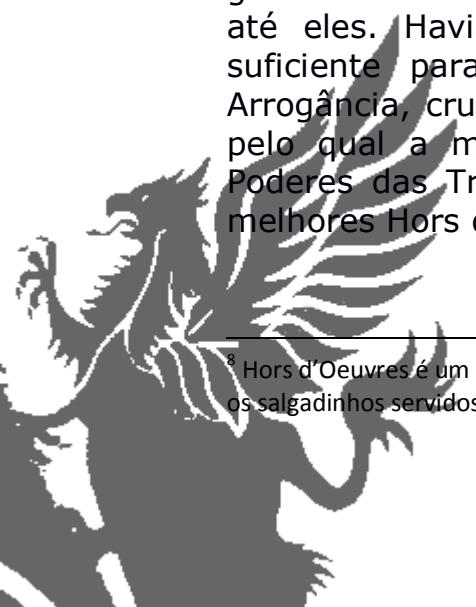
Então, ela tinha escrito um círculo de proteção em sua casa com sal ao redor da lareira. Ela encheu os ouvidos com cera amolecida com mirra e manchou com erva doce e sálvia branca, ela usava luvas de couro que também estavam grafadas de modo que nenhuma magia, clara ou escura, pudesse se agarrar a elas.

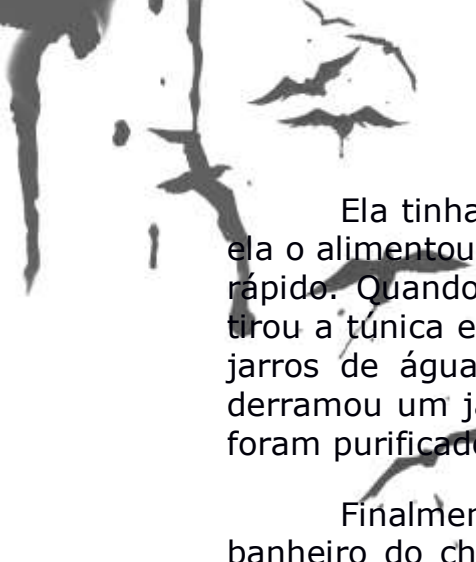
A tarefa era ainda um negócio nocivo e desgastante, que ela tinha relutado em fazer por muito tempo. Era muito bom que ela não precisasse respirar. A fumaça do incêndio era tóxica. Ela estava manchada de fuligem e irritadiça quando a queima dos livros acabou.

Rune tinha feito um excelente ponto. Tinha que pensar com uma robustez que iria ajudar a sua luta para viver. Ela também deve agir como se estivesse prestes a morrer. Os livros de magia negra eram muito perigosos para deixar sem um tutor, e ela não confiava em ninguém o suficiente para mantê-los sem, eventualmente, ceder à tentação de usá-los.

Se ela não fizesse nada, mais cedo ou mais tarde a sua magia iria comer através das ligações que tinha esculpido dentro do gabinete. Ou isso, ou um idiota iria encontrar uma maneira de chegar até eles. Havia sempre um idiota que achava que era forte o suficiente para lidar com magia negra sem deixá-la chupá-lo. Arrogância, crueldade, ganância e estupidez. Esses eram os motivos pelo qual a magia negra tinha sobrevivido por tanto tempo. Os Poderes das Trevas juntaram essas qualidades como se fossem os melhores Hors d'Oeuvres⁸.

⁸ Hors d'Oeuvres é um termo francês para aqueles aperitivos servidos antes das refeições. Por exemplo os salgadinhos servidos num coquetel são hors d'oeuvres.





Ela tinha construído o fogo com cedro para mais purificação, e ela o alimentou com energia, assim, queimou anormalmente quente e rápido. Quando o último dos livros tinha se desfeito em cinzas, ela tirou a túnica e as luvas e as jogou no fogo também. Então, levou os jarros de água que tinha deixado no sereno da lua feiticeira. Ela derramou um jarro de água cheio de lua sobre as cinzas, então eles foram purificados por três vezes, pelo sal, fogo e água.

Finalmente feito, ela levou os outros dois jarros para o banheiro do chalé. Lavou a fuligem de seu cabelo e corpo, com as mãos cheias de sabão suave que ela tinha feito em uma ocasião, com eucalipto, incenso e lavanda. Ela saiu do banheiro vestindo uma túnica de algodão limpa e com cheiro bastante pungente, mas pelo menos sua pele estava clara de qualquer sinal persistente de magia negra.

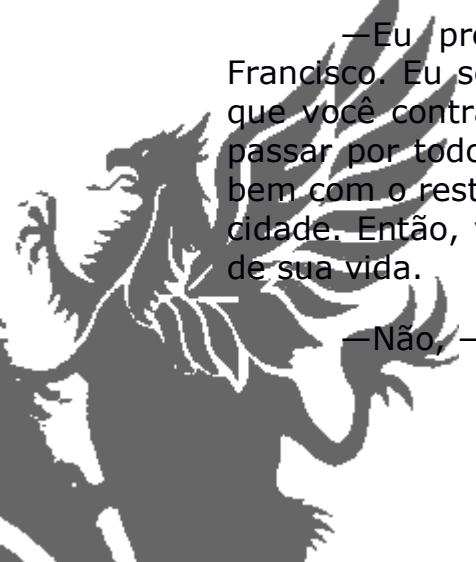
Depois de verificar as cinzas encharcadas pela última vez, ela deixou a casa aberta para que pudesse arejar e caminhou de volta para a casa principal.

A noite tinha quase passado. A madrugada foi iluminando o céu, a leste. Na cozinha, ela encontrou Rasputin dormindo em um colchão e bebeu do vinho de sangue de Rhoswen. Não havia nenhum sinal de Rune, mas ela não esperava por isso. Ele saberia que era melhor não interrompê-la quando ela queimava os livros, mas se ele tivesse voltado, teria estado esperando do lado de fora da casa.

Ela também deixou a porta da cozinha aberta. O ar fresco soprava na casa, enquanto ela se sentava à mesa. Um Rasputin sonolento despertou e saltitou sobre seus pés descalços. Ela o pegou, e ele se enrolou em seu colo com um grunhido, enfiando o nariz estreito sob sua cauda felpuda.

Então ela sorriu para Rhoswen e disse: —Você me deu mais do que eu já tive o direito de pedir, e muito mais do que eu esperava. Obrigado por sua devoção, e por tudo que você fez. Eu preciso que você faça mais uma coisa.

—É claro, — Rhoswen disse.



—Eu preciso que você pegue Rasputin e volte para San Francisco. Eu sei que você não gosta de cuidar dele, então eu quero que você contrate alguém fora da conta doméstica. Certifique-se de passar por todos os controles de segurança necessários, eles se dão bem com o resto do pessoal, e estão disponíveis para ficar na casa da cidade. Então, você vai descobrir o que você quer fazer com o resto de sua vida.

—Não, — Rhoswen disse. Lágrimas brotaram de seus olhos.



—Você deve levar o seu tempo, — Carling disse calmamente. —Eu sei que isso vai ser uma grande mudança de vida para você. Eu disse a Duncan para preparar uma conta com muito dinheiro. Ele deve tê-la pronta nesse momento.

—Eu não vou.

—Sim, você vai, — Carling disse. Ela manteve os olhos e voz suave e ainda inflexível. —O tempo está passando, Rhoswen. Você não tem sido feliz por um bom tempo, e eu tenho sido egoísta em deixar você ficar comigo por tanto tempo.

—Mas eu não posso ir, — Rhoswen disse. —Eu te amo.

—Eu também te amo, — Carling disse, e se surpreendeu ao descobrir que ela quis dizer isso. —Mas você me usou como uma desculpa para evitar viver a sua própria vida, e eu nunca lhe dei permissão para tentar reduzir o que eu faço ou para controlar como eu optei por fazê-lo. E eu nunca prometi que você poderia estar comigo para tudo. Eu tenho algumas coisas que eu preciso enfrentar do meu próprio jeito, agora, e você também.

—Por favor, não me faça sair, — Rhoswen disse. — Eu juro que eu posso mudar. Eu vou cuidar do maldito cachorro para você. Você disse que precisava de mim para contratar alguém de qualquer maneira.

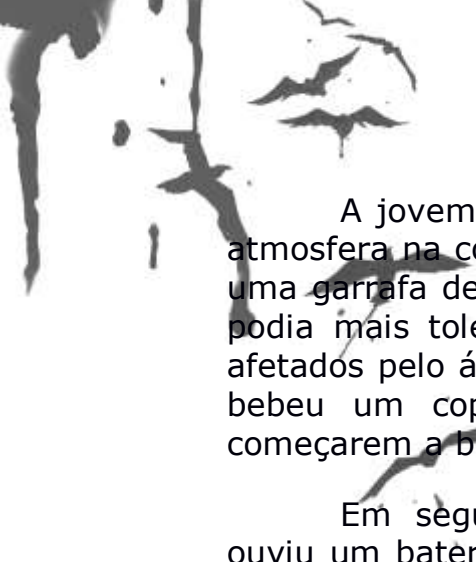
—Não, Rhoswen, — Carling disse. —Isso não seria a coisa certa para você, e eu tenho sido egoísta por tempo suficiente. Sinto muito.

—Você não pode fazer isso comigo, — Rhoswen disse. —Você não pode simplesmente me descartar assim, não depois de tudo que fiz por você.

—Eu não estou descartando você, — Carling disse. Ela manteve sua voz, mesmo com esforço. Por que isso tem que se tornar uma luta, como tudo se tornou com Rhoswen? —Eu estou preparando-a bem e lhe darei tempo de sobra para se ajustar.

A meia hora seguinte foi tão difícil, como ela sabia que ia ser, mas, eventualmente, tinha que acabar porque não se mexia, não importa o que tenha dito ou como Rhoswen pedia.

Finalmente a paciência de Carling chegou ao fim. Sua voz se elevou em um tom de comando e cortou o último dos protestos de Rhoswen quando ela disse, —Isso é o suficiente. — Ela mandou Rhoswen, junto com o cão, para a cama.



A jovem Vampira fugiu, e Carling cedeu, com alívio quando a atmosfera na cozinha se iluminou consideravelmente. Então ela abriu uma garrafa de cabernet sauvignon e se serviu de um copo. Ela não podia mais tolerar sangue ou vinho de sangue, Vampiros não são afetados pelo álcool, mas ela poderia ao menos apreciar o sabor. Ela bebeu um copo e ouviu como os pássaros, do lado de fora, começaram a berrar com o início da manhã exuberante.

Em seguida, eles caíram abruptamente em silêncio, e ela ouviu um bater de asas gigantes. Seu espírito pulou com o som. Se movendo com lentidão, ela colocou o copo de vinho sobre a mesa e ficou de frente para a porta aberta.

Momentos depois, Rune encheu a porta aberta com seu corpo esguio e longo, sua presença era resplandecente. Em algum momento ele tinha feito a barba e vestido uma camiseta preta que se moldava ao seu torso musculoso e outro par de jeans desbotados que tinham furos na altura dos joelhos. Seu cabelo estava varrido pelo vento, e cheirava como homem saudável e ao ar salgado do oceano. Os olhos do leão encontraram os dela, com um choque de conexão que sentia com os pés descalços.

Ela comentou com ninguém em particular. —Eu noto que os dez minutos acabaram há algum tempo atrás.

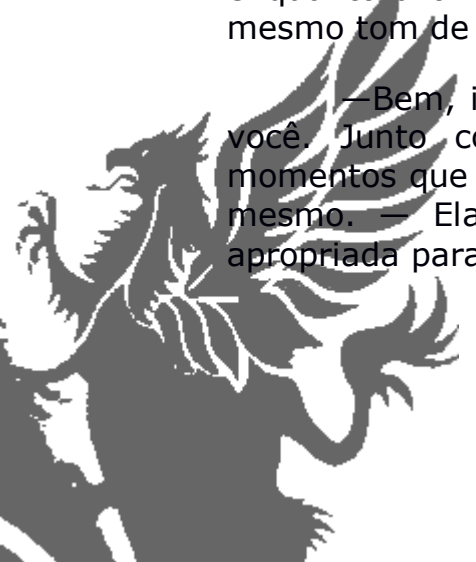
De vários metros de distância, ela ouviu seu coração entrar em um ritmo mais rápido, aumentando a energia feroz de seu corpo em golpes rígidos e poderosos. Rune disse: —Aparentemente eu precisava de mais que dez minutos.

Ela levantou uma sobrancelha imperiosa. —Você está chateado com alguma coisa?

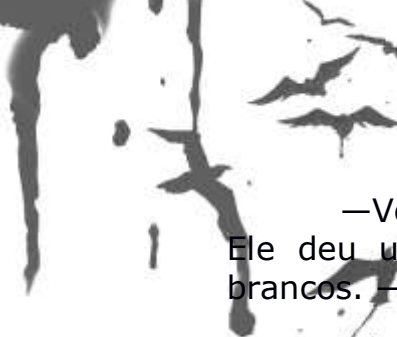
—Não, — ele disse. —Eu estive pensando.

—E isso levou o resto da noite?

Os músculos bronzeados pelo sol em seus bíceps se agruparam quando ele cruzou os braços. Ele inclinou a cabeça enquanto a olhava. —Pensar, — Rune disse deliberadamente com o mesmo tom de voz, — requer uma grande dose de reflexão.



—Bem, isso certamente é muito como o gato de Cheshire em você. Junto com o seu talento aparente para desaparecer em momentos que são inconvenientes para todos os outros senão para si mesmo. — Ela tentou uma carranca. Parecia ser uma expressão apropriada para uma manhã.



—Você está tentando comprar uma briga, — ele questionou. Ele deu um sorriso afiado que mostrou a borda de seus dentes brancos. —Se assim for, legal.

—Eu não sei. Eu ainda não decidi, — Ela disse.

Ele rondou pela cozinha. —Decida-se. Eu gosto de uma boa luta.

Ela começou a dar batidinhas com um pé descalço, e seu olhar caiu para acompanhar o movimento. Seu rosto ficou imóvel quando ele se concentrou no momento, com uma preguiça predatória, como um gato relaxando que era, muito cômodo para atacar, mas era susceptível de mudar de idéia a qualquer momento. Ela disse: —Você saiu quando estávamos no meio de uma conversa.

Seu sorriso desapareceu. —Estou bem ciente de quando eu saí.

—Era uma conversa que me interessava, — ela informou.

Sua boca desenhou uma dura linha infeliz como mais cedo. — Foi uma conversa que interessou-me também, eu prometo.

—Estou particularmente interessada em todas as coisas que foram deixadas por dizer, — ela disse. —Por que você estava tão chateado, e por que teve que sair de forma tão abrupta. Você também estava chateado quando eu acordei. Eu tinha esquecido até depois que você saiu. Você estava cheio de agressividade, como se quisesse lutar com alguém também. Eu gostaria de saber por que, e o que o colocou nesse estado...

—Eu tenho coisas que eu preciso dizer para você, — Rune disse. —Elas não vão ser fáceis de dizer e não vai ser fácil de ouvir.

—Tudo bem. — Ela lhe deu um breve aceno de cabeça e murmurou uma linha de Macbeth. —Então seria bom se fosse feito rapidamente.





CAPÍTULO 7

Ela afastou-se dele, foi para o seu lugar, e seu olhar caiu sobre o fogão frio.

Ela disse: —Você não come há algum tempo. Você deve estar com fome. — Ela tinha testemunhado o quanto os Wyr tendem a comer em vários inter-Domínios, e novamente na viagem para Adriyel. Eles poderiam arrumar quantidades horrendas de alimentos, especialmente aqueles que eram atléticos. —Você precisa de sustento?

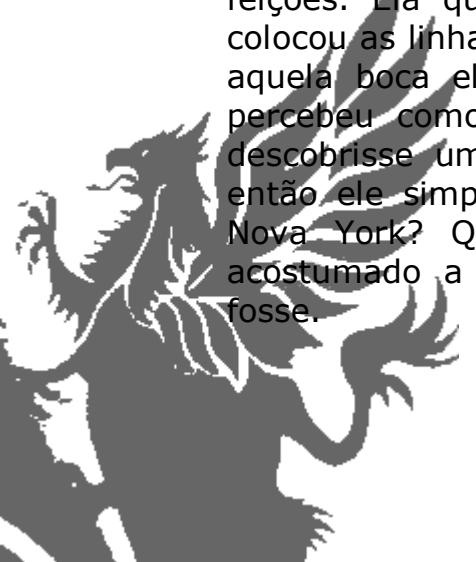
— Eu estou bem, obrigado, — ele respondeu. — Eu caçei quando estava fora.

Ela girou em desânimo. Se alguém pudesse romper as alas que havia estabelecido em torno das sequóias, ele poderia. —Não na floresta?

Sua expressão mudou. Ele disse rapidamente: —Não, não na floresta. Senti suas alas e deixei a área. Eu fui pescar.

Ela relaxou e sentou-se no fim da mesa, mais próxima da porta aberta. Depois de uma hesitação, ele sentou-se à direita. Ela considerava a taça de vinho meio vazia quando Rune apoiou os cotovelos sobre a mesa. Ela enviou-lhe um rápido olhar de esguelha. Ele estava olhando para a superfície cicatrizada da mesa, seu olhar era tão turbulento e mal-humorado como o mar tempestuoso.

Ela o tinha visto de muitos modos, percebeu, acentuadamente predatório, rindo, com raiva, com intenção perigosa. Esta contemplação acrescentou outra dimensão para as fortes e belas feições. Ela queria perguntar o que ele estava pensando, o que colocou as linhas nítidas entre as sobrancelhas, por que ele mantinha aquela boca elegante em uma linha reta e grave. Relutante, ela percebeu como se tornou fascinada por ele. O que ela faria, se descobrisse uma forma de travar a progressão da sua doença, e então ele simplesmente fosse embora, de volta para sua vida em Nova York? Que estranho, como ela tinha tão rapidamente se acostumado a sua presença. Ela sentiria... falta dele quando ele fosse.





Ela deixou seu olhar cair para o tampo da mesa, bem como, perturbada pela direção de seus próprios pensamentos e da intensidade de suas próprias reações, para ele.

Rune começou a falar. —Eu estava fora ontem à noite quando Rhoswen me chamou, — ele disse. —Estava perto do por do sol e você tinha desaparecido novamente. Subimos para o seu quarto, para que eu pudesse ver por mim mesmo.

Nada disso era novidade. Eles já estavam em seu quarto quando ela tinha voltado. Mas era evidente que ele tinha que tomar seu próprio caminho para a parte difícil que ele tinha a dizer para ela, então ela restringiu sua impaciência e simplesmente assentiu.

Passou o polegar ao longo de uma marca de faca sobre a mesa. — Quando nós chegamos lá em cima, eu vi a luz solar derramar para fora da porta do seu quarto.

Espere. Tudo o que ela achava que ele tinha estado a ponto de dizer não era isso. Ela sentou-se para frente, seu olhar aguçado retornando ao seu rosto voltado para baixo.

Rune continuou, —Rhoswen não o via. Nós verificamos para nos certificar de que a luz do sol que eu via ou pensava que via, não a queimaria. Não, de modo que entramos no seu quarto. Eu fui em outro lugar. Rhoswen não foi.

Ele passou por seu conto, seu tom inexpressivo e suas palavras precisas. No momento em que ele terminou, ela estava segurando as mãos com tanta força que os tendões estavam distendidos em cumes brancos contra o resto de sua pele cor de mel. Ele colocou a mão sobre a dela. Sua palma larga e os dedos mais longos cobriram os dela sem esforço. Ele se agarrou a ela com um aperto forte, tranquilizador.

Ele tinha pensado em não contar a ela, enquanto voava sobre o oceano durante toda a noite ventosa e tentou descobrir o que deveria fazer. No final, ele não podia ficar calado. Ele se recusou a abster-se de informar à mulher orgulhosa o que ela tinha o direito de ouvir, não importa o quão difícil poderia ser para dizer a ela. E, no final, ele precisava de sua experiência para ajudá-lo a analisar o que tinha acontecido. Mas foi indescritível vê-la sofrer e não ser capaz de impedi-lo.

Ela estava sussurrando. Ele inclinou-se para pegar o que ela disse. —... não faz qualquer sentido. Nada disso faz.

—Por que não? — Ele disse. —Declare suas razões em voz alta.



Ela olhou para cima. Seus olhos tinham umedecido, mas sua inteligência era nítida e clara. —Meu Poder se construiu acentuadamente ao longo dos últimos anos, — ela disse. — Eu tenho tanto, às vezes parece que estou me afogando nele. Ele se inflama cada vez que estou prestes a entrar em um enfraquecimento. Mas eu simplesmente não tenho o tipo de Poder para criar o que você está descrevendo. Minha magia é baseada na habilidade e educação. É uma coisa totalmente diferente do tipo de poder que você tem. E eu não tenho o conhecimento ou os feitiços que seriam necessários para construir algo tão enorme ou elaborado.

—Como você vê o tipo de Poder que eu tenho? — Ele perguntou, curioso.

—Um Wyr tem atributos. Você pode praticar com eles e refiná-los, e você pode levá-los a um nível elevado de conhecimentos, mas eles são uma parte intrínseca de você.

—Seu Poder é uma parte intrínseca de você, e você estudou e praticou para refiná-lo, — ele ressaltou.

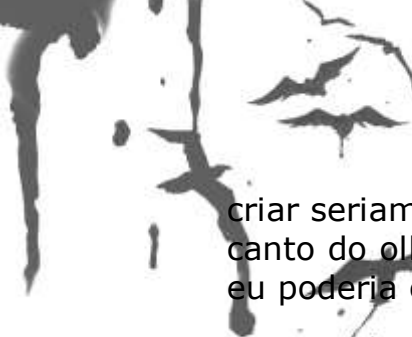
—Sim, eu sei. Como eu posso explicar isso melhor? — Ela franziu o cenho. —Ok, aqui está um exemplo. Tiago é um Thunderbird, uma criatura da tempestade e relâmpagos. Ele pode chamar uma tempestade ou um relâmpago, sem palavras ou magias. É uma característica, uma parte de quem ele é, certo?

—É claro, — ele disse.

Ela disse a ele, —eu poderia ser capaz de chamar um raio, mas eu teria que estudá-lo primeiro, para fazê-lo. Eu precisaria de um período específico, e tempo suficiente para recitá-lo. Você pode mudar de forma. É parte de quem você é. Eu não posso mudar de forma. Eu não tenho o atributo, e eu não tenho um feitiço para isso. Isso é tudo sobre Poder e isso é sobre magia, e sim tudo pode ficar melhor com a prática e refinamento, mas as duas coisas derivam de lugares muito diferentes. Dragos estudou bruxaria, magia ou feitiço. Ele pode usar tanto a magia/feitiço e seus atributos de magia Wyr. Essa é uma das muitas coisas que o fazem tão perigoso. Você vê?

Ele acenou com a cabeça, brincando com os dedos enquanto ouvia. Foi com agrado que ele viu, quando seu intelecto assumiu, a dor em seus olhos diminuiu. Não tinha ido embora, mas estava melhor.

Ela disse: —Eu não posso fazer o que faz Dragos e acessar os dois tipos de magia, é claro, porque eu não sou Wyr. Eu só posso praticar magia e feitiço, e eu não posso nem chegar perto de criar o tipo de realidade que você descreveu. As melhores ilusões que eu poderia



criar seriam sugestões, prestidigitação, coisas que você iria ver com o canto do olho, que poderia atrair ou fazer você querer se afastar. Ou eu poderia construir em cima de algo que já existia.

Ele se mexeu. —O que você quer dizer?

—Pense em minha casa. Eu poderia fazê-la parecer degradada e abandonada. A ilusão se dissiparia no momento em que você decidisse caminhar até ela e explorar. Ou eu poderia enviar um sonho para você, mas seria realmente um sonho, e uma série de coisas poderiam interromper ou alterar. Por exemplo, você poderia acreditar que estava acontecendo. Pessoas saem de sonhos o tempo todo. Ou o seu alarme poderia acordá-lo.

Ele franziu a testa. —A maneira como você descreve, qualquer coisa que você poderia fazer leva uma grande quantidade de trabalho para configurar.

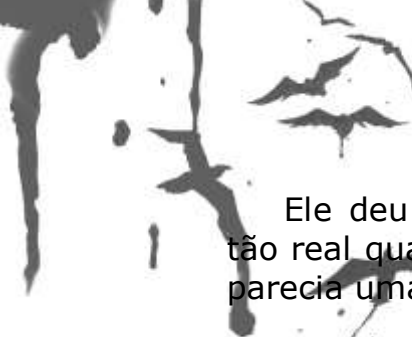
—Isso faz ter muito trabalho, sim. — Ela puxou uma de suas mãos para fora de debaixo da dele. —Não poderia apenas acontecer quando você está falando sobre feitiço mágico. Isso seria como dizer que o surto de energia pode digitar um código de computador em uma porta de segurança, e então andar para dentro de um cofre de banco, escolher a caixa de segurança certa, escolher a chave certa de um chaveiro e inseri-la na fechadura da caixa, escolher o arquivo certo de uma pilha na caixa, colocar tudo de volta no lugar e ir a um tabelião para obter os documentos no arquivo autenticados. Há muitos passos sofisticados que precisam ser tomados, incluindo alguma interação de alto nível com a pessoa que você gostaria de praticar a ilusão por diante.

Ele pegou o copo de vinho e bebeu o conteúdo. Ela pegou a garrafa aberta, tornou a encher o copo e ofereceu a ele. Ele disse: — Então, o que você está dizendo é que o que aconteceu tinha que ser um tipo diferente de magia.

Sua sobrancelha juntou. —Sim, — ela disse. —Talvez ainda seja algum tipo de ilusão ou alucinação compartilhada, mas não foi qualquer tipo de magia que minha mente pudesse ter produzido acidentalmente porque eu... como é que posso poeticamente colocá-lo? ...estou quebrada.

Ele deu um fantasma de uma risada. —Tudo bem, agora estamos chegando a algum lugar, — ele disse. Ele bebeu metade do vinho e cutucou o vidro para ela.

Ela pegou o copo e bebeu, em seguida, olhou-o por cima da borda com curiosidade. —Como é que se sente?



Ele deu de ombros. —Ele não parecia como uma ilusão. Parecia tão real quanto eu e você sentados aqui. Quando entrei para a areia, parecia uma espécie de passagem de cruzamento só...

Ela se inclinou para frente como a sua voz sumindo. — Só o que?

Seu olhar carrancudo encontrou os dela. —Só que foi dobrado de alguma forma.

Ela esperou, mas ele não ofereceu mais. Ela disse: —Eu não entendo.

Ele balançou a cabeça, um gesto, afiado impaciente. — Eu também não. Mas se fosse um cruzamento, por que eu andei para lá e não Rhoswen? Ela pode fazer outros cruzamentos. E se fosse um cruzamento, como poderia simplesmente aparecer e desaparecer? Todas as outras passagens que eu vi são uma parte fixa da paisagem.

Carling enrugou a testa de novo, do jeito que acontecia quando ela estava perplexa. —Vocês dois podem fazer outros cruzamentos. Então, é lógico, se você pudesse fazer um e ela não, deve ter a ver com as diferenças entre vocês.

—Você quer dizer que eu poderia fazer o cruzamento por causa de meus atributos Wyr.

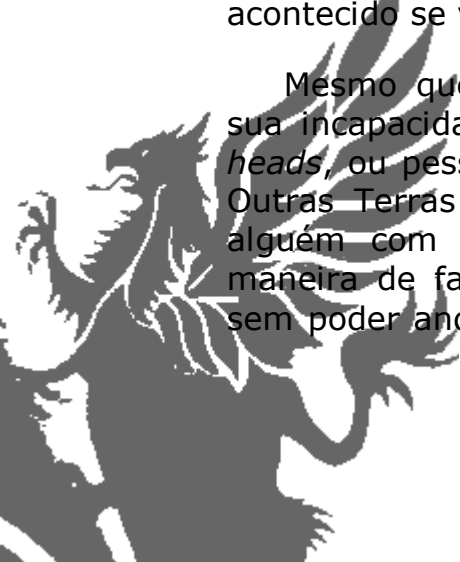
—Sim, embora eu não saiba exatamente o que são, além de você se transformar em um Grifo verdadeiramente impressionante.

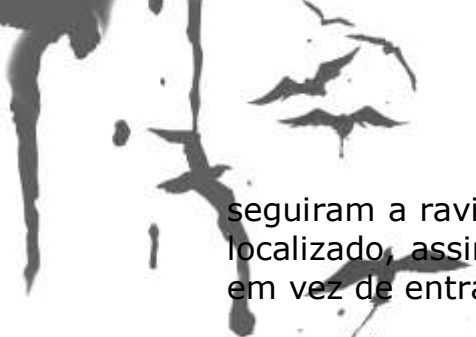
Ele se recusou a deixar o elogio desvia-lo, assim como a parte de sua natureza águia envaidecê-lo. Ele estendeu a mão para o copo de vinho e ela deu a ele. Ele bebeu no lugar onde os lábios dela tinham descansado. Ele pensou que ela estava preocupada demais para notar.

—Vamos apenas dizer que eu tenho uma afinidade com passagens e cruzar entre os lugares, — ele disse.

—Você tem? — ela respirava. —Eu me pergunto o que teria acontecido se você tivesse segurando a mão de Rhoswen.

Mesmo que Rhoswen pudesse atravessar cruzamentos normais, sua incapacidade de seguir Rune antes, era semelhante aos *dead-heads*, ou pessoas sem Poder, não eram capazes de atravessar para Outras Terras por conta própria. Eles precisavam ser trazidos por alguém com Poder suficiente para fazer a travessia, e a única maneira de fazer isso era através do toque físico. Quando alguém sem poder andava a caminho de um cruzamento, eles simplesmente





seguiram a ravina ou ruptura na paisagem onde o cruzamento estava localizado, assim como Rhoswen tinha andado no quarto de Carling, em vez de entrar na cena do deserto com Rune.

Ele considerou a pergunta de Carling, então balançou a cabeça. — Isso pode ser uma coisa boa para nós. Nós provavelmente não estaríamos nos tocando quando a cena desaparecesse, ou eu desaparecesse da cena e, em seguida, o que teria acontecido com ela? Será que ela sairia também, ou ela teria ficado presa lá, como *dead-heads* estão presos em Outras Terras, se não tiver alguém para trazê-los de volta?

Eles trocaram um olhar sóbrio.

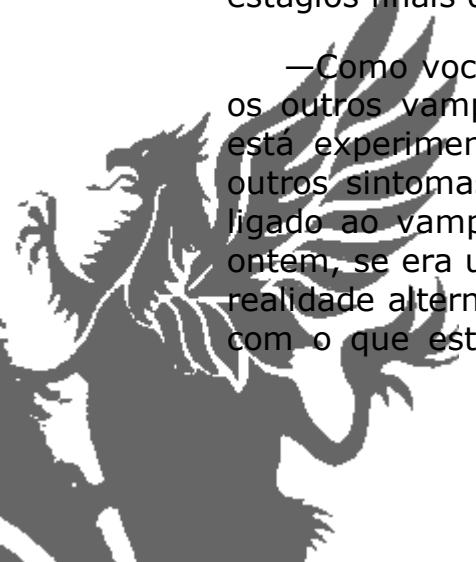
—Então, o que nós sabemos? — Carling disse. —Se o que aconteceu foi uma ilusão, não poderia ter vindo do meu feitiço mágico.

—De alguma forma, ele ainda tem que ser uma parte integrante de você, — Rune disse. —A cena era uma parte muito íntima e importante de seu passado.

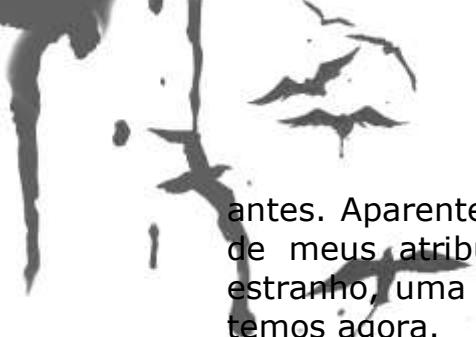
Ela inclinou a cabeça e a curva de sua boca se tornou infeliz, mas ela deu um aceno relutante.

Rune lembrou da conversa que teve com Rhoswen. Ele disse, — Você pode não ser Wyr, mas você é como Dragos nisso, você também tem um outro tipo de magia. Magia Vampirica. Rhoswen disse que um subproduto do vírus era uma certa quantidade de Poder, pelo menos o suficiente para telepatia e cruzamentos, mas o próprio vírus também é mágico por natureza. Há todos os famosos atributos que vêm do vampirismo, como a força, longevidade e velocidade.

Sua cabeça ergueu. Ela deu-lhe um olhar perplexo. — Sim, claro, juntamente com todas as famosas limitações, como a necessidade de beber sangue, a incapacidade comer alimentos sólidos e vulnerabilidade à luz solar, mas eu nunca ouvi falar desse tipo de coisa acontecer a qualquer dos outros vampiros que chegaram aos estágios finais da doença.



—Como você sabe? — Ele disse. —As histórias orais afirmam que os outros vampiros experimentaram algum tipo de episódios. Você está experimentando episódios também, juntamente com todos os outros sintomas que você categorizou. Parece claro que deve estar ligado ao vampirismo. O que quer que realmente tenha acontecido ontem, se era uma ilusão, alucinação compartilhada ou algum tipo de realidade alternativa, era uma interação minha, entrando em contato com o que estava acontecendo com você, e isso nunca aconteceu



antes. Aparentemente, eu posso conectar com seu evento por causa de meus atributos Wyr. O que eu passei tinha algo muito real, estranho, uma experiência de cruzamento. Essa é a informação que temos agora.

Carling balançou a cabeça lentamente. —Sabemos também que nenhum de nós estava no controle. Eu não tinha idéia de quão perigoso isso pode ser para você. Eu não tenho escolha, eu estou passando por isso gostando ou não. Mas você tem uma escolha, e você precisa se proteger.

—Nós não sabemos o suficiente, — ele disse. —E nós precisamos aprender mais. O que eu preciso fazer é voltar no próximo episódio, se eu puder, e ver o que mais eu posso descobrir. Carling, sua vida depende de nós para descobrir isso.

—Eu sei. — Ela encontrou seu olhar. —Mas eu não quero que você se machuque.

Ele deu um leve sorriso. —E eu não quero que você morra. Nós apenas temos que cuidar um do outro, o melhor que pudermos. Quando você tiver outro episódio, eu vou tentar me envolver novamente. De acordo?

Ela endireitou a coluna e assentiu. —Concordo.

Ela olhou para a mesa. Rune tinha entrelaçado os dedos através dos de uma mão dela, enquanto conversavam. Eles haviam passado o vinho com as mãos livres.

Ela murmurou, —O que você acha que isso significa?

Ela não questionou suas propostas por mais tempo. Junto com o resto da lista que tinha feito anteriormente, ficou claro que Rune era muito carinhoso. Tocar ou abraçar, parecia vir tão facilmente como respirar para ele. Ela estava convencida de que, assim como sua propensão para flertar, não significava nada. Sem dúvida, ele fazia isso com todos ao seu redor.

No entanto, os gestos de afeto físico nunca foram fáceis para ela. Ela estava se questionando, como o havia deixado segurar a sua mão sem um pingo de protesto, mas a resposta de Rune era ambígua o suficiente para que ele pudesse ter tomado o seu significado de outra maneira.

—Isso significa, — ele disse, enquanto seus dedos apertavam os dela, —que eu vou estar muito interessado em ver o que acontece.



A manhã tinha iluminado enquanto conversavam. O ar ficou pesado e amarelo quando o sol se ergueu. Carling recuperou sua mão e foi para a porta aberta. Ela supôs que a temperatura devia ter aquecido também. Uma brisa constante e rápida soprava do oceano, com cheiro de água salgada e de mudança. Coisas não resolvidas, coisas não compreendidas. Era irritante pensar em morrer diante de tanto mistério. Poderia a irritação tornar-se motivação suficiente para ficar viva? Talvez a curiosidade? Ela suspirou, esfregou o rosto, e desejou que pudesse experimentar a restauração do sono novamente.

Rune moveu-se atrás dela. Ela podia sentir o calor de seu corpo ao longo do comprimento de suas costas, o chamado de sereia, de calor e força. Ele disse, —Rhoswen não ficou com você.

Ela virou a cabeça ligeiramente. —Por que ela deveria?

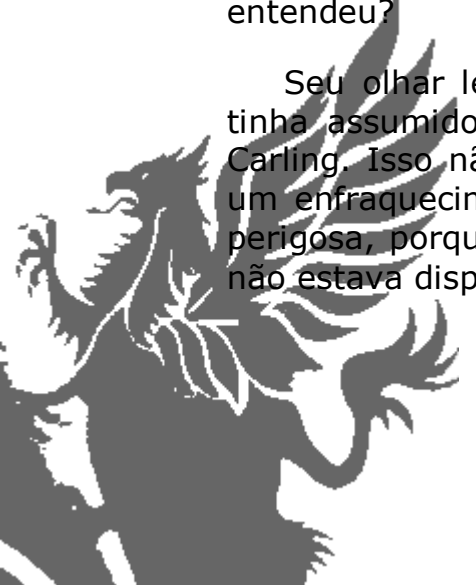
—Nós pensamos que seria melhor se um de nós ficasse, no caso de você escorregar para um episódio.

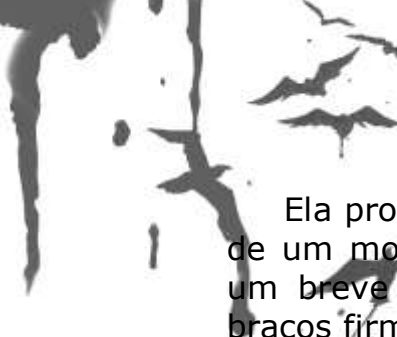
Então foi por isso que Rhoswen tinha discutido com ela tão ferozmente. Ela apertou sua mandíbula. —Eu a mandei para a cama, — ela disse. —Ela e Rasputin voltaram para San Francisco hoje à noite. — Ela virou-se para esfaqueá-lo com um olhar irritado. —Eu posso te mandar embora também.

Suas pálpebras caíram, velando o surto de ferocidade em seu olhar. —Você pode agora, — ele disse. Sua voz tornou-se um tranquilo estrondo em seu peito, como o estrondo de alerta de um terremoto no fundo da terra, antes que sacudisse à superfície com um rugido que derrubaria arranha-céus.

—Nunca mais tome decisões por mim, ou sobre mim, sem o meu conhecimento, — ela disse entre os dentes. — Eu não estou senil. Eu não estou sofrendo de demência. Eu não vou tolerar isso, você entendeu?

Seu olhar levantou. Ele estudou seu rosto tenso, e a raiva que tinha assumido sua própria expressão se partiu. —Eu sinto muito, Carling. Isso não foi assim. Nós só não queremos que você vá para um enfraquecimento sózinha, especialmente se a situação tornar-se perigosa, porque então você não seria capaz de se defender. E você não estava disponível no momento para a consultarmos.





Ela procurou seu rosto e não viu nada, exceto sinceridade. Depois de um momento, sua postura rígida relaxou um pouco. Ela lhe deu um breve aceno de cabeça e voltou para a porta aberta, com os braços firmemente em torno de si mesmo.

Em seguida, moveu-se para fazer o que, ela não sabia, mas ela impulsionou-se para frente, porque não poderia suportar se ele a tocasse logo depois, com outro de seus gestos afetuosos. Um destes dias, ela pensou, que ele poderia tocá-la muitas vezes, e ela iria quebrar como uma peça de porcelana. —Você tem uma leitura para acabar, — ela disse brevemente. — E eu tenho uma bagunça para limpar.

Ela caminhou rápido para o caminho cheio de sol para sua casa de campo, a porta estava aberta, e fez um balanço do trabalho da noite anterior. O ar estava tingido com uma pitada de fuligem e o eco persistente de magia negra, mas o sol e o vento ajudariam a cuidar disso. Erva, jarros vazios, e seu pote de sal marinho enchiam a mesa de trabalho, e a lareira estava cheia de cinzas encharcadas. O círculo de sal do mar que ela tinha lançado ainda estava espalhado no chão, seu ex-branco puro virou sombrio.

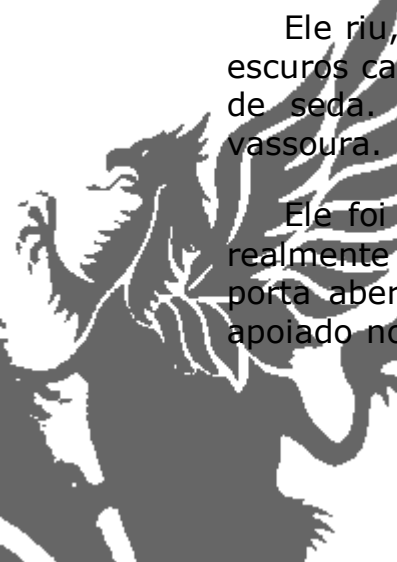
Era melhor começar com o sal ou isso iria segui-la por toda a casa. Ela foi até o armário e tirou uma vassoura. A presença quente de Rune, como o sol, encheu a porta aberta. Ela rangeu os dentes e agarrou o cabo da vassoura. Uma palavra errada ou mum movimento dele e, juro por deuses, ela ia bater-lhe na cabeça com a vassoura.

—Você tem estado ocupada, — ele disse, seu tom suave. —Você se importa se eu ler aqui?

Ela lutou com ela mesma então disse: — Não, enquanto você estiver quieto.

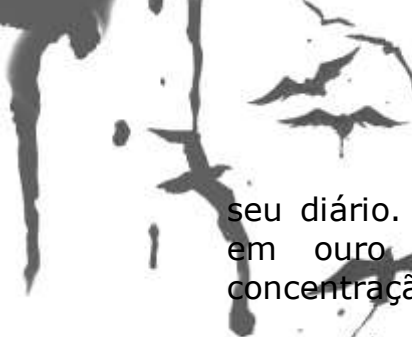
—Eu prometo, — ele disse suavemente. —Eu vou ser tão bom como o ouro.

Sua voz parecia escovar ao longo de sua pele em uma carícia. Ela se irritou contra a sensação e disse: —Cale-se.



Ele riu, uma risada rouca e tranquila, que encheu todos os frios e escuros cantos do quarto com calor que parecia pertencer aos lençóis de seda. Ela deu-lhe um olhar e depois atacou o chão com a vassoura.

Ele foi tão bom quanto sua palavra. Se ele não tivesse sido, ela realmente teria lhe dado um tapa. Ele puxou uma das poltronas até a porta aberta e o sol da manhã. Então ele sentou-se, um tornozelo apoiado no joelho coberto com jeans de sua outra perna, e ele abriu



seu diário. Ela olhou para ele. Seu cabelo despenteado foi coroado em ouro brilhante, seu rosto magro transformando com a concentração.

Sua alma gananciosa bebeu a visão. Em seguida, ela se forçou a se virar. Ela começou a trabalhar, e, gradualmente, enquanto limpava e Rune lia, uma calma frágil caiu na casa de campo e em sua mente. Quando ela finalmente teve o comodo impecável e todos os seus suplementos guardados, ela colocou vários ramos secos de sálvia branca na lareira vazia. O salvia afastaria qualquer escuridão persistente que poderia se agarrar às pedras.

Enquanto a manhã se transformava numa tarde, as bordas de sua visão começaram a tremer com o sinal de que o seu poder estava construindo de novo, e ela sabia que estava indo para outro episódio, em breve. Ela não iria aceitar os sentimentos que apertaram a barriga e secou a boca. Ela se recusou a se sentir presa, e não iria deixar o medo dominá-la. Com a presença de Rune, eles tiveram a oportunidade de aprender mais juntos do que ela tinha sido capaz de nos últimos dois séculos.

A melhor coisa a fazer era se manter ocupada até que acontecesse. Ela entrou em seu escritório para franzir a testa para o armário vazio, onde ela tinha guardado os livros de magia negra.

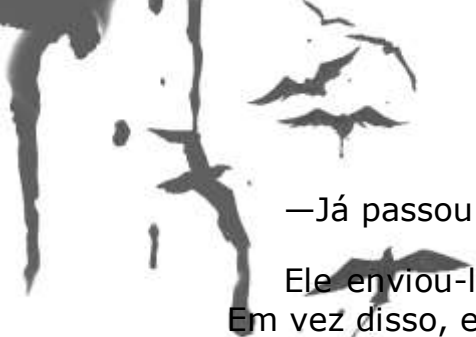
Ela chupou o lábio inferior enquanto considerava isso. Era um armário fino bem construído de cedro. Ela tinha esculpido a superfície com feitiços de proteção e de ligação. O trabalho tinha tomado dias, e ela odiava a ideia de destruí-lo. Mas os livros foram armazenados no armário por muito tempo. Ela podia sentir sua malícia persistente. Tinha embebido a madeira.

Relutante, ela chegou à única conclusão que podia. Ela poderia tentar purificar o gabinete, mas isso seria demorado e ela nunca iria confiar em guardar coisas delicadas nele. No final, só havia uma maneira de ter certeza absoluta que todas as energias escuras estavam bem e verdadeiramente dissipadas. O gabinete teria que ser destruído.

Ela soltou um suspiro, pegou um martelo e chave de fenda da caixa de ferramentas no pequeno armário do escritório, e começou a desmontar o gabinete atacando as articulações.

Rune surgiu logo após a primeira martelada. Ela ficou tão sensibilizada com a sua energia, que ela sabia, sem se preocupar em olhar, o momento que ele entrou na sala.

— Então é nisso que a bagunça do outro quarto estava, — ele disse. — Você decidiu se livrar dos livros mal-comportados.



—Já passou do tempo.

Ele enviou-lhe um olhar pensativo, mas absteve-se de comentar. Em vez disso, ele disse: —Acha que o gabinete está contaminado.

—Sim. É melhor estar no lado seguro e queimá-lo. — Ela posicionou a ponta da chave de fenda na junção de um painel, bateu com o martelo, e alavancou os pedaços de madeira separados. Eles vieram à parte com um estalo.

Ele veio ao seu lado, estando muito perto. Ele perguntou: —Posso ajudar?

Tão macho. Puxe algumas ferramentas e comece bater em alguma coisa, e eles se reuniram em de milhas ao redor. Ela afastou o cabelo do rosto com as costas de uma mão e fez uma careta para ele. —Eu sou perfeitamente capaz de dividi-lo eu mesma.

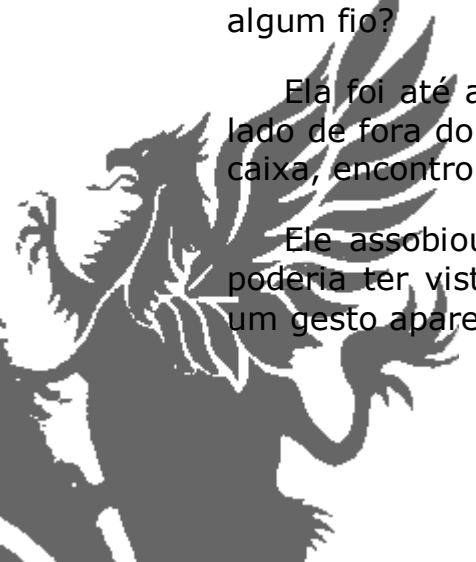
—Claro que você é, — ele disse a ela, sorrindo. —Isso não foi o que eu disse. Eu disse se posso ajudar?

Ela encolheu os ombros, irritada e deu um passo para trás. Rune estudou o gabinete por um momento e depois agarrou os lados. Ela disse: —Eu poderia rasgá-la com minhas mãos também, se eu quisesse, figurão, mas eu não quero as paredes do meu escritório arranhadas.

—Tenha um pouco de fé, — Rune disse.

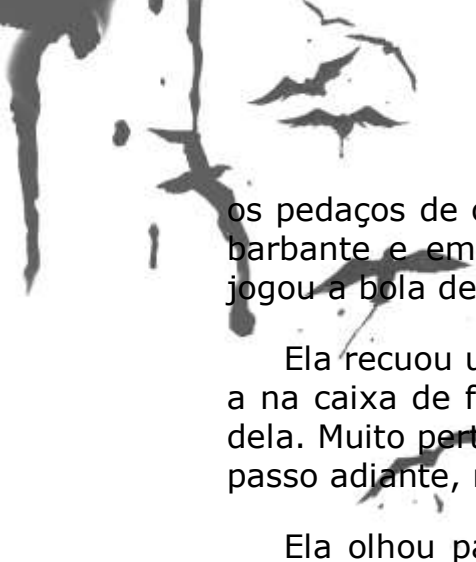
—Tudo bem. — Ela levantou as mãos. A calma frágil que ela tinha conseguido soprou em frangalhos. Ela queria a vassoura novamente. Ela ainda poderia bater nele antes do dia acabar. —Se você arranhar minhas paredes, você vai pintar o escritório você mesmo.

Ele deu-lhe um olhar divertido sobre um ombro largo. — Você está em um estado de espírito. — Os músculos de suas costas, larga e poderosas ficaram tensos, e ele empurrou com força controlada. O gabinete se dividiu nas articulações. Ele fez um rápido trabalho de desmantelamento sem, ela percebeu, arranhar as paredes uma vez. Em seguida, ele se inclinou para empilhar as peças. —Você tem algum fio?



Ela foi até a caixa de ferramentas aberta, que estava no chão do lado de fora do armário. Ela colocou o martelo e a chave de fenda na caixa, encontrou um rolo de barbante e atirou-o com força.

Ele assobiou pelo ar com tal velocidade de um ser humano não poderia ter visto, mas ele estendeu a mão e arrancou-o do ar com um gesto aparentemente preguiçoso. É claro que ele fez. Ele amarrou



os pedaços de cedro juntos rapidamente, tirou um canivete, cortou o barbante e embolsou a faca novamente. Sem olhar para cima, ele jogou a bola de fio de volta para ela. Forte.

Ela recuou um passo, mas pegou. Olhou para a bola e mergulhou-a na caixa de ferramentas, e de repente Rune estava bem na frente dela. Muito perto. Claro. Ele sempre estava muito perto, e ele deu um passo adiante, mais perto ainda, até que seus corpos estavam juntos.

Ela olhou para cima, seu olhar se estreitou. —Você está no meu espaço.

—Eu sei que eu estou. — Ele trouxe seu rosto, divertido sensual para baixo. Em um murmúrio tão quieto que saiu como um ronronar gutural, ele perguntou: —Você gostaria de me dizer o que pode persuadi-la para fora de seu humor? Eu ficaria feliz em ajudá-la com qualquer coisa.

Ela olhou para ele, arregalando os olhos. Desejo rugiu de volta entre eles, tanto dele, como dela. Isso queimou em sua barriga e ponderou seus membros tanto que ela queria se deitar. Sua imaginação lhe fornecia a imagem dele deitado em cima dela, seu musculoso corpo nu se flexionando, aquele lindo rosto selvagem, afiado com o sexo e necessidade.

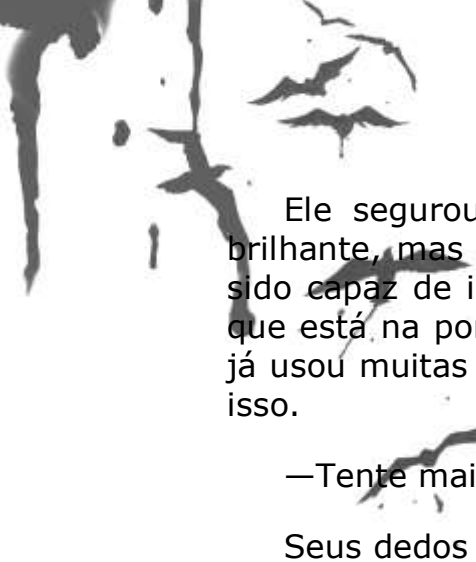
O corpo dela insistiu que precisava sugar um pouco de ar. Ela lutou e perdeu uma batalha com o controle, e respirou fundo, todos os seus sentidos vibrando com sua presença quente e vívida. A leve escovada de seu peito duro contra seus mamilos inflamou sensações que estavam tanto tempo inativas, que deveriam ter permanecido mortas e enterradas.

Isso era uma loucura perversa. Ele a fazia sentir muito. Ele tinha ido além de uma distração, inútil, perigosa e estava se aproximando rapidamente da obsessão. Ela não poderia lidar com tudo isso, ambas, as suas emoções e as dele. Lidar com a simples esperança e medo já era bastante difícil.

Ela rasgou o seu olhar de seu rosto atraente. Suas mãos dispararam. Ela cerrou-os em sua camiseta preta. —Será que você já terminou de ler?

Sua diversão sensual desapareceu. —Sim, antes que eu viesse até aqui.

Ela concentrou o seu olhar sobre os punhos, enquanto eles descansaram contra a placa dura de seu esterno. —E?



Ele segurou os seus ombros. —E, eu não sei. Seu trabalho é brilhante, mas você sabia disso. Algo me incomoda, e eu não tenho sido capaz de identificar o que é. É como tentar dizer que a palavra que está na ponta da língua. Você sabe que a palavra está lá e você já usou muitas vezes antes, mas você não consegue pensar em dizer isso.

—Tente mais forte.

Seus dedos apertaram. —O que há de errado?

Ela tentou sorrir. Saiu tudo torcido e errado. — Estou começando a sentir o meu Vegas de novo.

Ele respirou fundo e puxou-a em seus braços. —Tudo bem, — ele disse. Sua voz era tão firme como rocha igual seu olhar mais cedo. Sua bochecha desceu no topo de sua cabeça. —Nós sabíamos que isso ia acontecer. Nós vamos passar por isso juntos e vamos aprender mais.

Ela forçou as palavras. —Isso é o que eu tenho dito a mim mesma.

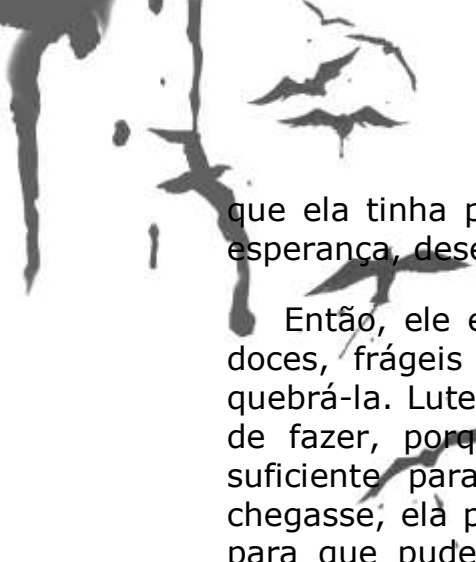
Maldição, ele acariciava seus cabelos, e depois havia mais sentimentos, sentimentos traiçoeiros acompanhados por pensamentos debilitados.

Será que machucaria se ela relaxasse sua espinha dorsal rígida apenas uma vez, só por um pouco? Ela tentou, e encontrou-se inclinada contra ele. Ele guiou a cabeça para que descansasse no oco de seu ombro. Sua cabeça parecia caber lá tão perfeitamente, a compreensão pareceu como se a machucasse. A força percorria seu corpo longo e maciço, uma fonte inesgotável de energia que a rodeava com o seu calor. Ele passou os braços em volta dela e de alguma forma seus braços encontraram seu caminho em torno de sua cintura, e então, eles seguraram um ao outro apertado.

Seus olhos formigaram novamente. Eles encheram de líquido queimando e transbordou. Fazia tanto tempo desde que ela tinha chorado, levou vários momentos para identificar a umidade.

Ele tinha feito isso com ela. Ele abriu as portas que nunca deveriam ter sido abertas novamente. Ele era um siroco⁹ que soprava através da topografia de sua mente e alma, até que eles mudaram como as areias do deserto, e ele a obrigou a enfrentar sentimentos

⁹ O **siroco** ou **xaroco** é um vento quente, muito seco, que sopra do deserto do Saara em direção ao litoral Norte da África, comumente na região da Líbia. Este fenômeno causa gigantescas tempestades de areia no deserto e manifesta-se quando baixas pressões reinam sobre o mar Mediterrâneo.



que ela tinha pensado que nunca iria sentir novamente, surpresa e esperança, desejo e medo.

Então, ele ensinou-a a sentir coisas novas, coisas que eram tão doces, frágeis e quebráveis, ela tinha medo que elas pudessem quebrá-la. Lute para viver, ele disse a ela, e era uma coisa tão difícil de fazer, porque ela não podia despertar-se para se importar o suficiente para lutar sem também sentir medo. Antes que ele chegasse, ela pensou que apenas perderia a vida. Ela se distanciou para que pudesse testemunhar o seu próprio fim, com desapego. Agora, ela sentia como se pudesse perder algo tão valioso: a sua compreensão de quem ela era.

Ela sussurrou, —Às vezes eu acho que eu te odeio.

Ele esfregou seu rosto no cabelo dela. —Por que isso, querida?

Seus lábios se separaram. Será que ele não a tinha chamado uma vez, há muito tempo atrás... ou pelo menos, lhe pareceu muito tempo atrás? Só que ela não sabia o que a palavra significava ou entendeu o que ele estava dizendo. Ela pensou que ele era um deus estranho e belo, chamando-a por um nome sagrado...

Rune a embalou perto, enquanto ele sentia a camiseta molhar mais. Ele podia sentir o cheiro de um rastro de incenso em seu cabelo, juntamente com o aroma limpo e fresco de lavanda. Debaixo do que era a sua fragrância exuberante de mulher, e ela era tão absolutamente perfeita, que perplexidade e indignação, rugiram através dele novamente com o pensamento de sua morte.

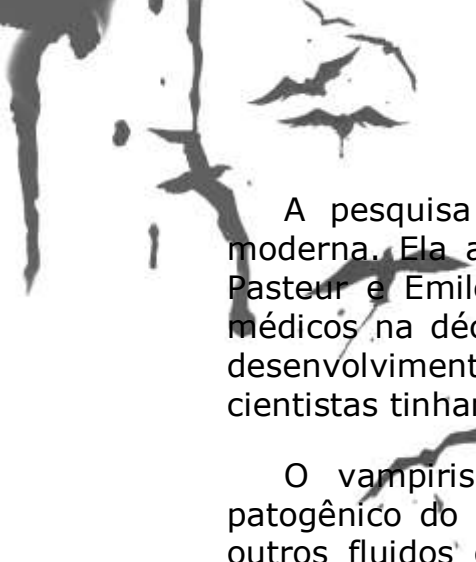
Espere. Sua respiração assobiou. Lá estava ela, a palavra na ponta da língua, só que não era uma palavra, mas um conceito. Uma premissa, não uma conclusão.

Ele enterrou seu rosto na curva de seu pescoço delgado, esmagando-a contra ele. Ela se mexeu e murmurou qualquer protesto ou uma pergunta. Ele murmurou, — Espere um minuto.

Ele envolveu seu Poder ao seu redor e abriu seus sentidos Wyr amplamente, e inalou a fragrância de Carling novamente.



Wyr, especialmente o mais antigo e poderoso Wyr, podia sentir a doença da mesma forma que os animais podiam. Eles poderiam provar quando o alimento estava contaminado, o que tornava extremamente difícil o envenenamento. Eles podiam sentir o cheiro quando os ferimentos estavam infectados, ou quando a doença exalava nas glândulas sudoríparas de uma pessoa.



A pesquisa de Carling tinha tomado o caminho da medicina moderna. Ela acompanhou de perto a pesquisa realizada por Louis Pasteur e Emile Roux. Ela narrou como correspondeu com os dois médicos na década de 1880, fazendo perguntas detalhadas sobre o desenvolvimento de uma vacina para a raiva. Por sua vez, os dois cientistas tinham estudado o vampirismo com fascínio.

O vampirismo tinha todas as características de um agente patogênico do sangue. Isso era encontrado no sangue e em certos outros fluidos corporais e teve uma taxa de infecção de 98,9 por cento, quando uma troca de sangue direta ocorria. Ele não podia ser transmitido através do ar, e a pele intacta, atuava como uma barreira efetiva. A convicção de que o vampirismo é uma doença infecciosa tornou-se tão bem enraizada no pensamento moderno, que já não era questionado. Agora, no século XXI, praticamente toda a pesquisa médica e científica sobre vampirismo era baseada nessa premissa.

Mas cada instinto de Rune estava dizendo a ele que a energia de Carling era sadia. Ela não cheirava a doente. Ele pensou na mulher que ele havia passado em frente, no Departamento de Imigração de Noturnos. A doença que a mulher tinha era evidente. A mácula tinha empregnado em sua pele, por baixo do perfume de lilases.

O cheiro de Carling era sexy e feminino, com o mormaço tentador de seu próprio poder, e o tom leve e metálico que todos os Vampiros compartilhavam.

Na verdade, para Rune ela cheirava perfeitamente saudável.

—Eu consegui, eu descobri o que me incomoda, — ele disse. Ele ajeitou e puxou-a para longe enquanto falava. Seus braços caíram soltos para os lados. —E se tudo que você tentou não funcionou, é porque o vampirismo não é uma doença?

Sorrindo, ele olhou para aquele rosto lindo e assombrado dela, que tinha cultivado nele como um vício. Sua expressão estava em branco, seus longos e amendoados olhos estavam fixos em algo que só ela poderia ver.

Seu estômago se apertou. Ele guiou-a para a cadeira do escritório e cutucou-a para se sentar. Ela foi, sem um protesto, tão passiva como uma boneca.

Uma onda passou pelo escritório. Em seguida, a cena mudou. Ele relaxou e deixou-a levá-lo.

Era hora de Vegas, de novo, querida.



CAPÍTULO

Ele não andou por um caminho desta vez, mas a mudança de energias parecia como um cruzamento novamente, um cruzamento que de alguma forma se modificou, foi dobrado de alguma forma fundamental. Era como pegar um lance de escadas que dobrou sobre si mesmo, ou virou uma esquina e descobriu uma paisagem diferente do esperado. Ele tentou segurar a sensação, para que pudesse examiná-la mais de perto. Ele tinha a sensação de quase agarrar isso, mas depois o sentimento fluiu por ele e foi embora.

O escritório de Carling desapareceu, e uma noite quente e úmida envolveu-o. Desorientado, ele parou e foi embebido em impressões.

Em algum lugar próximo, havia o rítmico áspero das rãs-touro. Ele olhou para cima. Os sombreados dos topos pontiagudos das palmeiras espalhavam nas bordas do céu noturno, que estava brilhante com estrelas de uma forma que as cidades modernas, com sua poluição luminosa, nunca mais viu.

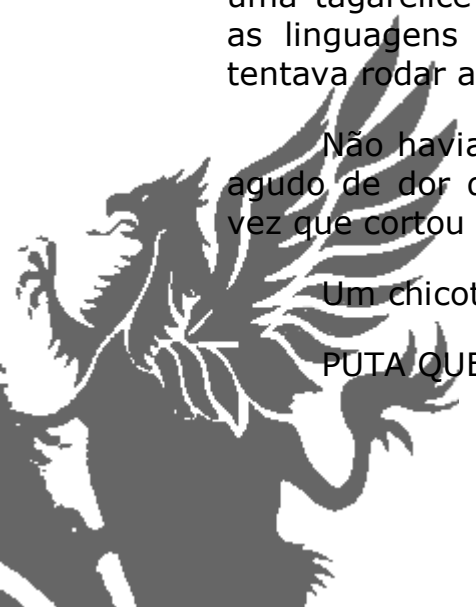
Ele estava nas sombras de um edifício construído de colunas de blocos de granito, perto de outros grandes edifícios. Tochas piscaram em vários lugares. O ar era pungente com o cheiro fétido do rio nas proximidades, e o odor persistente de alimentos opulentos. Isso cheirava coisas semelhante a levedura, cerveja e pão, juntamente com o peixe temperado e carne. A noite ainda era bastante jovem.

Ele também cheirava pessoas, e ouviu vozes. Um homem, gritando de raiva. Um isqueiro, uma voz feminina jovem, derramando uma tagarelice desesperada de palavras rápidas. Muito acostumado as linguagens modernas, sua mente estava enferrujada enquanto tentava rodar as engrenagens e fazer sentido no que ouviu.

Não havia dúvida no som de carne sendo golpeada, e um grito agudo de dor que foi cortado. Também o som de um chicote, uma vez que cortou o ar.

Um chicote.

PUTA QUE PARIU.





Passando pelo pânico e instinto, Rune pulou para frente. Ele bateu em um muro e saltou fora dele, e precipitou-se para as amplas escadas esculpidas, seguindo a projeção do eco de volta à sua fonte.

Vamos lá. Aumente a velocidade, porra. Ele se moveu mais rápido que ele podia se lembrar de se mover em sua vida, mas a força perversa de um chicote rasgou o ar em um segundo, e o som o esfolou vivo.

Ele explodiu em uma sala grande e luxuosa. Arranjada para uma sedução, isso se tornou o palco de uma tortura. Braseiros metálicos iluminavam o espaço com uma abundância de luz bruxuleante. O quarto era aberto em três lados para uma varanda simples e o ar da noite, e emoldurado com cortinas de gaze que mantinham os insetos do rio. Não havia cama artisticamente disposta e intocada. A mesa baixa mantinha um banquete de carne, peixe, legumes temperados, cerveja, pão e mel.

Uma menina estava caída no chão, suas costas estreitas, cor de mel, sangrando com as chicotadas. Um homem moreno estava sobre ela. Ele usava um shenti, sandálias trabalhadas, e um colar forjado de cobre, e tinha uma barba cortada rente e um olhar brilhando com fúria. O homem puxou o braço e sacudiu o seu chicote.

O pensamento racional vaporizou em uma interna explosão nuclear. O que restou foi uma besta assassina. Garras saltaram. O rugido grave que explodiu em seu peito dividiu a noite com a força de um lançador de foguetes.

O animal saltou. Com um único golpe de sua pata, ele quase dividiu o homem em quatro pedaços. O chicote caiu descartado. O homem estava morto antes de bater no chão.

O assassinato aconteceu muito cedo para amenizar a raiva da besta. Ele rugiu novamente, pegou o cadáver e atirou-o. Sangue pulverizou através do ar. O cadáver bateu no muro. Ossos racharam, audivelmente, no momento do impacto. O corpo quebrado deixou uma mancha molhada de vermelho quando deslizou ao longo da parede.

Silêncio completo encheu a noite. Até os sapos e insetos noturnos ficaram em silêncio na presença de um predador. Parecia que o mundo inteiro prendeu a respiração.

Exceto os suspiros choramingados aos pés da besta.

Ele olhou para baixo, respirando com dificuldade. A menina se encolheu no chão, cravando as unhas das duas mãos, como se fosse rasgar as pedras e desaparecer, se pudesse. Ela usava os pedaços de



alguma roupa transparente, junto com um colar feito de cobre e lápis-lazúli, e pulseiras de osso esculpido. Suas costelas delicadas estremeeceram, suas costas estavam rasgadas e sangrando.

Soltou um suspiro.

O animal se tornou Rune novamente. —Pobre bebê, — ele sussurrou. Ele se abaixou para tocar seu ombro.

Ela gritou e se encolheu, e sua besta ressurgiu apenas o suficiente para aranhá-lo a partir do interior. Ele deu a volta e ajoelhou-se perto de sua cabeça. Ela estava mais velha do que os sete anos de idade que ele havia encontrado, mas não muito, talvez por cinco ou seis anos. Sua beleza emergente tinha sido cuidadosamente enfatizada, aqueles olhos longos alinhados em cajal e verde malaquita, e sua boca bem torneada pintada com ocre vermelho. A malaquita e o cajal riscava o rosto manchado de lágrimas, e a tinta vermelha estava manchada. Debaixo dos escombros de extravagantes cores, o normal de sua pele de mel, estava palida e em choque.

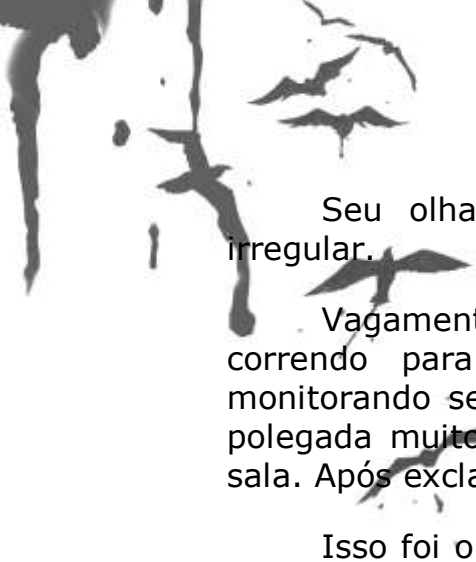
Seu estômago agitou. Não adiantava dizer a si mesmo que este era um tempo muito mais primitivo e que as meninas muitas vezes eram obrigadas a casar pelos 12 anos. Ela ainda parecia uma vítima de pornografia infantil. Por alguns momentos escaldantes sua sanidade escorregou. Ele não sabia o que teria feito se o cheiro de sexo estivesse no quarto.

Ela estava com muito pânico. Perplexo, ele hesitou, em seguida fez a única coisa que poderia pensar em fazer. Ele se deitou de bruços ao lado dela e colocou a cabeça no chão, o rosto voltado para ela, então ele estava no mesmo nível dela. Depois começou a falar em um padrão tranquilo e suave.

—Khepri, meu nome é Rune. Nós nos encontramos uma vez, há alguns anos. Você se lembra de mim? Lembro-me muito bem. Eu estava voando quando eu vi você me olhando, então eu descí para falar com você. Você tinha estado trabalhando para colher grãos, no campo.

O pânico cego em seu rosto jovem aliviou só um pouco, ou era sua imaginação? Seus lábios tremiam, esforçando-se para formar uma palavra. Ela sussurrou, — A-Atum.

Os olhos de Rune ficaram úmidos. —Sim, — ele murmurou tão suavemente quanto pôde. —Você pensou que eu era Atum, e eu lhe disse que não era. Você se lembra disso?



Seu olhar brilhante se focou nele. Ela deu-lhe um aceno irregular.

Vagamente ele estava ciente de que outras pessoas estavam correndo para o quarto. O animal ainda estava desperto e monitorando seus movimentos com precisão fria. Se viessem uma polegada muito perto, eles iriam morrer, mas pararam na beira da sala. Após exclamar uns para os outros, eles se prostraram no chão.

Isso foi o suficiente. Para eles ele era, afinal, um deus, e desta vez ele não tentou negar.

Ele sorriu para Khepri. —Por favor, querida, não tenha medo de mim. O homem que estava machucando você não pode mais feri-la.

Ela levantou a cabeça. Seu olhar rastreando à esquerda em direção ao cadáver que estava deitado em um amassado na parede. Ele mudou de posição para segurar sua mão como um escudo entre ela e à visão, quase tocando sua bochecha. Ela sussurrou: —Ele está morto?

Esta não era uma criança moderna protegida. Ele sabia que ela já tinha visto a morte antes. Ele disse: — Sim. Ele machucou você. Isso me deixou muito irritado, e eu o matei.

Ela tomou uma respiração profunda, estremecendo ao deixá-la sair. Ferocidade brilhou em seus olhos. Por um momento, ela parecia tão feroz como um filhote de tigre. — Bom.

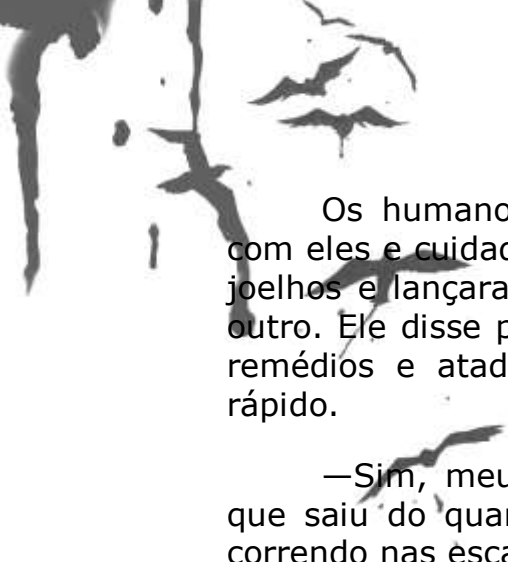
Apenas assim, ele caiu de cabeça, de amores pela criança mais uma vez. —Posso ajudá-la agora?

A faísca de ferocidade desapareceu. Seus lábios tremiam e seus olhos nadavam em lágrimas quando ela balançou a cabeça novamente.

Nisso a besta ameaçou assumir de novo. Ele levantou-se sobre as mãos e os joelhos, e reuniu-a cuidadosamente em seus braços, trabalhando para ter certeza que ele não tocasse as feridas em suas costas. Ele levou-a para a cama e deitou-a nela, de modo que ela estava deitada de bruços. Então ele olhou para os humanos que permaneceram prostrados diante dele. Eram quatro, uma mulher, dois homens com lanças, e outro homem, mais velho. A julgar pela ornamentação de suas roupas, o homem mais velho era o mais poderoso de todos os presentes.

Rune conteve a vontade de chutá-los. Ele disse: — Levantem-se.





Os humanos olharam para ele, viram que ele estava falando com eles e cuidadosamente levantaram. Eles permaneceram em seus joelhos e lançaram olhares ao cadáver ensanguentado e um para o outro. Ele disse para o homem mais velho. —Eu quero água quente, remédios e ataduras, junto com algo limpo para ela vestir. Seja rápido.

—Sim, meu senhor. — O homem sibilou algo para a mulher, que saiu do quarto. Um momento depois, Rune ouviu seus passos correndo nas escadas.

Ele se acomodou ao lado de Khepri. Ela moveu a cabeça mais perto para colocar sua bochecha contra seu joelho, e ele acariciava seus cabelos enquanto lutava com o seu autocontrole. Ele disse a ela: —Cerveja poderia ajudar com a dor. Quer uma?

Ela assentiu com a cabeça. Ele gesticulou para o homem mais velho, que ficou de pé para trazer duas taças cheias para ele, o líquido rico e pesado tremendo em seu aperto instável. Rune tomou um cálice, ignorou o outro, e ajudou Khepri a beber, enquanto o homem se ajoelhava aos seus pés e esperava por mais comandos. A cerveja teria um forte conteúdo alcoólico, mas ela provavelmente tinha bebido desde que tinha dois ou três. Era uma cerveja de trigo, e sem dúvida o grão tinha ficado um pouco mofado. Isso significa que haveria tetraciclina no líquido, que era bom. Isso ajudaria a evitar qualquer infecção das marcas do chicote. Ele a encorajou a terminar a taça.

Quando o brilho febril de seus olhos começou a embaçar, ele disse ao homem: —Você é um padre?

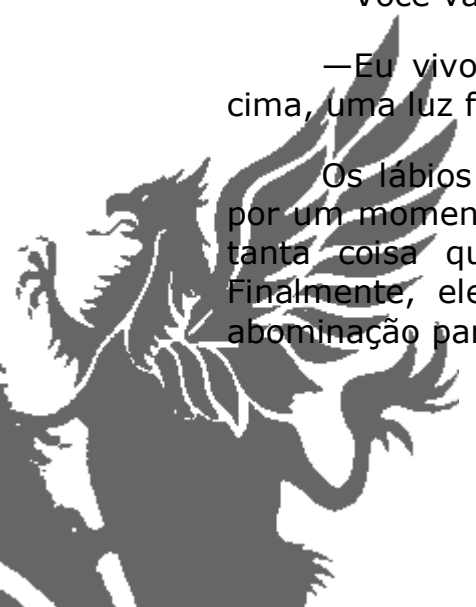
—Sim, meu senhor.

Ele se surpreendeu. A antiga Memphis tinha um excesso de templos e necrópoles. Ele disse, —Você tem autoridade?

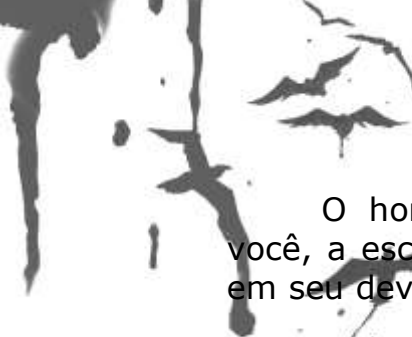
O homem abaixou a cabeça. —Sim, meu senhor.

—Você vai me ouvir agora e fazer o que eu digo.

—Eu vivo para servi-lo. — O homem se atreveu a olhar para cima, uma luz fanática de devoção estava em seus olhos escuros.



Os lábios de Rune se curvaram. Que porra é essa. Ele pensou por um momento, escolhendo e descartando coisas para dizer. Havia tanta coisa que simplesmente não fazia sentido neste homem. Finalmente, ele disse, —O que aconteceu aqui esta noite é uma abominação para mim.



O homem disse rapidamente: —Meu senhor, eu prometo a você, a escrava não estava sendo disciplinada sem razão. Ela falhou em seu dever de agradar um outro deus que estava aqui...

Outro deus?

Os olhos de Rune brilharam em uma reação rápida de ciúmes. Ele olhou em volta, tomando novamente o banquete que tinha sido tão cuidadosamente colocado, a cena de sedução que não havia sido promulgada. O homem se encolheu diante dele. Os dedos de Khepri saíram de atrás de sua cabeça para tocar sua mão, e ele percebeu tardiamente que tinha começado a rosar.

Ele se fez parar. Ele respirou fundo e depois outra vez, analisando os muitos aromas na sala, e ele percebeu o pânico e a raiva não o deixou perceber antes: outro Wyr tinha estado recentemente na sala.

Gentilmente, ele enrolou a mão em torno dos dedos de Khepri, quando ele se inclinou sobre o sacerdote. — Olhe para mim. — O padre olhou para cima, de olhos arregalados, e Rune mostrou os dentes em um show de pura agressão. —Um deus escolhe fazer o que quiser. Como você ousa colocar a responsabilidade disso sobre os ombros de uma simples menina?

O padre caiu para frente, se inclinando novamente. —Meu senhor, eu sinto muito! Nós não sabíamos que transgredíamos. Perdoa-nos!

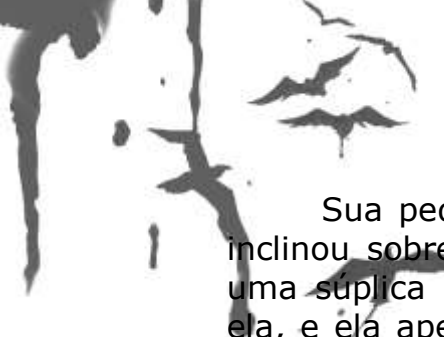
—Este é o meu decreto, — Rune disse. —Você vai levar esta escrava e tratá-la como sua filha mais favorecida. Você vai educá-la, assim como qualquer homem, e vai protegê-la, e cuidará para que ela tenha melhor vida que você puder dar a ela. Você vai fazer isso, e nenhum outro. Se você falhar em fazer alguma coisa, eu vou te encontrar. Eu vou puxar suas entranhas, e deixá-lo para assisti-las cozer ao sol do meio-dia. Você me entende?

Enquanto o padre balbuciava o seu acordo, a mulher voltou, carregando medicamentos e uma pilha de roupas debaixo do braço. Ela era seguida por duas outras mulheres que ostentam urnas de água, saindo vapor. Elas hesitaram na entrada, os olhos arregalados, até Rune gesticulou para frente, impaciente.

—Cuidem dela, — disse-lhes.

Sussurrando uma para a outra, as mulheres fizeram como ele ordenou. Ele observava. Quando viu por si mesmo como elas cuidadosamente tratavam Khepri, ele começou a aliviar e se forçou a afastar.





Sua pequena mão apertou a sua o ancorando no lugar. Ele se inclinou sobre ela, e alisou o cabelo de sua testa. Ela o olhou com uma súplica muda. Ele não entendia o que ela queria. Talvez nem ela, e ela apenas agarrou-se a uma pessoa que tinha feito seguro o mundo novamente.

Ele disse a ela: —Eu não tenho certeza de quando ou como, mas eu posso te prometer uma coisa, querida. Vamos nos ver outra vez. Isso está bom para você?

Ela assentiu com a cabeça, seu rosto meio manchado escondido pela seda escura e escorregadia de seu cabelo. Num impulso, ele se inclinou para frente e pressionou seus lábios em sua testa. Seus dedos apertaram em sua mão, e então ela o deixou ir.

Ele se levantou e esticou a espinha quando olhou em volta. Deuses. A cena era tão intensa, tão real, que ele estava completamente mergulhado nela.

Poderia ser uma ilusão ou alucinação? Poderia ser algo mais, algo mais real? Será que poderia de alguma forma estar afetando as coisas no passado? Ele sentiu o impulso de rir, empurrar a ideia de lado. Então olhou para as marcas de chicote que ainda estavam sangrando nas costas Khepri e perdeu o impulso.

Quando ele se virou, o sacerdote estava observando-o com atenção. Rune olhou para o homem, seu era olhar pensativo. No Antigo Testamento da Bíblia, Gideon estabeleceu um velo para pedir provas da vontade de Deus.

Rune encolheu os ombros. Ele pode não ser um cristão e não dependia da vontade dos deuses, mas pedir provas parecia um inferno de uma boa idéia. Ele virou as costas para Khepri e para as suas assistentes, cavou em seu jeans e puxou o canivete. Era um completamente moderno e resistente canivete suíço. Ele perguntou como iria manter-se por cerca de quatro ou cinco mil anos.

Ele perguntou o padre, —Qual é seu nome?

—Akil, meu senhor.

—Quem é o seu rei, Akil?



O branco dos olhos do sacerdote se mostrou. Estava claro que ele não podia imaginar por que um deus não saberia tal coisa, mas ele respondeu prontamente o suficiente, —Djoser.

Rune relaxou. Ele sabia um pouco sobre Djoser, não menos do que o arquiteto Imhotep que construiu uma das maiores, mais



famosas estruturas antigas conhecidas pelos homens. Ele segurou a faca até o sacerdote e tirou todas as suas lâminas, observando como os olhos de Akil crescerem maiores com admiração.

—Este é o meu presente para você, — ele disse. — Não mostre isso para Khepri ou para qualquer outra pessoa. Não escreva sobre isso ou deixe qualquer registro de sua existência. Como prova de sua devoção, eu quero que você o enterre na entrada do templo de Djoser em Saqqara. — Saqqara era a gigante necrópole, ou cidade dos mortos, que serviu como um cemitério para Ineb Hedj e mais tarde para Memphis. —Pode se passar um tempo muito longo antes que eu possa voltar para ele, mas eu vou.

Ele fechou a faca novamente e segurou-a. Akil pegou com reverência. —Eu vou, meu senhor. Você pode ter certeza disso.

Pois bem, Rune pensava. Vamos ver sobre isso.



O olhar de Carling centrou-se no interior de seu escritório.

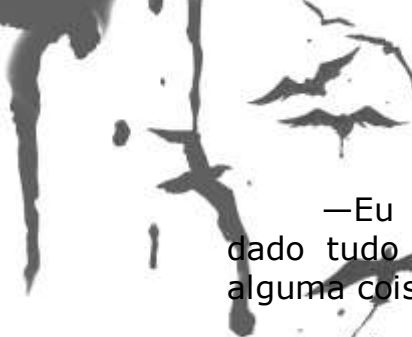
Ela estava sentada em sua cadeira. O gabinete de cedro estava desmontado em um pacote contra uma parede. A inclinação do sol havia mudado de tarde para o início da noite. A luz do sol filtrava através da janela em letais barras douradas. Ela estremeceu e desviou o olhar.

A sala ecoou com as consequências emocionais da agressão e da violência. Rune rondava o escritório com a intensidade de um animal enjaulado. Seu rosto estava determinado, com os olhos agitados com o brilho inquieto com o que pensava. Seus longos passos atléticos faziam o escritório espaçoso parecer sufocante e muito pequeno. Ele mudou o pacote pesado de cedro para verificar debaixo dela. Em seguida, moveu-se para pesquisar junto com os pisos ao lado dos armários, e o espaço entre a mesa e a parede.



Ela limpou a garganta e perguntou em voz rouca, —O que diabos você está fazendo?

Ele se virou, seu olhar queimava. Ele pulou para agachar-se a seus pés. —Como você está?



—Eu estou bem, — ela disse. Foi uma coisa ridícula de dizer, dado tudo o que estava acontecendo. —Você parece que perdeu alguma coisa.

—Eu estava procurado pelo o meu canivete. Eu o tinha nesta sala e agora não consigo encontrá-lo em qualquer lugar. — Ele procurou o rosto dela com uma intensidade peculiar que se sentia como um toque físico. — Você se lembra de vê-lo em qualquer lugar?

Ela fez uma careta. —Claro que eu lembro de ter visto isso. Eu vi você cortar o fio com ele. Por que você pergunta?

—Foi uma tarde memorável, — ele disse.

—Isso realmente não responde à minha pergunta, — ela disse.

—Eu não tenho nenhuma resposta, — disse a ela. Ele segurou os braços da cadeira. —Estou ocupado lutando com muitas perguntas. Você se lembra de entrar em um enfraquecimento?

—Isso é certo, — ela murmurou. —É claro que eu lembro. — Ela ficou em silêncio enquanto o estudava. Ela pensou na memória de voltado, quando entrou no enfraquecimento, para trás e para trás, para um dos momentos mais dolorosos, traumáticos e fundamentais do início de sua vida. Ela havia sido mantida intocada, sua virgindade intacta, salva e treinada até que pudesse ser dado como um presente em um momento estratégico para um personagem importante.

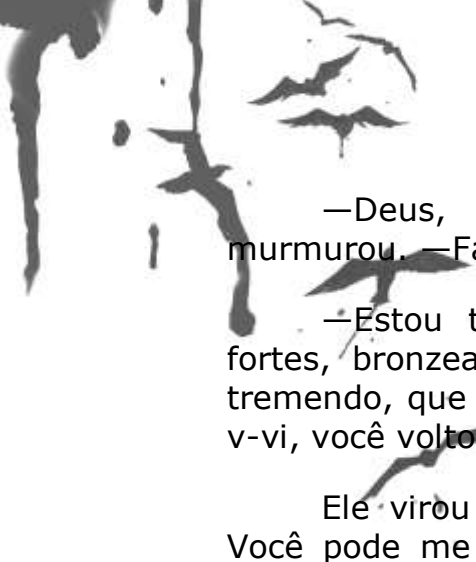
Em seguida, um deus imenso, escuro e aterrorizante tinha tocado a Terra para considerar as paredes brancas de Ineb Hedj e seu povo, com uma curiosidade passageira. No final, ele tinha sido indiferente para a cidade, seus sacerdotes piedosos e religião, e desinteressado por ela como um presente. Ele a havia deixado, e ela tinha sido punida por isso.

Então, com uma clareza cristalina que os muitos séculos intervenientes não tinham escurecido, lembrou-se do ciado do chicote quando serpenteava através do ar e mergulhou-a para a mais selvagem e transcendente dor, transformando seu mundo com gritos que ela não tinha o fôlego para gritar.

É nesse bruto lugar em que um enorme monstro dourado irrompeu, rugindo com uma agonia, como se tivesse sido o que foi chicoteado, trazendo com ele tanto a morte como a salvação.

O mundo agitou. A boca de Carling se abriu. Ela tentou formar palavras.





—Deus, você está tremendo como uma folha, — Rune murmurou. —Fale comigo.

—Estou tentando, — ela apertou. Ela agarrou seus pulsos fortes, bronzeados. Ele parecia ser a única coisa que não estava tremendo, que se manteve estável. Seus olhos se encontraram. —Eu v-vi, você voltou uma segunda vez.

Ele virou as mãos para agarrar seus pulsos também. —Sim. Você pode me dizer o que aconteceu com você? Havia outro Wyr envolvido, ou pelo menos tinha havido, antes de eu chegar lá. Sabe quem era?

O outro Wyr tinha sido Tiago, de todas as pessoas, que nunca tinham se lembrado o que tinha acontecido, porque para ele todo o incidente tinha sido importante. Ele nunca soube o que as consequências de sua indiferença e partida tinham significado para ela.

Ela balançou a cabeça. Ela tinha estado com raiva e com ressentimento de Tiago por tanto tempo, mas pela primeira vez, ela quis dizer o que disse quando ela disse a Rune, —Isso não importa. Foi apenas um curioso Wyr que olhou em volta brevemente e depois novamente se foi. Os sacerdotes queriam que ele ficasse, claro, era por isso que eles me deram para ele, mas ele não estava interessado.

Algo imprevisível, uma navalha afiada rondou nos olhos de seu leão. —Então ele não voltou.

—Não, — ela disse. —Pelo menos não enquanto eu morava na cidade.

—Ok. — Rune pareceu relaxar só um pouco. —Será... o que aconteceu... pareceu tão real para você como da primeira vez, quando eu apareci?

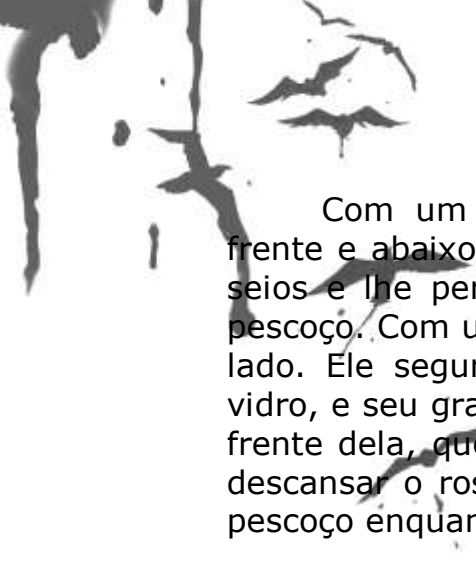
O mundo começou a sacudir de novo. Ela assentiu com a cabeça.

Suas mãos apertaram seus pulsos enquanto ele sussurrou, — Isso faz para mim também. Carling, eu preciso dar uma olhada em suas costas.

Ela olhou para ele. —Por quê?

As belas linhas limpas de seu rosto estavam rígidas com uma emoção que se revoltaram pelo pesado ar da tarde. —Eu preciso olhar para as suas cicatrizes. É importante.





Com um perplexo encolher de ombros, ela se inclinou para frente e abaixou a cabeça. Ela segurou a túnica no lugar sobre seus seios e lhe permitiu soltar o material de algodão ao longe de seu pescoço. Com um toque leve como pluma ele puxou o cabelo para um lado. Ele segurou-a tão suavemente como se estivesse segurando vidro, e seu grande corpo estava tão perto quando ele se ajoelhou na frente dela, que ela se deixou inclinar alguns centímetros mais para descansar o rosto em seu ombro largo. Ele acariciou a nuca de seu pescoço enquanto ele deslizou a túnica pelas costas.

Ela sentiu a respiração deixá-lo. Seus dedos estavam instáveis contra sua pele nua. Ela levantou a cabeça para olhar para as linhas limpas e elegantes de seu perfil. Ela estava tão perto que podia ver as linhas finas aprofundar nos cantos de seus olhos, e sentir a mudança em seus músculos da garganta quando ele engoliu em seco.

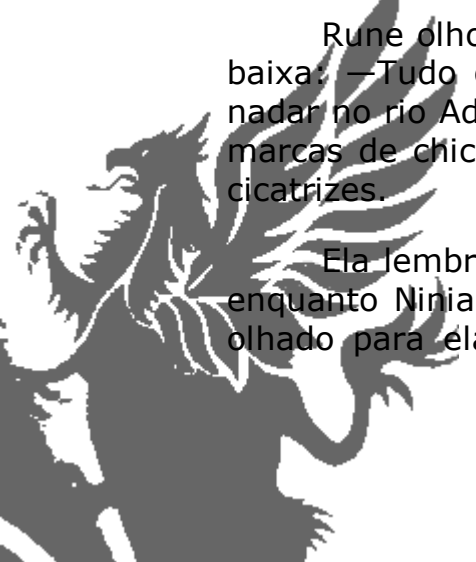
—O que é isso? — Ela perguntou.

Esticou o pescoço para olhar por cima do ombro. Ela podia ver as pontas das longas e brancas cicatrizes que cruzavam sua coluna como duas serpentes sinuosas em torno de um bastão. Ela tinha vivido com essas cicatrizes há milhares de anos. Ela as conhecia como conhecia o dorso da mão. Ela nunca iria esquecer a noite em que aconteceu, ou como Rune tinha quebrado o quarto para parar um terceiro de cair sobre ela...

Ela endureceu. Não. Isso não tinha acontecido há milhares de anos. O que tinha acontecido há poucos minutos atrás, esta tarde. O que tinha acontecido antes Rune tomar uma ação? O que realmente aconteceu com ela, quatro mil e quinhentos anos atrás?

—Outra coisa que aconteceu antes de você aparecer, — ela sussurrou. —Eu não me lembro. Eu não me lembro do que originalmente me aconteceu.

Antes que Rune tivesse estourado dentro do quarto, o padre havia parado na sua frente, com raiva. Ele havia sacudido o chicote. Ele a teria golpeado novamente, exceto que Rune o tinha matado com um golpe selvagem.



Rune olhou para ela, seus olhos escureceram. Ele disse em voz baixa: —Tudo o que sei é que um par de semanas atrás, você foi nadar no rio Adriyel e quando você saiu, você não tinha apenas duas marcas de chicote nas costas. Seu corpo inteiro estava listrado com cicatrizes.

Ela lembrava muito bem. Ela caminhou nua para fora da água, enquanto Niniane e Rune esperavam na margem do rio. Rune tinha olhado para ela com um fogo em seus olhos que brilhavam como



diamantes amarelos. Seu belo rosto tornou-se uma máscara esculpida, e todos os músculos do seu corpo tinha ficado gravado em relevo contra a moldura longa e masculina de seus ossos, como se ele tivesse sido criado por um escultor clássico.

Ela disse: —Você está me mudando?

—Eu acho que o que estamos fazendo em conjunto, deve de alguma forma estar mudando alguma coisa, — ele disse. —Porque eu juro por todos os deuses, Carling, as suas costas não eram assim antes.

Ela olhou para ele com horror.

Ela comparou-o a um siroco. Ela não tinha idéia de quão preciso ele foi. O siroco era um furacão que saía do Saara. No Egito, o vento quente do deserto era chamado de Khamsin. Poderia chegar a velocidades de até 85 milhas por hora. Lembrou-se do uivo do vento à noite. Era um imenso, som, sobrenatural, desumano. Isso tirava a carne para fora dos ossos, literalmente reformulando a terra.

Primeiro ela pensou que iria perder a vida. Então, ficou com medo de perder todo o resto. Seu poder, sua sanidade. Sua dignidade.

Ela não sabia que poderia haver mais para perder, que pedaços de seu passado poderiam desprender para fora, como carne descamando dos ossos. A mudança era mais vasta e mais poderosa do que qualquer coisa que ela nunca tinha experimentado, e ela nunca tinha sentido a diferença.

Ela não sabia que poderia estar em perigo de perder a si mesma.





CAPÍTULO 9

—Fique longe de mim. — Ela empurrou-o de volta e saltou de sua cadeira.

Ele saltou de pé, deu um passo adiante com a mão estendida e disse: —Não, enquanto você está em pânico.

Ela girou por trás da cadeira, pegou-a, arremeceu em cima dele e gritou: —Sai fora!

Com um golpe no seu braço, ela foi derrubada para o lado. Determinação estampava suas feições. —Pense um minuto, Carling. Você teve apenas um episódio. Outro não irá ocorrer por pelo menos mais algumas horas, talvez mesmo um dia ou mais. Temos tempo para discutir isso e descobrir o que significa.

Ela olhou para ele com incredulidade. Ela não conseguia se lembrar da última vez que alguém desobedeceu uma ordem direta dela.

—Tudo bem, porra, — ela sussurrou. —Eu vou sair.

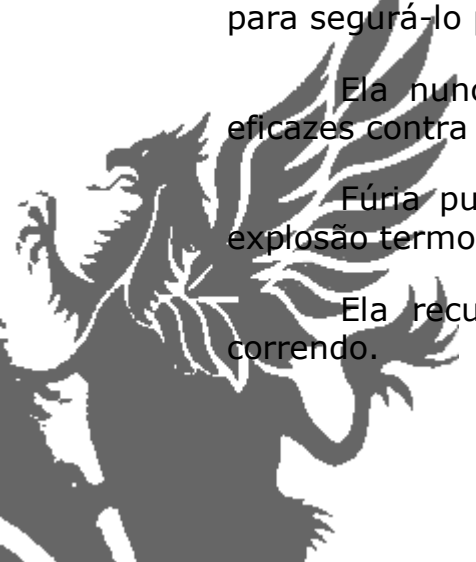
Ela chegou à porta antes de sentir a mão dele cair sobre seu ombro. Era demais. Ela o derrubou fora e cuspiu uma palavra cheia de poder que gelou o ar.

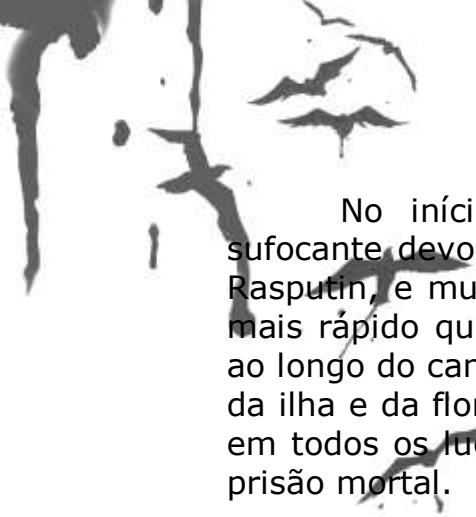
Rune congelou no meio do movimento, seu braço ainda esticado em sua direção. Então, seu poder surgiu em resposta, quente como uma chama solar, e mesmo que ela houvesse colocado força suficiente por trás da magia para lançar metade dos vampiros de San Francisco inertes, ela sabia que não ia ser forte o suficiente para segurá-lo por muito tempo.

Ela nunca conseguiu voltar a pesquisar que magias seriam eficazes contra Grifos. Ela poderia se arrepender disso algum dia.

Fúria pulsava dele como um sopro externo rolando de uma explosão termonuclear. Lentamente, ele começou a se mover.

Ela recuou um passo, olhando. Então ela se virou e saiu correndo.





No início, ela se dirigiu para a casa. Então pensou na sufocante devoção ressentida de Rhoswen, na adoração frenética de Rasputin, e mudou de direção, correndo ao longo do caminho muito mais rápido que um ser humano poderia ter a esperança de correr, ao longo do caminho que seguiu o penhasco em direção ao outro lado da ilha e da floresta de sequóias. O sol da tarde inclinava tiras de luz em todos os lugares, transformando a cena idílica em uma luminosa prisão mortal.

Quando era jovem, tinha sido ensinado que ela era composta de muitas partes, a sua alma, seu coração, sua sombra, nome e espírito.

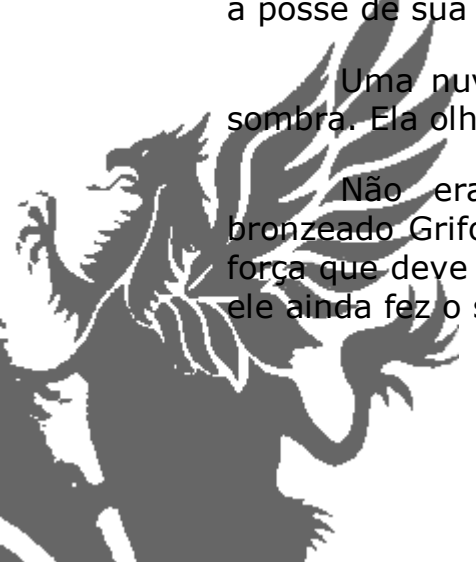
Quantas peças de si mesmo você poderia perder e sobreviver? Quando ela tinha sido apenas uma criança, ela tinha perdido sua família e sua liberdade, e então ela tinha perdido o seu nome. Apenas poucos anos depois, ela havia perdido o fôlego e seu coração parou de bater. Então, ela perdeu quase todos ao seu redor, não uma, mas várias vezes. Cada decisão que ela tomava, era baseada no poder, celeridade, política, sobrevivência e guerra, ela perdeu pedaços de suas almas através dos séculos. Sentiu seu espírito como uma fina gaze, em farrapos.

Ela olhou para o chão. Sua atenuada sombra ágil fugiu antes dela, como se estivesse tentando escapar do pesadelo de assombração que ela se tornou.

E se a sua sombra era a única coisa real que restava dela? Se ela tivesse, no final, se tornado nada mais do que apenas o exercício do poder, a vontade de sobreviver? Se ela retirasse o feitiço de proteção, ela iria irromper em chamas, mas ao contrário da Phoenix, ela não iria passar por um renascimento. Como um fósforo riscado, ela simplesmente queimaria a existência.

Ela poderia fazer isso. Ela poderia ir, não gentilmente, bem nessa noite, mas uma chama brilhante iluminada pelo sol, sem ninguém por perto para testemunhar. Sua morte poderia ser solitária, muito do modo como a sua vida tinha sido, mas seria sua escolha, sua decisão. Dela. Ela seria ela própria, como se tivesse reivindicado a posse de sua vida.

Uma nuvem passou sobre o sol, tão densa que eclipsou sua sombra. Ela olhou para cima.



Não era nenhuma nuvem, mas um grande dourado e bronzeado Grifo, voando por cima. Ela não podia imaginar o tipo de força que deve tomar para manter o forte, musculoso corpo no alto e ele ainda fez o seu voo parecer tão fácil.



Seus punhos cerraram. Ele era uma impossibilidade desenfreada, uma enorme aberração da natureza.

Ele era um idiota teimoso.

Ela chupou uma golfada de ar e gritou sem dizer nada para ele. O duro grito da águia irada soou em resposta.

Toda a maldita ilha não era grande o suficiente para os dois. Ok, tudo bem. Ela já jurou que ia fazer isso e de qualquer maneira, ela era perfeitamente capaz de ser a única a sair se ele não iria fazer isso. Ela pegou uma curva à esquerda, ganhou velocidade e correu com força total ao longo da borda do penhasco.

O vento soprava em seus ouvidos. Quando ela caiu, já estava fazendo planos. Ela iria nadar de volta para San Francisco. Julian não gostaria de seu retorno. Eles tinham chegado a um entendimento, ela e o Rei Noturno, quando ela tinha vindo para a ilha para morrer. Mas Julian teria que adaptar-se, e Rhoswen era perfeitamente capaz de fazer o cruzamento com o cão por conta própria.

Carling rolou no ar para mergulhar de cabeça e viu a formação da espuma branca de água nivelada em sua direção. Ela estendeu as mãos para isso com ambos os braços, antecipando o choque frio do mergulho na água com sombria satisfação.

Duras garras a puxaram para cima com angustiante vigor pouco antes de ela bater. Filho da puta. A cabeça jogada para trás. À medida que o universo rodou, ela pegou um vislumbre das patas de leão gigantescas enroladas para agarrá-la pelo ombro e na coxa. A borda de enormes asas bronzeadas marteladas para baixo em ambos os lados dela.

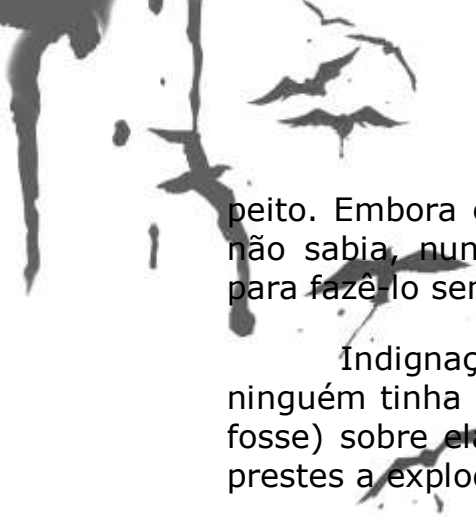
Ela gritou para Rune, —Você não acabou de fazer isso!

Sua voz profunda soou alto. —Como a descrença está funcionando para você?

A necessidade de ser violenta fez seus punhos tremerem. Ele mergulhou com ela para o topo do penhasco e jogou-a no chão. Com um toque de seus quadris, ela virou de costas e levou o punho para cima, tão duro como pôde. Antes que ela pudesse obter a extensão completa do golpe, ele bateu as suas mãos para o lado e a prendeu dirigindo suas garras profundamente no solo em ambos os lados de seus braços.

Ele prendeu o resto de seu corpo com o simples deitar em cima dela. Parecia que ela tinha um Hummer¹⁰ estacionado em seu

¹⁰ Carro de grande porte



peito. Embora ela pudesse ter a força para mover um Hummer, ela não sabia, nunca tinha tentado, ela com certeza não teria a força para fazê-lo sem qualquer tipo de alavancagem.

Indignação assobiou a vapor. Nem em milhares de anos, ninguém tinha se atrevido a tentar colocar uma mão (ou pata, como fosse) sobre ela sem a sua permissão. Ela sentia como se estivesse prestes a explodir uma junta. — Filho da puta! Solte-me!

—Cale a porra da boca. — Seu rosnado vibrou através de seu corpo na terra abaixo dela.

A luz do sol a cegou quando olhou para ele, tornando um intenso borrão acima. Ela encontrou mentalmente um feitiço, prendeu a respiração e o imponente desfocado despencou em sua direção. Isto o transformou numa imensa, elegante cabeça de águia do comprimento do braço, com um perverso gancho longo como bico que desabava com ela. Rune inclinou a cabeça para olhar para ela com um feroz olhar em chamas do tamanho de um farol. Ele gritou, —Não se atreva!

Era como ter um bombardeiro F-16² decolando em seu rosto. Seu cabelo explodiu longe de seu rosto.

O feitiço morreu em seus lábios quando ela olhou para o enfurecido Grifo. Ela nunca o tinha visto tão perto em sua forma Wyr antes. Seu magnífico tamanho e barbaridade majestosa eram esmagadoras.

Ela se recusou a ficar varrida por tal perfeição bizarra. Ela disse em uma voz fria e precisa, —Eu ousaria.

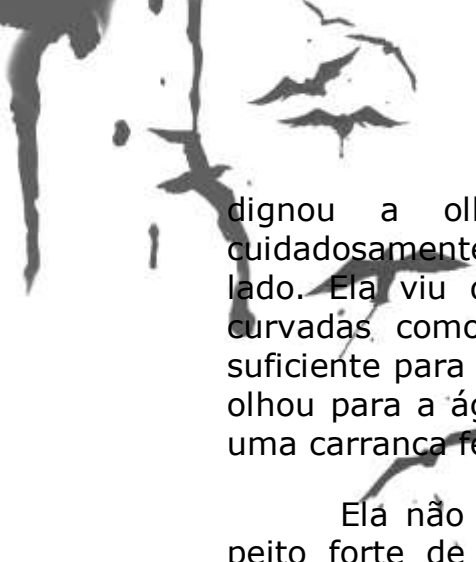
Sua cabeça levantou. Ela sentiu-o lutando com sua própria raiva. Então ele disse: —Você vai pelo menos se acalmar o suficiente para que possamos conversar sobre o que aconteceu? Você é uma megera justo quando decide ir, você sabe disso? Na maneira de jogar o chique por toda a parte, Carling.

Ela apertou os dentes. Como ele ousa dar um sermão a ela? — Se você tentar fazer alguma coisa para restringir meus movimentos novamente, você vai descobrir que eu sei guardar rancor também, — ela disse entre os dentes. — Na verdade, eu tenho um verdadeiro talento para isso.

—Eu tenho certeza que você tem, — ele disse. — Maldição.

Em um gesto surpreendentemente humano de exasperação, ele balançou a cabeça e moveu o corpo para fora dela. Ele não se

² Avião de caça



dignou a olhar para baixo enquanto tirou suas garras, cuidadosamente, para fora do gramado e moveu suas patas para o lado. Ela viu quando ele fez isso. Aquelas garras retráteis eram curvadas como uma espada de lâmina larga e curva, nítidas o suficiente para perfurar aço. Ele se acomodou no chão ao lado dela e olhou para a água, um grande monstro marinho predatório vestindo uma carranca feroz.

Ela não se moveu. Ela olhou para ele de novo, aquele largo peito forte de felino ao longo da coluna, aquele pescoço forte e gracioso, e ela perdeu tudo o que estava prestes a dizer. Mesmo que eles não estivessem mais se tocando, o grande comprimento pesado que se estendeu por seu corpo irradiava calor que começou a afundar em seus ossos.

O tempo passou e quando ela se acalmou, sua perspectiva mudou. Sua contemplação grave e silenciosa do oceano e do céu, de repente, a fez se sentir estranhamente impetuosa e jovem. Ou talvez não fosse assim tão estranho. Para ele, ela era jovem. Que pensamento incrível. Quando ele usava camiseta e calça jeans rasgadas em sua forma humana e fazia piadas na gíria moderna, ele viveu muito mais o momento do que ela. O peso dos anos não pressionaram sobre ele. Ele não tinha nenhuma mortalidade.

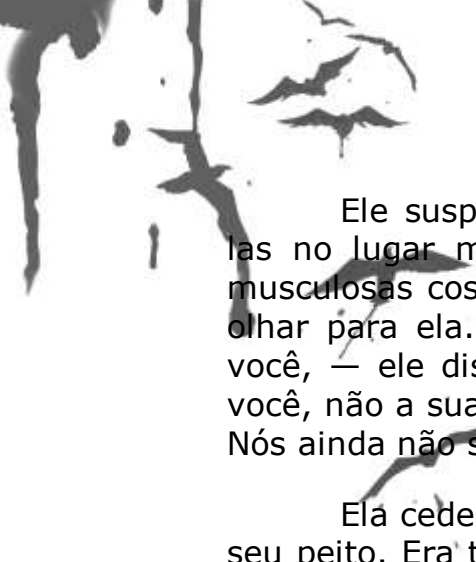
No processo de planar ao sair de uma queda mortal e imobilizando-a embaixo, Rune não tinha lhe dado tanto quanto o equivalente a um corte de papel. Lembrou-se de como ele havia gentilmente beijado a sua testa antes de ter deixado a sua eu criança, e as lágrimas encheram seus olhos, queimando novamente.

—Eu lhe dei permissão para voltar, — ela sussurrou. —Eu não lhe dei permissão para mudar.

O Grifo abaixou a cabeça, e de alguma forma a gigante águia feroz conseguiu dar um olhar humilde e envergonhado. —Eu ouvi o chicote, — confessou ele em uma voz calma e triste. —E eu ouvi você chorar e eu não conseguia pensar. Tudo que eu sabia era que não podia deixar que o chicote caísse em você de novo.



As lágrimas transbordaram, deslizando nas suas têmporas para mergulhar em seu cabelo. Ela olhou para suas imensas patas novamente. Ela não o tinha visto matar o padre que a havia chicoteado, mas ela tinha visto o corpo do sacerdote depois. O cadáver havia sido quebrado em tiras, seus ossos se separaram. Ela estendeu a mão para tocar uma pata. —Tudo bem, — ela disse vacilante. —Tudo bem. Mas eu não me lembro do que aconteceu comigo antes de você ter feito isso.



Ele suspirou e levantou suas gigantescas asas para recolocá-las no lugar mais confortável ao longo do arco elegante de suas musculosas costas. Só então ele levantou a cabeça o suficiente para olhar para ela. —Eu não acredito que eu tenho o poder de mudar você, — ele disse, ainda com aquela voz calma e cuidadosa. —Não você, não a sua alma ou o espírito, ou o seu *ba*¹¹, se você não quiser. Nós ainda não sabemos o que o restante disso significa.

Ela cedeu ao impulso e rolou para afundar os dedos no pêlo do seu peito. Era tão grosso e macio quanto parecia. Embaixo, sua pele quente era um manto apertado sobre os músculos que eram tão maciços como um grande choque, que toca quem olha para eles. Ela passou a mão para cima, através da pele, chegando ao lugar onde ele deu uma explosão exuberante de carinho, as pequenas penas. As penas se alongaram e escureceram até que se deitaram em uma elegante e bronzeada cápsula sobre o seu pescoço e cabeça.

Ele começou a ronronar enquanto ela acariciava. O som retumbou por seu corpo. Ela passou as unhas suavemente através da pele macia e grossa de exuberantes penas. Ele estava naturalmente na posição conhecida na heráldica como um leão agachado, relaxado, mas em alerta como Carling o estudou.

Como ele não podia acreditar que ele tinha o poder de mudá-la? O que zumbia sob a ponta dos dedos era indescritível. Ela percebeu o quanto da personalidade de Rune veio do sentido de brincar do felino. Em sua forma de Grifo, ele revelou algo muito mais antigo e irreconhecível.

Como ele poderia existir como duas criaturas que se fundiram em uma só? Ele disse que tinha uma afinidade com cruzamentos entre lugares. Ela assentiu com a cabeça e pensou que entendia. Agora, que ela olhou fixamente para ele, ela não achava que tinha entendido algo.

O Poder entre os lugares rugiu do seu corpo. Por sua própria definição, foi uma força transformadora cheia de tensão e movimento dinâmico. No entanto, ao invés da tensão rasgando-o em pedaços, ele continha isso, a força transformadora se manteve como uma rocha pelo seu espírito imortal, e o poder que exigia era inimaginável para ela. Parecia a própria definição de impossibilidade.

Um misterioso enigma mágico.

Com essa realização, ela teve uma epifania.

¹¹ “Ba” é uma palavra de origem egípcia que significa alma.



—O mistério está escrito em sua forma, — ela disse. —Seu corpo é a inscrição mística.

Sua enorme cabeça se inclinou. Ele a olhou com um olhar tranquilo feito pelo sol brilhante e o céu sem limites.

Ela disse com espanto: —Você é o enigma.

—Claro que eu sou, — o Grifo disse.



Ela rolou de joelhos e, já que ele parecia disposto a se entregar ao seu exame minucioso, ela continuou com a exploração do seu fabuloso corpo. Isso trouxe um prazer tão simples, ela achou reconfortante. Ela passou as mãos ao longo do arco enorme e gracioso de uma das asas. Suas principais penas eram mais escuras, bronzeadas. Elas mantiveram os reflexos dourados do sol. Ela acariciou ao longo da palheta de uma da pena. Desde o seu tronco.

—Você nunca perdeu estes? — Ela perguntou. A pena pareceu tão forte, que poderia ter sido feita de metal.

—Às vezes, — Rune disse. —Não muitas vezes.

—Da próxima vez que você perder uma, pense em mim no Festival de Máscara ou no Natal, — ela disse para ele. As Elder Races comemoraram os sete poderes primordiais no solstício de inverno com um evento anual chamado Máscaras dos Deuses. Enquanto a Máscara era tradicionalmente uma dança, era também um tempo para trocar presentes, muito parecido com o Natal ou Hanukkah.

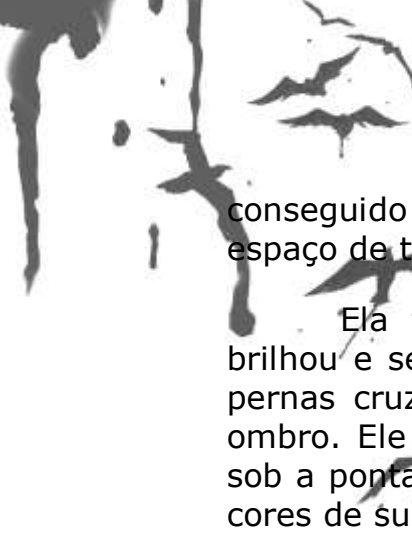
Ele esticou o pescoço para lhe dar um olhar cético. — E lhe dar uma coisa minha, você poderá enfeitiçar durante uma de suas crises de merda?

Ela olhou para ele com os olhos arregalados. —Eu nunca iria usar um presente de alguém para enfeitiçar.

Seus incríveis olhos cor de leão se estreitaram. O Grifo disse: —Eu acho que suas calças estão pegando fogo.

Ela deu uma gargalhada e admitiu, —Talvez elas possam estar um pouco chamuscadas em torno da bainha. — Parte dela estava em estado de choque que pudesse rir afinal, ou que eles haviam





conseguido uma forte reviravolta de tal sentimento, em um curto espaço de tempo.

Ela firmou a pena suavemente de volta no lugar, e Rune brilhou e se transformou na forma de um homem. Ele sentou-se de pernas cruzadas no chão, e suas mãos descansaram em seu largo ombro. Ele era a mesma criatura. Aquele Poder incrível ainda rugia sob a ponta dos dedos. Sua pele bronzeada irradiava calor. Todas as cores de sua forma Wyr riscavam por seu cabelo.

Ela não estava pronta para parar de tocá-lo só porque ele tinha decidido que era hora de mudar de forma. Ela mexia em seu cabelo desgrenhado na altura dos ombros, passando os dedos por todo o comprimento para suavizar os emaranhados.

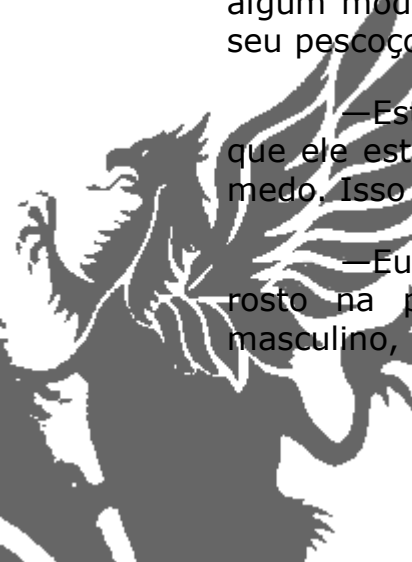
—Você nunca penteia essa bagunça? — Ela resmungou. Era lindo. Ela se recusou a dizer isso. Já era ruim o suficiente que ela escorregou e chamou sua forma Grifo de deslumbrante. —Ou usa um jeans que não têm buracos?

—Eu vou comprar jeans novos quando voltar para a cidade, só para você. — Ele virou o rosto em suas mãos e fechou os olhos. Ela mordeu os lábios e deixou fluir as mãos em volta dele, os dedos emoldurando aquelas quentes características magras que eram tão bonitas, e faziam seu peito doer.

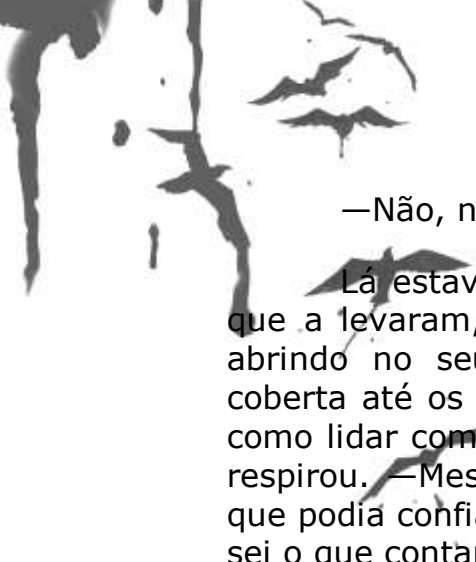
—Estou com medo, — ela disse. As palavras caíram para fora de sua boca, e mais saíram depois. —Antes eu não estava me deixando sentir nada. Eu tinha chegado a um lugar onde eu aceitei o que estava acontecendo, e estava pronta para acabar com isso, mas agora estou sentindo tudo de novo. Estou sentindo demais, e estou com muito, muito medo.

Seus braços vieram ao redor dela enquanto ela falava. Ele a puxou para baixo e ao redor, até que ela se sentou esparramada em seu colo. A cabeça dela lembrou o ajuste perfeito no oco de seu pescoço e ombro, e ela enterrou de volta para aquele lugar. Ele a segurou com todo o seu corpo, uma mão em concha na cabeça. Ela se sentiu estranha, cercada por sua força. Ela se sentia frágil, e de algum modo valorizada. Um de seus braços se arrastou ao redor de seu pescoço, e ela se viu agarrada a ele.

—Está tudo bem, — ele disse, e por um momento ela pensou que ele estava falando banalidades estúpidas. — Está tudo certo ter medo. Isso é assustador.



—Eu prefiro enfrentar monstros, — ela murmurou e enterrou o rosto na pele quente em seu pescoço, inalando o seu aroma masculino, limpo. —Monstros são fáceis. Isto não é fácil.



—Não, não é, — ele sussurrou, balançando-a um pouco.

Lá estavam eles novamente, os estranhos novos sentimentos que a levaram, a sensação de todas as suas portas e barreiras se abrindo no seu interior. Mesmo que a sua túnica a mantivesse coberta até os tornozelos, ela se sentia nua e exposta. —Eu não sei como lidar com o pensamento de minhas memórias mudando, — ela respirou. —Mesmo quando eu perdi tudo e todos, eu sempre soube que podia confiar em mim mesma. Agora não tenho nem isso. Eu não sei o que contar.

—Confie em mim, — Rune disse. Ele apertou os lábios na frágil pele de sua têmpora. —Ouça-me. Não estou arrependido, eu a salvei de chicotadas ou tentei fazer uma situação horrível melhor para você, mas estou profundamente arrependido, eu fiz isso sem pensar nas consequências reais do que pode acontecer. Ainda assim, eu não acredito que você, ou sua essência, tenha mudado. E você sabe que as coisas devem mudar se quiser sobreviver, correto?

Ela assentiu com a cabeça.

—Você poderia tentar render-se à experiência e deixar a mudança acontecer.

—Mudar ou morrer? — Ela disse.

—Sim. Mudar ou morrer.

—Você pode ter notado, eu não me rendo muito bem, — ela disse a ele em uma voz seca.

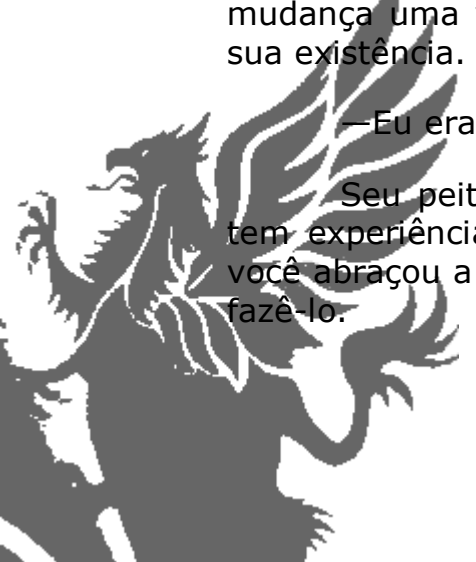
—Não, eu também não. — Ele suspirou e ficou em silêncio por um momento. Então ele perguntou: —Você escolheu se tornar uma vampira ou se tornou contra sua vontade?

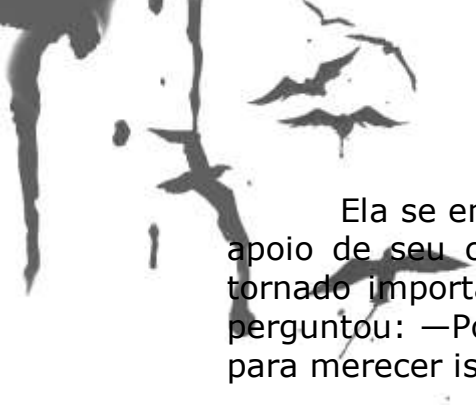
Ela estremeceu. Ela não sabia que era essa pessoa encolhida contra o peito de Rune. Ela disse: —Eu o escolhi. Na verdade, eu ouvi rumores e foi em busca disso.

Ela sentiu-o assentir. Ele disse a ela: —Você abraçou a mudança uma vez que era tão profunda, isso alterou a definição de sua existência. Você pode fazer isso de novo, se for preciso.

—Eu era muito jovem nesse tempo, — ela murmurou.

Seu peito se moveu em uma risada tranquila. — Agora você tem experiência para ajudar a guiá-la. Pense nesse tempo e como você abraçou a mudança. Eu tenho fé em você. Eu sei que você pode fazê-lo.





Ela se embebeu em seu humor, enquanto descansava contra o apoio de seu corpo. Quando todos os seus movimentos tinham se tornado importantes para ela? Como ela deixou isso acontecer? Ela perguntou: —Por que você tem esse tipo de fé em mim? O que eu fiz para merecer isso?

Sua risada se transformou em uma completa gargalhada, o som rouco vibrando contra sua bochecha. — Ah, eu não sei, — ele disse. —Talvez tenha algo a ver com o fato de que, quando todos à sua volta tinham uma vida útil de 40 anos, talvez, se tivessem sorte, você sobreviveu a todos eles por mais de quatro mil e quinhentos. Você sobreviveu à ascensão e ao declínio do Egito, os romanos e os impérios islâmicos. Os deuses só sabem o que você fez de merdas e gargalhadas durante as Cruzadas ou a Inquisição espanhola. E você foi uma das principais arquitetas de como os Domínios das Elder Races interagiram e conviveram com o governo dos EUA.

—Você fez tudo isso também, — ela murmurou. Ela arrancou um de seus cabelos longos para fora de sua camiseta preta. —A Inquisição espanhola, as merdas, risadinhas e tudo.

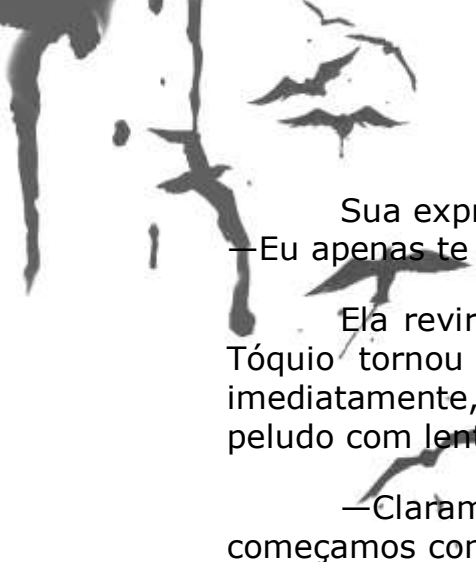
Ele capturou a mão dela e levou-a a boca para beijar os dedos. Ele disse: —Sim, mas há uma diferença fundamental entre nós. Eu só fiz o que já estava em minha natureza e vivi. Você era humana. Você não só transcendeu a sua natureza, você encontrou maneiras para se destacar através de alguns dos momentos mais misóginos da história humana. É incompreensível para mim como você pode ter uma sensação de orgulho, mas nenhum senso de autoestima.

—Bem, — ela disse com uma careta. —Eu acho que as pessoas não gostam muito de mim.

Ela não quis dizer isso como uma piada, de modo que ela se assustou quando Rune agarrou-a com força e deu uma gargalhada. Ele se inclinou para trás para olhar para ela com os olhos dançando. O impacto de seu belo rosto rindo furou em cheio dentro dela, foi um soco que não tinha visto chegar. Ela lutou para encontrar algum sentido de equilíbrio interior e fracassou totalmente. A visão dele a encheu até a borda, e tudo o que ela podia fazer era se agarrar a ele e olhar fixamente.

Rune disse a ela: —Você sabe o real motivo pelo o qual peguei você quando foi para o precipício? Eu sabia que você estava prestes a nadar no oceano. Eu só estava salvando Tóquio, bebê.

Ela encolheu os ombros com uma expressão vazia. — Eu não tenho ideia do que você está falando.



Sua expressão expectante virou-se para a decepção. Ele disse, —Eu apenas te chamei de Godzilla.

Ela revirou os olhos. —É claro que você fez. Sua referência a Tóquio tornou tão óbvio. Sem dúvida, eu deveria ter pego isso imediatamente, assim como eu deveria saber a identidade do homem peludo com lentes sobre essa sua terrível camiseta.

—Claramente, esta é uma sessão de brincadeiras que não começamos com o pé direito, — ele disse. —Você tem que começar a assistir a filmes de monstros antigos na TV. Ah, e futebol. Caso contrário, vamos ficar sem coisas para falar.

Ela levantou uma sobrancelha. —Eu vou ter a certeza de acertar isso.

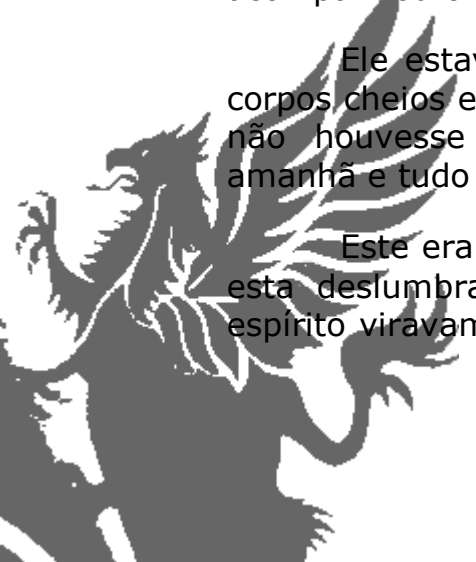
—Na verdade, — ele confidenciou com um sorriso íntimo, —eu tinha mais medo que você derretesse quando batesse na água.

Ela apontou para ele. —Eu tinha tudo sobre controle. Você acha que não sei que as pessoas me apelidaram de Bruxa Má do Oeste?

Ele sorriu e beijou a ponta de seu dedo. —E era uma senhora muito realizada também, embora um pouco combativa.

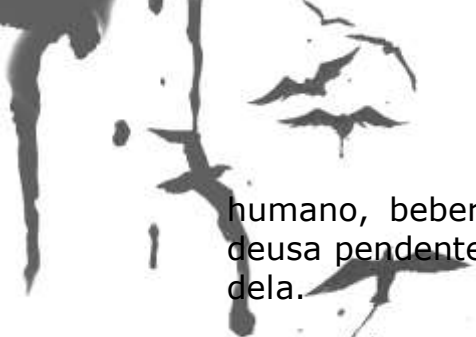
—Você é ridículo. — De alguma forma sua mão escorregou e ela acariciou seu rosto. Ela sentia como se pudesse passar a eternidade assim, descansando contra seu longo corpo, esparramada, conversando e rindo preguiçosa, no final da tarde. Ela pode não ser capaz de sentir o calor do sol diretamente na pele dela, mas podia sentir como ele aqueceu Rune, e o calor de seu corpo afundou no dela.

O riso no rosto de Rune sumiu e foi substituído por uma expressão que era afiada e crua. Seu olhar escureceu e caiu abaixo dela, no nível da sua boca e não sorria. A realização pulsava. Ele estava olhando para ela com tal fome que era uma força palpável. Ela lambeu os lábios e viu o brilho no fundo dos seus olhos que ele acompanhou o movimento.



Ele estava para beijá-la, e ela queria. Deuses, ela queria, os corpos cheios e a boca aberta, ambos rasgando um ao outro como se não houvesse amanhã, porque realmente pode não haver um amanhã e tudo o que tinham era aqui e agora.

Este era um tesouro tão fugaz, esse senso de beleza efêmera, esta deslumbrante dor incrível que surgia quando as paixões do espírito viravam da carne. Isso era o que significava estar vivo e ser



humano, beber da taça da abundância, a luz champagne de uma deusa pendente nas mãos de alguém que nunca consegue se aposar dela.

Ela respirou fundo e estremeceu.

Ele virou a cabeça e olhou para longe, a luz fluía de suas mãos vazias. Os músculos de sua magra mandíbula flexionaram. Ele disse, —Você está pronta para levar a sério de novo?

Ela deixou cair a mão de seu rosto magro. A decepção tinha gosto de cinzas. Ela tinha feito isso com ele. Primeiro ela o tinha atingido tão duro e cruel, ela havia tirado sangue. Então ela com tanta violência, o enviou estatelado no chão. Ela havia o ameaçado também, ao passo que ele tinha mostrado nada além de generosidade e bondade.

Uma senhora decidida, ela era, embora um pouco combativa.

Realmente, foi o melhor. Ela não teve tempo para a inconveniente atração ou o luxo de explorar estranhos e novos sentimentos ou desfrutar preguiçosamente das tardes cheias de sol. Se algo não acontecesse para mudar o curso normal dos acontecimentos, logo ela não teria tempo.

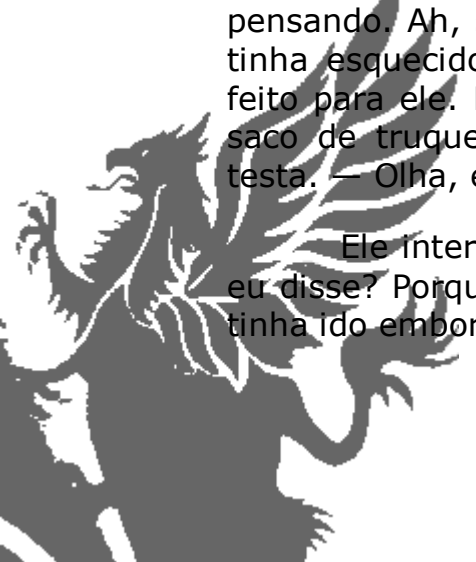
—É claro, — ela disse com a voz inexpressiva e empurrou para fora de seu colo. Ela disse a si mesma que não estava mais desapontada quando ele a deixou ir.

Ele se levantou e estendeu a mão para ela. Ela a pegou e ele a levantou para os seus pés. O vento e a sua luta tinham emaranhado os seus cabelos compridos. Ela o reuniu com impaciência, envolvendo-o em um nó confuso e enfiou o fim no próprio nó para fixá-lo longe do seu rosto. Rune observava com as mãos descansando na cintura magra, sua expressão inescrutável.

—Você se lembra da conversa que tivemos, quando você estava desaparecendo? — Rune perguntou.

A questão bateu-a de sua preocupação. Ela se concentrou, pensando. Ah, sim. Às vezes eu acho que eu te odeio, ela disse. Ela tinha esquecido de acrescentar a sua lista de coisas que ela tinha feito para ele. Ela teve que dar a mão para si mesma. Ela tinha um saco de truques e nenhum deles era de encantos. Ela esfregou a testa. — Olha, eu sinto muito pelo que eu...

Ele interrompeu, seu tom impaciente. —Você se lembra o que eu disse? Porque eu não acho que você lembre. Eu acho que você já tinha ido embora.





Ela balançou a cabeça, sua mente estava em branco.

Ele viu sua expressão de perto. —Eu disse a você que descobri o que estava me incomodando. Eu disse, se vampirismo não é uma doença? E se for outra coisa?

—Algo mais? — Seus olhos se arregalaram.

—Sua pesquisa narra a história lindamente, — Rune disse. — Lendo, eu comecei a assistir tudo acontecer em um ritmo rápido. Mas você estava imersa nela. Você viveu tudo isso em um ritmo muito mais lento. Você fez parte da discussão científica no século XIX, com brilhantes cientistas que estavam envolvidos em medicina de ponta. Tudo fez muito sentido na época que agora praticamente todos aceitam a premissa para ser verdade. Vampirismo tem características tanto de um patogênico transmitido pelo sangue, mas Carling, para mim você parece perfeitamente saudável.

—Como pode ser isso? — Ela se esforçou para absorver o que ele estava dizendo. Ele continuou tomando conta do terreno e arrancando de debaixo dela, como um mágico puxando para longe um conjunto de toalha de mesa para o jantar. — Você tem certeza?

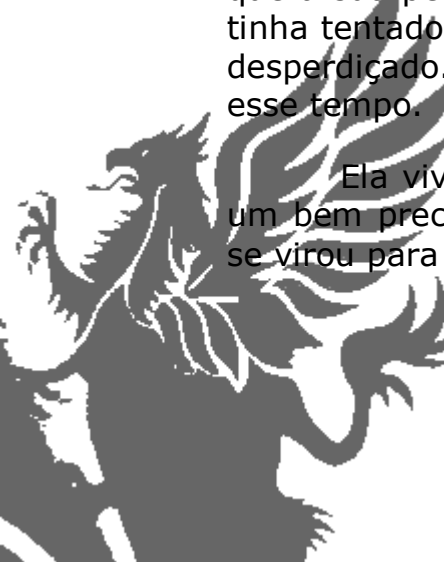
—Eu tenho certeza, — ele disse a ela. —Pelo menos eu tenho certeza do que eu sinto. Wyr tem instintos e sentidos altamente desenvolvidos, e quanto mais velhos os Wyr, mais sensíveis eles são. O Wyr mais velho pode cheirar a doença e as infecções, alimentos contaminados e muitos venenos indetectáveis para os outros. Para mim, você não leva qualquer perfume da doença. Você tem a coloração característica do perfume que todos os Vampiros têm, mas eu não registro isso como um cheiro insalubre.

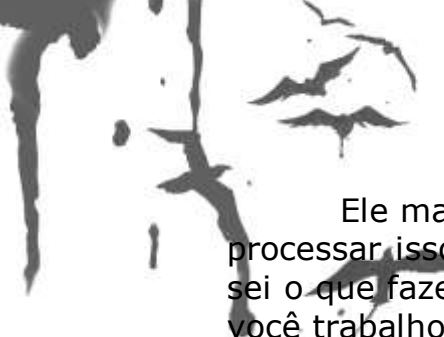
—Se você está certo, — ela disse, olhando para ele. —Tudo o que eu fiz ou que qualquer outra pessoa tenha feito no passado em cento e trinta anos, tem sido baseado em uma premissa falsa.

—Sim, — ele disse.

Não é uma doença. Se ele estivesse certo, não é de admirar que a sua pesquisa se manteve estagnada. Todas as vacinas que ela tinha tentado criar, todas as suas experiências, tinha sido um esforço desperdiçado. Ela tossiu uma risada com raiva. Ela sussurrou: —Todo esse tempo.

Ela viveu por tanto tempo, ela tinha esquecido que o tempo é um bem precioso até agora, quando ele já tinha quase acabado. Ela se virou para ir de volta para a casa de campo.





Ele manteve no passo ao lado dela. —Eu tive várias horas para processar isso do que você tem, — ele disse a ela. —E eu ainda não sei o que fazer com isso. Eu pensei em todos os médicos listados que você trabalhou. Qualquer um deles era Wyr?

Ela balançou a cabeça, franzindo a testa. —Não. Na verdade eu não sei de nenhum patologista Wyr que fez do vampirismo seu objeto de pesquisa. Os seres humanos e os noturnos são aqueles que estudam o assunto de alguma forma verdadeira. Nós somos os únicos com o interesse.

Ele acenou com a cabeça. O dia tinha derretido para o início da noite. A inclinação do sol pegou os reflexos do ouro em seu cabelo. —Há uma chance de até mesmo um médico Wyr não ter pego isso, especialmente se ele ou ela fosse um jovem Wyr com experiência ou sentido menos desenvolvidos, porque vampirismo não tem tantas características patológicas transmissíveis pelo sangue. Eu tinha que chegar até o sujeito e considerá-lo em profundidade, li sobre todos os seus becos sem saída e impasses e fico confuso quanto ao porquê disso e em seguida vem o contato muito próximo com você repetidamente antes mesmo que me ocorresse...

—Deus, as implicações, — ela murmurou.

—Então, o que nós temos? — Rune perguntou.

Ela disse amargamente, —Estamos de volta à estaca zero e estamos correndo contra o tempo.

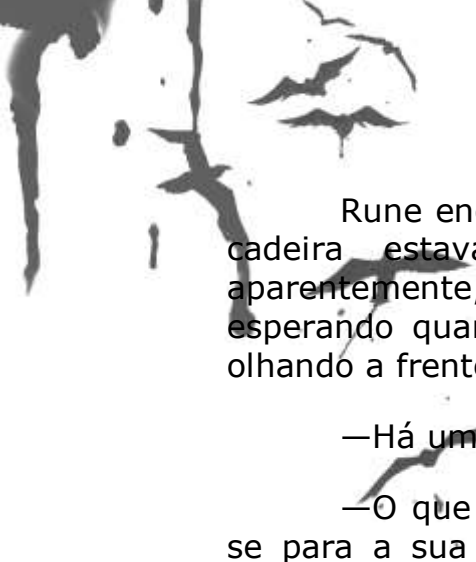
—Não, — ele disse. Ele lançou-lhe um olhar repreendendo. — Você ainda está reagindo. Se você acabasse com todas as pesquisas, você estaria acabando com todas as realizações que vieram a partir dela, incluindo esta. Uma resposta negativa ainda é uma resposta.

—Tudo bem. — Ela rangeu os dentes e se obrigou a pensar além, sentindo-se sobrecarregada. —Se a pesquisa não existe, a lógica ainda teria que nos levar a deduzir que vampirismo é uma doença.

—Então, nós não estamos de volta à estaca zero. — Eles chegaram a sua casa de campo, e ele segurou a porta para ela, deixando-a precedê-lo. —Chegamos a outro lugar onde ninguém jamais esteve antes. Agora temos que descobrir o que fazer a seguir.



Ela sentou-se à mesa e colocou sua cabeça em suas mãos. Um imortal Wyr interagindo com uma Vampira envelhecida, faziam um agitado cocktail. Com gelo.



Rune encostou-se à mesa ao lado dela. Naturalmente. A outra cadeira estava muito longe, do outro lado da mesa, e, aparentemente, ele não se incomodou em recuperá-la. Ela já estava esperando quando ele colocou a mão em seu ombro, esperando e olhando a frente, para o seu toque.

—Há uma coisa sobre a estaca a zero, — ele disse.

—O que é? — De alguma forma, ela se encontrou inclinando-se para a sua carícia. Ela lutou com ela mesma e descansou sua bochecha contra a parte de trás de sua mão.

Ele apertou-a levemente. —Se isso fosse um crime e eu estivesse investigando, eu estaria voltando para o início e na cena em que isso aconteceu. Talvez haja evidência perdida. Talvez as informações foram montadas incorretamente. A cena do crime precisa ser reprocessada, e precisamos de uma segunda opinião. — Ele puxou o nó descansando na sua nuca, e seu cabelo se soltou e deslizou pelas costas.

Ela empurrou a sua coxa. —Pare com isso.

—Mas eu não quero. — Ele reuniu a longa seda e começou a girar ao redor de seus dedos.

Ela levantou a cabeça e deu-lhe um olhar azedo. —O que é, tem o equivalente emocional de uma criança de cinco anos de idade?

Ele deu um sorriso lento e preguiçoso e esfregou o fim de seu cabelo contra os seus bem talhados lábios. Foi uma coisa tão descaradamente sexual de fazer, que ela sentiu os joelhos enfraquecerem e sabia que era uma coisa boa que já estava sentada.

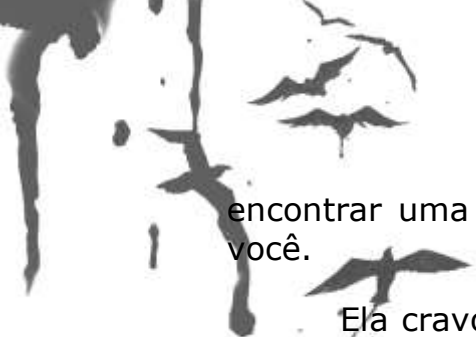
Então, flertando com ela estava ok, mas beijá-la não estava?

Confusa, irritada e mais do que um pouco excitada, ela olhou para ele e agarrou seu cabelo fora de suas mãos, e ele riu. Ela reuniu os cabelos e torceu em um nó de novo. Ela colocou o fim em si mesmo.

—Voltar para o início, — ela disse. —Você quer dizer voltar para o Egito, quando eu fui transformada?



Ele deu de ombros, considerando-a. —Talvez isso também. Mas estamos falando em termos mais gerais, então eu acho que nós devemos considerar as origens do vampirismo em si. Não foi sempre parte da história humana. De onde veio isso? Se puder responder a isso, então pode ser capaz de defini-lo, de tal forma que possamos



encontrar uma maneira de neutralizar o que está acontecendo com você.

Ela cravou as bases de suas mãos em seus olhos. —O começo é uma lenda. Vampirismo também é chamado de o beijo da serpente, você sabia disso?

—Eu já ouvi isso antes, — ele disse. —Eu pensei que o termo fosse por causa das presas que descem dos Vampiros quando estão com fome.

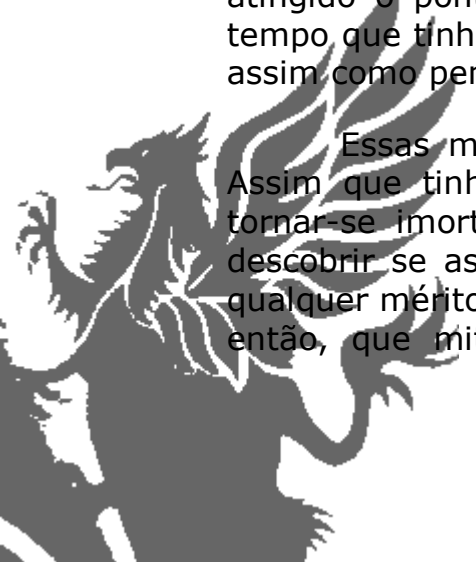
Ouvir a sua rica e profunda voz com os olhos fechados, evocou as imagens mais eróticas, dele murmurando palavras de veludo contra a pele nua no escuro de uma noite no deserto. Ela endureceu e levou as mãos achatadas em cima da mesa com um tapa pungente, enquanto ela forçava sua mente a permanecer no assunto. —Não é isso, — ela disse. — Mas isso tem sido chamado de o beijo da serpente por um tempo muito longo.

Ele franziu a testa. —Era chamado assim na sua juventude?

—Sim. Uma vez que, se acreditava que a mordida era uma parte necessária de um ritual para transformar alguém. Agora nós sabemos que há pouca possibilidade de picadas de Vampiro ter causando a transformação, caso contrário eles iriam infectar todos aqueles que se alimentavam. Para conseguir espalhar, o patológico necessita de um intercâmbio de sangue, e vampiros não precisam beber o sangue daqueles que mudam, apenas oferecem seu próprio. O ser humano pode beber o sangue do Vampiro, ou deixá-lo fluir em um corte. Enquanto o sangue do Vampiro flui fresco e a integridade da pele do ser humano é comprometida, na maioria dos casos é tudo que é necessário para iniciar a transformação. Qualquer coisa acrescentada ao que é justo... — Ela levantou a mão em um tipo de preenchimento no gesto em branco.

—Escolha pessoal, — ele disse. —Superstição. Religião. Fetiche.

—Às vezes, todos os itens acima, — ela disse. Ela já havia atingido o ponto onde havia parado de tomar alimento físico pelo tempo que tinha transformado Rhoswen e Duncan. Ela franziu a testa, assim como pensou em voltar no tempo em que havia mudado.



Essas memórias de infância não eram agradáveis de voltar. Assim que tinha aprendido que havia a possibilidade de mudar e tornar-se imortal, isso a levou além de toda razão. Ela precisava descobrir se as histórias contadas em torno de suas fogueiras teve qualquer mérito para eles, enquanto que tinha aprendido muito desde então, que mitos e lendas eram, muitas vezes, um emaranhado



impenetrável, as histórias dizem muito mais sobre as pessoas que lhes disseram que transmitir quaisquer verdades verdadeiras sobre o mundo em que viviam.

Rune ficou em silêncio quando percebeu que ela precisava de tempo para pensar. Ela suspirou.

Então, porque ele estava esperando, ela disse, — Tudo começou para mim quando eu ouvi histórias. Você sabe o tipo de coisa, os contos exagerados ditos no lampejo de luz de uma fogueira à noite. Eu acho que ouvi muitas vezes algo sobre um estranho vagando em um acampamento cheio de fome e com um olhar ardente que hipnotizava, ou um trailer encontrado com todos mortos e cobertos com marcas de mordidas. Sobre uma doença rara, pessoas estranhas que evitaram o sol e viviam para sempre. Sobre um milagre escuro chamado o beijo da serpente que pode transformar alguém em um deus. Comecei a perguntar onde os contadores de histórias tinham ouvido seus contos. Atravessei o deserto, seguindo atrás de cada segmento, tanto quanto eu podia. Eu perdi o rastro da maioria das histórias, mas fui capaz de seguir uma ao seu princípio, e é claro que era tudo que eu precisava.

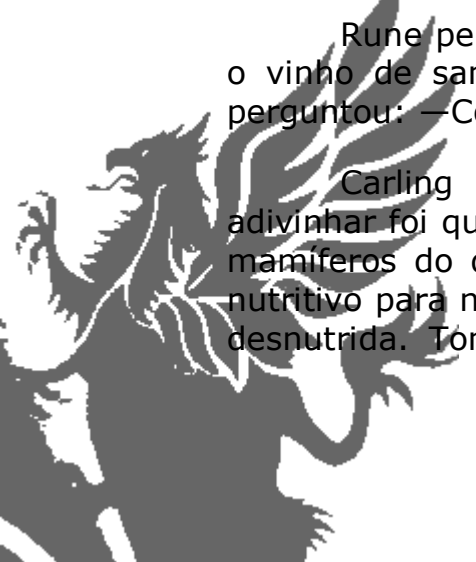
—O que você achou? — Rune perguntou. Ele a olhou de perto com fascinação.

Ela lhe deu um sorriso irônico. —Uma Vampira, é claro. Ela levava uma vida de eremita em um canto de uma enorme caverna, com os restos de um assentamento próximo. Ela falou de uma deusa serpente que viveu na caverna e honrou-a com o beijo da vida que foi também a morte.

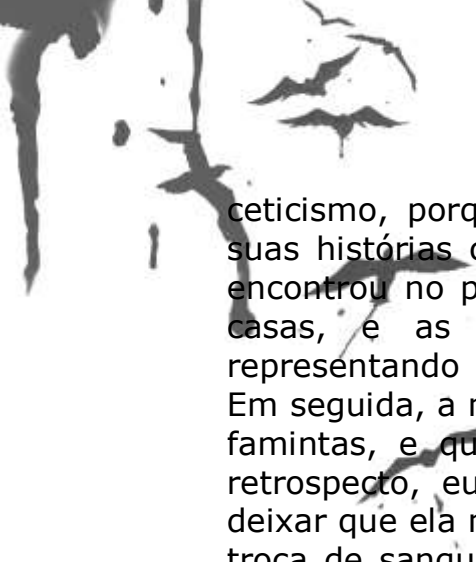
—Deusa Serpente, — Rune repetiu. Seus olhos se estreitaram.

Ela assentiu com a cabeça. —O acordo havia sido preenchido com os adoradores dessa deusa serpente. Segundo a mulher, o assentamento foi gradualmente morrendo quando a deusa os tinha deixado. Ou todos os humanos foram mortos ou fugiram, e os Vampiros tinham abandonado o lugar, todos, exceto esta última sacerdotisa que tinha ficado, esperando que a sua deusa voltasse.

Rune pensou em Rhoswen, existindo do vinho de sangue. Mas o vinho de sangue não tinha sido inventado há muito tempo. Ele perguntou: —Como ela sobreviveu sozinha?



Carling encolheu os ombros. —O melhor que eu pude adivinhar foi que ela viveu com o sangue de ratos e outros pequenos mamíferos do deserto. Sangue de animais não tem o mesmo valor nutritivo para nós, quanto sangue humano, então ela tinha que estar desnutrida. Tomei tudo que ela disse com uma saudável dose de



ceticismo, porque ela era muito louca. Eu poderia ter rejeitado as suas histórias completamente, exceto pelas coisas que o meu povo encontrou no próprio assentamento, como os sarcófagos vazios nas casas, e as esculturas estranhas nas paredes das cavernas representando uma enorme criatura, parte serpente, parte humana. Em seguida, a mulher me mostrou suas presas quando elas desceram famintas, e quanto ela queimou ao sol, e eu estava viciada. Em retrospecto, eu tinha que ser mais do que um pouco louca para deixar que ela me mordesse, e muito menos o consentimento de uma troca de sangue, mas eu ainda era jovem, e os jovens são sempre uma loucura.

As sobrancelhas de Rune subiram. —Você pode desenhar como as esculturas da criatura pareciam?

—Não de memória, não depois de tanto tempo, — Carling disse. Ela viu seus ombros largos se afundarem. Então, ela sorriu. — Então, eu acho que é provavelmente uma coisa boa eu ter feito muitos esboços, na época.

Seu olhar se iluminou com uma expressão de fogo que se espalhou pelo o seu rosto. —Você não fez. Você fez? Onde eles estão agora?

Ela assentiu com a cabeça em direção ao corredor. — No outro quarto.

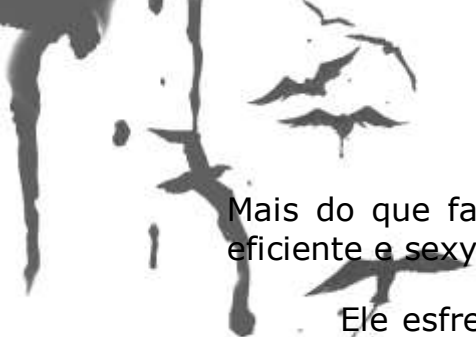
—Eles estão aqui? — Ele sorriu. —Você é uma provocação perversa. Eu gosto disso em você.

Ela sorriu de volta. —Eu estou aprendendo isso com um especialista.

Seu sorriso se alargou. —Vamos lá. Apenas não fique sentada aí.

Ele agarrou-a pela mão e puxou-a para fora de seu assento antes que ela percebesse o que pretendia fazer. Rindo, ela liderou o caminho pelo curto corredor para a parte de sua biblioteca que ocupou os mais antigos pergaminhos. Naquele lugar, de volta a um canto da sala, ela ficou de joelhos para olhar ao longo da fileira de cubículos que detinham rolos de papiro tão velhos que tinham que estar enfeitiçados, a fim de impedi-los de se desintegrarem.

Rune assistiu Carling ajoelhar-se no chão e correr os dedos ao longo da linha inferior dos cubículos. Ele encontrou todos os aspectos de sua fascinante bolsa de estudos, de sua pesquisa científica para as notações puras que ela tinha feito nos rótulos sobre cada cubículo.



Mais do que fascinante, ele achou carinhosamente *nerd*, agradável, eficiente e sexy como o inferno.

Ele esfregou a boca. É claro, ele descobriu que tudo sobre ela era sexy como o inferno.

Ela murmurou algo para si mesma e tirou um pergaminho. — Aqui está. Temos que ter cuidado. Não me preocupei em renovar os feitiços de proteção sobre estes em um longo tempo. Parece que a umidade está começando a fixar neles.

Ele se ajoelhou na frente dela. —Eu só estou espantado por muitos destes terem durado tanto tempo. Deve ser sua tendência de manter suas bibliotecas e oficinas em silêncio, fora do caminho dos lugares.

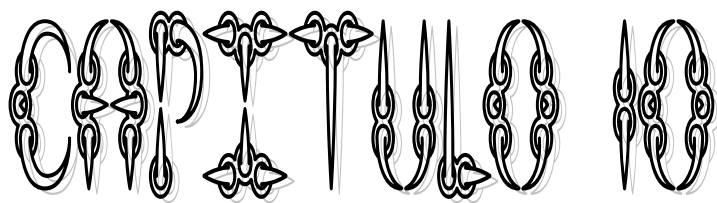
—Tenho certeza de que tem ajudado.

Ele gentilmente pegou os cantos da rolagem que ela indicou, observando como ela relaxou abrindo os finos dedos.

Então, ele olhou para as linhas desbotadas que haviam sido desenhadas em um pouco de tinta desconhecida, em um rosto e forma que ele não tinha visto em muito, muito tempo. Isso tinha quatro musculosas e poderosas pernas curtas, garras de aperto e uma alongada, serpentina no corpo. Sua cauda estava enrolada, e seu pescoço se levantava das duas pernas em um capuz como de cobra, que emoldurava um rosto feminino distintamente humanóide.

—Olá, Python, — ele disse suavemente. —Sua velha maluca.





Foi a vez de Carling olhar para ele. —Esta é alguém real?

Ele a corrigiu. —Esta foi alguém real. Nossos caminhos se cruzaram algumas vezes. Ela desapareceu há muito tempo atrás. A última vez que ouvi, foram rumores de que ela teria morrido. Ela foi uma entre as criaturas.

— O que você quer dizer?

Rune lançou o esboço antigo, deixando-o enrolar de volta em um pergaminho. —Existem algumas criaturas que vieram a se formar, não na Terra ou em Outras Terras, mas entre um lugar, como em uma passagem de cruzamento, — ele explicou.

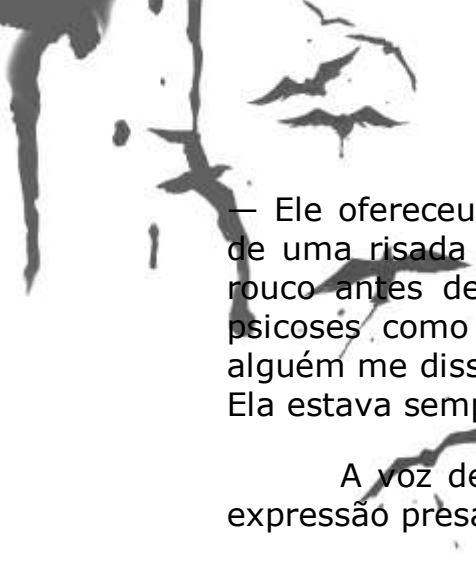
No seu agachar, o ângulo dos olhos de Carling e as maçãs do rosto foram marcadas, dando a ela um olhar felino. A vontade de se lançar sobre ela pulsava por ele como uma droga, mas ele se manteve em cheque, apenas um pouco.

Ela perguntou: —Como você?

—Sim. Python foi outra. — Ele se levantou, o desejo ainda arranhando através de seu sistema e tornando-o inquieto. —Ela era uma daquelas estranhas criaturas difíceis de categorizar. Ela não era Wyr. Até onde eu sei, ela nunca desenvolveu uma forma humana, portanto, em termos modernos, suponho que teria que classifica-la como Demônio.

Carling pegou o livro e levantou bem. —Eu esbocei as paredes da caverna várias vezes e depois que eu a tranferi, tentei descobrir o máximo que pude sobre ela. Mas havia tantos deuses e deusas egípcios, e a verdade foi muitas vezes tão mutilada que era impossível identificar suas origens. Muitos deles eram apenas contos. Eu nunca me convenci de que ela realmente existiu fora da imaginação da sacerdotisa e no final eu desisti de procurá-la. — Ela estudou o rosto de Rune com curiosidade. —Como ela era?

Ele balançou a cabeça. —Estar perto dela era como tropeçar em uma dose ruim de LSD. Não que eu quisesse saber o que isso era.



— Ele ofereceu-lhe um sorriso sem graça. Carling deu um fantasma de uma risada e ele fez uma pausa silenciosa para saborear o som rouco antes de continuar. —Ela estava cheia de tantos enigmas e psicoses como a Esfinge. Na verdade, eu não ficaria surpreso se alguém me dissesse que a lenda da Esfinge foi modelada depois dela. Ela estava sempre começando os tempos...

A voz de Rune foi sumindo. Carling esperou, observando sua expressão presa. Ela pediu, —O que?

Ele voltou de onde ele tinha ido com um clique interno, que trouxe seu olhar afiado, focado em contato com o dela. —Ela estava sempre tendo seus tempos misturados, — ele disse. —O passado, o presente e o futuro.

—Ter os seus tempos misturados? — Carling respirou. A sua mão buscou e ele agarrou-a com a sua. Ela sussurrou: —E se o início do vampirismo realmente começou com ela? Ela poderia ter sofrido os mesmos tipos de episódios.

—Não tenha esperanças demasiadamente elevadas, — ele murmurou suavemente.

—Seu cérebro pode ter estado apenas em uma luta permanente, e de qualquer maneira, ela provavelmente já se foi.

Ela assentiu, embora ele não tivesse a certeza de quanto ela estava realmente prestando atenção. — Precisamos tentar descobrir o que aconteceu com ela.

—Sim, — ele disse. Ela retirou a mão e ele recuou, permitindo a ela espaço para se mover. Ela caminhou de volta para a sala principal da casa e ele a seguiu, observando o balanço gracioso dos quadris de Carling, se movendo na frente dele enquanto ele explorava o terreno estranho que eles se encontravam. —Sobre essa segunda opinião que eu mencionei. Há alguém que eu gostaria de consultar sobre tudo isso, se você não se importa.

Carling colocou o pergaminho sobre a mesa e recolheu algumas coisas de uma prateleira próxima, um par de castiçais, junto com um almofariz de mármore branco e um pilão. Ela abriu o pergaminho novamente e ancorou-o deitado usando as peças. Em seguida, ela se acomodou em sua cadeira para estudar o desenho antigo nas sombras que avançam do início da noite, curiosa, como se alguém tivesse esboçado isso.

—Eu não me importo, se você acha que vai ajudar, — ela disse. —Contanto que, quem quer que seja, possa ser discreto.



—Ela é uma patologista e uma medusa, — Rune disse. Ele se acomodou em sua antiga posição, encostando-se na mesa ao lado dela. —Então, ela tem um certo ponto de vista que eu acho que pode ser útil.

Isso chamou a atenção da Carling. Ela olhou para cima. —Você está falando da ME, em Chicago, que realizou as autópsias nos agressores de Niniane?

—Essa mesma, — Rune disse. —Dra. Seremela Telemar.

—Eu li seus relatórios de autópsia. Ela foi muito competente. — Sua mente voltou ao início da tarde, quando ela tinha saído do enfraquecimento e se lembrou de algo. Ela disse: —Por que você estava procurando o seu canivete?

Ele recostou-se em suas mãos e chutou um pé e disse, —eu o perdi.

Ela lhe disse: —Lembro-me de você cortando o barbante e depois colocando de volta em seu bolso.

—Eu não o perdi em seguida, — ele disse. —Quando eu estava preso em sua memória, dei para o sacerdote Akil.

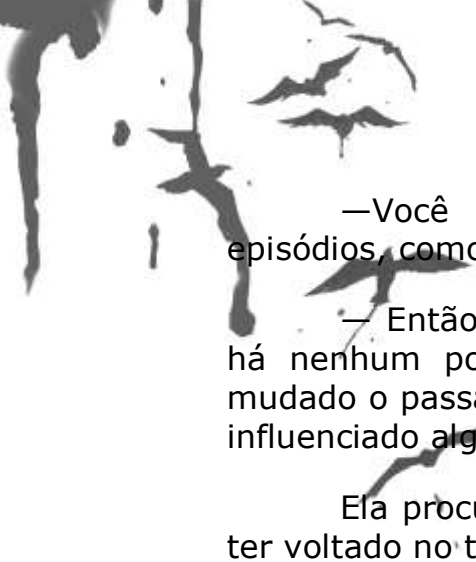
Ela respirou, —Eu nunca soube.

— Você não deveria. Eu disse a ele para mantê-lo em segredo de todos. — Ele a olhou com um olhar que se transformou, pensando. —Eu vejo duas possibilidades aqui. A primeira possibilidade é que o que aconteceu era autossuficiente e nós mudamos apenas a sua realidade, o que, acredite, é avassalador o suficiente por si mesmo.

Ela estendeu as mãos sobre a mesa, em ambos os lados do pergaminho. —Diga-me sobre isso, — ela murmurou. —Teoricamente isso poderia acontecer. Algumas magias trabalham no poder da crença, especialmente das ilusões. Você pode matar alguém desse jeito, se acreditar em algo forte o suficiente.



Ele deu-lhe um olhar pensativo, mas absteve-se de perseguir essa linha de pensamento. —Então, você acredita que o que aconteceu foi real, que poderia ter o poder de mudá-la fisicamente, certo? — Perguntou. Ela assentiu com a cabeça. Ele disse: —Talvez isso tivesse o poder de me mudar também. Eu não posso abalar a convicção de que isto tudo parece muito real quando eu já passei por isso. É importante lembrar que isso acontece a nós dois. É que, para mim, os eventos estão ocorrendo de uma forma mais linear.



—Você não viu nada fisicamente traumático em um dos episódios, como eu vi, — ela murmurou.

— Então, há uma segunda possibilidade, — ele disse. —E não há nenhum ponto dançando em torno dele. Nós poderíamos ter mudado o passado real, e a chave para descobrir isso é ver se temos influenciado algo fora de nós mesmos.

Ela procurou seu rosto. —Você acha que você pode realmente ter voltado no tempo?

—Eu não sei, — disse ele. —As passagens de cruzamento e de Outras Terras já nos mostraram os deslizamentos de tempo. Teoricamente, tempo também deve desacelerar uma viagem mais rápida. O tempo não é um fenômeno completamente uniforme e sabemos que o Universo deve se corrigir para que os paradoxos não possam acontecer. Talvez estejamos passando por um deslizamento tão fora de sincronia, eu estou experimentando-a como uma viagem de volta ao passado.

Paradoxos não podem acontecer. O universo autocorriga. Ele flexiona, como uma entidade respira, absorve e se adapta às anomalias. Ele tinha um mecanismo de defesa automático incorporado. Acreditava-se que ninguém poderia derrubar a história, nem mesmo os deuses. Se o universo não pudesse acomodar um evento, ele não poderia acontecer. Rios de eventos mudariam somente o tanto para acomodar a mudança.

—Você parece notavelmente calmo sobre tudo isso, — ela disse. Ela não estava calma. Talvez não tivesse estado calma desde que ele apareceu na porta de sua casa. Você deve ter cuidado com quem você convida para sua casa...

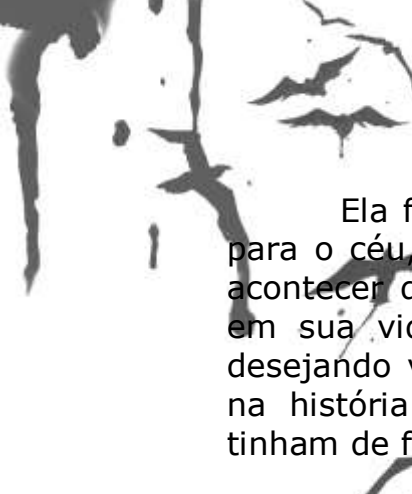
Ele deu um pequeno sorriso. —Eu só estou sendo clínico, agora.

—Você é bom nisso. — Ele realmente era um investigador excelente. Ela sentou-se na cadeira e olhou para o teto. —E, no momento, eu não estou.

Ele disse suavemente, —Eu sei que é assustador. Graças aos deuses tudo o que eu fiz até agora é parar para falar com uma criança uma tarde, e impedir alguém de lhe bater muito pior do que ele já tinha feito. Se eu tivesse feito mais, as repercussões poderiam ser muito piores.

Ele não percebeu o efeito profundo que ele tinha sobre ela.





Ela fechou os olhos. Ela pensou em todas as vezes que olhou para o céu, esperando contra toda a esperança de ver o impossível acontecer de novo, e ver o estranho alado Deus-leão voar de volta em sua vida. Todas as noites ela tinha olhado para as estrelas, desejando vê-lo mais uma vez. Se esses tempos tinham acontecido na história ou eles tinham acontecido tudo em sua mente, eles tinham de fato acontecido.

E eles não tinham ocorrido antes que ele tivesse vindo para a ilha e a encontrado ainda criança. Se ela e Rune estavam realmente mudando o passado, outra coisa havia acontecido, algo diferente do que ela se lembrava agora, algo semelhante o suficiente para que o fluxo de tempo tivesse flexionado para acomodar a diferença.

Teria ela olhado para as estrelas em algum passado original, e desejado outra coisa tão apaixonadamente? Era quase impossível imaginar desejando algo, tanto quanto ela desejava vê-lo, mais uma vez.

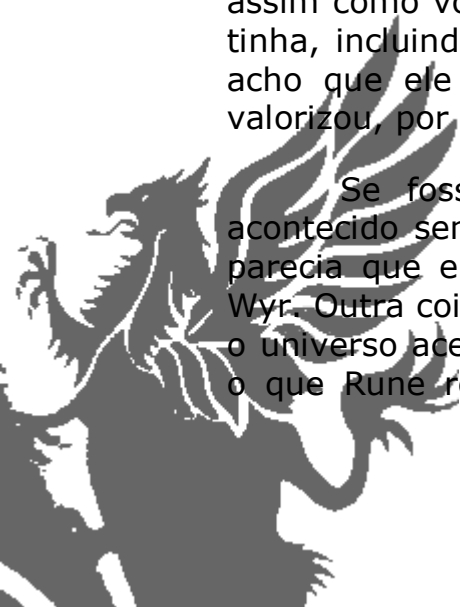
Ela murmurou, —O canivete.

Houve uma pausa. Ele disse: —Sim, o canivete. Eu disse a Akil para enterrá-lo em um lugar de destaque, em algum lugar que eu sabia que iria sobreviver ao teste do tempo.

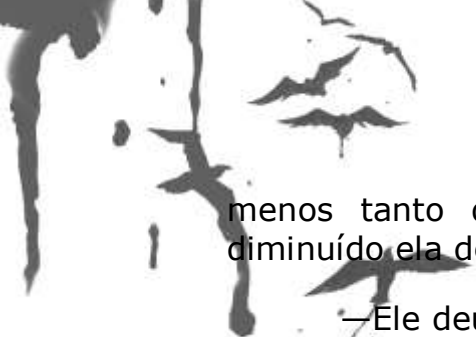
—Portanto, além da consulta com a Dra. Telemar, precisamos saber onde está o canivete, onde era para Akil supostamente colocá-lo.

—Sim, — Rune disse. Havia algo em sua voz. Ela não poderia identificá-lo. Ela levantou a cabeça para olhar para ele. Ele a estava estudando, as sobrancelhas contraídas. Ele disse, —Suspenda a descrença por um momento. Esqueça de perguntar por que ou como. O que aconteceu depois que eu saí? Juro que fiz Akil cuidar de você.

—Ele fez, — ela assegurou. Ou pelo menos ela pensou que ele fez. Em seguida, ela fez como Rune pediu, e empurrou toda a consideração de lado. —Ele me deu um novo nome e me adotou, assim como você disse para ele. Ele me deu o melhor de tudo o que tinha, incluindo a melhor educação, como prometeu que o faria. Eu acho que ele ainda me ama à sua maneira. Pelo menos ele me valorizou, por nenhuma outra razão que o deus dele tinha.



Se fossem realmente mudar o passado, nada disso teria acontecido sem a intervenção de Rune. De uma forma ou de outra, parecia que ela não poderia escapar de sua infância marcada pelo Wyr. Outra coisa teria ocorrido, algo semelhante o suficiente para que o universo aceitasse o cronograma alterado como verdadeiro. Talvez o que Rune realmente lhe dera era um início amável, gentil, pelo



menos tanto quanto ele era capaz. Agora que o pânico havia diminuído ela descobriu que poderia ser grata por isso.

—Ele deu-lhe um novo nome? Que nome ele quis dar a você?

Ela sussurrou, —O que você acha? Nenhum de nós entendeu você no momento, nenhum de nós. Nós só sabíamos que um deus havia tocado nossas vidas, encontrou alguma graça em mim e pronunciou seu decreto. Nenhum de nós realmente compreendeu as coisas que você disse.

Rune franziu a testa. Ele parecia tão confuso, que, apesar de toda a incerteza que ela enfrentou, ela tinha que sorrir. —Você me chamou de 'querida', — ela disse. —Lembra-se? E nós pensamos que um deus me chamou algo sagrado.

—Carling, — ele respirou.

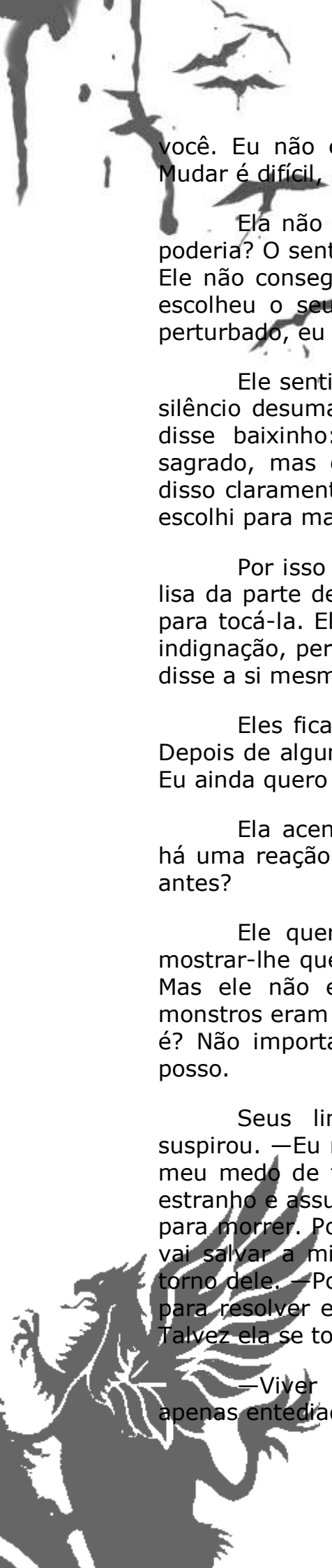
—O que mais? — Disse.

De todas as mudanças que possam ter ocorrido, esta não era uma que Rune tinha visto chegando, a possibilidade de que o universo pudesse flexionar e acomodar a intrusão de sua presença em seu passado, de tal forma profunda e íntima. Antes, ela tinha sido a única a escolher o seu próprio nome, e enquanto ele estava triste ao saber da morte de Khepri, ele tinha entendido. Agora, se sentia como se tivesse roubado algo precioso dela, ainda que inconscientemente, isso o enojava. Ele se sentou congelado enquanto Carling olhava para a mesa. Ela acariciou as mãos ao longo da superfície do pergaminho, como se para suavizar uma toalha de mesa, sorrindo um estranho sorriso que era vitrificado em sua fragilidade.

Carling sempre teve uma postura que estava ao longo de sua pele como uma segunda passagem de proteção e fez parecer à prova de balas, mas agora ela parecia mais vulnerável do que nunca tinha visto. Ela parecia cansada com as perdas, até mesmo triste. A massa pesada de seu cabelo estava contra a nuca graciosa de seu pescoço em um nó desarrumado. Alguns fios individuais tinham escapado. Eles brilhavam com reflexos rubis na luz da noite precoce.

Seu peito doía de novo. Ele esfregou seu peito. Quando falou, a sua voz cheia de cascalho. —Não é de admirar que você me odeia, às vezes.

A sua cabeça inclinou em direção a ele, mas ela não olhou para cima. Ela se manteve alisando a toalha invisível com os longos dedos finos. —Eu não odeio você, — ela disse. —Eu tenho medo de



você. Eu não estava com medo de você antes, mas estou agora. Mudar é difícil, Rune.

Ela não sabia, ele percebeu. É claro que ela não o fez. Como poderia? O sentimento enojado aumentou ao ponto de náuseas reais. Ele não conseguia olhar para ela quando se obrigou a falar. —Você escolheu o seu próprio nome. Antes. Eu estou tão profundamente perturbado, eu sinto muito.

Ele sentiu mais do que viu em seu olhar rápido e acentuado, o silêncio desumano de seu corpo rígido. Em seguida, ela se moveu e disse baixinho: —Nós pensamos que você me chamou de algo sagrado, mas eu escolhi tomá-lo como meu nome, Rune. Lembro disso claramente. Não tire o fato de que eu fiz essa escolha, ou que escolhi para mantê-lo por todos esses anos.

Por isso ele era capaz de respirar novamente. Ele tocou a pele lisa da parte de trás de sua mão. Ele encontrava todas as desculpas para tocá-la. Ele não podia se conter. Antes, ela olhou para ele com indignação, perplexidade, e agora ela parecia recebê-lo. Ou então ele disse a si mesmo.

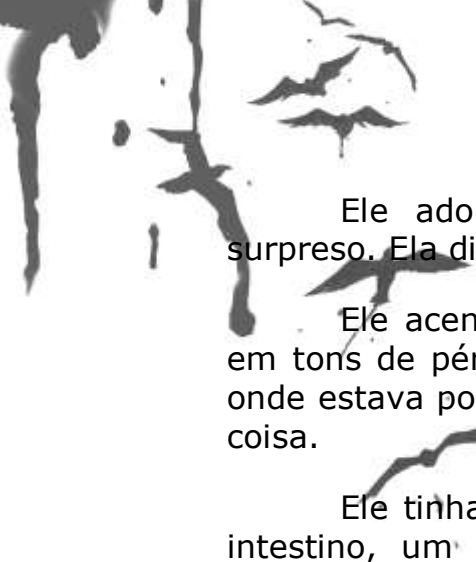
Eles ficaram em silêncio, absorvendo o que tinha acontecido. Depois de alguns momentos, ele balançou a cabeça e resmungou: — Eu ainda quero lutar por alguma coisa.

Ela acenou com a cabeça como que para si mesma. —Agora há uma reação lógica, — ela murmurou. —Por que não pensei nisso antes?

Ele queria lutar e ganhar alguma coisa, para que pudesse mostrar-lhe que não havia nada mais a temer, que tudo ficaria bem. Mas ele não estava mais certo de si mesmo. Ela estava certa, monstros eram fáceis. —Você sabe que não posso deixá-la agora, não é? Não importa quanto você possa exigir isso de mim. Eu só não posso.

Seus lindos olhos brilharam de encontro aos dela. Ela suspirou. —Eu não quero que você saia, — ela admitiu. — Esse era o meu medo de falar antes. Mesmo que o que está acontecendo seja estranho e assustador, ele tem que ser melhor do que esperar parada para morrer. Podemos até encontrar algo em toda esta confusão que vai salvar a minha vida. — Ela virou a mão e fechou os dedos em torno dele. —Porque eu quero viver, se por nenhuma outra razão que para resolver este mistério e descobrir o que mais a vida pode ser. Talvez ela se torne tão estranha, que vai ser interessante.

—Viver é sempre interessante, — ele disse. —Você está apenas entediada.



Ele adorava vê-la rir. Toda vez que ela ria, ele olhava surpreso. Ela disse: —Eu acho que eu estou.

Ele acenou com a cabeça, olhando para as suas unhas ovas em tons de pérolas. Com uma honestidade brutal, Rune reconheceu onde estava porque não podia se dar ao luxo de fazer qualquer outra coisa.

Ele tinha uma coisa por ela. Ele tinha isso mal e roia em seu intestino, um desejo que ainda não encontrou uma maneira de satisfazer.

Wyr, quando acasalava, fazia para a vida. Havia uma linha a partir da qual uma mudança irreversível ocorria. Nem todo mundo compreendia totalmente essa linha que foi desenhada, pois, ele acreditava era diferente para todos. Acasalamento, para um Wyr, vinha de uma combinação complexa de escolha, sexo, instinto, ações e emoções.

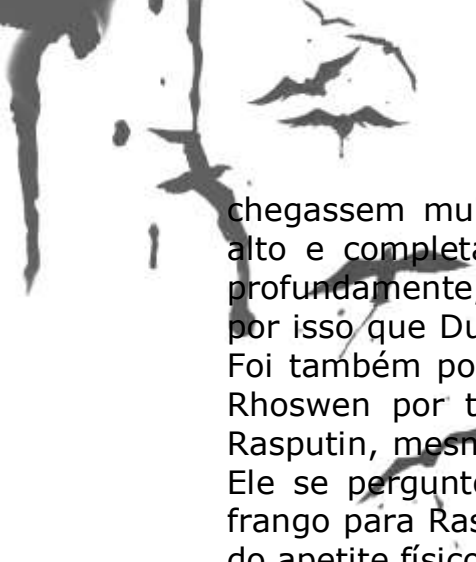
Ele não achava que o acasalamento poderia acontecer, a menos que algo profundo e fundamental dentro de um Wyr o convidasse. Ele tinha testemunhado em primeira mão, tanto Dragos como Tiago experimentarem as dores do acasalamento. Ele tinha falado com cada macho, em algum momento, como haviam passado pela experiência, e ele, de fato, tentou o seu melhor para conseguir que Tiago revertisse o curso, o que quase lhe custou não só a amizade de Tiago, mas de Niniane também. Nem Dragos nem Tiago tinham escolhido recuar quando eles perceberam o que estava acontecendo. Em vez disso, pareciam abraçar os seus destinos. Mais, eles fizeram tudo que podiam para fazer isso acontecer.

Rune havia reconhecido a presença de algumas outras parceiras em potencial ao longo de sua vida. Houve um par de raras mulheres que tinham uma combinação de traços de personalidade que o levaram a olhar para elas especulativamente e pensar para consigo mesmo, você pode apenas ser perfeita. No final, ele não tinha perseguido qualquer uma delas.

Ele se perguntava agora o que teria acontecido se ele tivesse. Possivelmente nada. Eles poderiam ter sido amantes maravilhosos por um tempo e tornar-se uma boa memória. Ele não queria ter uma companheira e optou por não arriscar.

Ele acreditava que estava tudo bem por enquanto. Um fascínio perigoso não se transformaria em acasalamento por conta própria. As próprias barreiras de Carling iriam ajudar com isso.

Ele estava errado sobre ela. Talvez não fosse um tipo de namorada risonha, e talvez não permitisse que muitas pessoas



chegassem muito perto, mas ela não estava sozinha em um ponto alto e completamente fechada. Ela se preocupava, às vezes muito profundamente, às vezes, ele pensou, mais do que ela sabia, que era por isso que Duncan tinha sofrido quando Rune tinha falado com ele. Foi também por isso que Carling tinha tolerado a devoção excessiva Rhoswen por tanto tempo, e por que insistiu em curar e manter Rasputin, mesmo não sendo fácil ou conveniente para ela fazer isso. Ele se perguntou se ela percebia a verdadeira razão para cozinhar frango para Rasputin. Não era para lembrar a si mesma dos detalhes do apetite físico. Era para lembrar-se do amor.

Dito isto, a linha invisível que ela havia desenhado entre eles ainda estava de pé. Eram ainda muito diferentes um do outro, as suas vidas muito distantes. Ele poderia vir até a linha e, em seguida, optar por não ir mais longe.

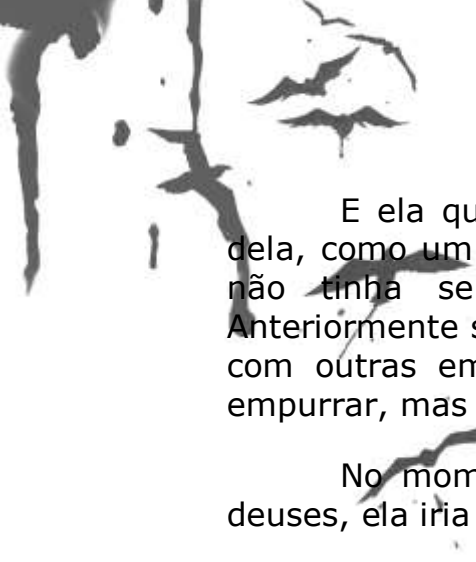
Um Wyr, acasalando, entrega a sua vida para a sua companheira. Um presente tão extremo, pedido por um tipo extraordinário de devoção ou lealdade em troca, especialmente daqueles que não eram Wyr, pois pode sempre optar por ir embora enquanto o Wyr que tinha acasalado com eles nunca o faria. Embora Rune estivesse preocupado no início, quando Tiago tinha se unido com Niniane, ele tinha chegado a admitir, Niniane tinha o tipo de capacidade para a devoção necessária a Tiago. Rune não acreditava que pudesse se jogar unilateralmente no acasalamento com alguém. Ele simplesmente não era impetuoso ao ponto de ser suicida.

Mas que espetacular amante Carling faria. O pensamento fez a sua virilha apertar. Imagens rápidas como um fogo atravessaram o seu cérebro, imagens de seu luxurioso corpo curvado e contorcendo sob o seu, com a cabeça jogada para trás, os lindos olhos brilhando de desejo e prazer, enquanto ele a fodia. Ela seria uma amante verdadeiramente assombrosa. Ele queria a boca em sua pele, suas mãos em seu corpo. Ele queria mais do que já quis alguma coisa antes. Ele suava só de pensar nisso.

Ele a olhou, as pálpebras caindo para esconder qualquer expressão que poderia estar em seus olhos. A maneira de satisfazer um desejo era ceder a ela. Devorar o que desejava, tendo e levando-a, até que a chama do desejo finalmente derretesse em saciedade. Era assim que ele poderia trabalhar Carling fora de seu sistema, de uma vez por todas.

Tão fascinado como tinha sido com ela nas últimas semanas, ele não tinha tomado a decisão de realmente persegui-la.

Não, até agora.



E ela queria a ele. Ele já tinha visto as sementes da paixão dela, como um fogo abafado que havia sido abandonado, mas ainda não tinha se extinguido, e ele o provou em seus lábios. Anteriormente sobre a falésia, ele tinha visto como o desejo guerreou com outras emoções, em sua expressão. Ele havia escolhido não empurrar, mas não mais.

No momento em que ele terminasse com ela, por todos os deuses, ela iria querê-lo.



Carling assistiu com perplexidade como o rosto e o corpo de Rune cresceram fortes e afiados. Sua frequência cardíaca aumentada, uma onda de cor escurecida, suas bochechas magras e uma intensidade de emoção explodiram fora dele.

Qual era a sensação? Era o mesmo tipo de sentimento que tinha derramado tanto de Tiago como de Niniane, sempre que eles estavam juntos, uma força motriz que os tinha impulsionado para um futuro novo e incerto. Carling havia conhecido bem a sensação antes, há muito tempo...

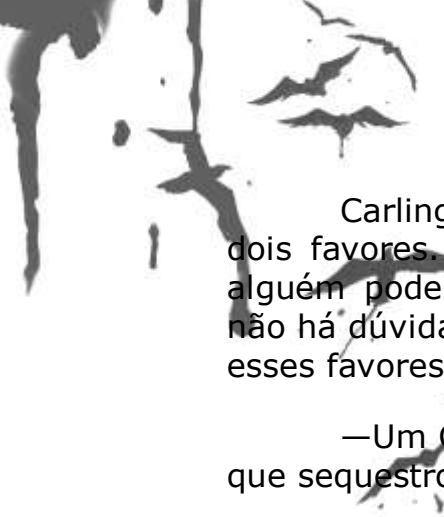
Fome. Rune olhou para ela e sentiu fome.

Ela se acalmou e abriu a boca, assim que ele lançou para fora da mesa com velocidade por toda a sala, seus movimentos inquietos preenchidos com uma firme graça, líquida e urgente.

—Precisamos chegar a um plano e deve ser um rápido, — disse ele. —Nós temos que ir para San Francisco para chamar Seremela. Talvez ela possa ser capaz de voar para uma consulta.

Carling assentiu lentamente. Ela esteve irritada e agitada antes, e pronta para fazer qualquer coisa que pudesse deixá-la escapar de Rune. Agora, com uma cabeça mais fria, ela pensou em Julian novamente. Julian considerou seu estado de deterioração muito perigosamente imprevisível. Mesmo que ela tivesse inicialmente concordado em ficar na ilha, agora realmente não havia outra opção.

Rune continuou. —E nós precisamos descobrir se ou não o canivete está onde eu disse a Akil para colocá-lo, sem gastar tempo ou energia em nós mesmos.



Carling se agitou. —Eu posso ver isso feito. Um Gênio me deve dois favores. Ele é muito velho e poderoso. Tenho certeza que se alguém pode recuperar rapidamente o seu canivete, esse é Khalil, não há dúvida e nenhuma razão para esperar mais tempo para saldar esses favores em um dia chuvoso.

—Um Gênio. — Ele soltou uma risada. —É este o mesmo Gênio que sequestrou Niniane e jogou Tiago em um frenesi?

—O mesmo, — ela disse a ele.

Ele se virou para olhar para ela. Um sentimento estranho de raiva corroía suas entranhas. —O que você fez para ele que devesse a você três favores?

Sua expressão fechou. —Isso não é a minha história para contar.

—Tinha que ter sido um inferno de uma coisa para obter um Demônio poderoso endividado com você. — Ele disse mais ou menos, —Você tinha que ter dado a ele algo raro e precioso, algo que ninguém mais poderia ter dado a ele. E ele teve o que queria muito.

Carling levantou as sobrancelhas perfeitas e disse: — Tudo isso é verdade.

Ele se sentiu instigado por sua impenetrabilidade, pelo que o arranhou por dentro. Ele começou a rosnar.

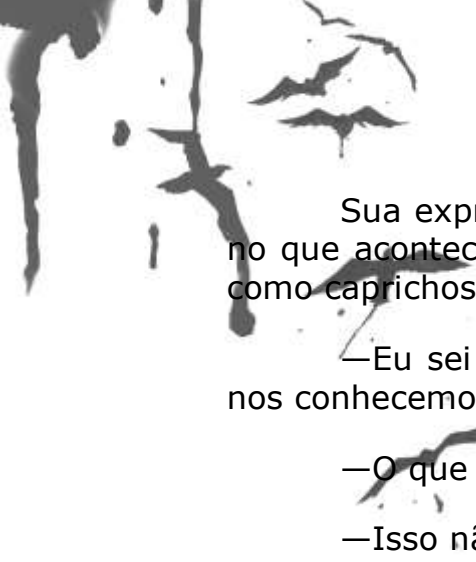
Seus olhos se arregalaram de surpresa. —Você está rosnando para mim? — Seu rosto endureceu. —O que diabos está acontecendo com você, sugiro que você pense duas vezes sobre isso.

Em vez de parar, ele realmente mostrou os dentes para ela. Mostrou os dentes. Ele virou sua cadeira enquanto ela ainda estava nela, movendo-se tão rápido que ela fez um som abafado de surpresa. Ele bateu as mãos em cima da mesa em ambos os lados dela, prendendo-a em seu lugar. —O que você fez para ele?

Ela olhou de um lado para o outro em seus braços, como um fio prendendo-a no lugar. O ângulo das suas sobrancelhas finas ficaram cruéis. —Lembre-se do que eu disse antes? Não tente restringir meus movimentos.

—Droga, Carling, — ele assobiou. Ele se inclinou mais perto, de modo que ela ficasse nariz a nariz com a sua cara de bravo. — Agora não é a hora de uma atitude policial comigo.

—Pausa aí. — Ela sacudiu o queixo com o dedo indicador, com força. —Quem é que está amarelando na atitude aqui?



Sua expressão se tornou assassina. —Sua vida está montando no que acontece a seguir, e talvez a minha também está. Você sabe como caprichoso e malicioso um Demônio pode ser.

—Eu sei exatamente o que um Demônio pode ser. Khalil e eu nos conhecemos, um ao outro, por um tempo muito longo.

—O que você deu a ele que lhe devesse três favores?

—Isso não é da sua conta!

—Como o inferno, — ele mordeu fora.

Ela olhou para ele, seus olhos escuros estalando. — Ele veio para mim. Ele me pediu ajuda, e ele ofereceu-me três favores. Ele não tem razão para se ressentir de mim, e agora ele não pode renegar, e isso é tudo que você precisa saber. — Ela colocou seu rosto ainda mais perto, de modo que as pontas de seus narizes se tocaram. —Agora sai do meu rosto, Wyr.

O baixo som áspero, emitido por ele era irritante, fascinante. Espera. Estaria ele ainda rosnando? Ou ele estava ronronando? Seus olhos se desviaram, meio fechados. Ele lhe deu com as pálpebras pesadas e sonolentas, em um olhar sensual, totalmente falso.

—Faça-me, — ele disse. —Bruxa.

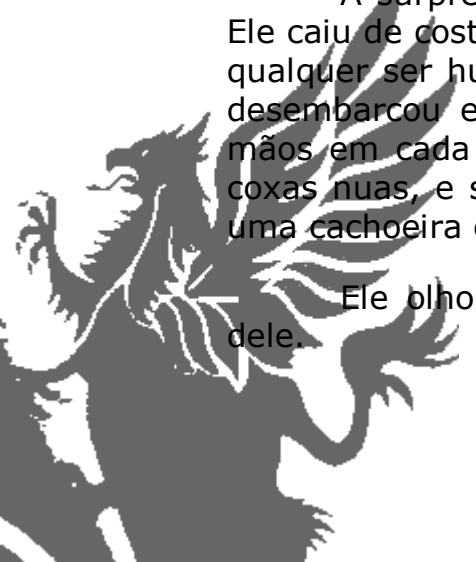
A força do sentimento que socou para fora dele era mais forte do que qualquer coisa que ela conseguia se lembrar de sentir antes, de qualquer um, o vento quente que fundiu e reformou o seu mundo.

Violência. Raiva.

Não simples fome. Uma voracidade e urgência devoradora.

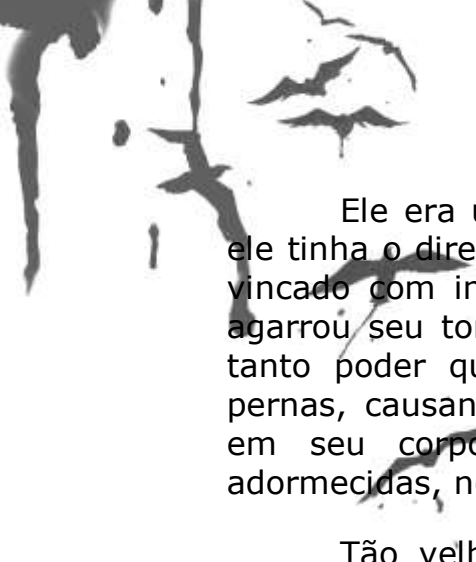
Isso arranhou todo o bom senso de seus ossos.

Ela rosnou de volta, empurrou-o para longe, e então se lançou para fora de sua cadeira para bater no corpo dele.



A surpresa rolou sobre ele mais do que qualquer outra coisa. Ele caiu de costas no chão com uma força que teria tirado o fôlego de qualquer ser humano, e ela veio junto com ele. Ainda rosnando, ela desembarcou em seus joelhos abrangendo seu corpo e colocou as mãos em cada lado da sua cabeça. Sua túnica solta subiu até suas coxas nuas, e seu cabelo se soltou e derramou sobre eles como em uma cachoeira extravagante de seda da meia-noite.

Ele olhou para ela, paralisado, toda a raiva bateu para fora dele.



Ele era um homem bonito. Ele era muito mais bonito do que ele tinha o direito de ser, e então começou a rir e seu belo rosto era vincado com imprudência viva. Suas pernas apertadas até que ela agarrou seu torso, muito magro, com as suas panturrilhas, e havia tanto poder que percorria o maciço corpo musculoso entre suas pernas, causando um aumento da corrida de necessidade de bater em seu corpo, a partir das terminações nervosas há muito adormecidas, no ápice de suas pernas.

Tão velha e disciplinada como ela era, tão solitária quanto tinha sido, por sua escolha, tanto quanto qualquer coisa, era demais para uma mulher tomar. Ela fez um som abafado e chegou até ele com as duas mãos gananciosas.

Ele subiu em uma posição sentada, mesmo quando ela afundou os punhos em seu cabelo emaranhado. Seus braços vieram em torno de sua cintura. Suas pernas ainda estavam uma de cada lado dele, e ele puxou-a para baixo em sua pélvis para que a parte vazia dela, que doía desesperadamente, batesse no comprimento duro inchado de sua ereção. Ele enfiou a boca aberta sobre a dela.

Em seguida, eles estavam juntos, presos no mesmo lugar, na extremidade, empurrando a língua entre si. Nada sobre isso foi suave ou civilizado. Ela puxou o cabelo dele, puxando-o com força suficiente que tinha que ter doído. Ele sussurrou contra seus lábios. E ele puxou a parte inferior do tronco mais perto quando impulsionou para cima sobre ela, duro, com seus quadris.

Ela foi trancada rígida no lugar tão grave que quando ela tentou erguer os dedos de seu cabelo, ela não podia. Toda a sua trama, todo o seu pensamento bom, se evaporou, até que só restou um fino gemido para sair dela.

Seus pulmões trabalharam como foles. O calor brilhou fora dele. O barulho áspero vibrando em seu peito se transformou em um gemido. Ele correu uma mão por sua espinha para segurar a parte de trás de sua cabeça, apoiando a cabeça e os ombros em seu braço. Com o outro braço, ele apertou seus quadris firmemente contra ele. Ela entendeu o recado e envolveu as pernas ao redor de sua cintura, levantando os joelhos. Ele se inclinou para colocá-la no chão e, em seguida, desceu com ela, até que ela estivesse deitada, o que tinha imaginado ser uma eternidade, com membros pesados e seu corpo forte se estabelecendo completo sobre ela.

Em seguida, ela foi capaz de afrouxar seu aperto em seu cabelo apenas o suficiente para ligar os dedos em sua camiseta. Ela rasgou o algodão em suas costas, expondo uma grande extensão de músculos que se flexionaram quando enterrou os dedos nele. Ele



arrastou a boca da dela com um suspiro abalado. Ela não tinha ideia do que ele disse, mas parecia que tinha a forma de uma pergunta.

—Eu odeio suas roupas, — ela murmurou.

Ele achatou a mão em seu peito apenas sob sua garganta e segurou-a para baixo quando ele recuou para olhar para ela. Ele estava tão excitado, um rubor melado de sangue escurecendo a pele bronzeada, os olhos de leão brilhantes com o desejo, com o rosto tenso.

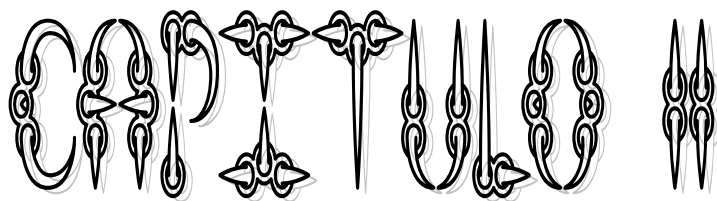
—Eu odeio suas roupas estúpidas também, — ele disse. Ele pegou o decote da túnica e o rasgou mais, mostrando os seios.

A porta da casa se abriu, e uma corrida de vento frio entrou na sala. Rhoswen estava na porta, segurando o cão em baixo do braço. Rasputin entrou em erupção em um frenesi de rosnados e latidos. Passando quase mais rápido do que a visão, Rune avançou para cobrir Carling. Ela virou o rosto em seu peito, e não de qualquer modéstia, mas a partir da necessidade de continuar a tocá-lo de qualquer maneira que podia.

Ele segurou a parte de trás de sua cabeça, protegendo o rosto do exame minucioso e rosnou de novo, desta vez não havia dúvida que era um som baixo e ameaçador. Os ossos pesados em seu peito largo pareciam errados, como se ele pudesse ter corrido em uma metamorfose parcial. Ela pensou na monstruosa mudança parcial de Tiago quando entrou atrás de Niniane, no hotel e depois, quando Niniane tinha sido sequestrada, e necessidade pulsava através dela novamente. Carling fechou os olhos e abriu a boca sobre a pele de Rune. Ela bebeu sua emoção feroz como um vinho.

Em sua precisão, com a voz fria de amargura treinada de Shakespeare, Rhoswen disse: —Aparentemente, este não era o melhor momento para dizer adeus.





Carling tossiu uma risada incrédula que não tinha nada a ver com diversão. O grunhido que saiu de Rune parecia enfurecido, gutural. —CAIA FORA E FECHE A MALDITA PORTA!

Houve um momento congelado, preenchido apenas com os latidos frenéticos de Rasputin. Carling fechou os olhos e inclinou-se para o corpo quente de Rune, e seus braços apertaram sobre ela em uma dura, possessiva retenção. Então Rhoswen bateu a porta, deixando o som afiado da madeira ecoando pela casa sombria.

Uma parte da mente de Carling trabalhou duro para processar o que tinha acontecido. O resto dela estava tremendo com o rescaldo da tempestade que varreu através dela. Sentia-se como um viciado em drogas descendo de uma onda. Rune ajoelhou-se sobre um joelho enquanto a abraçava. Seu coração trovejou em seu ouvido. Sua camiseta pendia em frangalhos fora de seus bíceps bem agrupados, e seu corpo vibrou com tal tensão que se sentia pronto para atacar algo.

Em seguida, ele lançou a tensão em um suspiro, e ela sentiu seu corpo de volta ao fluxo de suas linhas normais. Rune acariciou seus cabelos, enfiando os dedos através dos fios soltos, emaranhados. Ele disse rouco: —Você está bem?

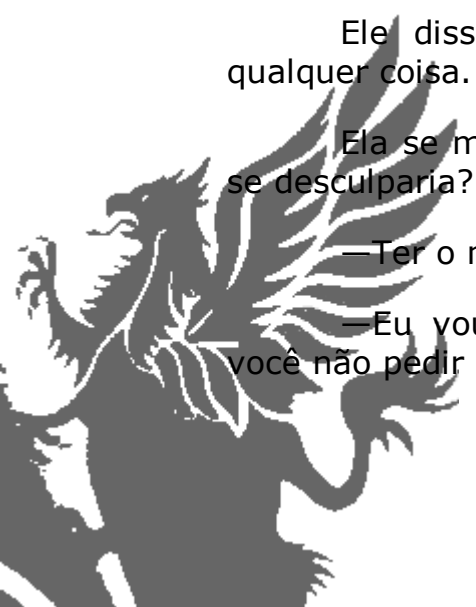
Ela deu-lhe um aceno espasmódico. Era quase uma mentira completa. Necessidade ainda pulsava baixo em sua pélvis, uma dor aguda e vazia que era chocante em sua intensidade. Ela não se reconhecia na criatura selvagem que tinha se lançado em Rune.

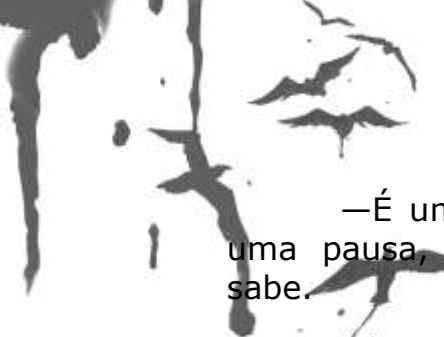
Ele disse: —Eu serei amaldiçoado se pedir desculpas por qualquer coisa.

Ela se mexeu e conseguiu encontrar sua voz. —Pelo que você se desculparia?

—Ter o meu próprio ataque de raiva. Gritar com Rhoswen.

—Eu vou fazer um pacto com você. — ela sussurrou. —Se você não pedir desculpas, eu também não.





—É um acordo. — Ele beijou sua têmpora. Então, depois de uma pausa, disse: —Ela nos interrompeu deliberadamente, você sabe.

—Eu sei. — Carling suspirou. Rhoswen não tinha sido pega de surpresa. Ela teria ouvido antes de chegar à porta da cabana. —Ela foi completamente imprópria.

Rhoswen tinha alcançado seu objetivo, no entanto, tinha destruído o bruto momento de 'fora de controle' em que Carling e Rune tinham se envolvido.

Rune firmou seu peso nos calcanhares quando a soltou. A noite tinha descido plenamente e a única iluminação na casa vinha da lua que havia ressuscitado. Mesmo que tivesse começado a diminuir, mantinha uma tremenda força, se derramando pelas janelas e pintando as bordas de seus corpos com uma estrutura delicada de prata. Por um longo momento ela ficou sentada e deixou-o olhar para ela, as asas estriadas de suas clavículas, os globos cheios e maduros de seus seios nus com seus mamilos salientes e roliços, a sombra de recuo abaixo de sua estreita caixa torácica.

Ele agachou-se sobre ela como o gato gigante que era, olhando como se estivesse prestes a atacar, sem pestanejar na intensidade em seu olhar de lua prateada, seus ombros largos se curvando quando ele se inclinou plantando uma mão no chão ao lado de seu quadril. Um tremor secundário de urgência rolou fora dele e em seu interior, mas seu frenesi anterior tinha se espalhado com algum acidente, e o deixou se sentindo doente.

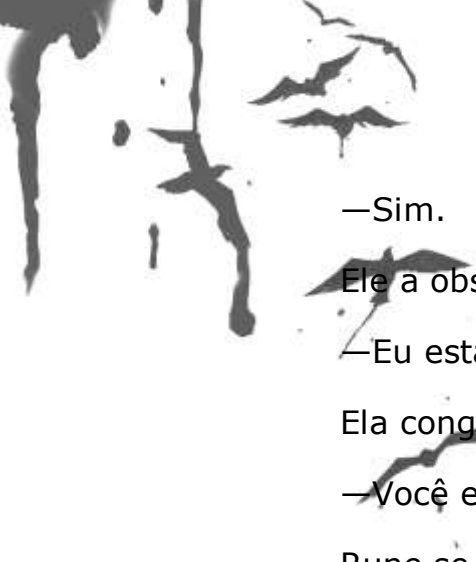
Ela olhou para baixo para puxar sua túnica arruinada em seu tronco e ele ajudou-a a juntar as bordas do material para amarrá-las cobrindo-a temporariamente, os longos dedos de suas mãos eram tão suaves que as estranhas e traiçoeiras lágrimas encheram seus olhos novamente.

Por muito tempo ela tinha tratado o próprio corpo como uma arma, e ele ainda a tratava como se fosse um templo. Isso a fez se sentir ridiculamente frágil, como se pudesse quebrar em pedaços sem a sua alta consideração, e ela colocou os braços ao redor de si mesma.

—Precisamos chegar à cidade. — ele disse calmamente. —E começar a mexer em todas as coisas sobre as quais falamos.

Cautela a tocou. Relutante em começar todo o argumento ridículo novamente, ela apenas balançou a cabeça e manteve seu tom evasivo.





—Sim.

Ele a observou de perto.

—Eu estava com ciúmes.

Ela congelou, e seus olhos se arregalaram.

—Você estava... O quê?

Rune se inclinou para sussurrar em seu ouvido, o hálito quente acariciando seu rosto.

—Você me ouviu. Eu disse que estava com ciúmes. Eu não estou pedindo desculpas. Eu estou explicando.

Então, quando ela virou a cabeça para olhar para ele, ele atacou. Suas mãos serpentearam-se para agarrá-la pela cabeça, quando ele trouxe sua boca até a dela. Ele pairou lá, deliberadamente roçando seus lábios tensos contra o dela, enquanto ele respirava.

—Eu estava com ciúmes do Demônio, seu Djinn¹², que você conhece há um maldito tempo e negociou com toda a maldita aparência de amabilidade, que precisava de você e você estava lá para ele de uma maneira tão significativa, forte, do jeito que merecia três malditos favores e você não tem que dizer nada, porque eu já sei o quão estúpido isso soa. Então eu agi como um idiota. Um estúpido, louco, sem lógica, sem estúpido sentido, desenfreadamente com ciúmes.

Ela agarrou seus pulsos e começou a tremer de novo. — Rune...

—E eu estava com ciúmes. — O Grifo disse, falando com o fundo da garganta o que fez de suas palavras uma carícia ardente. — Porque eu te quero tanto, que bagunça com o meu pensamento. É um gancho no meu intestino que não posso retirar. Eu quero você sempre, desde aquela noite no Rio Adriyel. Eu sonho em tomar você. E no meu sonho, você me toma também. Assim como o que quase aconteceu aqui no chão.

Sua instabilidade aumentou, até que sua boca tremia sob a dela. Seus pulsos se sentiram como rocha estável e firme sob seus dedos trêmulos. —Isso é o suficiente agora, pare. Nós... Precisamos ir.

¹²Djinns ou Gênios são criaturas mágicas com poderes para fazer o bem e o mal. É uma espécie de espírito que rege o destino de alguém ou de um lugar.



—Tudo bem. — ele murmurou facilmente. —Eu só queria ser claro sobre o que quase aconteceu aqui. Isto não foi acaso. Vou vir atrás de você de novo.

Carling chupou ar e sussurrou. —Essa... Coisa entre nós...

—Isto não é uma “coisa”. — Ele apertou um beijo rápido em sua boca. —É uma atração.

Ela balançou toda. —É totalmente inapropriado.

—Eu sei.

—Isso não pode durar. Não vai levar a lugar algum

—Eu entendo isso. — Ele mordeu o lábio inferior e segurou-a com uma tensão cuidadosa quando ela queria arrancar até a última das roupas dele. —Mas pense até o fim, em quão bom vai ser. Porque isso vai acontecer, Carling.

Vai acontecer, ele disse. Não poderia acontecer. Porque ele ia vir atrás dela de novo, em algum momento, em algum lugar, e o pensamento dele à espreita a fez gemer. Então suas mãos se abriram e ele a deixou ir. Só isso.

Só isso? Suas mãos se apegaram aos seus pulsos, enquanto suas mãos caíram de sua cabeça, ela encontrou-se inclinada para frente, tentando alcançar sua boca com a dela, enquanto ele se afastava, seu olhar caindo ao longo das linhas limpas de seu rosto, que foram sombreadas de cinza e preto, e delineadas com um leve toque de prata brilhante, como se ele fosse dourado, com as bênçãos sobrenaturais da lua que eram apenas pouco visíveis a olho nu.

—Rune. — ela murmurou de novo, e com o choque anterior, sua voz se tornou gutural.

—Querida Carling. — Disse muito baixo. Ele fez uma pausa e estremeceu, e algo como dor causou um espasmo em seu rosto. — Apenas diga, porra!

Desejo é vulnerabilidade. Mas eles estavam sozinhos, só eles e a luz da lua, e a lua nunca contava os segredos do que viu. Então Carling pegou cada pedaço de sua coragem e disse: —Eu quero você também.





A lua abriu suas velas invisíveis e subiram através do céu estrelado sobre a floresta de sequoias da ilha.

Já era noite novamente. Carling lutou contra uma sensação de desorientação. Quando tinha perdido a capacidade de dormir, o tempo tinha aumentado em velocidade. Meditação ajudava, mas apenas até certo ponto. Não houve mais nenhuma quebra em sua experiência, apenas a implacável cascata de eventos, até que ela sentiu como se estivesse sendo empurrada para o futuro, por uma força gigantesca, invisível, mais rápido e mais rápido, até que se aproximou da velocidade da luz.

Ela caminhou para as árvores. Bem alto o luar através dos ramos de filtragem era um estudo de marfim e preto. Ao nível do solo da floresta estava tão sombreado, apenas a sua afiada visão vampírica permitia-lhe escolher uma direção ao longo do caminho. Ela fez uma pausa para ouvir os sons minúsculos da noite. Uma vez, teria havido um silêncio total quando ela atravessou a madeira, mas as criaturas que viveram aqui há muito haviam se acostumado à sua presença.

Rune concordou em esperar por ela na praia. Ele queria ir com ela, mas ela precisava ficar sozinha para fazer essa última coisa antes de sair da ilha. Ele disse que iria dar-lhe meia hora. Se ela não retornasse até então, ele estaria supondo que ela tinha ido para um enfraquecimento e viria procurar por ela. Carling não discutiu com ele. Não havia nada aqui que fosse machucá-la, mas mesmo assim não gostava da ideia de sentar-se impotente e inconsciente, sozinha na floresta.

Ela enfiou os registros de sua pesquisa em um saco de couro desgastado, junto com os esboços de papiro e algumas outras bugigangas da casa de campo e deu a Rune para levar com ele. Quando ele saiu, ela cavou através de um armário por outra túnica, limpa, intacta, que vestiu depois de jogar a arruinada à distância. Assim, ele odiava suas túnicas, não é? Carling bufou. Quantas ela tinha arruinado no último par de dias? Havia uma razão para que ela as usasse tanto. Eram fáceis de entrar, fáceis de sair. Ela tendia a ser muito áspera com a roupa, especialmente quando estava envolvida em questões de magia.



Depois de se vestir, ela foi para a floresta encontrar seu lugar de sempre, uma pedra escura e baixa, que era tão velha que o tempo tinha derretido e suavizado suas arestas. Era um ótimo assento. Ela acomodou-se em sua superfície fria, dura e esperou.

Era um de seus lugares favoritos no mundo. As samambaias e orquídeas que prosperaram sob as sequóias imponentes, em uma cena de generosidade e extravagância, para alguém de suas antigas



raízes no deserto. Este lugar tinha seu próprio tipo de energia, verdes sonhos antigos, cheios de um desfile interminável de dias ensolarados e noites de lua viajante, e o vento selvagem soprava tempestades do mar.

Ela escutou até que sentiu uma cutucada leve contra sua consciência. Não foi muito um som que era distinguível de qualquer outro dos pequenos ruídos durante a noite, mas mais de uma presença tocou a borda de sua energia com tímidos dedos delicados, e ela sabia que não estava mais sozinha.

—Eu vim aqui para dizer... — Disse ela em voz baixa, para as criaturas aladas que nunca viu totalmente à luz do dia. —Eu tenho que sair agora. Vou tentar voltar. Gostaria de poder dizer que vou voltar, mas não sei se serei capaz, então deixei tantas proteções para vocês quanto pude. — Ela tinha trabalhado com Duncan, e deixado garantias jurídicas e salvaguardas mágicas no lugar, mas nem leis nem magia eram imunes ao tempo. Coisas chegavam nesta terra e passaram a partir dela, e ainda, pelo menos ela sabia que tinha tentado o seu melhor.

Foi mais uma obrigação que ela tinha se liberado. Ela poderia vir a gostar deste crescente sentimento de liberdade, tudo, exceto para a parte de morrer. Então, sem sua permissão consciente uma verdade saiu de sua boca, as palavras voando pela escuridão como libélulas libertas.

Ela sussurrou, os olhos ardendo: —Eu vou sentir sua falta.

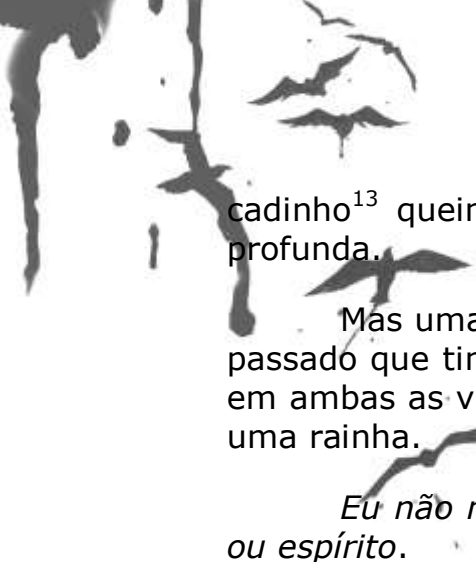
Por muito tempo, ela se sentia, praticamente, mais inteligência do que emoção. Agora, depois de tantos séculos áridos, sua alma estava passando por um renascimento de sentimento. Mas o renascimento, como a mudança, era difícil, e o poço de lágrimas que ela tinha descoberto parecia ser inesgotável.

Algo farfalhou, em seguida, outros ruídos pequenos se juntaram a ela, e ela ouviu asas verdadeiramente do alto. Quando Carling olhou para cima, um comprimento de suavidade tocou seu rosto. Ela estendeu a mão para agarrá-lo.



Era uma pena, deixada como um presente para ela em sua janela. Ela não podia vê-los nas sombras, mas sabia que a pena seria de um preto iridescente. Em seguida mais suavidade a tocou, na face, no pescoço, nas mãos, quando as criaturas da floresta sobrevoaram e a cobriram de penas em espiral para baixo, como o alimento suave de uma chuva da meia-noite.

Ela enxugou os olhos e endireitou a coluna. Seu passado tinha se tornado tão incerto quanto o futuro dela. O tempo tornou-se um



cadinho¹³ queimando tudo. Não poderia haver crise maior ou mais profunda.

Mas uma coisa ela poderia saber. Em ambas as versões do seu passado que tinha nascido na pobreza e sido levado como escrava. E em ambas as versões, ela tinha alcançado a imortalidade e tornou-se uma rainha.

Eu não mudei você, Rune tinha dito. Não você, nem sua alma ou espírito.

Ela finalmente entendeu o que ele quis dizer.

—Eu sei de novo quem eu sou. — ela sussurrou.

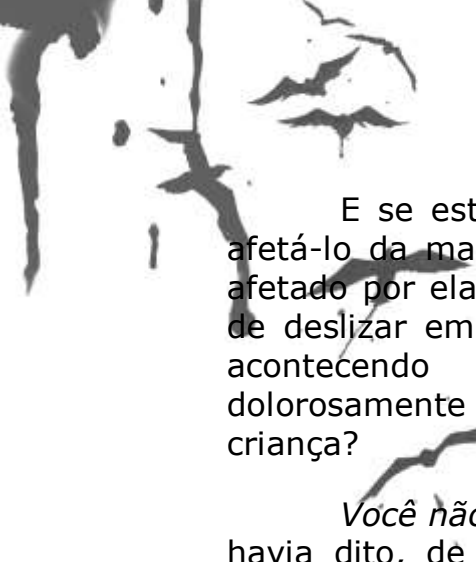
E eu vou tomar posse desta nova vida, bem, ao menos pelo tempo que eu posso ter.



Com a bolsa de Carling pendurada sobre um ombro, Rune pegou sua mochila da casa principal e desceu a ribanceira para esperar por Carling na praia. Uma brisa salgada explodiu fora da água. O ar frio e úmido parecia bem para sua firme pele superaquecida. Ele tirou a arruinada camiseta e deixou-a cair no chão junto com os sacos e a bolsa à prova d'água que tinha deixado na praia, quando chegou. Então ele girou os ombros para trabalhar a tensão que seus músculos amarrados tão apertados como cordas de piano.

Sentia-se impaciente, apenas um pouco acima da linha do distrito da terra da irracionalidade. Ele não gostava de ficar longe dela. Será que ela não percebia o quão vulnerável estava quando entrava em um enfraquecimento? O pensamento dela pegando uma movimentada rua da cidade o fez quase quebrar em suor. Carling era uma das mais perigosas dos Noturnos ou de qualquer das Elder Races, mas agora, às vezes, ela também era uma dos mais indefesos. Seria um assunto tão simples deslizar um estilete entre as costelas, quando ela parasse e sem resistência, sua mente travada em outro tempo.

¹³ Cadinho ou Crisol é um recipiente em forma de pote, normalmente com características refratárias, resistente a temperaturas elevadas, onde se fundem materiais em altas temperaturas. O ourives e o alquimista usam-no há muitos séculos para purificar o ouro, daí ter também significado figurado.



E se estar na proximidade de um de seus episódios poderia afetá-lo da maneira que aconteceu, quem ou o que mais pode ser afetado por ela? Que as outras criaturas ou Poderes seriam capazes de deslizar em sua mente ou no passado, ou o que diabos estava acontecendo realmente, para encontrar esse bravo, feroz, dolorosamente frágil filhote de tigre que foi a própria Carling quando criança?

Você não estudou as ferramentas que seus inimigos usam? Ela havia dito, de passagem, uma pergunta que tinha insinuado uma visão oculta de tensões mágicas e jogos de poder. Ele pensou nos Poderes escuros de que ela tinha falado, essas forças famintas que comeram as almas das vítimas e também dos praticantes de magia negra. Ele imaginou algo enrolando a jovem Carling como fumaça preta, e depois o fez quebrar em suor.

Rune também perdeu todo o interesse em manter sua promessa. Quando se virou para ir buscá-la, ele avistou Rhoswen descendo o caminho da ribanceira. Rhoswen estava vestindo uma roupa de mergulho, com o pálido cabelo preso de volta no apertado coque habitual, e ela carregava um pacote em seus braços. Ela tinha um par de pés de pato de mergulho, um saco impermeável escuro e a forma de Rasputin, silenciosamente imóvel. Seu olhar frio passou por toda a extensão de seu corpo e correu os sacos no chão, e fez uma pausa na bolsa de couro desgastado de Carling.

—Carling está saindo? — ela perguntou.

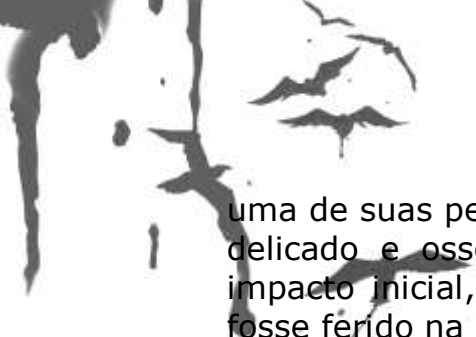
—Estamos indo para a cidade para pesquisar algumas coisas.
— ele disse.

Mesmo quando Rune começou a perguntar sobre a quietude estranha Rasputin, ela jogou o saco, Rasputin e tudo, para o chão. Ele pulou para frente para arrebatá-lo antes de Rasputin atingir a areia. Ele disse: —O que no inferno é o problema com você?

A vampira enrolou um lábio para ele. —Relaxe, Wyr. O merdinha está em um período de estase¹⁴. Ele não teria sentido nada.

Rune estudou o cão que em suas mãos. O corpo de Rasputin estava lasso e quente sob o exuberante pelo grosso. Ele não estava respirando, mas Rune podia sentir a sua força vital, brilhando como um vaga-lume debaixo de seus dedos. Um colar metálico estranho em sua garganta zumbia com magia. Gentilmente Rune manipulou

¹⁴ Em medicina, estase significa o estado no qual o fluxo normal de um líquido corporal pára, por exemplo, o fluxo de sangue através dos vasos sanguíneos ou o fluxo do conteúdo intestinal através do trato digestivo. Para a medicina chinesa, estase é a retenção da energia vital em alguma parte específica do corpo. Também pode adquirir o sentido genérico de entorpecimento, paralisia.



uma de suas pernas. A carne era maleável sob os dedos, e o músculo delicado e osso flexionou facilmente. O cão não poderia sentir o impacto inicial, mas o feitiço de estase não teria impedido que ele fosse ferido na queda.

—Quanto tempo ele pode ficar assim? — questionou.

—Por algum tempo ou uns dois dias, até que o anel se desgaste e tenha que recarregar. É o mesmo feitiço que Carling usou para manter Tiago em estase quando ele estava sangrando até a morte. O cão não sabe de nada. Ele está perfeitamente bem, o que é uma pena.

Rune notou que a perna de Rasputin, que ele estava flexionando estava torta. Ele se curvou para colocar o cão com cuidado sobre a areia.

Então ele girou sobre o calcanhar e saltou para Rhoswen com um grunhido. Choque queimou em seu rosto. Ela tentou saltar de volta, mas ele era muito rápido para ela fugir.

Ele fechou uma mão em seu pescoço magro, levantou-a do chão e sacudiu-a com força. Seu corpo estalou para trás. Seus olhos vermelhos queimaram, com a boca escancarada e as presas saltaram. Assim como suas garras. Ela passou em seu antebraço, cinzelando sulcos profundos até que seu sangue espalhou sobre a areia.

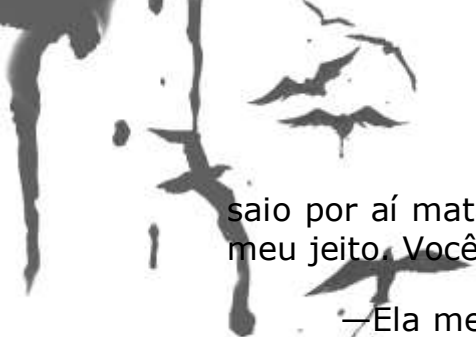
Ele ignorou-o quando puxou a Vampira para mais perto e disse em seu rosto distorcido: —Porra, cresça, sua puta petulante!

Suas garras cavaram mais fundo. Ele sentiu o raspar quando ela bateu no osso. Rhoswen sussurrou: —Eu dei-lhe tudo.

—Oh, você não fez. — Ele disse, irritado. Ele bateu-a para o chão com tanta força que pôde ouvir, bem como sentir pressão alguma coisa em seu corpo. Um grito estrangulado quebrou dela. Suas costas arquearam quando ela tentou virar para fora de seu domínio. —Cale-se. Você vai se curar. O que é mais do que eu posso dizer sobre Rasputin, se ele tivesse quebrado o pescoço quando caísse.

—Vamos. — Ela engasgou. Ela agarrou seu braço novamente. —Você não se importa com essa horrível deformidade mais do que eu.

—Eu o entendo melhor do que você pensa. Ele é um cão alfa. Não há nada de errado com ele, que algum treinamento de obediência não corrija. — Ele se inclinou sobre ela. —Eu também não



saio por aí matando ou mutilando só porque as coisas não saíram do meu jeito. Você recebeu uma carta de demissão. Supere.

—Ela me jogou fora como lixo. — Lágrimas brilhavam no olhar vermelho da vampira.

—Ela fez, sabe. Fez mesmo. — Ele revirou os olhos. —Carling tem sido extremamente paciente com você, considerando. Interrompendo-nos na casa de campo? Batendo a porta em nós como uma maldita adolescente? Você estaria feliz agora se tivesse ferido seu cachorro.

Rhoswen não disse nada, mas ele podia ver a verdade em seus olhos. Ela queria machucar Carling e tinha, com toda a seriedade, esperado que Rasputin fosse ferido.

—Você sabe. — ele disse. —Dragos teria fatiado você por agora, se você tivesse agido em torno dele da forma como tem agido em torno de Carling.

Rhoswen olhou para ele com ódio. Ela cuspiu. —Ela apenas se livrou de mim quando você veio.

—Você foi amante dela? Será que ela traiu você? — Ele fez uma pausa.

Rhoswen olhou para ele, mas permaneceu em silêncio.

Rune disse: —Eu vou tomar um palpite e dizer que é um não. Será que ela realmente teria que se livrar de sua serva só porque eu vim junto? Aguarde, aqui vem ele novamente: não.

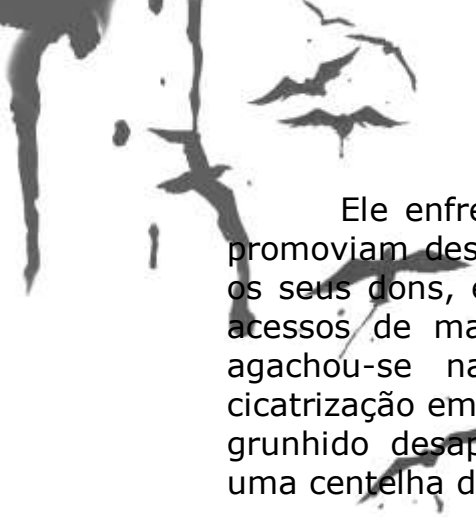
—Carling precisava de mim. Ela não tinha mais ninguém. Você mudou tudo isso.

Ok, isso estava ficando um pouco desequilibrado para ele. Ele disse: —Eu posso ver que não faz sentido falar com você. Aqui está o que vamos fazer.

Ele mudou seu poder sobre ela, agarrando-a pelo braço e perna. Ela tentou fugir novamente, contrariando seu corpo duro, mas ele a segurou com facilidade quando se levantou. Em seguida, ele a jogou pela praia e caminhou atrás dela quando ela caiu de ponta-cabeça na areia.

Rhoswen se conteve e veio em suas mãos e joelhos. Quando ele se aproximou, a vampira assistiu com uma astúcia animal, todos os vestígios da humanidade desapareceram de suas feições distorcidas.





Ele enfrentou-os muitas vezes antes, crianças poderosas que promoviam desordens como Godlings¹⁵ bêbados, irresponsáveis com os seus dons, enquanto brutalizavam criaturas mais vulneráveis em acessos de mau humor. Rune não tinha paciência para isso. Ele agachou-se na frente dela, inclinou-se com o antebraço em cicatrização em um joelho e considerou-a calmamente. Aos poucos, o grunhido desapareceu de sua expressão, para ser substituído por uma centelha de medo.

Ela sabia melhor do que tentar atacá-lo, mesmo que ele pudesse ver o quanto ela queria. Ele disse: — Você foi boa para Carling no passado, por isso, mesmo que eu esteja tentado, não vou te matar. Você vai sair agora, e talvez um dia você perceba que a vida não é tudo sobre você. Então, novamente, talvez não. Eu realmente não dou a mínima de qualquer maneira. Mas o que você vai fazer é ficar bem longe de ambos, Carling e do cão, porque se você não fizer isso, eu vou rasgar os membros de seu corpo e queimá-los em uma pira, enquanto você assiste. Vampiros podem viver por muito tempo dessa maneira.

Ela sussurrou. —Você não faria isso.

Ele ergueu as sobrancelhas. —Eu faria.

O medo em seu rosto ficou. Ele viu que por fim a tinha sacudido. Rune realmente não sabia por que as pessoas sempre se esqueciam que ele tinha esse lado.

—Eu não posso nem dizer adeus? — Ela nem sequer tentou puxar o cartão de desculpas ou apelar para sua melhor natureza, ela só perguntou a ele com uma voz monótona, prosaica, quando seu olhar vermelho e fascinado, agarrou-se ao seu.

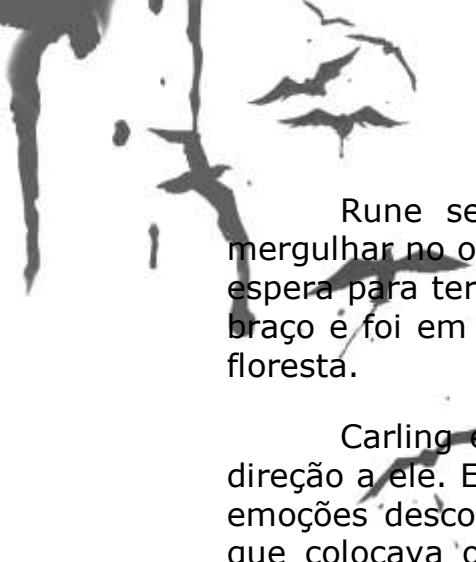
—Não. — ele disse. —Não depois da merda que você tirou. Eu não confio em você agora. Se eu vir você de novo, vou te matar. Sem desculpas, sem conversas, sem segundas chances. Nós nos entendemos?

Ela sustentou seu olhar quando levantou os dedos à boca e lambeu de seu sangue.

—Nos entendemos muito bem, eu acho. — Rhoswen disse.



¹⁵ Deuses inferiores, pequenos.



Rune se levantou, as mãos nos quadris e viu a vampira mergulhar no oceano. Ela não ressurgiu. Depois de vários minutos de espera para ter certeza, ele pegou o cachorro, colocou-o na dobra do braço e foi em busca de Carling. Ele a encontrou no caminho para a floresta.

Carling estudou Rune curiosamente, enquanto caminhava em direção a ele. Ela estava ficando quase acostumada com a mescla de emoções desconhecidas que começavam tumultos, no momento em que colocava os olhos sobre ele. Ele estava sem camisa, vestindo apenas jeans, botas e a cascata de prata brilhante do luar, seu poderoso corpo se movia com fluida graça felina. Seu peito estava pesado com os músculos de um espadachim, um leve salpico de pelo descia como uma seta pela extensão de seu abdômen tenso.

Ela não tinha pulso acelerado para ele detectar, e colocou as mãos atrás das costas para esconder o quanto elas começaram a tremer quando ele se aproximou. Então, Carling sentiu o cheiro de sangue rico em ferro, sangue dele, e notou pequena a forma de Rasputin em seus braços e rapidamente foi correndo em direção a eles.

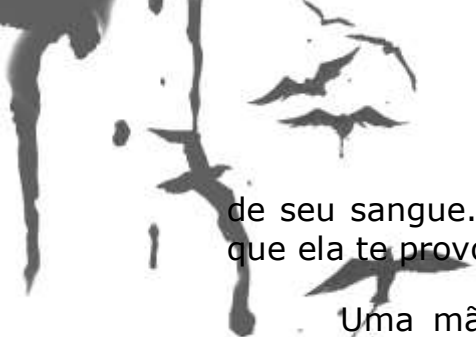
Quando ela chegou, ele disse em uma voz calma: — Não se preocupe. Está tudo bem.

Ela tocou Rasputin e examinou o cão e a coleira mágica mesmo enquanto procurava Rune com o olhar. O cachorro estava bem, o colar funcionando como deveria. Ela tentou não ser afetada pelo jogo de sombras ao longo do torso nu de Rune, mas achou que seria impossível. Ele não tinha suavidade em qualquer lugar, nem mesmo um pingo do estofamento extra que a civilização dava a tantas criaturas. Ele era todo sulcos e depressões, a flexibilidade grossa de seus músculos duramente usados sob o fluxo de pele. Mesmo que ele estivesse relaxado ao lado dela, sua respiração lenta e sem pressa, a força de sua presença dava um soco no ar.

Então, ela descobriu as marcas. As pontuações longas tinham o comprimento de seu antebraço. Eram fracas ao luar e desapareciam rapidamente. Ela tocou e correu os dedos levemente ao longo de sua pele. Eram marcas de garras, feitas por uma mão muito similar em tamanho à dela. A raiva trancou seu corpo. Ela disse: — Rhoswen fez isso.

— Não é nada. — ele disse.

— Isso não é “nada”. — ela murmurou. As feridas tinham sido profundas, talvez até o osso. O cheiro forte de sangue pairava no ar. O cheiro era tão intoxicante quanto ela imaginava que seria o gosto



de seu sangue. Ela viu que ele tinha sangrado em seu jeans. —Será que ela te provou?

Uma mão de dedos longos veio sob o queixo. Ele aliviou o rosto. Sua cabeça estava inclinada sobre a dela, sua expressão suave, as características magras pacíficas, os olhos claros de leão.

—Você está para explodir¹⁶, querida. — ele disse suavemente. Ela estava. Ele podia sentir em sua mente a fúria espalhando através de sua aura.

—Ela te provou?

Rune foi parado, olhando, sua expressão presa. Então, sua linda boca esculpida levantou nos cantos, só um pouco. Ele disse: — Ela provou o sangue em seus dedos.

Os grandes olhos escuros Carling brilharam vermelho-rubi na luz prata da lua.

Rune pegou pelo braço quando ela se dirigiu para a casa. —Ela se foi. Eu já a chutei para seu caminho.

Carling lutou para aceitar o que ele disse. A raiva era uma força dominante, com vida própria. Ela contrariou sua tentativa de controlá-la.

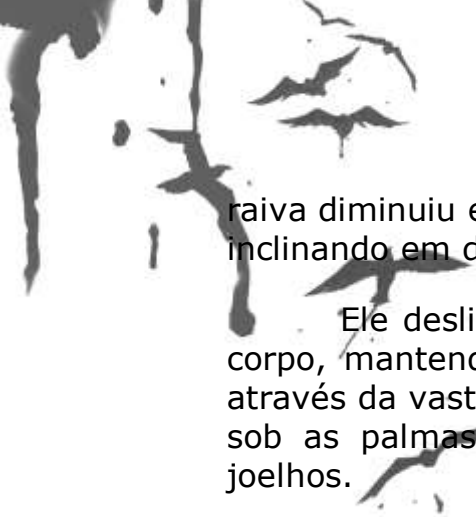
—O que ela fez?

—Ela estava entregando-se à vingança mesquinha. — Rune disse a ela. Ele levantou a mão para virar seu rosto para ele. Seu sorriso tinha desaparecido. Ele olhou sério. — Eu avisei a ela para ficar longe, por isso, se a vir, não confie nela, Carling.

—Eu não vou. — ela disse.

Rune deslizou os dedos no cabelo pesado em sua nuca e inclinou a cabeça. Carling já estava erguendo o rosto quando ele lhe deu um beijo suave e persistente. Toda a paixão de antes ainda estava lá, ainda ardente, sob a gentil carícia lenta. O prazer do beijo, por si só, permitiu a ela relaxar e se divertir muito. Nenhuma das memórias distantes de suas experiências sexuais anteriores criara esta dimensão. Os prazeres do sexo pareciam superficiais, e os poucos amantes que ela tinha tomado eram muito egocêntricos, tanto que ela se entediou e parou completamente de tomar amantes. Intrigada com o conceito estranho de afeto sexual, ela moveu os lábios experimentalmente sob os dele. A borda serrilhada de sua

¹⁶ A frase aqui é “You’re smoking around the edges”, com diversas interpretações de “tempestade em copo de água” à “soltando fogo pelas ventas”.



raiva diminuiu em um suave murmúrio de prazer. Ela encontrou-se se inclinando em direção a ele, inclinando seu rosto ainda mais.

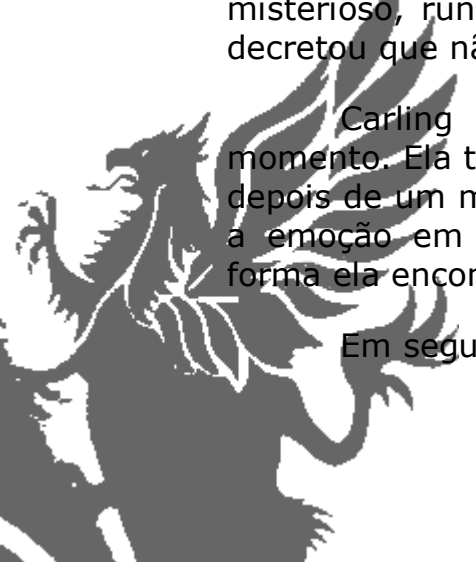
Ele deslizou o braço livre em torno dela e puxou-a contra seu corpo, mantendo o beijo fácil. Carling estendeu as mãos achatadas através da vasta extensão de seu peito, e a sensação de sua pele nua sob as palmas das mãos era tão erótica, que ela quase caiu de joelhos.

Tão quente quanto sua raiva tinha brilhado, isto brilhou mais quente. Ela sentiu como se tivesse passado fome por uma eternidade, presa em uma negra masmorra sentindo privação por tanto tempo que estava apenas começando a perceber o quanto sua alma estivera gritando. Ela quebrou em um espasmo de tremores incontroláveis e se encontrou segurando-o com força. Um som saiu dela e ela ficou chocada de novo, pois não era como nada que ela pudesse se lembrar de ter ouvido se fazer antes, um gemido áspero, abalado.

—Shhhh. — Ele sussurrou e esfregou suas costas suavemente quando beijou o canto de sua boca, seu rosto, sua têmpora. Rune a abraçou com força contra si. Ele era muito mais alto, e tão estável em sua força, ela podia imaginá-lo de pé em apenas uma atitude tão relaxada, enquanto montanhas caíssem em torno dele. —Nós vamos chegar lá, querida. E vai ser melhor do que tudo. Eu prometo.

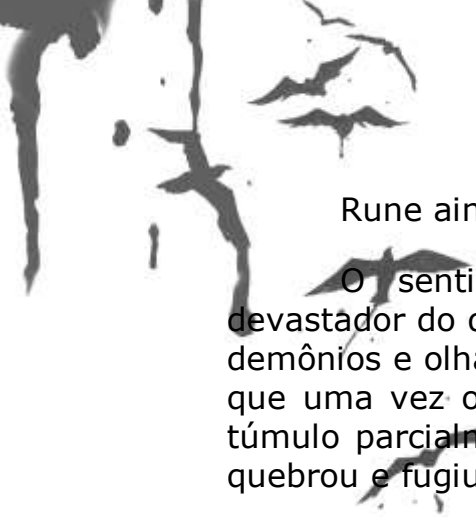
Foi um momento suave, carinhoso e tão completamente devastador. Carling virou o rosto de sua boca acariciante quando ela não queria nada mais do que se apoiar contra ele e absorver tudo, seu cheiro e sua presença, o seu fácil carinho confiante, aquele rugido silencioso de energia que continuamente o preenchia, esse eterno pilar elementar da chama da criação.

Todo esse tempo ela havia trabalhado na aquisição do Poder. Todo esse tempo ela tinha sido governada por ambição. Todos esses séculos que tinha vivido em uma viagem tão longa e ainda fugaz, e aqui estava ele segurando tudo o que ela tinha se esforçado par chegar, sem se esforçar, continuamente aprendendo a ser melhor, não lutando para adquirir qualquer uma delas. Ele era apenas misterioso, runa mágica, o enigma de uma criatura que a natureza decretou que não devia ser capaz de existir, e ainda assim ele existia.



Carling endureceu sua espinha, preparando-se contra o momento. Ela tentou endurecer os joelhos e ficar por conta própria e, depois de um momento, ela conseguiu fazê-lo. Ela lutou para impedir a emoção em cascata, para reafirmar seu controle, e de alguma forma ela encontrou uma maneira de fazê-lo.

Em seguida, ela passou a olhar para baixo.



Rune ainda estava abraçando seu cão na dobra do braço.

O sentimento selvagem subiu de volta, maior e mais devastador do que antes, e ela, a mulher que tinha negociado com os demônios e olhado para monstros, que aconselhou faraós e criou reis, que uma vez olhou para as sombras cheias de poeira de seu vazio túmulo parcialmente construído e disse que não, eu não vou lá, ela quebrou e fugiu.

O corpo de Rune entrou em um aperto enquanto observava a delicada figura de Carling escapando e seus olhos se estreitaram. Ele respirou profundamente o ar fresco da noite, lutando contra seu instinto de ir à caça. Depois de alguns momentos, ele continuou em um ritmo mais lento.

Sua batalha foi duramente conquistada, porque todos os seus instintos estavam rugindo para ir atrás dela. Ele queria arrastá-la para o chão, cortar a horrível túnica miserável e lançar-se em seu corpo nu. Ele queria ver seu rosto enquanto ela gozasse com ele dentro dela, ele queria chegar ao clímax, enquanto observava seu belo rosto. Ele se sentiu imenso, cheio até estourar e duro como uma rocha. Sua ereção tensa contra o zíper de sua calça jeans, e ele quase gozou com apenas o toque de suas mãos deslizando em seu peito, com o pequeno gemido quebrado e necessitado que Carling, tinha feito contra sua boca.

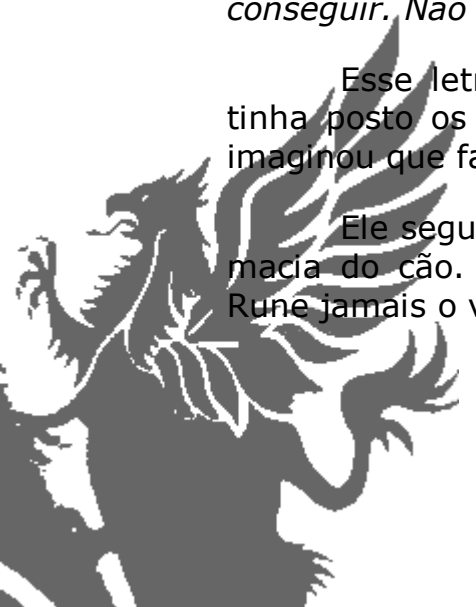
E a maneira como seus olhos se transformaram, tão bonitos em um assustador vermelho rubi, quando ele tinha sido ferido foi apenas foddidamente adorável. Rune desejou que tivesse visto suas presas descerem também. Elas provavelmente não faziam mais isso, já que ela já não se alimentava de nutrição física.

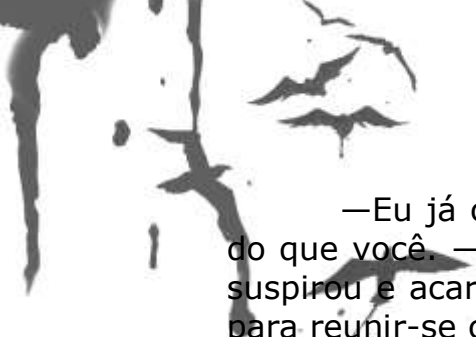
Mas era uma espécie de dica importante quando uma senhora fugia de um cara.

Que dizia algo, dizia. Era uma placa que dizia: *"Aborde com cautela. Rocha caindo à frente. Manuseie com cuidado. Você chegou até aqui com ela, muito mais do que jamais pensou que iria conseguir. Não foda explodindo agora, filho."*

Esse letreiro foi um dos mais movimentados em que ele já tinha posto os olhos. Tinha um inferno de um monte de texto. Ele imaginou que fazer uma pausa para ler tudo isso era uma coisa boa.

Ele segurou Rasputin mais alto em seu peito e acariciou a pele macia do cão. Este estava, provavelmente, mais silencioso do que Rune jamais o vira.





—Eu já comi criaturas que eram muito maiores e mais durões do que você. — Ele disse ao cão. Em seguida, ouviu o silêncio. Rune suspirou e acariciou o pequeno corpo quente de Rasputin, e avançou para reunir-se com Carling na praia.

Ela estava de pé na beira da praia, segurando-se pelos cotovelos e olhando sobre a água. Ela tinha guardado todos os sacos no recipiente à prova d'água. Ela parecia tão bonita, solitária e defensiva. O coração de Rune se derreteu e seu pênis endureceu, e Nossa Mãe, se isso não fosse o suficiente para confundir um cara, ele não sabia o que era.

Ele pesava suas opções e decidiu parar a poucos metros de distância, não muito longe, mas não perto o suficiente para assustá-la também. Então ele se virou para olhar sobre a água, enquanto tentava descobrir se ele tinha outras opções disponíveis. Outra ação de sua parte parecia indesejável no momento, porque ele não tinha certeza do que poderia fazer Carling fugir novamente.

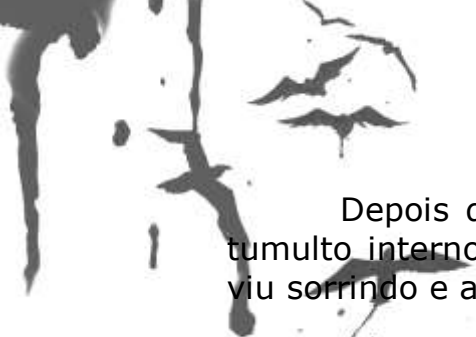
Então Rune se levantou e esperou, e tentou esconder o quanto era ganancioso, quando respirou fundo para pegar trechos de seu perfume no vento. E ele queria com toda a sua força colocar os braços em volta dela e abraçá-la, apenas fodidamente abraçá-la, apenas descansar a cabeça em seus ombros bem torneados e delgados, senti-la deslizar os braços em volta de sua cintura enquanto o abraçava, mas a porra do letreiro estava gravando em seu coração, mais texto. Agora lia: *"Ainda não, filho. Você não pode ir lá ainda."* Assim, ele acariciou o cão, e não fez nada.

Finalmente Carling se virou. Ela deu a Rune um olhar confuso. Ela não se sentia capaz de descobri-lo no momento. As linhas limpas do seu perfil, com as maçãs do rosto, o nariz ousado e forte, a mandíbula magra, foram claramente delineada contra a espuma agitada do mar. Ele parecia tão paciente e calmo, tão completamente em desacordo com a bagunça que estava agitando, tumultuada, dentro dela. Ele olhou como se estivesse preparado para ficar lá e esperar para sempre pelo que ele quisesse.

Em vez de se virar de frente para ele, virou-se para trás. Carling olhou para a expansão escura de sua decrepita casa gótica e se perguntou se jamais a veria novamente. Ela sentiu uma pontada e deixou-a ir, e foi em outra libertação.

Ela olhou de volta para Rune. —Pronto. — ela perguntou.

Ela o viu respirar fundo e acenar de cabeça. —Sim. — disse ele. Ele se virou para ela. —Você?



Depois de todo o melodrama de Rhoswen, todo o choque do tumulto interno de Carling, ele veio a isso. Sim. De repente, ela se viu sorrindo e acenou com a cabeça.

Ele caminhou, e lá estava ele. Houve um instante em que ela queria tomá-lo e mantê-lo para sempre, com a maneira calma que ele tinha de mover seu grande corpo, a intenção expressa em seus olhos quando ele olhou para ela, que estava muito em desacordo com a sonolência enganosa em seu rosto bonito e ela percebeu que seu olhar de sono relaxado era quando ele estava à espreita e mais perigoso.

Ela sussurrou: —Você não me engana.

Ele deu a ela seu lento, famoso, de parar o coração, sorriso de estrela do rock. —Você pensa demais. Onde quer o seu cão?

Carling tomou Rasputin, envolveu-o na camiseta arruinada de Rune e colocou-o suavemente dentro do saco à prova d'água. Rune esfregou seu pescoço novamente e estremeceu enquanto observava. Ela disse: —Você sabe, é perfeitamente seguro para ele viajar dessa forma.

—Eu entendo. — disse ele. —Ele não precisa respirar agora. Apenas parece perturbador.

—Além de usar uma pequena máscara de mergulho, eu não consegui pensar em nenhuma maneira de fazê-lo atravessar. — Ela acariciou as orelhas do cão. —E desta forma ele não será afligido pela viagem. É como tirar um cochilo em um passeio de carro. Ele só vai dormir e acordar em outro lugar.

O rosto de Rune suavizou. —Você o ama.

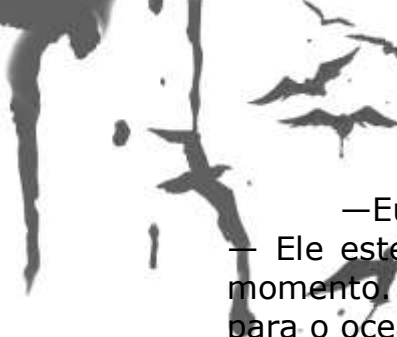
Ela manteve a cabeça baixa enquanto garantia que estivesse preso. —Eu não sei. Eu acho.

— Você o ama totalmente. Ele é o seu cachorrinho de estimação.

Ela bufou uma risada. —Sim, eu acho que ele é.

—Quem o manteve quando você e Rhoswen viajaram para Adriyel? — Rune pegou o recipiente por sua cinta e atirou-a sobre um ombro.

—Meus empregados cuidam dele quando viajo. Mas eu não acho justo pedir a eles o tempo todo, e é por isso que pedi a Rhoswen para contratar alguém para cuidar dele. Porém, por agora, acho que devemos deixá-lo na casa da cidade, quando voltarmos.



—Eu concordo. Irá nos permitir fazer o que precisa ser feito.
— Ele estendeu sua mão livre para ela. Ela hesitou por apenas um momento. Em seguida, ela colocou a mão na dele e eles caminharam para o oceano juntos.

A água estava fria o suficiente para enviar um ser humano desprotegido à hipotermia dentro de minutos. Rune achou tão refrescante quanto imaginou. Melhor do que um banho frio. Ele estimou que a passagem de cruzamento que corria ao longo da fissura no fundo do mar tinha uma profundidade de cerca de 600 pés¹⁷. Estava muito escuro, mas o cruzamento brilhou claramente à frente em sua mente.

Ele refletiu sobre a experiência enquanto nadavam para a passagem. Era totalmente familiar. Subaquática ou terrestres, ele tinha atravessado passagens como essas inúmeras vezes, antes. E era quase exatamente como a experiência de cruzamento ele teve durante os episódios de Carling, com exceção de que o sentimento fora inclinado, como se dobrasse um canto.

Ou talvez fosse mais como dobrar um pedaço de papel. Para um evento tão dramático, a imagem era um pouco chata e prosaica. Mas ainda havia algo nela, um ajuste intuitivo que o atraía. As duas partes do papel dobrado existiram lado a lado tão perto que se tocavam. Uma parte do papel era o presente. Quando ele cruzou para o passado de Carling, ele estava viajando em torno da dobra, pequena, apertado para estar do outro lado.

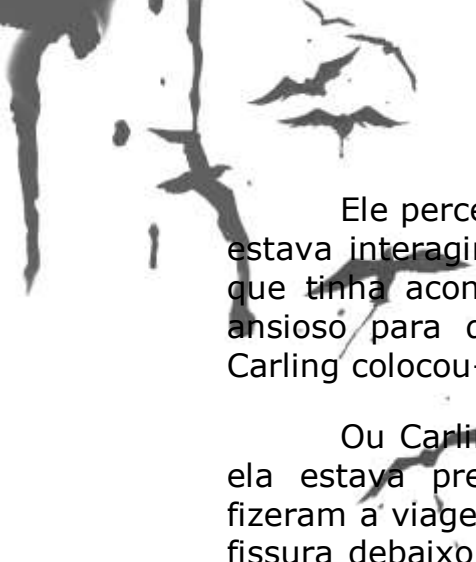
Só que a analogia quebrou quase imediatamente, porque teria que ser um número incontável de dobras possíveis no papel para contar cada momento no tempo. Mas ainda havia algumas coisas para o conceito de viajar por uma curva que era tão incrivelmente pequena e apertada, que não assumia absolutamente nenhum espaço em tudo. Isso fez sentido para ele de uma forma, por que...

...porque sentia o conceito como se fosse uma direção que ele poderia realmente seguir.

Se Rune já não tivesse estivesse assim, teria prendido a respiração.

Esse sentimento poderia muito bem ser uma ilusão. Rune não tinha nada para baseá-lo. Ele poderia muito bem estar se jogando de um penhasco desconhecido na escuridão absoluta, ele sentia o perigo. Mas estava muito interessado em levar esse sentimento em um próximo episódio com Carling.

¹⁷ 182,88 m



Ele percebeu que estava começando a acreditar que realmente estava interagindo com o passado, o passado real, e não apenas o que tinha acontecido a Carling, em sua própria mente. Ele estava ansioso para descobrir o que o maldito Gênio descobriu quando Carling colocou-o na tarefa de encontrar a faca de Rune.

Ou Carling sentiu que ele estava imerso em pensamentos, ou ela estava preocupada com os próprios pensamentos, pois eles fizeram a viagem em um silêncio quase completo. Depois de seguir a fissura debaixo d'água e completar a passagem, eles chutaram para cima. Do outro lado, ao longo de luz ondulada da superfície da água. Os pulmões de Rune tinham começado a queimar no momento em que atingiu a superfície em um pálido e frio nevoeiro que envolvia o dia.

Eles chutaram água enquanto se moviam. Rune perguntou: — Como outros Vampiros fazem a travessia em segurança quando você nunca sabe o tempo que vai ser do outro lado? O rosto de Rhoswen, as mãos e parte de seus pés foram expostos.

Carling empurrou o seu cabelo encharcado de seus olhos. Ela começou a nadar, e Rune chutou ao lado dela.

—Eles podem tomar precauções e se vestir de modo que estão completamente cobertos antes de fazer a travessia. — Carling disse. — Há também um túnel subaquático aqui, e uma caverna do outro lado. Quando eles vêm acima da passagem, eles têm tempo de sobra para ver se há ou não luz do dia. Então, eles podem ficar debaixo d'água e nadar, para o túnel ou a caverna. Deste lado, o túnel faz parte de um antigo sistema de esgoto da cidade.

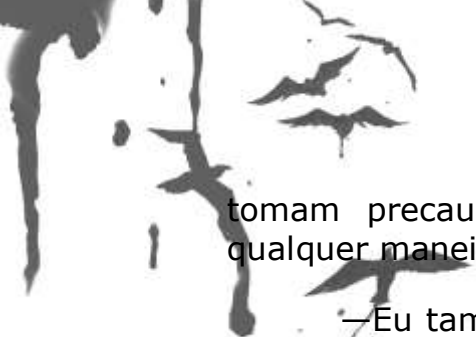
—Eu ouvi histórias sobre velhos túneis secretos sob San Francisco. — Rune disse. — Supostamente não são de Vampiros, mas abrigos de ópio.

—A maioria das pessoas acha que as histórias são lendas urbanas, mas são reais. Eles não são seguros e não é apenas por causa de Vampiros e viciados em drogas, mas criaturas perigosas que vivem nesses túneis.

—Impressionante. — Rune disse. — Soa como um divertido local de férias.

Carling balançou a cabeça. Ele era irremediável. Ela disse: — O túnel particular que eu estou falando é bastante simples. Ele leva a um edifício no nível da rua com janelas bloqueadas para fora. A maioria dos vampiros não toma a chance de que algo possa acontecer na água e os deixar flutuando expostos à superfície, assim





tomam precauções extras e enrolam-se da cabeça aos pés de qualquer maneira.

—Eu também. — Rune rolou na água. —Você sabe, é um bom dia para um mergulho e tudo, mas se você for corajosa, eu posso nos levar à costa muito mais rápido.

Ela olhou para ele interrogativamente. —Eu sou corajosa.

Ele chutou em torno de modo que estava de costas para ela. —Coloque seus braços em volta do meu pescoço.

Rune quase gemeu em voz alta de prazer quando ela passou os braços frios em volta de seu pescoço e o corpo curvou roçando contra ele. Ele entregou a alça do saco e Carling disse: —Sair da água deve ser extenuante.

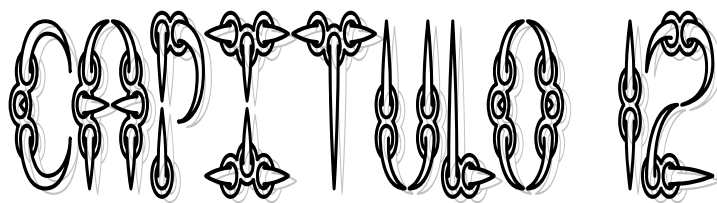
—Não é a maneira mais suave de entrar no ar. — ele disse. — Portanto, mantenha-se firme.

Seus braços apertaram, o que pressionou os seios contra suas costas, e seu pênis endureceu novamente, apesar do mergulho frio. Ele balançou a cabeça com força, de modo que gotas voaram. Então ele chutou em um mergulho, se movendo mais rápido e mais duro quando mudou para sua forma Wyr. Ele esperou até que a sentiu encontrar seu lugar em suas costas, os braços ainda apertados em volta do pescoço da águia quando agarrou-o com os joelhos. Então, com um enorme suspiro, ele pulou para fora da água, quando suas asas gigantes desfraldaram e bateram para baixo várias vezes, forte e rápido.

Ele não tinha exagerado. Não era o mais suave caminho para um Grifo decolar. Ele, basicamente, teve que rasgar seu corpo maciço através da água com pura força e velocidade, mas dentro de momentos ele os tinha transportado por via aérea. Carling riu enquanto ele trabalhava em uma subida íngreme e as altas linhas espectrais da Ponte Golden Gate apareceram no nevoeiro à frente deles. Rune sorriu ao ouvir a risada. Ela parecia tão despreocupada e cheia de alegria, tão diferente da intensa mulher de espírito escuro que se encontrou com ele em seu grande salão apenas alguns dias atrás.

Então, ele inclinou e girou em uma curva, e eles voaram para a cidade.





Carling não conseguia se lembrar da última vez que sentira tão intensa alegria. Em sua forma de Grifo, as costas com músculos felinos de Rune eram tão largas que não poderia conseguir um controle estável o suficiente com as pernas. Ela puxou a alça da bolsa maior em seu ombro, manteve o aperto em seu pescoço enquanto engatava a frente até que estivesse sentada com mais segurança sobre os ombros e pôde prender a base de seu pescoço entre os joelhos. Só então ela abriu a bolsa para tomar Rasputin e abraçá-lo na curva de seu braço, mas não iria remover o colar de estase até que estivessem em segurança em terra. Ela olhou para a flexibilidade poderosa das gigantescas asas de bronze de Rune batendo firmemente de ambos os lados.

—Você está bem aí atrás? — Rune perguntou.

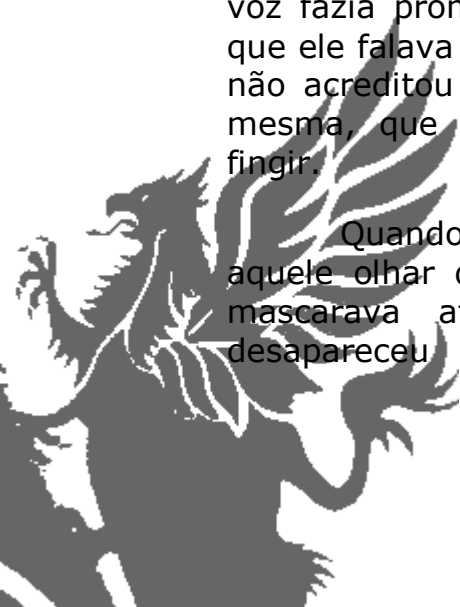
Sua voz profunda era um sino de clarim que zumbia entre suas pernas.

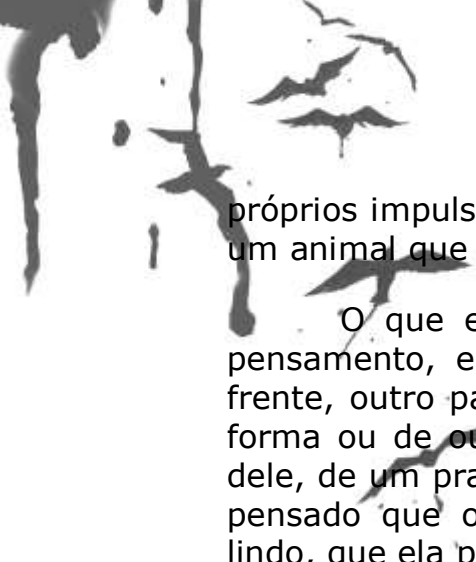
—Estou perfeita. — Carling disse. —Eu estava ficando em uma posição mais segura.

—Não se preocupe, querida Carling. — ele disse. — Eu não vou deixar você cair.

Querida Carling. Ela encontrou-se sorrindo. Tanto quanto carinhoso era verdadeiramente horrível. Só ele poderia tirar algo tão ridículo com aquela gentil, acariciante, provocante nota em sua voz profunda, que a convidou a rir junto com ele da bobagem dela. Sua voz fazia promessas extravagantes, íntimas. Promessas que diziam que ele falava dessa forma apenas com ela, ela e nenhuma outra. Ela não acreditou nisso por um momento, embora confessasse para si mesma, que secretamente em seu coração, era muito agradável fingir.

Quando ele viria atrás dela de novo? Quando ela ia virar e ver aquele olhar de intenções em seus olhos, que ele tão habilmente mascarava atrás de uma expressão sonolenta? Seu sorriso desapareceu quando a excitação queimou novamente, e seus





próprios impulsos predatórios agitaram, como o esticar preguiçoso de um animal que estivera por muito tempo adormecido.

O que ele faria se ela fosse atrás dele? Caling gostava do pensamento, eles perseguindo, um ao outro, um movimento para frente, outro para trás, puxando até que o último atacasse. De uma forma ou de outra, eles se tornariam amantes. Era outra promessa dele, de um prazer tão surpreendente que tocaria sua alma. Ela tinha pensado que os dias de ter um amante estavam distantes. Quão lindo, que ela poderia ser surpreendida.

Eles estavam molhados, e o vento frio cortava. Embora ela ansiasse calor, o frio não a machucava. Mesmo que o corpo de Rune rugisse com o calor e o esforço, o frio poderia ser desconfortável para ele.

Ela acariciou a parte de trás do seu pescoço elegantemente poderoso e sussurrou um feitiço. Uma onda de energia caiu sobre os dois, e então, de repente, ambos estavam secos.

—Mmm. — Rune começou a ronronar. —Isso foi bom.

—Eu pensei que você poderia estar ficando gelado. — Ela disse.

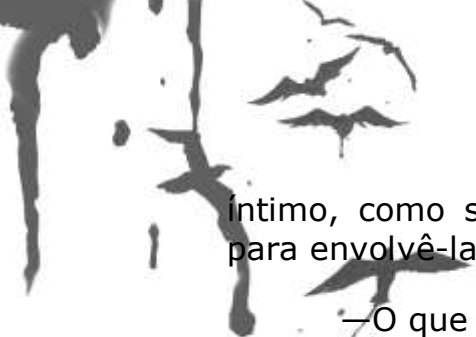
—Não estava, mas gosto quando você pratica magia em mim. — Ele disse roucamente.

Ela bufou. Ele estava claramente em um estado de espírito brincalhão. Sua diversão morreu ao se lembrar do modo escuro e calculista em que tinha pesquisado e planejado formas para atacá-lo. Parecia fazer sentido na época, mas agora o pensamento de jogar um feitiço ofensivo para feri-lo a fazia se sentir enjoada. Mesmo se, por algum motivo, Rune se tornasse seu inimigo, ela não pensou que poderia fazer isso com ele, não mais.

Uma vez ela tinha feito qualquer coisa para sobreviver. O que fosse preciso. Viver era a prioridade suprema. Agora, apesar de o tempo ter se tornado mais precioso do que nunca, uma vez que corria para fora, ela finalmente descobriu que havia coisas que eram mais importantes do que a sobrevivência.

Eles estavam úmidos de novo de voar rapidamente através da névoa espessa. A cidade estava coberta e indistinta, até que, de repente, eles estavam em cima dela.

Então Carling sentiu algo brilhar em torno deles. Ela endureceu, mas quase imediatamente percebeu que a sensação, o que quer que fosse, vinha de Rune. Parecia estranho, quente e



íntimo, como se ele tivesse de alguma forma expandido sua aura para envolvê-la em torno dela.

—O que é isso? — Ela perguntou. —O que você está fazendo?

—Estou nos camuflando. — Rune respondeu. —Eu deveria ter feito isso assim que decolei, mas eu estava distraído. O controle de tráfego aéreo do SFO¹⁸ provavelmente teria um acesso de raiva agora.

Carling levantou a mão e olhou para si. Ela ainda podia ver a si mesma, mas estava turva como se estivesse olhando através de uma janela antiga. Ela estudou Rune. Ele estava bem turvo como ela, mas perfeitamente visível. —Você tem certeza de que está funcionando corretamente?

Ele riu.

—Sim, eu tenho certeza.

—Eu ainda posso nos ver, — ela disse.

—Isso é porque nós dois estamos dentro do manto. Outras pessoas não podem nos ver, que é o ponto principal.

—Uh-huh. — Ela disse, olhando ceticamente a própria mão novamente. —É um truque bacana, se você não estiver puxando a minha perna¹⁹.

—Oh, vós de pouca fé. — Murmurou o Grifo. —Onde está a sua casa na cidade?

Carling olhou para o chão, enquanto lhe dava as direções. Estavam voando exatamente sobre o Presídio, no extremo norte de San Francisco. Originalmente um forte espanhol, tinha sido uma instalação militar por quase 200 anos. Agora era um parque público. Envolta na névoa que tinha rolado fora do oceano, as anciãs, bem cuidadas árvores, pareciam nebulosas, o chão abaixo era indistinto.

Ela suspirou.

—Eu diria que devíamos apenas ficar na minha casa da cidade, só que estou quase certa de que alguém na equipe é um espião e eu prefiro não informar a Julian cada movimento nosso. Ele não estará feliz, quando eu ligar para dizer a ele que eu voltei para a cidade. Tínhamos decidido que, agora minha condição é muito perigosa para eu estar rodeada de muitas pessoas.

¹⁸ Aeroporto Internacional de São Francisco.

¹⁹ Mentindo.



—Foda-se o Julian. — Rune disse. —Eu não me importo se ele está feliz ou não.

Carling suspirou novamente.

—Eu lidei com ele muitas vezes antes, quando ele escolheu ser desagradável, e vou lidar de novo se precisar, mas temos coisas mais importantes para nos concentrar do que colidir com Julian agora.

Rune parou por um momento. Ele continuou em uma voz mais suave, mais grave.

—Você está certa, é claro. Não temos que esfregar a sua presença no rosto de Julian. Desde que eu não sabia o que esperar quando cheguei aqui, consegui uma suíte disponível no Hotel Fairmont pelo tempo que eu pudesse precisar dela. Depois que deixar Rasputin, podemos ir lá. Sem dúvida vai haver espiões lá também, mas não vai ser o mesmo que aconteceria na intimidade de sua própria casa.

—Eu tenho certeza que você está certo. — ela murmurou. — Eu não me importo aonde nós vamos.

—Então, para o hotel. — Rune disse.

Ele subiu vertiginosamente, voando por cima dos prédios, e caiu para o canto da rua próximo a casa dela. As casas eram luxuosas, e a casa de Carling estava a poucos quarteirões da Market Street²⁰. Rune percebeu que sua casa seria uma caminhada fácil para os escritórios Turner e os Braeburn, e do Departamento de Imigração Nightkind. Que parecia muito conveniente para ser uma coincidência.

Ele pousou suavemente em seus pés e depois Carling deslizou para o chão, quando ele brilhou se transformando. Só então ele relaxou a camuflagem ao redor deles.

—Veja. — ele disse. —Ninguém nos viu.

Ela olhou em volta e riu. Tráfego estava todo ao redor, mas por algum truque do acaso, não havia veículos passando por eles no momento, e os pedestres mais próximos estavam a metade de um quarteirão de distância e caminhando em direção oposta a deles. O nevoeiro não era muito pesado, mas deu toda uma sensação de espaço e privacidade, que não poderia ter estado presente em plena luz do sol.

—Ninguém nos viu, meu querido Grifo talentoso, porque não há ninguém por perto para prestar atenção.

²⁰ Importante Avenida em São Francisco.



Ele olhou ao redor, seus olhos se estreitaram.

—Tudo bem, eu posso ver que você vai precisar de algum convencimento. Aqui, me dê isso. — Ele pegou a bolsa dela.

Ela caminhou pela rua com Rasputin nos braços, e Rune recuou alguns passos para que pudesse vê-la. Ela se movia com sua imperiosidade característica. Ela estava descalça e suja, o cabelo um emaranhado pelas costas, sua túnica em terrível desorganização, bagunçada e amassada. E não havia dúvida em sua mente, não poderia haver nenhuma dúvida na mente de ninguém que a visse, que ela era da realeza. Porra, era sexy.

Ela o levou até os degraus de uma elegante casa estilo Revival Mediterrâneo²¹ de quatro andares. Vagamente baseado na arquitetura do palazzo italiano, a fachada era simples, um ocre pálido elegante, com arco preto de ferro forjado nas janelas. Ela pegou a maçaneta da porta, falou uma palavra cheia de poder, e Rune ouviu o pequeno estalo quando a fechadura virou. Inferno de um truque útil, esse. Ela nunca tinha que se preocupar em perder a chave e se trancar para fora.

Rune seguiu para um espaçoso hall de entrada, com piso de carvalho reluzente e uma simples mesa antiga de salão tão bem construída que a Sotheby's²² teria babado sobre ela. Um vaso cheio de lírios frescos, era o único adorno. Carling indicou uma porta à direita.

—Sinta-se em casa. — Ela disse a Rune, enquanto caminhava pelo corredor. —Volto logo.

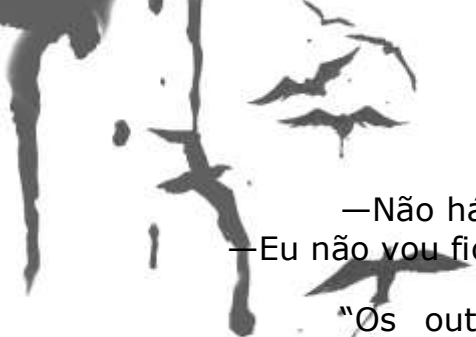
—Ceeerto, — ele disse. Ele passeou por um cômodo que era tão elegante quanto tudo o que tinha visto de sua casa. Ela continuou com o tema Mediterrâneo na decoração de interiores. A sala tinha paredes texturizadas, do século XIII, tapeçarias florentinas e obras de arte e mobiliário de couro cor de vinho. O estilo elegante de Carling por toda a parte.

Quando Rune abriu o saco para retirar sua mochila e a bolsa de couro de Carling, ouviu o som de passos rápidos que se aproximavam. Eram muito mais pesados que as pisadas suaves, quase imperceptíveis de Carling, sem dúvida, pertencente a um homem.

—Conselheira! — Sim, era um macho. —Que surpresa! O que posso fazer por você? Gostaria que eu acordasse os outros?

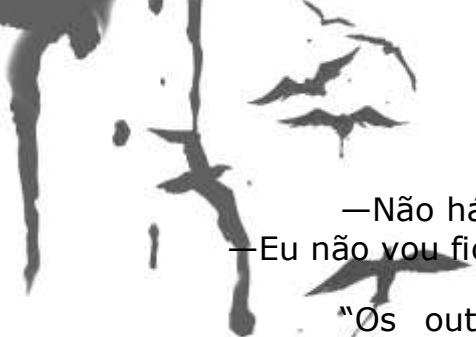
²¹ Estilo de design introduzido que incorpora diversas referências de Renascimento espanhol, espanhol Colonial, Beaux-Arts, Renascimento Italiano e arquitetura gótica veneziana.

²² É uma sociedade de vendas por leilão conhecida mundialmente, cuja sede principal está em Londres.



—Não há necessidade de incomodá-los, Rufio. — Carling disse.
—Eu não vou ficar.

“Os outros” deviam ser Vampiros, que era uma prática bastante comum em famílias Vampirais: ter um humano ou dois na equipe para cuidar de assuntos do dia.



Carling continuou.

—Eu demiti Rhoswen. Ela não está mais agindo em meu nome, nem é confiável. Ela pode vir buscar suas coisas, então você deverá ter tudo embalado e esperando por ela, mas não permita seu acesso à qualquer parte da casa sem supervisão, entendeu? Eu quero saber se ela se tornar um problema para você. Se ela o fizer, ou se sentir ameaçado de alguma forma, deixe-me saber e eu vou cuidar dela.

—Sim, senhora.

Surpresa, surpresa. Havia alguma coisa a mais na voz do macho, algo como alívio, ou era imaginação de Rune? Ele desejou poder ver o homem para que pudesse ter uma opinião sobre a expressão do outro macho, embora ninguém que Carling tivesse na equipe teria a capacidade de ser discreto.

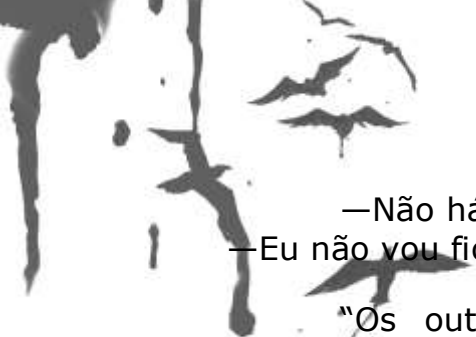
—Duas coisas mais, antes de eu ir. Primeiro, a equipe precisa cuidar de Rasputin por um tempo, enquanto eu cuido de um negócio inesperado. Rhoswen iria contratar alguém para cuidar dele, mas eu tive que deixá-la ir antes que isso acontecesse. Tenha Abelard procurando por alguém. Ele deve ter uma lista de nomes potenciais pronta para mim até o final da semana. Está claro?

—Sim, senhora. E qual é a segunda coisa?

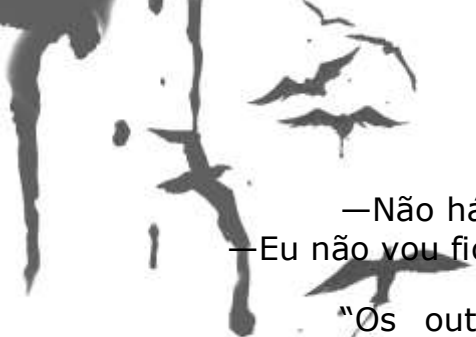
—Arrume algumas roupas e coisas para mim, e envie para o Hotel Fairmont.

—Sim, senhora. Imediatamente. Será que o homenzinho comeu recentemente?

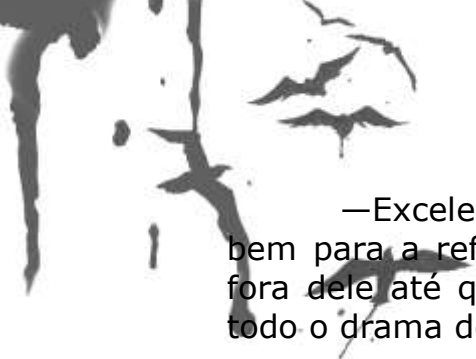
Homenzinho. Rune sorriu. Ele poderia vir a gostar desse cara Rufio.



—Ele deve jantar. Qual a data e o horário local?



Dado que a Outra Terra não estava em sintonia com o tempo de San Francisco, não era uma questão tão estranha como poderia ter soado. Rufio informou-lhe que era manhã de segunda-feira. Rune tinha partido na noite de sexta-feira, de modo a derrapagem de tempo não tinha sido tão ruim assim.



—Excelente. Dê-lhe um café da manhã tardio, e ele vai estar bem para a refeição da noite seguinte. Não tome o colar de estase fora dele até que partirmos. Não há necessidade de passarmos por todo o drama dele, quando eu sair de casa.

—Nós? Minhas desculpas, Conselheira. Eu não sabia que tinha um convidado para atender.

—Não tem. O Sentinela Wyr Rune Ainissesthai está comigo, e ele e eu estamos saindo.

—Muito bem, senhora. Terei algumas de suas coisas enviadas para o Fairmont em uma hora.

Rune revirou os olhos. Ele sabia exatamente quais coisas seriam. A previsão considerava as túnicas mais miseráveis com uma chance espalhada de dez por cento de preto clássico Chanel. Sapato, opcional. Maquiagem, inexistente.

—Alimente Rasputin primeiro, Rufio. — Carling disse.

—Sim, senhora. Claro. Há mais alguma coisa?

—Não, isso é tudo, obrigada.

Rune saiu da sala, seus dois sacos na mão, e encontrou Carling quando ela voltava. Ele olhou acima do ombro de Carling para o homem alto, de ombros largos, que da extremidade oposta da sala abraçava Rasputin e olhou para trás, seu rosto vivo com curiosidade. Rufio estava talvez próximo dos 40 anos de idade e bem constituído.

Claro que ele tinha que ser um homem de boa aparência, não é? Rune não tinha tanta certeza de que gostaria do outro homem depois de tudo. Ele encontrou seu lábio curvando e em vez de sugerir que Carling tomasse seu tempo e pelo menos tivesse um banho quente antes de sair, ele rosnou.

—Pronta para ir?

Ela olhou para ele com surpresa, mas se isso era pelo o seu tom de voz ou sua pergunta, ele não sabia.

—É claro. — Ele andou com ela pela porta da frente. Quando estavam fora, ela se virou para ele. —O que está errado?

Assim que a porta se fechou atrás deles, Rune começou a se sentir melhor.



—Nada. — ele disse. —Absolutamente nada. Por que eu não mudo de novo? Eu posso nos levar voando para Fairmont mais rapidamente do que qualquer táxi.

Carling franziu o cenho. Estava certa de que alguma coisa estava errada. No hall, ele havia queimado com agressão, mas o que quer que tenha o criado, a agressão fora embora agora. Ela colocou-o para fora de sua mente e encolheu os ombros.

—Tudo bem, se é o que você quer fazer.

Secretamente, Carling ficou emocionada. Ela mal podia esperar para voar com ele de novo. Ela compôs o rosto para esconder a excitação quando eles desceram para a calçada, ele entregou-lhe sua mochila e sua bolsa de couro, e brilhou na mudança. Pouco antes que mudasse, Rune camuflou-os novamente. Ela sentiu a onda repousar sobre os dois como um cobertor quente. Quando ela pulou em suas costas, ele apontou.

—E ainda, ninguém nos viu.

Divertida, ela bateu a parte de trás de sua cabeça elegante de água.

—Preste atenção. Não há ninguém por perto.

—Você quer mais provas? Eu vou ter que te dar mostrar mais provas. — Ele se agachou e se lançou.

O poder em seu salto ainda mais incrível quando ele os tirou da terra. Seu espírito foi lançado com ele, em uma trajetória reta em direção à alegria. Depois de uma subida íngreme, ele virou a cabeça na direção do hotel.

O Hotel Fairmont era um dos estreantes hotéis de luxo de San Francisco. Assentava sobre Nob Hill e tinha uma vista para a cidade e a baía, e tinha centenas de quartos e suites, três restaurantes e salões, salões de festas, salas de multimídia para conferências de negócios, lojas e um spa. Não era longe da casa de Carling, assim, em poucos minutos eles desembarcaram no hotel de espaçosos jardins bem cuidados, e Rune esperou até Carling deslizar de suas costas antes de mudar para sua forma humana.



Carling assistiu com fascinação quando ele percorreu a mudança novamente. Ela o tinha visto mudar algumas vezes agora, e ela ainda não conseguia entender o que acontecia. Desta vez, o borrão de sua alteração foi feita ainda mais indistinta pela camuflagem... Feitiço? Não, isso não parecia muito certo, já que não envolvia um encantamento... que ele mantinha em volta deles.



Então, ele estava em sua forma humana, novamente, com seu largo peito nu, horríveis jeans listrados de sangue e tudo.

Ele se aproximou para colocar o braço em torno dela e ela se apoiou nele.

—A propósito, como está se sentindo? — Ele perguntou. — Qualquer sugestão de um enfraquecimento se aproximando?

Ela balançou a cabeça.

—Eu estou bem.

—Bom. — Ele apertou seus ombros. —Veja isso, aqui está a prova. Nós desembarcamos, em público, eu estou meio vestido e ninguém notou. Agora Conselheira, você tem que admitir que não está certa.

Suas sobrancelhas se ergueram e ela riu. Ela deu uma olhada rápida ao redor. O nevoeiro soprou gavinhas vaporosas de branco ao longo das ruas. Ela podia ouvir e ver as pessoas e tráfego na distância, mas por algum truque do acaso, ninguém, mais uma vez, passou a estar nas proximidades.

—Isso é pura sorte. — ela disse. —Ninguém nos notou porque mais uma vez ninguém está prestando atenção. Eu não estou convencida.

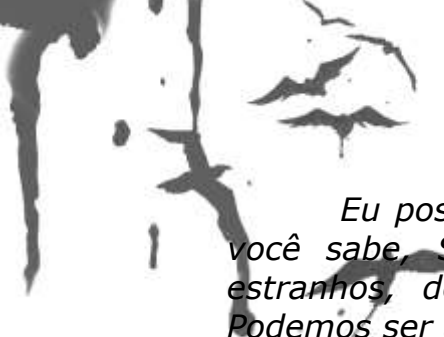
—Tudo bem. — ele disse. —Venha comigo. Apenas lembre-se de ficar quieta. A camuflagem funciona apenas no visual, não sobre os sentidos auditivos.

Ele pegou a bolsa dela novamente e atirou-as sobre um ombro, manteve seu outro braço ao redor dela, e eles caminharam para o sinalizado e bem iluminado pórtico na frente do hotel. Ela ficou em silêncio, observando a rua que estava ocupada com o tráfego barulhento e cheia de pedestres, quando Rune a guiou pela calçada. Desta vez, eles vieram mais perto de outras pessoas, e nenhuma olhou em direção a eles.

Mesmo com a neblina, o final da manhã estava muito claro para qualquer Noturno fotosensível, e não havia uma Vampira à vista. Todas as pessoas que passavam eram humanas.

Você está convencida agora? Rune perguntou telepaticamente.

Carling sorriu para si mesma. Ela gostava de andar pela rua com ele. Ela gostava de se moverem juntos e desfrutar do calor de seu poder, tão em volta dela. Ela gostava de seu cheiro, limpo e masculino. E talvez ela gostasse de provocá-lo um pouco.



Eu posso estar um pouco mais convencida do que antes. Mas você sabe, São Francisco mantém alguns pontos turísticos bem estranhos, desfiles de nudismo, o baile dos Vampiros Exóticos. Podemos ser apenas chatos.

Nunca, ele disse, apertando-lhe o braço sobre os ombros. *Nós nunca seremos chatos. Vamos entrar.*

Eles tiveram que parar para esperar que alguém passasse portas da frente, e então deslizaram atrás, Rune pedindo a Carling para ir na frente.

O saguão era enorme, cheio de móveis de brocados dourados, elevando-se com plantas em enormes vasos de chão, colunas de mármore com veios que sustentavam um teto de dois andares de altura, piso de mármore polido brilhante com um padrão de ricas luzes creme. Também estava bastante movimentado, cheio de pessoas vestidas com roupas de grifes chiques e ternos sob medida. O saguão estava cheio de ruído aleatório, do tráfego da rua às conversas e trinados bruscos de riso, e o silvo imprevisível de toques de celular. Depois da relativa paz e tranquilidade da ilha remota, a civilização era chocante.

Rune habilmente guiou Carling para um lado junto à parede, onde havia um tranquilo espaço livre, fora do caminho de tráfego. Ele colocou suas malas no chão e ficou com os braços cruzados. Ele disse a ela, *Sinta-se livre para começar a elogiar a qualquer momento.*

Ela riu baixinho. O tráfego de entrada não era de todo humano. Um casal de Fadas da Luz fazia check-in no balcão, altas figuras esbeltas, com seus característicos cabelos loiros e orelhas elegantemente pontudas. As Fadas da Luz teriam a capacidade de sentir a magia, mas estavam ocupados com seus próprios assuntos e nunca notaram Carling e Rune. Ninguém olhou em sua direção. Ela tinha que admitir, ficou impressionada.

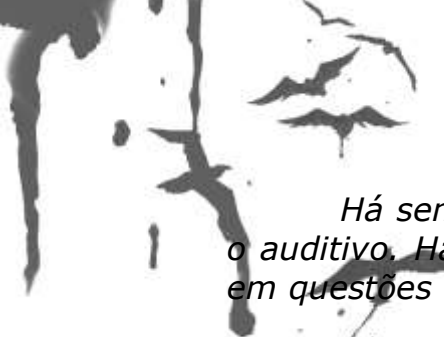
Não que ela fosse começar a elogiar, na sugestão. A águia nele era perfeitamente capaz de tratar suas próprias penas. Ela resmungou, *Ok, eu vou admitir que você possa ter alguma coisa aqui.*

Ele murmurou, *Enfim, o sucesso.*

Mas qual é o problema?



Ele olhou para ela. *Não há nenhum truque. Ninguém pode nos ver. Você poderia arrancar todas as suas roupas, saltar para cima e para baixo, e acenar seus braços, se quiser. Ninguém pode ver uma coisa que fazemos.*



Há sempre um porém, ela disse. E eu não estou falando sobre o auditivo. Há sempre uma desvantagem ou algum tipo de limitação em questões de magia e poder.

Você é apenas um tipo do copo-meio-vazio de menina, não é?
Ele levantou a cabeça, exasperado.

Menina, ela disse, ponderando sobre a palavra.

Muitíssimo uma menina. Rune girou e andou em um círculo ao seu redor. Ela virou a cabeça para localizá-lo. Seu poder mudou e apertou-a. Era um pesado sentimento sensual, tão vívido quanto uma carícia física. Rune moveu-se para trás dela, tão perto que seu peito pressionava contra as omoplatas de Carling, e suas mãos se aproximaram dela e enrolaram nos pulsos finos. As mãos a prenderam com firmeza, ao longo das costas e em volta dos dedos. Eram pesadamente calejadas pelo trabalho com a espada e trabalhos físicos. Ele acariciou seus braços levemente com dedos longos e hábeis. *Uma espinhosa menina bonita. A garota mais linda que eu já vi.*

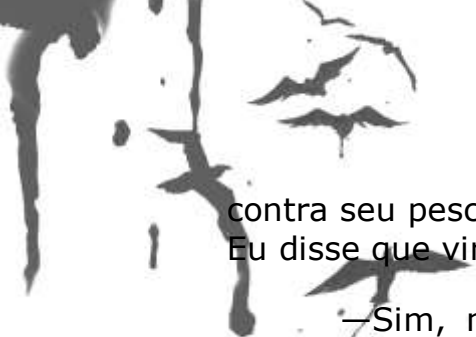
A fricção minúscula de seu toque levantou arrepios ao longo de sua pele nua, e ela estremeceu. *Eu aposto que você diz isso para todas as espinhosas meninas bonitas.*

Nunca. Eu nunca disse isso antes. Ele falou com tanta convicção que ela estava realmente tentada a acreditar nele. Rune pegou seus ombros e puxou-a de volta contra ele. Em seguida, ele se inclinou para colocar os lábios contra sua orelha e disse em um sussurro contra a delicada concha de carne: —Há um pequeno problema com a camuflagem. Qualquer pessoa com Poder pode olhar e ver um brilho onde estamos parados. Disseram-me que parece com uma névoa de calor emanando do asfalto. Mas isso só acontece se estiverem olhando na direção certa, no momento certo, e estão prestando atenção suficiente para questionar o que veem. E ninguém está olhando para nós.

As Fadas da Luz terminaram o check-in e se dirigiram às escadas. Ela observou-os subir e desaparecerem. O sussurro de Rune era um simples fio de som gutural. Sua respiração fez cócegas ao longo de sua pele sensível, e ela estremeceu mais forte quando os joelhos enfraqueceram. Carling encontrou-se recostando contra ele e respirou: —O que você está fazendo?

Rune sentiu novamente, a percepção de que aqui estava alguma keystroke²³ para um código inquebrável. Ele colocou os lábios

²³ É a gravação das senhas digitadas, geralmente sem que a pessoa saiba.



contra seu pescoço e disse: —O que você acha que eu estou fazendo? Eu disse que viria atrás de você de novo.

—Sim, mas aqui? Agora? — Ela tentou se virar, mas suas mãos apertaram e seguraram-na no lugar.

—O que posso dizer, eu sou um oportunista. — Ele murmurou. —E você está me deixando louco. Eu adorei a sensação de suas pernas agarrando-me apertado quando você me derrubou no chalé. Eu amo o fato de que você poder me derrubar. Eu amo a sua força e confiança. — Ele percebeu a profundidade da verdade nessa declaração.

De volta à ilha o havia ferido vê-la tão profundamente abalada, e ele faria qualquer coisa se pudesse evitar ver isso acontecer novamente. Ele sussurrou: —Olhe para o casal que acabou de entrar na porta. Eles não têm a menor ideia que estamos aqui de pé. Ou o porteiro em pé do lado de fora. Ele não pode ver nada quando eu faço isso.

Incapaz de resistir, Rune deslizou a mão em volta e segurou seu seio cheio, redondo.

Mesmo que tivesse dado a ela uma abundância de avisos, choque agudo ainda relampejou por ela, lavou-a da cabeça aos pés. Carling fez um som pequeno, estrangulado e de repente a outra mão de Rune foi apertada contra em sua boca.

—Shh. — ele sussurrou. Sua respiração estava áspera. —Nós não podemos fazer nenhum barulho.

Ela agarrou seus braços com força, tremendo, enquanto observava o casal, um homem e uma mulher, inconscientemente andando próximo. O calor da mão de Rune em seu peito queimava através da fina barreira da túnica de algodão. Ele acariciou ao longo da carne firme, pesada, até que o gordo mamilo sobressaísse entre os dedos polegar e indicador. Então, ele beliscou suavemente, e a sensação a lanceou até a junção de suas pernas.

Ela estremeceu em seus braços e chupou em uma inútil e frenética respiração. Seus dedos escavaram na carne musculosa dos antebraços dele.

E ela não se afastou nem afastou a mão acariciando seu seio ou a mão que cobria sua boca.

A boca dele parecia tensa contra sua pele, no ponto sensível onde seu pescoço encontrava seu ombro.



—Diga-me para parar. — Rune respirou. Porque ele não podia parar. A compulsão que sentia continuava dirigindo-o em direção a ela. Estava vagamente ciente de sinos de alerta soando em algum lugar, mas estavam distantes, envoltos por uma névoa sensual que cobriu tudo em cabeça.

Sua cabeça caiu para trás contra sua clavícula. Ela olhou cegamente para o teto e articulou a palavra silenciosamente contra sua larga palma. *Parar?*

Ele massageou o peito, rolando o mamilo entre seus dedos, e inferno, bem fodido inferno, mais uma vez ele quase gozou em seu jeans. O pesado e luxurioso seio dela encheu sua mão corretamente, e seu mamilo era uma iguaria que ele salivava para provar, mas por Deus, o verdadeiro chute na bunda foi quando ela estremeceu em seus braços e agarrou-se a ele como se Rune fosse a última coisa estável na terra; quando o cheiro dela, lindo, saudável, floresceu com excitação feminina. Esse era o seu cheiro. E era para ele.

E ela respirava por ele, em irregulares suspiros indicadores.

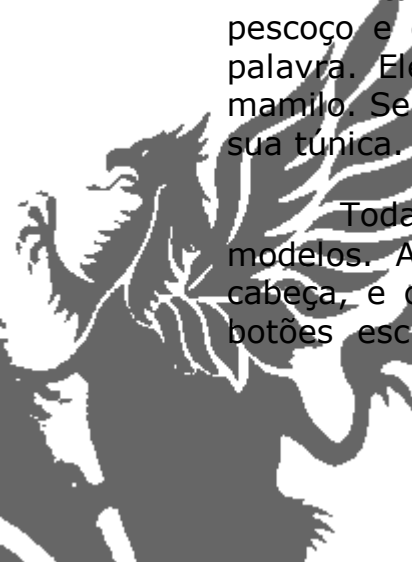
—Preciso que você diga a palavra de novo. — Ele sussurrou asperamente contra seu pescoço. — Porque agora eu estou me sentindo um pouco estúpido e não estou processando muito claramente. E desta vez você precisa dizer como se quisesse dizer isso.

As engrenagens giraram na cabeça de Carling enquanto ela tentava entender o que ele disse. Palavra. Ele queria uma palavra dela. Qual era?

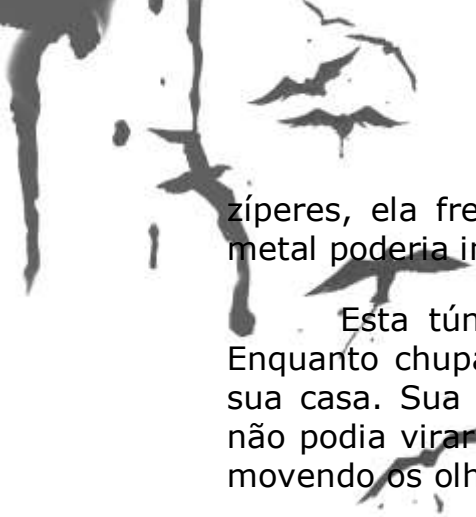
Menina. Não, não era isso.

Com o canto do olho, avistou um adolescente relaxadamente cruzar as portas da frente do hotel, vestindo rasgadas roupas de grife e maquiagem gótica, e carregando um iPad debaixo do braço magro. Ele olhou para o mundo como se lhe devesse uma explicação. Sim, boa sorte com isso um garoto.

Então Rune abriu a boca quente na pele sensível de seu pescoço e chupou-a, e ela perdeu a capacidade de obter qualquer palavra. Ele roçou-a levemente com os dentes quando soltou seu mamilo. Seus dedos hábeis infernalmente se moveram para frente de sua túnica.



Todas as suas túnicas eram costuradas à mão, de diferentes modelos. Alguns eram simplesmente modelados para passar pela cabeça, e outros prendiam na frente com uma fileira de pequenos botões esculpidos de osso ou madeira. Nenhuma delas continha



zíperes, ela frequentemente as usava para o trabalho e, às vezes, metal poderia interagir ou interferir com a magia.

Esta túnica era presa na frente com uma fileira de botões. Enquanto chupava seu pescoço, Rune escorregou um dos botões de sua casa. Sua mão estava presa com tanta força em sua boca, ela não podia virar a cabeça. Ela tentou seguir seus movimentos apenas movendo os olhos.

Os botões correram juntos. Rune desabotoou outro e enfiou a mão em taça novamente em seu seio. Ambos sibilaram quando a palma da mão calejada entrou em contato com sua carne nua, pesada, sensível. Cada músculo de seu corpo estava enrugado com a tensão. Quando ele empurrou os quadris magros contra a curva arredondada de sua bunda, Carling pôde sentir o cume longo e grosso da ereção. Ela podia sentir o sangue ser arremessado através de seu corpo como um bombardeio e a respiração dele irregular cortando contra sua pele. Rune massageou seu peito e raspou a ponta do mamilo com a unha.

Cada ponto pulsante em seu corpo gritou em resposta, a necessidade sexual aumentando. Normalmente tão calma, ela ficou novamente chocada quando quebrou em suor e seu sexo umedeceu com o líquido que jorrava. O sentido de urgência, de uma possível exposição, estava agonizando.

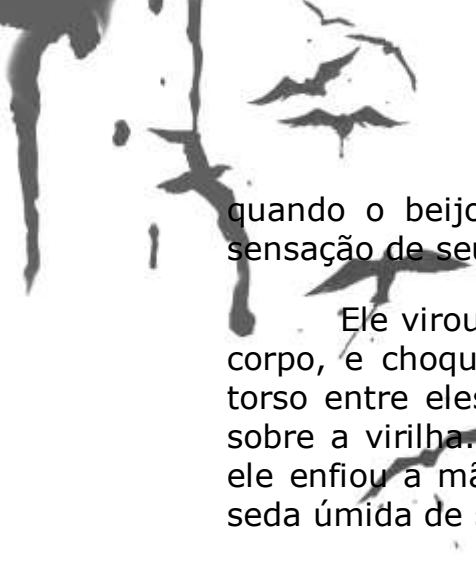
Pare. Pare. Pare.

Carling começou a sacudir a cabeça. De alguma forma, ela encontrou uma dispersão insignificante de palavras. *E-eu não acho... Eu não posso...*

Não pode o quê, menina linda? Não pode relaxar e desfrutar disto? É ruim, mas não é mau. É apenas um pouco de diversão impertinente e mesmo que não sinta isso, é perfeitamente particular. Rune sussurrou a tentação em sua cabeça com grande sabedoria, astuto como a serpente no Jardim do Éden. Ele beliscou mais forte, e ela estrangulou um guincho quando suas costas arquearam. *Você está segura, confie em mim. Eu nunca deixaria ninguém te ver assim. Deus, o seu seio parece ter sido feito para a minha mão. Tão perfeito, encaixe perfeito.*

Carling ia afastá-lo. Ela ia, a qualquer momento, mas quando ele puxou a mão para fora da túnica, deixou-a piscando em decepção.

Ela virou o rosto para ele, seus braços indo ao redor de seu pescoço, mesmo quando sua boca desceu sobre a dela. Rune a beijou, duro e com fome, e Carling deixou os olhos caírem fechados



quando o beijou de volta. Seu coração batia forte. Ela adorava a sensação de seu sangue correndo por todo o corpo, muito poderoso.

Ele virou-a e empurrou-a contra a parede, cobrindo-a com seu corpo, e choque puro detonou-a quando ele correu a mão por seu torso entre eles, abrindo os dois botões de sua túnica que estavam sobre a virilha. Antes que ela soubesse muito bem o que acontecia, ele enfiou a mão por dentro e deslizou os dedos no emaranhado de seda úmida de seus pelos íntimos.

Ele a estava tocando. Bem ali, no saguão do hotel. Ele a estava tocando. O prazer a enlouqueceu tanto que escapou em um grito agudo, fino, quase inaudível, enquanto ela se apertou contra a mão dele. Rune engoliu o som quando fodeu sua boca com a língua.

E ninguém notou. Ninguém viu. O mundo girando indiferente no seu caminho com um relógio em torno deles.

Shh, querida, Rune disse.

Sua voz mental soou tão irregular quanto ela se sentia. Seu corpo grande inclinou-se sobre ela, os pulmões trabalhando como um fole. Ele estava tão quente, a sensação de seu corpo queimado através da túnica.

Deuses santos, eu estou encontrando a religião aqui. Você parece o paraíso na terra, tão macia, molhada e sedosa. O que eu não daria para ser capaz de prová-la agora.

Carling soltou sua mão e agarrou uma de suas duras coxas enquanto afundou o outro punho em seu cabelo, e de alguma forma ela conseguiu encontrar sua voz telepática novamente. *Ok ok ok. Isso está sendo realmente divertido...*

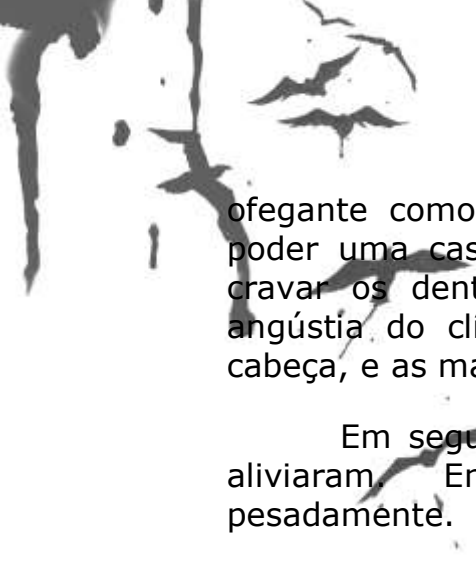
Divertido. Mais como apocalíptico.

...Mas eu não acho que aguento mais... Mais desta...

Mesmo quando ela gaguejou, ele encontrou o pequeno broto de seu clitóris enrijecido e acariciou-a com o dedo indicador.

O clímax pegou-a e socou, um gancho de esquerda que surgiu do nada e cortou-a na mandíbula. Toda a força correndo para fora de seu corpo e suas pernas amoleceram que nem borracha e ela desceu para a contagem.

Carling deslizou de joelhos e Rune desceu com ela. Segurou-a entre as pernas e manteve uma pressão firme e constante no minúsculo pulso latejante de seu prazer, aparando seu peso em um antebraço contra a parede enquanto se inclinava sobre ela. Ele estava



ofegante como se estivesse correndo em um sprint²⁴ inteiro, seu poder uma cascata de fogo ao redor. Puxou a boca da dela para cravar os dentes em seu pescoço enquanto ela estremecia pela angústia do clímax. Ele estava xingando constantemente em sua cabeça, e as maldições irregulares soaram como poesia.

Em seguida, os violentos cataclismos em sua mente e corpo aliviaram. Entretanto, ambos se mantiveram respirando pesadamente.

Rune perguntou: *Você está bem? Eu não levei as coisas longes demais, não é?* Mesmo a sua voz mental parecia rouca, como se ele tivesse gritado.

Carling tinha que pensar sobre isso. Ela havia testemunhado muitas coisas, sempre se mantendo separada dos excessos sexuais da história, mas nunca tinha visto ou ouvido falar de nada parecido com o que havia acabado de experimentar. Não foi apenas o exotismo do ato em si. Era o exotismo dele, brincalhão, carinhoso, perigoso, homem de extremos.

Apenas um pouco de diversão impertinente, e perfeitamente privada. Você está segura, confie em mim.

Um fantasma de uma risada escapou. Rune a envenenou com carinho e compaixão, ensinou-lhe o que significava jogar novamente. Ele deu-lhe esperança e derrubou seu passado, todos com um riso feroz nos olhos marcantes. Ele já havia levado sua alma em um voo impossível no luar. Carling poderia muito bem dar-lhe também seu desfiado coração inútil, já que não o tinha usado todos esses anos.

Ela sussurrou: *Estou bem, seu lunático. Mas eu realmente não posso ir mais longe...*

Ele já estava balançando a cabeça.

—Eu não acho que poderia segurar a camuflagem e tomá-la ao mesmo tempo. — Ele rosnou. —E eu não vou arriscar expor qualquer um de nós assim.

Porque ela estava a salvo, e realmente podia confiar nele. Ela realmente podia.

Carling soluçou, em um soluço silencioso, uma reação física involuntária e chocante como o clímax tinha sido.

²⁴ Curta corrida de alta velocidade, como os 100 metros rasos.



Rune alisou o cabelo emaranhado longe de seu rosto. *Você tem certeza de que está bem, querida?* Ele perguntou de novo, parecendo preocupado.

Suas belas feições turvaram quando a lembrança de um sonho, e a gigante força invisível que a havia impulsionado para frente estes últimos anos, mais e mais rápido, empurrou-a para uma realização e, em seguida, ela realmente estava se movendo na velocidade da luz.

Qual era a sensação? Ela tinha percebido isso antes em muitos outros. Carling sentia fragmentos, cães e outras criaturas, nações e ideais, e amantes antigos que tinham ido embora há muitos, muitos anos. Ela sempre sentiu que os fragmentos eram peças de algo que era maior do que qualquer coisa que ela jamais seria capaz de entender, até agora, como eles se uniam e faziam um todo.

Amor. Este sentimento era amor.

Ela se sentou sobre os calcanhares, arrastou as costas da mão dele em seu rosto, em seguida, inclinou-se para beijá-lo. *Pare de se preocupar*, ela disse-lhe suavemente. *Eu estou bem.*

Ele franziu o cenho e esfregou suas costas. *Ok. Aqui, deixe-me ajudá-la.*

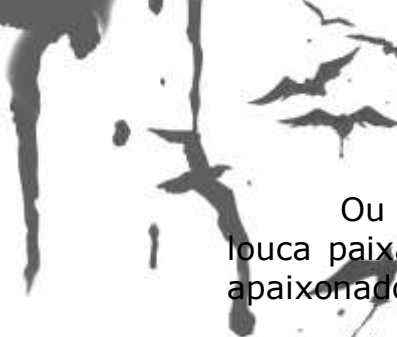
Ela abotoou sua túnica instável quando os dedos dele pentearam seu cabelo em alguma aparência de ordem. Rune tentou torcê-lo em um nó na nuca e guardá-lo em si mesmo como ela fez, mas ele não tinha o dom e caiu nas costas novamente. *Droga. Você tem que me deixar saber como faz isso.*

Ela reuniu-o rapidamente de novo e enfiou-o no lugar. *Ou talvez eu apenas o corte. Faz um longo tempo desde que eu o usei curto.*

Sério? Ele a ajudou a se levantar. *Um corte de cabelo curto que mostre os ossos de seu rosto lindo, mas a queda em cascata muito extravagante de cabelos escuros até seus quadris é flagrantemente feminino e escandalosamente belo. Vai crescer de novo se você o cortar?*



Como Rune fazia isso? Como ele conseguia dobrar essa louca paixão descontrolada para fora do caminho e agir como se nada tivesse acontecido? Ela mal conseguia ficar de pé, e mesmo que tivesse chegado ao clímax, seu corpo ainda se sentia vazio, dolorido e insatisfeito.



Ou talvez ela fosse à única que tinha experimentado essa louca paixão descontrolada por ser a única a perceber que tinha se apaixonado. Apaixonar-se era um negócio tão solitário.

Eles haviam alcançado um entendimento no retorno do chalé na ilha. Havia feito um pacto, e ela estava muito consciente de que tinha concordado. Este seria um caso de amor com data de validade embutida. Era evidente que Rune estivera no controle o tempo todo.

Bem, ele já descobrira muitos de seus segredos. Não poderia ter o presente também. Ela iria manter suas epifanias e realizações para si mesmo.

Ela percebeu que ele havia lhe feito uma pergunta e respondeu distraidamente. *Meu cabelo e unhas pararam de crescer quando eu parei de me alimentar fisicamente. Se e quando eu cortar, ele vai embora para sempre.*

Isso seria trágico. Seu cabelo é uma das maravilhas do mundo.

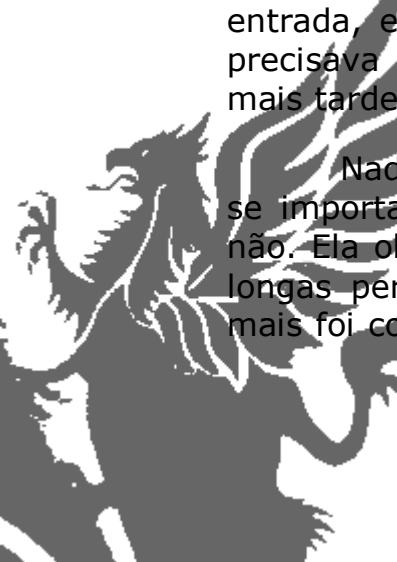
Carling sorriu de prazer com o elogio, apesar de si mesmo.

Rune se curvou para pegar suas malas e perguntou: *Você está pronta?*

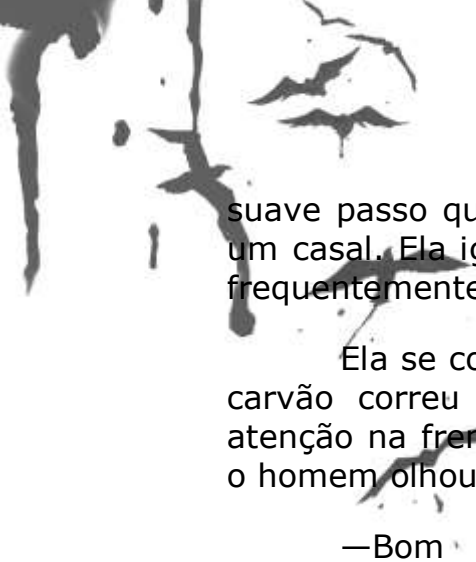
Ela assumiu uma expressão composta, puxou a saia de sua túnica para ter certeza que caiu no lugar, e disse-lhe, *sim*.

Carling sentiu seu poder flexionar em uma espécie de liberação, e o manto cintilante caiu. Eles caminharam em direção à recepção do hotel.

Aos poucos, todo o barulho no saguão morreu. No que concernia a todos, eles tinham surgido do nada. Carling sabia que, meio vestidos e despenteados, deviam parecer com sobreviventes de um naufrágio. Rune ainda estava sem camisa, e seus pés estavam descalços. Mais cedo ou mais tarde alguém reconheceria um ou outro deles. Eventualmente, alguém poderia chamar os paparazzi e toda a possibilidade de discrição iria para o inferno. Após este tipo de entrada, e, especialmente, depois de parar em casa, ela realmente precisava criar um momento para ligar para Julian, mais cedo ou mais tarde.



Nada disso significava algo para Carling. Ela certamente não se importava com sua aparência e estava claro que Rune também não. Ela olhou para baixo com o canto dos olhos a forma como suas longas pernas mantinham ritmo com as dela. O que impressionou mais foi como ela e Rune se moviam juntos, quadril a quadril em um



suave passo que devorava o terreno. Eles deviam parecer que eram um casal. Ela ignorou a pontada que sentia com aquilo. Sentimentos frequentemente era uma inconveniência para o resto da vida.

Ela se concentrou na recepção. Um homem em um terno cinza carvão correu para juntar um pé de empregado uniformizado a atenção na frente de um computador. Quando eles se aproximaram, o homem olhou, o rosto cheio de admiração.

—Bom dia, eu sou Harry Rowling, um dos gerentes assistentes. — ele disse em um sussurro abafado. — Conselheira Severan, que honra inesperada.

Ela cabeceou uma saudação e viu quando ele voltou sua atenção para Rune. O homem ficou branco e começou a balbuciar.

—Senhor, ah... Sentinela Ainissesthai... É um prazer, eu quero dizer, é uma honra tê-lo aqui também...

Ah, sim, claro, a estrela do rock Wyr não tinha apenas fãs femininas. Carling não se deixaria suspirar, embora se permitiu um olhar penetrante a Rune.

Ela permaneceu imóvel e olhou o gerente do hotel.

Rune brilhou em todos os lugares com uma tensão mal contida. Seu rosto era uma arma carregada, os ossos estavam em claro contraste, seus olhos com uma luz suave, perigosamente imprevisível. Uma mão estava apertada tão forte nas alças de suas malas que nós dos dedos estavam brancos, o outro punho pressionado contra sua coxa. Ele respirava com regularidade medida e ela se viu dando um passo para trás.

Talvez seu controle não tivesse chegado tão facilmente por ele como ela pensava. Ela começou a sorrir.

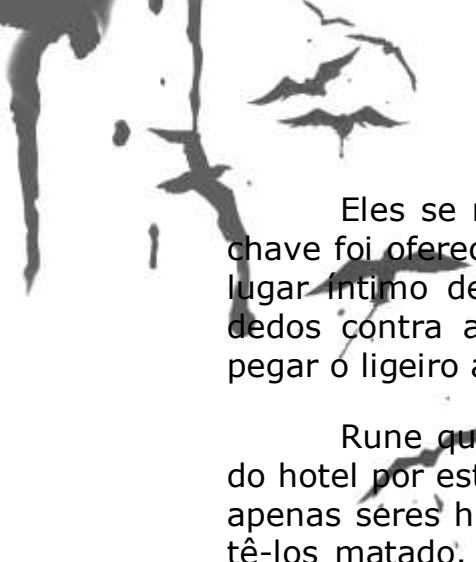
A voz de Rune era suave quando ele disse ao homem: —Eu quero a chave para a minha suíte, por favor.

—C-certamente, uh, você gostaria de ver alguma mensagem?



—Mais tarde. — Rune olhou para Carling, que estava olhando para ele em fascínio. Rune voltou sua atenção para o homem e esperou um momento. Nada aconteceu. O homem ficou congelado como um coelho na frente de um lobo. Ele ergueu as sobrancelhas. — A chave?

—Claro! Desculpe! Sim, a chave! — Ele virou-se para o funcionário uniformizado e assobiou entre os dentes. — Pegue a chave!



Eles se moveram e se atrapalharam, e dentro de instantes a chave foi oferecida a ele. Manteve a mão que tinha acariciado o mais lugar íntimo de Carling apertada contra a lateral de seu corpo, os dedos contra a palma da mão, e mesmo assim ele ainda poderia pegar o ligeiro aroma persistente da excitação dela.

Rune queria lambe os dedos. Queria perfurar os funcionários do hotel por estarem muito perto. Foi uma boa coisa que eles fossem apenas seres humanos com fracos sentidos humanos, ou ele poderia tê-los matado. Sentiu que estava ficando louco, e não se atreveu a olhar para ela ou a besta insana que contrariava tão selvagemmente seu controle poderia escorregar solta.

Ele pegou a chave cuidadosamente com a outra mão. O gerente-assistente começou a balir algo. Rune disse em uma voz dura como ferro.

—Isso é tudo por agora.

Muitos assentimentos e mais balidos. Ele girou se afastando para o centro, agarrou a mão de Carling e seguiu para o elevador. Ela veio junto, escolhendo por qualquer motivo ser condescendente.

Subiram para a suíte em silêncio, e caminharam pelo corredor. Seu pulso acelerou quando chegaram à porta. Ele tinha muito sangue em seu corpo. Rugiu por suas veias, e sua pele mal podia conter. Rune se sentiu acelerando pela sinuosa estrada de uma montanha com seu carro em ultrapassagem, mal mantendo os pneus na pista, com seus freios suscetíveis de falhar a qualquer momento. Ele bateu o cartão chave e segurou a porta aberta para ela, ainda não confiando em si mesmo para olhá-la.

Então, ele estava pisando, e soltando a trava de segurança, e deixando de lado suas duas malas. Passou a mão trêmula pelos cabelos emaranhados, e só então se atreveu a olhar para o rosto de Carling.

Ela estava observando-o. Seus longos, escuros e lindos olhos guardavam uma emoção que ele não tinha visto ante. Tinha algo a ver com sombras e suavidade, e uma estranha, enigmática compreensão.

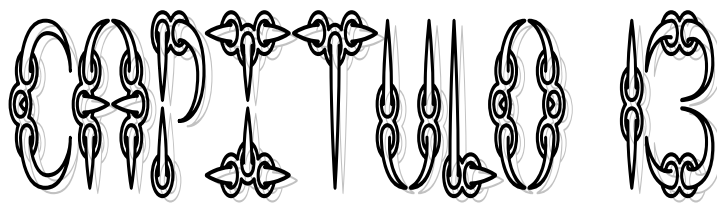


Então sorriu o sutil, misterioso sorriso da Mona Lisa inclinando os cantos de sua boca exuberante e fizeram seus olhos vincar em pequenas linhas, onde a bastarda mortalidade tinha acariciado sua pele de veludo com dedos esqueléticos e esculpido sua marca sobre ela antes que ela a chutasse as bolas.



Os freios de Rune falharam. Ele investiu contra ela e levou-a para o precipício da montanha com ele.





Eu não tenho que ficar apaixonado por você, Carling pensou enquanto ela sorria para Rune. Apaixonar-se é apenas uma percepção transitória. Apenas o Subproduto de algum cozimento no cérebro, compartilhado a um nível mundial com o sexo masculino. A paixão é uma escolha, e permanecer no amor é uma decisão. Eu posso me afastar de você como tive que me afastar de praticamente tudo e de todos, porque uma coisa é verdade sobre o tempo.

Nada nunca dura e tudo sempre muda...

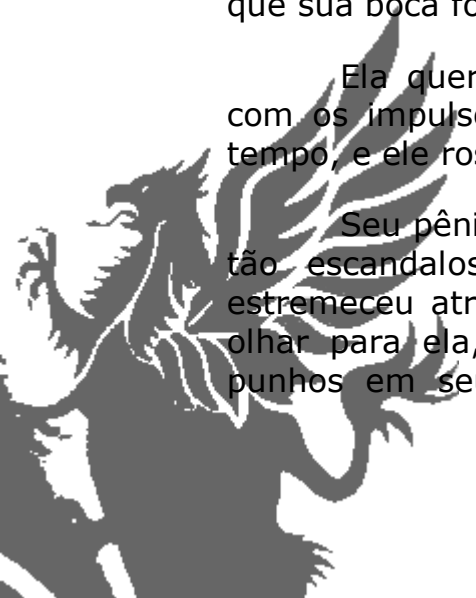
Como se ele pudesse ouvir os pensamentos dela, o rosto de Rune, bonito e selvagem endureceu. Então, de repente, ele obscureceu, moveu-se tão rápido, e abordou-a no chão, e sinos do inferno, ela não sabia porque achava que ele estava tratando-a com cuidado e tão delicado, porque ele rasgou sua túnica fora de seu corpo com tal selvageria que ela gritou, um som agudo sem palavras que foi cortada quando ele bateu a sua boca para baixo sobre a dela.

E ela se viu chocada mais uma vez na sua ingenuidade. Ela pensou que o que tinha acontecido antes no saguão foi apocalíptico, mas não chegava aos pés com o que acontecia dentro dela agora.

Rune dirigiu sua língua em sua boca, enquanto ele puxou o fecho de sua calça jeans. Nua e presa com o seu peso corporal, ela ampliou suas pernas e arqueou-se para ele. Ela passou as unhas para baixo das suas costas largas, marcando-o quando ele esfregou a cabeça larga de sua ereção na sua entrada escorregadia. O rico, cheiro de licor do seu sangue encheu o ar. Cheirava tão inebriante que sua boca formigava, quase como se suas presas descessem.

Ela queria mordê-lo. Ela queria morder. Ela rosnou, confusa com os impulsos predatórios que estiveram adormecidos por tanto tempo, e ele rosnou de volta quando agarrou seus quadris e entrou.

Seu pênis era enorme e sua invasão abrupta em seu corpo era tão escandalosa, ela gritou em sua boca. Sua resposta feroz estremeceu através dele. Quando ele estava puxado para trás para olhar para ela, para verificar se ela estava bem, ela afundou os punhos em seu cabelo e segurou-o com ela, beijando-o com tal





ferocidade que ele perdeu a noção de tudo, exceto para a necessidade imperiosa de dirigir-se para dentro dela.

Ele teve que entregar isso a ela, com um laço e floreios. Realmente nada nunca era mundano com ela.

Ele retirou-se, com um deslizamento suave no líquido e torturantemente apertado canal, ele entrou nela de novo, na exuberante bainha de veludo, ele não podia ficar longe o suficiente, ele segurou sua pélvis, empurrando mais forte. Ela resistiu por baixo dele com outro clímax disparando através dela.

Ele sentiu seus músculos internos começarem a ter espasmos enquanto gemia em sua boca, e foi tão fodidamente perfeito e de alguma forma muito mais do que havia imaginado, ele já estava chegando ao clímax, atingindo o clímax muito cedo, mesmo quando puxou para trás novamente. Ele rosnou de frustração contra seus lábios, um som tão cru e gutural, quanto animalesco, diferente de qualquer outra coisa que tinham feito um ao outro, quando ele derramou na apertada e acolhedora cavidade de seu corpo.

Então o silêncio caiu em torno deles, como o flutuar da neve de inverno, enquanto eles se agarravam, um ao outro, com membros trêmulos e tentavam voltar do lugar estranho que tinha acabado de ir. Rune puxou sua boca longe para pressionar sua bochecha contra a dela, com os olhos fechados. Carling olhou para o teto cegamente. Não havia sentido no que tinha acabado de acontecer. Isso foi tão longe do sensato quanto uma pessoa poderia ir.

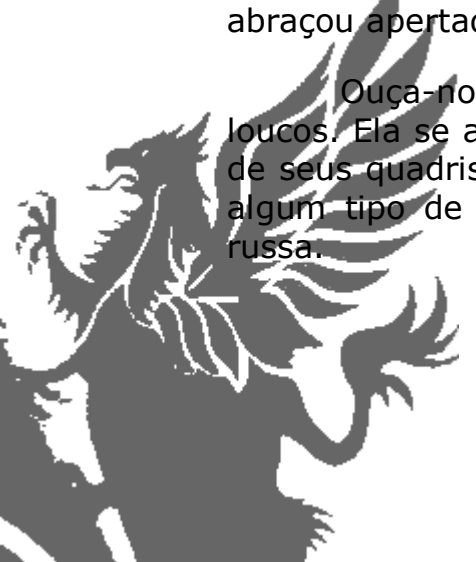
Diga alguma coisa. Sua boca trabalhava.

—Isso foi clássico, — Carling disse.

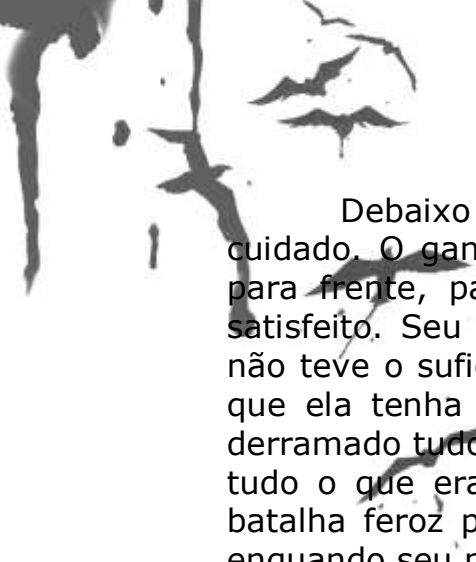
Ele inclinou a cabeça para trás, a sua expressão atenciosa.

Rune disse: —Espere até você ver o que posso fazer com um material extravagante, como uma cama.

Seus olhos se encontraram. Ela arqueou uma sobrancelha para ele. Sua boca sexy contraiu. Então os dois explodiram. Ele a abraçou apertado e rolou no chão com ela, rindo.



Ouçá-nos, pensou. Nosso som bêbado. Nós suando como loucos. Ela se agarrou ao seu pescoço e envolveu as pernas ao redor de seus quadris, e suas emoções resvalaram em um passeio que era algum tipo de mistura entre uma casa fantasma e uma montanha russa.



Debaixo da diversão de Rune, ele se estudava com extremo cuidado. O gancho ainda estava em seu intestino, ainda puxando-o para frente, para um lugar estranho e indefinido. Ele não estava satisfeito. Seu corpo gritou que ele estava morrendo de fome, que não teve o suficiente, que precisava tomá-la de novo e de novo, até que ela tenha dado tudo o que tinha para ele, até que ele tenha derramado tudo o que tinha dentro dela, até que ele tenha dado a ela tudo o que era. Mesmo que ainda estivesse duro, ele travou uma batalha feroz pelo controle e se obrigou a se retirar. Ele sussurrou, enquanto seu pênis se soltava de seu corpo.

Por um momento, ele estava equilibrado no fio da navalha, entre uma paixão e acasalamento. Ele apertou os braços em volta dela e apertou com as forças conflitantes dentro dele. Ele sentiu como se tivesse batido em algum tipo de crise e estava sendo dilacerado por dentro. Então, de alguma forma, ele conseguiu arrancar-se para trás a partir desse último lugar.

Eu não posso acasalar com você, Rune pensou quando ele beijou sua têmpora e embalou seu corpo delicioso e viciante contra o seu. Eu gosto de você tão terrivelmente, muito mais do que eu jamais pensei que eu iria, e estou até mesmo te amando mais, mas não posso jogar minha vida fora em algo que não pode durar, que não tem para onde ir.

Ela suspirou e inclinou o rosto contra ele, e ele endureceu o seu coração ainda batendo muito rápido.

Eu não posso, querida, porque você não precisa de mim tanto quanto eu preciso de você. Seu desejo é lindo, mas não é o suficiente. Eu preciso ser necessário. E eu não posso me tornar um suplicante para esse tipo de desigualdade e esperança para sobreviver.



Alguns minutos depois, Rune a deixou ir para colocar de volta sua calça jeans e ficar inconsciente da sua nudez, Carling estava enrolada como um gato no chão e o observava. Ele andava pelo quarto e voltou com um roupão do hotel, que ele entregou a ela. Ela se sentou, pegou isso e vestiu.

Rune olhou com uma expressão mal-humorada, mas se manteve andando inquieto pela sala. Ela o estudou, pensativa. Foi



uma reação interessante... bem, para o que ela achava que tinha sido sexo alucinante.

Se ela se lembrava direito, isso tinha sido de fato um bom tempo, a maioria dos homens bocejava, rolava para o lado e ia dormir. Ou eles fugiam. Mas o que tinha acontecido, tanto aqui no chão e, antes, no saguão foi além de qualquer coisa que já tinha conhecido. Rune não fugiu e nem dormiu, ela não estava realmente certa de que tinha feito as coisas direito. Ela sabia que na mais mundana das vezes ela ficou um pouco forte demais para a maioria das pessoas, e nada do que tinha acontecido entre ela e Rune poderia ser chamado de mundano.

E então algo tinha acontecido com ele, algo profundo e perturbador. Sua risada morreu na distância, e um conflito estranho se alastrava por ele. Ele era um homem de intensa emoção de qualquer maneira, e tanto a intensidade e a emoção iam aumentando, junto com os surtos de agressão. Às vezes, ele olhava para ela e sentia-se rasgada, e pela primeira vez em muito tempo, ela lamentou a idade que tinha e que a transformou em um Succubus, porque nenhuma mulher quis saber, que seu amante sentia essas coisas quando ele olhou para ela.

Talvez ela devesse perguntar a ele o que estava errado. Talvez devesse lhe dizer para ir embora.

Talvez a coisa mais sensata que poderia fazer era esperar, ver se ele iria dizer a ela o que estava sentindo em seu próprio tempo.

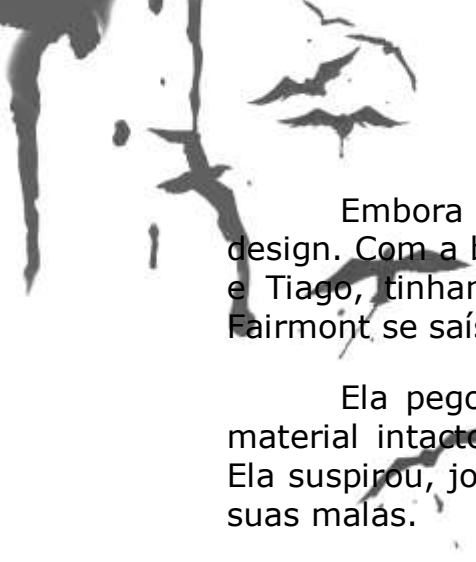
Ela esfregou a testa e se virou para esconder qualquer sinal do que ela estava pensando. A insegurança era vulnerabilidade, até mais do que o desejo, e a lua não era mais cúmplice em esconder seus segredos. A indelicada luz do sol, expondo tudo o que tocava, e a névoa tímida lá fora estava queimando na luz prejudicando o sol.

Ela olhou em volta para fazer um balanço de sua vida imediata. —Há muito a fazer, — ela murmurou. —Tão pouco tempo.

Ainda que tivesse uma aurea maldosa nessa verdade.



Fora da sala de estar tinha um terraço de ferro filigranado, o perfil da cidade estava claramente visível contra um céu azul brilhante. A suíte era elegantemente decorada em ouro discreto e creme, compensada com um sofá azul. Enquanto o mobiliário era moderno, o projeto das pernas do mobiliário e o pano de brocado deu um toque de charme do velho mundo. Um vaso de flores recém-colhidas adornada em uma mesa de jantar nas proximidades.



Embora bonita, a suíte não tinha o mais durável de temas de design. Com a boca torcida, ela se lembrou de como ela, sua comitiva e Tiago, tinham destruído o Hotel Regente, em Chicago. Talvez o Fairmont se saísse melhor.

Ela pegou os pedaços de sua túnica. Não havia nem mesmo material intacto o suficiente para juntar uma cobertura temporária. Ela suspirou, jogou de lado, e foi para o sofá onde Rune tinha jogado suas malas.

Rune parou de andar. Sentindo seu olhar examinador que foi tão intenso quanto um toque físico, ela evitou olhar. Ela não tinha pensado em colocar qualquer roupa em sua bolsa de couro, juntamente com as revistas, desenhos e outros itens. Ela deveria ter colocado pelo menos uma muda de roupa, quando estava em casa, e agora não tinha uma criada pessoal para pensar em tais questões. Pelo menos se ela tivesse tido a prudência de lhes dizer para enviar mais algumas de suas coisas. Ela tirou da mochila de Rune.

— Não tenho nada para vestir até Rufio enviar mais roupas, — ela disse. — Literalmente nada. Nós temos coisas para fazer. Temos telefonemas para fazer, uma medusa para consultar, e eu tenho que chamar o Gênio, e só Deus sabe o que mais vamos ter que fazer depois ou onde nós vamos ter que ir.

Ela abriu a sua mochila e começou a vasculhar o conteúdo. Ela tirou um saco plástico cheio de vários pacotes verdes. Ela olhou através do plástico. Goma de mascar Wrigley, sabor hortelã. Ela jogou o saco de goma no sofá, enfiou a mão na mochila e tirou um livro. Christine de Stephen King. Ela jogou isso no sofá também. O que ele tem nesta mochila para pesar tanto?

De repente, a grande extensão de seu peito nu estava na frente dela. Ela tentou não notar ou se importar, mas com uma coisa e outra, ela não teve tempo suficiente para dar ao peito nu a atenção e o lazer que realmente queria. Ela manteve a cabeça baixa quando seu olhar vagou sobre a vasta extensão de seus musculosos peitorais. Sua pele bronzeada era de um marrom convidativo, seus mamilos mais escuros, cercado com o cabelo nítido que respingou no resto do seu peito e formava uma seta para baixo do torso, desaparecendo no topo de seu fechado, mas ainda desprendido jeans. Ela engoliu em seco e fechou os olhos. Ela sabia como seu corpo estava quente, e ela estava começando a almejar isso como desejava o calor intenso de um incêndio.

Rune esfregou os ombros. Ele disse suavemente.

— Não se preocupe, suas túnicas horríveis estarão aqui em breve.



—Eu não estou preocupada, eu estou mal-humorada, — ela anunciou. — Pare de chamar minhas túnicas de horríveis.

—Eu as chamo como eu as vejo, baby, — ele disse. — Assim como você fez com o homem peludo, com óculos.

—Se eu nunca ver essa camiseta de novo, seria cedo de mais, — ela disse.

—Eu vejo que você entende exatamente como me sinto sobre as suas túnicas.

Ela olhou para ele. Isso foi uma expressão de diversão no seu rosto? Ela mexeu na mochila e tirou uma Glock. Ah, começou a haver alguma explicação para o peso da mochila. Ele deve ter uma meia dúzia de armas, jogadas lá, junto com um par de granadas, uma variedade de balas de canhão, e talvez um lançador de foguetes ou dois. Ela jogou o Glock para o sofá. Ela sabia que ele tinha que ter roupa em algum lugar. Ela tinha que chegar a elas, mais cedo ou mais tarde. Ela tirou um par de facas, revirou os olhos e jogou-as perto da Glock.

—Tem que ter alguma coisa aqui que eu possa vestir, pelo menos temporariamente.

—Você pode ter qualquer coisa que você encontrar na mochila, — ele disse a ela. —Incluindo a camiseta peluda com óculos. Mas eu só trouxe algumas mudas de roupa comigo, e essas estão bem danificadas.

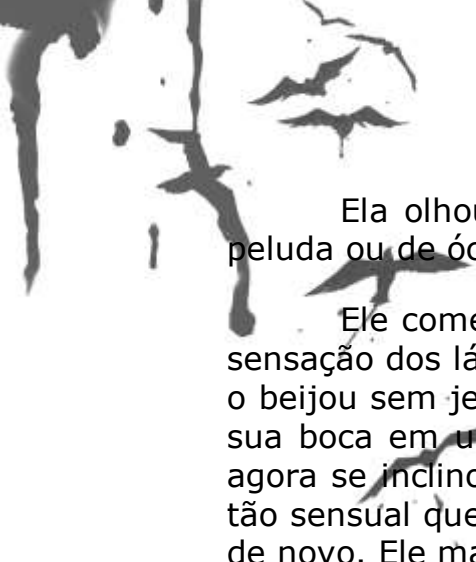
—Imagino, — ela disse com desgosto. Ela deixou a mochila cair.

Rune disse: —Eu ia ligar para a portaria e pedir algumas coisas novas para mim. Por que você não toma um bom banho quente enquanto eu encomendo algumas roupas para você. Você poderá realmente desfrutar de uma troca?

Ela levantou as sobrancelhas. De pé sob uma cascata de água quente e lavar o cabelo emaranhado de areia parecia a felicidade, mas ela tinha a suspeita de que ele estava administrando-a por razões próprias. Ele tinha algum tipo de agenda. Sua boca franziu. — Você quer que eu saia da sala?

Ele disse imediatamente, —Só para que eu possa pedir o tipo de roupa que gostaria para você, sem que isso se transforme em um argumento.





Ela olhou-o com cautela. —Você não vai pedir qualquer coisa peluda ou de óculos?

Ele começou a rir, segurou seu rosto e a beijou, saboreando a sensação dos lábios que se moviam em resposta ao seu. No início, ela o beijou sem jeito, como se não estivesse familiarizada com o uso de sua boca em um gesto de carinho, mas ela fez um estudo rápido e agora se inclinou para ele e beijou-o de volta com promessa sensual tão sensual que ele quase arrastou de volta para o chão para tomá-la de novo. Ele mal conseguiu se puxar para trás.

Ele disse com voz rouca, —Eu prometo. Nada peludo ou de óculos.

Ela teve que admitir que estava começando a ficar intrigada com o que ele poderia comprar para ela. Seria, sem dúvida, horrível, como as botas desajeitadas de bico de aço que ele usava.

Entregue à experiência e mudança, humm? Ela reprimiu um sorriso. Bem, por que diabos não? Que diferença faria se tentasse roupas novas? O pensamento de comprar suas roupas parecia dar-lhe um grande prazer, e ela descobriu que gostava de dar-lhe prazer. Além disso, quem se importaria, se ela morresse duas semanas a partir de agora?

—Tudo bem, — ela disse. —Você pode pedir-me alguma coisa, se quiser. Eu não ligo para isso, eu sempre posso usar minhas próprias roupas.

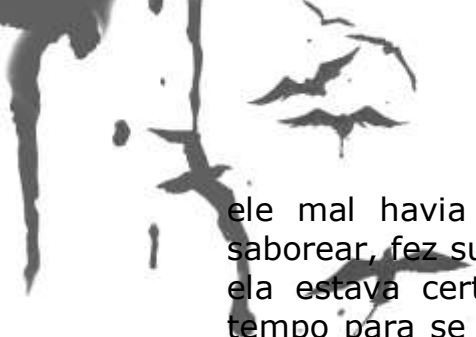
—É claro, — ele disse. —Qual o tamanho que você usa? — Ele correu as mãos para baixo seus lados para explorar sua cintura estreita. —Eu estou supondo um tamanho oito. Tamanho dos sapatos?

Então ela deu um sorriso. —Seis e meio, estreito. Eu não preciso saber como você ficou tão preciso em adivinhar os tamanhos das mulheres. Eu posso adivinhar.

—Nenhuma delas significou alguma coisa para mim, querida, — ele disse, sua voz rouca transformando ainda mais profunda.

Fome pulsava novamente, junto com a vontade de mordê-lo. Ela conseguiu articular, —Eu vou tomar aquele banho.

—Divirta-se, — ele disse. Aquele olhar confuso em seu rosto era tão malditamente sexy. Se eles não estivessem enfrentando tais graves problemas, ele teria oferecido para acompanhá-la. Ele a havia engolido e agora ele queria saborear. O pensamento de ficar sob o jato de água quente com ela e ensaboar as suas curvas sensuais, que



ele mal havia tido a oportunidade de desfrutar, e muito menos saborear, fez sua virilha apertar até que ele estava com dor real. Mas ela estava certa, eles tinham tanta coisa para fazer e tão pouco tempo para se fazer isso. Ele rangeu os dentes, deu um passo para trás e a deixou ir.

Então, por que estava sendo tão bom, ele deu a si mesmo um cookie de bom menino assistiu a bunda bem arredondada balançar suavemente quando ela se afastava dele. Ela parecia o céu e se movia como pecado. Ela parou para roubar uma das facas que estava no sofá, e suas sobrelanceiras se ergueram. Ele se perguntou do que se tratava. A incompreensível e loucamente sexy, bruxa má. Ela era como ler um romance de mistério de assassinato, todos, penhasco, queda e armas fumegantes, só que ela era muito mais divertida.

A suíte tinha dois banheiros. Ela desapareceu no mais próxima, e ele se forçou a ficar pertinente.

Sua primeira chamada deve ir para a questão que levaria mais tempo para realizar. Ele usou serviços de telefonistas para ligar para o necrotério do condado de Cook Illinois, em seguida passou por uma longa série de comandos de voz até que chegou o departamento de medicina de Assuntos Paranormal. Ele havia se preparado para deixar uma mensagem de voz, por isso ele foi agradavelmente surpreendido quando Seremela pegou e disse: —Dra. Telemar falando. Seja breve, ou eu vou ficar entediada e desligar na sua cara.

—Seremela, — Rune disse. —Como você está?

A voz da Medusa aqueceu com prazerosa surpresa.

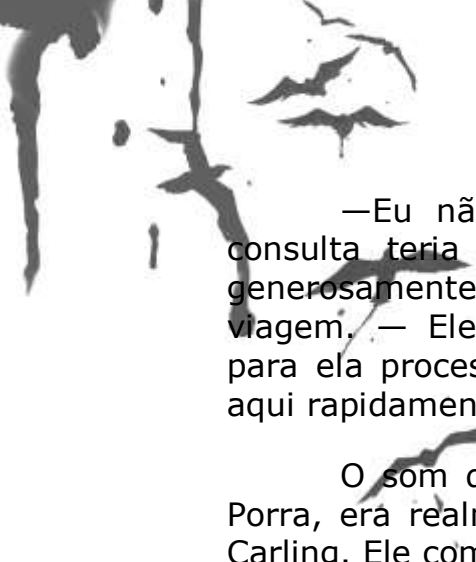
—Rune! Como é bom ouvir você. Eu estou bem, obrigada. As coisas se acalmaram bastante por aqui. Meu escritório não viu um único corpo morto desde a última vez que conversamos. Como você está? Como foi a sua viagem para Adriyel?

Ele sorriu. Essa foi a sua maneira educada de dizer as coisas tinham se acalmado desde que Tiago e Niniane tinham deixado Chicago.



—Eu estou bem, obrigado. Adriyel foi cansativa, mas pelo menos teve lugar a coroação, e a última vez que vi, Niniane e Tiago estavam bem. Escute, eu receio que tenho que ir direto ao ponto. Estou envolvido em um urgente problema em San Francisco, e eu estava esperando que você estivesse disponível para uma consulta.

—Isso soa intrigante, — Seremela disse. —E você já sabe o meu trabalho aqui é menos do que agitado. Qual é o problema?



—Eu não posso te dizer pelo telefone, — ele disse. — A consulta teria que ser em pessoa. Mas você seria compensada generosamente pelo seu tempo e, claro, por todas as despesas de viagem. — Ele queria vê-la pessoalmente. Ele esperou um tempo para ela processar o pedido. Então ele disse: —Eu preciso de você aqui rapidamente, Seremela. É um caso de vida ou de morte.

O som de suas próprias palavras lhe deu um soco no rosto. Porra, era realmente caso de vida ou de morte. A vida e morte de Carling. Ele começou a suar frio.

Não entre em pânico, filho. Comece a fazer as coisas.

O prazer na voz de Seremela ficou triste. —É claro, — ela disse, ele poderia tê-la beijado. —Ficarei feliz em ajudar de qualquer maneira que eu puder. Vou reservar o primeiro voo que eu conseguir.

Ele esfregou a parte de trás do seu pescoço. —Eu vou mandar algo para você ao invés. Isso vai fazer você chegar aqui mais rapidamente.

—Acho que seria melhor desligar para que eu possa ir para casa e fazer a mala, — Seremela disse. —Eu vou direto para... O'Hare?

—Isso vai servir. Dê-me um número de telefone celular para que eu possa entrar em contato com você no trânsito, se precisar. — Ela recitou uma série de dígitos, e ele anotou-os. —Seremela. Eu vou ficar lhe devendo um grande favor. Obrigado.

—Esqueça isso, está ok. Agora me deixe pegar esse voo.

Ela desligou, e Rune ligou para Tucker, o Wyr texugo em Chicago que estava na reserva para lidar com tais necessidades locais, a curto prazo. Era reservado, um indivíduo bastante hostil, Tucker trabalhou bem no isolamento do Domínio Wyr. Rune não se preocupou em explicar que ele estava agindo fora dos interesses do Domínio Wyr. Ele não tinha certeza se Tucker teria distinguido, ou cuidaria de qualquer maneira.

O Wyr texugo ouviu Rune explicar o que ele precisava. Então Tucker disse: —O que você está realmente dizendo é que você quer que eu pegue serpentes no avião.

Rune tossiu uma risada. Tucker foi tantas vezes mal-humorado, seu humor estranho e raro geralmente vinha como uma surpresa. —Você não está em todos os PC, meu amigo.

—É por isso que eu vivo sozinho.



—Eu preciso disso o mais rápido possível.

—Eu estou nisso. — Tucker desligou.

Rune moveu-se para outras coisas. Ele chamou a portaria para pedir um pessoal de compras. Ele ligou com um agradável entusiasmo para uma mulher chamada Gia. Ele estava explicando para ela exatamente o que ele queria que ela comprasse quando a chamada em espera no telefone tocou. Ele trocou a linha.

Tucker disse, —O vôo é fretado. Um avião estará esperando por Dra. Telemar, quando ela chegar no aeroporto. A boa doutora vai estar com você à noite.

—Incrível. — O aperto em seu estômago diminuiu um pouco.

—Só para você saber, a empresa que usamos tinha reservas. Eu tive que fazê-los cancelar outros contratos para conseguir um avião. Isso vai lhe custar.

—O custo é irrelevante, — Rune disse. Ele voltou para a pessoal de compras, terminou a sua ordem e desligou.

O que Carling quer com essa faca?

Ele passou as mãos pelo seu cabelo, e bateram na porta. Ele caminhou até atender. Uma mulher jovem e esbelta, com um pajem loiro elegante, vestindo um uniforme do hotel, estava sorridente no salão. Quando ela o viu, seu sorriso morreu e seus olhos se ampliaram. Ela olhou assustada. Ela disse: —Ah. Meu. Deus.

—Desculpe por isso, — Rune disse. —Eu deveria ter colocado uma camisa.

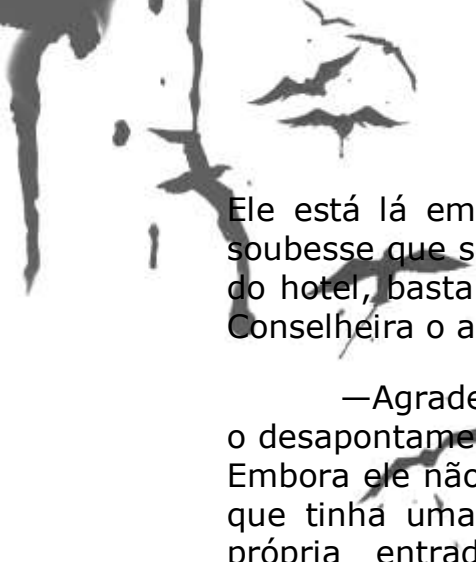
—Não por minha causa, — soprou a jovem. Seu olhar caiu como se estivesse sob o peso da gravidade e permaneceu cravados na cintura da calça jeans.

—O que eu posso fazer por você? — Rune disse, impaciente.

—O que você quiser, — ela disse em um sussurro estrangulado. Em seguida, seu olhar voou até seu rosto que virou um escarlate brilhante. —Oh meu Deus, eu sinto muito. Não diga a ninguém que eu disse isso, ok? Eu poderia perder meu emprego.

—Eu não vou. — Ele sorriu para ela, apesar de si mesmo. —O que eu queria perguntar é, por que está aqui?

—O gerente assistente, Sr. Rowling, enviou-me para avisá-lo e a Conselheira Severan que vários membros da imprensa chegaram.



Ele está lá em baixo lidando com eles agora. Ele queria que você soubesse que se você quiser alguma privacidade quando precisar sair do hotel, basta ligar para baixo e ele vai mandar para você e para a Conselheira o acesso a uma das entradas de serviço.

—Agradeça a ele para nós. — Ele enfatizou o 'nós' e observou o desapontamento no seu rosto. —Vamos chamar, se precisarmos. — Embora ele não tivesse intenção de precisar. Era uma das razões por que tinha uma suíte com varanda. Ele imediatamente tinha a sua própria entrada privada. Dado o espaço limitado, pousos e decolagens nessecitariam de algum requinte, mas estava bem dentro de sua capacidade.

—Sim, senhor.

Ele fechou a porta e se virou para o interior da suíte. Dois quartos, dois banheiros. Ele não precisava esperar por Carling terminar antes de ele tomar o seu banho.

Mas ele ainda estava curioso sobre o porquê dela pegar a faca.

Ele levantou a voz e disse: —Como você está aí?

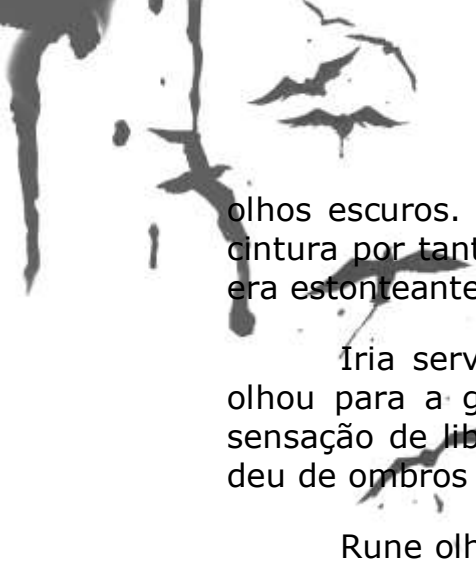
—Eu vou sair em poucos minutos, — Carling falou.

Ela tinha encontrado o quarto, ela tinha escolhido quão elegantemente decorada a sala de estar deveria ser. Havia outro vaso de flores recém-colhidas, a cama foi feita com lençóis franceses e outro par de portas francesas abertas para a varanda de ferro forjado. O banheiro de mármore era grande e tão luxuoso quanto o resto da suíte.

Carling olhou para seu reflexo no banheiro. Ela estava na metade de cortar seu cabelo. Ela tinha se deleitado no chuveiro quente, ensaboando-se toda com os sabonetes e xampu. Então, ela tinha se enxugado, e considerou a longa bagunça molhada e emaranhada que pendia pelas costas, e ela sem uma escova. Então ela pegou a faca.

Ela só podia conseguir um corte irregular sem tesouras de cabelo, então ela considerou a adoslescente com o cabelo estilo bagunçado e tentou imitar o efeito. Ela deixou apenas o comprimento suficiente para que pudesse ser re-estilizado com mais sutileza em um momento posterior. Ela terminou rapidamente, então afofou as sedosas mechas úmidas e considerou o efeito.

Uma estranha no espelho olhou de volta para ela. O cabelo curto irregular enfatizou as altas maçãs do rosto da desconhecida, lábios carnudos e mandíbula estreita, e voltou os longos e enormes



olhos escuros. Depois de usar o comprimento longo e pesado até a cintura por tanto tempo, a cabeça e o pescoço ficaram tão leves que era estonteante.

Iria servir por agora. Ela sofreu ainda outra pontada quando olhou para a grande pilha de cabelo no chão de mármore, mas a sensação de liberdade era uma atração muito mais forte. Ela sorriu, deu de ombros sobre o roupão do hotel e foi para a sala de estar.

Rune olhou para ela, espantado. —Oh diabos, você não fez, — ele murmurou. Ele esfregou a parte de trás do seu pescoço. —Você parece magnífica, mas todo aquele cabelo lindo.

—É uma época de mudança, — ela disse. E nenhum daquele cabelo ia dizer uma maldita coisa para ela se ela estivesse morta, então poderia muito bem desfrutar da sensação de liberdade enquanto pudesse. —Quem estava na porta?

—Um empregado do hotel. Os paparazzi já começaram a se reunir.

—É claro que eles viriam. — Ela olhou para ele. — Você não tomou banho ainda.

—Eu tenho estado muito ocupado. — Rune pegou um kit de couro para fora da mochila e deu Carling um rápido beijo na bochecha. —Sangrentamente maravilhoso, mas infernos. Eu vou sentir falta daquele cabelo. Estarei pronto em cinco minutos. Espera para chamar o Gênio até que eu esteja pronto, ok?

Aquecida de uma forma que não tinha nada a ver com a física, Carling tocou seu queixo em uma carícia breve. —Tudo bem.

Quando ele saiu, ela pegou a túnica desfiada e olhou ao redor da sala por uma lixeira. Ela encontrou uma dobrada discretamente debaixo de uma mesa. Quando ela puxou-o para fora para botar a túnica nela, ela encontrou um pedaço amassado de pano já no lixo. Curiosamente, ela puxou o pano para fora e a sacudiu.

Era a imagem da camiseta do homem peludo de Rune. Qual era o nome dele? Jerry Garcia. Rune tinha jogado sua camisa favorita fora quando ela não estava olhando. Ele deve ter feito isso apenas agora, quando estava no banheiro.

Que tal isso.

Ela deixou cair a túnica no lixo e apertou a mão à boca. Ela fechou os olhos e colocou seu rosto na camisa. Ela estava saturada com seu perfume masculino. Ela respirou fundo várias vezes. O



material usado era de algodão macio contra suas bochechas. Então ela dobrou suavemente a camisa e colocou-a no fundo de sua bolsa de couro.

Rune foi tão bom como a sua palavra. Quando ele voltou, ela tinha aberto as portas da varanda e foi olhar sobre o horizonte distintivo de São Francisco.

Ele havia abandonado o jeans manchado de sangue para colocar outro par, que pareciam sujos, embora tivesse eleito para permanecer sem camisa e descalço no momento. A pitada de cabelo em seu peito era vários tons mais escuros do que sua pele bronzeada e ainda úmida. Seu cabelo molhado estava elegante contra sua cabeça bem formada, e apenas um sopro do seu cheiro, limpo e masculino foi o suficiente para fazer as costas dos seus joelhos tremerem.

Ela lutou entre orgulho e desejo. Mas realmente, o quanto iria sentir falta do seu orgulho em poucas semanas, quando estivesse morta?

Mesmo com esse pensamento, ainda era extremamente difícil de fazer o que ela queria. Ela empurrou para frente e atingiu um muro de medo irracional. Ela teve que empurrar o seu caminho através dele para chegar do lado de Rune. Seus braços já estavam ao redor dela enquanto ela colocou a cabeça em seu ombro e inclinou-se contra seu peito.

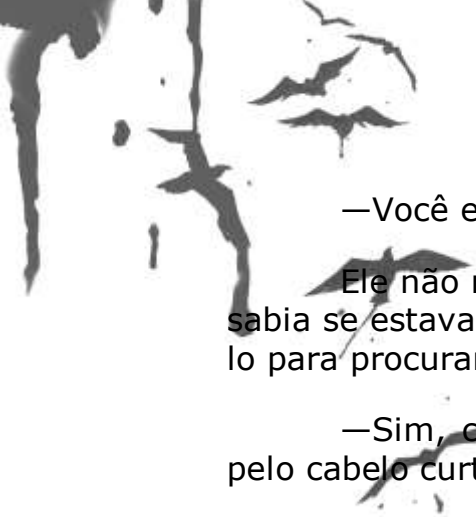
Isso era o que ela queria. Só que, seus braços ao redor dela, enquanto repousava a cabeça em seu peito, e estender a mão para ele, tinha sido uma das coisas mais difíceis que ela já tinha feito.

Rune colocou sua bochecha contra o topo de sua cabeça. O corte de cabelo áspero tinha feito coisas surpreendentes, como dar uma pitada de charme picante para seu rosto. O flash ímpar de medo em seus olhos quando ela veio em direção a ele rasgou seu intestino, em algum lugar lá no fundo, onde esse gancho maldito foi incorporado.

Estou tão assustada, ela disse a ele, de volta na ilha. Ele não podia imaginar se gostaria de enfrentar a possibilidade de sua morte. O pensamento de enfrentar a morte de Carling... Ele não poderia processar o pensamento. Sua mente nublou.

—Rune, — ela murmurou.

Ele percebeu que a tinha presa com força para machucar os ossos e causar hematomas, e ele relaxou. Ele limpou a garganta e disse asperamente, —Desculpe.



—Você está bem?

Ele não respondeu diretamente, principalmente porque ele não sabia se estava bem. —É preciso chamar o Gênio. Precisamos chamá-lo para procurar a faca.

—Sim, claro que temos. — Ela se endireitou e passou a mão pelo cabelo curto, tornando-o todo bagunçado.

Ela parecia tão amarrotada e foi tão inesperadamente adorável que Rune respirava entre os dentes cerrados e girou bruscamente para longe. Suas mãos tremiam. Ele se sentia como um viciado esperando a sua próxima dose. Ele estava tão ocupado lutando com as emoções, que resistia como um garanhão destreinado, que perdeu a próxima coisa que Carling sussurrou, embora ele sentisse seu poder atirar para fora como um elegante lança laser focalizado.

Um momento estremeceu. Ele segurou a tensão tremendo de uma gota de suor sobre a cair do Atlas Titã enquanto se esforçava para segurar o mundo.

Então Rune sentiu um turbilhão de energia fluindo em direção a eles de algum lugar indefinido e distante. Isso atravessou as portas da varanda abertas e encheu a suíte com um rugido tão caótico de Poder, que, por um momento, as paredes maciças do hotel de dez anos pareceram tão finas, frágeis e transparentes como jornal. Em seguida, as paredes voltaram no lugar em torno deles, e o Poder aglutinou em um ponto definido.

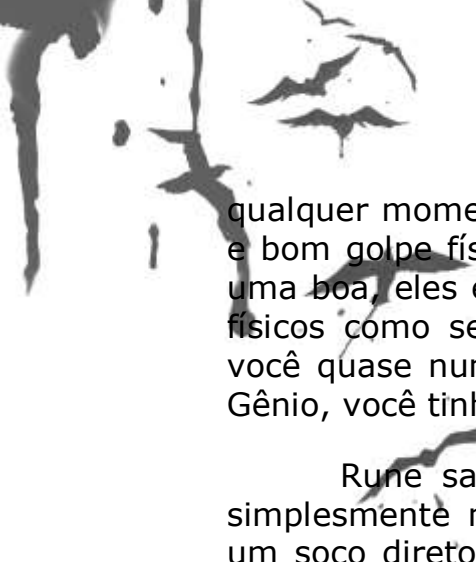
Este era um velho e poderoso Gênio. Este era um príncipe entre o seu povo. Os lábios de Rune levantaram de seus dentes em um grunhido instintivo. Ele tomou uma posição mais larga e preparou-se contra a presença do ciclone.

A figura de um homem se formou na sala. Cabelos longos e negros açoitavam uma elegante e pálida cara desumana. Estreitados olhos de diamante cristalino apareciam através dos fios. O resto de seu corpo solidificou. Ele era facilmente tão alto como Rune, com uma estrutura enxuta e graciosa que combinava com seu rosto. O macho usava uma simples túnica preta e calças, e um orgulho real e feroz. Ele ganhou forma e substância.

O Gênio ignorou Rune como se ele não existisse. Toda a sua atenção estava centrada em Carling.

Rune detestava o escorregadio filho da puta.

Porque, veja, a coisa sobre o Gênio, a coisa realmente irritante sobre os Gênios, é que eles podiam desmaterializar à vontade, a



qualquer momento, assim você poderia quase nunca obter um sólido e bom golpe físico em um. E mesmo se você conseguisse entrar em uma boa, eles eram espíritos de ar que assumiam a forma de corpos físicos como se vestissem um terno de roupas descartáveis, então você quase nunca realmente poderia machucá-los. Para combater o Gênio, você tinha que envolvê-lo em uma luta de poder.

Rune sabia muito bem como lutar com um Gênio, mas ele simplesmente não tinha a mesma satisfação visceral, como plantar um soco direto na sua boca, do jeito que ele queria plantar os nós dos dedos em seu rosto bonito, muito perfeito, e régia e distante.

Carling virou para olhar para Rune. Sua expressão era de incredulidade. Ela disse, —Você está rosnando de novo?

Rune olhou para ela. Seu maldito cabelo adorável estava de pé por todo o lugar, e ela estava enrolada em um maldito roupão do hotel como se ela tivesse acabado de sair da cama depois de ter relações sexuais. De alguma forma, o hotel moderno, a linha do horizonte, o roupão fofo, seu rosto sem maquiagem a faziam parecer nua. Ele rosnou, —Por que você não esperou para chamá-lo, até que tivesse chegado algumas malditas roupas?

Sua boca aberta. —Mas você disse...

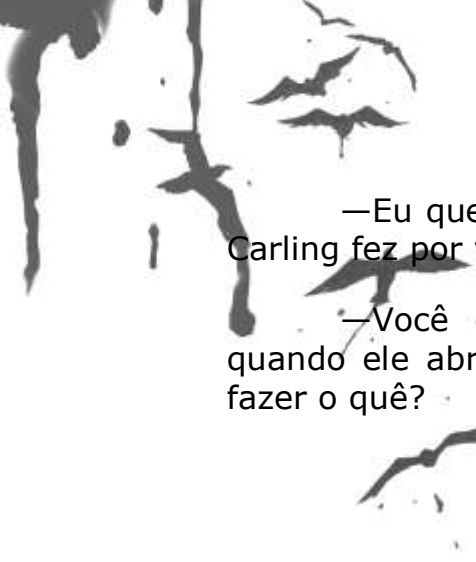
Ver Carling desconcertada era uma visão rara. Isso a fazia parecer ainda mais adorável. Ele poderia ter apreciado a vista, se não tivesse sido possuído por um alardeante garanhão inexperiente. Ele colocou as mãos nos quadris e rugiu, —ESQUEÇA O QUE EU DISSE.

O Gênio cruzou os braços e levantou uma elegante sobrancelha preta, parecendo tão arrogante, Rune começou a atravessar a sala em direção a ele.

De repente Carling estava lá na frente dele, impedindo o seu caminho. Ela bateu as mãos contra o peito. Ele se manteve indo para frente, empurrando-a contra a sua força, e seus pés descalços deslizaram pelo tapete. Ela disse entre dentes: —Eu não sei por que estamos cedendo a um ataque de psicose agora, mas Deus me ajude, eu vou jogar seu traseiro para fora da janela, se você não parar por aí.

O Gênio olhou para os dois. Ele sorriu. E disse: —Eu já vi esse comportamento em Wyr antes.

Olhando para ele sobre a cabeça de Carling, Rune cuspiu palavras como se fossem balas.



—Eu quero saber por que você concedeu três favores. E o que Carling fez por você.

—Você quer? — o Gênio disse em um sotaque lânguido quando ele abriu os olhos de diamante largamente. —Ou você vai fazer o quê?





CAPÍTULO IV

Rune silvou como um gato. Parecia tão feroz e malévolo, Carling foi sacudida. Ela não entendia o que estava acontecendo com ele, mas a agressividade tinha queimado nele novamente tão quente que parecia levá-lo à crueldade, como o chicote do senhor de escravos. Isso finalmente se aquietou. Ele estava realmente perigoso nesse momento.

Mesmo que suas mãos houvessem mudado e os dedos alongado com garras fatais, ele segurou seus ombros com o mesmo cuidado requintado como sempre fazia. Não estava preocupada consigo mesma. Ela sabia que estava muito segura com ele, mas tinha uma imagem queimando sua mente! De Rune e Khalil engajados na batalha. Se isso acontecesse, eles poderiam sofrer danos graves.

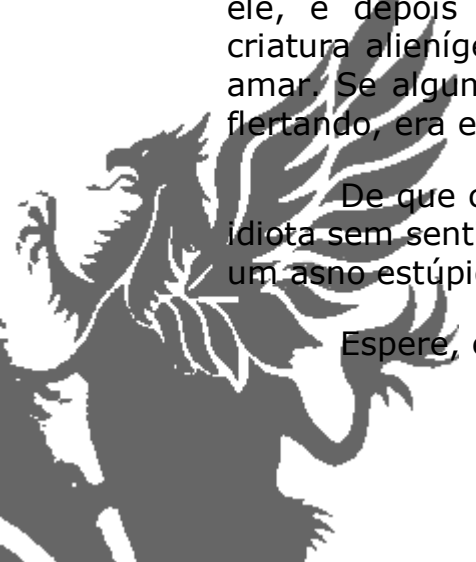
Ela pensou em formas de atrapalhar a situação. Não via muitas opções. Ela inclinou a cabeça contra o peito de Rune e murmurou em voz baixa, —Rune, me escute. Isso não é bom e você está começando a me assustar. Não me faça colocar um feitiço em você.

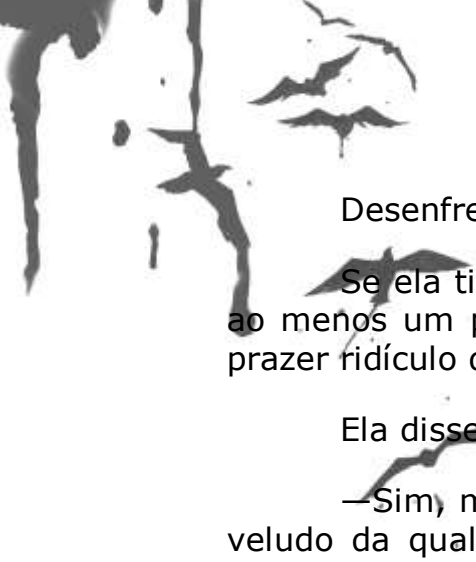
Seu peito se moveu. Ele tinha respirado profundamente. Seus braços a rodearam. *Você pode colocar em mim qualquer feitiço que você quiser*, sussurrou em sua cabeça.

Aaaaagh, o idiota. Quase o jogou pela janela por isso. Ela não sabia como, em um momento, podia sentir uma forte conexão com ele, e depois a sensação como se estivesse olhando para uma criatura alienígena de um daqueles filmes de monstros que ele dizia amar. Se alguma vez houve momento em que ele não deveria estar flertando, era esse.

De que chamava a si mesmo? Um estúpido, louco, sem lógica, idiota sem sentido, desenfreadamente ciumento. Não posso esquecer, um asno estúpido...

Espere, essa não era a parte relevante que deveria se lembrar.





Desenfreadamente ciumento. Essa era a parte relevante.

Se ela tinha decidido se apaixonar por ele, poderia ter sentido ao menos um pouco satisfeita com isso. Apertou os lábios e tirou o prazer ridículo de sua cabeça.

Ela disse, —Khalil?

—Sim, minha querida Carling, — o Gênio ronronou em voz de veludo da qual positivamente escorria sexo e pecado. —Você sabe que vou fazer tudo o que puder por você. Em qualquer lugar. A qualquer hora.

Rune rosnou novamente.

Ela jogou os braços ao redor da cintura magra de Rune e prendeu-o, agarrando-lhe os pulsos com ambas as mãos. Ele tentou erguê-la, mas evitando machucá-la, não poderia quebrar seu aperto. Eles se engajaram em uma luta, cuidadosa, mas totalmente indigna. Carling gritou na cabeça do Gênio, *Você ficou louco também?*

Wyr são tão divertidos de brincar quando ficam assim, disse Khalil.

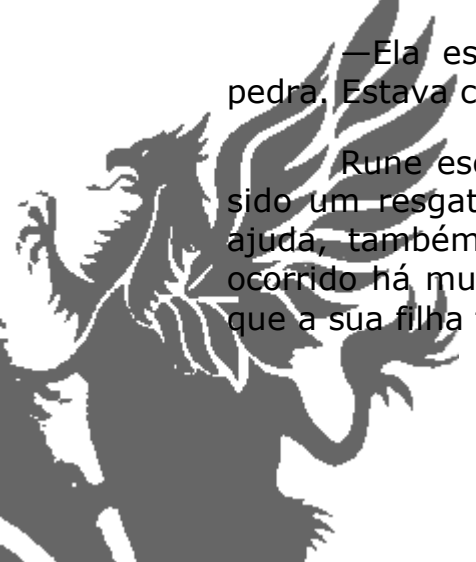
Se você provocá-lo mais, vou te machucar. Ela disse em voz alta: —Cansei desse absurdo. Khalil, diga a ele o que ele quer saber ou eu vou.

Khalil deu um brilhante sorriso, a malícia desbotou em uma carranca. Então, algo mais escuro entrou em seu olhar cristalino, como um assombro de memória. Khalil disse: —Muitos anos atrás, minha filha Fedra foi sequestrada e torturada. Carling concordou em me ajudar a salvá-la. Não foi fácil. Carling ganhou esses três favores.

Rune acalmou com as palavras do Gênio, e o aperto de Carling afrouxou cautelosamente. —Sua filha, — ele disse. As crianças eram raras entre as Elder Races e todos as valorizavam e protegiam. O garanhão, enlouquecido e contrariado na cabeça de Rune acalmou o suficiente para deixar uma lasca de racionalidade. —Será que ela sobreviveu?

—Ela está viva. — Agora a expressão do Gênio era como pedra. Estava claro que não iria falar mais sobre o assunto.

Rune escutou, tanto o que foi dito e o que não foi dito. Tinha sido um resgate difícil, e se o tal Gênio precisou de uma poderosa ajuda, também era um perigo. E mesmo que o sequestro tivesse ocorrido há muitos anos, pela resposta lacônica de Khalil, ficou claro que a sua filha tinha sofrido danos permanentes de algum tipo.





Carling bateu em Rune impaciente. E perguntou: — Tudo bem agora?

Ele esfregou em volta de seu pescoço e murmurou: — Sim.

Ela deixou-o ir e deu um passo para trás, e Khalil concentrou sua atenção sobre ela. O Gênio perguntou: — Por que você me chamou?

—Eu tenho uma tarefa para você completar o mais rápido possível, — ela disse. Khalil inclinou a cabeça. —Nós precisamos de você para recuperar um objeto, se ele existir.

Se o Gênio pensou que uma tarefa de busca era um desperdício de um valioso favor, ele não demonstrou. —O que você deseja que eu recupere?

—É um canivete suíço, — Rune disse. — Especificamente é um Wenger new Ranger 70 uma faca de Marceneiro, punho preto, deste tamanho. — Demonstrou mantendo seus dedos indicadores separados na distância apropriada. —Precisamos descobrir se está sepultado sob as pedras da entrada do templo funerário de Djoser em Saqqara.

Os estranhos olhos diamantes de Khalil caíram sobre as mãos de Rune. Ele disse lentamente: —Esse complexo funerário tem milhares de anos.

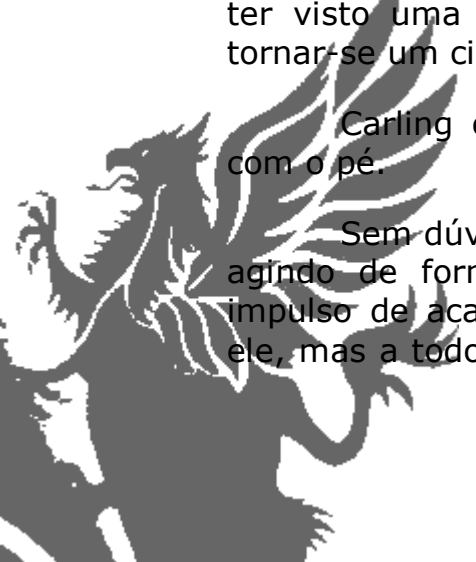
Carling deu um sorriso torcido. —Eu não disse que a tarefa seria fácil ou que faria sentido para você. E a faca pode não estar lá. Precisamos saber se está, e precisamos saber o mais rápido possível. A resposta é importante, Khalil. Não cometa um erro.

A expressão distante do Gênio havia dado lugar para a especulação. Ele disse a Carling, —Isto irá completar o segundo dos três favores, devidos por tantos anos.

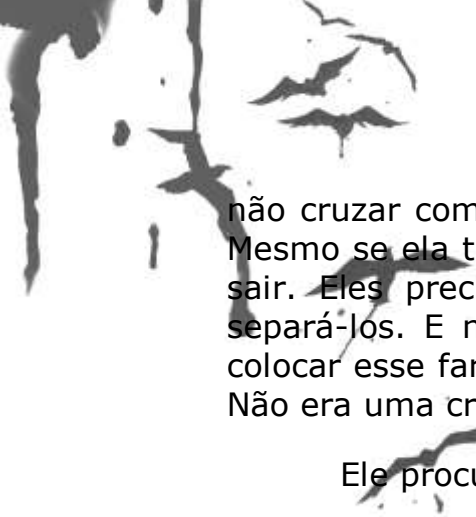
—Sim, — ela disse.

Khalil inclinou a cabeça, todo o escárnio se foi. Rune pensou ter visto uma pitada de alívio no rosto do Gênio antes de Khalil tornar-se um ciclone e desaparecer.

Carling olhou para Rune, e sua boca franziu. Ela o cutucou com o pé.



Sem dúvida, deveria pedir desculpas. Ele sabia que não estava agindo de forma racional, ou normal. Sua luta para conter seu impulso de acasalamento estava custando muito, e não somente a ele, mas a todos ao seu redor. Essa linha tênue que estava tentando



não cruzar começava a cortá-lo, mas não podia deixá-la. Ainda não. Mesmo se ela tivesse toda a ajuda que precisava, não seria capaz de sair. Eles precisavam de mais tempo juntos antes de suas vidas separá-los. E não podia confessar a sua luta também. Ele não iria colocar esse fardo nela, não quando tinha muito mais para enfrentar. Não era uma criança egocêntrica e desequilibrada como Rhoswen.

Ele procurou algo sensato para dizer. Mas nada.

Então ao invés disso, disse, —Isso foi bom, você não acha?

Ela o olhou, em seguida, bateu-lhe forte no peito, com as costas da mão.

Agora que o outro homem se fora, Rune foi capaz de relaxar o suficiente para satisfazer o seu senso felino de jogo. Ele disse, sua voz áspera e rouca, —Eu gosto de sua propensão para a violência.

Uma expressão ligeiramente enlouquecida entrou em seus olhos. Ela bateu-lhe de novo, mais forte.

Sabia que merecia. Mas era muito divertido, não podia parar. Porra, ele adorava. Podia muito bem admitir: amava. E deu um sorriso inocente.

—O que eu fiz?

Ela se afastou e parecia estar procurando algo. Olhou para todas as portas. Então tomou algum tipo de decisão, marchou para o banheiro e bateu a porta atrás de si. Ele podia ouvir o barulho distinto da fechadura sendo virada.

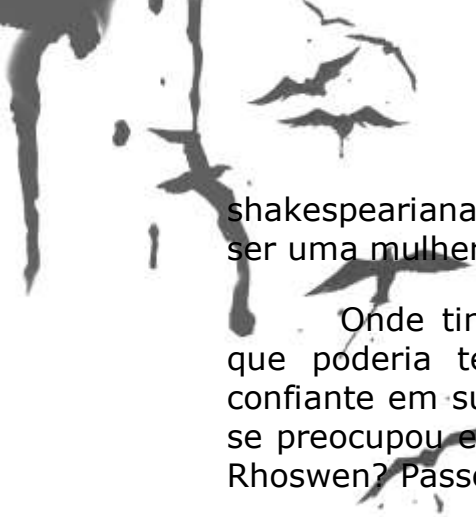
Rune mexeu sua mandíbula, esgotado e esfregou os olhos. Sim, isso foi bom.

Carling virou para baixo a tampa do vaso sanitário e se sentou. Inclinou-se para colocar os cotovelos sobre os joelhos, com o rosto entre as mãos. Não tentou pensar. Não queria pensar. Havia muito em que pensar, muito para sentir, e a cacofonia em sua cabeça a estava fazendo demente. Ela só queria um pouco de privacidade.

Respire... Respire... Para dentro e para fora. Lento e uniforme.



Respirar podia não ser bom para nada, mas foi um bom exercício de meditação. Poderia ajudar a alcançar uma calma zen. Que Carling muito precisava, em vez do furioso alvoroço na sua cabeça por um idiota, e que diabos estava acontecendo com Rhoswen, afinal? Você poderia pensar que era uma diva de 18 anos, novamente, pisando os palcos na deplorável companhia



shakespeariana durante a corrida do ouro na Califórnia, em vez de ser uma mulher de cento e setenta anos de idade...

Onde tinha errado com Rhoswen? O que fez, ou não fez? O que poderia ter feito diferente? Se não tivesse se tornado tão confiante em sua sensibilidade às emoções de criaturas vivas! Nunca se preocupou em tentar ver o que estava por trás da fachada lisa de Rhoswen? Passou suas mãos nos olhos.

Parar. Respirar...

Rhoswen não era um problema que Carling tinha que consertar agora. Mais tarde, se Carling tivesse um tempo, iria decidir se algo precisava ser feito sobre a jovem vampira. Entregar-se a mesquinhez e comportamento vingativo, porque seus sentimentos foram feridos, não significava necessariamente que Rhoswen tinha saído do fundo do poço. Mas se veio até ela e Rhoswen o fez, como criadora de Rhoswen, era responsabilidade de Carling acalmá-la.

E, a propósito, havia uma grande pilha de cabelo que Carling tinha deixado no chão do banheiro. Cutucou a pilha de seda com um dedo do pé descalço. Normalmente não se afastaria por muito tempo de tal abundância disponível de material pessoal, que alguém poderia roubar e usar para lançar um feitiço sobre ela. Seu habitual cuidado meticuloso estava esmorecendo, e isso era mais uma vulnerabilidade. Ela poderia se dar ao luxo de conseguir mais daqueles...

Respire, caramba.

—Ah, foda-se o Zen, — ela murmurou. —Vou ficar iluminada quando morrer.

Empurrou para fora do banheiro, enrolou a enorme pilha de cabelos em uma toalha, abriu a porta e saiu.

Enquanto isso, Rufio, entregou pessoalmente duas grandes malas Gucci na suíte. Rune tomou a bagagem do outro homem sem convidá-lo a entrar, chutou a porta, colocou as malas no quarto que Carling havia escolhido e foi para a sua próxima tarefa. Enquanto Carling ficou algum tempo sozinha, ele se sentou no sofá, pegou seu iPod e colocou sobre a mesa de café nas proximidades de fácil acesso. Então pegou o iPhone para passar suas mensagens.



E-mail? Uh-uh. Ele nem sequer tentou entrar. Estava apenas verificando suas mensagens de correio de voz. Havia 63. Cinquenta e quatro dessas mensagens eram de fêmeas. Bateu em apagar sem ouvir aquelas. Oito das mensagens eram dos outros Sentinelas. Eles eram assim:



Bayne: —Então, como é que foi lá, trabalho em equipe ou trabalho de louco? Ela está fazendo merda ainda?

Loucuras. Rune bufou. Do tipo que você nem imaginaria.

Graydon: —Onde estão os arquivos que você queria que eu olhasse? Não consegui descobrir no novo sistema, na unidade compartilhada, e você prometeu que ia me mostrar. Ligue-me quando puder.

Não, filho. Você pode descobrir isso por conta própria. Eu tenho fé em você.

Constantino: —Cara, é noite de sexta-feira, e todas as garotas estão começando a acumular flores, ursinhos de pelúcia e velas, na frente da merda da sua porta. Elas estão falando silenciosa e tragicamente, como se tivesse morrido, ou algo assim. Então, vou levar algumas delas, você sabe, só para consolá-las. Aquele par de gêmeas. Pensei que você gostaria de saber.

Rune sabia de qual par de gêmeas Con estava falando. Leve-as, viciado em sexo.

Graydon: —Estou ligando de volta para dizer que você nunca mente. Eu desisti e fui para a TI, e eles me mostraram como obter os arquivos. Espero que você esteja tendo um bom fim de semana.

E aí está. Você descobriu. Eu sabia que podia.

Aryal: —Você não presta.

Aparentemente Aryal tinha acabado de descobrir a pilha de trabalho que havia deixado em sua mesa. Deu um sorriso malvado. Sim, eu sei.

Grym: —FYI, encerrou a investigação sobre o incidente em Praga. Foi um acidente, pura e simples, não sabotagem industrial. Não há necessidade de me ligar de volta. Apenas pensei que gostaria de saber.

Bom trabalho, amigo.

Aryal: —Seu chupa rabo.

Seu sorriso se transformou em uma risada.



Bayne: —Almofadinha. Você está ouvindo essas mensagens e nos evitando, não é? Porque com Tiago parando de fumar e agora você fora da comissão, tem que saber o quanto isso dói.



Para de putaria. Você vai viver.

A mensagem final do correio de voz foi de Dragos. Foi, como as mensagens de Dragos tendiam a ser, simples e direto ao ponto, e desprovido de quaisquer gentilezas. O dragão rosnou: —Ligue-me assim que puder.

Seu sorriso morreu lentamente e suspirou. Dragos raramente se preocupava em pegar o telefone, muito menos deixar uma mensagem. Quase nunca significava algo bom. Ele verificou o marcador de tempo sobre a mensagem, que dizia sábado 11:03. Seja qual fosse o problema, ele já tinha tido a chance de fermentar por alguns dias. Pelo menos Dragos não tinha deixado uma segunda mensagem, de modo que Rune esperava não terem chegado ainda a Defcon One.

Ele balançou a cabeça e nariz comprimido dele. Só então percebeu que não tinha ouvido notícias em três dias. Localizou o controle remoto da TV e mudou o canal para a CNN. Saltou imediatamente para ver, não havia cenas de nenhum cataclismo.

Estava pensando se deveria ou não retornar a chamada de telefone ou, possivelmente, esperar por um tempo com menos pressão, quando Carling saiu do banheiro. Ela ainda não tinha aberto suas malas. Estava usando o roupão do hotel e carregando uma toalha. Ele observou-a sair para a varanda. Ela tirou a toalha e seu cabelo caiu e um flash brilhante encheu o ar quando pegou fogo. Sua mão, ainda segurando o iPhone, baixou para o seu lado. Dentro de um instante, o fogo se desfez em pó cinzento que explodiu no vento.

Cabelo de vampira. Huh.

Perguntou: —Você ainda está falando comigo?

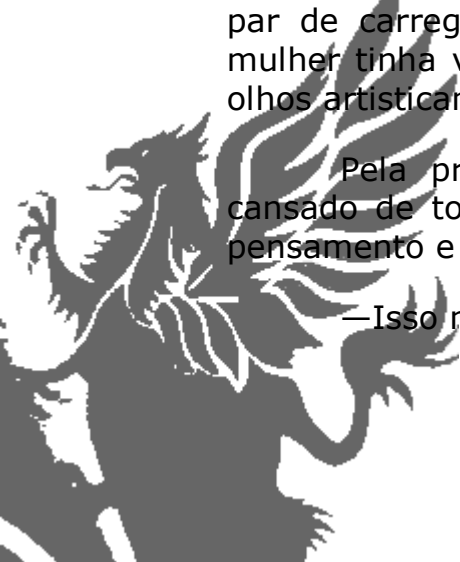
Ela deu-lhe um olhar sombrio. — Eu não decidi.

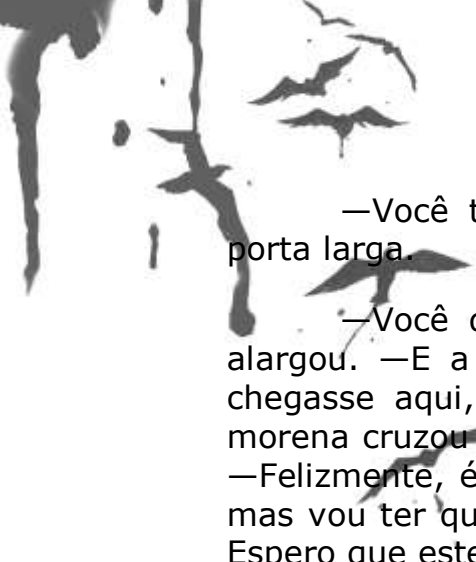
Justo. Mulheres precisavam de tempo para esse tipo de coisas. Alguém bateu na porta da suíte novamente. Ele respondeu.

Uma mulher do tipo morena estava no corredor, junto com um par de carregadores e duas prateleiras de roupas sobre rodas. A mulher tinha vários pacotes a seus pés. Quando avistou Rune, seus olhos artisticamente confeccionados se arregalaram, e ela sorriu.

Pela primeira vez em sua muito longa vida, Rune estava cansado de toda a atenção implacável do sexo feminino. Afastou o pensamento e disse cortesmente, — Deixe-me adivinhar. Gia, certo?

—Isso mesmo.





—Você trabalha rápido. — Ele ficou para trás, segurando a porta larga.

—Você disse que era urgente, — Gia disse. Seu sorriso se alargou. —E a divisão da gorjeta é de acordo com o quão rápido chegasse aqui, isso transformou-o em uma emergência real. — A morena cruzou o limiar, apontando para os carregadores a seguirem. —Felizmente, é uma segunda-feira. Tenho mais do que você queria, mas vou ter que ir pegar alguns itens, como as jóias, pessoalmente. Espero que esteja tudo bem.

—Claro que está. — Rune girou para trás em um calcanhar, considerando o espaço na suíte. Observou como a expressão tensa de Carling havia desaparecido se tornando uma curiosidade feminina, mas ele pensou que era melhor não sorrir. Ele disse ao cliente, —É melhor você colocar tudo em um dos quartos. — Como já havia posto a bagagem de Carling em um quarto, apontou para o segundo.

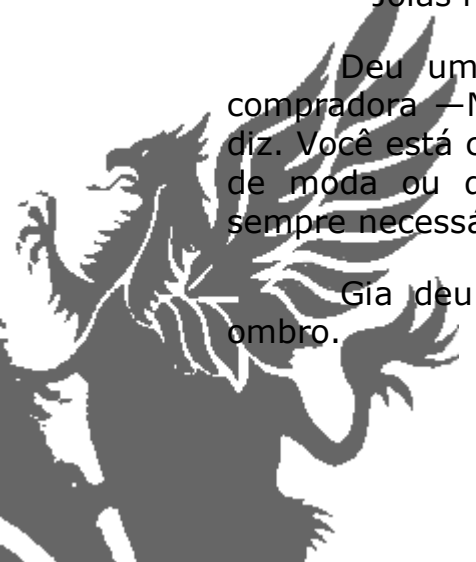
—Certamente. — Gia deu um aceno amigável a Carling e foi nessa direção, com os carregadores e a mala no reboque. Rune chegou para trás e ficou na porta, observando como Gia comandava os carregadores para colocarem as prateleiras em lados opostos da sala. Carling se juntou a ele, com os braços cruzados. Usava uma expressão que não tinha certeza de que ele pudesse ler. Parecia uma combinação de raiva persistente, curiosidade e talvez o início de uma diversão.

Carling murmurou, —Isto parece excessivo. Estava esperando um ou dois equipamentos.

Ele deu um sorriso de esquelha. —Eu queria que você tivesse muitas opções para experimentar.

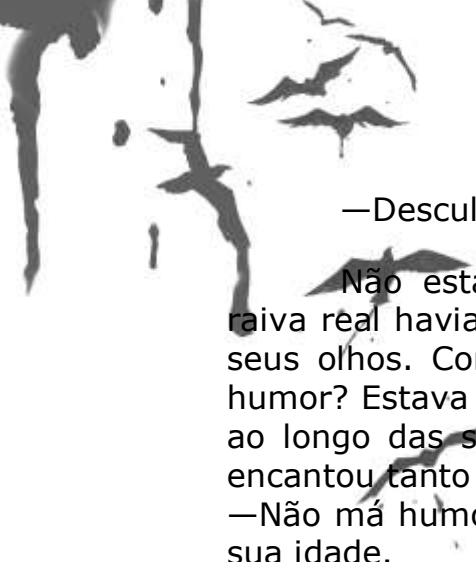
A compradora disse: —É muito simples: roupa de homem é na prateleira à direita, mulheres à esquerda. Quando você tiver a chance de conferir tudo, se houver alguma coisa que precise eu volto, me dê uma chamada. Enquanto isso, eu vou sair para pegar as jóias e outras coisas.

—Jóias não são necessárias, — Carling disse.



Deu um largo e suave passo até Gia. Rune disse para a compradora —Não preste atenção a qualquer coisa que esta mulher diz. Você está comprando para mim, não para ela. Ela não tem senso de moda ou quaisquer instintos normais femininos. As jóias são sempre necessárias.

Gia deu um sorriso com os olhos arregalados por cima do ombro.



—Desculpe-me? — Carling disse ameaçadoramente.

Não estava completamente certo, mas ele pensou que sua raiva real havia se dissipado. Havia um brilho escondido no fundo de seus olhos. Como poderia ter pensado que ela não tinha senso de humor? Estava cheia de um tipo de humor de guerrilha que deslizava ao longo das sombras de uma conversa e mirava os incautos. E o encantou tanto que teve de arrebatá-la para beijar sua boca franzida. —Não má humorada, — ele disse. —Você está ótima para alguém de sua idade.

Ela revirou os olhos, mesmo quando ficou ele encantado ao notar, ela o beijou de volta. —Oh, a coisa da idade? Você tinha que lembrar, não é?

—Apenas brincando, querida, — disse Rune. —Eu vi você em tais funções de domínio. Você veste preto clássico Chanel com uma calma assustadora. Quando você não está usando aqueles muumuus²⁵ catastróficos.

—Muumuus catastróficos? — Ela começou a bater o pé descalço novamente. Deus, como amava aquele pezinho, arqueado e imperioso. Era tão bonita, tão tempestuosa. Olhou para as unhas dos pés descalços.

—Eu esqueci uma coisa, — Rune murmurou para Gia. —Pegue meia dúzia de tons de esmaltes quando você sair, ok?

Gia deu-lhe um sorriso, de soslaio conspiratório. — Tomei a liberdade de pedir alguns em diferentes tons quando fez seu pedido Guerlain.

—Perfeito, — ele disse. —Você conseguiu as botas Christian Louboutin?

—Eu tenho umas botas — Gia disse. Ela segurava um pacote Saks que colocou sobre a cama.

—Excelente, — Rune disse.

—Deixe-me dar um palpite, — Carling disse. —Você trouxe botas, jeans e uma camiseta?

Gia deu um olhar de olhos arregalados. —Bem... sim, isso é um dos equipamentos que trouxe.

Carling entrou na sala. —Tudo bem — disse. —Eu falei que iria tentar algo novo, e eu vou. Tudo!

²⁵ é um vestido solto de origem havaiana que pende do ombro



Rune assistiu em fascinação quão de repente Gia e os carregadores giravam em torno de Carling. Ela redefiniu todo o espaço social quando entrou. Porra, pensou, não te amo um pouco. Eu realmente te amo muito.

Gia procurou através da estante de roupas femininas, tirou um par de jeans e entregou-os a Carling junto com o pacote Saks contendo as botas. — Típico dos humanos, jeans skinny, tornozelos cortados para mostrar as botas, — Gia explicou. —E aqui está uma seda assimétrica, de crepe da china em um top flamejante de Behnaz Sarafpour, que eu pensei que ia muito bem com a roupa.

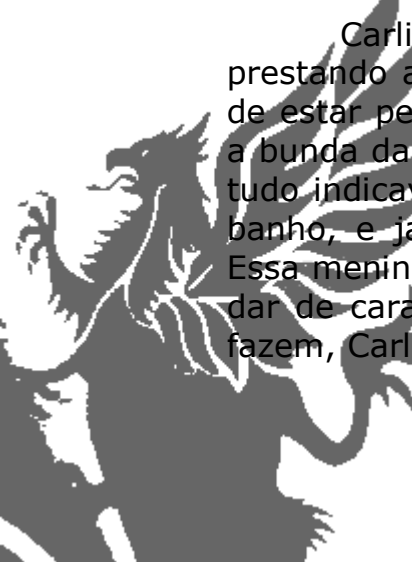
—Excelente, — Carling disse secamente. Ela murmurou no ouvido de Rune, o que quer que seja, que essa porcaria, quer dizer. *Você sabe que só estou fazendo isso para agradá-lo, não é?* Ele cobriu a boca para abafar uma risada quando ela continuou em voz alta, —Lingerie?

Gia entregou-lhe uma variedade de roupas íntimas de seda. Carling caiu fora do quarto com os braços cheios. Ela deu uma olhada em Rune sob as sobancelhas abaixadas quando passava. Então, desapareceu no quarto, que tinha reivindicado. Um momento depois, ele ouviu a porta do banheiro fechar.

Rune ficou de lado quando Gia e os carregadores saíram do quarto, e assinou a fatura de cliente, em seguida, pegou sua carteira de tecido e derrubou tudo. Gia arrancou a cópia da fatura e escreveu sobre ela. —Eu vou sair agora para pegar o resto das coisas, — disse a compradora. —Aqui está o meu número de celular. Chame-me a qualquer momento, se você precisar de alguma coisa. — Ele pegou o papel que ela ofereceu. Gia segurou por um momento, e encontrou seus olhos. —Qualquer coisa.

—Entendi, — Rune disse, com um sorriso seco. — Mas tenho certeza que depois de terminar seus negócios, vai ter obtido tudo o que precisamos.

—Sim, eu percebi, — Gia disse. —Mas você não pode culpar uma garota por tentar.



Carling podia culpar uma garota por tentar. Ela estava prestando atenção, e é claro que ela podia ouvir a conversa na sala de estar perfeitamente, do banheiro. Ela poderia ter saído e chutado a bunda da menina por dar em cima em um homem que era, ao que tudo indicava, de outra mulher, se não já tivesse tirado o roupão de banho, e já estivesse cansada de ser o carma de outras pessoas. Essa menina não precisava do envolvimento dela. Iria falhar um dia e dar de cara na porta por conta própria, porque é o que as pessoas fazem, Carling inclusive.



Tinha algo muito melhor para fazer. Olhou para o monte de coisas que tinha trazido com ela e se preparou para se divertir.

Primeiro, a lingerie.

Oh. Oh meu Deus.

Seda preta, de corte francês, calcinhas que deslizavam sobre suas coxas levemente como um sussurro de um amante. A camisola de seda combinando, que emoldurava os seios e enfatizava a sua cintura estreita.

Carling engoliu, olhando para o belo corpo feminino no espelho. A lingerie deu-lhe um ar sexy de uma forma totalmente elegante. Ela virou-se e pegou o jeans. Aqui é onde poderia começar a rir.

Mas, quando deslizou as pernas pelo jeans, o brim entrou como manteiga, macio e flexível. Que garantiu a fixação na cintura, moldou-se nela como um molde de bainha de couro sob medida para uma lâmina de aço forjado a mão, espanhol. Ela torceu, agachou-se, e levantou cada perna para o lado, e os jeans manteiga mole mudou com facilidade, como uma segunda pele.

Droga. Ela poderia realmente amar esse jeans.

Virou-se para a camiseta preta com um respeito inteiramente novo. Colocou-a, e corria por seu corpo, solta e feminina, com uma forma simples e sexy, uma renda cavada no pescoço, e no corte das alças.

Então abriu a caixa contendo as botas, tinha se tornado bastante pensativa. E as botas não decepcionaram. Eram de fabricação Italiana, camurça, $\frac{3}{4}$, preta com tiras envolventes, fivelas nos tornozelos e arcos. Os saltos tinham quase quatro centímetros de altura, e as solas eram da cor de carro de bombeiros vermelho.

Ela ficou em linha reta e olhou para as pernas na altura das botas. Ela se sentiu muito alta, com cada curva de seu corpo exposta. Olhou no espelho. Descolada, fashion, feminina, de aparência jovem. A desconhecida de olhos grandes olhou para trás.

A mulher olhou-a do espelho... Diversão?

Isso não pode estar certo. Carling nunca tinha sido divertida em sua vida.

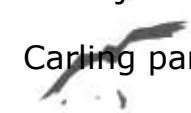
Balançou a cabeça. —Eu não sei quem diabos você é, — disse a mulher no espelho. —Mas tem um olhar poderoso e bonito.



Rune gritou: —O que você disse?

—Eu não tenho certeza sobre isso, — ela disse ao sair do banheiro. —Tem sido muito divertido, mas...

Rune já estava no quarto, vestido de preto.



Carling parou tão abruptamente que quase caiu das botas.

Ele estava parado de perfil ao lado da cama, no processo de abotoar o que parecia ser uma camisa costurada à mão que moldavam o seu poderoso e musculoso, torso. Cabides e etiquetas estavam espalhados pelo topo da cômoda próxima. O preto destacou sua pele bronzeada, e os destaques ricos acobreados em ouro de seu cabelo. O corte chique nas calças de linho enfatizou as pernas longas e graciosas. Um paletó combinando pendurado na maçaneta da porta do quarto. Não importa o quão deploravelmente ele se vestia, antes, nada poderia disfarçar o fato de que sempre estava elegantemente pronto e bonito, mas essas roupas emprestaram-lhe um ar de gravidade sofisticada que não estava lá até agora, sentiu-se otária e reviu tudo de novo.

Sua boca trabalhava. Talvez seja hora de dizer algo. Era a sua vez na conversa? Não conseguia se lembrar.

—Uh, — ela disse.

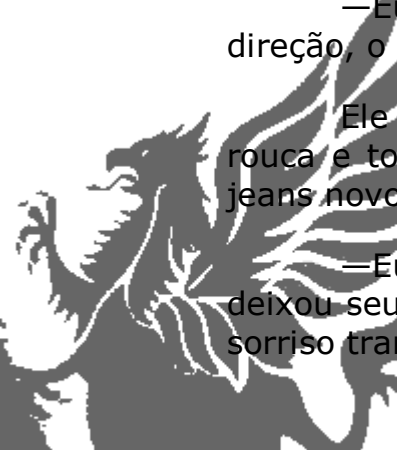
—O que há de errado, querida? São as botas? Não são confortáveis? — Rune perguntou. Ele se virou para ela, franzindo a testa, e seus olhos se arregalaram. —Bem, eu sabia que seria bom, — ele murmurou. —Mas a realidade é muito melhor do que eu imaginava.

—Você, hum, — ela disse.

—Você, o quê? — Ele se inclinou para pegar alguma coisa aos seus pés. Era outra sacola de compras.

—Você não está vestido do jeito que costuma.

—Eu queria ficar bonito para você. — Ele caminhou em sua direção, o corpo de espadachim fluindo como o de uma pantera.



Ele tinha jogado fora a camiseta e vestido outra. Sua voz saiu rouca e toda errada, quando acusou: —Você disse que iria comprar jeans novos.

—Eu fiz isso também, — Rune disse. Parou na frente dela e deixou seu olhar viajar para baixo no comprimento de seu corpo. Um sorriso tranquilo tocou os cantos de sua boca bem moldada.



Antes que ela percebesse, ouviu-se perguntar: —O que você acha?

—Eu amo isso, — ele disse. —Mas a questão importante é, o que você acha? Precisa ajustar as botas? A roupa está confortável?

—Está, na verdade. — Ela arranhou os dedos pelo cabelo, estranho e curto. —Estou apenas surpresa. Isto não é o que estava esperando.

Seu olhar procurou o dela. —Você gostou?

Ela olhou para si mesma também. —Gostei. Só não tenho certeza que sou eu.

—Pode ser você, se quiser que seja, — disse o tentador do Jardim do Éden. —Às vezes, você sabe, ser bem humorada. — Ele levantou um dedo. —Espere, não decida nada ainda. Nós não terminamos.

Ela apertou os lábios. —O que você quer dizer, com nós não terminamos? — Seus olhos sorriam para os dela.

—Mantenha-se bem humorada por um tempo mais longo. Por favor? Não vai doer. É só por diversão. E desta vez não é mesmo mau ou ruim, — disse a voz do pecado original. —E você pode até gostar disso também.

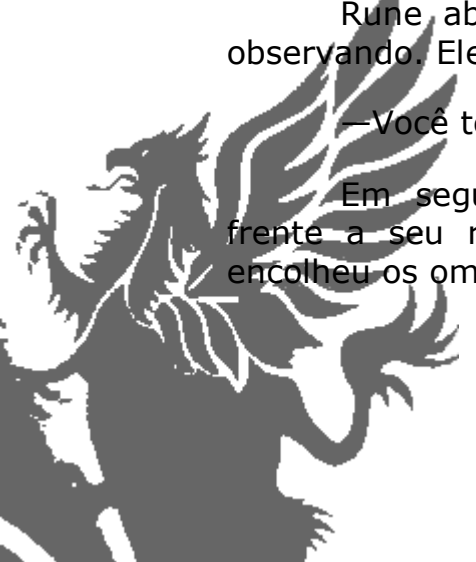
Diversão. A palavra de novo, de três sílabas, incompreensível. Seus olhos eram tão quentes e convidativos, tão quentes como o seu corpo, e mais atraentes do que qualquer fogo. Foi tão fácil entrar na dele quando a persuadiu, e a viu sorrindo de volta. —O que quer que seja. Tudo bem.

—Obrigado, Carling, — murmurou. Beijou-a levemente e tomou-a pela mão, e se viu voltando para o banheiro com ele. Ele persuadiu-a a sentar no balcão. Em seguida, despejou o conteúdo da sacola de compras no balcão ao seu lado. Ela olhou para um monte de cosméticos Guerlain e começou a rir.

Rune abriu uma paleta de sombras e levou até seu rosto, observando. Ele assentiu e escolheu.

—Você tem que estar brincando, — disse ela.

Em seguida, ele abriu um blush compacto, segurou-o em frente a seu rosto, e observou novamente. Ele piscou um olho, encolheu os ombros, em seguida colocou o blush de lado.





—Rune, — Carling disse, olhando para ele. Ela não tinha palavras para descrever a incredulidade que sentia.

—O que? — Ele deu-lhe um sorriso, sonolento perigoso. — Você disse que iria me agradar, — ele disse. — Então me agrade.

Carling disse: —Mas eu tenho telefonemas a fazer.

—Seremela está a caminho, o Gênio está trabalhando em sua tarefa, e todas as chamadas de telefone que precisam ser feitas podem esperar 15 minutos. — Ela lutou para encontrar algum argumento, Rune levantou uma sobrancelha. —Estou certo?

Ela soltou um profundo suspiro, porque realmente, às vezes simplesmente não havia outra maneira de comunicar algo.

—Eu sei, — ele acalmou quando abriu um pacote contendo uma escova de zibelina. —Botas de salto alto, jeans e agora isso. É tudo muito difícil de aceitar.

—Você não tem ideia, — ela murmurou.

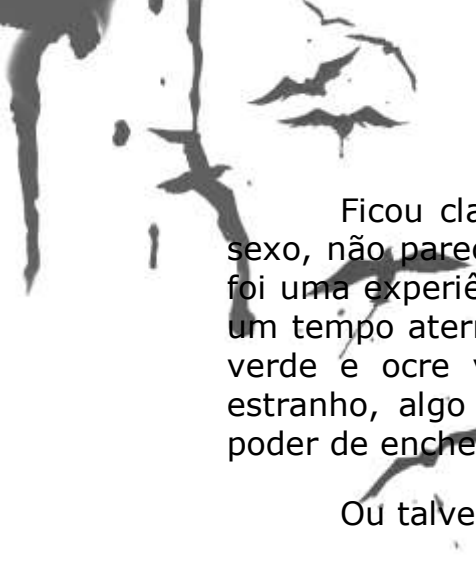
—Silencio. Agora feche os olhos.

Então, porque brincar por 15 minutos seria muito mais rápido do que discutir com ele, e ela fez exatamente isso. Afinal, não era como se nunca tivesse usado maquiagem antes. Usara maquiagem incontáveis vezes. Durante o Império Romano, tinha tido uma cosmetae²⁶ apenas com a finalidade de maquia-la. Usava em seu rosto e cabelo um pó no estilo rococó, em meados do século XVIII, na França. Tinha amadurecido e fazer propaganda de seu próprio rosto havia ficado tão completamente chato que se afastou de tudo isso há muito tempo.

Mas com Rune tendo uma noção tão ridícula em sua cabeça, a esse respeito aqui e agora, resdescoveriu algo que havia se tornado velho, cínico e, eventualmente tedioso em algo totalmente estranho, erótico e de alguma forma comovente.

Agarrou a borda do balcão com as duas mãos no esforço de se segurar enquanto fazia amor com seu rosto. Ele acariciou com a escova sua pele sensível. Levou-a a inclinar a cabeça, com um toque de plumas, dos dedos, um sopro quase inaudível. Sentiu o calor de seu corpo queimar contra o exterior de seu joelho quando ele inclinou seu quadril contra sua perna. Ela sentiu o cheiro do perfume de sua excitação ao ouvir o som de sua respiração sem pressa e a mudança de luz do tecido contra a pele quando se mexeu.

²⁶ escrava que atendia as mulheres e deu origem a palavra cosmético



Ficou claro que ele não tinha a intenção de seduzi-la a fazer sexo, não parecia determinado a isso. Simplesmente gostava dela, e foi uma experiência nova que a lembrou da primeira experiência, em um tempo aterrorizante, quando ela foi pintada com cajal, malaquita verde e ocre vermelho para que pudesse seduzir um deus. Que estranho, algo que aconteceu há muito tempo ainda poderia ter o poder de encher-lhe os olhos de lágrimas.

Ou talvez fosse apenas Rune, despertando sua alma.

E ela deixou.

—Franza seus lábios, — Rune murmurou.

Ela o fez, e ele pintou sua boca com batom, suavemente. Abriu os olhos, apenas uma fresta para ver o rosto dele, quieto e atento. A luz sobre o espelho do banheiro brilhou em seus olhos e o encheram de luz. Ele colocou um dedo sob o queixo dela para segurá-la no lugar e a estudou.

—Tudo bem, — ele disse. —Terminei.

Ela abriu os olhos. Eles olharam um para o outro. Seu olhar dilatado, fixado totalmente sobre ela. Ele limpou a borda do lábio inferior com a ponta de seu dedo polegar, e apenas respirava, —‘Ela anda em beleza, como a noite sem nuvens e o céu estrelado, e tudo o que é o melhor do escuro e brilhante apresenta-se em seu aspecto e seus olhos.’²⁷ Querida, você sempre foi linda, mas agora está oficialmente deslumbrante.

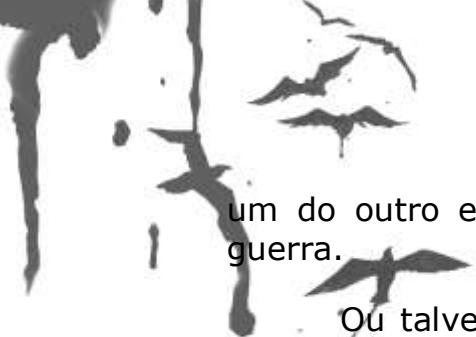
Um canto de sua boca tremeu, e levantou. — Realmente acha isso?

—Eu sei que sim, — disse, e sua voz era baixa, mais áspero do que tinha sido antes. A puxou para fora do balcão e virou-a de frente para o espelho, e mais uma vez, olhou para si mesma. Ela ignorou sua imagem para se concentrar na delicadeza hábil com a qual havia ampliado seus olhos, enfatizou as maçãs do rosto salientes, e animou a boca cheia. Não tinha colocado uma única pincelada errada. Ela parecia brilhante e bonita, brilhava como uma mulher amada.

Amada.

Recostou-se contra seu peito. Ele colocou os braços em volta dela. Seus olhos se encontraram novamente no espelho, Rune elegante e perigoso e a nova mulher estranha, e o impacto da conexão era tão crua como quando Paris e Helena olharam nos olhos

²⁷ "She Walks in Beauty" é um poema escrito em 1814 por Lord Byron



um do outro e trouxeram um mundo de deuses e homens para a guerra.

Ou talvez fosse apenas o ciclone que rugiu para o banheiro e se fundiu na alta figura de um príncipe arrogante.

Carling e Rune se viraram para olhar Khalil. O Gênio estendeu a mão. Na palma branca e ampla havia um objeto preto, meio-esmagado. O tempo o tinha corroído tanto que era quase irreconhecível como faca.





CAPÍTULO 15

Rune ficou como pedra, seu corpo se retesou.

Carling esticou-se lentamente para pegar a faca e fechou o punho em torno dela. Olhou para Khalil e seu estranho olhar diamante. O Gênio estava olhando para ela, a cabeça inclinada, sua expressão cheia de curiosidade.

No entanto, ele não pediu uma explicação. Em vez disso, disse: —Isso conclui o segundo dos três favores que lhe devia.

—Sim, claro, — ela disse. —Obrigada, Khalil.

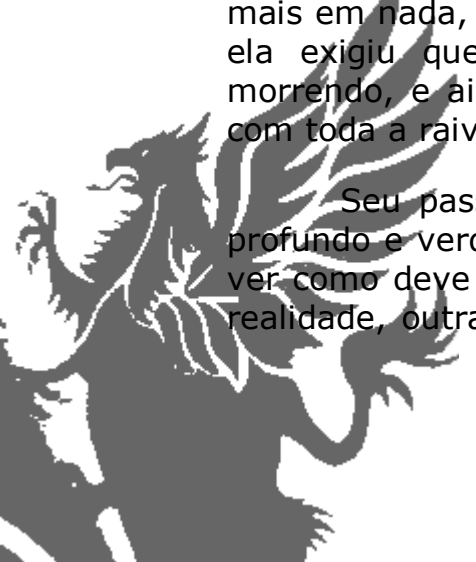
Ele inclinou a cabeça. Outra coisa cintilou em suas feições, e em um gesto raro, tocou seus dedos. Então desapareceu em um turbilhão de energia.

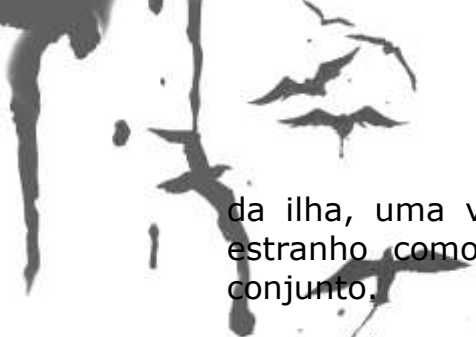
Carling virou-se para Rune. Ele estava olhando para o punho, com a pele ao redor da boca, branca. Uma veia em sua têmpora latejava visivelmente.

Ela não conseguia se lembrar de seu passado, exceto este passado que haviam criado juntos. Lembrou-se da primeira vez em que colocou os olhos sobre ele como uma vampira adulta. Quase não o reconheceu, tinha sido tão logo que ele tinha matado o sacerdote, e mudado sua vida. Mas havia algo sobre a maneira como ele mudou, e a maneira como sorriu aquele sorriso branco e selvagem que levava as fêmeas a enlouquecerem de desejo.

Ela assistiu a tudo com um rosto inexpressivo e frio, e um coração idoso que havia se tornado tão cínico que não acreditava mais em nada, exceto que as coisas sempre mudam. E então na ilha, ela exigiu que ele se ajoelhasse, e ele a beijou e ela estava morrendo, e ainda não havia se lembrado dela, e então bateu nele com toda a raiva e dor que tinha dentro de si...

Seu passado pode ter mudado e ainda assim era tudo mais profundo e verdadeiro do que tinha sido antes. Ela podia até mesmo ver como deve ter vivido sua vida antes dele, como uma sombra na realidade, outra Carling, muito parecida com o desenho do contorno





da ilha, uma vez que pairava sobre o horizonte da Baía. Era tão estranho como todas as peças se encaixavam perfeitamente no conjunto.

Agora, percebeu que havia um problema com a decisão de não se apaixonar por ele. Como poderia esperar se recuperar de tais sentimentos ou retirá-los, quando estava bem na frente dela, incorporando tudo o que fazia deslizarem suas barreiras e fazer com que ela se apaixonasse por ele em primeiro lugar?

Ele era tudo o que poderia ter desejado em um parceiro de vida e muito mais do que jamais esperou encontrar, com sua compaixão e carinho, seu intelecto, que era tão bem temperado em nuances e estratégias, sua crueldade temperada com humor e razão, travesso e com a força de um guerreiro que era tão indomável, podia se debruçar sobre ele quando ela se sentisse fraca e ele poderia igualar a ela cabeça a cabeça.

Como ela tinha dito a ele, não era boa em rendição. Algo dentro dela era muito feroz para se dobrar facilmente ou, muitas vezes, muito bem enraizado o hábito de mandar. Mas descobriu que tinha que se curvar a seus próprios sentimentos sobre isso e render-se à experiência de amá-lo, porque era simplesmente impossível fazer outra coisa.

Ela estendeu a mão e acariciou sua testa. Ele estava claramente sofrendo por algum motivo, e feria-a vê-lo. Ela disse suavemente, —Nós sabíamos que isso era possível.

—Sim. — Ele pegou a mão dela, pressionou os dedos contra a boca e fechou os olhos. Não tinha certeza do que o atingiu.

Ele realmente mudou a história. Pensou no sacerdote que tinha matado e percebeu que não era o que o abalou tanto. Toda vez que tinha que matar, mudava o curso do futuro. Ele aceitou essa responsabilidade há muito tempo atrás.

Não, o que realmente sacudiu a sua base foi o pensamento de quantas vezes Carling tinha deslizado para o enfraquecimento sózinha ou com apenas Rhoswen, ou outros Vampiros e humanos para protegê-la. A porta para o seu passado tinha ficado aberta muitas vezes para qualquer criatura escura ou espírito esfaimado com capacidade para passar. Ela mencionou uma vez que tinha inimigos. Qualquer pessoa com o seu poder e posição teria.

E se alguma coisa já havia escapado e a estava perseguindo no passado? Seus episódios pareciam ser algum tipo de canal para ele. Quando pararam, e a passagem foi fechada voltaram para o



presente. E se outra coisa encontrou uma maneira de ficar para trás no passado?

A Carling mais nova seria uma deliciosa refeição para alguma coisa negra e vingativa devorar.

E se ela simplesmente desaparecesse?

Poderia flexionar universo de tal forma a aceitar a morte de Carling, e absorver tudo o que isso poderia mudar? Ele poderia virar um dia e descobrir que ela desapareceu como se nunca tivesse existido? Se isso acontecesse, ninguém saberia que ela se foi, ninguém exceto, talvez, ele, já que ainda se lembrava de como Carling tinha sido cruelmente chicoteada na linha do tempo em primeiro lugar.

Ou talvez, se ela morresse, o passado fosse alterado em um grau tão profundo, que não se lembrasse dela também. Ele poderia se tornar um Rune alheio, vivendo a sua vida em Nova York. Nunca iria vê-la andando cintilantemente nua para fora do rio, as gotas de água como diamantes sobre seu corpo. Nunca lhe daria o primeiro beijo escaldante, ou a ouviria rir, oxidada de surpresa, ou a levaria ao chão, com a necessidade selvagem dela de gritar em sua boca e garrar-se a ele enquanto ela o levava a ter também.

Que os Deuses tenham misericórdia.

—Nós temos que parar esses episódios, — ela disse, claramente seus pensamentos tinham passado ao longo de uma linha semelhante por todas as possíveis consequências do que eles tinham feito.

—Sim, — ele disse com voz rouca. —Mas antes de fazer, Carling, eu tenho que voltar novamente.

—Por quê?

Ele abriu os olhos para encontrá-la olhando para ele como se fosse um louco. Ele não a culpou. Sentia-se como um louco. —Se eu pude passar para o seu passado, outra coisa pode ser capaz de passar também. A Carling mais jovem não sabe se proteger. Ela tem que ser avisada.

Um arrepio correu estremecendo pela sua espinha. A mente correu e tentou encontrar a falha na sua lógica, mas não podia.

Que jogo perigoso que estamos jogando, você e eu, ela pensou quando olhou para seu rosto tenso. Estamos nos intrometendo no passado e com o outro, e eu acho que mal temos



uma compreensão de todas as coisas que podem ter sido colocadas em movimento.

Ela apertou sua mandíbula. —Tudo bem, — ela disse. —Você vai voltar, mais uma vez, para ver se pode me avisar. Se eu for muito jovem para entender, vai ter que voltar novamente até onde não sou. Mas não pode mudar nada, está me ouvindo? Se vir algo acontecendo que fizer se sentir desconfortável, afaste-se.

—Eu poderia mudá-la novamente apenas por falar com você, — ele disse.

Você já me mudou da forma mais profunda possível, pensou, e a mudança não tem nada a ver com a viagem no tempo.

—Eu aceito o risco, — ela disse. —E assumo a responsabilidade por isso.

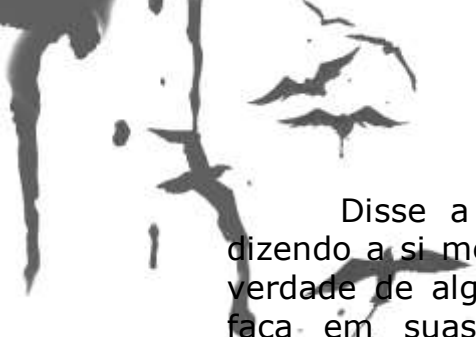
—Você pode não se lembrar disso. — Um músculo pulsou em sua mandíbula. —Você pode não se lembrar de nada disso.

Sua expressão se manteve estável. Em sua imaginação, ele podia vê-la usando a mesma expressão que enviou milhares de homens para morrer em batalha. — Se isso chegar a acontecer, — ela disse, —Então nós teremos que aceitar isso também.



Rune jogou para trás uma garrafa do Hotel-sized de Glenlivet e melancólico girou seu iPhone em círculos sobre a mesa de café, enquanto observava a CNN mudo na sala de estar da suíte. Na legenda que corria abaixo, cenas das famosas pirâmides do Egito, noticiando que um repentino terremoto rachou a base do templo de Djoser, na base, onde havia um verdadeiro complexo funerário. Cenas acompanhavam mostrando o buraco que apareceu de dentro da terra. A poeira ainda pairava sobre o local, e a estrutura em torno da antiguidade foi reduzida a escombros. Rune pensou em todos os contos de alerta sobre os favores oferecidos pelos Gênios, e o conto de horror 'pata do macaco,' de WW Jacobs. Cuidado com o que você deseja, pois as consequências podem ser uma puta loucura. Foda-se!

A faca estava na mesa de café em frente a ele, ao lado do telefone celular. Pegou e brincou com ele, tentando abrir as diferentes lâminas. A lâmina reta deslizou, mas o alicate só deslizou parcialmente.

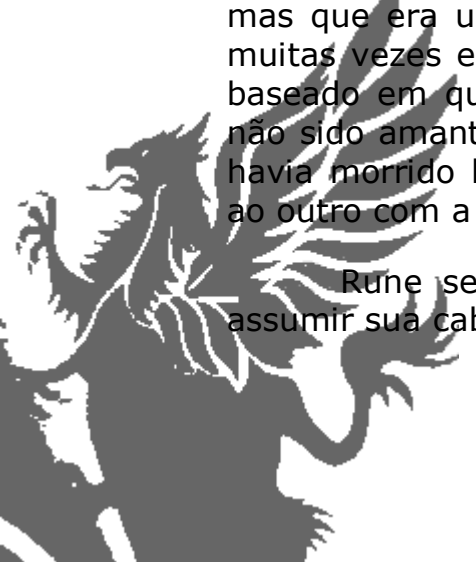


Disse a si mesmo que não estava surpreso. Tinha ficado dizendo a si mesmo desde que o Gênio largou a faca, e era mesmo verdade de alguma forma. Então olhou para as cenas na CNN e a faca em suas mãos, e sentiu seu próprio terremoto interno, novamente.

Abriu outra garrafa de licor do hotel, uma garrafa de vodka consideravelmente azul, SKYY desta vez, e bebeu. Ouviu distraidamente enquanto Carling fazia os telefonemas que precisava fazer no quarto. Primeiro ligou para Duncan para dizer-lhe em uma versão truncada os eventos recentes. Absteve-se de mencionar qualquer um dos detalhes mais perigosos e simplesmente disse que ela e Rune estavam seguindo pistas de uma pesquisa sobre uma possível cura. Ela também disse a Duncan que havia deixado Rhoswen ir, e mesmo que Rhoswen ainda pudesse ter acesso à conta, Carling tinha determinado, que já não estava autorizada a agir em nome da Carling.

Então Carling ligou para Julian.

Esse foi o telefonema que Rune estava esperando ouvir. Parou de brincar com a faca e imaginou Julian Regillus do outro lado da linha telefônica. Julian tinha sido transformado, no auge do Império Romano. Servindo o Imperador Adriano, tinha sido um general de destaque na cultura militar, que já havia sido descrito como antecessor dos fuzileiros navais, 'mas muito mais desagradável.' O Poder Vampirico tinha uma potência afiada que era característica de todos os Vampiros idosos. Não havia nada de bonito ou suave sobre ele. Sua estrutura de 1,80 m de altura, cheia de cicatrizes, era embalada por músculos pesados de um homem que passou a vida na guerra. Ele tinha cabelo preto curto, com uma pitada de grisalho nas têmporas e um rosto que lembrava a agressividade de uma bala, juntamente com o tipo de inteligência afiada necessária para puxar o gatilho.



Rune pensou nas vezes que tinha visto Carling e Julian juntos. Sua relação tinha sido uma questão de especulação ociosa ao longo dos anos. Rune pensou que provavelmente tinham sido amantes, talvez há muito tempo, quando Carling tinha transformado Julian, mas que era uma suposição baseada puramente na intimidade que muitas vezes era criada entre a Vampira e sua descendência, e não baseado em qualquer evidência que tinha visto. Se eles tinham ou não sido amantes, qualquer brasa de que o emparelhamento existia, havia morrido há muito tempo. Agora Carling e Julian tratavam um ao outro com a cortesia de parceiros de negócios.

Rune se esforçou para segurar a criatura louca que tentou assumir sua cabeça de novo, e desta vez conseguiu manter a criatura



contida. Ele estava feliz por não ter que enfrentar Julian naquele momento, porque se o outro homem estivesse realmente presente, Rune não conseguiria se conter.

—Julian, — Carling disse. Uma pausa. Sua voz tornou-se friamente meticulosa. —Eu estou bem ciente de que tinha concordado, mas as coisas mudaram. O Wyr Sentinela, Rune e eu estamos buscando uma linha de pesquisa que está provando ser frutífera...

Rune segurou as pontas da faca com as duas mãos no silêncio que se seguiu.

Quando Carling foi a próxima a falar a frieza em sua voz havia se transformado em um chicote. —Você é meu filho, — disse ao rei dos Noturnos. —Minha criação. Eu não sou sua. Não estou pedindo permissão para fazer qualquer coisa. Você pode me apoiar neste esforço, ou você pode optar por acreditar que estou perseguindo sonhos desesperados e mortais. Não dou a mínima de qualquer maneira. O que você não pode fazer é interferir comigo ou tentar ditar minhas ações.

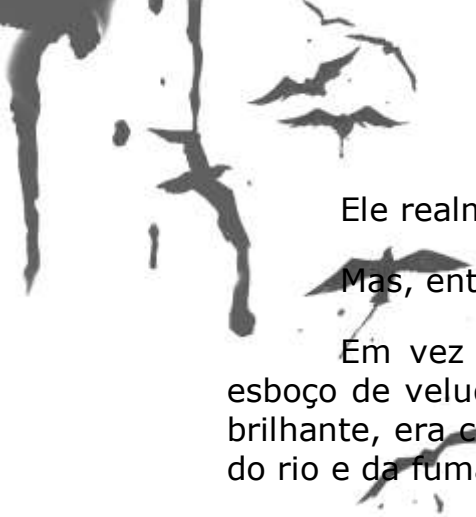
Ele podia ouvir o clique tranquilo no outro quarto quando Carling gentilmente colocou a parte de trás do receptor de telefone em sua base.

Rune viveu em um ambiente onde as brigas e xingamentos eram normais, usados e muitas vezes ignorados pela maioria. Ouvir palavrões vindos de Carling, que quase nunca os usava, era de alguma forma chocante, e deu um tipo estranho de intimidade a conversa.

A faca quebrou em suas mãos. Ele olhou para a peça. Inclinou tanto as articulações, forçou tanto que tinha quebrado.

Não era violência suficiente para ele. Ele queria fazer dano à outra coisa. De preferência a algo com um perfil aquilino romano.

Ele olhou para as portas francesas abertas, enquanto esperava por Carling sair do quarto. Ela não o fez. Ele se voltou para o início da noite. Ícaro mais uma vez pegou fogo e caiu no horizonte ocidental. Lá fora, a maior parte do vapor anterior havia queimado. O que foi deixado para trás era uma neblina pesada que cobria a terra e o mar, e transformava os picos da ponte Golden Gate em pináculos sobrenaturais. Rune sabia de um povo indígena que acreditava que quando estava nebuloso, o véu entre os mundos se tornava fino, e os espíritos dos antepassados e outras coisas caminhavam de forma mais livre sobre esta terra. Talvez eles estivessem certos. Talvez ele era um desses espíritos, andando entre os mundos.



Ele realmente precisava ligar para Dragos agora.

Mas, então, o poder de Carling ondulou sobre a cena.

Em vez da luz do dia, desta vez a passagem aberta para o esboço de veludo do escuro da noite, que cobriu a suíte iluminada e brilhante, era como um pesadelo. Ele sentiu o cheiro pesado e úmido do rio e da fumaça acre de queimar incenso.

Levantou-se e olhou para a porta aberta do quarto, com as mãos atadas em punhos. Então pegou suas facas embainhadas. Caminhou para o quarto. Estudou cada passo que dava, cada nuance da experiência. Chegou ao local dobrado na passagem, o cruzamento, a reviravolta que levava a uma página diferente. Repousando sobre um ponto singular que era tão preciso, se sentiu menor do que a ponta de um alfinete. Seria tão fácil perder a noção de um lugar pequeno, aquele momento único, na cascata infinita de todos os outros momentos no tempo. Ele se esforçou para memorizar o lugar de retorno, apenas no caso de precisar, a fim de voltar.

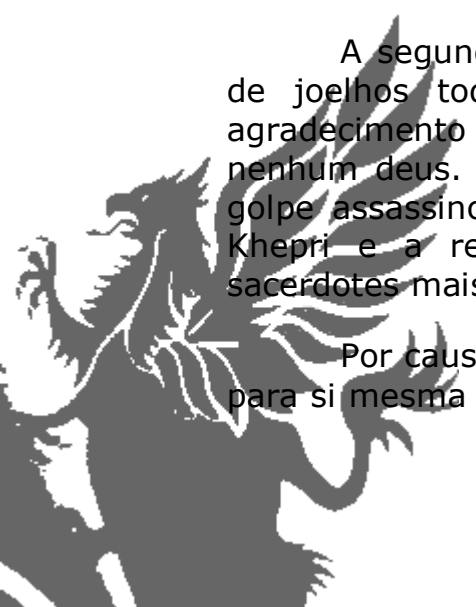
Isto é, se pudesse descobrir como usá-lo. Para sua frustração, o lugar revirava derretido longe dele, assim como cada momento no presente fez, quando entrou no passado.

Ele foi muito mais cauteloso do que tinha sido das duas primeiras vezes. Porque o que acontece em Vegas nem sempre fica em Vegas, baby.



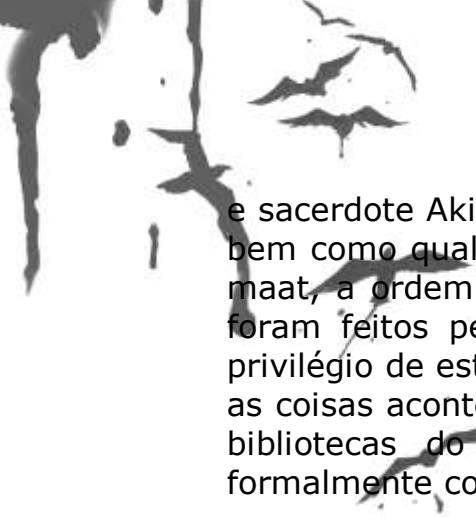
Aqui Carling estava, em outro limite.

Cada vez que chegava a um destes lugares, perdia a vida. A primeira vez foi na infância, pelo rio. Isso sempre acontecia perto do rio.



A segunda vez, perdeu a sua vida como uma escrava, e caiu de joelhos todos os dias para oferecer incenso e orações de agradecimento ao estranho deus dourado que alegava não ser nenhum deus. Mas ele mantinha em segredo seu nome, e com um golpe assassino e um beijo em sua testa, havia matado a escrava Khepri e a refez em Carling, a afilhada estimada de um dos sacerdotes mais poderosos das duas terras.

Por causa da ordem de Rune, tinha gastado muito mais tempo para si mesma do que qualquer outra mulher que conhecia, e seu pai



e sacerdote Akil, era tão bom e educado quanto sua palavra com ela, bem como qualquer homem. Aos vinte e dois verões, tinha estudado maat, a ordem do universo, e os três tipos de seres sencientes que foram feitos pelos deuses, os vivos e os mortos. Ela tinha tido o privilégio de estudar Heka tão bem, — ou tivesse capacidade de fazer as coisas acontecerem por meios indiretos, — porque tinha acesso as bibliotecas do templo, aprendeu muitos dos feitiços que eram formalmente conhecidos apenas pelos sacerdotes.

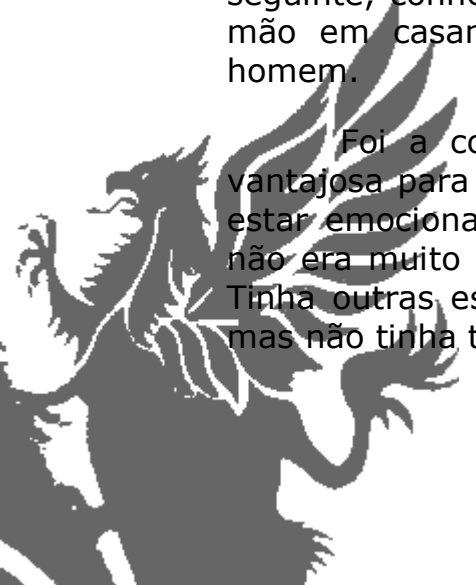
Muitos desses sacerdotes eram pomposos charlatões politicamente perigosos. Ela observou-os proferir feitiços e executar rituais religiosos, e pareciam com palhaços ridículos. Às vezes, gritavam os feitiços com todo o ar dos pulmões, como se gritando e agitando os braços chamassem a atenção dos deuses.

Ela poderia ter dito a eles: não importa o quão alto ou teatralmente oram, a magia não funciona se não tiver Kneph, o sopro sagrado que deu vida a coisas e deu-lhes forma. Somente quando um tinha este poder, poderia despertar o verdadeiro movimento que vivia na magia para chamar os deuses.

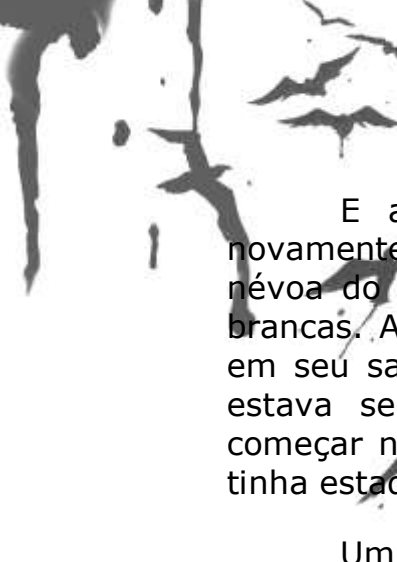
Carling sempre teve Kneph, embora não tivesse sido sempre assim que soube como lhe chamar. Quando ela lançava um feitiço funcionava, embora, como uma mulher, era herético reclamar tanto, então continuou seus estudos acadêmicos e o conhecimento de suas habilidades, em particular. E mesmo que tenha sido tratada como uma afilhada favorecida, não era uma mulher de origem nobre, assim não poderia se tornar uma serva de Deus.

Nunca quis ser uma Serva, de qualquer maneira, pois as sacerdotisas cantaram em uma quantidade de tempo infernal, mas pareciam fazer pouco mais que isso. Carling não tinha intenção de passar sua vida cantando como um pássaro em uma gaiola.

Então, de tédio, tanto quanto por qualquer outra coisa, concordou quando Akil veio a ela com um jogo politicamente brilhante. Foi simples deixar as restrições desta cidade que era tão dedicada aos mortos, e começar viver sua própria vida. No dia seguinte, conheceria um rei do deserto menor que havia pedido sua mão em casamento. Em seguida, iria ver o que podia fazer do homem.



Foi a coisa sensata a fazer, e a oferta era extremamente vantajosa para uma mulher que havia sido uma escrava. Ela deveria estar emocionada. O rei era muito mais velho, mas sua respiração não era muito horrível e estava completamente apaixonado por ela. Tinha outras esposas, é claro, e muitas escravas como concubinas, mas não tinha tomado qualquer uma delas como sua rainha. Ainda.



E aqui estava ela, como Osíris, morrendo e renascendo novamente. Estava enrolada em um manto contra o frio trazido pela névoa do rio que se apoderou dos famosos Ineb Hedj, de paredes brancas. A noite estava tão rica e selvagem como o canto do vinho em seu sangue, e ela deveria estar feliz e animada. Em vez disso, estava se afogando em agitação e confusão. Estava prestes a começar na sua nova vida e aprender coisas novas. Ela, que nunca tinha estado com um homem, estaria com um, amanhã à noite.

Um homem que era muito mais velho e sua respiração não muito horrível.

Sua própria respiração sufocou na garganta. Ela queria... queria alguma coisa. Não sabia o que queria, mas ela queria muito. O mundo era tão estranho e grande, e ferozmente bonito. Ela queria... queria sua alma para voar fora de seu peito novamente de pura maravilha, como tinha sido quando era uma criança.

Então, ela lançou seu primeiro feitiço real em segredo no pátio sob o pálido sorriso da lua crescente, enquanto seu pai, o idoso sacerdote, e o resto da família dormia. Ela criou as palavras para a mágica e trabalhou-as com cuidado, queimou incenso, deu oferendas de leite e mel para Atum, Bat e especialmente para Amunet, a 'uma mulher oculta'. E então sussurrou essas palavras trabalhadas com o fôlego do Poder, e sentiu-as enrolar na noite junto com o cheiro de incenso caro.

Dou graças aos deuses

Visível e invisível

Quem passar por todos os mundos.

Dou graças por sua sabedoria eterna

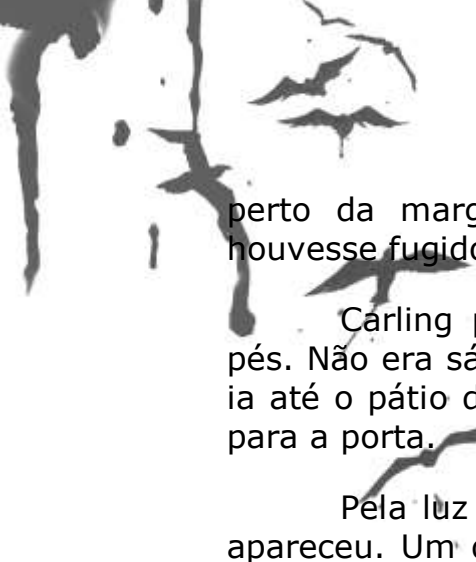
E o dom sagrado do desejo do meu coração...

Porque, certamente, os deuses sabiam melhor do que ela o que fazer com essa quente e bonita dor, os deuses, que afinal, criaram-na com tal alma, feroz e solitária.

Que miséria havia criado. Bah. Seus olhos tolos pingaram. Ela cheirou, se abraçou, e enxugou o rosto com as costas da mão.



Em seguida, um vento soprou por entre os juncos e gramíneas, e trouxe com ele um odor de poder e fogo. Algo caminhou em sua direção. Moveu-se em silêncio, mas sua presença espalhou silêncio absoluto na noite de incenso perfumado. Um crocodilo sibilou



perto da margem do rio e então houve um respingo como se houvesse fugido.

Carling pegou a faca de cobre que tinha colocado aos seus pés. Não era sábio mover o subterrâneo durante a noite, e ela nunca ia até o pátio de casa sem uma arma. Calma, mas cautelosa, voltou para a porta.

Pela luz da lua crescente, fina e delicada, um deus em preto apareceu. Um deus, que alegou que não era um deus, grande e de cabelos dourados e tão lindamente formado, que seu ka ou força da vida ferveu o ar ao seu redor.

Carling deixou cair a faca, olhando.

A noite não era feita para as cores vivas. Ele seria melhor visto à luz brilhante e quente do dia. Cobre, amarelo, bronze, ouro, e o calor feroz de olhos de leão, sem idade.

Sim, foi isso. Isso foi exatamente como ela se lembrava. Sua alma, voando para fora de seu corpo, e voando ansiosamente em direção a ele.

—Rune, — ela sussurrou. Seu próprio Atum, que se levantou da água para preencher seu caminho de estrelas e completar o mundo.

A primeira vez que ela o tinha visto, estava sorridente e brincalhão. A segunda vez ele estava em uma fúria assassina. Desta vez, o viu pela terceira vez. O três Poderoso, que era a sua própria plenitude. Três vezes, era um número Heka. Seu rosto sobrenatural aparentava uma gravidade conturbada, e então se iluminou em algo completamente diferente, quando a viu, algo estranho que tinha a ver com a forma como os homens olhavam para as mulheres. O que quer que fosse essa coisa estranha, tinha acelerado seu coração, suas mãos tremiam e suas coxas estavam pesadas e cheias.

—Khepri, — ele disse. Sua voz era mais profunda, mais selvagem do que se lembrava. Ou talvez o ouvisse melhor agora que era mais velha.

Sorrindo, caminhou em direção a ele, este homem que segurava sua alma. —Eu escolhi um nome diferente de minha vida como escrava, — ela disse. —Chamo-me Carling agora. E eu deveria saber que você viria.

Ele sorriu para ela, quando chegou até ele. —Por que isso?

—Você sempre volta quando eu morro, — disse.



O choque revolveu o intestino de Rune.

Você sempre volta quando morro.

Antes que percebesse, tinha deixado cair as suas próprias facas e agarrou-a pelos ombros. Sua cabeça caiu para trás e ela olhou para ele, e ele próprio se criticou furiosamente, Cuidado, idiota. Ela é um ser humano frágil agora. Fez-se embalar seus braços delgados, cuidadosamente, sentindo sua carne flexível e quente sob seus dedos, e estudou seu rosto.

Ela tinha inegavelmente crescido, virado mulher, mas era muito jovem para ser a Carling que tinha tomado o beijo da serpente, adivinhou em até sete ou oito anos. Seu rosto estava mais redondo, menos esculpido, mas ainda tinha os mesmos lindos e longos olhos escuros, as maçãs do rosto fabulosas e a boca ultrajante. Ela olhou para ele com toda a flor do espanto, aberta no rosto, e seu aroma continha uma fragrância diferente de qualquer outro.

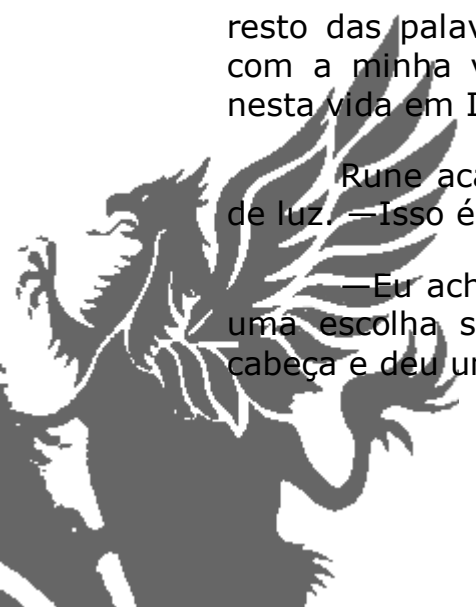
Irritante, Menina bonita. A menina mais bonita do mundo.

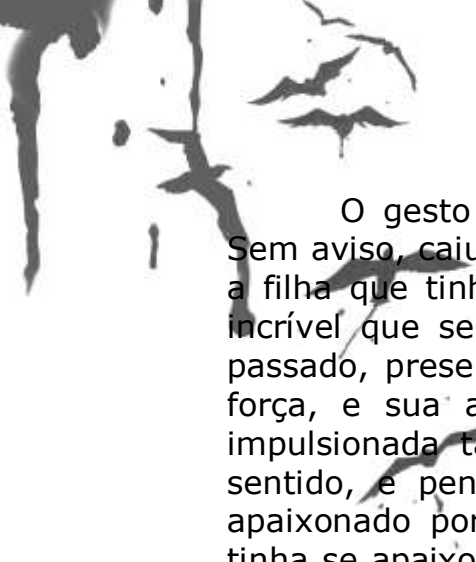
—O que quer dizer com: eu sempre venho quando você morre? — Rune sussurrou. Seu coração ainda tinha que se recuperar. Ela não tinha raspado a cabeça, como muitos egípcios antigos. Seu longo cabelo escuro caia até a cintura estreita em dezenas de pequenas tranças meticulosas. Ele tocou uma das tranças e traçou-a deixado cair longe de seu rosto.

—Você veio a primeira vez, quando a minha vida pelo rio terminou, — Carling disse a ele. Lá dentro, havia sido atingida. A estava tocando, sua mão estava em seu ombro, e a outra em seu cabelo. Não tinha ideia de que algo poderia ser tão absolutamente adorável como um simples toque. Teve que se esforçar para trazer o resto das palavras para fora. —Então você veio de novo e acabou com a minha vida como escrava. Esta noite é minha última noite nesta vida em Ineb Hedj. Amanhã vou para outra vida, longe daqui.

Rune acariciou a pétala suave de sua bochecha com um dedo de luz. —Isso é uma coisa boa?

—Eu acho que sim. Espero que sim. É a primeira vez que tive uma escolha sobre isso. — Carling arregalou os olhos, inclinou a cabeça e deu um encolher de ombros.





O gesto era tão grave, como o de Khepri criança, inocente. Sem aviso, caiu de ponta-cabeça no amor por ela novamente. Ele via a filha que tinha sido, esta beleza, a jovem orgulhosa, e a mulher incrível que se tornaria, e amava todas elas, todas as Carlings do passado, presente e futuro. Ele viu nitidamente, suas fragilidades e força, e sua alma abraçou tudo. O sentimento era uma espada impulsionada tão profundamente como qualquer coisa que tivesse sentido, e penetrava através de seu corpo. Parecia que tinha se apaixonado por um tempo muito longo, e cada vez que percebia, tinha se apaixonado um pouco mais, e um pouco mais. Nunca soube que se apaixonar poderia ser tão indefeso e completo como isto.

Então, de repente, caiu em pânico e começou a tremer. Não foi simples ou tranquila a tremendeira, mas uma tempestade violenta que o levou e sacudiu seus ossos. Ele iria realmente voltar no tempo. Realmente. Voltar no tempo. Esta não era a sua Carling, ainda não. Não deveria estar aqui. Outro, o Rune mais jovem estava vivendo sua vida, alheio, em outra parte do mundo.

Não podia ficar. Não podia protegê-la, esta bela paragem de coração, frágil, corajosa e humana. E só por estar aqui, poderia ter mudado a história novamente. Poderia estar mudando agora mesmo, de modo que ela fizesse algum outro tipo de escolha do que originalmente fez, algum tipo de escolha nova e diferente que a matasse.

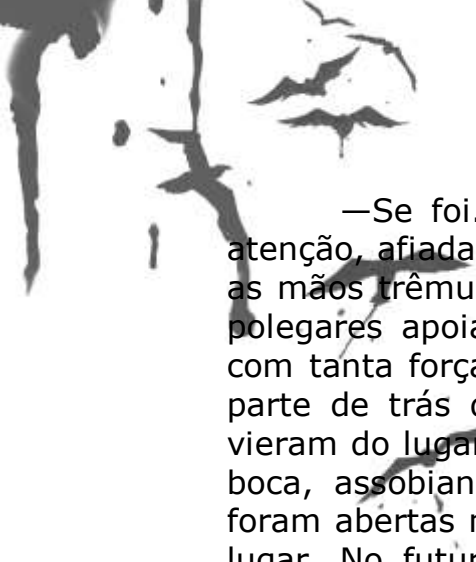
Carling, 'a sábia e má' Carling, poderia ter sido capaz de aceitar as consequências disso, mas essa não conseguiria.

Agarrou-a pelos ombros e puxou-a de novo contra ele, e rosnou em seu lindo e insuportavelmente ingênuo rosto, incrédulo: — Você me escute. Eu não deveria estar aqui. É incrivelmente perigoso para mim mesmo, estar falando com você.

A expressão Carling mudou. Ela o agarrou pelos pulsos. — Por que você diz isso?

— Eu não sou deste tempo ou deste lugar. Sou de outro lugar. — Podia ver que ela não entendia. Como poderia entender? Lutou para encontrar palavras que significassem algo para ela e ainda transmitissem a urgência de sua mensagem. Ele disse com ênfase e lentamente, — Eu sou de longe, há muitas vidas humanas, de tão longe em seu futuro de amanhã que o faraó não existe mais. De onde venho, todos os deuses mudaram, e tudo o que vemos ao nosso redor é ou entulho ou desapareceu completamente.

A maravilha em seu rosto foi substituída por choque e ficou branca. — Está tudo perdido?



—Se foi. — Teve um sentimento de satisfação sombria pela atenção, afiada e sóbria que agora ela lhe deu. Ele agarrou a cabeça, as mãos trêmulas colocadas no arco gracioso de seu crânio, com os polegares apoiados sob o queixo, delicado e teimoso, segurando-a com tanta força que não poderia negar-lhe ou virar-se. Ele falou da parte de trás de sua garganta e as palavras foram tão cruas que vieram do lugar onde a espada tinha empurrado nele. Caíram de sua boca, assobiando através do ar como gotas de ácido. —Entradas foram abertas no tempo. Fui caindo através delas e viajei para o seu lugar. No futuro, você e eu estamos procurando uma maneira de fechá-las, porque são muito perigosas. Outras coisas, espíritos escuros ou criaturas podem prejudicar você, vêm através desses portais. É por isso que decidi que tinha de voltar para avisá-la. Você deve tomar cuidado e aprender a proteger-se. Há momentos, como esta noite, quando você não está segura.

Ela tremia toda, essa jovem mulher bonita e feroz, sua respiração sacudiu-a e ele se sentiu como um canalha, podre e estúpido ao colocar o ônus de tudo isso em seus ombros jovens. Mas, então, a maravilha entrou em seu rosto. —Você e eu estamos trabalhando juntos neste lugar no futuro?

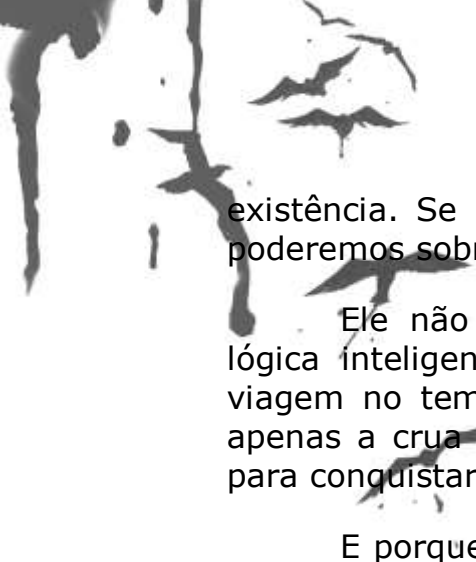
Ele tentou pensar em qual seria a melhor coisa para dizer, mas não podia porque estava em um pânico cego, um gosto do qual nunca tinha experimentado antes. Ele disse: —Sim. Você segurará a minha vida em suas mãos, tão certo como eu estou segurando a sua agora nas minhas. Há um caminho para você viver e chegar a esse futuro distante. Você deve encontrá-lo. Não se afaste, ou desista, nem deixe ninguém tirar isso de você. Você tem que viver. Você me entende? Você deve viver ou eu vou morrer.

Sua boca tremia quando ela sussurrou: —Você estará lá esperando por mim?

Ele estava fazendo tudo errado. Ele só devia avisá-la para ter cuidado. Deveria ter mantido a maldita boca fechada. Mas não podia parar. E sussurrou: —Eu não vou lembrar de você em primeiro lugar. Você vai viver através de sua vida e encontrar um jovem eu, alguém que ainda não chegou a este lugar para encontrá-la. Então vou te ver no crepúsculo, em um rio, em um lugar chamado Adriyel, e vou começar a minha jornada em direção a você.

Ela estudou seu rosto, com a testa enrugada. —Mas você vai lembrar de mim em algum momento?

Isso é loucura, pensou. Não fazia sentido. A derrapagem do tempo era tão fora de sincronia que estava trabalhando em ciclos, como bobinas de uma serpente. Ela e eu estamos desenhando outra



existência. Se não encontrar o nosso caminho para sair desta, não poderemos sobreviver.

Ele não tinha astúcia para isso, nenhum grande plano, ou lógica inteligente, nenhum protocolo estabelecido ou ética para a viagem no tempo como em um filme de ficção científica. Esta era apenas a crua verdade, nua, crua e mortal! Território desconhecido para conquistar através da história.

E porque ele tinha ido longe demais para parar agora, deu-lhe tudo o que tinha.

Ele colocou seus lábios em sua testa e disse contra sua pele, —Vou lembrar de você, logo após o Rio Adriyel. E quando fizer isso, você virá a significar tudo para mim. Quem sou eu, neste momento, este homem que está em sua frente, irá esperar para sempre por você. Mas tem que viver para chegar lá ou nada disso vai acontecer.

Ela tocou o lugar onde seus lábios encontraram sua pele, murmurando: —Isso sempre acontece à beira do rio.

Ele fechou os olhos e apertou os lábios nos dedos delicados, questionador. —O que?

—O começo de uma nova vida. — Ela se afastou para olhar para ele, e a expressão dela era grave. —Se há uma maneira de viver para chegar lá, eu vou encontrá-la.

—Irá, — ele disse, empurrando toda a sua convicção uma palavra. —Você me achou uma vez. Você já chegou lá. Mas agora eu voltei e toquei sua vida novamente, e cada vez que faço isso muda alguma coisa, e tenho medo. — Sua garganta fechou e por um momento não podia continuar. —Estou com tanto medo de que, vindo esta noite possa ter mudado alguma coisa que você fará ou decidirá, e você não estar lá na minha vida quando eu voltar. E tenho que voltar, porque não pertenco a isto aqui.

Seu tremor parou. Ela ficou firme e decidida, em suas mãos o seu poder, uma chama recém-criada, magra e inflexível. Ela repetiu: —Se há uma maneira de viver para chegar lá, vou encontrá-la.

Ele respirou fundo quando procurou o seu olhar, e o tigre olhou para ele, sem medo. A compreensão passou por ele, e quando falou, sabia que as palavras que ele dizia eram verdade.

—Isso não é tudo sobre você. Tudo o que aconteceu comigo, lembrei-me, — o Grifo disse. —Eu segurei o meu lugar e minha identidade quando o tempo e o espaço fluíram em torno de mim. O passado já passou duas vezes para nós e me lembro de tudo. Se você



não conseguir de alguma forma, se morrer, juro que vou procurar uma maneira de caminhar através do tempo novamente para encontrá-la. Não importa onde esteja. Não importa quando. Eu juro.

Ele deveria ter sabido. A alegria que encheu seu rosto tinha uma ferocidade que desejaria e a iria impulsionar para frente através dos séculos. Deuses, o que essa paixão mortal tinha. Encheu o cálice de seu coração a ponto de transbordar.

Ele pensou em sua Carling, sentada sem proteção na suíte do hotel. O tempo estava fluindo para ela também. — Eu tenho que ir, — disse abruptamente. —Você deve se abrigar. Vá para dentro. Não durma. Faça tudo que puder para se proteger. Esta noite, para você, é perigosa.

Ela olhou em volta, avaliando, afiada e rápida, deu-lhe um aceno firme de cabeça. —Vou tomar cuidado. Vai dar tudo certo.

Esta jovem não era sua Carling. Se Rune e esta jovem mulher tivessem o luxo de tempo ilimitado, juntos, de forma realista, não tinha certeza se poderiam encontrar alguma coisa do que falar por um período de tempo. Mas ainda assim não conseguiu resistir tocando seu rosto suave. —Vou valorizar a memória de conhecê-la assim, — disse, e a beijou.

Carling estava congelada, concentrada em tudo! No toque de sua boca na dela, tão feroz e tenro, preenchida com a chama de seu poder. Foi a primeira vez que alguém a havia tocado assim. Sabia que nunca iria permitir que o pequeno rei idoso a tocasse nos lábios. Então Rune a soltou e pegou suas armas do chão. Viu quando se virou para longe dela e desapareceu de vista.

Ele simplesmente desapareceu, como um sonho. Ou, talvez, uma visão mágica induzida.

Ela tocou os lábios. Eles ainda vibravam mesmo ele tendo ido.

Você deve viver ou eu vou morrer, ele tinha dito. E isso não poderia acontecer, não para a pessoa que realizou a sua alma.

Eu valorizo a memória de conhecê-lo também, pensou ela.

E esperarei para sempre por você.





Carling abriu os olhos e olhou para fora das portas francesas abertas no quarto de hotel no pesado ouro rico, do sol poente. A manhã podia ser brilhante e bonita, mas não tinha a mesma pungência que a noite, que reunia todas as memórias do dia e levava-as.

Ela se sentou na cama com as pernas enroscadas, de costas apoiadas contra a cabeceira. Rune estava de frente para fora das portas abertas. Ele se inclinou. O ombro largo contra a moldura, com os braços cruzados. Seu perfil, tranquilo e forte tinha uma vulnerabilidade incerta que ela nunca tinha visto nele antes. Ele parecia orgulhoso, autossuficiente e se preparou para as más notícias, um deus de preto, que alegava não ser um deus, grande e de cabelos dourados e tão intensamente formado, sua força de vida fervia o ar ao seu redor.

Ele era de fato melhor visto à luz brilhante quente do dia, onde brilhava com todas as cores do fogo da criação. Cobre, amarelo, bronze, ouro, e do âmbar quente e feroz de olhos de leão, brincalhão e sem idade.

Sim, isso era exatamente como se lembrava, tanto há muito tempo e, novamente, apenas recentemente na ilha. Sua alma, voando para fora de seu corpo, e a voar de forma irrevogável para ele.

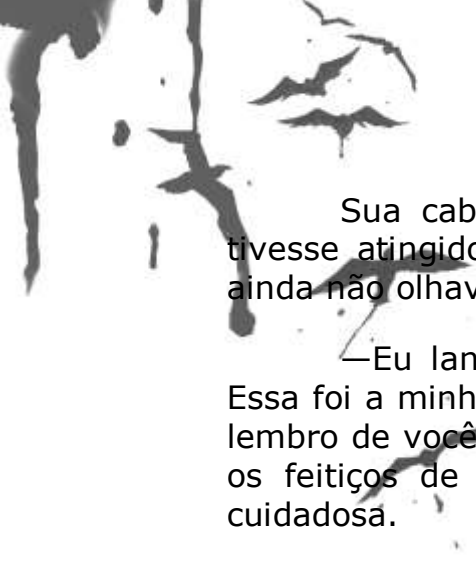
Algum instinto lhe disse que ele sabia muito bem que tinha saído do enfraquecimento. Por que não virava para olhar para ela?

Ela olhou pela janela novamente, e pensou. O silêncio dos séculos pesava entre eles.

Eu vou lembrar de você, logo após o Rio Adriyel. E quando fizer isso, você virá a significar tudo para mim. Quem sou eu, neste momento, este homem que está na sua frente, eu esperarei para sempre por você.

Mesmo não estando familiarizada com os detalhes, sabia, que o acoplamento com um Wyr, era apenas uma vez. Dragos, Senhor do Wyr, acabara de encontrar sua companheira. Tiago, o Wyr Senhor da Guerra e Thunderbird, tinha acasalado com Niniane a Rainha das Fadas das Trevas. Era isso que queria dizer Rune? Era dela mesma a sorte, ou eles se condenaram?

Ela endireitou a coluna, respirou e começou a falar. —Você não me mudou desta vez.



Sua cabeça virou bruscamente para o lado, como se ela o tivesse atingido, mas diferentemente o resto dele não se mexeu e ainda não olhava para ela.

—Eu lancei um feitiço uma noite e tive uma visão de você. Essa foi a minha experiência, de qualquer maneira, — ela disse. —Eu lembro de você me avisando para tomar cuidado. Depois que estudei os feitiços de defesa, coloquei-os enquanto dormia. Eu fui muito cuidadosa.

—Por que você está me dizendo isso? — Rune perguntou friamente.

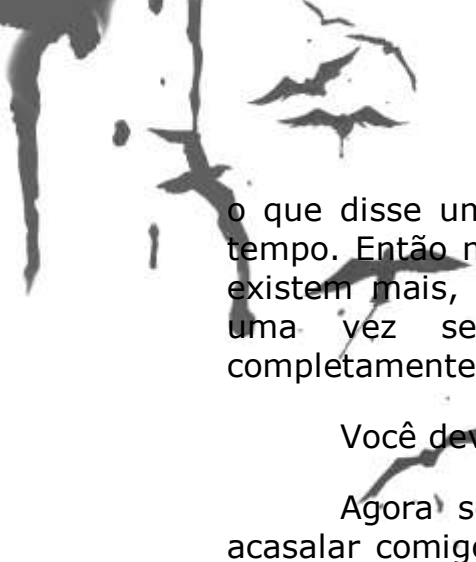
Ela olhou para a roupa divertida que usava e delicadamente alisou o material macio da parte de cima. Manteve a voz calma quando lhe disse: —Estou trabalhando com o que aconteceu, e o que poderia ter sido diferente. Lembro-me de concordar que você precisava voltar e avisar-me e lembro de assumir a responsabilidade por isso. Acho que temos sorte. Nós mudamos o que precisava mudar, e tudo o mais permaneceu estável.

Tudo o que lhe disse era verdade. Não iria mentir para ele. Seu senso de verdade era altamente desenvolvido, e no caso, ele merecia algo melhor do que isso. Mas, quando suas palavras diziam-lhe uma espécie de verdade, sua alma sussurrava uma profunda e mais sincera.

Após as primeiras noites, quando a explosão de excitação tinha diminuído, uma dúvida se arrastou dentro dela, não podia acreditar que ele quis dizer o que achava que tinha dito. Tinha que ter ouvido dele, ou interpretado mal. Os anos se passaram e, gradualmente, viraram séculos, e quando recebeu outra mensagem ou sinal, estava mais madura e equilibrada com sua atitude 'espere e veja'. Ela não iria colocar toda a sua vida em espera por uma visão mágica induzida e única, não importava o quão convincente poderia ter sido.

Mas nunca tinha esquecido como seu beijo tinha queimado. Nunca tinha deixado seu rei mesquinho beijá-la na boca, nunca! Nem tinha permitido essa liberdade a qualquer um de seus outros amantes. Não que não tivesse tomado tudo deles, considerando os anos de sua existência. Ela tinha parado depois de algumas tentativas de esperança, porque queria adormecer depois do sexo ou fugir, e foi tudo tão implacavelmente banal que preferiria ter andado sem blindagem para o sol do que ter de suportar mais um, sem sentido, caso de amor insípido.

Agora, quando olhou para sua forma semirrígida, disse-lhe em silêncio, me apaixonei por você hoje cedo no saguão do hotel. E tudo



o que disse uma vez vi acontecer. Mas tanto tempo passou. Muito tempo. Então muitos amanhãs e amanhãs. Os faraós realmente não existem mais, todos os deuses mudaram e tudo o que eu conheci uma vez se transformou em escombros ou desapareceu completamente. Nós nos reunimos tarde demais.

Você deve viver ou eu vou morrer.

Agora sou a única que está a morrer, e você não pode acasalar comigo e com a esperança de viver. É um nó górdio²⁸ que temos amarrado em nós mesmos.

E, como Alexandre, o Grande, disse, a única solução para desembaraçar um nó insolúvel é cortar através dele.

Ela olhou para a colcha.

—Então, vamos rever, — ela disse. A voz estava sob um controle perfeito. —Por causa da sua ajuda, em apenas alguns dias, aprendi muita coisa sobre a minha condição, na verdade, mais do que aprendi nos últimos dois séculos. E agora que a Dra. Telemar em breve estará aqui para consultar, tenho esperança de que aprenderei ainda mais. Devo-lhe uma grande dívida de gratidão.

Ele virou-se para olhar para ela. Podia senti-lo, aquela alta e poderosa figura vestida de preto de pé, mal na borda de sua visão. Debaixo do disfarce de um punho, ele enrolou o outro em um punho apertado.

—Mas nós dois sabemos que não podemos arriscar mais dessas colisões estranhas no tempo, — Carling continuou. —São muito perigosas para qualquer um de nós, e só Deus sabe o que poderia ter mudado no resto do mundo. — E sabia que não podia confiar nela mais jovem perto dele, não por um único momento. Se Carling mais jovem o visse, nunca seria capaz de conter sua alegria e não sabia de nenhuma razão pelo que deveria. —Rune, é hora de você parar com isso agora. Ajudou-me bastante. Certamente já fez muito mais do que qualquer um poderia esperar. Eu quero que você volte para sua vida, agora.

A besta que tinha assumido Rune, estudou sua presa com um olhar crítico.

Sua fachada não poderia ser melhor. Ela não tinha pulso para ele avaliar, e não iria mostrar-lhe o olhar em seus olhos. O belo corpo estava bem arranjado contra os travesseiros sobre a cama, como a pose de um ser vivo, todo artifícios e composição. Ela estava fria,



²⁸

O Gordian Knot é uma lenda do frígio Gordium associado com Alexandre, o Grande. Ele é frequentemente usado como uma metáfora para um problema intratável



perfeitamente controlada e racional. Parecia ser uma criatura completamente diferente do que o feroz tigre ansioso e jovem, que ele havia deixado há poucos momentos. E por que não seria uma criatura diferente, quando aquele momento foi, para ela, milhares de anos atrás?

Mas sua fachada era perfeita demais, o que era a sua falha fatal. Deveria ter reagido mais com o que tinha acontecido entre eles, esta tarde, toda essa paixão enlouquecida magnífica, suas risadas e os momentos de intimidade real. A memória do que tinha acontecido no enfraquecimento deveria ter desdobrado naturalmente, como no primeiro par de vezes. Em vez disso, o que foi a primeira coisa que lhe ofereceu? Apenas negá-lo friamente.

A fúria varreu como uma tempestade de fogo pelo corpo dele. Ele pulou do outro lado da sala, passou por todo o apartamento e caiu em cima dela. Choque tomou sua expressão quando ele agarrou sua garganta linda com longas garras nas pontas dedos.

A besta sibilou em seu rosto: —Você é uma mentirosa de merda!





CAPÍTULO 10

Carling encarou o monstro agachado sobre ela. Seu rosto borrado de lágrimas que tinham enchido seus olhos e que ela se recusou a derramar. Seu olhar feroz rastreando a cada cintilação indicando algo em seu rosto. Ele ajoelhou-se sobre seu corpo deitado, de joelhos em ambos os lados de seus quadris. Seus ossos estavam todos errados, em seu rosto, em seu peito largo, nos braços vigorosamente musculosos. Ele parecia mais do que o leão águia neste meio tempo. Ela podia sentir suas garras contra sua jugular, quando ele a prendeu pela garganta. Ele tinha afundado, profundamente, as garras da outra mão no colchão ao lado de sua cabeça.

O corpo poderoso do monstro vibrou com uma tensão violenta, enquanto ele a segurava em um aperto inquebrável, a parte superior da mão pressionando em sua clavícula, mas ele não lhe tinha causado nenhum arranhão.

Quando Tiago tinha estado assim, se destruiu por sua companheira.

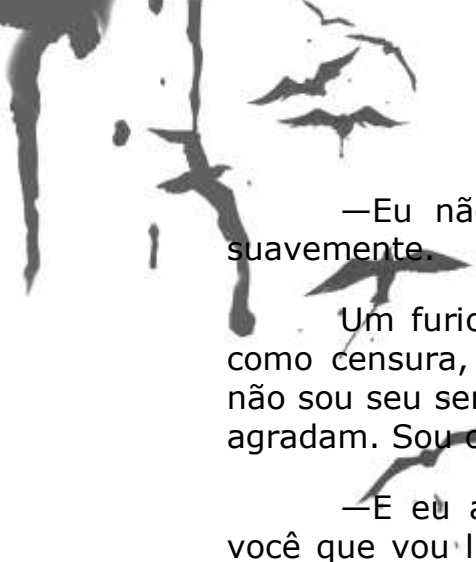
Ela fez isso para Rune. Eles haviam feito isso um ao outro.

Ela acariciou seu bonito e estranho rosto, meio homem, meio leão, ele virou-se para ela. Seus fortes dentes brancos fechados em torno de sua mão. Ele poderia ter esmagado cada osso de sua mão em suas mandíbulas poderosas, mas ele a segurou com tanta delicadeza, os dentes afiados não teriam rachado uma casca de ovo.

—Você sabe muito bem que eu não estou te mentindo, — ela disse a ele. Ela não tinha idéia de como manteve a voz calma. — Estamos em uma viagem estranha e maravilhosa. E eu tenho o privilégio de que você escolheu ficar para experimentar comigo, mas você deve me deixar, Rune.

Não pense em me dizer o que posso ou não fazer, o Grifo sussurrou em sua mente. Eu não te dei o direito de me mandar embora.





—Eu não te dei o direito de ficar, — Carling disse, muito suavemente.

Um furioso rosar saiu dele. Com um estalo em sua cabeça, como censura, sacudiu-lhe rápido e forte com a mão. —Merda! Eu não sou seu servo que você pode dispensar quando as coisas não lhe agradam. Sou o seu amante, Carling

—E eu ainda estou morrendo, — ela disse. —Eu prometo a você que vou lutar e procurar uma cura até o último momento que possa, mas a verdade é, ainda posso morrer.

Seu olhar foi ferozmente determinado. —Eu comecei a compartilhar essa parte da viagem com você também. Eu comecei a lutar por sua vida também. Eu comecei a dizer o que penso sobre isso, e como me sinto. E se isso acontecer, eu tenho que estar como você até o final e aproveitar com você cada precioso momento.

Para segurá-la e nunca deixa-la ir, não importa o quê. O pensamento era tão belo e terrível, e isso inflou um enorme sentimento dentro dela, e fechou os olhos. Duas lágrimas escaparam. Uma vez que rachasse a represa de suas emoções, não havia como parar os vazamentos. Chorava um rio.

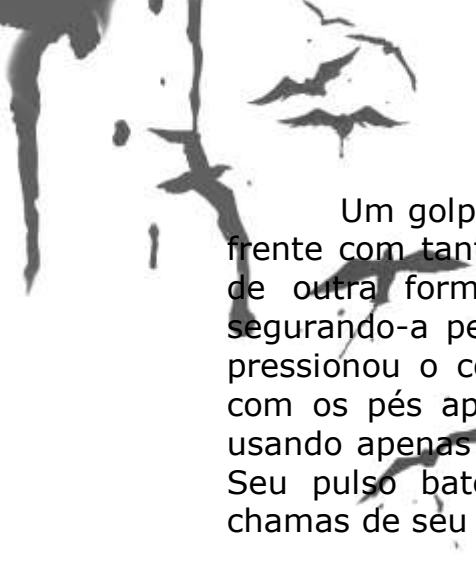
Isso sempre aconteceu em um rio.

Ela sentiu a tensão rígida de seu corpo amolecer. Suas mandíbulas soltaram e ele soltou sua mão, e a pressão em sua garganta diminuiu. Acariciou as têmporas, enxugando as lágrimas delicadamente com as costas de seus dedos.

Ela mexeu os quadris, deslizou um joelho entre eles, e rolou para tirá-lo de cima dela. Caiu com um estrondo no chão contra a porta do armário. Ela pulou da cama e caminhou para a sala de estar. —Nós fodemos, — ela disse entre dentes. —Isso é tudo. Foi muito divertido, uma boa diversão, mas você precisa superar isso e seguir em frente.

Claro que ele devia, como se ela tivesse mudado tão facilmente cada vez que eles tinham se encontrado. Tudo o que ela tinha conseguido era um beijo, uma promessa dele de volta na distante névoa de sua juventude, e ela nunca deixou ninguém beijá-la novamente. Há milhares de anos, ultrapassando toda lógica ou razão. Mesmo quando tinha mudado em todos os outros aspectos de sua vida, ela se agarrou a essa promessa, porque ele tinha uma vez olhado nos olhos e disse, *eu estou esperando por você, com tudo o que sou*. Agora, não importa como ela o queria, não devia deixá-lo ficar.





Um golpe bateu-lhe nas costas. Ele empurrou-a na parede em frente com tanta força que ela gritou. Antes que ela pudesse reagir de outra forma, Rune tinha tomado as mãos sobre a cabeça, segurando-a pelos pulsos enquanto chutou seus pés separados. Ele pressionou o corpo dela contra a parede com o seu próprio corpo, com os pés apoiados entre os dela, e, assim como a tinha presa, usando apenas a força de alavanca, sua velocidade e força superior. Seu pulso bateu contra seus sentidos como uma marreta, e as chamas de seu calor a cercavam.

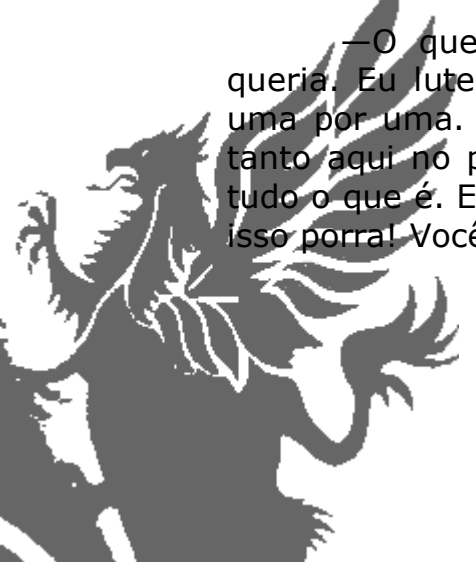
Excitação chocada rugiu através dela. E entre suas pernas formou-se um líquido. Ela olhou para as mãos que lhe seguravam os pulsos que lutavam tão duro quanto podia para se libertarem. Não importa o quanto lutou, não podia movê-lo.

Enquanto sua boca não estava fechada, não era impotente. Poderia sussurrar uma magia para pelo menos congelá-lo temporariamente, não escolheria uma ofensiva que pudesse lhe causar um dano real.

E ele sabia disso. Lembrava-se de como ela estava com raiva quando a imobilizou, e por isso ele encerrou-a, mas ele deixou uma saída. A percepção de que tomou tal cuidado com ela, mesmo em sua excitação, mesmo depois de ter sido tão violenta com ele, bateu em sua cabeça. Ela espalmou as mãos para empurrar o ar, se esforçou para encontrar força de vontade para sussurrar o feitiço que iria impedi-lo por aqueles poucos momentos críticos, enquanto escapava. As palavras foram embora, sua mente estava em branco. O vento tinha levado embora.

Ele estava respirando pesadamente. O comprimento grosso e pesado de sua ereção pressionada contra sua bunda. Enquanto lutava, emitiu um gemido áspero e empurrou seus quadris contra ela, e outra onda de excitação intensa bateu nela. Normalmente tão legítimo, ela sentiu febre e começou a tremer.

Ele colocou os lábios em seu pescoço e acariciou a pele sensível da nuca, as forças de seus joelhos a deixaram. Se ele não tivesse continuado segurando-a no lugar, ela teria caído.



—O que ocorre é, — ele sussurrou. —Eu te amo. Eu não queria. Eu lutei contra isso. Eu coloquei barreiras, e tudo desabou, uma por uma. Não foi apenas um motivo. Foi tudo o que você fez, tanto aqui no presente como no passado. É tudo o que você era, e tudo o que é. Então, eu só te amo porra, e você vai ter que lidar com isso porra! Você entendeu?



Ela começou a sacudir a cabeça. E percebeu que estava respirando com dificuldade, dando grandes suspiros de ar, como se tivesse se exercitado por um longo tempo.

Rune afundou seus dentes em sua nuca, imobilizando-a ainda mais fazendo um som cru e incoerente saísse dela. Sua boca vibrou novamente. Ela mostrou os dentes. Precisava mordê-lo de volta e ficar bêbada de seu rico licor rubi, mas suas malditas presas não cresceram.

Em sua mente ele disse, *aqui é outra coisa. Sei que você me ama também. Você teve o jogo nas mãos, mas apostou errado. Então você pode muito bem admitir isso.*

—Não tenho que admitir coisa alguma para você, — ela disse.

—Sim, você tem, — ele rosnou. Ela havia lhe dado todas as pistas e ensinou-lhe toda a sua língua, ele só tinha que usá-los, porque ela nunca realmente fez suavemente em qualquer lugar, e se ele tivesse a garra de impor sua presença em sua vida, então, que assim fosse. Ela precisava tanto de seu domínio quanto de sua ternura; ele sabia disso, como sabia sobre si mesmo. Era apenas outra maneira em que eles se encaixavam. —Se você não me deve nada, me deve a maldita verdade...

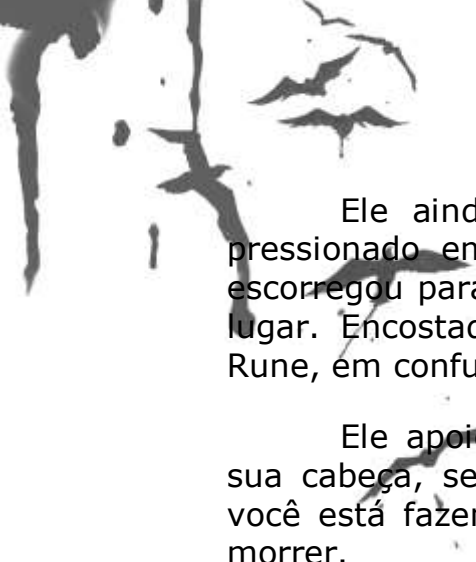
Ela gritou novamente quando ele puxou-lhe os pulsos e manteve-os presos em uma das mãos. Ela torceu-lhe os pulsos, tentando se soltar, mas os dedos longos eram como ferro. A fome não era a dor que ela se lembrava. Ou talvez nunca tinha sentido isso antes, estava queimando. Não reconheceu a própria voz. Não reconhecia nada sobre si. Ele colocava as mãos sobre ela, e se transformava em uma louca.

Com a mão livre, ele acariciou seu corpo, massageou o peito e beliscou o mamilo forte o suficiente para doer. Em seguida, segurou sua virilha em um aperto forte, onde a sua necessidade ficou maior, e a puxou de costas contra si, empurrando seus quadris com mais força contra seu traseiro. Ele beijou o lóbulo da orelha e sussurrou: —O que fizemos foi mais do que apenas foder. Diga.

Um soluço saiu de sua boca, ainda mais chocante porque ela não teve controle sobre isso. —Sim.

Ele encontrou o fecho de sua calça jeans e abriu-o. Sua voz era áspera como a mão dele era suave. —Você me ama. Diga.

Ela apoiou a bochecha quente contra a parede. — Sim.



Ele ainda a segurava, esmagando-a contra ele, seu rosto pressionado em seu pescoço. Em seguida, deixou-a ir. Ela quase escorregou para o chão, mas depois conseguiu segurar os joelhos no lugar. Encostada à parede, como apoio, se virou para olhar para Rune, em confusão.

Ele apoiou os antebraços na parede, em ambos os lados de sua cabeça, seu rosto duro inclinando-se para ela. —Eu sei o que você está fazendo, — disse. —Você ainda está se preparando para morrer.

Ela colocou as mãos sobre o seu peito. Meio brava, meio desesperada, disse, —Você não pode acasalar comigo com a esperança de viver. Estou tentando salvar a sua vida!

A ironia do momento não foi perdida por ele. Estava tentando afastá-lo para salvar a sua vida, assim como ele tinha tentado salvar Tiago de acasalar com Niniane. Tiago tinha dito a ele, um dia desses, você vai encontrar sua companheira. E talvez ela seja Wyr, mas talvez não. Então você vai entender exatamente o que você quase me fez.

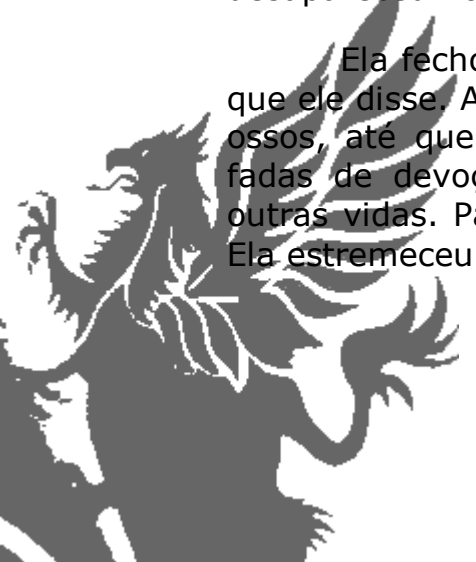
Agora entendi, T-Bird. Eu entendo.

Uma eternidade de vida não importa, se ele a perdesse se tornaria uma eternidade de desolação. Ele trocaria todo esse tempo afastado por um dia com sua companheira.

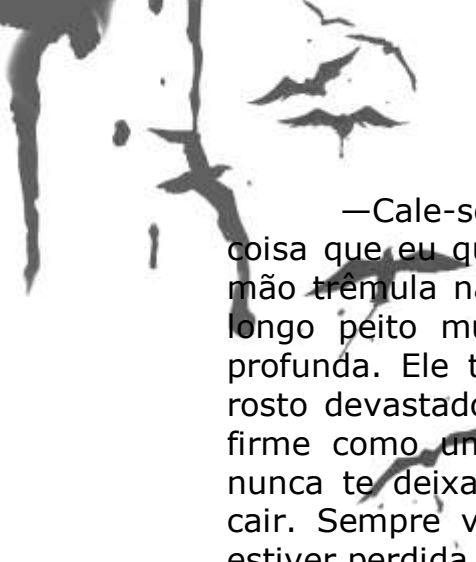
Seu olhar estava queimando. —Eu não quero você para salvar a minha vida. Eu quero que você me dê a sua.

—Rune...

Ele interrompeu. —Você se lembra do que eu disse? Para você aconteceu a tanto tempo que vou dizer de novo. Se não conseguir de alguma forma, se você morrer, eu vou procurar uma maneira de andar no tempo para encontrá-la. Não importa onde você esteja. Não importa quando. Eu juro. — Ele já havia tentado tão forte, mas quando o último episódio falhou, ele perdeu a conexão e o passado desapareceu novamente.



Ela fechou os olhos. Lembrou-se de cada uma dessas palavras que ele disse. As guardava por tanto tempo, já tinham gravado até os ossos, até que o girou sobre um eixo encantado em um conto de fadas de devoção que aconteceu raramente a outras pessoas em outras vidas. Para ouvi-lo dizer novamente depois de tanto tempo... Ela estremeceu. —Você não pode prometer isso.



—Cale-se, — disse. —Eu posso prometer qualquer maldita coisa que eu queira. — Sua voz era tranqüila. Observou-a colocar a mão trêmula na testa, mas não foi tentado a ceder um pouco. Seu longo peito musculoso moveu quando ele tomou uma respiração profunda. Ele tocou o cabelo curto e desarrumado e acariciou seu rosto devastado. Sua expressão era clara, determinada, parecia tão firme como uma rocha, e tão maleável. Ele disse baixinho: —Eu nunca te deixarei. Nunca vou deixar você ir. Não vou deixar você cair. Sempre virei para você, se deixar, sempre te encontrarei se estiver perdida. Sempre.

Ela parecia mais vulnerável do que ele já tinha visto, quando sua linda boca falava a palavra em silêncio. Sempre?

Era como se estivesse com medo de dizer a palavra em voz alta. Tudo dentro dele queria atacá-la, proteger sua vulnerabilidade com sua força, tomá-la até que ela gritasse com prazer novamente. Seus tensos instintos contra o seu autocontrole.

Mas ela também era uma predadora. Se não envolvesse os instintos dela também, não importa o quanto tentasse evitar, eventualmente, ele iria perdê-la. E não poderia deixar isso acontecer. Não faria isso.

Ele sussurrou de volta, —Sempre. Mas você tem que querer isso também. Você tem que me possuir e admitir que me quer.

Possui-lo. Como ela tinha tomado posse de sua própria vida. Possuí-lo, tomá-lo, reivindicá-lo.

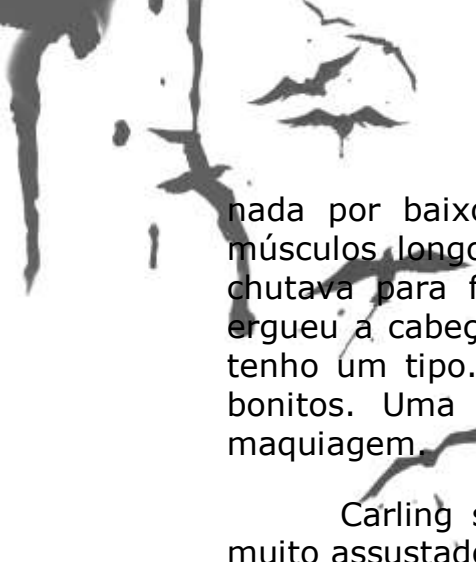
Ele se afastou dela, até que chegou à cama. Suas mãos foram para os botões de sua camisa quando ele tirou os sapatos. Seu olhar nos dela quando se desfez da camisa e jogou-a em um canto. Foi quando ele começou a mentir. —Você tem que me tomar, — disse. — Ou eu realmente irei desistir e procurarei outra pessoa.

—Você não vai, — ela respirava. Seu olhar estava fixo em seu peito nu, firme, largo e bronzeado. A instabilidade a deixou e seu corpo ficou tenso. Seus belos lábios entreabertos. Ela não parecia com fome, parecia faminta.

Foi a visão mais bela que ele já tinha visto. Queria rosnar em triunfo. Ela era dele, sua expressão era para ele. Mas não foi o suficiente. Não tinha a provocado o suficiente.

—Vamos, baby. — Tentando irritá-la.

—Eu gostaria, — o Grifo mentiu para sua bruxa. Suas mãos foram para os botões de suas calças. Então se abriram. Ele não usava



nada por baixo. Ele empurrou-os sobre seus quadris magros, os músculos longos pesados de suas coxas flexionando enquanto ele chutava para fora. — Não haveria nada para me impedir. — Ele ergueu a cabeça. —Talvez depois de todos esses anos, descobri que tenho um tipo. Talvez encontre outra mulher de cabelos escuros e bonitos. Uma que não discuta sobre usar roupas na moda ou maquiagem.

Carling suspirou, e seus olhos brilharam com um vermelho, muito assustador.

Ele colocou as mãos nos quadris e ficou nu, que macho alfa despreocupado, e se atreveu a insultá-la, enquanto a visão de seu corpo levou toda a razão de sua cabeça. Cerrou as mãos quando olhou para ele. Ele foi construído para a velocidade e poder, largo e longo nos ombros, sem um pinga de carne extra em qualquer lugar. Tanquinho ondulado até sua grande ereção. Seus grandes testículos apertados haviam elaborado debaixo de seu pênis. Ele era bem formado em todos os lugares, com o corpo de um guerreiro forte que era poesia em movimento.

Rune deu seu sorriso lento, mas falso. —Talvez eu encontre alguém que morda.

Uma imagem escaldante brilhou em sua mente, ele acariciando uma mulher desconhecida, correu pela sua veia. Ela mostrou os dentes e se lançou para ele.

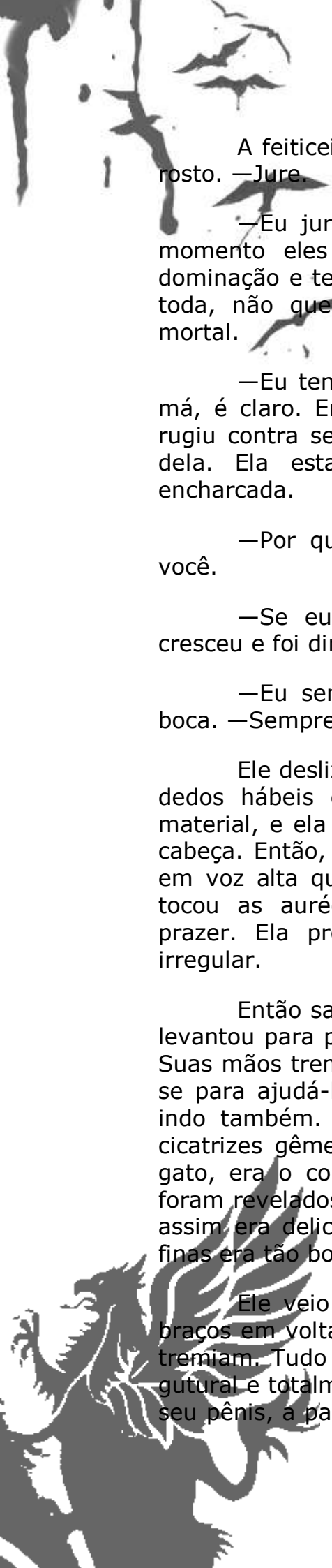
Ele a pegou e caiu de costas na cama, e então ela estava em cima dele, com as mãos plantadas na cama de cada lado de sua cabeça, ela o montou. Seu rosto duro, selvagem coberto com excitação, e iluminado com um sorriso como lâmina. Carling rosnou: —Você acha que eu não sei que está brincando comigo?

—Meu botão de “preocupe-se” está quebrado, baby, — Rune disse. Ele segurou a parte de trás de sua cabeça erguendo-a para ele. —Beije-me, — ele sussurrou. —Leve-me. Não me deixe ir, ou eu vou. — Então ele disse telepaticamente as mesmas palavras que tinha dito a ela, há muito tempo atrás. *Mas este homem que está na sua frente, está esperando por você, com tudo o que é.*

Ela olhou para ele com perplexidade feroz como poderia ter sido, se os riscos não fossem tão altos. —Você tem uma legião de mulheres, e eu não compartilho.

—Não vai ter mais ninguém, nunca mais. Eu sou todo seu — ele murmurou. —Corpo e alma.





A feiticeira vampira, que tinha sido Rainha, sussurrou em seu rosto. —Jure.

—Eu juro, — ele sussurrou, acariciando seus cabelos. Neste momento eles eram iguais, pois ele também precisava de sua dominação e ternura. Ele arregalou os olhos novamente para ver ela toda, não queria perder um só momento desta mulher, linda e mortal.

—Eu tentei ser boa. Tentei libertá-lo. — Mas era uma mulher má, é claro. Era algo que ela aceitou há séculos atrás. Seu poder rugiu contra seus sentidos, assim como ele ficou estendido debaixo dela. Ela estava tão escorregadia de vontade dele, sentiu-se encharcada.

—Por que iria querer que fosse boa? Quero que você seja você.

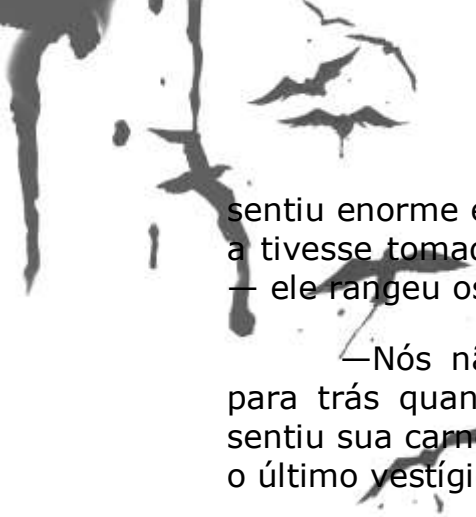
—Se eu pegar você, nunca vou deixá-la ir, — Seu olhar cresceu e foi direto para seus lábios. —Nunca.

—Eu sempre vou esperar por você, — ele disse contra sua boca. —Sempre.

Ele deslizou as mãos sob a seda fluída de sua camiseta, e seus dedos hábeis encontraram seu caminho por baixo. Ele aliviou o material, e ela estendeu os braços para que ele pudesse puxar pela cabeça. Então, estava nua da cintura para cima, e ele quase gemeu em voz alta quando seus lindos seios fartos balançaram livres. Ele tocou as auréolas escuras, observando os mamilos rígidos com prazer. Ela prendeu a respiração, e seu pênis pulsava ao som irregular.

Então saiu de cima dele. A besta que tinha sido emboscada se levantou para pegá-la, mas ela estava apenas tirando de seus jeans. Suas mãos tremiam tanto que mal conseguia controlá-la. Ele sentou-se para ajudá-la a arrancar suas botas, e então seus jeans estava indo também. Seu corpo incrivelmente lindo se curvou, tendo as cicatrizes gêmeas do chicote e fluindo com a graça sinuosa de um gato, era o corpo nu de Carling, seus lugares mais privados, que foram revelados. Olhou para ele com o olhar feroz, vermelho e ainda assim era delicada, o melado no vértice entre suas pernas fortes e finas era tão bonito, que o mandou para um colapso.

Ele veio em cima dela. Já estava envolvendo suas pernas e braços em volta dele enquanto sua boca juntava na dela. Suas mãos tremiam. Tudo estava tremendo, e o som que saiu dele era áspero, gutural e totalmente desumano. Sentiu-o entre seus corpos e agarrou seu pênis, a palma da mão massageando a cabeça larga e grossa, se



sentiu enorme e cheio, malditamente dolorido. Era como se ele nunca a tivesse tomado. —Oh merda! Eu queria ter mais tempo com você, — ele rangeu os dentes apertados.

—Nós não temos tempo, — ela sussurrou. Sua cabeça caiu para trás quando ela guiou a sua entrada escorregadia, e quando sentiu sua carne macia e úmida abraçar a ponta do seu pênis, perdeu o último vestígio de controle que tinha, e empurrou para dentro dela.

Foi torturante além do prazer. Sentiu enorme e queimando, ela estava apertada e molhada. Entrou mais profundo dentro dela, colocou um braço por baixo de sua cintura para apertar o quadril mais perto dele. Segurou a cabeça com a outra mão, ao mesmo tempo apoiando-se sobre o cotovelo, numa posição instintivamente protetora. Ele não podia chegar longe o suficiente, profundo o suficiente, e empurrou com mais força até que estava chocando contra ela.

Ela levantou os quadris para cada impulso, com o punho em seu cabelo. Estava tão completamente certo de que ela estaria com ele para sempre que, quando ela fez um som, tremendo, muito parecido com um gemido. Um choque gelado correu sobre sua pele.

Congelou, seu coração batendo, procurou seu rosto. —O que foi isso? O que há de errado?

O rosto contorcido de frustração. Seus olhos lacrimejaram. Parecia que ela estava com dor real. — Quero te morder. Preciso morder, mas minhas malditas presas não querem sair.

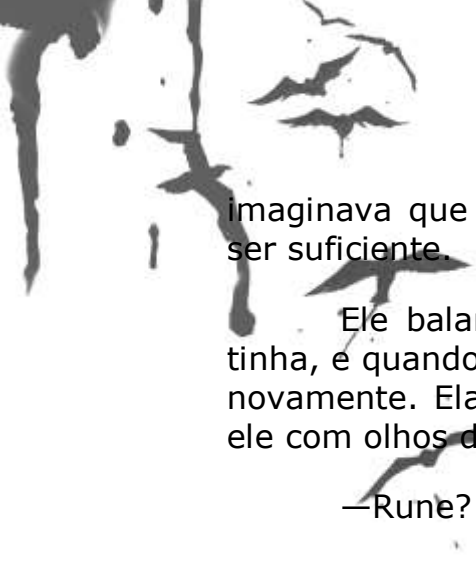
A imagem de suas presas afundando em seu magro pescoço, percorreu-o como um fio vivo, e ele quase gozou logo em seguida, e ali. Ele enfiou a mão sob o pescoço fino e levantou a cabeça. Disse com voz rouca, —Morda-me de qualquer maneira.

—Vou machucar você com esses dentes sem graça, — ela sussurrou.

—Promete? — ele rosnou. Estava em chamas por toda parte. Seu corpo, sua alma. Ela o deixava cego.



Ela gemeu, atacou e mordeu forte a veia em seu pescoço, que descia para seus ombros. Ao mesmo tempo, ela apertou-se contra seu pênis com seus músculos internos, e seu clímax explodiu fora dele com tanta força que ela gemeu com ele. Apertou sua pélvis na dela, jorrando forte, e ela fez um som abafado, todo o seu corpo estremecendo enquanto ele enviou-lhe sobre a borda. Ele podia sentir a pulsação rítmica em seu corpo, e inferno santo, era mais do que ele



imaginava que poderia ser, mas não foi o suficiente, nunca poderia ser suficiente.

Ele balançou com ela e apertou-a contra si com tudo o que tinha, e quando o pulsar de seu corpo cedeu, ele começou a se mover novamente. Ela soltou seu pescoço e caiu para trás para olhar para ele com olhos de surpresa.

—Rune?

Ele sussurrou, —Não pare.

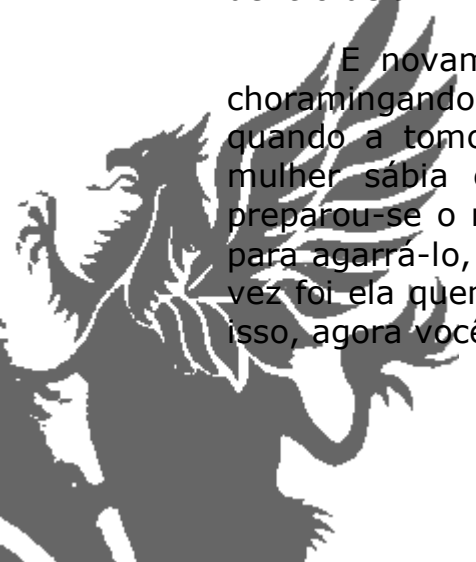
Em seguida, ele foi além da sedução, além do estímulo profundo, naquele lugar onde a língua tinha sido nova e estranha, e sua necessidade corria como lava, reduzido ao seu sentido mais puro, um grito primitivo quente.

—Você é minha, — o Grifo rosnou para a bruxa. Ele tomou-a pela parte de trás do pescoço e sacudiu para fazer as palavras entrarem —Você é minha.

Tudo o que ela viu nele se desfez. Ela parecia jovem de novo e paralisada de espanto. —Oh Deus! Você é tão bonita.

A compulsão o levou para dentro dela. Suas garras rasgaram a tão requintada colcha. Ela segurou-o com força em seus joelhos, ela embalou todo o seu corpo, agarrou seus ombros largos enquanto flexionava seus quadris se movimentando, seus olhos estavam cheios de um brilho vermelho e compreensão. Seus lábios se moviam enquanto ela fazia sons estranhos. Muito mais tarde Rune reconheceria que ela tinha sido possuída em egípcio antigo, a realização o faria rir. Mas isso foi mais tarde, quando ele tinha recuperado as camadas de civilização que agora foram arrancadas.

Então ela esticou debaixo dele, e alcançou acima de sua cabeça com ambos os braços quando se levantou com seus fortes quadris e pernas graciosas, ele sentiu de novo seus músculos internos começarem seus lindos espasmos. E culminou com um suspiro, e ele se arremessou para frente novamente, derramando-se dentro dela.



E novamente. Desta vez, ele virou-a de quatro. Ela estava choramingando na cama e empurrando sua bunda de volta para ele quando a tomou por trás. Ele passou os braços em torno dela, a mulher sábia e incrédula, segurou-a na cabeceira da cama. Ela preparou-se o melhor que pôde e chegou-se por trás de sua cabeça para agarrá-lo, e passou um braço em volta de seu pescoço, e desta vez foi ela quem gemeu com os dentes cerrados. —Você sumiu e fez isso, agora você é tão meu, Rune Aínissesthai. Rune, Rune, oh Deus!



Três vezes, o número das bruxas.

—Esse feitiço já foi lançado, — ele disse em seu cabelo. E deu-se a ela, espalhando tudo o que tinha em sua companheira.



Ela não podia deixá-lo ir. Ele se apoiou contra a cabeceira e puxou-a em seus braços, e ela foi de bom grado. Ela descansou a cabeça em seu ombro e só percebeu que estava apertando o seu braço quando avistou sua mão com o canto do olho e viu que seus dedos estavam brancos. Forçou seus dedos se soltarem e viu que tinha deixado uma marca vermelha em sua pele bronzeada. Se ele tivesse sido um dos mais frágeis das Elder Races, ela poderia ter quebrado seu braço.

—Eu sinto muito, — ela sussurrou, acariciando seu bíceps.

—Nunca se desculpe, — ele disse e beijou sua testa. —Morda-me, me marque e me reclame de qualquer maneira que você desejar.

Foi quando ela percebeu que ele também a segurava firme. Descansou o rosto em seu cabelo, e seu peito retumbou. Ele tinha uma respiração baixa, profunda e áspera que vibrou contra sua bochecha. Passou a palma da mão em toda a extensão ampla e musculosa. Admirada. — Você está ronronando para mim?

—Eu poderia estar, — Rune disse. Sua voz profunda era mais áspera, preguiçosa e íntima. —A menos que você tenha feito algo errado. Então, eu estarei rosnando para você de novo.

Ela apertou os lábios para tentar segurar o riso, mas saiu de qualquer maneira. —Só porque estou rindo, não o torna bom, — ela advertiu.

—O ronronar? — Enfiou os dedos pelo cabelo curto.

—Não, o rosnar. Não vou ser castigada por você rosnando para mim cada vez que você pensa que poderia ter feito algo errado.

—Então, vou definitivamente ronronar de agora em diante, mesmo quando estou roncando. — Ele segurou sua mão antes que ela tivesse a chance de bater nele, e levou os dedos à boca para pressionar um beijo em seus dedos.





Recusou-se a rir de novo, apertando sua mandíbula contra ele até que controlou o impulso. Então, limpou sua garganta. —Sobre o que aconteceu.

—O que tem? — Ele parecia calmo, seu ronronar era constante e silencioso. Era extremamente reconfortante.

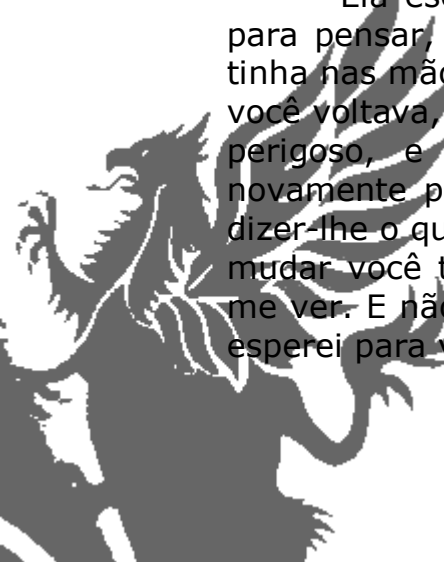
Ela olhou para fora das portas francesas na varanda de ferro forjado. Provavelmente estava muito ocupado para desfrutar. O sol estava quase defininhando, e as listras vermelhas e douradas por todo o céu estava começando a desaparecer. A Dra. Telemar estaria chegando no SFO em breve.

—Foi, mais do que esperava. — Tão antiga como era e por mais que tivesse visto, encontrou-se inesperadamente sem palavras.

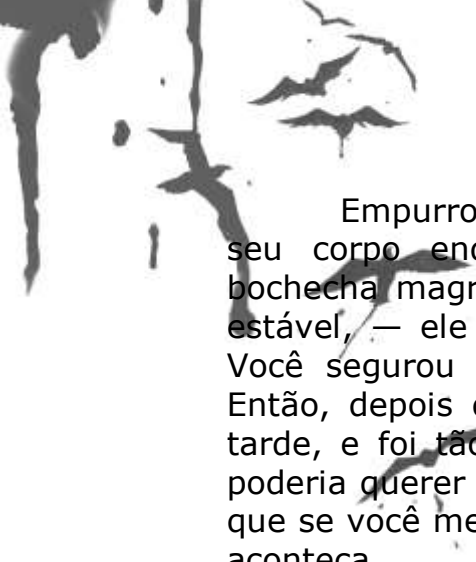
—Você quer dizer quando acasalamos.

Isso era o que eles tinham feito. Eles acasalaram. Ele acasalou com ela. Ela tinha o levado em seu corpo quando ele a tinha levado em sua alma, se torceu de dentro para fora. Tudo doía, agradavelmente, apesar de que iria desaparecer em breve já que se curava com velocidade vampírica. —Eu não sabia que seria tão intenso, — ela disse suavemente. —Como você pode confiar em mim desse jeito?

Ele ficou em silêncio por muito tempo, no início ela achava que não ia responder. Em seguida, se mexeu e disse: —Simplesmente aconteceu. Quanto mais sabia sobre você, mais me importava, e mais confio em você. Sua pesquisa, o seu cão, o jeito que você olhou para mim e disse que assumiu a responsabilidade de como podemos mudar as coisas. Você acha que não sei que você disse isso para fazer as coisas mais fáceis para mim, quando eu poderia ter sido o único a lembrar o que aconteceu? Logo quando voltei desta última vez, e quando te olhei, você entrou em pânico ao pensar em me perder. Eu sei que falei muito, mas não conseguia parar. E assim você sabia todo esse tempo que eu viria para você algum dia, e você não disse nada, não fez nada.



Ela escondeu o rosto no dele. —Eu tive um monte de tempo para pensar, — ela sussurrou. —Eu pensei sobre o tempo que você tinha nas mãos e sobre como disse que era do futuro, e cada vez que você voltava, mudava as coisas no passado. Você disse que era muito perigoso, e acreditei em você. Quando finalmente o encontrei novamente percebi quem você era. Pensei em entrar em contato e dizer-lhe o que tinha acontecido. Então percebi que se fizesse poderia mudar você também, para que você nunca voltasse no tempo para me ver. E não queria correr o risco de perder essas memórias, então esperei para ver o que iria acontecer no Rio Adriyel, e além.



Empurrou-a de costas e veio em cima dela, cobrindo-a com seu corpo enquanto a segurava firmemente, pressionando sua bochecha magra contra a dela. —Você pensou que isso a manteria estável, — ele disse. —Você fechou o ciclo de tempo que criamos. Você segurou sua terra quando não conheço ninguém que teria. Então, depois de tudo isso, você tentou me mandar embora, esta tarde, e foi tão amorosa e extravagantemente estúpida, como não poderia querer acasalar com você? É claro que confio em você. Sabia que se você me reivindicasse, você iria se manter, não importa o que aconteça.

—Não importa o que aconteça. — Ela engoliu em seco, agarrando-o tão firmemente como ele a segurava. Estavam envolvidos, peito contra peito. Poder da pele, entrelaçada com fome, e ela não tinha certeza de onde terminava um e começava o outro. — Eu acho que posso ver que minha vida deve ter sido antes de você vir, e tudo parece mais verdadeiro agora.

Ele acariciou seu pescoço. —Todas as peças estão interligadas. O pensamento continua correndo pela minha cabeça que é como uma senha de teclas para um código inviolável que abre uma porta do cofre a um país novo e estranho, mesmo assim é tudo ainda familiar. Todas as cores são mais brilhantes e mais ferozes, a canção observa mais penetrante.

Ela beijou sua têmpora e passou os dedos pelos cabelos. O peso de seu corpo enviou seu ronronar vibrando através de seu peito, e ela sentiu uma onda repentina de adoração por ele tão intensa, que a fazia se sentir bêbada, louca. —É um mundo mais bonito e mortal, porque não há muito mais a perder, — ela disse. —Rune, você não pode voltar mais. Devemos proteger o que temos.

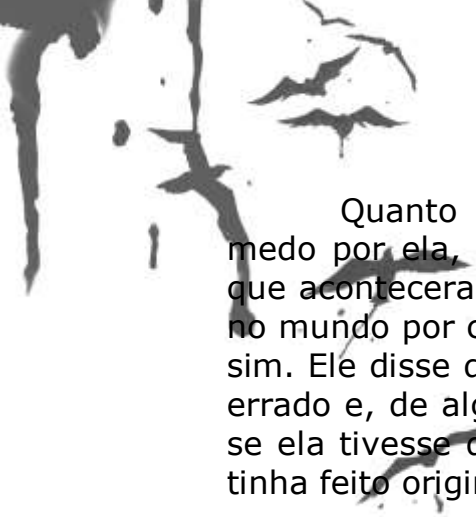
—Não há razão para eu voltar agora, — ele murmurou e beijou sua clavícula. —Eu acho que posso me manter e não ficar preso nos episódios em que eles acontecem. Seu eu mais jovem nos advertiu a tomarmos cuidado, e eu também acho que aprendemos tudo o que pudemos. A coisa mais importante agora é guardá-lo e mantê-lo seguro, quando você é pego neles, enquanto nós descobriremos como fazê-los parar.

—Você parece tão otimista, — ela disse.



—Menina você ainda é do tipo copo meio vazio? — Disse. — Você sabe, apesar das coisas mudarem elas realmente permanecer o mesmo.

Ela balançou a cabeça e soltou uma risada silenciosa. Ela amava como ele poderia fazê-la rir.



Quanto mais as coisas mudam. Sentiu uma súbita onda de medo por ela, mais apertado novamente. Ela abraçou as mudanças que aconteceram com ela há muito tempo, mas alguma coisa mudou no mundo por causa do que tinha feito? Ela nunca saberia, mas Rune sim. Ele disse que se lembrava de tudo. E se eles tivessem feito algo errado e, de alguma forma, destruiu algo que deveria ter existido? E se ela tivesse decidido fazer algo que ela não deveria, algo que não tinha feito originalmente?

Ela sentiu novamente aquela sensação de ser jogado para frente, mais e mais rápido, com o tempo. Ela queria transformar as corridas de seu cérebro, fechar os olhos e descansar contra o corpo forte de Rune em um verdadeiro sono. Em seguida, outra coisa lhe ocorreu.

—Eu só percebi, logo depois que falei no telefone e fui para o enfraquecimento. Eu não tive a chance de dizer, — ela disse. —Tenho certeza que Julian se virou contra mim. Eu posso lidar com ele se for um contra um, mas como rei, ele ordena o apoio de todo o Domínio Noturno. Precisamos agir com cuidado.

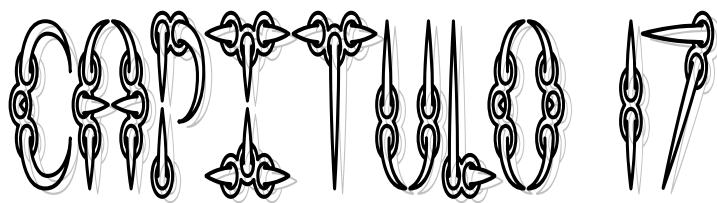
Rune apoiou-se no cotovelo para olhar para ela. Seu olhar era agudo, suas feições magras focadas. As linhas finas nos cantos de sua boca se aprofundaram. —Dragos me deixou uma mensagem para ligar assim que possível, — ela disse. —É claro que eu não tive tempo ainda. Pergunto-me se ele estava ligando pela mesma coisa. Eu preciso ligar de volta para descobrir o que está acontecendo.

—Temos um inferno de um lote para desembaraçar, — Carling disse. —Deixando de lado todo o problema de morrer por um momento. Ninguém vai ficar feliz quando descobrir o que acabou de acontecer entre nós. Não o Domínio Nightkind, não o Wyr, e certamente não o Tribunal Elder.

Ambos estavam em silêncio por um momento, absorvendo a enormidade dos desafios na frente deles.

Então Rune beijou sua bochecha. Ele soprou um pouco no ouvido dela, e ela se encolheu quando ele fez cócegas. —É sempre alguma coisa.





O telefone do hotel tocou, e Rune rolou para responder. A noite tinha caído por completo, ele acendeu o abajur de cabeceira inundando a sala com uma luz suave. Carling podia ouvir claramente a voz feminina do outro lado. —Rune, já registrei-me no hotel e acabei de chegar no quarto que você havia reservado para mim.

—Excelente, Seremela, — ele disse. —Por favor, venha até a suíte assim que você for capaz. — Ele ergueu as sobrancelhas para Carling, que concordou com a cabeça.

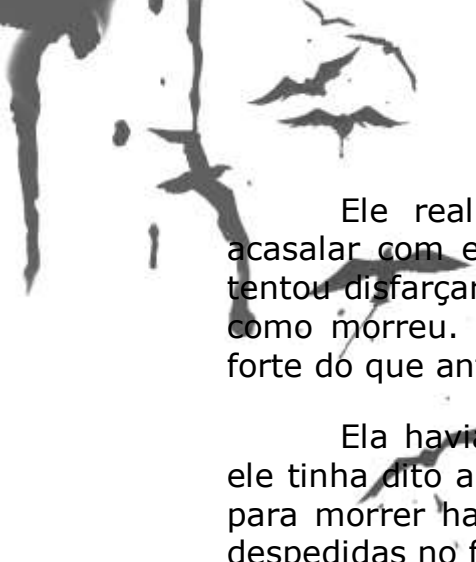
—Eu estarei aí em dez minutos.

Ele se torceu para desligar o telefone, Carling correu os dedos ao longo da linha de seu torso nu, do ombro ao quadril. Ele se virou para ela, seu rosto enrugando com um sorriso. —Cada um reivindica uma coisa ou outra, descobrir como fazer juntos é uma coisa totalmente diferente. — ela disse.

—Nós viemos para fora do portal forte, — Rune disse. Ele veio sobre ela, apoiando-se sobre um cotovelo por sua cabeça enquanto se inclinou para beijá-la. —Nós aprendemos a confiar um no outro, assim como desfrutar da companhia do outro. Nós apenas temos que continuar a confiar um no outro, enquanto lutamos para encontrar uma cura para você. Aprender sobre o resto, tomar decisões de vida sobre o que vem a seguir, é tudo o que posso esperar.

Carling olhou para ele, com dor, ela pensou em tudo o que ele estava dando para ela. Ela disse lentamente, — Se realmente encontrar uma cura que funcione, então eu posso me tornar humana novamente. Se isso acontecer, eu vou morrer tão cedo, em apenas cinquenta anos mais ou menos. — Depois da enorme quantidade de tempo que ela tinha vivido, cinquenta anos parecia um piscar de olhos.

—Esses cinquenta anos valeriam a pena, seria tudo para mim, — ele sussurrou de volta. Seus olhos sorridentes nunca vacilaram. Eles eram claros e firmes, direito para o fundo de sua alma.



Ele realmente quis dizer isso, ela viu. Ele realmente iria acasalar com ela, comprometendo-se com ela. Ele não se conteve, tentou disfarçar ou dissimular. Ele iria viver como ela viveu, e morrer como morreu. Pânico golpeou tudo de novo, mais profundo e mais forte do que antes, não por causa dela, mas por ele.

Ela havia suavizado e dissimulado as coisas. *Lute para viver*, ele tinha dito a ela, e até mesmo quando ela fez isso, preparando-se para morrer havia resolvido seus assuntos e preparou-se para suas despedidas no fim.

Deus santo, não mais. Ela tinha que lutar para viver com tudo o que tinha dentro, porque isto já não era apenas sobre ela. Tratava-se de ambos. Ela agarrou seu pulso rígido. —Nós não temos tempo a perder.

—Então, a melhor maneira é começar resolvendo, — ele disse.

Ele saiu da cama e de pé em um movimento suave e flexível. Ela sentou-se mais lentamente, olhando como ele pegou as roupas do chão. Seu cabelo estava desganhado mais do que nunca, seu corpo musculoso nú, olhando as mordida e marcas de arranhões que foram desaparecendo, mesmo enquanto observava. Flamejou as brasas da paixão em seu corpo quando ela olhou para o seu pescoço. Quando ele se inclinou para colocar sua calça jeans, camisa e lingerie na cama ao lado dela, ela o alcançou com o dedo, até a marca da mordida.

Ela sentiu sua respiração deixá-lo. Ele deu-lhe um olhar brilhante sob as pálpebras abaixadas. Com o canto do olho, ela viu seu pênis endurecer. Ele disse, —Comporte-se.

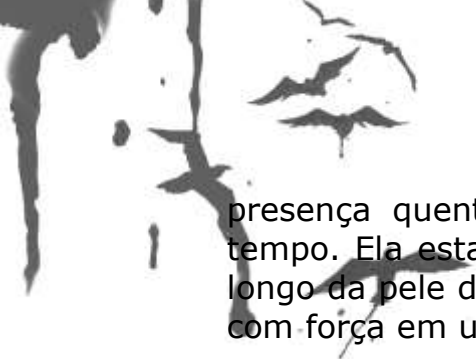
—Você realmente quer isso, — ela perguntou delicadamente.

Sua expressão tornou-se abrasadora. —Seremela vai estar aqui em pouco mais de cinco minutos.

Ela inclinou o rosto e tomou posse de sua ereção. Ela esfregou o polegar sobre a cabeça larga de seu pênis. Ele mostrou os dentes. Ele parecia selvagem e magnífico, mal segurando o controle e totalmente desumano. Deus, como ela amava esse homem. Ela sussurrou: —Nós vamos ter que lembrar de onde paramos, então.

—Caramba, mulher, — Ele agarrou-lhe o pulso, mas não puxou a mão. Um músculo em seu bíceps começou a pular, ele estava segurando-se tão bem.

Ela se inclinou para o lado para beijar o músculo de seu braço. Ela sentiu como se estivesse imerso nele, seu cheiro a despertou, sua



presença quente, e ainda morrendo de fome para ele ao mesmo tempo. Ela estava tão faminta. Ela passou os dentes suavemente ao longo da pele do músculo agrupado, e ele fez um som abafado e caiu com força em um joelho no chão ao lado da cama.

Ela colocou os braços em volta de seu pescoço e o beijou. Ele agarrou-a para si, beijando-a de volta com tanta fome quanto a que ela tinha. —Meu, — ela sussurrou contra seus lábios.

—Minha, — ele sussurrou de volta. Ele correu os lábios compulsivamente em seu pescoço para seu peito, dobrando-a de volta. Sua mente deslizou em um pedaço de gelo negro quando ele brilhou no seu incomparável corpo lindo, nas curvas, destacava os mamilos maduros, as pernas bem torneadas fortes como ela tinha enroladas em torno de seus quadris...

Bateram na porta da suíte, e ele puxou longe do chamado de sereia do corpo de Carling e com um grunhido ele pegou suas roupas. Ela caiu para trás rindo na cama, com os olhos dançando com tal prazer perverso que quase quebrou a cabeça para afastar-se dela. — Mais tarde, — ele rosnou para ela.

—Oh, meu Deus, sim, — ela respirou, esticando seu corpo nu. —Mais tarde, e novamente, e repetidamente, eu espero.

Ele deu-lhe um olhar incandescente e fugiu do quarto. Houve outra batida na porta. Ele rugiu, —Só um minuto, porra!

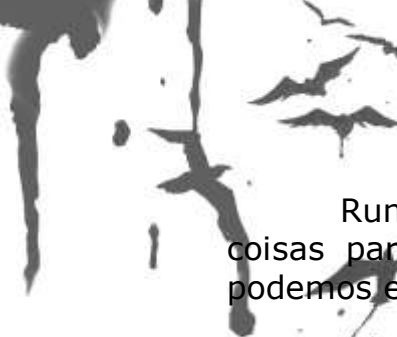
A partir do hall de fora da suite, uma mulher disse em uma voz assustada, —Eu sinto muito, eu imploro seu perdão.

Rune jurou então gritou: —Não, Seremela, me desculpe. Espere, eu vou estar com você em apenas um momento.

Carling pegou um travesseiro, enfiando seu rosto nele e rolou na cama, ela riu e riu.

Quando ela ouviu Rune abrir a porta, pegou suas roupas e empurrou-se para fora da cama e entrou no banheiro para um banho rápido, antes de se vestir. Ela teve um vislumbre de seu cabelo curto desgrehado e maquiagem do rosto borrada no espelho e explodiu com o riso novamente.

Aqui esta novamente a mistura de casa fantasma/montanha russa. Euforia e alegria, polvilhada com completo terror. Ela abriu a torneira da água e molhou seu rosto, a água estava tonificante, fria e boa.



Rune levantou a voz. —Carling, eu vou começar a explicar as coisas para Seremela, se você não se importa. Se você preferir, podemos esperar até chegar aqui.

Ela falou de volta. —Por favor, vá em frente. Eu já estarei aí.

Ela ouviu os dois falando enquanto terminava de se vestir. Pensou em procurar uma túnica para vestir em suas malas, em vez disso preferiu colocar seu jeans boca-de-sino exótico com camiseta de seda com renda, embora ela preferisse ficar descalça. Ela passou as mãos pelo cabelo curto e agitou, saindo para a sala de estar.

Ela os encontrou sentados na sala de estar. Rune estava vestido com suas roupas pretas e tinha penteado o cabelo com os próprios dedos. Ele parecia polido e vibrante, e tão sexy que ela pulsava com o desejo escuro e urgente de marcá-lo novamente. A medusa tinha tomado uma poltrona, e Rune sentou em outra extremidade do sofá. Ele estava inclinado para frente, os cotovelos sobre os joelhos, melancolicamente girando seu iPhone em círculos sobre a mesa enquanto falava. Tanto ele como Seremela ficaram como estavam quando ela entrou na sala.

Carling avançou para oferecer-lhe a mão. A Medusa assistiu sua abordagem com um olhar curioso. Seremela disse com um sorriso: —É uma honra conhecê-la, Conselheira.

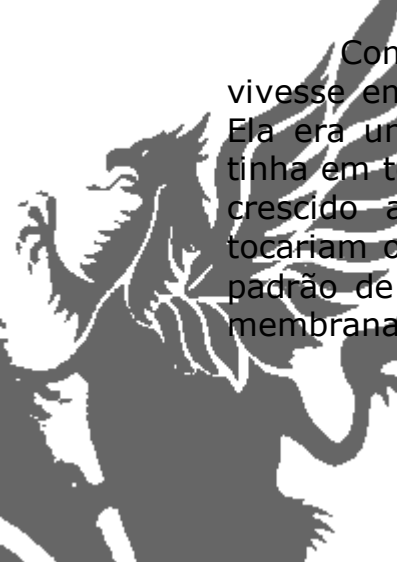
—Obrigado por ter vindo em tão curto prazo, Doutora, — continuou Carling.

—Por favor me chame de Seremela, fiquei feliz quando Rune me ligou, o prazer será meu em poder ajudar.

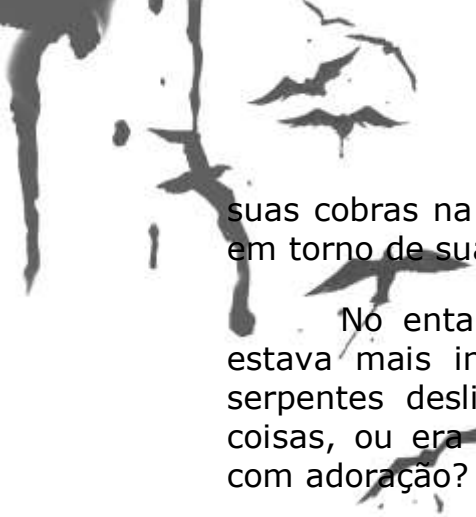
Carling observou a expressão da Medusa atentamente. —Você pode achar que o que temos a dizer muito perturbador, mas precisamos de seu sigilo sobre isso.

—É claro, — Seremela disse.

Carling olhou para Rune, as sobrancelhas levantadas. Ele acenou com a cabeça. Ela voltou sua atenção de volta para a médica.



Como a Medusa, Seremela Telemar era Demonkind, embora vivesse em Chicago, bem fora do domínio Demonkind em Houston. Ela era uma mulher bonita de meia idade. Carling achava que ela tinha em torno de 380 anos de idade, as cobras em sua cabeça havia crescido até suas coxas, quando ela chegasse na velhice elas tocariam o chão. Sua pele era de um verde pálido cremoso com um padrão de pele de cobra fraco, e os olhos semicerrados tinha uma membrana que piscava no momento que estava aberto. Várias de



suas cobras na cabeça provaram o ar enquanto olhava curiosamente em torno de sua cintura e sobre o ombro para Carling.

No entanto, a maioria das serpentes na cabeça da Medusa estava mais interessada em Rune. Carling assistiu a um par de serpentes deslizarem para cima do braço. Ela estava imaginando coisas, ou era realmente possível para uma cobra de cabeça olhar com adoração?

Nem Rune nem Seremela estavam prestando atenção ao que as serpentes da Medusa estavam fazendo. Eles estavam concentrados na conversa, falando um com o outro.

Carling inclinou a cabeça e apertou os lábios.

Cobras.

Ela caminhou para frente pegou as duas cobras de cabeça, uma em cada mão. Rune assistiu com surpresa. Seremela saltou e corou, e começou a pedir desculpas profusamente, —Eu sinto muito, eu não estava prestando atenção. Você sabe que elas têm uma mente própria e, bem, elas gostam de Rune.

Carling ignorou. Ela levantou as duas cobras e olhou para elas. Elas olharam de volta, com suas cintilantes línguas. Elas não pareciam alarmadas ou perturbadas em seu manuseio. Outro par de cobras de cabeça levantou-se para enroscar em torno de seus pulsos. Seremela deu uma risada envergonhada. —Parece que elas gostam de você também.

—Claro que é, — Carling disse para as cobras.

—É claro o que? — Rune perguntou.

—Você disse que era importante voltar para o início, para o que era, — disse Carling. —A deusa serpente não era apenas um arcaico conto popular supersticioso egípcio. Ela era uma criatura real chamado Python que realmente existiu. Assim, o próximo passo lógico é que o beijo da serpente realmente é um beijo de serpente. Vampirismo tornou-se um patógeno transmissível pelo sangue, e vampiros são criados em uma troca de sangue com sangue. Mas tinha que ter começado como veneno.



Depois que ela disse isso, ela e Rune tiveram que contar a história desde o início. Seremela ouviu atentamente a tudo o que lhe disseram. Ela parecia abalada com o pensamento da história que estava sendo mudada, interrompendo apenas para pedir esclarecimentos em alguns pontos no diálogo até que ela ouviu sobre



os primeiros esboços de Python da Carling. —Você desenhou Python?
— A medusa ofegava.

—Não, eu nunca conheci Python, — Carling corrigiu, sorrindo.
—Eu esbocei as ilustrações dela que estavam na parede da caverna.

—O que eu não daria para ver isso, — Seremela disse, os olhos brilhando. —Você sabia que nós nos chamamos de crianças Python?

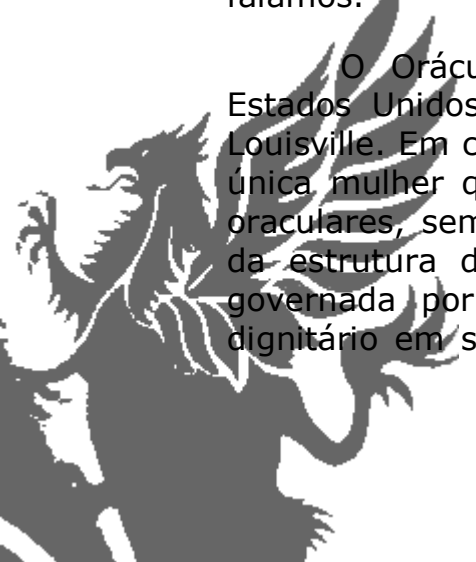
Carling e Rune olharam um para o outro. Ela tomou assento ao lado dele no sofá, e ele descansou o braço ao longo das costas, de vez em quando manuseando o cabelo na parte de trás de sua cabeça. Carling balançou a cabeça, e Rune disse: —Eu não tinha idéia de qualquer um.

A medusa encolheu os ombros. —Eu não sei se há alguma verdade histórica em que as medusas são realmente filhas de Python, que teria acontecido há muito tempo atrás que teria precedido a sua caverna egípcia por milhares de anos.

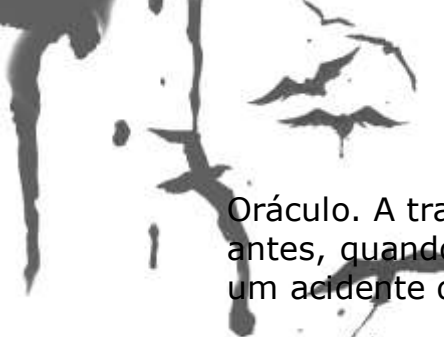
—Você sabe o que aconteceu com ela? — Rune disse. Ele estava assistindo Seremela, sua expressão atenta. — Tudo o que eu ouvi foi que ela morreu.

—Ela viajou para a Grécia e foi morta em Delphi, — Seremela disse. —Algumas versões da história dizem que ela foi assassinada. Na mitologia grega, o deus Apolo a matou, mas a mitologia grega é muito parecida com a egípcia ou de qualquer outra mitologia, os mitos são as mais estranhas histórias que prendem alguns grãos de verdade. Eu já ouvi histórias de outros que simplesmente dizem que ela foi morta quando caiu de uma fissura na terra. Ela viveu na Grécia tempo suficiente para estabelecer o Oráculo de Delfos, no entanto.

—Eu pensei que o Oráculo fosse uma herança genética, e a habilidade do Oráculo para profetizar fosse passada de geração em geração dentro de uma família humana, — disse Carling. —Pelo menos isso é o que os Oráculos anteriores me disseram quando nós falamos.



O Oráculo de Delfos há muito tempo mudou-se para os Estados Unidos para unir-se ao Domínio das bruxas humanas em Louisville. Em cada geração da família do Oráculo, sempre havia uma única mulher que herdava o título, juntamente com as habilidades oraculares, sempre que o Oráculo anterior morria. Ela era separada da estrutura dirigente principal do Domínio das bruxas, que era governada por um chefe eleito, ainda que o Oráculo fosse um dignitário em seu próprio direito. Carling não conhecia o mais novo



Oráculo. A transferência de poder tinha ocorrido apenas alguns meses antes, quando a Oráculo anterior e seu marido havia sido mortos em um acidente de carro.

Carling teve que lutar para esconder o quanto ela estava amargamente desapontada em ouvir alguém confirmar a morte de Python. Ela pensou que tinha controle sobre sua expressão, mas a mão de Rune caiu em seu ombro em um aperto de apoio.

—Bem, a capacidade de profetizar agora é passada de geração a geração, — Seremela disse. —Assim como vampirismo agora é transmitido de humano para humano. Quanto a possibilidade do Oráculo original é outra questão, inteiramente.

—Você já consultou um Oráculo antes? — Rune perguntou a Seremela como curiosidade. Ele tinha falado com Oráculos assim como Carling tinha, como uma função de socialização inter-Domínio, mas ele nunca tinha estado interessado em falar com um, enquanto ela estava canalizando o poder de profetizar. Divagações enigmáticas o deixavam louco. Como ele havia dito a Carling antes, conversar com Python tinha sido como tropeçar em uma dose ruim de LSD.

—Eu consultei um Oráculo, quando eu era mais jovem, — Seremela disse. —Eu mal tinha 50 anos na época, é curioso. Eu achei que fosse uma experiência poderosa e perturbadora. A profecia nunca é uma coisa controlada, tanto para o requerente quanto para o Oráculo.

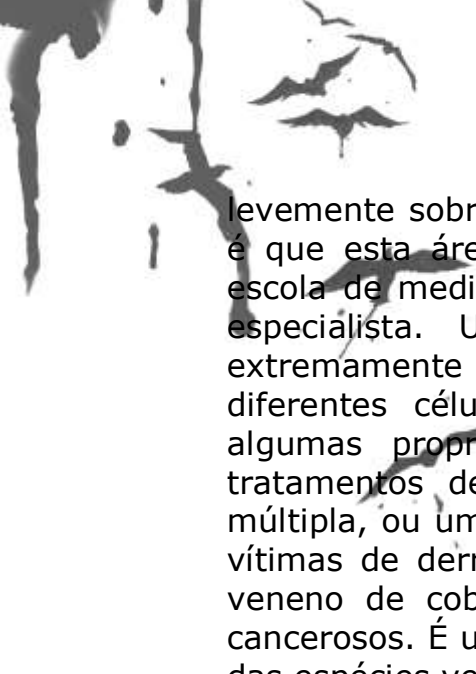
—Você se importa se eu perguntar o que ela disse? — Rune perguntou.

—Eu não me importo de você perguntar, — Seremela respondeu calmamente. —Mas isso não é relevante para esta conversa, e eu prefiro não falar sobre isso.

—Tempo, — Carling murmurou. Passado, presente e futuro. Parece que a habilidade do Oráculo para profetizar estava imerso com ela. Ela esfregou a testa e tentou se concentrar. Ela olhou para cima para encontrar Rune estudando-a.

Seu rosto era grave, com os olhos em causa. Quando ela olhou para ele, ele apertou o seu ombro. Ele disse a Seremela, —O que você diria sobre as propriedades de veneno para alguém que não é médico, ou seja, eu?

A medusa olhou-o por alguns instantes. As Serpentes na sua cabeça tinham deslizado sobre os ombros formando uma massa enrolada no seu colo. A maioria parecia ter ido dormir, embora algumas ainda assistiam Rune e Carling. Seremela passou os dedos



levemente sobre elas. —A primeira coisa que eu diria a qualquer um é que esta área da toxicologia não era o meu foco de estudo na escola de medicina, por isso não posso falar como qualquer tipo de especialista. Uma vez que, as propriedades de veneno são extremamente complexas e podem conter toxinas diferentes para as diferentes células e tecidos do corpo. Elas também podem ter algumas propriedades surpreendentemente benéficas, tais como tratamentos de veneno de abelha para pacientes com esclerose múltipla, ou um derivado de um malaio veneno de víbora para tratar vítimas de derrame. Estudos preliminares também indicaram que o veneno de cobra pode retardar o crescimento de certos tumores cancerosos. É um fascinante campo de estudo. Então, depende muito das espécies venenosas e, claro, suas espécies de rapina.

—Vamos nos concentrar em cobras, — disse Rune.

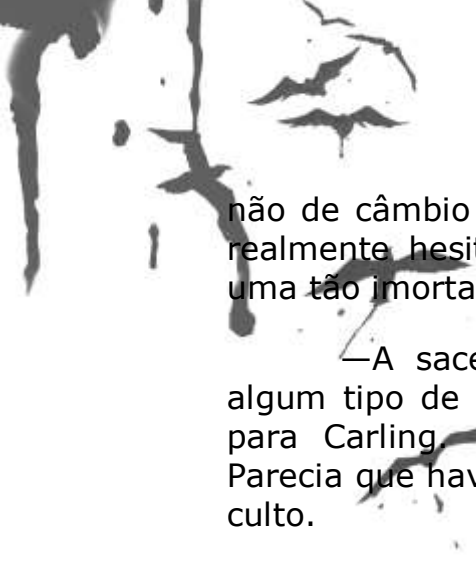
Seremela disse: —Veneno de cobras comum se dividem essencialmente em duas categorias: o hemotóxica, que é tóxico para o sistema circulatório e o neurotóxico, que é tóxico para o sistema nervoso. Correndo o risco de simplificar demais, a cobra ou espécie de serpente geralmente tem a intenção de subjugar sua presa.

Carling olhou para cima. —As Cobras de sua cabeça são venenosas.

—Sim, — Seremela disse. —Minhas cobras levam veneno que induz paralisia, mas se você tomar uma dose de uma única mordida, o veneno não é muito tóxico. Um ser humano iria experimentar alguma dormência e letargia, juntamente com dor e inchaço ao redor da área da mordida. Alguns podem ficar enjoados também. Geralmente, não haveria necessidade de uma dose de soro antiofídico, a menos que a vítima seja uma criança ou entrasse em choque anafilático. Se eu for atacada e minhas cobras ficarem muito atemorizadas, no entanto, elas podem morder repetidamente, o que pode levar a morte de alguém. Wyr são mais imunes do que os humanos. Se Rune ficar parado e consentisse em deixar-se ser mordido por um par de dias, o veneno das cobras na minha cabeça poderiam, eventualmente, parar seu coração. — Ela olhou para Carling. —O veneno de uma medusa não tem nenhum efeito aparente sobre Vampiros.

—E quantos as outras criaturas serpentes das Elder Races, — perguntou Carling.

—Bem, então você adiciona o elemento extremamente imprevisível do Poder, — Seremela disse. — O veneno das minhas serpentes é mundano, as cobras são apenas ligadas a minha cabeça, isso é tudo. Nós compartilhamos uma espécie de ligação simbiótica que tem alguma empatia, uma espécie de telepatia muito bruta, mas



não de câmbio real da linguagem, e o veneno é apenas veneno. Eu realmente hesito em especular sobre outra criatura, especialmente uma tão imortal como a poderosa Python teria sido.

—A sacerdotisa egípcia com quem falou indicou que havia algum tipo de contrato social com a deusa serpente, — Rune disse para Carling. —Então Python deve ter interagido com o grupo. Parecia que havia algum nível de cuidados envolvidos, ou pelo menos culto.

—Veneno, paralisia, tempo. Alguns temas gerais estão vindo junto, — Carling murmurou. —Pelo que me lembro, a sacerdotisa falou sobre Python cuidar de seus filhos, dando-lhes o beijo da vida que era também a morte. Talvez Python sabia que com esta mordida iria travar a progressão da sua mortalidade. Seja qual for a motivação ou realidade, não importa.

—Por que você diz isso? — Rune perguntou. Seus olhos se estreitaram.

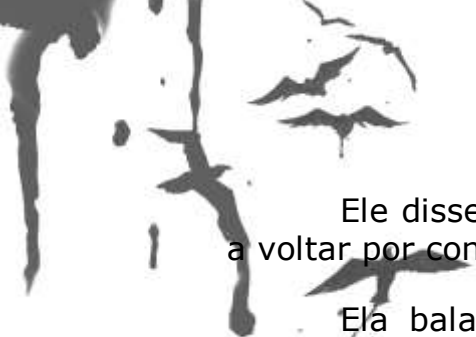
Carling se inclinou para frente, colocou os cotovelos sobre os joelhos e cravou os calcanhares das mãos em seus olhos. Ela tinha estudado tanto venenos, como feitiçaria. Não admira que sua cura por feitiços só tinha trabalhado para evitar os episódios por um tempo. Os feitiços de cura que havia testado em si mesma, deveria ser a cura para todos os males. Para criar algo mais segmentado ou específico, ela teria necessidade de conhecer as propriedades originais do que ela tentava curar. Ela disse estupidamente: —O que existe nas veias dos vampiros sofreu mutação muito tempo atrás. É um produto da fonte original, uma vez que interagem com o sistema imunológico humano. Nós não temos qualquer veneno original de Python, por isso não podemos criar qualquer antídoto.

—Que tal um antídoto mais generalizado? — Rune perguntou, sua voz estava tensa.

Carling estava balançando a cabeça, mesmo quando Seremela disse, gentilmente, —Para algo tão poderoso e específico, e para a quantidade de tempo que você indicou que lhe sobra, eu temo de que seria um exercício de futilidade. Levaria anos de ensaios de experiências e de drogas. Não desperdice o seu tempo.



A tensão de Rune aumentou. A força de sua emoção explodiu junto às terminações nervosas de Carling. Ela disse-lhe: —Eu sei o que você está pensando. Voltar novamente, não vai funcionar. Eu nunca conheci Python, e os episódios são muito curtos para você ir procurá-la em seu próprio país.



Ele disse. —Mas eu posso continuar passando até eu aprender a voltar por conta própria.

Ela balançou a cabeça. —E arriscar mais alterações a esta linha do tempo? Isso é muito perigoso. Dissemos que iríamos parar. Temos que parar.

Quando Rune abriu a boca para argumentar, ele tomou conhecimento de como os seus ombros caíram em desânimo. A linha de raciocínio na conversa foi um duro golpe para ele. Quanto mais difícil era para ela ouvir, depois de ter suportado o peso de tantas decepções por tanto tempo? Ele engoliu o que estava prestes a dizer. — Vamos colocar isso de lado por enquanto. Eu acho que o nosso próximo passo é ir a Louisville e falar com o novo Oráculo. Precisamos ouvir o que ela tem a dizer, especialmente se ela é mais um dos filhos de Python.

Ela suspirou e disse: —Sim, temos que ir.

Seremela disse baixinho: —Você gostaria que eu examinasse você, enquanto estou aqui? Eu não sei, se posso acrescentar mais do que você já sabe, mas esta é uma questão tão séria que eu realmente me sentiria melhor de conferir todos os caminhos que temos aberto para nós.

Carling assentiu. Ela deixou as mãos caírem longe de seu rosto. —Não faz sentido.

Rune olhou para o seu iPhone. Ele perguntou, —Você precisa de mim para isso? Porque se você não precisar, eu tenho algo que eu preciso fazer.

Carling virou-se para ele. —Não, claro que não. O que você vai fazer?

—Eu preciso fazer esse telefonema, — ele disse.

Carling pegou sua bolsa de couro e levou, Seremela em um dos quartos. Rune ouviu o som suave de sua voz enquanto conversavam antes de ele pegou seu celular. Ele bateu Dragos na discagem rápida.

Dragos pegou no primeiro toque, —Aí está você! Por que você demorou tanto?

—Esta é a primeira oportunidade que tive de chamá-lo, — Rune disse. —Tem sido um longo dia. Na verdade, tem sido um longo dia por um bom tempo, e muita coisa aconteceu. Carling e eu voltamos hoje de Outra Terra.



Dragos disse: —Ela pode ouvir você agora?

Rune olhou para a porta fechada do quarto. —Não, — ele respondeu. —Olha! Eu tenho algumas coisas para te dizer.

Dragos disse: —Mais tarde. Será que ela vinculada à você beneficiaria ou retringiria sua habilidade de agir de qualquer maneira?

A questão jogou Rune fora da pista. —Não, — ele disse de novo. —Esqueça isso, já não é mais importante. Ouça.

—Tudo bem, — Dragos interrompido. —Aqui está o que vem acontecendo no resto do mundo. Eu tive uma audiência com o Rei Noturno, e também com os outros membros do Tribunal Elder. Julian teve bastante história para contar. Aparentemente Carling está apagando e afetando a paisagem física em torno dela. Você já viu alguma parecida de isso?

Rune cerrou os dentes. —Sim, — ele disse. —Isso é o que estamos lidando agora. O que mais aquele bastardo disse?

—Ele pediu ao tribunal para retirar Carling do Conselho do Domínio Nightkind. Ele alegou que ela não está mais apta para o cargo. Eles concordaram com ele. Conversei com os Conselheiros Jaggar e Soren. Carling foi removida do Tribunal Elder.

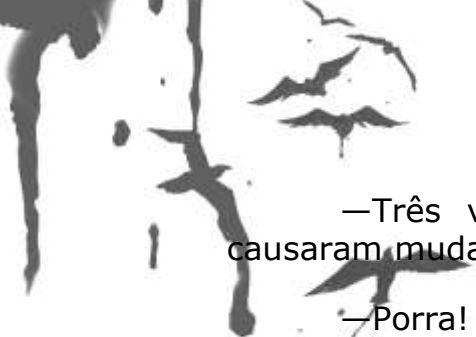
Jaggar era o Conselheiro Wyr no Tribunal Elder. Soren era o Conselheiro Demônio e chefe do Tribunal. Se Carling já não era um Conselheiro do Tribunal, ela já não tinha a autoridade ou o peso do Tribunal Elder por trás dela. Se alguma coisa acontecesse com ela, o Tribunal Elder não mais atuaria em retaliação. Ela agora estava completamente isolada, sem ninguém a apoiando. Julian tinha apenas conseguido botá-la para fora. Rune apertou a mão no telefone. Ele ouviu rachar algo.

Ele disse calmamente: —Existe mais alguma coisa?

—Sim, — Dragos disse. — Os Grifos são outros estranhos. Eles insistiram em três ocasiões que algo mudou, duas vezes no fim de semana e uma vez hoje. Só que eles não conseguiram verbalizar o que é isso, eles só sabem que alguma coisa aconteceu. Graydon disse que a realidade havia mudado, só que ele não poderia dizer o que pode ter mudado. Você já experimentou algo assim?



—Olha, você vai ter que me dar sua palavra sensata aqui, — Rune disse entre os dentes. —Sim, Carling e eu temos causado algumas dessas coisas...



—Três vezes? — Dragos disse. —Três vezes, você e ela causaram mudanças na realidade?

—Porra! Deixe-me explicar o que fizemos, — Rune gritou.

Mas a ira do dragão foi despertada. Ele rosnou: — Quando Carling enfraquece, ela afeta a paisagem ao seu redor. Então você e ela fizeram algo que Bayne, Constantino e Graydon sentiram todo o caminho aqui, em Nova York, e vocês o fizeram não uma, mas três vezes? Que porra é essa que você fizeram?

Rune olhou pela janela para o brilho das estrelas e luzes elétricas. Nós mudamos a história, ele pensou. Mudamos os outros. Nós mudamos o mundo.

—Diga aos Grifos e aos outros para não se preocuparem, — ele disse. —Vai dar tudo certo.

—Por Deus é melhor dar tudo certo, — Dragos disse severamente. —Conte-me sobre o resto mais tarde. Eu quero você fora daí, imediatamente.

—Eu não posso fazer isso, Dragos, — Rune disse calmamente. Ele olhou para fora da janela quando viu o fim se aproximando da sua vida.

—Você disse que Carling não havia restringido os seus movimentos, — Dragos disse.

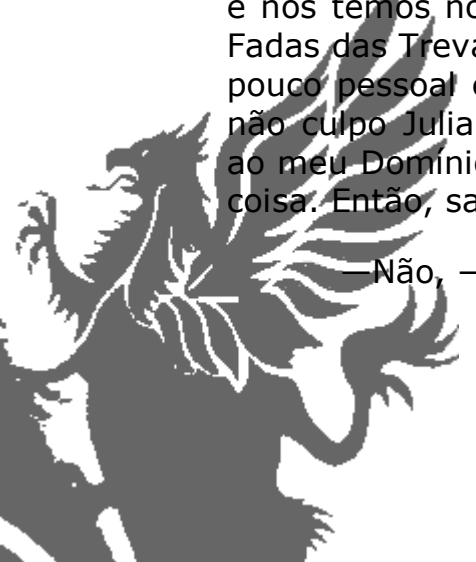
—Ela não tem.

—Então você pode fazê-lo. Julian está se preparando para apanhar Carling, e eu não quero você perto quando as coisa explodirem.

—Ela foi uma boa aliada para você, — disse Rune para o homem que acabara de se tornar seu ex-amigo.

—Sim, ela foi, mas o Wyr não pode estar envolvido neste problema também. Ainda temos tensões nas fronteiras com os Elfos, e nós temos nos envolvido muito profundamente nos problemas das Fadas das Trevas, por muito tempo. Nós estamos além do limite, com pouco pessoal e baixa tolerância política. E de qualquer maneira, eu não culpo Julian. Se alguém instável colocasse este tipo de ameaça ao meu Dominio, eu estaria fazendo movimentos para fazer a mesma coisa. Então, saia daí e traga essa sua bunda para casa.

—Não, — disse Rune.





Foi quando a voz do dragão ficou muito quieta. —Eu acho que não ouvi corretamente.

—Você me ouviu corretamente. — Rune disse.

—O que você quer dizer, com não? Você perdeu sua mente, porra?

—Eu quero dizer não. Eu me demito. Efetivamente agora mesmo.

—Você não pode se demitir. Eu não vou deixar.

—Acho que acabei de fazer, — Rune disse.

—Você está cometendo um grande erro, — rosnou o Senhor do Wyr.

—Se é isso que você diz, Dragos? Eu não posso ouvir você. Estamos terminados, — Rune disse quando esmagou seu iPhone.





CAPÍTULO 10

No quarto, Seremela ficou olhando pela janela enquanto Carling tirava a roupa. Carling tinha perdido todo o vestígio de modéstia dentro de seus primeiros cem anos de existência, mas por causa da médica, ela escorregou em um roupão do hotel. Então pacientemente deixou a médica realizar um exame completo.

—Eu não tenho certeza do que fazer com isso, — Seremela murmurou. —Mas sua temperatura está elevada.

—É mesmo? — Suas sobrancelhas se levantaram. — Quanto?

—Uns bons cinco graus. Sem dúvida, você já sabe que Vampiros tendem a refletir a temperatura ao seu redor, o que na maioria dos quartos tende a ser em torno de 70-72 graus F. Você está correndo quente em 76,5 F. — Seremela tirou o plástico do termômetro e pôs o termômetro longe na mala médica.

Carling reprimiu um sorriso. —Estive em contato com Rune durante muito tempo, e ele é como uma fornalha.

A medusa olhou para baixo. —Eu imagino que sim. Ele cuida muito bem de você. —Havia um traço de melancolia na voz de Seremela, e de suas emoções.

O sorriso de Carling desapareceu. Ela disse em voz baixa: —Eu sou sua companheira. O momento é inconveniente.

Cabeça da Medusa veio á tona. Seus olhos ampliaram, atingida com compaixão. —Oh deuses, isso é duplamente difícil, então.

—Sim.

Seremela suspirou. —Fisicamente você parece muito bem, Conselheira. Seu poder é muito interessante para mim, mas desde que acabei de conhecer, não tenho nenhuma maneira de medir ou avaliar. Tudo o que eu sei é que não tem flutuado enquanto eu estive em sua presença. Se pudesse tirar seu sangue e fazer alguns testes, mas eu não tenho privilégios de médico em qualquer das instalações aqui.





Carling disse: —No fundo, vampirismo é uma condição de sangue, por isso parece altamente provável que qualquer veneno original teria sido hemotóxico na natureza.

—Isso é o que eu penso também, — Seremela disse.

Carling disse: —A ingestão de sangue é também a única maneira dos vampiros poderem ter sua alimentação, pelo menos até que eles atingim a fase que eu estou.

—Se tudo é sobre sangue, então o meu palpite é que o sangue também vai ser a chave.

Tudo sobre o sangue. Carling assentiu pensativa. Ela sabia muito bem que os sentimentos não eram científicos, mas parecia certo e real.

Seremela estudou. —Você não tomou qualquer alimento físico em quase 200 anos?

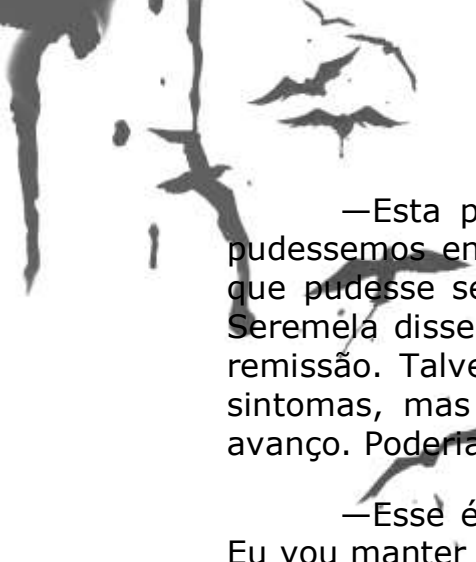
—Isso é correto, — Carling disse. —Beber sangue começou a fazer-me violentamente doente. Deixe-me dizer-lhe, vomitar jatos de sangue não é uma experiência agradável.

Seremela estremeceu. —Eu não imagino. Será que suas habilidades succubus apareceram antes ou depois de ter perdido a sua capacidade de tolerar a ingestão de sangue?

—Alguns tempo depois. Eu passei um par de semanas sentindo fraca e apática, e doía-me tudo, — Carling disse a ela. Ela tirou o roupão de banho e vestiu novamente os jeans e camiseta Glamour. —Isso me lembrou um pouco de quando eu estava com fome pela primeira vez, na verdade. Gostaria de ficar com fome e tentar beber, e então tudo iria voltar novamente. Eu finalmente perder a vontade de tentar. Então, algum tempo depois, eu percebi que podia sentir o que outras criaturas vivas estavam sentindo. A emoção mais forte, mais revitalizada eu me senti. Até então eu tinha ouvido história dos mais velhos sobre nos tornarmos súcubos, caso contrário eu teria ficado mais assustada do que eu estava.

Seremela sentou-se na cadeira do quarto. —Parece possível que se tornar um succubus foi uma resposta de defesa do sistema imunológico mutante. Você perdeu a capacidade de processar sua forma normal de nutrição, e seu corpo reagiu em conformidade.

—Certamente, soa possível, — Carling disse. Ela gostava de como a médica processava as informações.



—Esta progressão é tão lógica como causa e efeito, se nós pudessemos encontrar algum alimento físico que você pode tolerar, que pudesse ser capaz de colocá-la em um processo de espera, — Seremela disse. —Nós precisamos que você entre em algum tipo de remissão. Talvez não possamos alcançar uma ausência de todos os sintomas, mas precisamos de pelo menos tentar impedir qualquer avanço. Poderia dar-nos algum tempo.

—Esse é um ponto excelente, — Carling disse lentamente. — Eu vou manter isso em mente. Enquanto isso, por que você não pega um pouco de sangue e eu vou colocá-lo em inércia. Isso vai conservá-lo até que você possa obtê-lo refrigerado adequadamente.

—Excelente, — Seremela disse com satisfação.

Após a medusa ter tirado um frasco e Carling ter feito o feitiço, ela virou-se para a bolsa de couro para abri-la e retirar o tubo que contém os rolos de pergaminhos de seus esboços de Python. Ela levou-os para uma cômoda e acenou para Seremela, desenrolou-os na superfície plana da cômoda.

A medusa suspirava, —São incríveis.

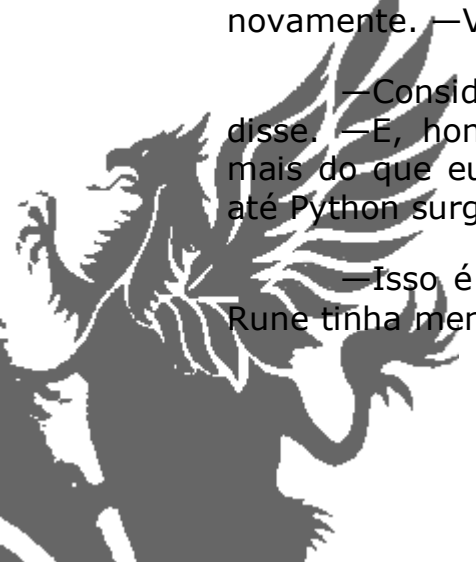
Carling observou o rosto da outra mulher quando ela estendeu a mão para tocar a borda do pergaminho com reverência. O prazer de Seremela era como uma luz, viva e brilhante. Carling disse: —Eu quero que você fique com estes.

Seremela arregalou os olhos. Tanto ela como todas as cobras de sua cabeça parecia tão chocadas, Carling teve que morder de volta a súbita vontade de rir.

—Eu não poderia aceitar estes, — Seremela disse. Então, em um gemido aflito, disse: —Posso?

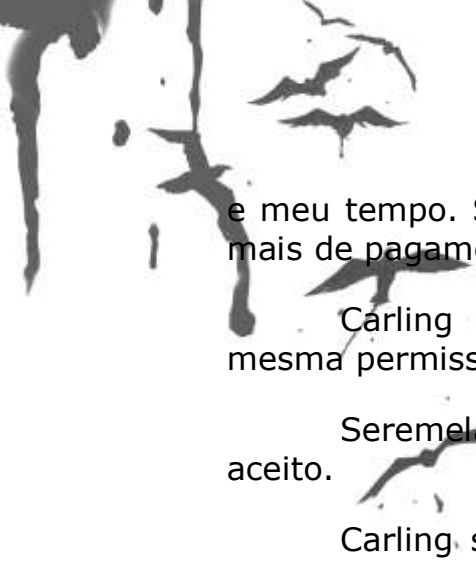
—Claro que você poderia, — Carling disse. — Conversar com você tem sido incrivelmente útil. Tem sido um conforto também.

—Tem sido um privilégio conhecê-la e irei ajudá-la de qualquer maneira que eu puder. — Seremela tocou a borda do esboço novamente. —Você não deve sentir-se obrigada a dá-los para mim.



—Considere a minha maneira de dizer obrigado, — Carling disse. —E, honestamente, eu acho que você vai apreciá-los muito mais do que eu. Eu não pensei sobre eles ou olhei durante séculos, até Python surgir na conversa com Rune.

—Isso é um inferno de agradecimento, — Seremela disse. — Rune tinha mencionado algo sobre pagar minhas despesas de viagem



e meu tempo. Se eu aceitar esses esboços, eu não quero ouvir falar mais de pagamento. Tudo bem?

Carling disse: —Se é isso que você precisa para dar a si mesma permissão para aceitá-los, eu não vou discutir com você.

Seremela riu e bateu palmas. —Então, obrigada, sim, eu aceito.

Carling sorriu enquanto ela enrolava os esboços, deslizou-os de volta no tubo e entregou a Seremela, que colocou o tubo em cima da bolsa de médico, entre as correias. Ambas as mulheres estavam sorrindo enquanto saiam do quarto para encontrar Rune ainda vestido de preto e armado para a guerra.

Ele usava duas armas em coldres no ombro e uma espada curta amarrada a suas costas. Ele tinha mudado seus sapatos lustrosos e agora usava bota com biqueira de aço. Quando Carling e Seremela entraram na sala, ele estava rolando as mangas pelos braços fortes e amarrando as estrelas de arremesso no antebraço.

Depois que ela viu um olhar pensativo nele, Carling não perdeu tempo pedindo uma explicação. Em vez disso, ela voltou sua atenção para Seremela. —Precisamos tirar você de San Francisco.

—E precisamos fazer isso o mais rápido possível, — Rune disse. Ele puxou as alças fechando sobre uma braçadeira e começou a prender o outro.

—O que aconteceu? — Seremela disse. A medusa parecia assustada.

—Não importa, Seremela, — Rune disse a ela. Sua expressão se transformou em um frio assassino, mas sua voz se manteve calmo. —Isso não diz respeito a você. A menos que você conheça sobre as coisas, melhor.

Carling disse: —Eu vou chamar Khalil e usar esse último favor. Ele vai garantir que ela chegue em casa com segurança.

—Parece bom, — Rune disse. —Então, você e eu poderemos nós mover.

Uma batida forte soou na porta da suíte. — Noturnos SFPD, — um homem disse em voz determinada e firme. — Abra.

Rune disse a ela: —Chame-o.

Ela falou às palavras do feitiço que enviou o chamado para a noite.





A batida na porta tornou-se pancada. —Sentinela Ainissesthai, sabemos que está aí. Você precisa vir à delegacia com a gente para interrogatório.

—Vão para o quarto, — disse Rune para Carling e Seremela. Ele se posicionou na frente da porta.

Carling agarrou o braço de Seremela e elas marcharam para o quarto, quando o ciclone soprou na suíte, ela olhou para trás e viu Rune lançar-se a porta, apoiando com o ombro os chutes dados para quebrar a porta.

Khalil materializou diante de seu olhar. Ele olhou por cima do ombro para Rune então se virou para ela. A feição do Gênio, aguçou com interesse.

Carling, conduziu Seremela pessoalmente para perto, empurrou a medusa a bolsa de médico sem cerimônias para os braços de Khalil. —Leve-a para Chicago, — ela disse. —Garanta que elas cheguem em casa com segurança.

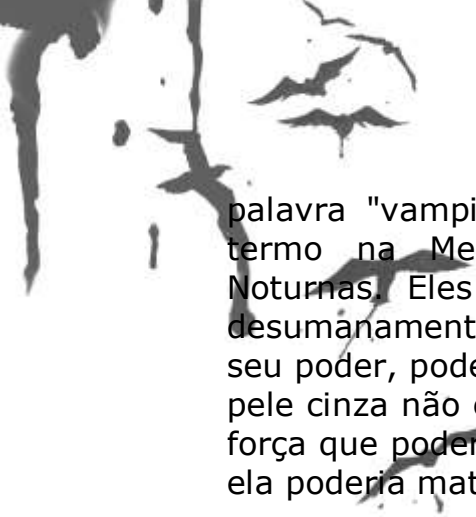
Atrás de Khalil, ela viu Rune suportar com todo o corpo quando outro chute bateu contra a porta. —O batente da porta está quebrando, — Rune disse. —Eu não posso segurá-lo por muito tempo.

Khalil levantou uma sobrancelha. Ele pareceu ligeiramente incrédulo. Ele perguntou: —Tem certeza que é com isso que você quer gastar o seu último favor?

—Sim, droga, VAI! — Ela rosnou. Não esperou para ver o ciclone soprar com Seremela. Em vez disso, ela correu para o quarto. Movendo tão rápido quanto podia, ela rasgou suas malas, em busca de quaisquer armas que Rufio poderia ter fornecido, amaldiçoando-se por não ter pensado em especificar o que ele deveria te embrulhado ao fazer as malas. Ela realmente tinha confiado muito em Rhoswen e por muito tempo.

Ah, Deus te abençoe, Rufio. Duas facas, suas armas escolhidas para o combate de perto. Ela pegou-as em sua bainha de couro, desejou também ter uma arma para ajudar, contudo as mais eficazes armas de longo alcance que ela tinha eram suas magias ofensivas. Ela chegou a considerar brevemente trocar os sapatos e roupas com mais proteção, mas em seguida ela ouviu um estilhaço distinto e som de rosnado do outro quarto, ela virou-se para correr de volta para a sala de estar.

Rune estava lutando corpo a corpo, em uma briga violenta com um troll 4,87 metros de altura, e três fantasmas. Embora a



palavra "vampiro" era etimologicamente descendente de ghouls, o termo na Mesopotâmia para demônio, ghouls eram criaturas Noturnas. Eles empoavam facilmente na luz solar forte, e eram desumanamente fortes e rápidos, se eles tivessem alguém preso em seu poder, poderiam consumir a carne de sua vítima. O sólido troll de pele cinza não era tão rápido como os fantasmas, mas ela tinha uma força que poderia esmagar pedras. Se ele conseguisse apanhar Rune, ela poderia matá-lo com um único golpe em sua cabeça.

Rune tinha parcialmente deslocado para o monstro dourado. Moveu-se com tanta velocidade, que mal conseguia localizá-lo. Ele arrancou com as mãos as garras de dois ghouls que jorravam sangue dos cortes.

O troll caiu sobre suas mãos e joelhos, procurando ao redor com uma mão tremendo, pegou um dos tornozelos de Rune. Ele levantou o pé livre para bater com sua bota em seu rosto. O troll piscou e grunhiu, mas segurou.

Carling suspirou e disse às palavras com ar gelado, e a quietude se espalhou sobre o aglomerado de lutadores. O troll ainda olhava dolorido, e dois dos vampiros sangravam graves cortes de garras. O terceiro ghoull estava em processo de puxar sua arma. Carling andou apropriando-se da arma para si mesma, a energia de Rune voltou com o feitiço ele balançou a cabeça, xingando, tirou o tornozelo do aperto do troll.

—Esses seus feitiços estão começando a crescer em mim, — ele rosnou. Rune afastou-se grupo paralisado de lutadores Noturnos, ajustando as costas em linha reta ele caminhou até ela.

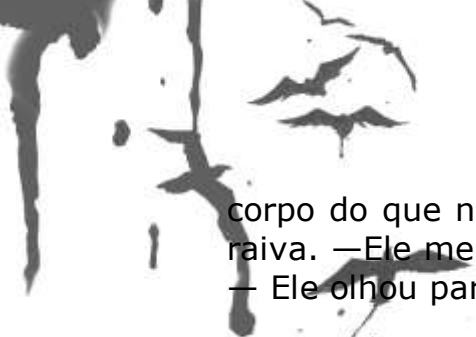
Carling inclinou a face para cima para um beijo rápido. —Não é sua culpa, — ela disse. —Eu estou supondo que eles estão apenas seguindo ordens.

Rune pode não parecer com o monstro pego no meio da mudança, mas seus olhos brilhavam com um plano perverso. — Ordens de Julian, — ele cuspiu. —Ele está tentando me tirar de cena e isolar-me. Ele conseguiu sua demissão, baby. Você não é mais uma Conselheira no Tribunal Elder, mas eu aviso que ele não veio para dar a notícia a você pessoalmente.



Raiva obstruiu sua garganta ela mal podia falar. Ela disse: — Ele não pode. Ele é meu descendente direto, e se eu chegar perto o suficiente, eu ainda posso ordenar sua obediência. Eu suponho que você descobriu tudo isso enquanto falava com Dragos?

—Sim, — ele disse. Ele colocou os braços em volta dela, e ela se inclinou contra ele. Ele era um inferno, jogando fora mais calor do



corpo do que nunca, e contra a sua mente, ele brilhava fundido com raiva. —Ele me mandou para casa, eu recusei e ele não aceitou bem. — Ele olhou para o quarto. —Seremela se foi?

—Sim. — Ela inclinou a cabeça contra seu ombro largo. — Rune, eu sinto muito por Dragos.

Um suspiro estremeceu através dele. Ele descansou a bochecha no topo de sua cabeça. —Eu sinto muito por Julian. Mas vamos esquecê-lo por enquanto. Pegue o que você precisa para levar com você. Temos que sair daqui.

Ela assentiu com a cabeça e caminhou para tomar as armas dos outros dois ghouls paralisados. O troll não carregava uma arma. Sua visão era muito fraca, e as mãos muito grandes para fazer uso eficazmente de um revólver. Quando Carling encontrou Rune novamente já tinha pego sua mochila e sua bolsa de couro. Ele também se apropriou de uma jaqueta de couro caramelo para ela, junto com botas de salto alto de couro combinando.

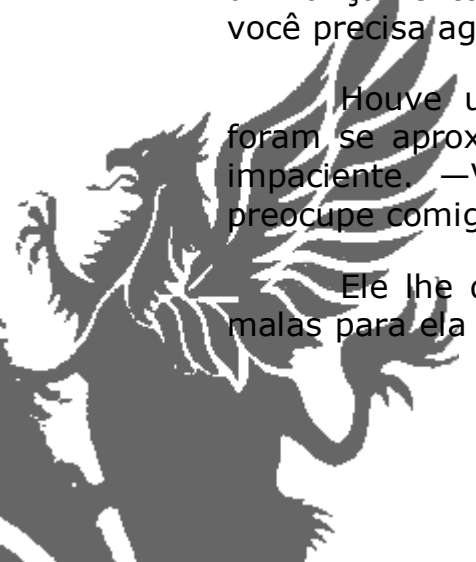
—Aqui. — Ele jogou as botas para ela. —Esses são mais sensatos do que as botas Christian Louboutin, mas infelizmente, não tão divertidas.

Ela pegou e inclinou-se para arrancar com um puxão. — Diversão pode acontecer mais tarde.

Um sorriso súbito cortou em seu rosto. —Mais tarde, e novamente, e repetidamente, eu espero, — ele disse. — Você prometeu. Eu poderia ter posto uma de suas túnicas em minha mochila também, no caso de você querer isso para mais tarde.

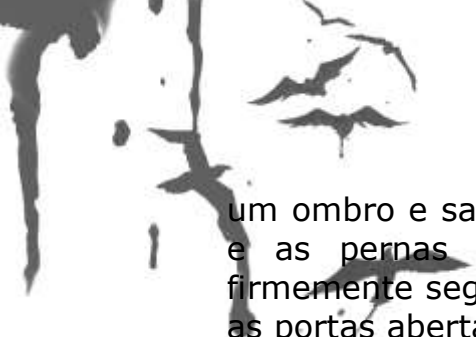
Ela endireitou-se e deu-lhe um sorriso torto. —Você sabe a camiseta que você jogou no lixo? — Ele ergueu as sobrelanceias e ela acenou para a bolsa de couro.

—Então parece que temos tudo o que precisamos, baby, — Rune disse. Ele lhe deu um beijo forte. —Esta próxima parte é complicada, mas é viável. Suba nas minhas costas e eu vou tomar um lançamento correndo pela varanda. Eu vou mudar no ar, então você precisa agarrar.



Houve um movimento furtivo no corredor. Várias criaturas foram se aproximando. Ela abriu os braços e gesticulou para Rune impaciente. —Você só obtém-nos no ar, — ela disse. —Não se preocupe comigo. Eu vou aguentar.

Ele lhe deu aquele sorriso branco e selvagem dele, jogou as malas para ela e virou as costas para ela. Ela pendurou as bolsas em



um ombro e saltou para ele, com os braços ao redor de seu pescoço e as pernas ao redor de sua cintura. Assim que ela estava firmemente segura nas costas, ele virou-se e correu pela sacada com as portas abertas.

Ela tinha visto o poder no início da corrida, sentiu o poder em seu lançamento, tanto mar e terra. Isso era algo totalmente diferente. Teve o rugido de um avião de Harrier quando disparou no curto convés de um porta-aviões. Cada um de seus passos largos e poderosos empurrou-os para fora da Terra, mais e mais rápido, até que ele tomou um trampolim e pulou da varanda de ferro forjado e saltou para o ar, com os braços estendidos.

Foi uma das coisas mais emocionantes que já tinha experimentado e, possivelmente, um do mais trágico, pois assim que ele brilhou na metamorfose, e ela sentiu o fluxo de seu corpo quando ele expandiu debaixo dela, uma enorme rede de nylon caiu sobre eles, lançada com precisão devastadora a partir do telhado do hotel. Eles caíram enrolados.

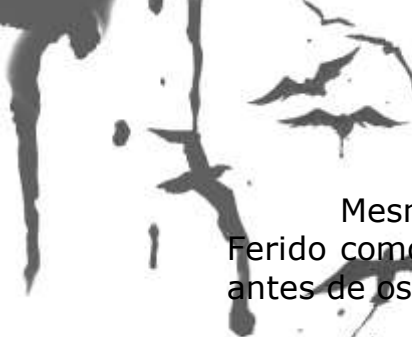
Mesmo enquanto despencaram vários andares, Rune foi incrivelmente rápido. Eles se viravam enquanto caíam e retorceu no ar, mantendo seu corpo entre o dela e o pavimento, mas a rede de restrição fez seu pouso terrivelmente estranho. Eles bateram no chão com tanta força que quebrou o concreto por debaixo deles. Ela podia ouvir os ossos enormes na perna dianteira direita de Rune e o encaixe do ombro. A respiração saiu difícil quanto ele desmaiou em uma expansão descontrolada, por outro lado ele permaneceu em silêncio. Ela foi quem gritou com raiva e angústia em seu sofrimento.

Suas garras saltaram fora, a rede de nylon rasgou como papel. Em poucos segundos ela tinha arrancado e saltou para seus pés, de pé protetoramente sobre Rune. Mas a rede tinha realizado o que tinha a intenção de fazer, derrubá-los. Com um gemido abafado, Rune mudou de volta para um homem e estava enrolado em seu lado em torno de seu braço quebrado.

Ela recuou em um círculo, olhando ao redor do espaço aberto. Eles haviam caído em uma calçada ao lado do hotel, no amplo jardim bem conservado. Não havia qualquer tráfego na rua próximo ao jardim, e não havia pedestres passando.



Havia no entanto, abundância de criaturas que pontilham a área ao seu redor. Julian tinha posto a armadilha bem. Mais quatro trolls, uns cinquenta fantasmas, talvez o dobro de vampiros, todos de pé em silêncio, seja observando para ver o que ela faria ou à espera de ordens.



Mesmo que concordasse em ir com eles, Rune nunca aceitaria. Ferido como estava, ele levantaria em seus pés e lutaria até a morte antes de os deixasse separa-los.

Com as mãos cerradas. Ela gritou: —Vocês têm sido meu povo, e vocês estão apenas seguindo ordens. Eu entendo isso. A partir deste momento, todos podem ir embora. Nenhum dano, nenhuma falta, nenhum dano feito. Mas se vocês forem embora, precisam fazê-lo agora.

Ela estava satisfeita ao notar que muitos fugiram na noite. No chão a seus pés, Rune sentou e tirou uma arma. Ele estava curvado, segurando seu braço contra seu abdômen. Ele perguntou com a voz rouca, —Você pode paralisar o resto?

—Há muitos, espalhados em uma extensa área. — Ela começou a sussurrar o antigo feitiço que chamou todas as suas almas juntas, reunindo todo o seu poder em uma arma comprimida. Eu chamo seus eu futuros para mim. Eu chamo todos os meus desejos, todos os meus medos para mim. Eu chamo todos os meus eu do passado para mim. Eu chamo o meu eu divino para mim...

Então, Julian chamou pelo espaço aberto, em seu rugido áspero e familiar no campo de batalha, —Tudo que você tem que fazer para parar isso é manter a sua promessa e voltar para a ilha. Você pode passar os seus dias restantes em paz.

Ela olhou para baixo e encontrou o olhar ardente de Rune. — Eu não posso fazer isso, Julian.

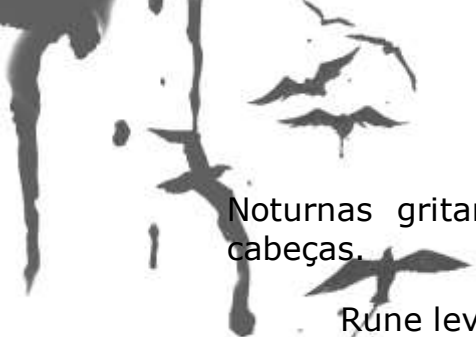
—Você realmente prefere ir para a guerra? Como você pode matar o seu próprio povo?

—Eu lhes dei a chance, — Ela disse. — E o meu botão de merda está quebrado, baby. — Ela não reconheceu a própria voz.

Rune subiu sobre um joelho. As criaturas se aproximavam para a audiência, ela olhou para baixo, e ele acenou para ela. Ele deu um pequeno sorriso privado. Tinha sido tão bonito por um breve tempo. Ela colocou a mão no ombro bom de Rune e começou a sussurrar o feitiço que iria chover fogo. Ela derramou todo o seu poder para o encantamento.

Em seguida, o ciclone retornou.

Ele explodiu para a área aberta com tanta força que a terra tremeu. Sacudiu edifícios em um raio de meia milha. Mais tarde, os canais de notícias afirmariam que a onda de choque do terremoto foram sentidos 300 milhas de distância. Muitas das criaturas



Noturnas gritaram de medo e caíram no chão para cobrir suas cabeças.

Rune levantou-se e colocou o braço bom ao redor de Carling, a figura do príncipe Gênio na frente deles. Os olhos de diamante de Khalil e sua elegante desumana feição mostrou um esquisito sorriso feroz.

—Agora, você será a única a me deve um favor, — o Gênio disse para a feiticeira Vampira.

Ela lançou toda a sua energia reprimida com um suspiro. — Sim, — ela disse.

—Onde?

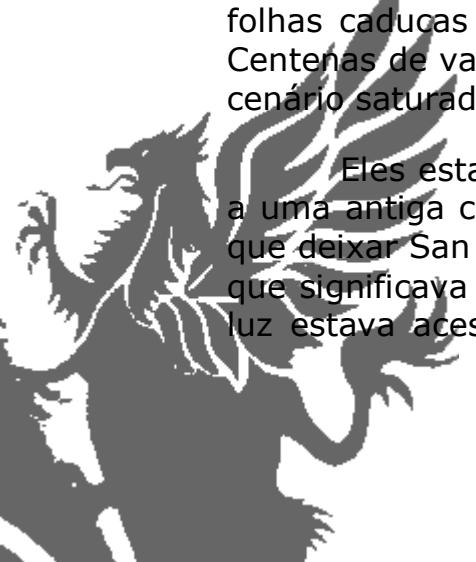
—A Oráculo em Louisville, — ela disse rapidamente.

Do outro lado da praça, Julian rugiu ordens. Suas tropas Noturnas começaram a disparar. Mas nenhuma de suas balas atingiu os seus objetivos. O ciclone envolveu Rune e Carling, os levando embora.

A viagem foi tão estranha e caótica como nada que Carling tivesse experimentado. Ela virou-se e colocou os braços ao redor de Rune para segurá-lo apertado enquanto um vento uivante rodeava-os. No centro do ciclone, Khalil segurou-os contra o peito magro e duro. Então o mundo se materializou ao redor deles, novamente, na forma de uma quente e úmida noite no Meio-Oeste.

Assim que os pés de Rune e Carling tocaram o chão, Khalil soltou-os. Carling demorou para relaxar o aperto na cintura de Rune, e ela notou que seu braço bom era tão relutante em soltar-lá quanto o dela. O Gênio não tinha desaparecido como havia feito nas vezes anteriores que ele tinha vindo. Em vez disso, ele estava ao lado deles e observou a cena com curiosidade tanto como eles fizeram.

Eles não estavam realmente na cidade de Louisville, mas em vez disso alguma distância para fora, porque a noite estava escura e silenciosa, preenchida com a vegetação sombreada de árvores de folhas caducas e grama, e encheu com o som de grilos e cigarras. Centenas de vaga-lumes cobriram a área, piscando luzes amarelas. O cenário saturado com um poder muito antigo.



Eles estavam em um longo caminho de cascalho que conduzia a uma antiga casa de fazenda, ampla, de dois andares. Eles tiveram que deixar San Francisco em algum momento depois da meia-noite, o que significava que era depois das 3:00 h da manhã em Kentucky. A luz estava acesa dentro da casa. Todos podiam ouvir claramente o



som de um bebê agitado. Havia o cheiro de um rio próximo. Carling sentiu o frio e a força poderosa da água.

—Esse é o rio Ohio? — ela perguntou a Khalil.

—Sim, — ele disse. O Gênio estava com as mãos nos quadris. Sua cabeça estava inclinada, enquanto ele considerava a casa.

Mesmo na noite escura, era iluminada apenas pelas estrelas e repleta de luzes elétricas à distância, o olhar de Carling era sensível o suficiente, ela podia ver as linhas de dor no rosto de Rune, enquanto ele embalava seu braço. — Precisamos chegar lá dentro, — ela disse. Ela subiu os degraus da frente da casa para a varanda larga e coberta, seguida por Rune e Khalil. A luz da varanda sensível ao movimento acendeu conforme se aproximavam da casa. Carling bateu na porta.

Ligeiros passos rápidos se aproximaram, e de repente a porta escancarou. Uma jovem humana magra estava na porta com um bebê no colo. A mulher tinha 23 ou 24 anos de idade, com aparência que poderia ser classificada como mais interessante do que bonita, e ela tinha o cabelo loiro esvoaçante. Ela estava desgrehada e olhos encovados, e vestida com calças de flanela xadrez surradas e uma camiseta cinza grande.

O bebê era um menino, talvez nove meses de idade. Ele parecia tão despenteado e de olhos encovados, como a mulher, com o rosto redondo pequeno manchado de tanto chorar. Por um momento, ele os considerava com curiosidade tanto como eles o viam. Então ele esfregou uma de suas orelhas, virou-se para estatelar seu rosto no pescoço da mulher, e emitiu um gemido enraivecido e miserável.

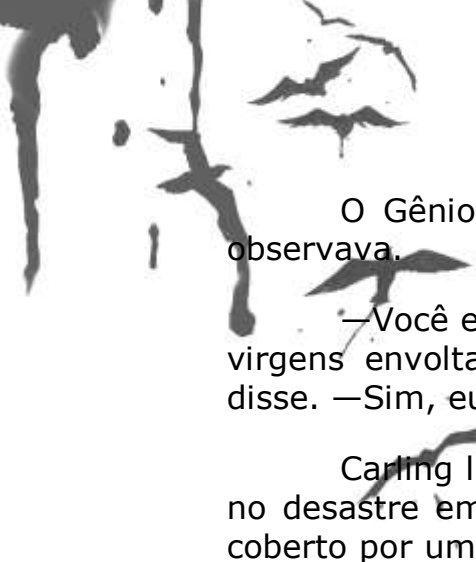
A mulher olhou para eles com olhos hostis. —O que diabos vocês estão fazendo, batendo na porta de alguém às três e meia da manhã?

Carling disse, —Nós estamos procurando pelo Oráculo.

—Isso não poderia esperar até as sete? — A mulher agarrou. Ela voltou a acariciar o menino e mostrou o tipo de cansaço de alguém que estava fazendo a mesma coisa há algum tempo. —O inferno, ou até seis? Qual é o problema com vocês, afinal? Vocês não podem ver que eu tenho um bebê doente em minhas mãos? Vão embora e não voltem antes de uma hora decente.

Khalil disse: —Você é a Oráculo?





O Gênio parecia tão surpreso quanto Carling sentia, e Rune observava.

—Você estava esperando um santuário de ouro e um bando de virgens envolta em lençóis brancos plissados? — A jovem mulher disse. —Sim, eu sou o Oráculo.

Carling levantou as sobrancelhas e olhou para além da mulher no desastre em sua sala da estar. O piso de madeira arranhado foi coberto por um tapete velho e gasto que estava cheio de brinquedos. Livros e copos de café foram empilhados no mobiliário igualmente gasto. Uma poltrona segurava uma cesta de vime com pilhas altas da lavanderia. A casa tinha cheiro de vômito azedo do bebê.

A jovem olhou ao redor também.

—Eu sei, — ela disse com um sorriso amargo. — Grita. Que. Porra. Você. Quer. Certo?





CAPÍTULO IV

Carling disse: —Você tem que nos dar refúgio se pedirmos por isso. Deixe-nos entrar.

Os olhos castanhos cansados da mulher se estreitaram. —Você irá enfiar o cartão de visitas no meu traseiro agora? Sério?

Rune disse: —Nós podemos ir e voltar em algumas horas.

Carling olhou para ele. O rosto dele estava branco, os lábios sem sangue. Os olhos pareciam feridos. Ela sacudiu a cabeça teimosamente.

—Você sabe quem eu sou? — Ela perguntou a Oráculo.

O rosto da humana contraiu-se. —Reconheço você, — disse ela. —Pelo menos sei quem são você e o Sentinela. Não sei quem ele é. — Ela apontou com o queixo em direção a Khalil.

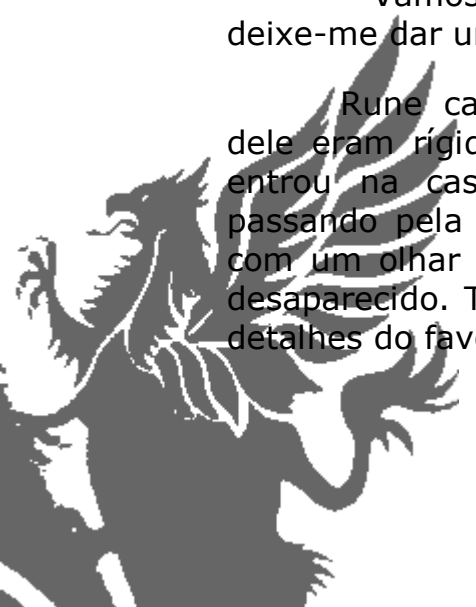
—Rune está ferido, — ela disse para a Oráculo. — Preciso cuidar dele. Assim enquanto faço isso, posso ajudar o teu menino. Se você sabe quem eu sou, então você sabe que posso fazer isso.

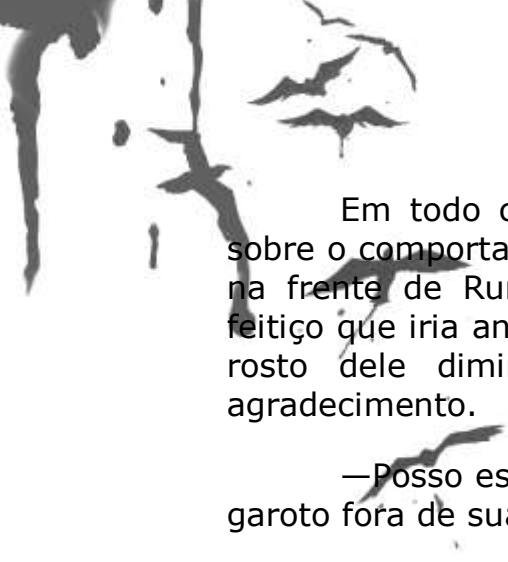
A Oráculo deu um segundo olhar mais atento para Rune, a expressão dela mudou para uma de compaixão relutante. Ela abriu a porta e recuou.

Carling não esperou mais. Ela entrou na casa, foi direto até a poltrona para mover o cesto de roupas para o chão.

—Vamos lá, — ela disse suavemente para Rune. — Sente-se e deixe-me dar uma olhada em você.

Rune caminhou até a cadeira e sentou-se. Os movimentos dele eram rígidos, sem qualquer graça habitual. Atrás deles, Khalil entrou na casa. Carling não conseguia entender o que estava passando pela mente do Gênio quando ele olhou ao redor da sala, com um olhar especulativo, nem sabia por que ele ainda não tinha desaparecido. Talvez estivesse esperando pela chance de finalizar os detalhes do favor que agora lhe devia.





Em todo caso, ela não tinha energia para gastar meditando sobre o comportamento estranho de Khalil. Em vez disso, se ajoelhou na frente de Rune e tocou o rosto dele enquanto sussurrava um feitiço que iria anestesiá-lo. Imediatamente as linhas tensas no rosto dele desapareceram. Ele deu-lhe um aceno de cabeça em agradecimento.

—Posso esperar agora, — ele disse a ela. —Vá colocar o pobre garoto fora de sua miséria.

—Tudo bem. — Ela se levantou novamente e virou-se para a Oráculo e o bebê chorando. —Qual é o nome dele?

A pergunta amena de Carling abriu uma comporta em resposta. Oráculo disse ansiosamente: —O nome dele é Max. Acho que ele tem uma infecção no ouvido. Ele estava agitado no início da noite e não quis sua ceia. Então acordou chorando um par de horas atrás. Ele tem febre, vomitou e continua puxando a orelha direita, como de doer. Eu só estava tentando decidir se deveria levá-lo a uma unidade de atendimento de urgência, mas a irmã dele, Chloe está dormindo e somos somente nós três aqui. Eu teria que ligar para alguém por ajuda, ou acordar Chloe e levá-la no carro também...

Carling balançou a cabeça, um pouco desorientada. Em pouco menos de dez minutos, eles tinham ido de enfrentar a morte quase certa na batalha, para isso. Ela colocou a mão na parte de trás da cabeça de Max e anestesiou a dor dele também. O choro do bebê morreu. Ele soluçou e estremeceu, levantando a cabeça do ombro do Oráculo para olhar ao redor em confusão turva.

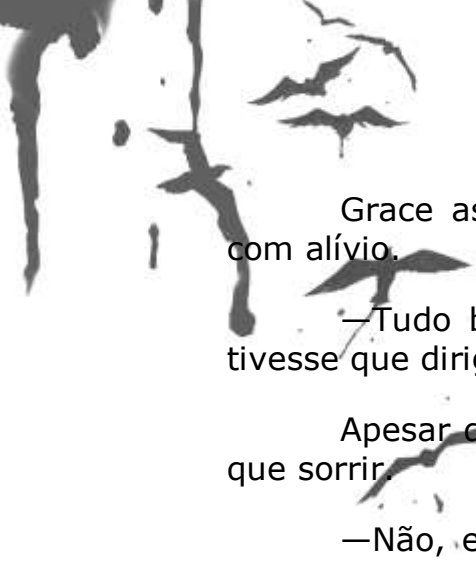
—Ok, pequeno homem, — Carling murmurou. — Vai ficar melhor agora. — Ela perguntou a Oráculo. —Qual é o seu nome?

—Grace, — a Oráculo disse. —Grace Andreas.

—A família Andreas passou por momentos difíceis nos últimos trinta anos, — Carling disse. Uma série de problemas de saúde e má sorte havia dizimado o que havia sido um clã grande e próspero. — Fiquei triste ao saber que Petra e seu marido morreram em um acidente de carro. Que relação ela tinha com você, ela era sua tia?

—Ela era minha irmã mais velha, — Grace disse, com os olhos cor-de-avelã avermelhados. —Chloe e Max são meus sobrinhos. Nós somos os únicos.

Carling assentiu. Ela tinha escaneado Max enquanto falava com Grace. Ela disse: —Você está certa, ele tem uma infecção no ouvido. É facilmente curada com um simples feitiço de cura, mas ele vai estar muito cansado ao longo dos próximos dias.



Grace assentiu, o esgotamento em sua expressão iluminado com alívio.

—Tudo bem, desde que cure a infecção. Não é como se ele tivesse que dirigir, ir para o trabalho ou qualquer outra coisa.

Apesar da gravidade de seus próprios problemas, Carling teve que sorrir.

—Não, ele não irá, irá? Com sua permissão, vou lançar essa magia nele agora.

—Por favor.

Carling fez e quando Grace se afastou com o bebê sonolento, ela voltou a atenção dela para Rune. Ele estava descansando tranquilamente na poltrona, olhando-a. Ela se ajoelhou na frente dele de novo, contente de ver que um pouco de cor havia retornado para a pele dele.

Ele deu um pequeno sorriso, baixou suas pálpebras, e disse telepaticamente: *não consigo decidir qual visão de você é mais quente, aquela em que você estava se preparando para derrubar algum tipo de feitiço Armageddon no traseiro de Julian, ou a de você simplesmente curando aquele garotinho.*

Ela lhe deu a sombra de um sorriso, que desapareceu quase imediatamente. Eles tinham quase morrido. Ele quase morreu. Ela fechou os olhos e apertou a mão dele, os dedos longos e fortes se fecharam com força, em torno da mão dela.

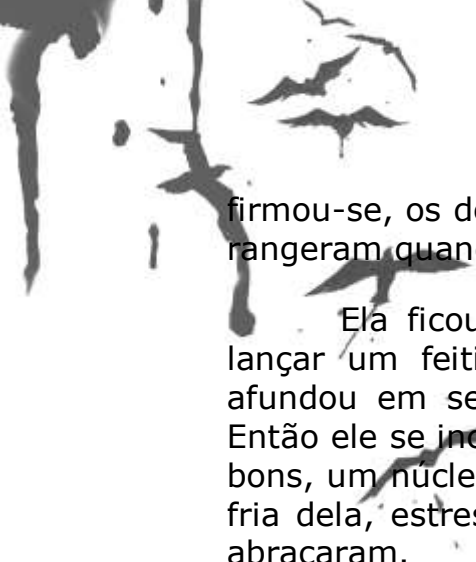
O tempo os estava empurrando mais e mais rápido para um lugar estranho e desconhecido. As cores podem ser mais nítidas e mais verdadeiras, as notas da canção mais penetrantes, mas maldição, esse outono tinha sido horrível.

—Sem arrependimentos? — ela sussurrou.

—Nem um único, — ele disse de volta, em silêncio constante. —Sinto falta dos meus amigos, mas isso não significa que tenho algum arrependimento. Agora cure meu braço e ombro, para que possamos continuar com o que precisamos fazer.



Ela começou a fazer exatamente isso, mas a cura dos ferimentos dele não foi tão rápida ou fácil de reparar, como lançar um feitiço de cura em um bebê doente. Ela teve que ajustar primeiro as rupturas, quando já havia entorpecido a dor de Rune, deixando os ossos alinhados, ainda era intensamente desconfortável para ele. Ele



firmou-se, os dentes cerrados. As bordas quebradas do osso no braço rangeram quando se reuniram. A sensação a fez sentir-se mal.

Ela ficou atormentada até o momento em que foi capaz de lançar um feitiço de cura nele. Ele suspirou quando o feitiço se afundou em seu corpo. Parecia tão cansado quanto ela se sentia. Então ele se inclinou para frente para envolvê-la em ambos os braços bons, um núcleo quente de retidão encontrou o seu caminho na alma fria dela, estressada. Ela colocou a cabeça no ombro dele e eles se abraçaram.

—O que quero saber é, que tipo de problema vocês trouxeram para minha porta, — Grace perguntou, que havia retornado após colocar Max para dormir, no berço dele. Carling levantou a cabeça para olhar para a outra mulher. Grace estava dentro da sala de estar. A humana estava olhando para todas as armas de Rune. O benefício da isenção pela cura de Max havia desaparecido, e medo havia tomado o lugar. —E em quanto perigo vocês acabaram de colocar minha sobrinha e sobrinho?

Nisso Khalil agitou-se. O Gênio havia se mudado para um canto da sala para assistir a tudo o que acontecia com os braços cruzados. O cabelo dele negro comprido estava puxado severamente para trás na cabeça, usava uma túnica de gola alta preta e calças. Ele disse a Grace: —Não posso falar o que os outros dois podem ter trazido aqui. Mas vou me assegurar pessoalmente, que os pequenos não estejam em perigo. Você tem a minha palavra.

Carling estreitou os olhos em Khalil. Foi por isso que ele tinha ficado, em vez de partir tão logo ele tinha deixado ela e Rune na porta do Oráculo. Ele tinha ouvido o choro do bebê. *Oh, Khalil!*

Grace deu um olhar desconfiado para Khalil.

—Isso supostamente deve significar alguma coisa para mim, como se a sua palavra de alguma forma deveria ser tranquilizadora? Porque não é. Posso ser nova para este show de Oráculo e posso ter muito a aprender, mas pelo menos descobri que você é um Gênio, que por si só não é, no mínimo, tranquilizador. E ainda não sei o que diabos você é.

Carling disse a ela: — Khalil é um dos mais antigos e mais fortes Demonkind, e se ele promete manter suas crianças seguras, ele vai mantê-las seguras.

—Você está me dizendo que minhas crianças têm agora um guarda-costas demônio? — Grace murmurou. — Que minhas crianças podem precisar de um guarda-costas demônio? Isso é apenas uma



grande aberração. Essa é a melhor notícia que ouvi durante toda a semana. Durante todo o mês.

Khalil levantou uma sobrancelha. Fora isso, ele parecia supremamente indiferente à opinião da humana.

Rune disse: —Ninguém vai intencionalmente trazer qualquer prejuízo para suas crianças. Não importa o que nossos conflitos sejam, as crianças são preciosas para nós. Nós não as colocaríamos em perigo.

—Tenho um problema com a parte “intencional” de sua declaração, — Grace disse. —Então me desculpe se ainda não estou tranquila. Por que você está aqui?

—Nós precisamos consultar o Oráculo, é claro, — Carling disse.



Depois disso, não houve como parar Grace. Ela pegou um notebook, consultou uma lista de números de telefone de plantão, da comunidade local de bruxas. Carling sabia que as bruxas forneciam ajuda para o Oráculo, sempre que fossem chamadas para atuar no escritório dela. Era parte do dízimo das bruxas ao serviço da comunidade, mas, aparentemente, a ajuda não foi entusiasticamente dada.

—Eu sei que não é nem cinco da manhã, Janice, — Grace disse. —Mas isto é uma emergência, você é a próxima da lista e você sabe que preciso de alguém para ficar com as crianças, sempre que tenho que fazer isso.

A bruxa infeliz na outra extremidade da linha prometeu vir, e Grace desligou. Ela lhes disse: —Nós podemos fazer isso assim que Janice chegar aqui, em cerca de quinze a vinte minutos.

Rune disse: —Nós poderíamos esperar até de manhã.

Grace balançou a cabeça.



—As leis do santuário, que supostamente são para proteger este lugar, apenas funcionam sobre as criaturas que são cumpridoras da lei. Quantas armas você tem amarradas ao seu corpo? Após as duas armas e a espada em suas costas, eu perdi a conta. Quanto mais cedo fizermos isso, quanto mais cedo você sair e levar o seu



problema com você, isso significa que mais seguros vamos ficar. Janice está infeliz que a tenha tirado da cama. Ela vai superar isso.

Khalil fez uma careta.

—Eu poderia sentar-se sobre as crianças.

—Sentar-se com as crianças, — Carling murmurou, enquanto ela lutava contra a súbita vontade de rir. —Com e não sobre. — Ela colocou as duas bolsas dela aos pés de Rune e moveu os brinquedos e um livro de cálculo da faculdade para sentar-se na extremidade do sofá, mais próximo da poltrona que ele ocupava.

Os outros a ignoraram. Grace disse ao Gênio: —Você tem uma lista de referências para todas as vezes que você tem sido babá de crianças humanas muito pequenas e frágeis? — Ela esperou uma batida de coração. Khalil tinha uma carranca escura, mas ele permaneceu em silêncio. Ela continuou: —Não, eu não esperava isso. Eles não começaram como meus filhos, mas são meus, agora, e você não está cuidando deles. — Ela parou de novo como se reconsiderasse o que ela disse, e acrescentou: — Jamais.

Enquanto Khalil cuspi um comentário irritado e retrucava Grace, Rune e Carling olharam um para o outro.

—Ela está certa, — disse Rune. —Quanto mais cedo sairmos, melhor.

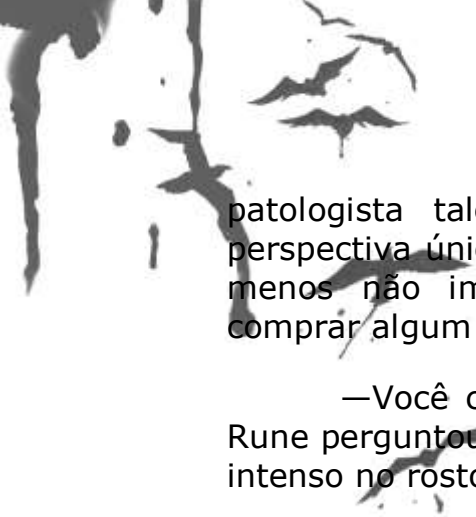
—Eu sei, — ela disse calmamente. Julian iria prosseguir com a disputa sobre as fronteiras do domínio? Ela teria recusado antes do confronto no lado de fora de Fairmont. Agora, ela não tinha mais certeza de nada. —Não serei eu quem discutirá com ela.

Rune trabalhou com uma das mãos para soltar o fecho de uma das braçadeiras. A energia dele ainda estava despertando do que tinha acontecido antes. Ele parecia calmo, mas parecia pronto para a batalha, ainda queimando em uma raiva afiada, de ambos, Julian e Dragos. Uma sensação saltou ao longo das terminações nervosas de Carling, como um fio sem aterramento elétrico.

Ele disse calmamente: —Não tive a chance ainda de perguntar como o exame com Seremela foi.

Ela lhe estendeu abertas ambas às mãos vazias, ele ofereceu um antebraço para ela.

—O exame em si não foi nenhuma surpresa, — ela disse enquanto trabalhava para desfazer as fixações da braçadeira. —A conversa provou ser útil. Ela é realmente brilhante. Acho que é uma



patologista talentosa, você estava certo sobre ela trazer uma perspectiva única para a coisa toda. Podemos não achar a cura, pelo menos não imediatamente. Nossa primeira prioridade deve ser comprar algum tempo.

—Você considera vir com alguma maneira que possamos? — Rune perguntou. A cabeça dele estava inclinada perto da dela, o olhar intenso no rosto dela.

Carling murmurou para ele: —Preciso tentar entrar em alguma forma de remissão. Seremela também tomou sangue para fazer alguns testes.

Uma batida destacada e nítida soou na porta. Grace levantou as mãos em um gesto "*Terminamos aqui*" para Khalil e se afastou dele. Com o canto do olho Carling viu Rune colocar a mão em uma de suas armas, quando Grace abriu a porta para revelar uma bruxa, infeliz e desgrenhada. A mulher era de meia-idade e confortavelmente arredondada, usava calça jeans, tênis, um moletom com capuz da University of Kentucky e uma expressão azeda. Grace retrocedeu e a deixou entrar. A mulher deu um solavanco e parou, a expressão azeda dela desvaneceu-se e ela arregalou os olhos quando viu Rune, Carling e o Gênio.

—Você chegou aqui em tempo recorde, — Grace disse para a mulher. Ela sentou-se na extremidade oposta do sofá de Carling para colocar em seus pés em um par de tênis surrado. —As crianças estão na cama, onde as pessoas mais sãs estão agora, você sabe como isso funciona, Janice... Vai demorar o tempo que for preciso.

O olhar fascinado de Janice saltou ao redor da sala. Em seguida, ela concentrou toda a atenção dela em Grace.

—Vou fazer um pote de café.

Khalil cruzou os braços e informou a Janice: —E nós dois vamos sentar-nos sobre as crianças para garantir que elas permaneçam seguras.

As sobrancelhas da bruxa humana mais velha subiram. Ela olhou para Grace, que disse: —Não preste atenção a qualquer coisa que este Gênio possa dizer para você enquanto estamos fora. Eu nunca o conheci antes de hoje à noite, e ele não tem autoridade para ditar qualquer coisa aqui. Não acho que ele compreende isso, assim, aparentemente, ele não é muito brilhante.

—E ela é uma criança, insolente e desrespeitosa, — Khalil disse entre os dentes. —Que não compreende o valor do foi oferecido a ela.



Janice disse a Grace com um sorriso brilhante, fixo: — Entretanto, você vai correr de volta o mais rápido que puder, certo?

—Certo, — Grace disse. A amargura estava de volta em sua voz. Ela se virou para Carling e Rune. —Vocês estão prontos?

Rune e Carling trocaram um olhar, então se levantaram.

—É claro, — disse Carling. —O que vamos fazer agora?

—Vocês vêm comigo. — Grace virou-se e saiu, deixando a porta aberta para eles a seguirem.

Rune pegou as bolsas dele e gesticulou para Carling precedê-lo. Eles encontraram Grace, que os estava esperando no jardim da frente. Ela liderou o caminho ao redor da casa, ao longo em uma trilha bem gasta, que atravessava a grama alta e uma linha confusa de árvores e vegetação rasteira. Depois de uns 20 metros, mais ou menos, o andar da humana ficou irregular, até que ela andava mancando, decidiu.

—Quanta terra você tem? — Rune perguntou.

—Cerca de cinco hectares, — Grace disse quando ela deu um tapa em um mosquito. —O rio Ohio corre ao longo da fronteira ocidental da propriedade, esteve na família desde que viemos da Europa em 1856. Não poderíamos nos dar ao luxo de comprar qualquer coisa como isso agora. Nem tenho certeza de que vou ser capaz de pagar os impostos sobre a propriedade quando eles vencerem.

—Há uma energia muito velha aqui, — Carling disse. —Isso veio com vocês para os Estados Unidos?

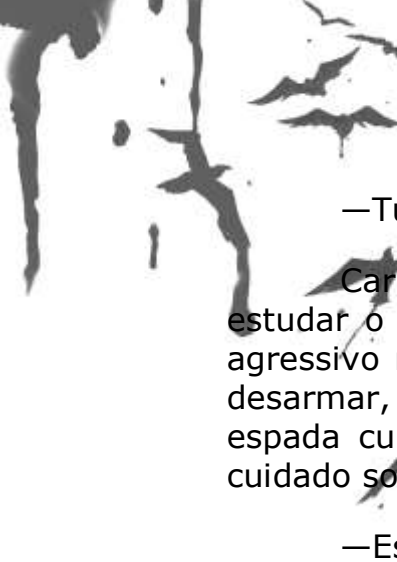
Grace enviou-lhe um olhar sombrio.

—Sim, — a humana disse. Ela não deu mais detalhes.



Ela levou-os através de um prado e um portal antigo que havia sido construído ao lado de um declive rochoso. A sensação de um poder antigo ficou mais forte quando ela pegou um pequeno pote de café enferrujado, do topo da viga de madeira e retirou uma chave que ela encaixou na porta de madeira para abri-la. Rune estudou a estrutura. Parecia a abertura de uma mina. Deve ter sido construída quando a família Andreas se estabeleceu originalmente na propriedade, mais de cento e cinquenta anos atrás.

Grace disse por cima do ombro: —As suas armas não são bem-vindas. Você precisa deixá-las aqui na porta.



—Tudo bem, — disse Rune lentamente.

Carling havia se contentado em permanecer em silêncio e estudar o terreno durante a caminhada. Ela poderia dizer pelo pico agressivo nas emoções de Rune que ele não gostava da ideia de se desarmar, mas ele colocou as duas bolsas na porta, então ele tirou a espada curta e coldres de ombro com as armas e as colocou com cuidado sobre as bolsas.

—Estamos entrando em uma caverna? — Carling perguntou curiosamente.

—Sim, — Grace disse. —Há sistemas de cavernas em toda a área, desde Bluespring Caverns, Marengo Cave, e Squire Boone Caverns no sul de Indiana até o sistema Mammoth Cave, no centro de Kentucky. Trata-se de um sistema muito pequeno em comparação.

A humana entrou pela porta e apalpou ao longo da parede interior. Ela virou um interruptor e uma lâmpada se ascendeu sobre a cabeça dela. Isso revelou uma área grande o suficiente para todos eles entrar confortavelmente, com dois armários de armazenamento resistentes *Rubbermaid*²⁹, e um túnel grosseiramente esculpido que inclinava para baixo.

Grace abriu um dos armários. Ela tirou duas lanternas. Entregou uma a Carling e manteve a outra.

—Não sei se você vai precisar disso ou não, — ela disse. —Sua visão é muito mais fotosensível que a de um ser humano. Fica muito negro lá, embora.

—É melhor levá-la, apenas no caso. — Carling disse.

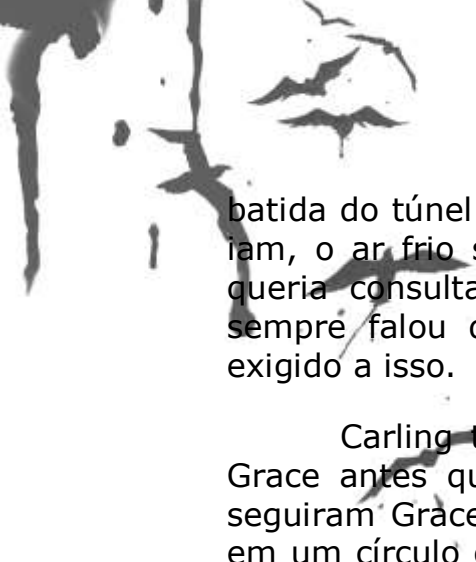
Grace pegou no armário outra coisa que estava enrolada em um pano de proteção.

—Puxe a porta atrás de você. — ela disse para Rune. Em seguida, ligou a lanterna e liderou o caminho pelo túnel.

—Tanto para falar sobre uma xícara de café, — Rune murmurou. Ele fechou a porta, e eles voltaram a seguir a Oráculo.

—Falar sobre uma xícara de café não é o que você pediu, — Grace disse sobre o ombro. A luz da lanterna dela ricocheteou nas paredes rochosas grosseiramente esculpidas e no chão de terra

²⁹ **Rubbermaid** é uma fabricante e distribuidora americana de muitos itens domésticos. É uma subsidiária da Newell Rubbermaid. Ela é mais conhecida pela produção de recipientes de armazenamento de alimentos e latas de lixo. Além disso, produzem galpões, imagens, banquinhos armários e estantes, cestas de lavanderia, e outros itens domésticos.



batida do túnel. A temperatura caía drasticamente à medida que eles iam, o ar frio sentia-se levemente úmido e cheirava ao rio. —Você queria consultar o Oráculo. Bem, é assim que se faz. O Oráculo sempre falou das profundezas da terra. Por intermédio de nós é exigido a isso.

Carling teve a sensação de abertura de espaço na frente de Grace antes que visse as paredes do túnel aumentar. Ela e Rune seguiram Grace quando entrou em uma grande caverna. Rune virou em um círculo com a lanterna e, em seguida, ele apontou a luz para cima. A luz não tocava nas paredes das cavernas, e só resvalava para fora da parte mais próxima do teto.

—É extremamente seco por ser tão perto do rio, — ele disse. A voz dele ecoou estranhamente.

—Isso tem a mesma estrutura básica do sistema Mammoth Cave. Há uma camada de capa rochosa de arenito mais forte e sólida sobre o calcário. Na extremidade da caverna há um túnel natural que leva um pouco mais abaixo. A camada de arenito está danificada por lá, por isso há a formação de algumas estalactite e estalagmite, e um vazamento do rio antes da extremidade do sistema de cavernas. Tem havido algumas pedras caindo também, de modo que a área não é segura. É por isso que trancamos a porta, para impedir a exploração de crianças.

Grace colocou a sua lanterna para baixo e desdobrou o pano do item que tinha trazido com ela. Ela deixou cair o pano no chão e quando se virou para eles, e segurava o item para que eles vissem.

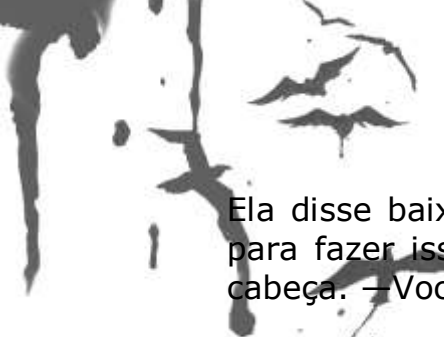
Era uma máscara grega. Ouro antigo brilhava no feixe de luz da lanterna. O rosto era andrógino, belo e branco, com buracos para os olhos e a boca.

Carling murmurou: —Oh meu. Isso é impressionante.

—O Oráculo tem usado essa máscara por milhares de anos, — disse Grace. —Como você pode imaginar, tem havido muitas razões para isso e elas têm oscilado ao longo do tempo. Às vezes, tem sido usada com uma grande dose de cerimônia. Minha avó me ensinou e a minha irmã que agora nós a usamos por duas razões. A primeira é a tradição e honra ao nosso passado. A segunda razão é para lembrar o suplicante, que quando você consultar o Oráculo você não vai mais estar falando comigo, Grace Andreas.

—Você se lembra do que é dito? — Carling perguntou.

—Eu ouvi dizer que às vezes podemos, mas às vezes nós apenas passamos em branco. — A cabeça de Grace estava inclinada.



Ela disse baixinho: —Mas não sou nenhuma expert. Só fui chamada para fazer isso uma vez desde que Petra morreu. — Ela levantou a cabeça. —Você está pronto?

—Sim, — disse Rune.

Grace levantou a máscara para colocá-la em seu rosto.

Algo grande agitou o ar da caverna. O antigo Poder que assombrava esta terra começou a se aglutinar. Um som seco raspava na borda da audição deles, como o som de escamas deslizando ao longo das paredes da caverna. O som os rodeava com o Poder enrolado.

Já inquieto, arrepios levantaram em Rune. Ele encontrou-se rosnando baixo em seu peito. Carling moveu-se para perto até que o ombro dela roçou o braço dele. No feixe inclinado da lanterna, o rosto dela estava composto, mas os olhos estavam arregalados e cautelosos. Rune virou para que ele se afastasse para trás com Carling, voltado para fora.

Uma voz falou de trás da máscara de ouro, mas não era a voz de Grace. Era algo mais, algo mais velho e muito mais selvagem do que a voz de um ser humano.

—Aí está você, Grifo, — disse o antigo poder selvagem. —Eu ansiei por essa conversa que tivemos.

Ansiei por uma conversa no passado. Rune balançou a cabeça bruscamente. Sim, havia aquela dose de LSD ruim novamente, tropeçando no traseiro dele como um flashback.

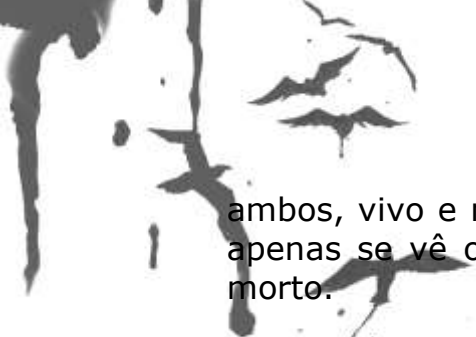
—Como você está indo? — Ele disse ao Python. — Sua velha louca, morta, doida. Faz tempo que não te vejo.

O Poder riu, um som que roçou a pele dele.

—Você já viu o Gato de *Schrödinger*³⁰, no entanto, Grifo?

Rune sabia sobre o Gato de *Schrödinger*. Era uma hipótese física famosa que descrevia o paradoxo da mecânica quântica. Coloque um gato em uma caixa com algum veneno, juntamente com alguns apetrechos científicos torcidos. Rune perdeu a paciência com o exercício mental muito antes de se preocupar em aprender toda a física envolvida. O que ele se recordava era que o gato deveria estar

³⁰ O Gato de *Schrödinger* é um experimento mental, frequentemente descrito como um paradoxo, desenvolvido pelo físico austríaco Erwin Schrödinger em 1935. Isso ilustra o que ele observou como o problema da interpretação de Copenhague da mecânica quântica sendo aplicado a objetos do dia-a-dia, no exemplo de um gato que pode estar vivo ou morto, dependendo de um evento aleatório precedente. No curso desse experimento, ele criou o termo *Verschränkung* (entrelaçamento).



ambos, vivo e morto na caixa, mas, quando se olha dentro da caixa, apenas se vê o gato *ou* vivo *ou* morto, não uma mistura de vivo e morto.

Parte daquilo que a hipótese deveria ilustrar era que, na física quântica, o observador molda a realidade do que ele observa. O que ela quis dizer, fazendo-lhe essa pergunta?

Atrás dele, Carling assobiou e bateu nas costas dele. Ela disse em sua cabeça: *Como ela poderia saber disso, se referir ao Gato de Schrödinger? Essa hipótese não foi inventada até a década de 1930, se ela morreu - se ela realmente morreu - milhares de anos atrás.*

Ele disse: *eu vivi uma vida inteira cheia de esquisitices. Mas isso é estranho até para mim.* Ele disse em voz alta: —Não estou bêbado o suficiente para este tipo de conversa, Python.

Algo passou pelo rosto dele. Ele se empurrou para trás, olhando para as linhas pálidas indistintas de um rosto. O rosto transparente tinha uma semelhança a uma fêmea humana, mas somente no mesmo tipo de forma que um chimpanzé ou gorila podia. As suas características eram muito afiadas e alongadas, parecendo mais com um focinho do que um nariz, e fluiu de volta para uma naja encapuzada, com lampejo de um pescoço, antes de reduzir para o corpo de uma serpente tão grossa quanto à cintura de um homem.

Ele preparou-se e passou a mão através da aparição.

—Você é um fantasma. Você não está realmente aqui.

O sorriso da mulher revelou uma curva perversa de presas.

—Não estou aqui, — ela disse, —Como uma sobreposta ilha vagamente vista sobre o oceano. Não estou aqui, então talvez eu esteja lá, perdida em algum outro país.

—Você está morta ou não? — Ele exigiu. Divagações enigmáticas, deuses o ajudassem, a cabeça dele poderia entrar em combustão espontânea.

—Como o Gato de Schrödinger, estou morta e viva, — disse Python, enrolando e recuando o corpo fantasmagórico pela caverna. —Eu estava viva no passado. Morri no passado. Quem sabe o que serei no próximo?

Carling agarrou o braço de Rune antes que ele pudesse explodir. Ela virou-se para a aparição também. Ela perguntou: —Você está viajando através do tempo?



A aparição fantasmagórica se virou para ela e o sorriso de Python se arregalou.

—Tenho viajado. Estou viajando. Irei viajar.

—É por isso que, apesar de ter morrido, você não está completamente fora? — Carling perguntou.

—Ou isso, — disse Python, —Ou sou apenas um fantasma maluco e louco. — Esse rosto transparente feral se aproximou de Carling e suavizou. —Você é um dos meus. Meus filhos são tão bonitos. Eu quero que você viva para sempre. É por isso que te dei meu beijo.

—Seu presente durou um tempo muito longo, e sou grata, — disse Carling. —Mas agora estou morrendo, a menos que possamos descobrir como parar isso. Viemos para pedir sua ajuda.

—Não posso dar-lhe o beijo de novo, — Python disse. —Esse tempo é passado. — O enrolar dela recuou e aumentou a velocidade, como se estivesse agitada. —Eu tirei o dia, mas dei-lhe uma noite infinita, interminavelmente linda. O que você faz com isso não me diz respeito. Uma mãe não pode viver a vida de seus filhos.

—Isso não é o que ela está lhe pedindo para fazer, — Rune disse. Desespero afiou a voz dele. Ele não sabia o que esperar, mas certamente não esperava isso. Para realmente ser capaz de falar com Python era mais do que poderia esperar, mas poderia acabar sendo um pesadelo, inútil, psicodélico. —Ela não quer que você viva a vida por ela. Estamos pedindo a você como impedi-la de morrer.

—Espere, — Python disse. —Estou confusa. Ela não morreu ainda? — O rosto dela se virou para Rune. —Por que você não voltou para salvá-la?

As palavras de Python queimaram nele. Ela é louca, pensou quando a olhou. Ela é um fantasma louco. Isto é tudo. Ele lutou para encontrar a voz e disse com voz rouca: —Ela não morreu, Python, ela está bem aqui na frente de você. Mas ela é minha companheira, e vai morrer se não encontrarmos uma maneira de parar isso. Então você vai, por favor, por favor, apenas fazer algum fodido sentido, pela primeira vez na sua vida de merda maldita!

O fantasma feral olhou para ele com surpresa.

—Bem, você não tem que gritar comigo, — ela disse em uma voz melancólica. —Você não está tão longe como eu pensei que estaria agora.





—Onde é que eu vou estar? — Ele perguntou estupidamente.

—Bem aqui, Grifo, — Python disse. —Lembre-se quem nós somos. Estamos entre criaturas, nascidas no limiar da mudança de tempo e espaço. O tempo é uma passagem, como todas as outras passagens de cruzamento, e temos uma afinidade para esses lugares. Nós mantemos a nossa constante contra o fluxo interminável. Isso é o que tentei dar a todos os meus filhos. Isso é o que você é. O Poder disso está em seu sangue.

—É tudo sobre o sangue, — Carling sussurrou. —A chave está no sangue.

—A chave tem sido sempre o sangue, — disse Python. —Vocês são perfeitos um para o outro. A natureza não poderia ter criado um acasalamento mais impecável. Você tem tudo que precisa para sobreviver. Se você sobreviver.

Python desapareceu enquanto observavam. O Poder que tinha enchido a caverna declinou.

Rune jogou a lanterna no chão, pressionou as mãos nos olhos ardentes. Ele se sentia demente.

—Nós temos tudo que precisamos para sobreviver, se vamos sobreviver? — Ele gritou: —O que diabos isso significa, sua puta maluca, louca!

Carling foi à frente dele. Ela agarrou os pulsos para arrastar as mãos dele longe do rosto. Os olhos dele estavam brilhando.

—Rune, acho que ela nos contou tudo o que precisamos saber.

Ele olhou para ela, respirando com dificuldade. Após um momento ele foi capaz de falar mais ou menos sensatamente de novo.

—Bem, você se importa de explicar isso para mim?

—Eu não tive a chance de dizer-lhe tudo mais cedo, — disse Carling. —Seremela e eu tínhamos falado sobre a busca de maneiras de conseguir-me algum tipo de remissão, pelo menos tentar chegar a manter um padrão, comprar-nos algum tempo para fazer mais pesquisas. Ela disse que era possível que me tornar uma súcubus tinha sido uma resposta de defesa do meu sistema imunológico, quando eu já não podia processar o sangue que eu bebia.

—Uma resposta de defesa, — ele disse, franzindo a testa. — Quando você enquadrrou isso dessa forma, a transição não seria uma coisa boa. — As vítimas de fome prolongada comiam coisas por



desespero, muitas vezes, coisas que não tinham real valor nutritivo. Seus corpos começavam a consumir-se até que, eventualmente, os seus órgãos deixavam de funcionar.

Carling assentiu.

—Seremela sugeriu que eu tentasse encontrar algum tipo de alimento físico que eu pudesse tolerar, na esperança de que isso pudesse retardar alguns dos sintomas. Não estava ansiando por tentar beber sangue de novo, mas estou disposta a fazer qualquer coisa, então eu disse que iria pensar sobre isso. Python apenas disse que você mantém a si mesmo contra o fluxo do tempo, Rune, e isso está em seu sangue. A chave está no sangue. Essas são as palavras exatas que Seremela e eu dissemos uma para a outra.

Aos poucos, ele se acalmou, acariciando o cabelo dela enquanto a ouvia.

—Você poderia ter passado fome durante todo esse tempo?

—Não sei, — disse ela. —Eventualmente, parei de sentir fome, então comecei a sentir as emoções de criaturas vivas e comecei a me sentir melhor quando eu fazia. De tudo que eu tinha ouvido, isso soou como uma progressão natural da doença.

—Bem que poderia ser assim, mas ainda soa muito como a fome para mim, — ele disse. —Por mais que queira isso, tenho medo de acreditar. Parece bom demais para ser verdade.

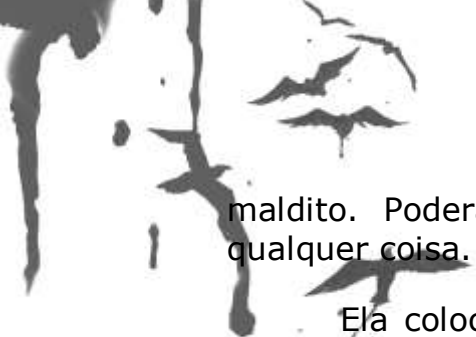
—Mas isso poderia se encaixar, — ela disse. —O teu sangue pode ter o que é preciso para me colocar em remissão. Toda esta jornada estranha que você e eu tivemos tem sido como resultado de seus atributos Wyr, que entram em contacto com o meu vampirismo.

Ele fechou os olhos.

—E isso nunca aconteceu antes, — ele sussurrou. Um raio de esperança abriu caminho no peito dele, aliviando o pânico maçante que tinha se elevado mais quando Python tinha desaparecido. Ele inclinou a cabeça para beijá-la, saboreando a curva suave dos lábios dela quando ela o beijou de volta. —Precisamos começar a tentar isso.

—Sim.

—Nós não vamos desistir se você vomitar um par de vezes, — ele disse severamente. Ele puxou-a para perto e a abraçou ferozmente. —Você não comeu por um tempo longo, infernal e



maldito. Poderá demorar um pouco fazer o teu sistema aceitar qualquer coisa. Nós vamos manter isso.

Ela colocou os braços ao redor da cintura e inclinou-se sobre ele.

—Concordo. Podemos até tentar me dar sangue por via intravenosa, se eu não tiver estômago para isso.

Cerca de quinze metros de distância, Grace disse em uma voz rouca: —Espero que vocês tenham tudo o que vocês precisavam dessa sessão, porque estou preparada.

Eles se voltaram para encontrar a humana de joelhos. Carling se retirou dos braços dele para passar por cima de Grace.

—Você está bem?

—Acho que sim.

Enquanto Carling ajudou a humana a ficar em pé, Rune pegou as lanternas e envolveu a máscara de ouro em seu pano de proteção. Ele perguntou: —Você se lembra do que aconteceu?

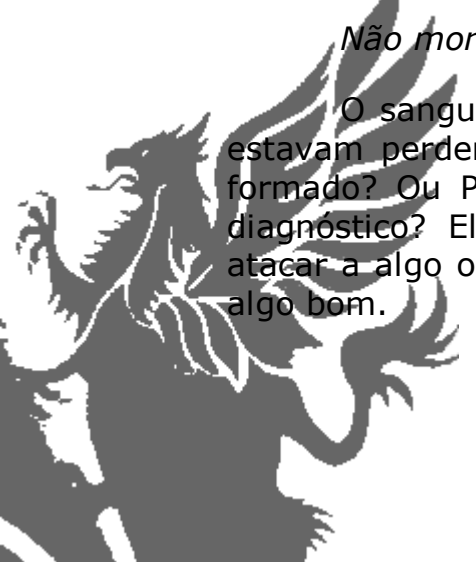
—Não. Eu sinto como se tivesse sido atingida na cabeça com um objeto contundente. — Grace olhou para eles.

Carling disse a ela: —Foi uma sessão muito poderosa, muito estranha, mas espero que nós tenhamos aprendido o que precisávamos.

—Bom, porque não acho que possa fazer isso de novo com pressa, — Grace disse quando ela se afastou para ficar sozinha. Ela se moveu, como se todos os músculos do corpo estivessem feridos. —Vamos.

Eles subiram o túnel, movendo-se mais lentamente do que teriam de outra forma, em deferência ao passo vacilante de Grace. Enquanto eles iam, perguntas e dúvidas começaram a expulsar o alívio de Rune.

Não morreu ainda?



O sangue dele começou a bater em seus ouvidos. O que eles estavam perdendo? Que peça do quebra-cabeça ainda não tinha se formado? Ou Python só tinha um de seus pequenos momentos de diagnóstico? Ele conseguiu se impedir de rosnar, mas ele queria atacar a algo ou alguém. Ele queria fazer alguns danos em nome de algo bom.



Eles ajudaram Grace a colocar as coisas de volta nos armários *Rubbermaid*. Carling abriu a porta para a luz cinzenta de um verão quente e úmido da madrugada. Ela parou tão abruptamente que Rune correu para ela. Então ele viu o que a tinha levado a um impasse.

Um grande dragão de bronze do tamanho de um jato privado dominava o prado. A cabeça gigantesca com chifres estava sobre as patas, parecendo relaxado, exceto que o Poder dele era um vulcão fumegante e seus olhos ardiam com ouro quente.

Dragos os tinha encontrado.

Rune pôs as mãos nos ombros de Carling e tentou fazê-la voltar para dentro do túnel. Ela cavou nos calcanhares e se recusou a ceder, mantendo o corpo entre ele e o Senhor do Wyr.

Uma mulher esbelta, com um rabo de cavalo loiro comprido e despenteado encostava-se ao focinho do dragão. Ela usava calças jeans, tênis de alta qualidade e uma blusa vermelho cereja. Os braços dela estavam cruzados sobre o peito, e ela tinha um pé em cima do outro. Na aparição deles, a mulher encontrou o olhar de Rune e balançou a cabeça.

—Eu tenho que dar isso a você, habilidoso, — a mulher loira disse. —Você realmente o irritou desta vez.





CAPÍTULO 20

Carling sentiu a energia de Rune em um pico de adrenalina e agressão. Ela sentiu o aperto em seus ombros aumentar, o alongando dos dedos dele em garras. Ele a levantou e empurrou-a de volta através da porta. Ela não teve a chance de resistir. Caiu em cima de Grace, que tinha estado bem atrás deles, e as duas mulheres ficaram estateladas. A mulher humana fez um som abafado, cheio de dor.

Carling saltou quando Rune agarrava a porta. Ela não se incomodou em perder tempo na tentativa de ficar na vertical. Em vez disso, ela estendeu o pé. E conseguiu uma bota entalada na abertura da porta antes que Rune pudesse fechá-la.

—Maldito seja, — ela disse entre os dentes, tão furiosa que mal conseguia ver direito. Ela se torceu para agarrar a borda da porta, com as duas mãos. Rune não poderia fechá-la agora sem machucá-la, e ele não poderia ao mesmo tempo protegê-la e desperdiçar energia lutando com ela para levá-la para dentro.

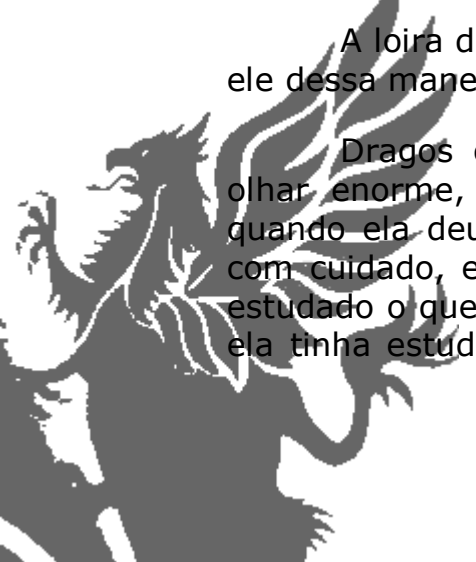
Ele percebeu isso também e desistiu. Ela saltou de pé e foi para fora encontrar o monstro de ouro de pé entre ela, Dragos e a mulher.

O dragão tinha levantado à cabeça. Tanto ele como a mulher loira estava olhando para Rune. O olhar amplo da loira estava ferido com consternação.

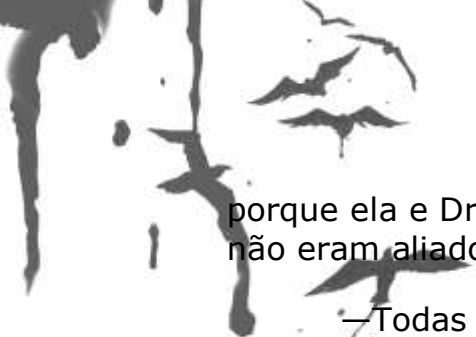
—Oh Deus, você não fez, — disse a mulher.

—Eu fiz, — Rune disse. Ele estava rosnando, um som baixo ameaçador que os alertou.

A loira disse ao dragão: —Você é demasiado uma ameaça para ele dessa maneira. Você tem que mudar.



Dragos considerou, pensamentos passaram por trás do seu olhar enorme, feroz. Carling colocou a mão no ombro de Rune, quando ela deu um passo para o lado dele. Ela observou o dragão com cuidado, ela trouxe o Poder dela ao alcance. Ela podia não ter estudado o que seria o melhor feitiço para usar contra um Grifo, mas ela tinha estudado feitiços para usar em batalha contra um dragão,



porque ela e Dragos não tinham sido sempre aliados. Parecia que eles não eram aliados agora, também.

—Todas as Elder Races concordaram que era para ser um santuário, — Grace disse bruscamente de trás de Carling e Rune. —A violência é proibida aqui.

—As pessoas podem ser tomadas deste lugar, — disse Dragos. —E a violência feita para elas em outro lugar.

Debaixo do aperto de mão, ela sentiu o monstro de ouro tomar uma respiração afiada. Em seguida, o dragão brilhou e transformou-se na figura de um macho de 2 metros e 10 com cabelo preto, olhos de ouro, do dragão, e fortes características. O Poder do dragão fervia no ar ao seu redor, como o de Rune. Dragos pôs as mãos nos quadris e olhou para Rune, sua expressão apertada.

A loira olhou para Carling.

—Sou Pia, companheira de Dragos, — ela disse. —Você é Carling Severan?

—Sim, — Carling disse.

Pia disse suavemente para Rune: —Nós entendemos melhor agora. Não pretendemos qualquer dano a tua companheira.

—Mas isso irá valer para aqueles que estão chegando? — Dragos disse.

—O que você quer dizer? — Carling perguntou. —O que aconteceu agora?

—Mais consultas e um acordo. Você está sob uma ordem de execução. O que você tem vindo a atravessar tem algum tipo de efeito no meio ambiente ao seu redor, e você se recusou a permanecer separada dos outros. Você tem muito poder, Carling. Você foi considerada muito perigosa para viver. Julian e vários membros do Tribunal Elder estão a caminho para prender você até que a sentença possa ser executada. — Dragos olhou para seu ex-Primeiro. —Você precisa sair dessa. Comece dizendo as razões pelas quais eles não devem realizar o que pretendem fazer, e você precisa começar a falar agora.



Medo e raiva era um punho fechado no estômago de Rune. Lutou até mesmo com a sua respiração e depois de alguns momentos de esforço, ele conseguiu sair da mudança parcial. Precisava de razão e diplomacia agora mais do que nunca.



Carling disse a Dragos: —Nós achamos ter descoberto o que vem acontecendo comigo, e acreditamos ter encontrado uma maneira de parar isso. Seria prematuro o Tribunal Elder executar uma ordem para matar até sabermos o que com certeza.

—Isso ainda não está me dizendo o que vem acontecendo, — Dragos resmungou. —E porque isso tem os meus outros Grifos tão assustados.

Carling e Rune olharam um para o outro. Rune disse telepaticamente: *os Grifos são outras entre as criaturas também, e eles têm o direito de ouvir o que isso pode significar sobre sua natureza. Mas vou ser amaldiçoado se eu pintar um alvo nas suas costas para cada Vampiro desesperado envelhecendo. O que quer que diga a eles deve permanecer confidencial.*

Acho que devemos esperar para dizer alguma coisa, Carling disse. Eu não estou dizendo que não. Vamos pensar sobre as consequências de divulgação completa primeiro. Dragos está apenas do nosso lado agora, e nós precisamos dele. Não podemos arriscar alienando-o, dizendo-lhe que você voltou no tempo e mudou o passado. Mesmo que não acho que você mudou as coisas por muito, o fato de que você poderia fazê-lo em tudo é uma enorme ameaça para tudo o que conhecemos no presente.

Rune concordou com a cabeça. *Tanto quanto eu sei, é por isso que não posso dizer uma coisa a qualquer um dos outros,* ele disse. *Eles iriam surtar tanto quanto Dragos faria, e isso não é da sua maldita conta.*

Eu concordo.

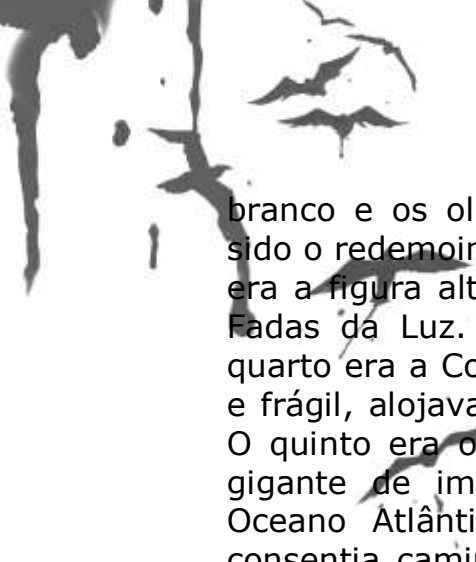
Rune virou-se para Dragos, que estava observando-os com um olhar inexpressivo.

—Não importa o que aconteceu, — ele disse. —Isso foi um acidente que não vai acontecer novamente. O importante é se podemos parar o que Carling está passando, em seguida, a razão para a ordem de matar vai embora.

Ficou claro que Dragos não gostou do que ouviu, mas depois de um longo momento, ele disse: —Concordo.

Enquanto ele falava um redemoinho soprou na clareira. O redemoinho se materializou em diversas figuras que eram bem familiares para Carling e Rune.

Cinco eram membros do Tribunal de Elder. O primeiro era Soren, Conselheiro Demonkind e Chefe do Tribunal, com o cabelo



branco e os olhos penetrantes brancos como estrelas. Soren tinha sido o redemoinho que tinha transportado todos os outros. A segunda era a figura alta e pálida loira de Olivia Dearling, a Conselheira das Fadas da Luz. O terceiro era o Conselheiro Elfo, Sidhiel Raina. O quarto era a Conselheira das Bruxas, Archer Harrow, seu corpo idoso e frágil, alojava um dos Poderes mais fortes do domínio das bruxas. O quinto era o Conselheiro Wyr, Jaggar Berg. Jaggar era uma lula gigante de imensa idade e força, que normalmente morava no Oceano Atlântico, ao largo da costa da New England, mas ele consentia caminhar na terra na forma de um homem, por períodos que fosse o suficiente para ele executar suas funções como Conselheiro do Tribunal. O Conselheiro das Fadas das Trevas, Arandur Daeron, estava ausente, sem dúvida, ainda em Adriyel atendendo as muitas funções governamentais em torno da coroação de Niniane Lorelle. Aparentemente, ninguém tinha tido tempo para nomear e aprovar o próximo Conselheiro Nightkind.

Os outros três chegados eram Vampiros. Eles usavam capas protetoras em proteção para o nascer do sol dentro da próxima meia hora, mas no momento eles usavam seus capuzes para trás. Julian Regillus estava ladeado por seu segundo em comando, Xavier del Torro e Rhoswen.

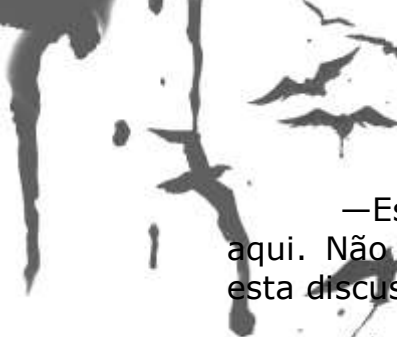
Carling olhou para Julian, pensativa. O cabelo dele escuro era mantido normalmente curto, com pitadas de branco nas têmporas. Ele devolveu o olhar, os traços dele fortes aquilinos, inescrutáveis. Tanto o Poder dele quanto a ira eram coisas palpáveis. Xavier era muito menos fácil de ler. Ele tinha cabelos marrom noz na altura dos ombros, puxados para trás, as feições indescritíveis, agradáveis. O comportamento agradável dele era uma camuflagem mortal. Xavier del Torro era um dos caçadores mais agudos em qualquer uma das Elder Races.

Carling não ficou surpresa com o aparecimento de qualquer um dos machos. Rhoswen, no entanto. Rhoswen era uma pequena surpresa. Carling olhou para ela pela última vez. A Vampira loira não encontrou o olhar dela, mas sim estava olhando diretamente à frente, com o rosto jovem numa máscara perfeitamente composta.

O Conselheiro Wyr, Jaggar disse a Dragos: —Você não deveria estar aqui.

—Meu Primeiro está envolvido, — Dragos disse. — Claro que eu deveria estar aqui.

O Conselheiro das Fadas da Luz, Dearling, disse friamente: — Os Wyr estão surgindo na conversa demais nos últimos tempos.



—Esqueça que sou Wyr, — Rune disse. —Isso não tem lugar aqui. Não estou aqui, em qualquer tipo de capacidade oficial. Para esta discussão, sou apenas um homem.

—Estamos de acordo sobre uma coisa, — Soren disse. —Quem e o que você é, são irrelevantes. — Os olhos com estrelas brancas do Gênio viraram-se para Carling. — O Tribunal veio para levá-la sob custódia.

—Sob qual acusação? — Carling disse.

—Já que o Senhor Wyr conseguiu chegar antes de nós, — Soren respondeu: —Tenho certeza que você sabe muito bem porque estamos aqui e a que viemos, por fim.

—Na verdade, não sei, — Carling disse. Ela se forçou a permanecer soando calma e lógica. Rune parecia como um barril de pólvora de violência ao lado dela, precisando apenas de uma faísca aleatória para fazê-lo explodir. Ele olhou para Rhoswen com uma expressão fria que prometia violência. Ele precisava de sua calma, e ela sabia por experiência que a lógica seria a única coisa que poderia convencer um grupo tão diverso. —Eu só ouvi a suposição sobre o motivo que você poderia estar vindo, e boato sobre decisões que possam ou não ter sido feitas na minha ausência. Não recebi nenhuma declaração oficial do próprio Tribunal Elder.

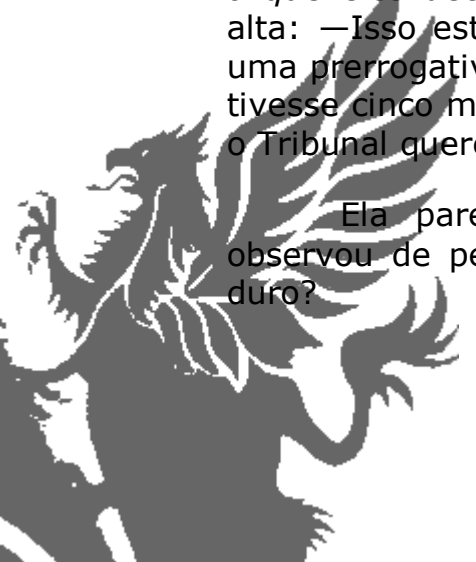
Inquietação agitou o grupo, e ambos Sidhiel e Archer pareciam desconfortáveis. Bom, Carling pensou. Isso deve ser difícil para você fazer.

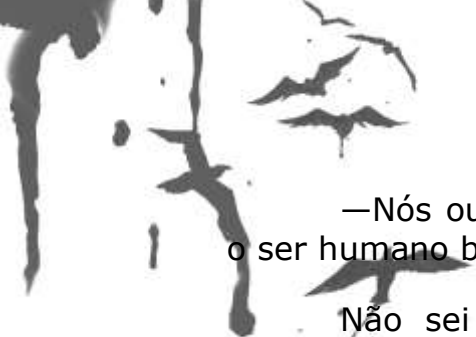
Foi Julian, que falou em seguida.

—Carling, já pedi para você ser removida como Conselheira Nightkind, meu pedido foi atendido.

Quando Julian falou, raiva cravou em Rune. Ele mostrou os dentes enquanto olhava com ódio nu ao Nightkind King. Enquanto Carling assentia, ela apertou com força no ombro de Rune. *Espere*, ela sussurrou suavemente na cabeça dele. *Devemos fazê-los justificar o que eles decidiram, e colocá-los na defensiva*. Ela disse em voz alta: —Isso está tudo muito bem e bom, Julian. Isso certamente é uma prerrogativa do Reino Nightkind, — embora não teria sido se ela tivesse cinco minutos a sós com ele. —Mas o que isso tem a ver com o Tribunal querendo me levar em custódia?

Ela parecia razoável, inteligente, mesmo tolerante. Julian observou de perto. Isso foi um lampejo de confusão em seu rosto duro?





—Nós ouvimos um testemunho detalhado de sua condição, — o ser humano bruxa Archer disse, não com maldade.

Não sei quem foi, Carling pensou, quando ela olhou para Rhoswen.

Archer continuou: —Nós sabemos que é devido a sua idade avançada. Você está sofrendo de episódios periódicos de gravidade crescente, que estão fazendo o teu Poder oscilar e afetar o mundo em torno de você, mas você se recusa a permanecer isolada para proteger os outros. Você é muito poderosa e os resultados disso são muito perigosos e não é bem compreendido. Isso não pode ser autorizado a continuar, Carling.

—Concordo, — Carling disse.

—E eu também, — Rune disse. Ele projetou toda a sua fé, toda a sua esperança apaixonada em suas próximas palavras. —É por isso que é uma coisa muito boa que nós descobrimos como fazer isso parar.

A agitação que passou pelo grupo foi ainda maior, pois os membros do tribunal se entreolharam. Todos eles estavam procurando, cada vez mais desconfortáveis.

A fachada perfeita, composta de Rhoswen, rachou. Os olhos dela brilharam ao encontrar os de Carling. Carling a olhou nos olhos com frieza. Julian se moveu, uma traição súbita de assombro, prendia a sua expressão.

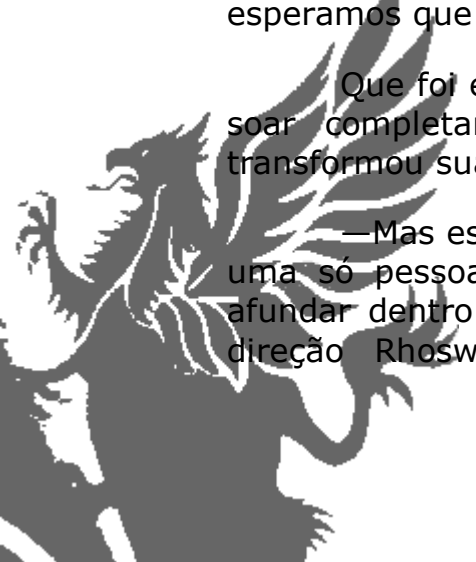
A um lado, Dragos e sua companheira estavam lado a lado, observando o processo com atenção, Dragos com os braços cruzados.

Soren perguntou: —Você tem certeza de que você tem impedido isso?

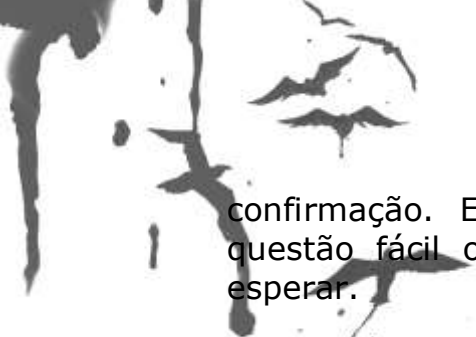
Rune encolheu os ombros. Ele parecia bem mais casual do que ele estava.

—Ela não teve um episódio desde a Califórnia, e não esperamos que ela tenha mais.

Que foi esticar a verdade fora de proporção, mas ele ainda fez soar completamente sincero. Carling aproveitou a vantagem e transformou suas próximas palavras em um chicote delicado.



—Mas esta questão é demasiado séria para tomar a palavra de uma só pessoa para isso. — Ela fez uma pausa para deixar isso afundar dentro do olhar de Julian que piscou para a esquerda, em direção Rhoswen. Ah, isso era tudo o que ela precisava de



confirmação. Ela disse: —O tempo dirá, este conto. Seria uma questão fácil o suficiente criar um lar onde podemos observar e esperar.

—Você está disposta a permanecer em quarentena por uma quantidade indeterminada de tempo? — Soren disse.

—É claro, — Carling disse. Ela se concentrou em Julian. —Não, não deixei a ilha apenas por ser voluntariosa. Saí com um propósito claramente definido.

Rune interrompeu.

—Estamos dispostos somente se estivermos juntos. Carling é minha companheira, e não estou deixando-a.

E aí cai o outro sapato, Carling pensou, quando uma nova discussão estourou. Ela quase encontrou nisso motivo para achar graça.

Julian não queria mais Carling no domínio Nightkind. Carling deu-lhe um sorriso de pálpebras pesadas. Ela disse suavemente: — Isso está perfeitamente bem para mim.

O sorriso dela disse-lhe: *Eu sei o que você tem feito e tentou fazer. Exilar-me e transformar sua terra em uma prisão. Já não posso ir para o domínio Nightkind, mas dê um passo fora de sua jurisdição, e você ainda é minha descendência, meu filho, eu ainda posso comandá-lo. E agora você não tem ideia de quanto tempo poderia viver, ou onde eu poderei estar. Você tentou me levar para baixo, você teria me matado, talvez você fizesse tudo isso, sinceramente, para o bem de seu povo, mas também fez isso porque você pensou que iria finalmente sair de debaixo da minha autoridade. E enquanto eu entender tudo isso, não vou te perdoar, porque sei como guardar rancor com todo o meu coração, e um dia vou lembrá-lo disso. Um dia.*

Então Dragos se mexeu e disse: —Esta é uma conversa estúpida. Rune é claro que você pode voltar para casa em Nova York e trazer a sua companheira com você. — Ele deu a Carling um sorriso cortante. — Nós adoráramos recebê-la no rebanho.

—Eu vou apostar que você faria, — ela disse ao dragão, com uma lâmina em seu sorriso cada pedaço tão afiado e brilhante quanto o dele.

O argumento explodiu mais ruidoso e apaixonado do que nunca. Acontece que ninguém era a favor dessa opção.



A manhã estava clareando. Estrias de rosa amarela e pálido iluminavam o céu roxo escuro. O sol coroar o horizonte em breve. Rune pegou Carling pelos ombros e a girou para encará-lo. Ele acariciou o cabelo curto agitado fora do rosto dela. Parecia tão cansado como ela se sentia. *Não tenho certeza se alguém poderia realmente nos parar se nós formos viver em Nova York*, disse ele. *Embora haja uma grande pressão sobre Dragos agora.*

Não importava o quão forte eles tinham falado com o tribunal, eles ainda não sabiam se haviam encontrado uma solução. Ela não disse isso. Preferiu, como ele fez, olhar para frente com esperança. Então, ela perguntou: *Você quer voltar para Nova York?*

Ele respirou fundo e balançou a cabeça. *Não. Não o perdoei pela última conversa que tivemos. Também acho que ele está puxando a cadeia de todo mundo agora. Não acredito que ele deixe-me voltar e assumir meus deveres como seu Primeiro com você como minha companheira. Ele sempre me perguntará se ao ter você em minha vida distorcerá meus motivos, e ele estaria certo. Talvez eu e ele possamos reparar a nossa amizade com o tempo, mas por enquanto acho que a única coisa que você e eu podemos realmente fazer é começar em algum lugar novo e fresco.*

Ela sorriu para ele. *O que no mundo é que vamos fazer com nós mesmos?* O pensamento do desconhecido era emocionante e assustador. Não era sua amiga novamente, a casa fantasma / montanha russa.

O rosto de Rune se iluminou e ele sorriu de volta. *Não tenho ideia. Vai ser divertido descobrir isso tudo.*

Enquanto eles pudessem comprar mais tempo.

Ela apertou as mãos dele. *Tenho algumas coisas que preciso dizer a um casal de pessoas.*

Ela viu quando ele lutou com ele mesmo. Havia muitas pessoas poderosas e perigosas ao redor, e eles tinham patinado muito perto da borda para ele soltá-la facilmente. Mas ele tinha que saber que não era uma coisa boa tentar segurá-la com muita força, porque o aperto dele afrouxou. *Tudo bem.*





Ela se virou e dirigiu-se a seus filhos rebeldes, Rhoswen e o Nightkind King. Eles olharam quando ela se aproximou, observando as mudanças no cabelo e vestido. Julian perguntou em voz baixa: — Você realmente fez isso? Você encontrou uma cura?

Carling deixou o olhar dela viajar sobre as feições inteligentes e ásperas de Julian, uma última vez. Eles tinham sido amigos uma vez, há muito tempo, e parceiros políticos por muito mais tempo. Ele era outro como Rune, um macho alfa que nasceu para comandar. Talvez tenha simplesmente o afastado por muito tempo. Talvez como Rune e Dragos, quando essa raiva dela tivesse morrido, eles pudessem alcançar a paz, mas ela não estava indo segurar a respiração.

—Essa questão pode crescer para assombrá-lo durante os próximos mil anos ou mais, — ela disse. —Mas você vai ter que encontrar sua própria salvação.

Ela voltou à atenção para Rhoswen, que ficou mais e mais agitada sob o olhar firme dela.

—Você foi direto para Julian, não é? — Ela murmurou, baixo o suficiente para impedir que suas palavras fossem ouvidas pelos demais, mas não tão baixo que Julian não pudesse ouvir. —O que você disse a ele, como eu havia me tornado instável, quão perigosa eu era, como não fazia sentido eu enviar minha serva mais leal e dedicada para longe e me apegar a esse Wyr manipulador? Sei o que você disse a ele. Você disse tudo o que ele queria ouvir para justificar fazer as coisas que ele fez. Então você disse as mesmas coisas para o tribunal.

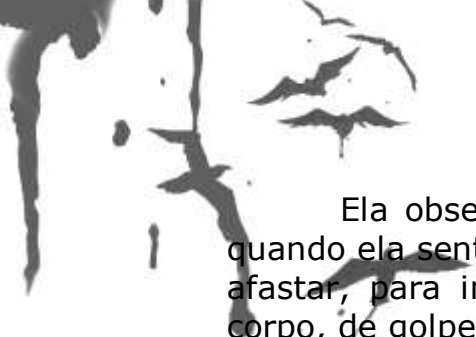
Rhoswen endireitou-se e manteve a cabeça erguida, enquanto os olhos dela brilhavam com lágrimas de raiva.

—Falei a minha verdade.

A expressão de desprezo Carling nunca vacilou.

—Que pequena cobra venenosa você acabou sendo, — ela disse suavemente. Havia fraturas demais no comportamento de Rhoswen. Carling já não acreditava mais que a jovem Vampira era estável. Se eles estivessem em qualquer outro lugar, Carling teria cortado a cabeça dela. Mas Rhoswen não valia a pena quebrar as leis do Santuário. Carling e Rune tinham chegado muito longe, por coisas demais, para jogar tudo fora.

Quando ela se virou, disse a Julian: —Ela é seu problema agora.



Ela observou o rosto de Julian sofrer uma mudança drástica, quando ela sentiu uma dor aguda nas costas. Ela arqueou e tentou se afastar, para impedir que a lâmina que estava deslizando em seu corpo, de golpear, um golpe crítico e mortal para o coração dela.

Mas então o braço de Rhoswen veio ao redor do pescoço dela. A outra Vampira era muito mais jovem do que ela, de modo muito mais lento e mais fraco, mas Rhoswen não tinha que segurá-la no lugar por muito tempo. Ela só tinha que segurá-la no lugar por tempo suficiente.

—Amei você, — Rhoswen sussurrou no ouvido dela. —Eu lhe dei tudo.

O golpe atingiu seu objetivo.

Rune, Carling disse, e mesmo que ele estivesse a seis metros de distância, falando com dois Conselheiros, ele ainda podia ouvi-la.

Ele girou. O choque e horror que encheram o rosto e as emoções dele entristeceram-na terrivelmente.

Ela ainda tinha muitas coisas para lhe dizer. Ela foi em direção a ele e viu sua própria mão se dissolver.

Ela ainda tinha muitas coisas...



Rune, Carling disse.

E ele se virou para ver a ponta de uma espada curta romper do peito dela, assim como a lança que outrora viu estourar através do corpo de seu pai. Atrás dela, Rhoswen estava chorando mesmo quando ela enfiava a espada. Julian pulou para frente, mas não havia nada que o Rei Nightkind ou qualquer outra pessoa pudesse fazer.



Tudo que Carling teve tempo de dizer foi o nome dele. Ela parecia tão triste, tão amorosa, e assim era Carling que parecia dessa forma. Esse era o olhar dele, aquele olhar era para ele.



Ela brilhou tão intensamente, por tanto tempo. Então, ela se desfez em pó. E tudo na alma extraordinária, feroz de Rune, começou a gritar.



*Every little thing is going to be all right.**

Exceto que algumas vezes não ficavam, Bob. Às vezes, as coisas ficavam tão fodidas que você não podia as enviar para casa em um saco de corpo.



Gritos.

Espere, estou confuso.

Se ela não morreu ainda? Por que você não voltou para salvá-la?

Você já viu o Gato de Schrödinger? Como o Gato de Schrödinger, estou viva e morta.

***Cada pequena coisa vai ficar bem. Referencia a musica de Bob Marley que Rune não conseguia tirar da memória.**



Gritos.

Não posso viver neste universo. Não posso viver dessa maneira.

Se você morrer, vou te encontrar.





Eu nunca vou deixar você. Eu nunca vou deixar você ir. Não vou deixar você cair, ou fracassar. Sempre virei por você, se você deixar, sempre a encontrarei, se você estiver perdida.

Sempre.



Cada momento era o mais ínfimo das coisas, o bem mais precioso das coisas. Cada momento tem o potencial para a mudança, uma reviravolta que leva a uma página diferente. Isso repousava em um ponto singular que era tão preciso, que seria muito fácil perder a noção disso num único lugar minúsculo, aquele momento único, na cascata infinita de todos os outros momentos no tempo. Cada reviravolta desaparecia, quando a cada momento do presente, se escorregava para o passado.

Cada momento escapolia até que ele chegasse de volta, não muito longe, apenas o suficiente, alcançou o último lugar definitivo quando ela estava lá ao invés de não estar lá, e ele jogou toda a sua alma gritando por ela.

E lá estava isso.

A senha de teclas para um código inviolável.



Enquanto Carling se afastava de Rhoswen, disse a Julian: —Ela é o teu problema agora.

E de repente o monstro dourado estava na frente dela. Ele estava lá, apesar de Rune também estar a seis metros de distância conversando com dois Conselheiros.

O monstro dourado continha um pesadelo que estava muito longe, além da emoção, dando um branco nos sentidos de Carling. Ele puxou-a para si e, ao mesmo tempo, atacou com todas as suas garras de matar estendidas.





Rhoswen caiu, o corpo dela em fatias. Todos na clareira giraram para olhar fixamente quando ela se desfez em pó, até que tudo o que restava era a espada curta que havia caído da mão dela.

Rune caiu de joelhos, arrastando Carling com ele. Ele apertou-a tão forte que se ela fosse humana teria tido problemas. O corpo dele tremia com estremecimentos convulsivos. Ele respirava soluçando em grandes arfadas de ar, como uma vítima de afogamento que acabara de ser resgatada. Fora isso, ele não fez nenhum som.

—Rune, — Carling disse. Ela emoldurou o rosto molhado dele com as duas mãos. Ele não estava olhando para ela. Estava olhando para alguma outra coisa. Ele tinha uma expressão de alguém olhando para a condenação. Ela ousou um rápido olhar de soslaio ao redor. Todo mundo estava olhando tanto para eles, como para o local onde Rhoswen estava. Julian andou em passos largos para pegar a espada. Ele parecia furioso.

O outro Rune tinha desaparecido. Será que ela tinha imaginado o que havia visto?

—Está tudo bem, — Rune sussurrou. —Está tudo bem agora.

—Inferno sangrento, — Dragos murmurou do outro lado da clareira. —Não sei o que foi isso, mas definitivamente algo aconteceu.





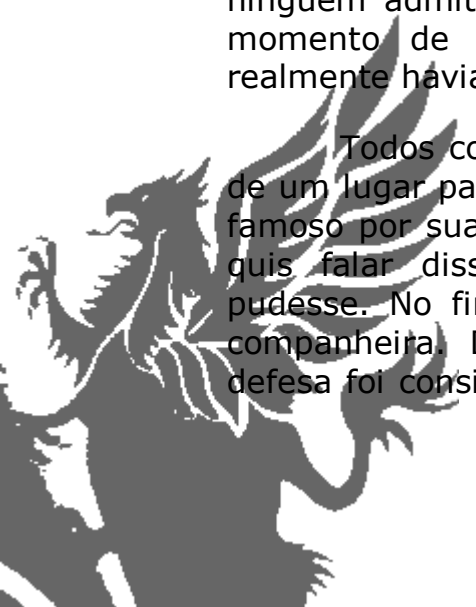
CAPÍTULO 21

Duas semanas depois, Rune ainda não poderia falar sobre o que tinha acontecido.

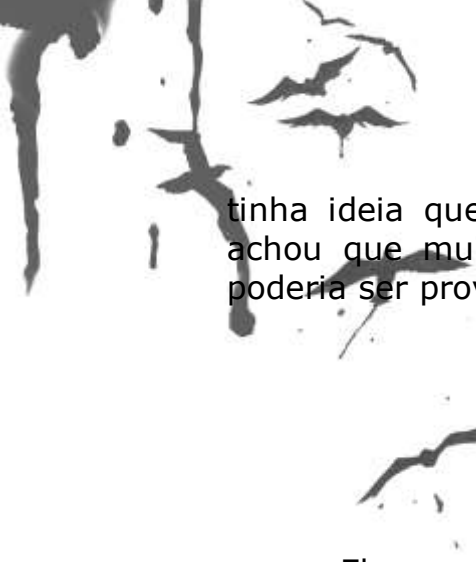
Ela percebeu o que devia ter ocorrido, é claro. O breve vislumbre que Carling tinha obtido de Rune em dois lugares, a espada que Rhoswen tinha escondido debaixo de sua capa, o estado deplorável em que ele tinha ficado depois que a tinha matado. Não foi preciso um enorme esforço de imaginação para descobrir o que aquilo significava. Carling tentou um par de vezes fazê-lo falar, mas ele parecia tão assombrado e doente, que não teve coragem de empurrá-lo. Em vez disso, se agarrou a ele com força quando ele acordou suado, e o provocava gentilmente, sempre que ele ficava olhando para o espaço por muito tempo.

Quanto a Rune, sentia como se parte de sua alma estaria sempre capturada no horror do que aconteceu, no circuito que deu a volta como a cauda de uma serpente enrolada sobre si mesma. Mas, aos poucos, começou a perceber como ele poderia chegar a um ponto onde poderia colocar isso de lado e seguir em frente com o negócio de viver.

Depois de muita discussão e mais argumentos, decidiram que Rune não tinha quebrado as leis do santuário, que foram feitas para proteger a Oráculo e todos os que viessem pedir a ela. Embora várias pessoas, além de Dragos estivessem bem conscientes de que “algo” tinha de fato acontecido, isso deixou todos uniformemente infelizes, ninguém admitiu ter visto Rune em dois lugares, por aquele breve momento de tempo, de modo que ninguém entendeu o que realmente havia acontecido.



Todos concordaram que era um mistério como Rune tinha ido de um lugar para outro tão rápido, mas como disse Jaggar, Rune era famoso por sua velocidade por uma razão. Quanto ao Rune, ele não quis falar disso. Nesse ponto, Carling suspeitava que ele não pudesse. No final, eles admitiram que ele agiu em defesa de sua companheira. Desde que ele não incitou a violência, agindo em defesa foi considerado aceitável. Enquanto isso, Julian jurou que não



tinha ideia que Rhoswen iria fazer uma coisa dessas. Carling não achou que muitas pessoas realmente acreditaram nele, mas nada poderia ser provado de uma maneira ou de outra.



Eles se mudaram para uma casa à beira-mar em Key Largo, enquanto Carling permanecia sob quarentena e observação por três meses. Tanto quanto eram prisões, esta era luxuosa o suficiente. Janelas de dois andares ao longo de um lado da vila, ignorando uma piscina infinita ao lado do oceano. A vila tinha uma praia privada de um hectare de comprimento, quatro quartos e quatro banheiros, uma sala grande, uma sala de família e uma cozinha cheia com uma fortuna em bancadas de granito preto e aparelhos *Wolf*³¹, incluindo uma geladeira *Sub-Zero*³² e uma unidade de armazenamento de vinho. Rune cozinhou para ele alguns poderosos bifes sofisticados de hambúrgueres nessa cozinha.

Havia duas casas de hóspedes na propriedade onde os observadores de Carling, o Conselheiro Demonkind Soren e o Conselheiro Elfo, Sidhiel, ficaram juntos com alguns de seus atendentes. A missão deles era simples: monitorar a atividade de energia na área imediatamente em torno de Carling. Muitas vezes, as luzes permaneciam em uma ou na outra das pousadas, e o som tranquilo de conversa flutuava pelas janelas abertas nas primeiras horas da manhã. Ocasionalmente Soren e Sidhiel jantavam com Rune enquanto Carling mantinha a companhia de um copo de vinho, mas na maioria das vezes os Conselheiros ficavam afastados.

—Isto é muito melhor do que o exílio para a minha ilha, — Carling disse para Rune. Eles estavam na sala de estar do quarto principal da vila. Ela estava enrolada em uma extremidade de um sofá com vários livros, e tinha acabado de desligar depois de uma conversa de uma hora com Seremela.

—Inferno sim, — Rune concordou preguiçosamente. Ele usava calça jeans e nada mais, suas longas pernas musculosas e pés descalços apoiando-se na extremidade oposta do sofá. A luz do sol o amava. Ele estava todo reluzente com um profundo bronzeado dourado. Esparramado no resto do sofá, com a cabeça apoiada contra a coxa dela enquanto navegava pelos canais de filmes, da TV a cabo

³¹ *Wolf* — marca de aparelhos de cozinha.

³² *Sub-Zero* é uma marca de grandes residenciais utensílios de cozinha, incluindo refrigeração e vinho preservação produtos construídos no EUA. A empresa também fabrica aparelhos de cozinha sob a marca *Wolf*.

com 56 polegadas de tela plana. — Temos *ESPN*³³ e *Spike TV*³⁴ aqui, baby. Estou gravando ambos: *Escape from New York*³⁵ e *Escape from L.A.*³⁶ para mais tarde. *Snake Plissken*³⁷ é o meu homem. *Booyah*³⁸.

Carling fez uma nota em seu novo *iPad* para lembrar-se de fazer uma pesquisa no *Google* para uma definição de *booyah*. Ela lhe disse: —Eu tinha em mente uma razão bem diferente do que TV a cabo.

—Eu sei o que você tinha em mente, — Rune disse. Ele estendeu a mão atrás da cabeça para capturar uma das mãos dela e pressionou os dedos contra a boca dele.

Eles estavam conversando diariamente com Seremela. Carling tinha enviado via FedEx sua pesquisa para Seremela, por tudo que isso pudesse ajudar, e Seremela estava passando um pente fino sobre tudo. A medusa havia tornado-se obcecada com o enigma médico que lhe haviam dado, e as conversas telefônicas estavam cheias de suas investigações excitadas. Ela tinha acabado de arranjar um período de férias para que pudesse ir para a vila para uma visita prolongada.

—Acho que nós precisamos atrair Seremela longe de sua posição como Medica Examinadora do Necrotério do Condado de Cook, — Carling comentou. Olhou pelas janelas, para a luz da lua brilhando sobre a água do oceano. —Ela está subutilizada lá. Penso que ela seria muito mais feliz focando toda sua atenção na pesquisa.

—Acho que é uma puta de uma ideia, — Rune respondeu. — Poderíamos estabelecê-la em seu próprio laboratório. No entanto, quero que ela fique muito mais perto. Será que ela gostaria de mudar para a Flórida?

—Nós vamos ter que lhe perguntar quando chegar, — ela disse, sorrindo.

³³ **ESPN**, anteriormente sigla para **Entertainment and Sports Programming Network** (Rede de Programação de Esportes e Entretenimento), é uma rede de TV por assinatura dos Estados Unidos dedicada à transmissão e produção de programas esportivos 24 horas por dia.

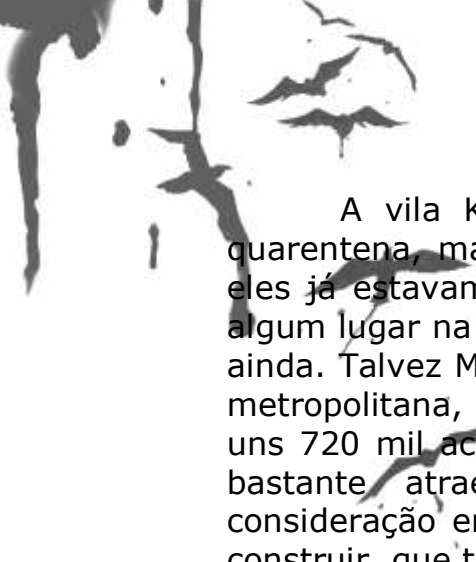
³⁴ **Spike** (anteriormente conhecida como **Spike TV**) é um americano de entretenimento geral de televisão a cabo do canal

³⁵ **Escape from New York** (br: **Fuga de Nova York**; pt: **Nova Iorque 1997**) é um filme do ano de 1981, realizado em co-produção por Inglaterra e Estados Unidos, do gênero ficção científica dirigido por John Carpenter e com Kurt Russell e Donald Pleasence no elenco.

³⁶ **Escape from L.A.** (br/pt: **Fuga de Los Angeles**) é um filme americano, do ano de 1996, dos gêneros ficção científica e ação, dirigido por John Carpenter.

³⁷ **S.D. "Snake" Plissken** é um personagem fictício dos filmes de John Carpenter, *Escape from New York* e *Escape From Los Angeles*, interpretado por Kurt Russell.

³⁸ **Booyah** - Usado para expressar abruptamente grande alegria, geralmente provocada por vitória ou algum outro tipo de realização.



A vila Key Largo era um arranjo temporário para fins de quarentena, mas o clima quente era tão atraente para os dois, que eles já estavam falando sobre a possibilidade de se estabelecer em algum lugar na Flórida. Eles simplesmente não tinham acordado onde ainda. Talvez Miami Beach. Era no oceano, ligada a uma grande área metropolitana, e estava também a apenas 50 milhas de distância de uns 720 mil acres de Everglades³⁹ preservado, o que era uma coisa bastante atraente para um Wyr ativo considerar. A única consideração era encontrar um lugar para morar, ou um lugar para construir, que tivesse muito espaço proporcionando abrigo do sol.

Duas semanas mais tarde e Carling não tivera outro episódio.

Seguindo o conselho de Seremela, eles começaram com muito cuidado. Pequenas quantidades diluídas, sorvida com frequência. A primeira vez Rune cortou o dedo e sangrou algumas gotas de sangue em um pequeno copo de vinho. Depois de ter passado tanto tempo sem beber nada, exceto o vinho, eles esperavam que isso fosse ajudar Carling fazer a transição de volta ao consumo de sangue novamente.

Ela achou inesperadamente difícil tomar um gole de vinho com sangue infundido, mas conseguiu depois de uma breve luta. Isso quase a derrubou de joelhos. Ela pensou que o sangue dele teria um sabor espetacular, quando a queimação foi tão intensa quanto o licor mais raro. Ele era muito mais poderoso do que ela havia imaginado.

Aquele bocado a fez se sentir bêbada, tonta. Ela se inclinou sobre o balcão da cozinha, ofegante. Rune arrebatou a taça da mão dela quando inclinou para o lado. Ele estudou-a preocupado.

—Como você se sente? — Ele perguntou. Colocou um braço em volta da cintura dela. —Você está doente?

Ela balançou a cabeça, e o mundo girou em torno dela. Santo inferno. Ela agarrou no balcão.

—Você vai vomitar? — Ele exigiu.

—Não! — Ela tentou se concentrar nele. —Pelo menos acho que não.

³⁹ **Everglades** é o nome de uma região do estado norte-americano da Flórida e também o nome de uma cidade do Condado de Collier no mesmo estado. Os *Everglades* são uma região pantanosa subtropical localizada no sul da Flórida, com grande relevância ecológica. A área é habitat de diversas espécies nativas, e é atualmente protegida pelo *Everglades National Park*. A grande cidade de Miami é abastecida com boa parte da água do Everglades.



Então euforia a atingiu. Uma onda de calor tomou conta da pele dela como um lençol de fogo. Quando ela se virou para Rune, os olhos dela tinham ficado vermelho granada.

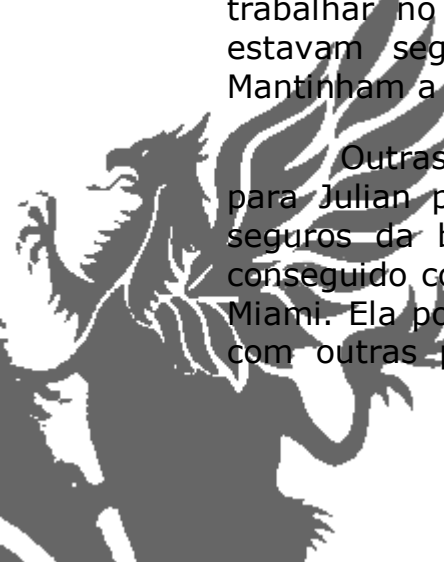
A própria expressão dele queimava. Ele sussurrou: — Olá, menina bonita espetada.

Ela rosnou, lançou-se e levou-o ao chão, onde fizeram amor em um calor frenético.

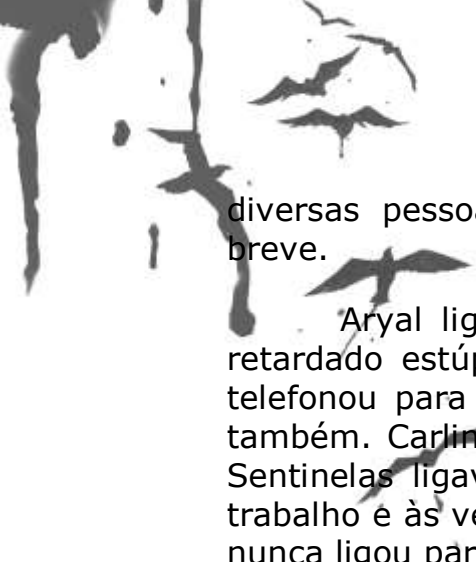
Agora, ela foi capaz de ingerir tanto quanto um quarto de um copo de sangue de cada vez, misturado num copo de vinho. O poder no sangue dele deixava-a quase sem sentido o tempo todo, embora ela se sentisse mais fortalecida do que nunca. Havia outros efeitos colaterais disso, como “sexo fornicado enlouquecido”, como Rune colocou isso de forma tão eloquente. Estava começando a perder a capacidade de sentir emoções das outras criaturas. Ela também se tornou mais fundamentada de uma forma que havia se esquecido. Seu próprio Poder não estava mais acelerado em tal estado constante de alta velocidade, e cansava com mais frequência. Não foi capaz de manter o feitiço de proteção contra o sol por mais de uma hora de cada vez. Logo que ela havia perdido essa capacidade, Rune fez compras *online* de capas, protetor solar FPS 100 e outros equipamentos de proteção.

E justamente naquela tarde ela tinha tirado uma soneca de meia hora. Era como um refresco misericordioso, ela acordou com lágrimas nos olhos. Rune estendido na cama ao lado dela, a cabeça apoiada em uma das mãos, observando-a enquanto ela dormia. Ela se virou para ele e surpreendeu um olhar de ternura no rosto dele, os olhos dela lacrimejaram mais do que nunca. Eles moveram simultaneamente e se mantiveram apertados. Ele a embalou um pouco, com o rosto enterrado no cabelo dela.

Talvez não fosse durar. Talvez fosse apenas um adiamento e seus sintomas iriam voltar. Nenhum deles queria levar o fantasma da palavra Python de forma alguma. A coisa mais sábia, mais prudente que podiam fazer era continuar a perseguir todos os caminhos da pesquisa, que era por isso que eles queriam recrutar Seremela para trabalhar no projeto em tempo integral. Mas, por enquanto eles estavam segurando firme, contra o tempo e todos os outros. Mantinham a eles mesmos.



Outras pessoas entraram em contato. Carling havia pedido para Julian permitir Duncan supervisionar a remoção e transporte seguros da biblioteca dela. Ela estava quase certa de que tinha conseguido convencer Duncan a abrir um escritório de advocacia em Miami. Ela poderia até convencê-lo a se mudar. Estava conversando com outras pessoas também. Suspeitava que Julian fosse perder



diversas pessoas altamente talentosas de seu domínio muito em breve.

Aryal ligava para Rune diariamente para lhe dizer o quanto retardado estúpido ele era, e o quanto ela o odiava. Uma vez ela telefonou para dizer a Carling o quanto retardada estúpida ela era também. Carling riu e convidou a harpia para uma visita. As outras Sentinelas ligavam, às vezes, para pedir questões relacionadas ao trabalho e às vezes só para atirar merda. Dragos nunca ligou, e Rune nunca ligou para ele.

Carling observava Rune cuidadosamente quando ele falava e ria com os Sentinelas que eram seus amigos. Sofria por não poder fazer isso melhor para ele. Mas não importava o quanto ela olhasse para isso, nunca viu uma dica de outra coisa senão o que lhe tinha dito. Que ele sentia falta de seus amigos, mas realmente não tinha arrependimentos.

Ainda assim, seria bom ter uma imagem melhor do que eles poderiam fazer em seguida. Como Rune disse ao Constantino um dia, com um sorriso: —Acho que eu poderia ter de comprar um terno Don Johnson⁴⁰, enquanto estou aqui. Você acha que é *suav-ay*⁴¹, irmão? Johnson era *suav-ay*. Você não seguraria uma vela para ele.

Carling não era uma grande fã de TV, de modo que ela teve que pesquisar no Google, isso também. Ela encontrou-se rindo das fotos da série 1980 de *Miami Vice*⁴². Depois se virou pensativa.

Por ora ela pôs de lado o *iPad* e os livros, passou a mão pelo braço de Rune para pedir silenciosamente o controle remoto. Ele entregou a ela, inclinando a cabeça para trás para lhe dar um sorriso sonolento de aparência, sexy. Ela desligou a TV e lhe perguntou: — Você está bem?

—É claro. Por que não estaria?

—Nós dois tivemos uma grande mudança abrupta de estilo de vida, — ela disse com cuidado. —É muita coisa para se ajustar.

—Eu sei. Vai demorar um pouco. As respostas vão se desenrolar ao longo do tempo.

⁴⁰ **Don Johnson** nome artístico de **Donnie Wayne Johnson** (Flat Creek, 15 de dezembro de 1949) é um ator norte-americano, conhecido por seu papel como o detetive *James "Sonny" Crockett* na série de tv *Miami Vice*, sucesso mundial nos anos 80 e pelo qual recebeu um Globo de Ouro de melhor ator em uma série dramática.

⁴¹ **NR. *Suav-ay*** — sexy, gostoso, excitante, que dá tesão.

⁴² **Miami Vice** foi uma série de televisão americana muito famosa na década de 1980. A série passa-se na cidade de Miami e gira em torno de dois policiais, interpretados pelos atores Don Johnson e Philip Michael Thomas. A série retrata o submundo dos cartéis, corrupção e tráfico de droga.

—Só quero ter certeza de que se desdobrou rápido o suficiente para você, — ela disse.

—Você está brincando? Estas são as melhores férias que já tive. É muito ruim só temos a vila para mais dois meses e meio. Eu poderia gastar mais uns bons seis meses nisso. Além disso, nós descobrimos um monte já. Deveríamos começar a procurar casas na maior área de Miami, e vamos abrir um centro de pesquisa e persuadir Seremela para vir para o lado escuro. Você já tem o seu bebê menino Duncan meio convencido de que ele precisa se mudar para cá, e Rasputin e Rufio estão chegando amanhã à noite. Quanto a mim... — Ele deu de ombros e passou os dedos ao longo do braço dela. —Eu poderia analisar a oportunidade de consultoria com a força policial local como uma demonstração temporária, enquanto estivermos classificando todo o resto. Isso não manterá o meu interesse para sempre, mas será o suficiente por agora, então pare de se preocupar.

O olhar dela se estreitou.

—Não me preocupo. Considero todos os ângulos.

Ele começou a rir. Puxou a camisa que ela estava usando.

—Você é tão cheia de merda, às vezes. Você está preocupando-se, querida Carling. Isso é bonitinho. Você também jurou que nunca usaria uma camiseta com um homem cabeludo de óculos sobre ela.

Ela olhou para si mesma. Estava usando a velha camiseta dele do Jerry Garcia⁴³, uma calcinha, e nada mais.

—Esta é a peça de roupa mais feia que já vi, — ela disse. Isso também havia se tornado seu item de roupa favorito. —É uma boa coisa que não tenho que olhar para mim mesma muitas vezes quando eu a uso.

—Parece muito melhor em você do que em mim, — ele disse, com a voz rouca transformada.

—Nós vamos ter que concordar em discordar sobre isso. — Ela colocou o controle remoto na parte de trás do sofá e correu a mão sobre o peito musculoso duro. A pele dele sempre era tão gloriosamente quente.

⁴³ **Jerome John "Jerry" Garcia** (1 de agosto de 1942 - 9 de agosto de 1995) foi guitarrista, vocalista, eletricista da lendária banda de rock psicodélico Grateful Dead. Foi considerado o 46º melhor guitarrista de todos os tempos pela revista norte-americana Rolling Stone.



Fome agitou, tanto sensual quanto fisiológica. As gengivas dela vibraram. Ele se levantou nos cotovelos e elevou o rosto, enquanto ela se inclinava para beijá-lo. Ela sussurrou contra a boca dele: —Quero muito te morder.

Sexualidade crua clamejou quente na aura dele.

—Então me morda, — ele murmurou.

As pálpebras dela se sentiam muito pesadas. Elas se fecharam quando ela colocou os lábios na lateral do pescoço dele. Beliscou suavemente a pele dele e teve um grunhido frustrado em resposta.

—Você chama isso de uma mordida? Isso não é uma mordida. — Ele saiu do sofá e puxou-a de pé. Ele murmurou: —Vou te mostrar uma mordida.

Ela começou a rir. Sentia-se bêbada de novo, saturada com a presença dele. Ela colocou os braços ao redor da cintura dele, se aninhou contra o peito nu e beliscou o mamilo dele.

—Promete?

Ele colocou a mão sob o queixo para virar o rosto dela para o dele, para um beijo ardente. Em seguida, ele a levou para a cama. Ela afastou-se o suficiente para tirar a camiseta sobre a cabeça, e então ele estava em cima dela.

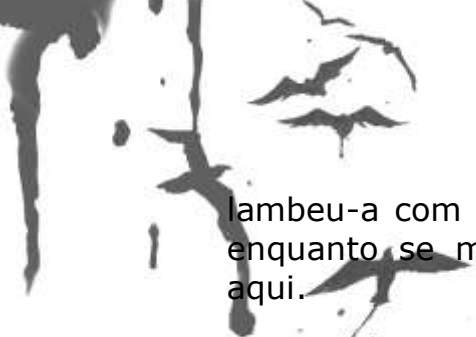
Ela caiu de costas na cama, quando ele veio em cima dela. Ele arrancou a calcinha em um puxão impaciente. Então começou a mordê-la.

Ele sugou os belos seios, puxando a carne exuberante rechonchuda dos mamilos distendidos com os dentes, enquanto ele tocava a suavidade dos lábios vaginais suculentos. As mãos dele tremiam. Ele se moveu mais abaixo e afundou os dentes na carne macia do lado dela, logo abaixo da caixa torácica, mordendo afiado o suficiente para arder, mas não o suficiente para machucar.

Fome e excitação pulsada através dela. Ela estava se acostumando à companhia dele. Ela havia esquecido o quanto os apetites da carne também eram coisas do espírito. Isso se entrelaçou por seu corpo, quando Rune se estabeleceu entre as pernas dela e colocou a boca nela.

Ele a comeu como se ele nunca poderia ter o suficiente, com uma paciência aliada com uma ferocidade que a levou a ficar de joelhos com o prazer esfaqueando profundamente. O clímax dela começou suavemente e aumentou em intensidade quando ele





lambeu-a com um ritmo cada vez maior. Ela acariciou o cabelo dele enquanto se movia com ele. Em seguida, ela persuadiu: —Venha aqui.

—Não, — ele disse. Ele mordeu de novo, forte na pele sensível da parte interna da coxa dela, enquanto ele roçava o polegar sobre o clitóris.

Isso iria deixar um hematoma. O segundo clímax perfurou por ela, e não havia nada suave ou sensato sobre isso. Ela gritou e arqueou o torso para fora da cama. Ele lhe deu prazer, mas se sentia tão vazia, e estava com fome de novo.

—Venha aqui, — ela resmungou.

—Não, acho que não, — ele disse. Abriu a carne dela e a chupou fortemente.

A sensação era tão penetrante, ainda assim estava tão malditamente vazia e morrendo de fome, ela subiu sob os cotovelos com um silvo, e pela primeira vez em 200 anos suas presas desceram.

Ela rolou para as mãos e joelhos e girou em direção a ele do outro lado da cama.

—Eu disse venha aqui.

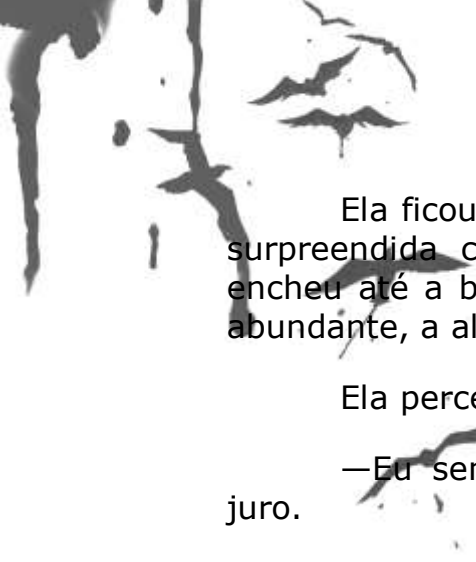
O rosto de Rune estava duro, inclinado de desejo, os olhos de seu leão brilhando como pedras polidas. Ele olhava para a boca dela, congelado. Em seguida, ele ronronou,

—Você virá me pegar agora para valer, bebê? Promete?

Alfa despreocupado. Ela saltou nele e golpeou, afundando as presas no pescoço dele. Ambos gemeram quando o gosto do licor selvagem dele explodiu na língua dela. Ela choramingou na parte de trás da garganta e começou a tremer.



Ele segurou a cabeça dela com uma mão e empurrou a boca dela com mais força contra ele, espetando-se nas presas dela, enquanto ele a puxava para o colo dele. Ela foi de boa vontade, abrindo as pernas para sentar-se escarranchada sobre ele. Ele posicionou a ereção na abertura lisa dela e puxou-a para baixo. Então, ele estava preenchendo o vazio dolorido dela com o calor de seu pênis duro, enquanto o sangue quente enchia a boca dela. Ele apertou-a contra ele e a embalou, enquanto ela tomava o alimento dela.



Ela ficou bêbada de novo com prazer. Ela sempre ficava muito surpreendida com o quão generoso isso era, esse prazer. Ele a encheu até a borda com risos e constância, e com uma paixão rara abundante, a alma dela desfraldou e floresceu.

Ela percebeu que ele estava sussurrando em seu ouvido.

—Eu sempre virei por você, sempre esperarei por você. Eu juro.

A boca cheia de sangue que ela tinha tomado era mais do que suficiente. A vitalidade disso já cantava em suas veias. Tirou suas presas e sussurrou: —Nunca irei desistir de você, nunca te faltarei. Vou permanecer estável, não importa o quê.

Ele começou a tremer com o seu próprio clímax, e se entregou completamente a sua companheira novamente.

Ela segurou-o com força, com todo o coração. Ela havia feito uma promessa de fazer isso.



No início da noite seguinte, Rufio e Rasputin chegaram.

—Vamos tentar passar por isso sem ninguém rosnando, ok? — Carling murmurou para Rune enquanto observava o automóvel de aluguel entrar na garagem.

—Não olhe para mim. Vou ronronar o tempo todo, — Rune disse. Ele piscou para ela com o melhor olhar inocente.

Ela tentou fazer uma carranca para ele. Não conseguiu. Eles passaram a tarde cochilando. Tinha entrado e saído dos sonhos com a cabeça apoiada no ombro dele. Não poderia ter sido mais precioso ou perfeito.

Rune abriu a porta da frente quando Rufio saiu do carro, seguido pelo pequeno e marrom cão em uma trela. Rasputin avistou Carling quando ela ficou na sombra da porta. Ele latiu agudamente de excitação, e se esforçou na trela até que Rufio rindo o deixou ir.

O cão saltou para cima com um sorriso maníaco. Ele dançou, rodopiou e pulou, quando Carling abaixou para pegá-lo, ele saltou nos braços e tentou freneticamente lambe o rosto dela. Rune

cumprimentou Rufio, perguntou a ele como o seu voo tinha sido, e mostrou-lhe o quarto para que ele pudesse se instalar.

Quando Rune voltou, ele encontrou Carling e Rasputin na cozinha. Rasputin estava explorando os cantos do chão da cozinha, a emplumada cauda abanando. Carling tinha tirado um pacote de filé de peito de frango cru, murmurando para si mesma, ela pulverizou um pouco de óleo em uma frigideira. Olhou para Rune.

—Vou cozinhar para Rasputin um pouco de frango para o jantar. Gostaria que eu cozinhasse um pouco para você também?

Rune beliscou a ponte do nariz. Ele disse: —Ah, tenho que te confessar uma coisa.

—O que foi? — Carling perguntou. Ela ligou um queimador, olhou para as chamas, e ajustou a temperatura.

—Não quero ferir seus sentimentos, — Rune disse. — Para mim, você é a perfeição em pessoa, de muitas formas. Mas, querida, você é uma péssima cozinheira.

Carling estreitou os olhos sobre ele. Ele lhe deu um encolher de ombros e um sorriso de desculpas. Viu o olhar dela descer e a mudança de expressão. Ela cobriu a boca com uma mão.

Ele olhou para baixo também. O cão tinha chegado até ele e levantou a perna. Um pequeno córrego de urina polvilhava o sapato de Rune.

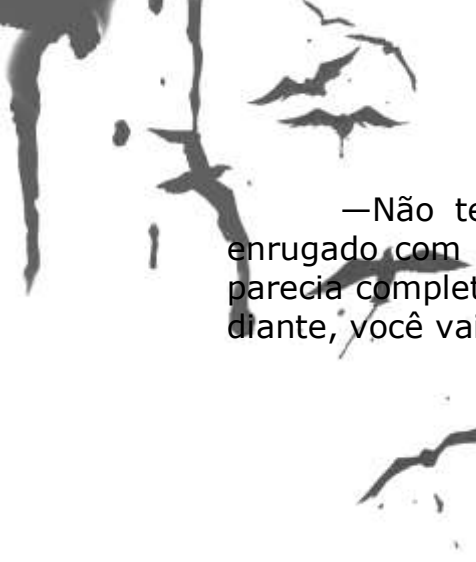
Rune inclinou sua mandíbula. Tanto ele como Carling agacharam-se encarando o Pomeranian⁴⁴ pensativos. Rasputin se sentou e coçou energeticamente atrás de uma orelha.

—O que você acha que ele está sentindo agora? — Rune perguntou.



44

Sable Pomeranian - A **Pomerânia** (muitas vezes conhecido como um ou **Pom Pom Pom**) é uma raça de cachorro do Spitz tipo, nomeado para a Pomerânia região na Europa Central (hoje parte do norte da Polônia e leste da Alemanha). *Pomeranos* é tipicamente uma raça muito simpática e animada de cães. Eles gostam de estar em torno de seus donos e são conhecidos por ser protetor deles. Ligam-se rapidamente com os seus proprietários, e podem sofrer de ansiedade de separação, se não forem treinados para passar um tempo sozinho. Pomeranos estão atentos e cientes das mudanças em seu ambiente e latindo para novos estímulos, isso pode se desenvolver em um hábito de latir excessivamente em qualquer situação. Eles são um pouco defensivos de seu território e, assim, vão latir quando encontrar quaisquer ruídos externos. Pomeranos são cães inteligentes, respondem bem ao treinamento, e podem ser muito bem sucedido em conseguir o que querem de seus proprietários. Eles podem tornar-se bastante agressivos e dominantes se não forem bem treinados.



—Não tenho nenhuma ideia, — Carling disse. O rosto dela enrugado com o riso, seus olhos longos amendoados dançando. Ela parecia completamente viva, completamente feliz. —Mas de agora em diante, você vai levá-lo para fora.



SOBRE A AUTORA



Thea Harrison é o pseudônimo da autora Teddy Harrison. Thea tem viajado muito, tendo vivido na Inglaterra e explorado a Europa por vários anos. Agora vive no norte da Califórnia. Escreveu seu primeiro livro, um romance, quando tinha dezenove anos e tem dezesseis romances publicados sob o nome de Amanda Carpenter.

Ela tomou um descanso da literatura para juntar um par de títulos de pós-graduação e criar um filho. Já foi uma camareira quando adolescente, trabalhou como uma ativista para uma organização sem fins lucrativos pelos direitos do consumidor, foi recepcionista, gerente de escritório, uma graduada estudantil sem dinheiro, diretora de desenvolvimento e investigação, e mãe solteira. Suas pós-graduações são em estudos filantrópicos e ciências da informação, mas seu primeiro amor sempre será escrever ficção.





AFTER DARK

